

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Setembro de 1901

NUM. I



Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles

PRESIDENTE DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRASIL



Depois de ler a PATRIA<sup>(\*)</sup>

## A Guerra Junqueiro

(ALEXANDRINOS MODERNOS)

Mestre:

o teu Livro é monstruoso e sublime.  
Tem visos de montanha e a profundez do mar;  
E o que elle quer, o que elle invoca, o que elle exprime,  
Me fez tremer, me fez rugir, me fez chorar!  
Mestre! o teu Livro é monstruoso e sublime!...

Voz de Isaías, voz prophetica e medonha,  
Voz que lembra, possante, o malho dos trovões,  
Voz que blasphema, voz que resa, voz que sonha,  
Voz solitaria, voz de gigante entre anões...  
Ovi a tua voz prophetica e medonha.

E' uma hostia esse Livro, esse Livro é um trophéu,  
Foi feito em face da Patria crucificada,  
Com os pés presos na lama, o olhar preso no céu,  
Entre sombras de abysmo e raios de alvorada...  
E' uma hostia esse Livro, esse Livro é um trophéo.

Hostia alvissima outr'ora, hoje a sangrar, sangrar...  
Hostia de Missa Negra, hostia de Odio, hostia amarga,  
Hostia para a CANALHA, hostia que faz brilhar,  
Depois da communhão, um gladio em cadailhaga...  
Hostia alvissima outr'ora, hoje a sangrar, sangrar...

Trophéo onde tremula o gonfalo das Quinas,  
Esfarrapado ao sol, sinistro, e aos pés do qual  
Se agachia rouquejando e arregaçando as narinas  
O leopardo inglez á espera de um signal...  
Trophéo onde tremula o gonfalo das Quinas!

Fechaste n'esse Livro o coração de um Povo  
E cada Verso vae, como um clarão brutal,  
Rasgando em cada peito um horizonte novo,  
Procurando na terra a alma de Portugal;  
Fechaste n'esse Livro o coração de um Povo.

Cada Rima que estala—um latego de Luz,  
Chicoteando a noite e debandando abutres,  
A mostrar por detraz do throno, erguida a cruz  
Onde expira o Titan de cuja dor te nutres...  
Cada Rima que estala—um latego de Luz.

Nem te sabem ouvir!... «Livro estúpido e máo»,  
Diz o grave burguez, escorvando um esgarro...  
«Este poeta, só á bofetada e a páo!»  
Que imbecil, que patife, ai d'elle se o agarro!  
Diz o grave burguez: «Livro estúpido e máo».

Acostumado ao verso hydropico e pesado,  
A' rima de salão, facil, tola, banal,  
Funga, coça a cabeça e fica atrapalhado,  
Soletrando-te o verso ardente e triumphal,  
Acostumado ao verso hydropico e pesado.

«O lorpa nem conhece a metrificacão,  
Quebra a cesura, força a rima, estraga tudo,  
Não passa de um roaz e esqualido hístrio,  
Bom para rabiscar versalhadas de entrudo;  
O lorpa nem conhece a metrificacão».

Como se agarradinho ás fraldas de Castilho,  
Um verso bem creado e escravo da dieta,  
Que não dá coices nem salta fóra do trilho,  
Pudesse bitolar o genio de um Poeta;  
Um verso agarradinho ás fraldas de Castilho!

Nescios! a alma não cabe assim dentro de um verso;  
Parte o molde, arreventa hemistichio e cesuras,  
E' como a alma de Deus, dentro d'este Universo,  
A crescer, a subir, procurando as alturas...  
Nescios, a alma não cabe assim dentro de um verso.

Quem é que vem dictar normas á Poesia?  
Nem tudo se escravisa ás dimensões symetricas...  
Não têm notas na pauta os gritos de agonia,  
Nodoas de sangue não têm formas geometricas;  
Quem é que vem dictar normas á Poesia?

Deixa-os rir, é fingido aquelle riso alvar...  
Não vês que a tua voz, que illumina, que esmaga,  
A consciencia lhes queima, assim como a chiar  
Um ferro em braza queima a polpa de uma chaga?  
Deixa-os rir, é fingido aquelle riso alvar...

Mestre: o teu Livro é monstruoso e sublime!  
Tem visos de montanha e a profundez do mar;  
E o que elle quer, o que elle invoca, o que elle exprime,  
Me fez tremer, me fez rugir, me fez chorar!  
Mestre! o teu Livro é monstruoso e sublime!...

Alma dos «Simples», alma immaculada e triste,  
Tu, que sabes cantar como cantou Virgilio  
E o grande coração da Natureza ouviste,  
Da raça de Camões talvez o maior filho,  
Alma dos «Simples», alma immaculada e triste;

Alma da alma da Patria, indomita e louça,  
A cujos pés ressona o leão negro do Povo,  
Em cuja fronte pousa a estrella da manhã,  
E' preciso ter fé: como um Lazaro novo,  
Portugal sabirá do seu tumulo escuro,  
Ao supremo arrebol do Seculo futuro!

17 de Fevereiro de 1896.

DR. EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO.

[Pethion de Villar]

(\*) A publicação destes soberbos versos, hoje, decorridos cinco annos, parece vir fóra de proposito, pelo tema, ou, melhor, pelo titulo que encima esses admiraveis alexandrinos. Haverá talvez um pouco de razão no reparo, porque o poema de Junqueiro é dos nossos dias e esta eloquente saudação mais quadraria na hora em que elle appareceu. Mas é que a composição foi-nos enviada, na data propria, para uma Revista do Pará, extraviando-se. E, tendo-nos ausentado então de Belem, só agora Pethion teve ensejo de nos remeter outra copia,—lembrando-nos que seria conveniente apensar esta explicativa á sua vibrantisima Ode. Prontamente accedemos ao seu natural desejo. Mas, já que nos é permitida esta apostilla, porque não diremos tambem duas palavras sobre Pethion de Villar, mais conhecido na Alemanha e na França do que no set proprio paiz? Ora consintam—e ouçam, desculpando-nos a intrusão.

Max Nordau, agradecendo ao relumbrante poeta bahiano a oferta da sua bella sintheze lirica—A *suprema epopeia*, que o illustre sr. José Verissimo desdenhou olimpicamente, conceitua que Pethion de Villar demonstrava nessa producção correr-lhe nas veias um autentico espirito germanico. O sagaz criticista allemão, por



falha de visão talvez, cae assim numa atroz *mentira convencional*, igual ás que tanto estigmatiza numa sua estimavel obra. Egas Moniz Barreto de Aragão, descendente directo da velha e solida nobreza luitana, que se constituiu no fragor dos combates e nas trevas da tempestade; lirico-epico esplendente, á maneira de Victor Hugo e de Guerra Junqueiro, como se observa nesta coruscante poesia e em mil outros pedaços da sua lira visceralmente latina; genuino e extremo corollario da civilização occidental e do seu mais gentil prolongamento americano, — Moniz de Aragão será tudo, menos um metafisico do figurino da patria dos *Niebelungen*. O seu cantar é cristalino como o sol do Meio-Dia, sonoro como o bater das almas meridionaes o seu rimar. No seu pensamento não ha egotismo fronteirico e no seu ideal estruge o sonho universal da Belleza. E' cosmopolita, como era Goethe, mas não querem ser os germanos. No sangue tem Pethion os caracteres da occidentalidade. E a sua mente, sujeita a essa força innata, vóo insensivelmente para os planos em que floriram os heroes das Descobertas, os augustos da Renascença, os nevroticos da Revolução, embora a sua illustração o faça compreender a rigidez intensa da Reforma e o puritanismo vesgo de Cromwell.

Nordau illudiu-se. E desta illusão tem que felicitar-se o Brazil, porque possui em Pethion de Villar o maior dos seus poetas lirico-epicos, — contando um só conviva em Luiz Murat. São elles tambem, a nosso ver, os mais altos representantes da poesia filosofica do Brazil. — *Fran. Paço.*

## O Porvir Brasileiro

(AS QUESTOES CAPITAES DO BRAZIL: — AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLITICA)

Não pode haver finanças estaveis ou economia progressiva, quando nas ruas impera a desordem e nos espiritos a confusão. Precisamente nestas circumstancias é que o Brazil viveu até 1888, data em que se extinguiu o derradeiro motim da nova fase da existencia brasileira. O antigo regimen levou 22 annos a pacificar o paiz, pois o termino da ultima revolta deu-se em 1844, ao passo que a Republica, em 9 annos apenas, consolidou-se inteiramente. Isto denota uma notavel superioridade na cohesão da consciencia nacional. Mas o certo é que só de 1888 em diante se pode considerar normalizada a vida politica brasileira. Antes viu-se uma negativa orientação de vindictas — o Governo Provisorio destruindo indifferentemente as instituições imperiaes, o presidente Deodoro, pelo braço do barão de Lucena, contrariando as disposições do Provisorio, o marechal Floriano derrubando os decretos do seu antecessor, o dr. Prudente de Moraes congraçando os elementos perseguidos, num periodo excecional, pelo defensor da Republica. O actual presidente compreendeu que era tempo de acabar essa norma, aceitando patrioticamente o encargo de executar o programma economico-financeiro que o *funding loan*, ajustado no gabinete transacto, lhe traçava com rigor.

E somente então, acalmado o paiz, fechado o ciclo das agitações estereis, houve ensejo para mergulhar as vistas no quadro que o Brazil offerecia. Isentos de paixões os nacionaes e os estrangeiros, resignados os vencedores e os vencidos, apaziguados os politicos e as classes laboriosas — observou-se que a crise, em lugar de ser exclusivamente economica ou meramente financeira, revestia o caracter multiforme de uma *crise social*, como aliás não podia deixar de succeder. Tendo-se abolido em 1888, em pleno imperio, a anatemizada escravidão, o que desfaleceu a fortuna publica em mais de seiscentos mil contos de réis; surgindo no anno seguinte a Republica, sob a fórma federativa, o que revolucionou radicalmente a estrutura administrativa e por consequente a organização economico-financeira, já tão rudemente convulsionada pela applaudida lei de 13 de maio; recorrendo-se, para proteger a agricultura do sul, ainda no ministerio Ouro Preto, a um avultado emprestimo externo, que improuvisou no Rio uma chusma de bancos, qual d'elles mais danoso, gerando o celebrado *encilhamento*, cujas conse-

quencias rehentaram nas mãos inexperientes do primeiro governo republicano; caído, pela fatalidade dos acontecimentos, num espantoso regimen de curso forçado, em vista da necessidade imperterivel de criar moeda, medida que o ministro Rui Barbosa agravou com a precipitação de exageradas emissões e a pluralidade dos bancos, depois emendada pelo proprio autor, resultando de todas estas hesitações e anomalias um patrocínio ruinoso a industrias facticias e um inacreditavel abuso do credito, que bastante se prolongou; rompendo, no meio deste caos, as revoltas de 6 de setembro de 1891 e do Rio Grande do Sul, que mais tarde se repercutiram, em tom de farça, nos arraiaes de Canudos; apparecendo, em 1897, um deficit de 278 mil contos no preço do café, o maior, quase o unico artigo da exportação brasileira; accusando-se, em 1897, uma receita de 328.593.914 e uma despesa, incluindo o resgate de apolices depositadas pelos bancos emissores e um emprestimo ao Banco da Republica, de 970.174.691, — retirado o credito no exterior, lavrando fundamento o desalento em todas as camadas, desmantelados os serviços publicos, solta ás suas correrias a especulação bancaria, campeando infrene a politicagem em alguns Estados, resentindo-se, enfim, de tantos descabros naturais, mas impertinentes, a instrução, a economia, as finanças, a politica — de assombrar seria que a crise, a principio bruscamente *cambial*, se não generalisasse a todas as esferas da collectividade brasileira, tornando-se claramente *social*.

As questões que nos prendem afiguram-se-nos em demasia complexas para o nosso fraco raciocínio. Envolve-mil e uma demonstrações. Assim, nesta correnteia exposição, diligenciaremos abranger logicamente os angulos do problema *pedagogico* ou *moral*, que é basilar numa nacionalidade em constituição, como o Brazil, e do problema *politico*, que se impõe instantaneamente numa federação tão extensa e de laços tão tróuxos, com uma immigração pessima e perigosamente regulamentada, acaçada a Republica pela ameaça da absorção commercial norte-americana. Não nos dispensamos de os englobar nas conclusões geraes do nosso estudo economico-financeiro.

### I. — O PROBLEMA FINANCEIRO

Poremos o assunto com as palavras recentes dum deputado federal: — «Conseguimos, durante longos annos, offerecer ao mundo a imagem de um povo de finanças prosperas e produção nulla, um povo financeiramente rico e economicamente miseravel. Nada mais exacto, realmente. O imperio alimentou-se destes unicos expedientes: — o emprestimo, a emissão e o imposto. Não nos apodem pelo conceito emitido, porque os algarismos não nos deixam mentir. E, se não tivéssemos á mão as cifras justificativas, bastar-nos-ia citar dois paladinos do passado regimen. Ao barão de Cote-gipe, tão enaltecido, pertence esta sentença: — «O Brazil tem vivido — tomando emprestado para fazer despesas e fazendo despesas para tomar emprestado». E o sr. Lafayette Rodrigues Pereira, antigo presidente do conselho de ministros, provou em 1888 no parlamento — que a differença entre a exportação e a importação era ordinariamente saldada pelos emprestimos.

Vejam os de relance alguns attestados da capacidade financeira do imperio, accentuando desde já que nos 58 orçamentos votados pelas camaras anteriores a 1889 se verificou um deficit de réis..... 758.181.792 e 874, sem contar os depositos, ou sejam réis..... 1.007.713.832 e 259, conforme se lê na *Historia Financeira e Orçamentaria*, de Castro Carreira. Tomemos ao excellente livro *O cambio ou o Brazil e o sr. Paul Leroy-Beaulieu*, de José Duarte Rodrigues, gerente do Banco de Credito Real de S. Paulo, por certo o melhor de quantos se hão publicado aqui sobre a situação economico-financeira, os elucidativos apontamentos que se seguem. Transcrevemos estas paginas integralmente, offerecendo-as á apreciação dos que trazem continuamente para contraste o que se passou com o cambio na epoca da campanha do Paraguai e se desenrolou nos nossos dias com o advento da Republica.

Leiam e meditem: — «Ao ser declarada a guerra, em 1865, a circulação fiduciaria orçava apenas por cem mil contos de réis, e quando a guerra terminou, em 1870, elevava-se quasi ao dobro: — 192.596.873 e 000. Durante esses annos o valor da exportação foi sempre maior do que o da importação. Mas, sendo grande parte



das despesas de guerra realizada em ouro, essa importância equivalia nos seus efeitos a uma importação de mercadorias ou ao pagamento de uma dívida no exterior, e por isso se estabeleceu o desequilíbrio monetário do país. Entretanto, em 1865, não obstante a previsão de grandes despesas, o cambio manteve-se entre 27 e 25 d. por 1\$000. Fez esse milagre a realização de um empréstimo externo, no dito anno de 1865,—do valor nominal de Lib. 6.363.613,19-2, que, emitido a 74, produzia líquido, Lib. 5.000.000. No exercício seguinte, de 1865-1867, a circulação elevou-se apenas a 117 mil contos e o cambio desceu a 19 3/4. E em 68, embora o papel-moeda não subisse a mais de 124 mil contos, o cambio chegou a 14, subindo, porém, a 20 logo em seguida, ao mesmo tempo que a circulação era elevada a 193 mil contos. Nos exercícios seguintes—1869-70 e 1870-71—não se deu alteração apreciável na circulação e o cambio oscillou: no primeiro entre 24 1/2 e 19 5/8, no segundo entre 25 7/8 e 22. Como explicar, pela teoria corrente, que, tendo o cambio baixado a 14, em 1868, haja subido dentro do mesmo exercício, tendo-se dado um acerescimento relativamente grande no papel-moeda, que, de mais a mais, fôra emitido sem autorização legislativa? É fácil encontrar a causa desse fenómeno. Ao mesmo tempo que se emitia o papel-moeda fez-se uma outra emissão de 30.000.000 \$ de apólices, a juro de 6 % e 1 % de amortização, pagos em ouro, ao cambio par.

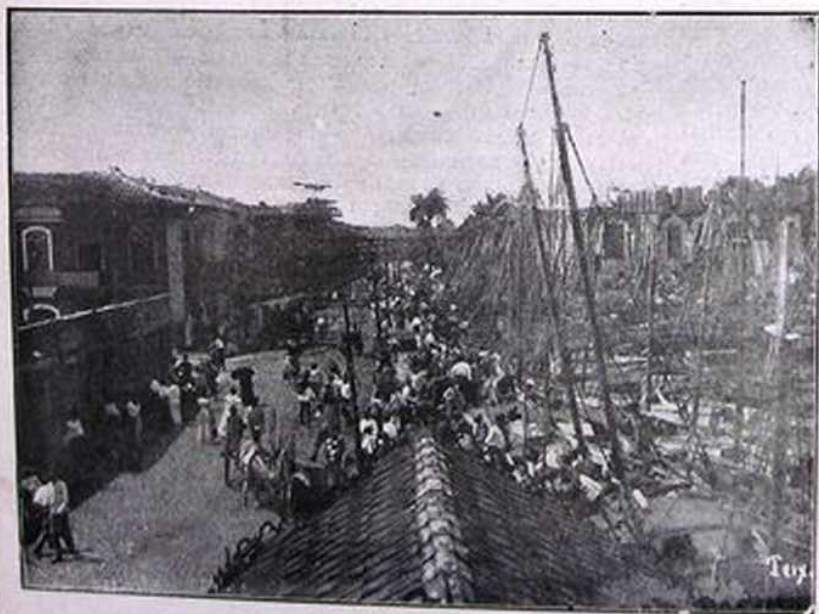
E esses títulos, como era natural, immigraram para o estrangeiro, como se fossem moeda, determinando uma equivalente diminuição na procura de cambias. Foi este o primeiro signal da invasão do falso principio. O grande ministro da fazenda de 1869 justificou ter dado preferencia á emissão de títulos com juro e amortização pagos em ouro, dizendo que assim conseguira o preço de 90 % e que, se os juros e a amortização fossem pagos em papel, não teria obtido mais de 75 %, pelo que julgava vantajosa a operação para o Tezouro. Fallaz esperança e pernicioso principio. A sua germinação muitos prejuizos tem causado á fortuna publica e particular. Os efeitos da mencionada operação, reunidos a outros factores, como, por exemplo, a diminuição da importação, que, de 168 mil contos em 1868, baixou a 155 mil em 1869 e a 137 mil em



MARANHÃO.—A ANTIGA PONTE DO CUTIM

1870, conseguiram manter o cambio nas taxas acima indicadas até 1870. Em 1871, porém, realisando-se um novo empréstimo externo, o de 23 de fevereiro, produziu-se a alta e o cambio chegou a 25 7/8. Esse empréstimo foi de Lib. 3.000.000, liquido, ou 3.459.634, nominaes, emitido a 89 % e juro de 5 %. Entretanto, já em 1872, o visconde do Rio Branco, de saudosissima memoria, attribuia as oscillações do cambio á influencia do papel-moeda. não obstante a tabella apresentada no seu relatório demonstrar exactamente o contrario. Dahi em diante os factos obedeceram invariavelmente á mesma lei.

Estão patentes, em toda a sua nudez, os motivos porque o cambio se manteve relativamente alto. A causa disto, em cinco annos somente, mau-grado as constantes oscillações, resume-se nos saldos da balança commercial e no facil recurso ao empréstimo e á emissão. Com tres empréstimos, a duplicação da circulação fiduciaria, não havendo ainda colonos numerosos a pagar, como ha hoje, pois medrava a escravatura, cohibindo-se a importação e augmentando a exportação—alcançou o imperio a enorme victoria de não descer o cambio abaixo de 14! Tira-se a illação de que a campanha do Paraguai, alem de não affirmar a excellencia das providencias financeiras imperiaes, segundo muitos preconizam, foi um açambareante capricho do senhor Pedro II, que pretendeu salvar da tirania um paiz estranho, quando subjugava cruelmente milhares de autenticos escravos. Os 800 mil contos, fôra o que escorreu, gastos nessa aventura escusada é que iniciaram as facilidades do credito, aplanaram a escalada para tributos prescindiveis e outorgaram fôros de cidade ao papel-moeda. Se assim não fosse, se essa quantia avultadissima fosse empregada em melhorar moral e materialmente o paiz—todos hoje gosariam o beneficio de semelhantes empréstimos. Mas o orgulho realengo podia então mais do que as necessidades populares. E foi assim que se escoaram esses milhares de contos, desencaminhando o curso das finanças e viciando as fontes da economia. Os governos monarchicos entonteceram e não pararam mais na vertigem do erro, dispendendo em favores eleitoraes o que deviam destinar ao desenvolvimento das forças vivas nacionaes. Pegaram-se á cartilha salvadora da conta corrente na City e proseguiram, anhos de cevar as suas ambições descuidadas, em vez de se devotarem ao progredimento da nação, que os não elegia para se desbaratarem em pugnas inglorias de politicancia perturbadora e sim para velarem pelo seu continuo enriquecimento, levantando as provincias engodadas. Documenta-se:—En



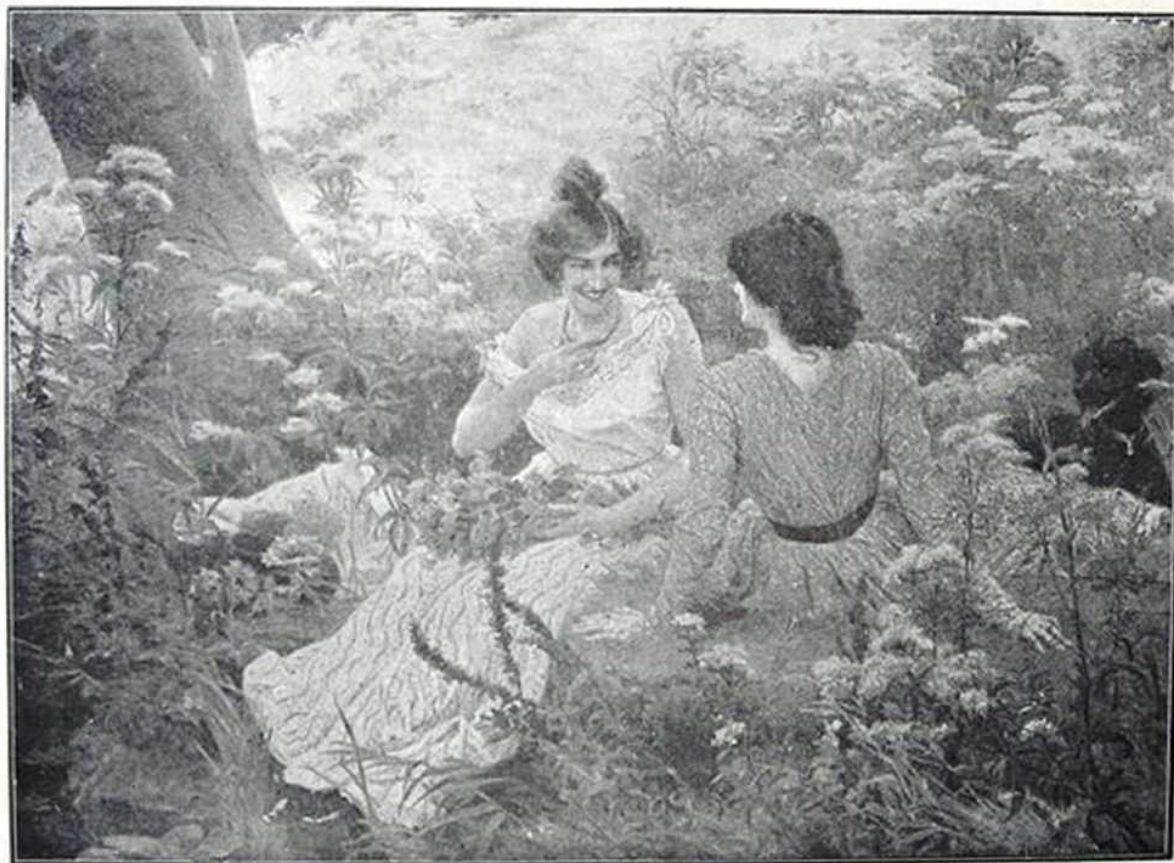
PARÁ—O VER-O-PESO



# "A Revista do Norte"

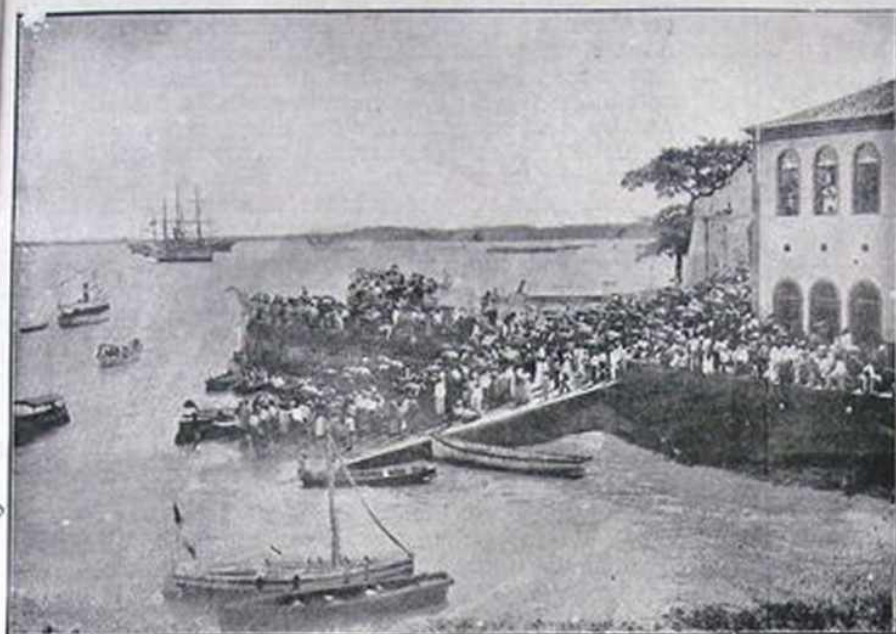
SUPPLEMENTO AO N. 1

S. LUIZ 1 DE SETEMBRO DE 1901



**A SOMBRA**  
(L. Alleaume.)





## A RECEPÇÃO DO NOVO BISPO DO MARANHÃO I.—O DESEMBARQUE

71, tendo terminado a guerra, a importação subiu a 158 mil contos e o cambio baixou a 22, e em 72, tendo a importação diminuído, pois desceu a 156 mil contos, a exportação augmentado, de 193 mil contos no anno anterior, a 215 mil, o cambio manteve-se entre os extremos de 23 1/4 e 24. Em 1873, porém, subiu por um lado a importação a 150 mil contos e por outro desceu a exportação a 190 mil. A circulação não soffreu alteração sensível e, entretanto, o cambio subiu, atingindo o par—27 d. por 1000. Explica-se essa alta do cambio por diversas concessões de garantias de juros que nesse anno se fizeram a varias estradas de ferro, cujos contratos devera pagar ao levantamento de capitales no estrangeiro. Em 74 pequena alteração se deu no valor da importação, que montou a 162 mil contos, mas a exportação apresentou sensível augmento—elevou-se a 205 mil contos. E, contudo, o cambio baixou a 24 3/4, tendo o papel-moeda diminuído cerca de 2 mil contos, e em 1875, tendo pelo contrario a importação subido a 166 mil contos e a exportação baixado a 183 mil, o cambio subiu acima do par,—atingiu a taxa de 28 3/8! O papel-moeda não soffreu outra alteração, alem da pequena quota do resgate da emissão do Banco do Brazil. Qual foi a causa de semelhante anomalia? Essa causa foi um novo emprestimo, contratado em Londres, por intermedio dos senhores N. M. Rothschild and Sons, de Lib. 5.301.200, nominaveis, emitido a 96 1/2 % e juro de 5 %, que produziu, liquido, Lib. .... 5.000.000. Singular teoria essa, que pretendem impingir-nos, e mediante a qual seriamos forçados a acreditar que, quanto mais se encalacra o paiz, melhor se torna a situação! Logo em seguida, porém, se percebe o reverso da medalha. A importação, em 1876, baixou para 155 mil contos e a exportação

subiu a 190 mil, e o papel-moeda tambem desceu de 181 para 179 mil contos. Entretanto, o cambio baixou a 23 3/4. Em 77 as taxas extremas foram —25 1/4 e 26; em 78—21 1/4 e 21 3/8, e em 79—23 3/4 e 19 1/2. Nesses tres annos não houve grandes alterações no valor, quer da exportação, quer da importação, sendo esta sempre menor do que aquella, mas a circulação fiduciaria soffreu do seu lado sensível augmento. Fez-se uma emissão de 32.000.000 £, em virtude do decreto de 16 de abril de 1878, sem contudo baixar o cambio, que, pelo contrario, subiu a 23 3/4 em 1879. Procurando-se a causa deste phenomeno encontra-se, a par de uma nova emissão de apolices, no valor de ..... 40.000.000 £, uma outra dos titulos de mais um emprestimo interno, em ouro, no valor de 50 mil contos. Esses titulos, ao portador e juro de 4 1/2 % pagavel trimestralmente, tiveram, como era natural, o mesmo destino e produziram os mesmos effeitos que os de 1868. Essa circumstancia explica ainda que em 1880, tendo a importação subido a 181 mil contos, e a exportação, devido á baixa de preços do café e á escassez de colheita, descido a 125 mil, convertendo-se em deficit, que foi de 56 mil contos, os saldos que até então se verificaram, o cambio não descesse além de 20 d. por 1 £ 000. De 1880 a 1885 o cambio baixou alternadamente até 17 7/8, tendo, porém, chegado a 22 1/8 em 83-84,—por influencia de outro emprestimo realizado em Londres, em janeiro de 1883, de Lib. 4.494.382, que, emitido a 89 %, produziu liquido Lib. 4.000.000.

—A seguir.

FRAN PAXICO.



2.—A ENTRADA DO PRESTITO NA CATHEDRAL



## O COLLEGIO DO PIRES

## UMA EXPULSÃO

Ao GRACA ARANHA.

Subindo naquella dia a rua do Sol, em direcção ao collegio, sentia a alma presa de extranha inquietude, o coração alarmado batia-me presago.

Que iria acontecer-me? Sofreria novos e inclementes castigos, como nos dias anteriores?

Não era provável.

Tomára todas as precauções para evitar as palmatoadas com que o Pires, no auge do seu delirio repressivo, tentava formar as nossas almas para o saber e para a virtude; estudára cuidadosamente as lições e sabia-as na ponta da lingua. Bastaria interrogarmos-me para que os trechos da Grammatica sahissem velozes, articulados firmemente uns aos outros, como no proprio compendio de Pedro de Souza Guimarães. Só receiava um perigo: inverterem a ordem das perguntas ou fazerem-nas por forma diversa da do compendio. Isso, todavia, se me afigurava uma traição, de que, aliás, eu era victima multiplas vezes. O professor apenas ordenava que decorassemos, poupando-se ao trabalho extenuante de destrinçar-nos o texto ou de elucidar-o com exemplos. Tanto quanto podiamos comprehender, a nossa educação resumia-se em transvasar para as nossas cabeças o que os livros continham e repetil-o depois materialmente na aula, ou nos exames do fim do anno, perante uma assembléa de paes e parentes, embevecidos do nosso saber. Não havia interesse em exercitar-nos a intelligencia, em adextrar a na gymnastica do raciocinio, em povoal-a de noções proveitosas e uteis á vida. Diariamente, depois da lição... e dos bolos, ouvia-se esta phrase inalteravel: "Decore d'aqui até ali."

Chegando ao canto da rua de S. João, cobrei folego e dobrei para a esquerda. A casaria alinhava-se nos dois lados da rua e ia em rampa suave terminar junto ao rio. A' direita, e logo á primeira esquina, divisava-se o collegio: uma casinha baixa, de quatro janelas na frente, caiada de branco. O telhado, empretecido pelas chuvas de innumeraveis invernos, alimentava pequenos arbustos e offerecia um contraste palpitante á alvura da fachada.

Transpuz ligeiro a primeira quadra e penetrei no edificio pela porta da rua dos Afogados. Depuz o chapéu no amplo cabide da ante-sala, já repleto dos mais variegados especimens, e fui sentar-me no meu lugar.

A sala das aulas era um grande rectangulo, correspondente a seis pequenas janellas da fachada lateral. No meio enfileiravam-se toscas mezas de madeira, paralellas á rua, nas quaes os alumnos se grupavam por classes. Junto ás paredes havia ainda bancos para os mais atrezados. O Pires, ou o decurião, seu representante, ficava do lado do interior, voltado para a rua, a que todos davamos as costas.

Mal se sentavam, abriam os alumnos os livros e começavam a estudar em voz alta as lições. Qual decorava a Geographia, qual a Taboada, qual o Cathecismo. Surgia então um berreiro infernal, em que ninguém se entendia. Noções desconexas pairavam no ar, entrecrocando-se num conflicto phantastico. As vo-

zes fracas e desafinadas de umas cincoenta creanças echoavam no tecto, ganhavam o exterior pelas janellas e reflectiam-se nas paredes, pela rua afóra, indo denunciar ao longe, na mais antipathica das desharmonias, a qu actividade febril e desordenada daquella casa de ensino. De vez em quando, o decurião passeiava o olhar vigilante pelo espaço, surprehendendo os que brincavam ao abrigo protector daquella véo acustico. Era um rapaz moreno e algo insinuante, mas com quem antipathisavamos, porque o tinhamos por insensível carrasco. O professor, ou, antes, «seu fessor», como diziamos abreviadamente, governava de longe, por trás das cortinas, e mandava executar as suas sentenças pelo mal-aventurado decurião, em cujas mãos a palmatoria lograva escassos momentos de lazer. Além de tudo a mocidade deste permitia-lhe um vigor muscular, a que já não podia aspirar o velho Pires, apezar da sua gloriosa e merecida fama de educador energico.

Uma vez encurralados na sala das aulas, ficavamos presos. Um só meio havia de fugir ao redil: era pedir baixa e respeitosamente ao decurião «licença para ir lá fóra». Sabia-se então por uma porta do fundo, atravessava-se um pateo, que o sol enchia de luz e calor todo o dia, e chegava-se á privada. Era este indubitavelmente o nosso unico refrigerio! Nas suas paredes lisas e alvinhentas a mão anonyma daquella creança traçava as satyras mais cruéis contra o collegio e o preceptor, desafogava as suas queixas contra as brutalidades do mais irracional dos systemas de educação. De longe em longe mandava o Pires passar a brocha do esquecimento sobre a litteratura infantil e restituir á parede a brancura primitiva. A pequenada, porém, vinha de novo e restaurava, com inacreditavel cuidado e extraordinaria paciencia, as quadras picantes, as interrogações descabelladas e os apellidos injuriosos.

De uma quadra me lembro ainda, dedicada ao decurião, que todos sabiamos de cór e repetiamos baixinho, como despique á severidade delle. Não pécça pela inspiração, nem pela metrica; mas ainda hoje — e já lá vão 20 annos — a sua fidelidade pinturesca faz-me sorrir:

O Barbosa (\*) é bicho feio  
Tem cabeça de urubú  
Quando anda pela rua  
O seu fraque faz «fru-fu».

Quando chegou a minha vez de dar lição, fui perflar-me perto do mestre, olhando de soslaio a «Santa Luzia», que dormitava sobre a meza.

O decurião tomou os livros e perguntou-me onde era a lição. Indiquei as paginas e os trechos assignados a lapis.

Começou então o interrogatorio:

Que é Grammatica?

Que é Grammatica portugueza?

Quem nos creou?

Para que nos creou elle e nos conserva?



A cada pergunta, eu devia responder sem titubear. Às vezes, porém, surgiam hesitações, e como consequência uma parada intransponível. No meio de uma definição, começada com entusiasmo, falhou-me a memória; estaquei pallido e assustado. Soou então o primeiro grito de advertência: «Vamos, sabe ou não sabe?» Perturbado pela ameaça, senti-me incapaz de raciocinar; sobreveio um silêncio sepulchral.

«Vamos, sabe ou não sabe?»!

A vista da segunda ameaça esqueci, não só a definição, mas quanto havia decorado, e como recurso extremo espetei o olhar nos tijolos do chão.

«Ah! não sabe! Dê cá a mão!»

Estrondaram no ar seis fortes palmatoadas, acompanhadas por um choro, entrecortado de soluços.

Sentei-me desalentado e com as mãos vermelhas, no banco da 2.ª classe, a que pertencia. Felizmente estava escripto que aquelle dia balisaria a minha existência e nelle conquistaria a ambicionada liberdade.

Pouco depois de sentar-me, entrou accidentalmente um cão e poz-se a andar de um para outro canto da sala. Por fim saltou para o meu banco, exactamente a meu lado. Empurrei-o instinctivamente. O cão desceu latindo, juntando uma nota insolita ao còro infantil. A creançada interrompeu o estudo; muitos o aticaram até á porta. Qual não foi, porém, a nossa surpresa vendo a furia com que o decurião inquiria do causador da pilheria! Levantei-me aterrado. Seguiu-se uma scena que se não descreve. O homem estava furo de raiva, reprehendeu-me com acrimonia, achou inqualificavel o meu procedimento e rematou dizendo ir castigar-me severamente.

Não sei porque, tive uma dessas resoluções inesperadas nas almas infantis: achei demasiada a repressão para um delicto nullo e, reunindo as minhas escasas energias, declarei que só da mão do professor apañaria.

Houve um silencio de morte. Os meus collegas entreolharam-se, maravilhados com a minha rebeldia. Toda a vida collegial parou miraculosamente por instantes.

Chamado ás pressas, entrou na sala o velho Pires. Era baixo e gordo; tez fortemente morena, cabellos negros e acabocados; trajava calça parda e paletot de lustrim. O decurião expoz-lhe o crime perpetrado e a minha resolução. Enquanto elle fallava, eu seguia com o olhar as contracções com que a physionomia do Pires denunciava as emoções provocadas pela narrativa. Houve um lance em que me pareceu divisar naquella face, quasi sempre iracunda, um raio de promissora bondade. Acreditei que se apiedaria da minha sorte e me castigaria pessoalmente, para roubar-me á vindicta do seu adjunto. Mas a illusão durou menos que o tempo preciso para concebê-la. E dos seus labios cahiu esta sentença inexoravel:

«Ou apanha da mão do meu representante ou sae já do collegio».

Julguei-me fulminado. Mas, ainda assim, a ancia de voar daquella gaiola, onde me encarceravam a intelligencia e a pouco e pouco me embruteciam, collou azas invisiveis ao meu corpo.

Baixei a cabeça e saí, levando na alma o primeiro travo da injustiça humana.

Não ha muitos dias fui á rua dos Afogados rever a casa do Pires. Já nenhum vestigio existe do collegio; só o edificio ficou de pé. O que lhe dava vida, a descuidosa creançada, dispersou-se no espaço.

Quanto ao decurião, encontrei-o ha mezes no Rio, em uma repartição federal, de que é funcionario exemplarissimo. Vimo-nos e fallamo-nos como velhos amigos. Em vez de um carrasco, deparou-se-me um cavalheiro gentil.

E' impossivel que lhe não perdure na imaginação a lembrança do collegio, principalmente da scena da expulsão, de que foi causa directa. Com certeza, porém, as suas recordações são menos «doloridas» do que as minhas.

TASSO FRAGOSO.

\* Substituo o nome do decurião, que andava com um fraque cujas abas se abriam comicamente durante a marcha.

## HENRYK SIENKIEWICZ

(Ligeiras notas bio-bibliographicas)

### I

Oriundo de uma familia illustre da Lithuania e neto de um guerreiro valente, de quem parece ter herdado a ferrea rijeza dasua tempera de estrenuo luctador intellectual, nasceu Henryk Sienkiewicz a 4 de Maio de 1846, em Wola Okrzejska, na provincia de Radom, que fazia parte do extinto reino da Polonia.

Desde a primeira idade, contam os seus biographos que era surprehendente a viveza do seu espirito e a excellencia da sua memoria, sempre prompta a reter, indelevelmente graphados, e reproduzi-los depois, admiravelmente intactos, todos os incidentes que lhe feriam a imaginação juvenil.

Uma vez, ao voltar da igreja, onde ouvira um pregador de nomeada, poz-se a recitar todo o sermão, de còr, sem titubear um só instante, com grande pasmo dos que com elle vinham.

Esses grandes dotes excepcionaes, com que o favorecera a natureza, se vieram mais tarde avigorar e fortalecer, no tirocinio academico da Escola Superior da Polonia, para onde accorria, ao tempo, entusiasta e sedenta, uma vigorosa e promissora mocidade.

Foi ahí, nas lições dos mestres, que o seu espirito, por tendencia inclinado á meditação e





3.—O DESFILAR DO PRESTITO PELA RUA DO SOL

ao estudo, assimilou as primeiras noções que, completadas depois, no silencioso e nobre recolhimento do seu gabinete, na constante labuta da sua tarefa de escriptor de consciencia, e nas suas multiplas e intelligentes viagens ao estrangeiro, viriam constituir essa erudição, solida e farta, que forma a base cultural do talento do festejado estheta polaco.

Ao regressar da sua primeira excursão aos Estados Unidos, casou-se com uma senhora polaca, que, no dizer de Valeria Morzkowska, possuía, em alto grão, todas as qualidades capazes de fazer um homem feliz: era a verdadeira companheira de um trabalhador e de um artista, compreendendo maravilhosamente a alma daquelle a quem ligara seu destino.

Dessa união lhe nasceram dois filhos, em quem actualmente concretisa o romancista toda a sua transbordante potencia affectiva, porque a morte precocemente o privou da doce e carinhosa companhia da esposa.

E' rodeado por essas duas creanças que vive hoje Sienkiewicz, no magnifico dominio de Oblengorsk, que lhe foi offerecido, em commemoração do seu jubileu, em 1900, por uma subscrição nacional, a que toda a Polónia, sem distincções de classe e de fortuna, se associou, rejuvilosa e agradecida.

As primeiras manifestações litterarias de Sienkiewicz consistiram numa serie de artigos de critica, publicados em diversas revistas da Varsovia, em 69, sob o pseudonymo de *Litvos*.

Seguiram-se-lhe algumas novellas ligeiras, até que, no anno immediato, appareceu, em forma livresca, o seu primeiro romance:—*Na marne* (DE BALDE).

O favor publico e a indulgencia critica acolheram desde logo, generos e interessados, esses primordios lucilantes de uma nova intelligencia que despontava, e não tardou que os mais indiscretos fossem descobrir o novel escriptor, que se acoitava, medroso, á sombra do simples adjectivo, que lhe designava o lugar do nascimento, porque, em polaco, *Litvos* quer dizer lithuano.

A outro, que não Sienkiewicz, as tentadoras louvaminhas e os insuflantes triumphos, que as suas debutantes produções saudavam, teriam

logo enchido de uma basofiante empáfia e de uma orgulhosa convicção de superioridade consagrada, levando-o a quedar-se, baboso e fôfo, ante o incenso estonteador dos thuribularios.

Não assim, porém, com o joven escriptor. A maturidade precoce do seu espirito e esse invejavel bom senso de que sempre deu mostras em todas as manifestações da sua vida fizeram-no comprehender, desde logo, que os elogios, de que o cercavam, não passariam de fumo, que a primeira lufada da realidade dissiparia, decorridos os momentos de engodante novidade alvicaireira, se não buscasse, por um estudo acurado e fundo e por um esforço perseverante e paciente, cultivar as raras faculdades, que tão bem haviam provado, nas suas incipientes manifestações.

Concebeu, á vista dessas ovações, um respeito maior, religioso e grave, pelo seu proprio trabalho intellectual. Não se deixou ir, acoitado e irreflectido, na onda quente do prurido de alirar livros, atabalhoadamente, ao publico guloso, que o victoriava. Não deixou extravasar em litteratices de baixo preço, a exuberante seiva de vida espirital, que lhe refervia no cerneiro, dando-lhe de antemão a prelibante certeza de altos teitos no mundo das lettras. Adquirio methodos de trabalho, saudaveis e hygienicos. Adoptou, como moto director, a divisa de não trabalhar demasiado, nem depressa, de esperar pacientemente a sua hora, de limar e polir, com apaixonado amor, as suas produções, antes de entregalas á publicidade. E foi assim, graças



a semelhante processo, de que nunca se afastou uma só linha, que conseguiu vir a ser o forte e equilibrado escriptor, de uma invejável saúde mental, que hoje todo o orbe legente aclama, num delirio frenetico e caloroso de applausos, de que não ha exemplo, na historia litteraria do mundo, nestes cincoenta annos mais chegados.

A Debalde seguiram-se: *Ninguém é profeta na sua terra*, *Os dois caminhos*, *Hania*, *Selim Mirza*, *Bosquejos*, *O pequenino musico*, *O Jornal de um Preceptor de Posen*, *Atravez dos steppes*, *O Pharoleiro de Aspinwall*, *Orso*, *Bartek*, *o Victorioso*, e outras novellas ligeiras, ás quaes se deve juntar um bello livro de viagens, registando, numa admiravel exactidão de traços e com uma justeza e uma superioridade inexcusáveis de visão critica, os diversos aspectos dos paizes que percorreu.

As suas paginas sobre Egypto e sobre Zanzibar, assim como a descripção da vida dos *farmers* da California, ganharam celebridade.

Servem de entrecho a essas novellas, de uma empolgante variedade de episodios, diversas scenas da vida polaca, desenroladas umas no campo, tendo outras por theatro a cidade. De todas ellas, como o faz notar Casimiro Stryenski, se evola essa funda emoção, essa casta e suave poesia e esse patriotismo abnegado de Sienkiewicz, que, por ser contido, nem por isso é menos sincero e sentido, e que delle faz um autor nacional por excellencia, o representante legitimo do povo polaco, de uma existencia politica aparentemente nulla, mas cuja alma vive vibrando, dolorida e forte, nas suas grandes obras de litteratura e de arte, á semelhança dos ansejos lendarios, que atravez dos tempos galopam, transmittindo de mão em mão o fogo sagrado de que são depositarios.

Uma outra característica relevante dos livros de Sienkiewicz, uma outra modalidde typica do seu sentir esthetico, vem a ser um largo

e piedoso sopro de piedade infinita, de infinda commiserção e de amorosa ternura, pelos humildes e pelos que soffrem, que atravessa a sua obra inteira, dando-lhe um alcance profundamente humano, e por toda ella espalhando uma adoravel e commovida feição de sympathia e de altruismo.

Entre outras, illustra esse ennobecedor sentimento do bellettrista lithuano, a novella intitulada—*O pequenino musico*.

E' a historia, singela e simples, sem arroubos e sem rebuscamentos contada, de um obscuro pastorsinho polaco, desprovido de protecção e de amigos, pobre e sózinho no mundo, e dotado, por uma amarga irrisão do destino, com um admiravel genio musical. Todos os dias, enquanto apascentava o seu rebanho, julgava ouvir a creança, a sahir do coração das florestas e entoados pela lymphá tranquillá que serpeava murmurejante, pelo vento que soprava gemendo atravez das ramarias folhudas, e por todas essas vozes, mysteriosas e graves, que povoam phonicamente a solidão tristonha das mattas, uns cantos sonoros e suaves, de uma harmonia embriagadora e divina, que lhe cahiam n'alma, amorosamente, blandiciosamente, como uma caricia enternecida e distante. E quedava-se o infeliz, suspenso da terra, embalado por essa melodia extranha, que lhe trazia talvez á mente a re-

miniscencia apagada e longinqua das canções sentidas, com que o carinho materno lhe acalentara o somno da infancia desvalida e nua, indifferente a tudo que o cercava, embevecidamente perdido na nuvem luminosa do seu sonho. E depois, numa tosca rabeca, que conseguira fabricar, punha-se o humilde pastorsinho, numa ancia de fazer dó, a procurar imitar as ondas sonoras que lhe cantavam tentadoras aos ouvidos.

Um bello dia foi surpreendido nessa exgo-tante tarefa pelos sons de uma verdadeira rabeca, melodiosa e afinada. Vinham de um castello



D. ANTONIO XISTO ALBANO—BISPO DO MARANHÃO



visinho, onde um creado ocioso aproveitava a ausencia dos amos, para se divertir, passeando o arco pelas cordas do instrumento. Foi enorme e indescritivel a commoção da creança. Desde esse dia viveu pensando naquella rabeca, doido, magnetizado, arquejante, capaz de tudo para possuí-la. Sonhava com ella as noites e, durante os dias, tinha sempre nos ouvidos a melodia das suas cordas magicas. Finalmente, não poudo resistir á tentação, e uma noite, ás horas mortas, quando todos dormiam, conseguiu, sorratamente, introduzir-se, por uma janella aberta, no quarto do creado. E já ia para se apossar do cubicado objecto, quando foi descoberto e apanhado. Castigaram-no rudemente e Janko, tal era o nome do triste e pequenino pastor, franzi-no e debil, não poudo resistir ás pancadas e morreu.

E termina assim a historia:

“Alguns dias depois, voltou da sua excursão o proprietario do castello, acompanhado pela filha e pelo futuro genro.

—Que bello paiz que é a Italia! disse o moço.

E a noiva respondeu:

—E que povo de artistas! Como elles são fezes em poder procurar, para proteger, os talentos desvalidos.

Emquanto falavam assim, fazia o vento gemer tristemente os cyprestes sobre o tumulo do pequenino pastor!”

E não é só um interesse meramente platónico e litterario esse que poderosamente solicita para os desherdados e para os infelizes, que moirejam tristonhos na noite escura da desgraça, as largas e misericordiosas vistas do belletrista slavo.

Todas as vezes que na pratica uma occasião se lhe offerece de levar um arrimo aos que não tem lar, um pedaço de pão aos que padecem fome, um manto aconchegante aos que tiritam na nudez e no frio, elle pressurosamente a acolhe, procurando assim estabelecer esse luminoso accordo entre o que se sente e o que se faz, essa nobre e harmonica conjugação entre os sentimentos e os actos, que Comte proclama como o limite maximo da perfectibilidade humana.

Narra um dos seus biographos que um entusiasta admirador da sua grandiloqua trilogia historica, lhe remetteu, uma vez, com a seguinte inscripção, uma somma avultadissima: — Ao autor de *Wolodowski*.

Sienkiewicz, apesar de pobre, não a quiz receber. Era moço, tinha saúde e tinha talento, e não o intimidava o trabalho. Lembrou-se de que outros, mais do que elle, careciam desse auxilio, para poder viver e trabalhar. E appli-

cou a quantia á fundação de uma obra de caridade, consagrada á memoria de sua mulher, destinando os rendimentos do capital a serem repartidos, em pensões e auxilios, por entre os escriptores polacos pobres e tuberculosos.

Em 1884 publica Sienkiewicz a sua primeira obra de grande folego, *A ferro e fogo*, grandiosa e epica evocação historica da Polonia do seculo XVII, victimada pelo invasor estrangeiro, que lhe incendiava os casaes, lhe arrazava as leiras, lhe assolava os lares, lhe mutilava as mulheres, lhe violava as virgens, lhe degolava as creanças, levando a toda a parte a devastação, a ruina e a morte. E o pobre paiz, ensanguentado e em fogo, encontrava ainda para oppôr á torrente impetuosa dos cossacos, á tempestade furibunda dos turcos e á avalanche devastadora dos tartaros, uma muralha de peitos destemidos e fortes, que o amor da patria couraçava e empedernia, capazes de todos os sacrificios para defender palmo a palmo o territorio sagrado da terra bemdita que os vira nascer. E, á frente desses bravos e desses heroes, cobertos de sangue e de lama, lacerados pelas lanças, golpeados pelas espadas, crivados pelas balas e pelas flechas, marchava, magestoso e solemne, envolto no clarão aureolante de uma gloria nunca empanada, o mais alto e o mais genuino representante da nobreza polaca, o duque Wisniowiecki, o terrivel Yarema, deante do qual fugiam espavoridas as hordas sanhudas dos barbaros.

Ao *A ferro e fogo* faz sequencia *O Diluvio*, apparecido em 1886, contando as luctas e as guerras de 1655 a 1660, na fronteira occidental de Polonia, com as hostes inimigas da Suecia. E, dois annos mais tarde, vem a lume *O Senhor de Wolodowski*, um verdadeiro Bayardo polaco, que commanda a fortaleza de Kamienice, sitiada pelos turcos. Este soberbo livro, que uma vibrante emoção patriotica e uma rajada epica de heroismo sacodem da primeira á ultima pagina, forma, com os dois que o antecederam, a admiravel trilogia historica, que, desde logo, immorredouramente barricou a nomeada do futuro autor do *Quo Vadis?*

Nesse herculeo e ingente trabalho de galvanisação esthetica do passado heroico da sua patria, busca Sienkiewicz, como o faz notar Gasztowt, fazer servir o passado á instrucção e ao reconforto do presente, mostrando-lhe as dolorosas e difficeis situações, donde o patriotismo devotado de uns e a paciente tenacidade de outros fizeram sahir triumphante o paiz. E' assim que o escriptor lithuano concebe a verdadeira função social do moderno romance historico.

(A seguir)

ANTONIO LOBO.



## Direito Marítimo

## A lei deve admitir a hypotheca marítima?

A vigente legislação hypothecaria proíbe positivamente a hypotheca sobre navios—art. 110, 1.ª parte, do Dec. n. 370 de 2 de Maio de 1890.

Foi a L. n. 1237 de 24 de Setembro de 1864 que criou o novo regimen fundado exclusivamente sobre a propriedade imóvel. O navio sempre foi considerado móvel; d'ahi a sua exclusão d'esse regimen, que não o contemplou entre os bens sujeitos á hypotheca—art. 2.º § 1.º da L. de 1864; art. 2.º § 1.º do Dec. n. 169 A de 19 de Janeiro de 1890.

Tanto a legislação de 1864, como a de 1890, manteve uma disposição mandando subsistir, posto que sem o nome de hypotheca, as obrigações reaes que a favor de certos creditos o Código Commercial estabelece sobre os navios, as quaes deverão ser registradas nas juntas e inspectorias commerciaes—art. 112 do Dec. n. 3453 de 26 de Abril de 1885; art. 110, 2.ª parte, do Dec. n. 370 de 2 de Maio de 1890.

Os privilegios que gravão o navio são os compendiados nos arts. 470, 471 e 474 do Código Commercial, os seguintes:

I. Os salarios devidos por serviços prestados ao navio, comprehendidos os de salvados e pilotagem;

II. Todos os direitos de portos e impostos de navegação;

III. Os vencimentos de depositarios, e despesas necessarias feitas na guarda do navio, comprehendido o aluguel dos armazens de deposito dos aprestos e apparelhos do mesmo navio;

IV. Todas as despesas do custeio do navio e suas pertencas, que houverem sido feitas para sua guarda e conservação depois da ultima viagem e durante a sua estada no porto da venda;

V. As soldadas do capitão, officiaes e gente da tripulação, vencidas na ultima viagem;

VI. O principal e premio das lettras de risco, tomadas pelo capitão sobre o casco e apparelho ou sobre os fretes, durante a ultima viagem, sendo o contracto celebrado e assignado antes do navio partir do porto onde taes obrigações forem contrahidas;

VII. O principal e premio de lettras de risco, tomadas sobre o casco e apparelhos ou fretes, antes de começar a ultima viagem, no porto da carga;

VIII. As quantias emprestadas ao capitão ou dividas por elle contrahidas para o concerto e custeio do navio durante a ultima viagem, com os respectivos premios de seguro, quando em virtude de taes empréstimos o capitão houver evitado firmar lettras de risco;

IX. Faltas na entrega da carga, prelos de seguro sobre o navio ou fretes, avarias ordinarias, e tudo o que re-pertar á ultima viagem somente. (art. 470)

X. As dividas provenientes do contracto da construcção do navio e juros respectivos, por tempo de tres annos, a contar do dia em que a construcção ficar acabada;

XI. As despesas do concerto do navio e seus apparelhos e juros respectivos, por tempo dos dois ultimos annos, a contar do dia em que o concerto terminar. (art. 471)

XII. O preço da compra do navio não pago, e os juros respectivos por tempo de tres annos, a contar da data do instrumento do contracto. (art. 474)

As expressões *hypotheca tacita* e *hypotheca especial*, de que usou os arts. 470 e 633 do Código Commercial, não modificação a situação do navio em face do direito real de hypotheca, mesmo no regimen d'esse Código, porquanto tal direito só se exercitava sobre bens de raiz (art. 255), e as embarcações erão reputadas bens moveis. (art. 478)

São essas as disposições em vigor; e muito de proposito deixo-as transcriptas, para mostrar que as obrigações reaes sobre os navios, de que falla a lei hypothecaria, limitadas e restrictas, como são, não satisfazem ao desenvolvimento progressivo do commercio marítimo moderno, e muito menos ás necessidades do armador que, para procurar o adiantamento de fundos de que necessita para fazer face ás despesas de equipagem e da navegação, precisa não só offerecer ao credor uma garantia real, como, por outro lado, de um meio de credito de uso mais regular, mais frequente e menos aleatorio, que só encontrará na hypotheca marítima.

Relatando o projecto, que se converteu na lei de 10 de Dezembro de 1874 sobre hypothecas marítimas, dizia Grivard no parlamento francez:

«O commercio marítimo exige capitais importantes; na construcção ou na compra dos navios, e na armação d'estes, o armador emprega muitas vezes uma porção notavel de sua fortuna.

«... Para o industrial ou o commerciante ordinario a lei multiplica os meios de credito, presta-se a combinações fiduciarias de grande auxilio para o negociante, que lhe permite, nos momentos mais difficeis, procurar os fundos de que tem necessidade.

«O commercio marítimo não participa d'essas vantagens; a

lei que o rege é feita de tal forma, que de todos os meios de credito real que organisa, nenhum pode convir aos navios. Como moveis, não podem ser hypothecados. Podem ser dados em penhor; mas as condições ás quaes se acha subordinada a validade do penhor são de tal natureza, que esse recurso torna-se puramente nominal. O credor, para ter o beneficio do privilegio, deve ficar na posse do objecto penhorado.

«... O proprietario vê-se despojado do objecto do penhor e privado do instrumento necessario á sua industria, ao passo que o credor obrigado a despesas de guarda e conservação custosa experimenta serio embarço em uma posse, de que não pode tirar proveito.

«... A hypotheca é a base do credito real em materia imóvel... Mas conceba-se uma especie particular de moveis tão facéis de individualisar como os imóveis, á qual se possa, além d'isso, adaptar um regimen de publicidade tão completo, tão amplo e tão seguro como o que funciona em materia imóvel, em vão se indagaria por que motivos, juridicos ou economicos, a ella não se poderia applicar o beneficio da hypotheca. E' este o caso dos navios. A lei deu-lhes ao mesmo tempo um estado civil e um domicilio ao qual ficão adstrictos, mesmo em suas mais longinquas peregrinações. Com taes elementos é facil constituir a publicidade hypothecaria; e, se assim é, nada se oppõe a que os navios possam ser hypothecados.—Alauzet, *Comment. de la loi sur l'hypothèque maritime* de 1874.

Essa lei soffreu numerosas e importantes modificações com a de 10 de Junho de 1885, que a abrogou. (\*)

A hypotheca sobre navios é desde muito tempo usada em grande numero de paizes marítimos.

Na Inglaterra o armador tem o direito de hypothecar o seu navio em virtude da lei sobre a marinha mercante de 10 de Agosto de 1854. E' a applicação do *mort-gage* aos navios mercantes. O *mort-gage* é um direito de propriedade condicional que o devedor, *mort-gagor*, permite ao credor, *mort-gagee*, sobre o imóvel dado em garantia; si o credor é pago no vencimento, deve tornar a transferir o imóvel ao devedor; só entra na posse d'este depois de expirado o prazo estipulado para o reembolso da quantia devida, si esta não lhe é paga.—Lehr, *Droit civil anglais*, n. 504

Nos Estados Unidos da America do Norte ha o *mort-gage* dos navios regulado por um acto do Congresso Federal de 23 de Julho de 1851, e muito mais usado ainda do que na Inglaterra.

No Canada a hypotheca sobre navios está consagrada no Código Civil de 1863, arts. 2374 e seguintes.

«Na Alemanha, diz Pierre de Gentile, não se encontra a hypotheca marítima na lei federal applicavel a todo o paiz: a legislação de cada Estado a ella se refere; e n'aquelles, onde existe, não importa uma derogação do direito commun, porque na Alemanha os navios são imóveis e, como taes, submettidos ao regimen dos imóveis em materia hypothecaria. Só Mecklembourg considera os navios como moveis.—*De l'hypothèque maritime*, Int. d. § 5.

Na Hollanda, conquanto os navios sejam reputados moveis, são susceptiveis de hypotheca, em face da lei de 1.º de Outubro de 1838.

Na Suecia o navio é móvel mas o Código marítimo de 23 de Fevereiro de 1864 permite hypotheca sobre elle, o que constitue uma excepção importante aos principios das leis suecas sobre hypotheca, como diz K. d'Olivecrona, citado por Gentile.

Na Italia havia o penhor marítimo, mas ficava a sua validade dependente de uma transferencia de posse ficticia, e que consistia em instalar-se a bordo do navio penhorado um guarda, que podia ser o capitão, si este não fosse proprietario ou coproprietario do mesmo navio. A necessidade do guarda desapareceu com o Código do commercio de 1882, tornando-o o *pegno navale* uma verdadeira hypotheca.

Na Russia, com o nome de hypotheca marítima, existe uma instituição de caracter mixto, participando ao mesmo tempo do contracto de emprestimo a risco e da hypotheca propriamente dita.

Na Belgica existe a hypotheca marítima creada pela lei de 21 de Agosto de 1879, haurida em grande parte da lei franceza de 1874.

No nosso direito marítimo, como no da Austria e da Hespanha, existe apenas o emprestimo a risco ou cambio marítimo, de que trata o art. 633 do Código Commercial.

Pothier definiu esse contracto: «aquelle pelo qual um dos contractantes empresta a outro uma certa somma de dinheiro, sob condição de que, no caso de perla dos effeitos, sobre os quaes essa somma foi emprestada, acontecida por algum risco do mar ou accidente de força maior, o emprestador na-la poderá repetir além do que restar; e no caso de bom exito, ou quando este não tivesse tido lugar por vicio da cousa ou por falta do capitão ou marinheiros, de ser obrigado o tomador a restituir ao emprestador a somma emprestada com os juros convençionados pelos riscos a cargo do mesmo emprestador.—*Œuvres*, vol. 5, pag. 343.

Semelhante meio de credito, porém, além de se referir somente a riscos do mar, envolve uma garantia muito mediocre.



O illustado professor da Universidade de Pisa, Giovanni Gianquinto, em sua monumental obra—*La ipoteca navale*—reduz a quatro os argumentos que se levantam contra a hypotheca naval, como elle a qualifica, preferindo esta denominação á de *maritima*, de que usão os francezes, porque a primeira se limita ao navio e de seos accessorios, ao passo que a segunda se estende a outros objectos sujeitos aos riscos e sinistros do mar.

Appreciarei esses argumentos em rapida synthese.

I. O primeiro se funda na natureza movel do navio, debaixo do ponto de vista juridico. O navio é uma coisa movel. Quasi todas as legislações maritimas teem proclamado este principio. Ora a hypotheca reclama, como condição essencial, um bem immovel. Logo não pode ter por objecto um navio.

E' exacto que uma das condições juridicas da hypotheca, no direito moderno, é a immobilitade do objecto hypothecado; e que o navio, rigorosamente fallando, não pode ser reputado immovel, e desde o Direito Romano assim se tem entendido.

N'este Direito, porém, a hypotheca podia versar sobre bens de toda a especie; as cousas incorporeas, os simples direitos creditórios, podião ser objecto de hypotheca. Marciano dizia—*inter pignus et hypothecam tantum nominis sonus differt*.

Foi depois do pretor Servio, que se firmou a distincção entre o penhor e a hypotheca, dando-se n'esta a constituição do *jus in re*, pela simples conservação, independente da tradição da coisa. Dahi nasceu a acção *quasi serviana*, do nome d'esse pretor, *que etiam hypothecaria vocatur*, pela qual os credores executavão os seos penhores e as suas hypothecas. Dizia-se *penhor*, tratando-se de uma coisa principalmente movel, *que simul etiam traditur creditori*; e *hypotheca*, de uma coisa, *que sine traditione nuda conventionione tenetur*—Institut., *De action.* § 7; Lafayette, *Dir. das Cousas*, 2.<sup>a</sup> vol. § 172; Didimo, *Dir. hypothec.* ns. 12 a 15.

O Direito Portuguez, que regulava as nossas relações civis, seguindo o Direito Romano, admitia a hypotheca dos moveis; Didimo, *obr. cit.*, aponta as leis de 12 de Maio de 1768 e de 20 de Junho de 1774 e o alvará de 24 de Junho de 1793.

A reforma de 1844 foi que eliminou os moveis dos objectos sujeitos á hypotheca.

Si esta é uma pura criação da lei, d'onde tira o seu fundamento juridico, si o fim de uma boa lei hypothecaria, como diz Didimo, é antes economico do que juridico, não vejo razão para se deixar de abrir uma excepção aos principios citados, com o fim de satisfazer ás exigências do commercio marítimo, a exemplo do que teem feito muitos paizes adiantados.

Além d'isso, estudando-se o caracter de mobilidade dos navios nos diversos aspectos juridicos, não se pode deixar de reconhecer que elles não são peros moveis communs, como os productos economicos, as mercadorias e outras cousas, mas constituem uma classe de moveis *sui generis*.

Assim

a) Os navios de guerra, na opinião unanime dos escriptores e segundo o Direito das Gentes, contem uma parte do territorio da nação, a que pertencem; levando alguns publicistas, entre os quaes Hello, Hautefeuille e Ortolan, esta doutrina até aos navios mercantes.

b) Os nascimentos e obitos dados a bordo, assim como os testamentos ali feitos, em regra se reputão actos passados no territorio do Estado, do qual traz o navio a bandeira.

c) As alienações de embarcações brasileiras destinadas á navegação do alto mar só podem fazer-se por escriptura publica, na qual se deverá inserir o theor do seu registro, com todas as annotações que n'elle houver: pena de nullidade—*Codigo Commercial*, art. 408, 1.<sup>a</sup> parte; Souza Pinto, *Dir. Comm.* n. 2909. Quasi todas as legislações prescrevem que a venda de navios deve ser feita por acto escripto. Si elles fossem moveis communs a nossa lei não faria a exigencia indicada com pena de nullidade; sujeitaria a venda d'elles á distincção legal da taxa, que regula a venda dos moveis.

d) As vendas judiciais dos navios estão sujeitas ás mesmas solemnidades da arrematação das immoveis—*Codigo Commercial*, art. 478; Teixeira de Freitas, *Consolid. das leis civ.* art. 49.

e) Por um principio universalmente admittido nas legislações e na doutrina o navio vendido fica vinculado pelos debitos contrahidos pelo vendedor; entretanto, diz Gianquinto, a garantia do credor quanto aos bens moveis, em direito commum, é limitada ao tempo em que os mesmos se achão em poder do devedor. «Chamando questo diritto con qualunque nome vi piaccia, *diritto de sequestro, di pegno, d'ipoteca, o di particolare vincolamento*; desso será sempre uma evidente prova que a nave non può considerarsi como una cosa para mobiliare»—*Obr. cit.*, pag. 32; *Cod. Comm.* art. 476.

Não se diga que considerar os navios como immoveis será contrariar a essencia das cousas. A lei pode, para certos effeitos, mobilizar bens, que por sua natureza physica são mobilissimos. A immobilitade juridica não é sempre uma immobilitade natural e physica. Muitas vezes uma coisa movel por natureza é reputada immovel ou por flicção e poder da lei, ou por destino que lhe dá o

proprietario; outras vezes mobiliza-se juridicamente direitos, obrigações e acções sobre bens immoveis; e d'isto temos exemplos no *Codigo Civil Francez*, arts. 517 a 529, no *Italiano*, arts. 407 a 418, na nossa propria legislação hypothecaria, arts. 133 a 136 do *Dec. n. 370 de 2 de Maio de 1890*.

A flicção equivale juridicamente á verdade das cousas e dos factos, sempre que a lei a isso não se opponha—*Fr. 136, Dig. de reg. juris*.

II. O segundo argumento é tirado ainda da natureza movel do navio, debaixo do ponto de vista da segurança de facto. O credor ordinario tem a sua garantia ligada ao sólo, com cuja estabilidade conta; mas o credor marítimo não pode ter a mesma confiança em uma construção fluctuante. O seguro marítimo pode garantir contra os infortúnios do mar; mas não o pode fazer no caso de não haver se perdido o navio, e sim no de ter sido subtraído á pesquisa do credor.

Os sistemas modernos de registro, que se referem á construção, á nacionalidade, ao movimento dos navios, dão ao credor tanta segurança, como si se tratasse de immoveis. Um navio não pode desaparecer e occultar-se facilmente como um movel qualquer. Quem adquire um navio não pode ser enganado sobre a existencia do onus hypothecario, pois nenhum pode navegar sem certificado de sua nacionalidade, e n'este deve vir mencionada a hypotheca que o grava, testemunho irrefragavel, diz Gianquinto, do direito que acompanha o navio em qualquer mar, por onde passe. Além d'isso, o telegrapho, que dá conhecimento ás administrações maritimas de todo o movimento dos navios constantes de seus respectivos registros, auxiliaria a pesquisa per parte do credor.

III. O terceiro argumento se funda na fragilidade do navio e nos riscos do mar. E' impossivel que um capitalista deposite confiança em uma garantia sujeita a taes riscos.

Confião-se aos navios, para transportarem, as pessoas, as familias, thesouros, mercadorias de immenso valor ás vezes; as companhias de seguros tomão a si os riscos; fazem-se contractos de cambio marítimo; porque não podem elles servir de garantia da hypotheca?

Os riscos existem, é verdade; mas, nem por isso, a navegação tem deixado de desenvolver-se e a construção naval de augmentar de valor. O seguro marítimo pode completar essa garantia e pensa Gianquinto que ha indubitavel necessidade de associar-se o contracto de seguro á hypotheca marítima.

Na Inglaterra, paiz de um povo pratico por excellencia, o credor encontra sempre meios de garantir o seu capital; pode segurar o seu credito contra todos os riscos da perda do navio e até da evicção por outro credito; tambem pode tomar a sua conta o seguro do proprio navio, fazendo-se subrogar nos direitos armador.

IV. O quarto argumento, finalmente, está na preferencia que, por lei, deverá sempre conceder-se aos credores privilegiados. São as obrigações reaes, de que falla a lei hypothecaria, constantes do *Codigo Commercial*, e que transcrevi no principio d'esta obra. Ora este principio, aliás indispensavel em uma boa legislação, não pode deixar de tornar illusorio o direito da hypotheca marítima. Dahi o credor perderá o seu beneficio, e muitas vezes a esperança de recuperar o seu dinheiro.

A concorrência de dois creditos, ambos garantidos por privilegios, não é novidade nas legislações; e a dos dois creditos apontados é praticada em diversos paizes sem choque de natureza alguma.

O credor hypothecario nada pode soffrer com o privilegio resultante do emprestimo marítimo, que é o ponto mais forte do argumento. O navio hypothecado soffre avarias em viagem; reche-se ao primeiro porto; o capitão contrahe um emprestimo para reparar as avarias. Voltando ao mar, naufraga o navio; o empador do dinheiro perde todos os seus direitos, mas o credor hypothecario conserva o beneficio do seguro. Si o navio volta ao porto de sadida, sem mais accidente, o emprestimo marítimo para o credor hypothecario a vantagem da conservação do objecto hypothecado.

Para resolver difficuldades d'essa natureza Gianquinto aconselha o uso do systema adoptado no commercio marítimo inglês de que dei noticia.

Diante d'estas considerações que, apesar de ligeiras, já longas, não posso deixar de opinar pela admissão da hypotheca marítima no corpo da nossa legislação.

F. Machado.

(\*) Não cabe nos limites d'este trabalho apreciar os detalhes d'esta e de outras leis estrangeiras sobre a hypotheca marítima.

Por falta absoluta de espaço, deixa de ser aqui incluído o *Movimento Bibliographico*, que annunciamos no sumario. Os nossos leitores nos relevirão, de certo, semelhante falta, independentemente da nossa vontade e que, promettemos, não se repetirá.



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Setembro de 1901

NUM. 2



**Dr. João Gualberto Torreão da Costa**

Governador do Estado do Maranhão



## A VICTÓRIA DO AMOR

No paraíso. Adão contempla, extasiado,  
O mysterio sem fim dos tristes olhos de Eva,  
E nelles vê brilhar um céu nunca sonhado,  
Ora cheio de sol, ora cheio de treva.

E ella, que tem no corpo um outro paraíso,  
Melhor que este que Deus lhes dera por encanto,  
Olha a Adão, e este olhar é doce como um riso,  
Fala-lhe, e a sua voz é leve como um canto.

«Olha as flores e o sol... Porque ellas estremecem  
Ante a gloria solar que doira a terra inteira?...  
Porque é que os seios meus palpitam e florescem  
Como, aos beijos da luz, floresce uma roseira?

«Tudo canta... No céu, na terra e sobre as aguas  
Ouvem-se hymnos de amor, palitações, anseios...  
E eu reprimo no seio um turbilhão de magoas  
Para não perturbar os impetos alheios:

«Sinto morder-me o corpo uns morbidos canções,  
Um desejo, uma febre, um fogo, uma ancia louca...  
Porque é que temos nós a doce cruz dos braços,  
A alvorada do olhar, e a papoila da boca?

Diz-lhe Adão:—«O Senhor fez-nos assim, querida,  
Para, quando a seismar num tedio negro e fundo,  
Pudéssemos fugir para outra melhor vida,  
E voarmos ao céu, não sahindo do mundo.

«Ai que ancia! que loucura!» E, assim dizendo, tomba  
Suspirando, aos pés de Eva extatica e surpresa...  
E ha pelo ar vaporoso um arrulho de pomba,  
E ha um desabrochar em toda a natureza.

E contemplam-se os dois, estremecendo... E o veio  
Da agua põe-se a cantar pela campina afóra...  
E a flor pergunta:—Que ave então este gorgeio?  
E a ave pergunta:—De onde é que vem esta aurora?

Agora falam baixo, ao perfumado abrigo  
Das folhas... Quadro tal, quem poderá pintal-o?  
Diz Adão:—Ouço Deus, quando falo contigo!...  
Responde Eva:—Ouço Deus, quando contigo falo!...

E na gloria ideal da carne moça e nua  
Abraçam-se a tremer, ante a inveja das flores...  
Foi então que no céu desabrochou a lua,  
Protectora celeste e eterna dos amores.

Eva suspira e geme em ancias e delirios,  
Crispando as finas mãos feitas de violetas...  
E pensando ver nella um prado todo em lirios  
Beijam-na, a esvoaçar, bandos de borboletas.

Então do céu azul desce um archanjo lindo  
Tendo constellações nas azas coruscantes,  
Que cheio de emoção fecha as azas, sorrindo,  
E desfolha jasmim na frente dos amantes.

Diz Adão em segredo: «Eu não vejo os abrolhos  
Ao ver os olhos teus, e ao sentir o teu beijo...  
E Eva diz-lhe, a ancilar:—Quando vejo os teus olhos,  
E beijo os labios teus, o firmamento vejo.

Então o doce olor das flores, a innocente  
Frescura dos vergeis pelas manhãs cheirosas  
Se incarnavam no corpo ideal de Eva tremendo,  
Que era como um rosal todo cheio de rosas.

E aves, flores, e terra, e todo o firmamento,  
Eram como o interior de uma encantada egreja,  
Onde se celebrava o santo sacramento,  
Que aos ninhos e aos jardins causava ciúme e inveja.

Diz Adão:—Somos dois archanjos condemnados  
A viver sem gosar, tendo o goso tão perto...  
Amemos, ainda que sejamos castigados  
Por termos povoado o coração deserto...

«As aves teem um ninho, e o paraíso apenas  
É um abençoado e perfumoso ninho.  
Se Deus para os vergeis creou as açucenas,  
Creamos para nós as flores do carinho.

«Amemos!» Eva cae-lhe aos pés, ebria de goso,  
Arfando, a estremecer, quasi desfallecida;  
E então viram no céu mais amplo e luminoso  
Uma reprodução prompta e fiel da vida.

E o campo se povoou de flores e de azas,  
E recamou-se o céu dos astros mais risonhos,  
E a terra estava a arder como um vulcão em brazas,  
E os dois tinham á frente a loucura dos sonhos.

E aves, no frenesi ardente da nevrose,  
Cantavam, ao ouvir a musica do beijo...  
Foi assim que se fez em louca apothecose  
A sagração do Amor, da Carne e do Desejo!

E assim o amor venceu a Deus, o rei dos entes,  
Diante de quem o mundo e as gerações se somem,  
Transfigurando dois archanjos innocentes  
Em dois diabos vis:—uma mulher e um homem.

FRANCISCO MANGABEIRA.

## HENRYK SIENKIEWICZ

(Ligeiras notas bio-bibliographicas)

## II

Mas Sienkiewicz não se circumscreve a uma limitada area de idealisação esthetica, não se adstringe, emperrado, a um thema fixo de elaboração artistica. Explora, pelo contrario, todos os campos, sulca todas as correntes, navega em todas as direcções, consciente de que, tanto nas especulações scientificas, como nos entretencimentos belletristicos, uma saudavel e arejada cultura encyclopedica é sempre preferivel ao regimen estacionador das especialidades.



Assim é que, ao pôr a ultima demão no SENHOR DE WOŁODOWSKI, envereda logo no SEM DOGMA (1890) por um trilhão diferente e novo. Depois de focar os lances amargurados e gloriosos do passado, vem applicar às coisas do presente as suas magnas qualidades de observação e de analyse.

SEM DOGMA é um estudo psychologico, em forma autobiographica, percuciente e agudo, da alma polaca moderna, enfebreada, ardente, torturada, pondo á conta da «improductividade slava» a indecisão em que taceia, á falta de um alvo certo, e extravasando, num estendal desanimador de pessimismo e de descrença, as poderosas e fecundas energias que, norteadas por uma idéa nobre ou por um sentimento utilitario, tanto poderiam servir a causa da emancipação do paiz. O dogma, seja elle um credo religioso ou um postulado social, é indispensavel para tornar a vida util e fazer o homem feliz. «Depara-se-nos por vezes, no decorrer da existencia—diz-nos o heroe do livro, Leão Płoszowski, numa passagem das suas memorias—um objecto qualquer, quasi sem importancia e sem alcance; nelle concretisamos todas as nossas esperanças, para elle vóam ecleres todos os nossos desejos. E no dia em que esse objecto nos escapa parece que cessa tambem para nós toda a razão de existir».

E é por ter menoscabado a utilidade do dogma que tão desgraçadamente acaba Płoszowski, suicidando-se, quando desaparece do mundo Angelica, em cujo amor, tardiamente, lorigara a unica possibilidade de ventura, para a sua vida accidentada e infeliz.

Em 1894 vem avolumar o numero das produções do mestre do romance polaco um novo livro: A FAMILIA POLANIECKI, que todos os criticos accordam em reconhecer como a «contre-partie» do SEM DOGMA e que Rzewuski proclama a obra prima de Sienkiewicz. A FAMILIA POLANIECKI glorifica, numa emoção quasi tolstoiana, o retorno para os costumes simples, para a vida activa e para a religião singela e pura de outros tempos.

Finalmente, no anno seguinte, faz a sua appareição triumphal no mundo das letras o QUO VADIS?, essa obra prima do moderno romance europeu, traduzida hoje para mais de vinte linguas, empolgando sempre, numa fascinação invencivel, todo o publico leitor, sem distincção de credo ou de nacionalidade.

Depois dessa grandiloqua e excelsa epopeia do paganismo moribundo e do christianismo nascente, produziu ainda Sienkiewicz um outro romance—OS CAVALLEIROS DA CRUZ, pondo em foco as luctas travadas, no seculo XVI, entre os polacos e os cavalleiros da ordem teutonica, batidos afinal por Ladislão Jagellão, na memoravel e renhida batalha de Grunwald.

No livro, cuja traducção hoje empregamos, ao que nos conste, pela primeira vez no Brasil, (\*) retrata Sienkiewicz, numa admiravel relevancia de contornos e numa rigorosa firmeza de debuxo, diversas scenas typicas do viver academico polaco.

Essa mocidade, que «todos os annos, como um bando alegre de passaros, acorria a Kiew, sedenta de saber, formando grupos que depois se dispersam, recebendo ou communicando a sciencia, guardando-lhe religiosamente as lições, ou malharatando-as estouvadamente, marchando resoluta para a frente, ou quedando-se, immobilizada e descrente, até vencer por fim, ou succumbir na lucta», perpassa, lantejoilada e brilhante, irisada e multifaria, nas saborosas paginas desse sentido romance, que uma tão fina e exquisita emoção ani-

ma e vivifica. Para delinear os typos que por elle esfuiziam, zigzagueantes e irrequietos, maravilhosos de verdade e de vida, para esboçar as scenas animadas, palpitantes e reaes, que o matisam e relevam, molhou certamente o artista a penna nas reminiscencias que lhe ficaram na alma do seu tirocinio universitario. E foram talvez essas tintas, recolhidas e amorosas, que revestem a narração de um certo caracter de notas intimas, pessoas, e quem sabe se até mesmo auto-biographicas, que levaram Sienkiewicz a retira-la da edição definitiva que das suas obras fez ultimamente, em polaco.

Semelharite escrupulo, cuja oportunidade não vem a pello discutir agora, não prevaleceu, felizmente, para os editores estrangeiros, que aos milhões de exemplares acabam de atirar o DEBALDE á gulodice abarcante e insaciavel do publico amante das bellas obras de ficção, fazendo-o alcançar, dentro de pouco tempo, uma popularidade quasi igual a essa outra que circula e apregoa o QUO VADIS?, tonitrando clangorosamente a sua fama imperecivel e universal.

Na França, na Italia, na Alemanha e na Inglaterra multiplicam-se e succedem-se, vertiginosa e estonteadoramente, as traducções e tiragens desse bellissimo romance. E G. Lefèvre, no prefacio de uma das traducções francezas, suspicazmente attribue essa voga montante a serem as personagens do DEBALDE, á semelhança das do QUO VADIS?, figuras que todos podem comprehender sem difficuldade, adaptando-as cada um á sua concepção especial da vida. Para imagina-las, não carecemos de saber a historia da Polonia, nem de ter observado de perto a sociedade polaca. As suas palavras, as suas idéas, os seus actos, os diversos episodios em que se entrelaçam, os quadros em que se movimentam, tudo isso é de um interesse mais humano do que local.

Nesse romance de estréia de Sienkiewicz veem já, por assim dizer, comprehendidas todas as superiores qualidades que mais tarde lhe deveriam fazer a gloria. Já nelle transluzem, promissores e fulgurantes, os dotes excepcionaes que o viriam enaltecer no futuro. E a mesma segurança e o mesmo vigor dos traços, a mesma saliencia graphante e suggestiva dos contornos, a mesma finura e a mesma agudeza de observação, a mesma sobriedade de tintas, a mesma exactidão e a mesma propriedade do termo, insubstituivel por outro qualquer, por mais synonymo que seja, a mesma pericia e o mesmo tacto no desenrolar do fio conductor do entrecho central, o mesmo talento e a mesma habilidade no «camper debout» das personagens, finalmente, todos esses predicados que nos seus livros posteriores se viriam affirmar, com mais vigor, na majestosa plenitude da sua maturidade.

Helena e Maria desde logo evocam Olenska, Angelica, Eunice, Lygia, Ignez, Helena de Kurcewicz, e todas essas adoraveis creações femininas de Sienkiewicz, tão meigas e tão reaes, tão amorosas e tão castas, que pelos seus livros espargem um perfume inebriante e volátil de ternura e de pureza, que em todas as suas telas projectam a sombra docemente esbatida dos seus perfis suaves, que em todos os seus romances põem o fremito dos seus apaixonados carinhos e das suas abnegadas immolações.

Dostoiévsky, o grande russo doloroso, fez do soffrimento humano uma religião acrisolada e funda, um culto vibrante e sincero; religião e culto que levam Ras-kolnikoff, o lendario heroe do CRIME E CASTIGO, a cair



de joelhos aos pés de Sonia, depois de ouvir a história trágica da sua inenarrável tortura, balbuciando numa voz cortada pela commoção e pela angustia:— «Não é deante de ti que me prosterno reverente, mas sim deante de toda a immensa e incomprehendida dor humana, que nest' hora representas!; religião e culto que fazem também, por seu turno, a triste e humilde Sonia apiedar-se do martyrio que lavra na alma do estudante e atirar-se-lhe ao pescoço, num impeto subitito de commiserção e de conforto, deixando escapar dos labios tremulos a amarga confissão:—«Não ha neste momento sobre a terra um homem mais desgraçado do que tu!; religião e culto, finalmente, que o inaudito artista slavo assombrosamente corporifica e synthetisa nessa grande e dolorida figura do principe Muichkine, do *Idiota*, o livro extraordinario, de que diz Melchior de Vogué que faz trabalhar o espirito como um texto hieroglyphico e faz pensar tanto como um tratado de philosophia.

A' semelhança desse outro estethista gigante, brotado do mesmo tronco forte que o produzio, prega também Sienkiewicz, nos seus livros, uma religião nova, mais nobre e mais utilitaria talvez do que a do bellettrista russo, porque deixa de ser tão contemplativa e tão mystica, para mais directamente descer á liza da actividade e da acção:—a religião do dever, da submissão aos ditames da consciencia honesta e recta.

E o seu primeiro livro é também o primeiro capitulo desse cathecismo humano e proficuo

ANTONIO LOBO.

(\*) Vide o 1.º n. d'A *Revista do Norte*.

(\*\*) O estudo, que ora publicamos, forma o prefacio que antepomos á traducção portugueza do *Na Marne*, de Sienkiewicz, a sahir dos prelos d'A *Revista do Norte*, numa brochura de 20 e tantas paginas, ornada com o retrato do grande artista slavo.

## NO SERTÃO

Pelo estreito e sombrio caminho da grande matta, que despeja um delicioso aroma de hervas agrestes, aroma subtilissimo e acre, que tressanda nas grossas ramarias das velhas arvores centenarias, no seu burrico, Timoteu vai indo pensativo. Ao lado, a inseparavel e comprida ficha dos sortunejos; em uma das mãos, uma grande bolsa trina no ar e acaladamente zurzina.

Vae em caminho do lar, que fica longe, para a outra banda, além do rio.

Crê em monstros, em almas do outro mundo, que com as enor-

mes foices e as suas grandes lampadas diabolicas exigem a cada passo um pagamento aos homens atrevidos que atravessam o sertão, calados.

Não traz fumo para os curupiras, pensa. E se elles apparecerem? Hei de dizer-lhes que não? Os curupiras, oh! os caboclinhos de calcanhar pra frente, decerto não lhe perdoarão. Para que veio, então, se não tinha fumo? perguntariam. Não tinha que ver, decerto ou o atirariam em alguma cova funda e negra, ou no olho de algum espinheiro bravo; isto era certo, ia jurar. E amaldiçoava-se, que não fosse teimoso; melhor fora que tivesse esperado o dia, para agora não estar com a morte ante os olhos. Com a matta ninguém brinca, e agora ella poderia mata-lo, porque cada um manda no que é seu. E chibateava o animalinho, nervoso, frenetico.

Ao menor rouquejo concavo do vento tenebroso, que gorgreja dolorosamente, Thadeu estava e escuta e reza o *Credo em Deus Padre*, murmurando ao terminar:

—Deus me guie...

De uma palhoça, que fica á margem do caminho, escapam leves e tenues fios de fumo... Thadeu encaminha-se a pedir pousada. Para e escuta: partem vozes de dentro, vozes virgens, vozes apaixonadas.

Rezam:

—Minha beata Santa Catharina, tu, que és bonita como a lua branca do céu, que foste a casa de Nosso Senhor Jesus Cristo, que alem mil pessoas viste, quarenta e tantas, acendaste, peço-te, ó minha beata Santa Catharina, que abrasdes a Thadeu comigo, que, quando me veja, *esmore*, assim como *esmore* a Virgem Maria o seu bendito filho, ao pé da arvore da Vera-Cruz.

Thadeu vacilla, treme, salta ao burrico, crava os acicates e galopa, galopa, tartamudeando admirado:

—Virgem santa! Esta mulher é feliz... Como é que ella anda a fazer reza pra mim?... E cacareja o *Credo em Deus Padre*.

Um silvo agudissimo retalhou o seio da noite. E, num esquiado rapido, fozoso, approximase, apavorante e macabro.

Thadeu olha d'aqui, olha d'alli... Nada... Nada...

Espicaça o *Bigode Louro*, derreia-se para traz, estica, sacode aos murros o cabresto, e o animal empina, pula, esconceia.

—Minha Virgem da Conceição, meu Nosso Senhor, que será de mim hoje, meu Deus do céu, balbucia, lavado em bagas de suor frio.

Pela encruzilhada do caminho um vulto surge, montado, negro, á redea solta, offegante, esbaforido.

—O' amigo, espere!

—Ai minha Nossa Senhora, é o espirito mau que ahi vem, é o cão, é o diabo! Como hade ser, minha Mãe do céu! articula com as mãos cruzadas sobre o peito, os olhos doridos para o céu calmo e azul, cheios de invocação.

Lépidio, desnuda a inseparavel e comprida faca, que rebrilha um instante, e fica immovel, firme como uma estatua de bronze, esperando o sinistro encontro.

Mas de repente deixa a correr desabridamente, aos galões, e entranha-se pela escuridão espessa, calcando aos pés os galhos tortos:

—Valha-me Nossa Senhora do Socorro! Te esconjuro, espirito mau!

—O' Thadeu! espera, homem!

—Te esconjuro!

O vulto negro, que surgia pela encruzilhada, cabeceou tristemente:

—O rapaz está doído, está doído. Mas é preciso que o não abandone; som os amigos, isto é que é.

E escancellou a boca, trovejando:



D. Luiz de Brito—Bispo de Olinda





**A' sua saude**



—O Thadeu! O' hon em!

Amarra o animal num tronco grosso de uma mangueira viçosa, e, resolutamente, rasgando-se a severa malta, com o Velludo, o cão negro, que ziguezagueando ia, ora à frente, ora atrás, parando aqui, bafejando o solo, ali latando, como se procurasse a pista do foragido.

Aí vem o trillar frenético dos insectos...

Espera... Nada... Nada...

O cãozinho fareja sorrateiramente um tronco, outro, espiando, e, de espaço a espaço, erguendo uma das patas trazeiras, urina nos arbustos.

—Ora esta! Eu aqui a pensar num meio para salvar o compadre, e em me lembrar...

E erguendo o braço;

—Velludo! Velludo! isco! isco!

O rafeiro despediu-se desabaladamente pela batida que lhe indicara o dono.

—Isco! isco! bradava ele atrás do poleiro, que ia uivando, ganiu, deses, aradamente.

De chofre, o rafeiro, a língua esquecida a um canto da boca aberta, volta, e, arquejante, investe, recua, ladra.

—Eh! diabo! Eh! bicho!

Sob um coqueiro phosphoreavam dois pontos negros, como duas pequeninas estrelas perdidas pela escuridão da noite.

A ferahistericamente uiva, mostrando as incisivas presas, encorcorava-se e vae a investir, quando Velludo salta ao lado e lhe trinca o rabo ourigado. Ambos se desfilam pelos matos abstrusos, o podengo à frente, caracolando, sumindo-se aqui, aparecendo acolá, ladrando, escarnecendo da raiva bruta do inimigo, que brame espumoso, feroz, atreador.

De cima do coqueiro ama voz quasi imperceptível, medrosa: —Virgem Nossa Senhora do Livramento! Outra vez o Sujo, outra vez! Em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo, te esconjuro, espirito perseguidor!

—O' Thadeu! Desce d'ahi, homem! Ora p'ra que pode dar uma creatura! Desce d'ahi!

—Te esconjuro! Te esconjuro!

—Olha lá, homem, que eu não sou nenhum demonio p'ra você me esconjurar, assim! Você não me conhece? Sou Benedicto, seu compadre, de lá de cima.

—Olhe lá! Eu desço, mas é em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo!

Ligeiramente, deslizando-se de alto abaixo, Thadeu encarou-o, apopletico:

—Tu?! Tu?! Benedicto?!

—Olá se sou. Eu, sim. Então? Homem, parecez deido. Que é isto?

Thadeu, serenamente:

—Ah! rapaz! quasi que me matas... Com a brêca!

—Tu é que és o culpado, mas o que lá vae, lá vae; dá-me a tua faca e tira uma forquilha ali nos matos.

Thadeu, num pulo, some-se e reaparece:

—Prompto!

—Vamos matar a bicha: espera, é já...

E, erguendo a voz, trovejou:

—Eh! Velludo! Ecó! Ecó!

A principio... nada! Depois um leve arfallo longinquo, mais perto, mais perto, até que uma cabecinha negra surge, volta, ladra. Um galope, pesado e desenechado, fortes estalidos de galhos, e... uma canguçu enorme, negra, estaca, uiva, arqueia-se...

Nim relance, a mão certa de Benedicto embebe-se-lhe na barriga elastica, um baque pesado e estatela-a!

—Que bichão, compadre, que bichão! exclama Thadeu, vazando com a ponta da faca os olhos da canguçu agonizante. O Velludo avidamente mergulha o focinho pelo rasgo, que fizera Benedicto no ventre do monstro, e retira os intestinos, estendendo-os por terra.

—Mas, como eu ia dizendo, fala Thadeu, pondo-se em marcha, quasi que me matas, homem.

—Porque?

—Ora, tu sabes o que é matar, e começa a gritar ali feito um damnado...

—Ora, seu compadre, deixa-se lá de cousas; nem parece que você é homem; pois então você cre mesmo nessas historias de matar?

Eu creio, sim, porque não hei de crê? Você não cre?

—Lá nada, homem. O diabo que me leve uma perna, se eu creio nisto...

—Deixa d'isso, Benedicto, deixa d'isso, tá-bom! Cruzes! Olha que ain lá nos pode acontecer alguma coisa... Puxa outra conversa,



MANAUS—PONTE DA CACHOEIRINHA

Benedicto estava uma gargalhada histérica.

—Qual, rapaz, tu, tu mesmo! Hum, hum!...

Insectos crivavam a noite de um zôzua finissimo, irritante.

Renhidamente os gallos coalhavam a solidão com os seus cantos estridulos, sonoros e tristonhos.

O grupo, de volta, conservava-se melancolico, talvez tocado pela harmonia comunicativa das vozes que povoam a mata.

Os dois, Thadeu e Benedicto, um adeante, outro atrás, começaram a assobiar distrahidamente.

Thadeu varias vezes ia a falar, mas interrompia-se. Até que se resolveu:

—O' Benedicto...

—Hein?

—E o Bigode Louro!

—Está lá...

—E o teu?

—Thadeu, todos os dois estão lá; homem você só parece que já está a pensar na sujeita...

—Sae d'ahi; queres saber em que estou pensando? Não queria dizer a ninguém, mas como entre amigos não deve haver segredo...

—Decerto... decerto... Você bem sabe que eu lhe conto sempre os meus. Mas então que ha?

—Estou com vontade de ir p'ra cidade; esta vida de campo é boa, não nego, mas tem muito feitiço, rezam p'ra gente uma porção de cousas... De um dia para outro o feitiço pega, e ali está... Você não acha?

—Lá isso é verdade...

Calaram-se. Haviam chegado ao lugar d'onde Thadeu abalara. Montaram e foram por muito tempo pelo estreito e sombrio caminho da grande mata.

Numa encruzilhada...

—Bem, Thadeu, até amanhã, se Deus quizer.

—Ate hoje... amanhã está p'ra vir.

—Você me espera lá em cima no Tabocal?

—Como não espero? Apareça para conversarmos. Você agora está-se vendendo caro já, não visita mais os amigos... Que é isso?

—Não, não é nada, é por causa da roça...

—Ah! Dá a benção ao Totó.

Despediram-se.

Thadeu atravessava um lago de aguas mortas, onde festivamente se derramavam as enredilhadas sombras dos arvoredos imotos e florentes, quando ouviu ao longe, apaixonadamente:

—Thadeu, quando tu fôres,

Previne meu coração,

Quero pedir por ti

A' Virgem da Conceição

O sangue gelou-se-lhe nas veias, e todos os seus nervos se friaram em fluido. Ficou absorto, com os grandes olhos abertos, cravados no chão, febrilmente beijando o beirão, que sempre trazia ao pescoço, por via dos maus-olhos.

Assim ficou parado por longo tempo, se u resolver se se gairia







## O movimento bibliográfico

sações pelo espaço de 13 annos; os juros da dívida e os das garantias de juros pelo período de tres annos, a partir de 1 de julho proximo, não serão pagos em numerario, recebendo os credores titulos ao par, a juros de 1/2 % ao anno, pagaveis em dinheiro e trimestralmente; o equivalente, em ouro, dos juros da dívida e das garantias será, a partir do primeiro de janeiro do anno proximo, depositado ao cambio de 18 dinheiros, em papel, destinando-se ou ao resgate do papel moeda ou, melhorando o cambio, para a compra de cambias, que serão remetidas para Londres, a fim de constituirem um fundo metallico, que apressará o restabelecimento dos nossos pagamentos, no exterior, em especie; os novos titulos serão resgataveis em 63 annos, a 1/2 % ao anno, a partir de 1911 em diante». O dr. Joaquim Martinho, na introdução do seu primeiro relatório do ministerio da fazenda, em 1893, apreciando esta combinação, exprime-se da seguinte maneira: «Não é misterio para ninguém que, antes de 1889, uma parte mais ou menos importante de diversos empréstimos externos foi destinada ao serviço dos juros vendidos de dividas já existentes. Este facto foi-se accentuando cada vez mais, de sorte que os ultimos empréstimos externos no regimen republicano foram quase completamente absorvidos no pagamento de juros de dividas exterior. A unica differença entre esse facto e o que se dá no accordo de 15 de junho é que neste o empréstimo, para pagamento dos juros da dívida externa e garantia de estradas de ferro durante tres annos, foi feito pelos mesmos credores a quem era devido o pagamento desses juros, ao passo que em outras epochas os novos empréstimos foram tomados por pessoas diversas. O facto financeiro essencial nesta questão é o pagamento de uma dívida com os recursos obtidos por um novo empréstimo. Esse facto essencial existe entre nós, ha muitos annos; o facto accidental é ser o empréstimo feito pelos mesmos credores dos juros vencidos: isso é o que se deu de especial no accordo de 15 de junho. Já não é pouco obter uma conciliação entre credores, — pedindo-lhes mais dinheiro! E o prestigio do sr. Prudente de Moraes logrou essa, aliás forçada, conciliação. Os desastros atrozados obrigavam o Brazil a esta airosa saída. Depois de pacificar o Rio Grande do Sul, de extinguir as desastrosas rebeliões dos clubes e escolas militares, de suffocar a revolta de Canudos, illaqueado por uma dolorosa enfermidade e tendo escapado a um attentado selvagem — o dr. Prudente de Moraes, estabelecendo as contribuições do sello e do consumo, para assim preservar as finanças brasileiras do risco a que as sujeitava uma só tributação — a alfândega, lembrou-lhe o imposto em ouro para a importação e a inauguração dos hotéis e restaurants, entregou ao criterio e á firmeza do novo presidente e dos seus secretarios a viabilização do *funding loan*. Despediu-se do poder, confiando na absoluta reabilitação economica e financeira da Republica, conforme o assignaram estas palavras da sua mensagem de 1889: «Inesperados contratempos affligiram a lavoura e o commercio, agravando a situação, que já reclamava cuidados especiais; mas a propria agudeza da crise terminou os seus terminos e as energias que ella despertou trouxeram a desejada reabilitação. — Forçoso, indispensavel é agir decisivamente, já preparando a nossa regeneração economica, como base segura para boas finanças, já recorrendo ás providencias da occasião applicaveis ao momento critico que opprime a Nação». E mais abaixo terminava: «Está, portanto, consolidado o Governo Civil da Republica e sente-se que todos anseiam pelo desenvolvimento das forças da Nação, que uma serie de desastres havia atrofiado. Firma-se o credito publico. Com o accordo de 15 de junho foi encontrada, já o dissestes, a chave para a solução da crise financeira. No exterior melhora a cotação dos nossos titulos; no paiz a taxa cambial assestou-se e denuncia o renascimento da confiança». O dr. Campos Salles, respondendo, asseverou: «Em um documento, que veio a ter larga publicidade, empunhou a responsabilidade do meu governo — na fiel execução do accordo financeiro celebrado em Londres. Mais do que a minha responsabilidade, — está nisso empenhada a propria honra nacional».

Parece-nos sufficientemente elucidado o caso do *funding loan*, que a muita gente ainda hoje causa engalhos, apesar de já ter expirado o prazo da sua duração. Patenteamos igualmente a sua franca assenção pelo dr. Campos Salles e pelo seu ministro da fazenda. Relance-se nos agora os actos decorrentes da sua applicação, as praticas seguras na sua execução. Uma das clausulas daquelle tratado mandava a incineração ou o deposito do equivalente, em ouro, dos juros da dívida e das garantias de estradas de ferro, ao arbitrio do congresso. Este preferiu a primeira das hypothèses. E ali começaram as desavengas! Tudo proveiu de se dividirem as opiniões, considerando uns a crise monetaria pelo prisma restrictivamente financeiro e outros pela face basicamente economica. O dr. Joaquim Martinho, a principio, quase se confinou naquella conspecto, cujo alcance positivo verificou mais tarde, ao passo que outros puzeram immediatamente o dedo na ferida, porquanto a desorganização da economia nacional.

— A seguir, .

FRAN PAXICO.

Gomes Leal, FIM DE UM MUNDO, *Satiras modernas*. — Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores, 1900. — Deste livro excepcional, apesar de ser dedicado ao sr. Campos Salles, ou talvez por isso mesmo, rarissimos jornaes deram conta no Brazil. E' que as simpaticas gazetas orçam pelos perspicazes livreiros: guardam aquellas os volumes nas gavetas, como estes os escondem nos armazens. Talvez tenham razão: os jornaes fazem-se com o interessante noticiario policial ou transcrições boletins e as livrarias enriquecem a vender canetas ou a *princeza Magalona*. Tudo harmonico e condizente, como védes.

E, no entanto, uma obra de Gomes Leal, qualquer que ella fosse, devia merecer ás folhas mais attenção do que uma facada e aos srs. negociantes de livros mais carinho do que os seus aparos baratos. Porque o autor d'O Anti-Cristo, se não é o maior, é um dos maiores poetas que a literatura da lingua portugueza tem produzido. Um livro seu representa sempre um acontecimento espirital de primeira ordem, — um successo raro, que não gosamos todos os mezes.

O fim de um mundo comporta 432 paginas chelas. Nelle se reúnem, com particular acerto, porque deste modo se favorece o juizo da critica vindoura, todas as satiras té aqui publicadas pelo poeta das *Claridades do Sul*. E' de arte mais segura a opinião que se houver de formular desta circunvolução da intellectualidade poderosa de Gomes Leal, porque nos apparece conglobada a formidavel acção do rubro panfletario. Podemos não concordar com as especiosas divisões geraes do livro, metendo, por exemplo, no *Processo da corrupção*, as *Caricaturas a cargo*, na maioria deslocadas nesta collectanea de satiras. Prescindiríamos em absoluto dessas tres categorias e não arrancariamos composições algumas ás *Claridades*, volume de estréia, nem tampouco a *O Anti-Cristo*, como fez o extraordinario satirico. Relegariamos para outra obra igualmente uma bella traducção que aqui vem e dariamos, enfim, uma disposição mais chronologica e, se tolerarmos o termo, mais doutrina ria a tola o *Fim de um mundo*, exactamente para manter a *unidade do assunto*, em que fala o nosso eminente amigo.

Mas tudo isto pouco ou nada significa perante a enfiatura do protesto e a esbelteza das estrofas de Gomes Leal. O estro judaico da Guerra Junqueiro estridula talvez com mais elanor. O cantor da *Historia de Jesus*, porém, é mil vezes mais original e mais bizarro, mais exquisto no seu misterio, mais coerente na sua negação. Ambos, como incorrigiveis metallicos, repugnam ao nosso positivo paladar estetico. Persistem destructivos, quando a é a que o poeta moderno reivindicou a sua antiga curul de profeta constructivo. Parece que a Poesia se desaparece deste alvoutora plenissimo na sua orbita, ceitando o campo ao Romantico. Enquanto aquella destrói, este reconstrói. Daí a sua patente subalterna. Daí a frieza com que os melhores versos são acolhidos e romances mediotres são acclamados. Hugo, hoje, ao lado de Zola, Sienkiewicz, Tolstoi, Anatole, Teixeira de Queiroz, teria apenas a mais banal das consagrações — a de Rostand, eleito socio da Academia. E' que os bardos porlam na caga dum Deus bom, dum ideal flóbil, e os romancistas descuram a Humanidade. E, expõe os grandes temas reaes, apontam o caminho a calcarrear, por intuições sublimes. Sonham aquelles com a Perfeição, tratam estes de Aperfeiçoamento. O que, sem daviá, é mais humano e social.

Configura-se-nos e ta a verdadeira Estetica. E foi Comte quem a delineou primeiramente. Nessa quinta parte do 1.º volume do *Sistema de politica positiva* se abeberaram, desnaturando-o algo, Zola, Tolstoi, Nietzsche e ainda ha pouco os irmãos Marguerites. Em semelhante subterfugio escorrega tambem Gomes Leal, que pretende seguir o programma positivista, — o qual não nega, nem afirma Deus, por lhe parecer isso extremamente ocioso, — ao fazer a sua adesão ao barbudo Jová, que já deve suar com a sobregaga de tantas penitencias da ultima hora... Pode agora o excelso poeta morrer em paz, porque, se não fór para o ceu, decerto desabarão no parazo. E, assim tranqullo, de corpo e alma, opimo seria que nos brindasse com *A mulher de Iago*, sociosamente aguardada pelos que lhe admiram o condão genial.

Gomes Leal, sendo um poeta originalissimo, cheio de recursos, com uma illustração filosofica muito apreciavel, não usou, com magoa o dizemos, a popularidade que outros, de muito menor valor, gosam largamente. No Brazil, principalmente, o seu renome é limitado, quando Junqueiro, que somente lhe é superior na plasticidade, e na sua discussão. E todavia o lirico a *Historia de Jesus* não encontra na lingua portugueza, actua, mais competidores.

Muitas graças pela gentilissima oferta.



*Eça de Queiroz*. A CIDADE E AS SERRAS, A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES, AS CARTAS DE FRADIQUE MENDES. Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores. —Que viemos nós dizer depois da apoteose feita ao ingente romancista após a sua morte? Não fora o termos de agradecer aos editores, esses infelizes Lellos, que tanto não levantado a editoração portuguesa, em lugar de peijarem as suas prateleiras com versos detestáveis, a pedir palmatória e cadeia, como praticam a maior parte dos seus colegas,—e calar-nos-íamos. Mas a civilidade marca praxes intransgressíveis. E, assim como ordena que toda a carta em resposta, assim preceitua que todo o oferecimento dum livro puxa uma notícia, boa ou pessima.

Eça de Queiroz, como todas as personalidades marcantes, de raia definida, espalhou por este mundo afora fanaticos da sua maneira e detractores do seu processo. E' mais velho isto do que a propria invenção do Padre Eterno. Toda a individualidade invulgar atrai adversarios, uns por principios, outros por emulação, no sentido restricto. Nesta classe capitularemos o atribulario artigo do primoroso contista d'O pai das uvas. Isso passou em julgado, todavia: foi vasado na pia attinente a taes secreções.

De todos os panegiricos e de todos os ataques, é de justiça diz-lo, só conhecemos por ora uma critica da Obra de Eça—é a que se lê no fortissimo livro *As modernas idéas na literatura portugueza*, de Teófilo Braga. Tudo o mais é de amigos e inimigos. Eça é ali proclamado um romancista genial. Tanto basta para que qualquer outra apreciação emmudeça, por se exhibir redundante! Mas, fazendo uma concessão aos discólos, que só supuraram em Portugal, dois ou tres, pois Eça de Queiroz é no Brazil um idolo indiscutível, nesmo que se lhe possa condemnar o não haver trazido para a tábua do romance a missão social do artista ho-lierno, o que aliás passou em claro á tacanha visão critica de Fialho, o certissimo é que na terra de Francisco Manuel de Mello e Camillo nunca houve um humorista dos recursos de Eça, nem tão cedo surgirá um instru-

mentista da prosa com a sua gallardia. E impertinencia é até o compararem o joven Carlos Malheiro ao rutillo colorista, dando-o como seu herdeiro, quando o novellista do *Filho das bruxas*, se de alguém descende, é do admiravel artista-philosofo d'A cidade em Lisboa.

Vertessem Eça para francez legivel, porque já o traduziram em macarronico, e a sua carreira não seria inferior a das sumidades que Paris de vez em quando glorifica, para se arrependder quase sempre no dia seguinte. O crime do padre Amaro ou O primo Basilio bem reclamam essa manifestação. E atraz d'esses iria o resto—e em especial os seus esplendidos Contos, que urge colleccionar e atirar ao mercado, separando para as *Prosas barbas* os primitivos, como essas *Singularidades de uma rapariga louca*, que continuam a correr sem data, por desidia de fanqueiros de livraria.

Os seus tres livros póstumos, no cabecalho encimados, assinalam visivelmente uma evolução sentimental de Eça. Me mo nas *Cartas de Fradique* se patenteia esse amor ao beijo agora provado em caricias, quando antes se exaltava em fercadas. A mediocridade não percebe que o satirico é, afinal, quem mais ama as cousas de que cuida, pondo no seu combate o genallão da melioria, quando ella é viavel, ou o desdem do desinfectador, quando não ha panacéa que triunfe. Ora Eça não podia descer da Patria,—não podia pensar que ella morresse... Quem tem resistido ao microbio mais devastador—os Bragancas—certamente vencerá outros parasitas. E' questão de oportunidade.

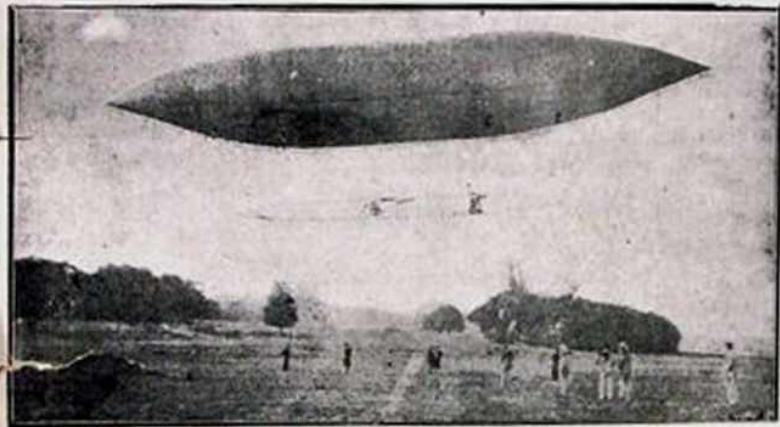
Concluindo:—Se Eça, e mo Humorista, é o primeiro da lingua portugueza, como Pensador, tal qual se revela n'as *cartas de Fradique Mendes*, não devemos equiparalo aos nossos publicistas de nomeada. Esses capitulos são trechos de romance, sob uma capa sisuda,—não são leubrações. Faltou-lhe, como philosofo, o que em certo grau teve no Romance—a sistematização do bom senso, qualidade em que Comte diz consistir a verdadeira filosofia.

Teófilo Braga, A PSICOSE DO FAUSTO, poemeto. Coimbra, Livraria Portugueza, 1.01. EÇA DE QUEIROZ E A SUA OBRA, conferencia. Lisboa. Tip. Lusitana de Arthur Brandão, 1901.—Teve o preclaro Mestre a summa gentileza de nos enviar estas suas ultimas produções. A *psicose do Fausto* é um delizioso poemeto, onde perpassam as mais variegadas e delicadas nuances. A alguns ha de parecer que Teófilo satirifica ás vezes a belleza da expressão á inteireza da concepção. Mas, ponderando-se que a idéa é que faz se-livivar a palavra, e não esta aquella, ha de fatalmente concluir-se que a synthese se superiorisa á forma. Na conjuncção suprema d'estes componentes repousa, na verdade, a grandza da bellestística. E esse desiderato cessa que o precisamente o assonhroso poeta da *Visão dos Tempos*, em todas as suas composições. Muitos exigem da poesia adjectivos e zumbidos. Nós contentamo-nos espiritualmente com impressões cantantes e sugestões radicaveis. E nenhum poeta no-las dá com mais profusão e vigor do que o criador de uma literatura, com a *Visão dos Tempos*, no dizer de Oliveira Martins.

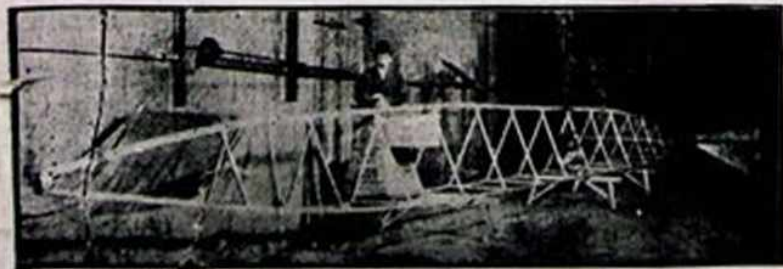
*Eça de Queiroz e a sua Obra* é o traslado ligeiro da conferencia que Teófilo Braga realizou no salão da Academia das Sciencias, em Lisboa, por occasião da festa que os estudantes portuguezes promoveram em seguida ao fallecimento do conpanheiro inesquecível de Ramalho Ortigão. Quem não teve ainda ensejo de compulsar *As modernas idéas na literatura portugueza*, essa Biblia dos novos de Portugal e Brazil, onde vem o unico julgamento imparcial de Eça, avisadamente andará em adquirir este synthetico estudo, no qual se acham concatenados os mais lucidos traços sobre os escritos ecanicos.

E' interessante constatar, com o testemunho de Jaime Cortalha Reis, vindo no *In Memoriam*, e aqui reproduzido, que o admiravel romancista se unia, com o Ramalho Ortigão, no positivismo. Mas, ao passo que o possante critico de costumes divulgava a sua orientação filosofica, tomoula apenas no criterio estreito do estudo litterário. Eça procurava esconder este seu norte sadio, que se pulpa nas suas melhores paginas.

FRAN PAXICO.



Balão dirigível de Santos Dumont, por cima de Longchamp, em Paris, a 12 de Julho de 1901



Arquitectura do balão de Santos Dumont



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Outubro de 1901

NUM. 3



Dr. Augusto Montenegro

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ



## O oraculo de Minerva

Ao templo de Minerva, certo dia,  
Foi um mancebo pela Dór levado,  
Consultar um oraculo sagrado  
Da deusa eterna da Sabedoria.

Era elle uma alma triste e lacrimosa.  
Na sua fronte pallida e sombria  
Desenhavam-se as rugas d'agonia  
De uma longa existencia dolorosa.

Tão joven e tão cedo torturado  
Pela Desgraça, a Dór, o Desengano...  
Como si todo o soffrimento humano  
Se fundisse em tal sér desventurado.

Era da sorte uma ironia dura  
A mocidade dessa pobre alma;  
Os ardores do moço a dór acalma,  
E elle velho parece na tortura.

Como um demente que desperta dó  
Passa na vida solitario e triste,  
Uma unica ventura não lhe assiste,  
Nem um consolo ao seu viver tão só.

No entanto uma esperanza inda o acalenta:  
A filha do grão Zeus que o raio manda,  
Talvez lhe troque a vida miseranda  
Por existencia esplendida e opulenta

Será feliz um dia. O soffrimento  
Não mais lhe pezará n'alma dorida,  
Renascerá para uma nova vida,  
Sem magoas, sem pezar, sem desalento.

E assim, pela esperanza acalentado,  
O moço a quem a Dór envelhecera,  
Num instante voltou á primavera  
Dos sonhos ideaes que havia sonhado.

Transpondo o umbral do grande templo augusto,  
Onde a Pallas olympica assistia,  
Orou á deusa, que no altar sorria,  
Orou com fé, sem duvidas nem susto.

Cansado de soffrer, elle pedia  
Allivio ás suas magoas tão amargas,  
Que n'alma lhe moravam como cargas  
De castigos que a sorte lhe infligia.

Toda a miseria humana padecera  
Em tão bem curtos annos de existencia.  
Da taça do pezar a ultima essencia  
Elle esgotára. E a Dór nunca cedera!

Depois de tão asperrima desgraça,  
Achar o coração um doce abrigo,  
Que o liber e do Mal, desse castigo  
Perenne em que sua existencia passa,

Eis tudo o que elle, credulo, esperava  
E a suprema bondade de Minerva,  
E com fevor orando se conserva,  
E o quanto Athene placida escutava.

Depois de ouvil-o, a deusa austera e calma,  
Fixando o olhar no olhar do desgraçado,  
Disse: «Soffrer é o teu eterno fado.  
«Buscas debalde allivio a tua alma.

«Só para a Dór nasceste. Está escripto  
«No livro dos oraculos do templo  
«Que servirás no mundo para exemplo  
«De quanto pode um homem ser maldito.

«Volta á Tristeza, á Dór donde vieste,  
«Pensando asylo achar nos meus altares.  
«Sejam tantos os males que passares  
«Que soffrer mais nenhum emfim te reste.»

E o mancebo voltou ao mal antigo,  
Mil vezes mais cruel que dantes era;  
Voltou, morta a sua ultima chimera  
Dentro do coração—feliz jazigo.

Tal como o pobre moço desgraçado,  
Eu tambem pela vida caminhava  
Buscando allivios á minh'alma escrava  
De um triste, negro e miserando fado,

Até que um dia acode-me á lembrança  
Ir encontral-os na mansão querida,  
A's vezes entre as magoas presentida  
Com suave e dulcida esperanza.

Fui. Era um templo grande, era um colosso  
De Arte, onde Amor celebra noite e dia  
Os sonhos da mais bella fantasia,  
Os ideaes do coração do moço.

Entrei. Pedi ventura ao Deus-Eterno,  
Mas como esse mancebo desgraçado,  
Do templo de Minerva regeitado,  
Puscou em vão consolo ao seu inferno,

Minh'alma, que a Paixão tanto exaltára,  
Do seu templo voltou desilludida,  
E arrasta numa vida não vivida,  
O cadaver do amor com que sonhára.

Do *Liero de Laide*.

REIS CARVALHO.

(Oscar d'Alca)

## Sceptico

Myrrhas, num refrain tristonho, subiam lethalizando o soturno  
e merencorio Adyto. Errantes, dolorosamente errantes, vagava-  
vam filtros venenosos, vozes sepulcraes, avassalando, em ryth-  
mos cabalísticos, num escaninho horrivel, a torva impressão do  
sensibilizado Athen.

Imagens funambuladas, luzindo á parca Luz an ortecida, zigzag-  
gueante, do vasto e cavernoso Consistorio, passavam, perpassa-  
vam, desdenhosamente rindo, numa alegria louca, tremenda. An-  
jos do Ethern enfaixados nos santos thuribulos do Incognoscivel.  
E dos reconditos nichos funereos, espectralmente collocados, pes-  
ces mudos evolviam-se, enquanto a Myrrha, num refrain tris-  
tonho, subia...

O Athu parou em meio do vasto e vil scenario da mansão da  
orgiaca mentira. Psalmodeou canções de respeito e de amor e na  
doirada Harpa do Sonho dedilhou a grande e innumeravel paixão.  
O seu Espirito convulsionado, num delirio nervoso, quedou-se an-



te Ella e como que todo o seu Ser retemperado na longa meditação, fortificado na esplendorosa villegiatura científica, desfalleceu! A espinha servilmente se dobrou e o seu cérebro, onde em Catalogo se estentavam as grandes lições dos sábios, vacillou na agonia fatal do Desejo. E da sua Cupula torturada, mysteriosa e melancolizada paixão, encastellada em sublimes harmonias de luxuria, sylphos e canticos, od's evangelicas de lagrimas, olympicos poemas foram-se pelo escuro tunnel da Vida, alargando-se, confusão-se, no horror do supplicio eterno!

Symbolos e moldes consagrados, na santa religiosidade satanica, na torpe postura forçada, cantarolavam, bandolizando as dores dos infernaes martyrios.

Uma Elegia negra, cheia da excelsa pompa do oriente, cruel, gibrando o Desespero, dobrando a finados num Requiem de Desvoto, desfaldava aos magoados olhos do Vencido o grandioso Missal da Tristeza, deixando o inferno na tragica symphonia da Alma genuflexa.

A Hydra passou, oscillando, na grandeza do luxo, tantalizando cynicamente o transfigurado Atheu, o convencido Sceptico. E todos os symbolos e moldes consagrados desceram, rodearam-no e, mefistofelicanamente, entocaram a ballada biblica do augusto sonho. Ao largo, vagarosamente, severas Deusas, com clamydes sonoras, sombriamente exorcizantes, compunham leviathanicos choroas de despedida e de conquista. E Elle o Predestinado, tendo os olhos como fogos-fatuos soturnos, estarecido, na nevrose da Arte e da Inconsciencia, immovel, ante os espiritos satanicos, allucina-do ante os macabros bamboleos dos Mythos, na sua imaginação morbida, deixou-se levar pela idealização do seu Espirito abatido e fraco.

Mas, brusca, lesta, como um clarão, a Sciencia volveu ás cellulas. Cada uma gagueou o seu repartimento, redemoinhando, brilhante, demonstrando, na santa religiosidade das cousas reaes, o sonho do Atheu, que duvidára um momento, Elle, o forte, o sabio... E, como quem despertava duma longa lethargia, Elle, aureolado, desfolhou os grandes tomos Spencerianos e Darwinianos e num longo suspiro de paz e de amor, no santo aconchego do lar, radiante, foi biologicamente explicando os fenomenos da extensa especie humana.

O seu cerebro forte e cultivado triunfava, ante a vacillação nervosa do organismo depauperado. E a Sciencia, robustecida nos seus argumentos, luciolada no pedestal egrejo da demonstração dos fenomenos, vencera a vergonhosa e falsa pompa dos Espiritos trevosos!

A Sciencia, sempre o solido edificio do progresso, picareteára a ignorancia burlesca dos Fracos!

FRANCISCO SERA.

## O mal das theorias

No meio de tanto progresso e tanto trabalho, existe ou não um mal latente, um descontentamento geral na humanidade? Existe. E disso muitas causas se apresentam, umas sem razão de ser, outras sem plausibilidade, todas, porém, demonstrando que a doença é grave e que o remedio se busca. Com fraco gosto para medico me confesso; no entanto, sem haver ainda descoberto tizana eficaz, julgo poder apontar uma das maiores causas da enfermidade humana na actualidade—as theorias.

Não são as theorias em si que produzem o mal, pois que da lucta das idéas sempre nasce alguma coisa util. O mal da nossa epoca é a desorientação da intelligencia, o direito que cada um se arroga de emitir theorias novas e, o que é mais e peor, de querer que os outros lh'as aceitem! O povo, a decantada maioria, vae quasi sempre pelo peor e a orientação das massas regula por aqueles gritos com que Ibsen encheu o terceiro acto do *Inimigo do Povo*. No meio de uma avalanche de novas theorias, que se apresentam, não como taes, mas como dogmas, os sábios não sabem extrahir a media, quanto mais o povo; o absolutista ou o anarchista, o republicano ou o socialista, por exemplo, acham no Evangelho montões de sentenças e versiculos que justificam as suas respectivas idéas. Qual o defeito de uns e de outros? E' que numa obra, de arte ou de sciencia, de moral ou de politica, o fim a que mirou o autor não se pode attingir sem pórmos de banda preconceitos e reservas e sem, assim apparelhados, extrahirmos a media de todos os modos de ver que acabamos de examinar.

O que se diz para o Evangelho applica-se a todas as idéas, a todas as manifestações modernas da intelligencia. Mas o mal n'este sentido é a falta de digestão, a chylificação incompleta do que se estuda, com a forte desgraca de não sermos ruminantes intellectualmente... Tantas muséus e exposições de arte, tantas academias e congressos de sciencia, tantas ligas e associações de com-

mercio e industria, tantos artigos de politica e livros de moral, tanto movimento e affan, e que estejamos descontentes! Sim, que o mal não está em trabalhar; está em não se saber para que se trabalha! O mal não está em se atirarem as balas contra alguma coisa que realmente deve destruir-se; o mal está em cada um começar a espingardear para o seu lado, errando o alvo e muitas vezes apontando para os mesmos que o ajudam!

Exalçado como divindade o dinheiro, valendo mais um canhão que a *Juvenia* de Vinci, um deposito de carvão que o Museu do Prado, de Madrid, uma barreira de manteiga que a *Conceição* de Murillo, a epoca hoje despiu-se de todos os idealismos! A como está o cambio entre tal e tal paiz, com todos os millesimos estudados e fixos? Não ha ninguém que o não saiba de cór. Qual é a primeira obra de Velasquez? Mas isto é desprezível para o nosso tempo!

O romance de hoje reduziu-se a um serviço de reportagem; a pintura a imitações, quando é boa, á scenographia, quando é original; a escultura a abortos e a classicismos deslocados; a architectura a construir grandes caixotes, chamados casas, com um certo numero de buracos, chamados janellas; de poesia não falo, que é coisa que hoje não ha, senão quando uns homens de olheiras fundas e intitulado-se degenerados e malucos escrevem versos, a trocar com a humanidade! A cathedral, a antiga universidade, as grandes abchadas e torres, os castellos e solares, são actualmente coisas irrisorias; para grandeza, temos a estação de caminho de ferro, para belleza, o *chalet* das praias de banhos! Qualquer architecto estampa o seu nome em todas as pedrarias e tijolos de uma casinhola de coelhos e os grandes constructores de cathedraes na idade media ficara anonymos, porque anonymo era o sentimento que os inspirava—hoje não ha o sentimento anonymo, ha o de cada um; por isso não se levantam obras amassadas com um pouco do coração de todos! E para que construir bons edificios? Quem os quer admirar, deita-se até á Hespanha ou Italia! Sim, porque o cambio, a gare, o cosmopolitismo, tornaram-se um dos factores da falta de ideal.

Porque é que não se fabricam hoje os moveis do Imperio? Porque não vemos a gondola de Maria Antonieta? E' porque não existem artistas capazes de os produzir? Não. E' porque não existe quem seja capaz de os comprar. O gosto actual é a amalgama de tudo quanto era... feio antigamente! Estamos na epoca das colleções das hugangas, dos sellos e dos bilhetes postaes com bonicagem! Em musica, falou-se muito em evoluções e revoluções e afinal a ultima opera de Massenet veio a cair na romanza e na aria italiana e os intelligentes viram que os compositores modernos não valiam metade de Bizet, Haydn ou Gluck!

O artista foi grande, quando não havia theorias, porque, em vez de se prender com preconceitos de escola ou criticas de jornaes, só se preocupava com a interpretação do sentimento de todos, o grande motor anonymo das verdadeiras obras de arte! O artista foi grande quando seguiu a orientação da sua epoca e hoje não a segue, porque as theorias quebraram em estilhaços a maior parte das orientações! Espadachim ou cortezão, guerreiro ou fanático, patriota ou mystico, o artista de outrora incarnou na sua obra algum caracter da epoca em que viveu. Velasquez pintando os retratos dos despoticos reis de Hespanha ou Zurbaran pintando os seus extraordinarios monges ascetas, Camões empunhando a espada em Africa ou Tasso rezando num claustro, Lope de Vega navegando na Armada Invencível ou Cervantes perdendo um braço em Lepanto, podiam ter defeitos, mas eram alguma coisa, nobre e immortal, da sua epoca: marcaram alguma synthese. Hoje não se marcam syntheses; a analyse de factos particulares e exóticos é o assumpto das principaes obras de arte; trabalha-se em arte segundo a opinião de cada um e o almofariz da critica só possui theorias para moer e repisar.

Porque nos sentimos pequenos na cathedral de Colonia ou no castello de Versailles? Porque pasmamos, não só diante da qualidade do ouro antigo, mas diante dos bordados e paramentos dos objectos de luxo ou de culto? Porque se vendem fabulosamente tapetes antigos e azulejos, moveis, desenhos, illuminuras? Porque não se executam hoje as bellas obras de ouro ou marfim, como antigamente? Por uma razão simples: tudo isso está deslocado na nossa epoca! Ver uma poltrona de espadar doirado, estofado riquissimo, enfeites e desenhos, borlas e franjas, e sentado nella um homem de sobrecasaca ou capote moderno, é ultracomico! Os reis de França encomendavam leitos de uma riqueza sumptuosa e artistica. Quem se ha deitar hoje nelles? Quem os mandará fazer eguaes?

Fala-se muito na ingratidão dos antigos para com os seus poetas; todavia quasi não houve grande homem em arte que não recebesse pensão; Virgilio recebeu terras do imperador Augusto, como Racine e Corneille receberam tenças de Luiz XIV. Hoje, que a imprensa faz voar pelo mundo todo milhares de exemplo es de uma obra, Verlaime passava a maior parte do anno no hospital, sendo conhecido a maioria dos homens.

Ha pois indubitavelmente uma decadencia manifesta do espirito artistico e isso não pertencera a um ou outro paiz, mas em geral.





### Companhia Manufactura Caxiense

O artista de hoje é também crítico; censura os demais, extrai theorias das suas obras ou executa estas segundo theorias que inventou ou leu algures. Que tratados de esthetica compuzeram Raphael ou Beethoven? O que ha mau em Wagner não provem exactamente do seu espirito theorico? Se Wagner não fora amigo de nenhuma theoria, se as não houvera forjado, as suas operas seriam mais bellas e não nos estafariamos com o dueto do *Tristão e Isolda*, nem elle teria composto o terceiro acto dos *Mestres Cantores* do tamanho de duas horas, só pela theoria de que a opera não deve passar de tres actos. A melhor theoria de arte é a obra do artista.

Um dia Diderot visitava um joven pintor, que lhe mostrava o seu primeiro quadro; Diderot era um bom entendedor de pintura e começou logo a notar na tela todas as bellezas, combinações felizes, intenções profundas, as linhas, as cores, o traço geral, a situação das figuras, tudo. O pintor, embaraçado e commovido diante de tanto elogio de um homem como Diderot, confessou ingenuamente que elle não merecia taes louvores e que mesmo o que havia bom no quadro, isso o compuzera sem pensar nos effeitos que o seu admirador notava.

—Como? diz Diderot. Fez tudo isto sem o pensar? Achou isto sem o procurar? Isso já não é talento, é genio!

Uma das doutrinas mais avançadas da dramaturgia moderna é a peça de thes; todo o drama que não fór o desenvolvimento de uma thes social ou moral, não presta! De forma que a maior parte dos dramaturgos modernos sentam-se á meza e exclamam: —Vou defender esta thes neste drama!

Ora os modernissimos deitaram abaixo a tyrannia da tragedia em cinco actos forçados e outras coisas classicas e caíram numa tyrannia também—o encerramento de uma obra theatral n'uma thes posta de antemão, quando as theses é que se devem deduzir do drama e não o contrario! Eu, por exemplo, esou e mimettendo a assueira de escrever um dramazito, participei a execução do meu trabalho a um amigo de Portugal; pergunta seguida delle:—Qual é a thes?—Mas qual thes! A thes não é nenhuma; eu tentarei arranjar um drama, uma obracinha de arte que seja bonita, honesta e verdadeira; o mais não é comigo! Se envolver theses n'algum escripto meu será como o homem de Moliere que escrevia prosa sem o saber!

Avança-se modernamente que Cervantes quiz representar no *Don Quixote* o *Sancho Pança*. Duas syntheses humanas, que Shakespeare fez outro tanto com tal e tal personagem das suas tragedias. Ora o que é verdade é que as syntheses existem, mas nem Shakespeare nem Cervantes quizeram. Responde a figura de *Don Quixote* a um caracter dominante da humanidade? Responde o avarento *Grandet* de Balzac ou o nihilista do *Germinio* de Zola a tipos geraes? Sim. Os seus autores, porém, vibram num certo meio, commoveram-se estheticamente ao contemplar taes e taes homens, tal e tal aspiração ou phenomeno, e crearam syntheses, sem se prepararem com uma participação annunciadora de trabalho: vou desenvolver isto ou aquillo.

A obra de arte é obra de arte; nasce da commoção do artista e todos os preconceitos e theorias estraga-la-ão. O conde de Tolstoi, com um dos seus romances, creu mais em arte que com o seu desgraçado livro sobre theorias estheticas.

Está bem claro que eu não deo jo ser radicalissimo; admitto á critica, e só a ella, quando é boa, o direito de arranjar theorias, mas segundo as obras de arte e não para as obras de arte. Agora

o artista o que devia, ao principiar qualquer trabalho, em desinfectar-se primeiro... das theorias!

A theoria da investigação, da aprofundação da verdade em toda a sua nudez, isto é, o processo scientifico applicado ás coisas do sentimento foi igualmente umas das causas da actual desorientação artistica. A sciencia! Arrumam-nos hoje com esta palavra para todos os effeitos! Que Buffon e Pascal fossem artistas, sendo homens de sciencia, ou que haja artistas com fundo scientifico, não é a duvida; mas pretender impôr uma qualquer embrulhada theorica, que defenda a arte scientifica, é um cumulo! A arte é arte; precisa ella algumas vezes, quer da tecnologia quer do fundo da sciencia? Be n! Mas obrigar cada um a estudar medicina ou astronomia, aprofundadamente, só para comprehender um romance ou um drama, grande miseria!

Eu não deojo aceitar a proclamação da bancarrota da sciencia feita por Brunetiére; não é, porém, demasiada arrogancia que vão tomando certos homens de sciencia, pelo menos em face da critica de arte? Que diabo! Já se não pode ter um artigo sobre um autor ou sobre um livro, sem que o articulista nos não semeie a sua prosa de formulas algebricas ou praxiões greco-indigestos de medicina! Espanta-vos o *Jardim das Oliveiras*, de Delacroix? Pois qualquer observador, homem de sciencia, é capaz de vos afirmar que Delacroix era um idiota, por e usa de uma saliencia que tinha num pé ou do lado esquerdo da cabeça!

E' que a sciencia considera-se hoje superior a tudo! Ella é a unica manifestação do espirito humano, que se timbra de ter avançado mais que as outras. Vejamos. Eu não contradigo nada não me arrego o direito de nada destruir. No entanto, parece-me que inventar um parafuso em epochas remotas era mil vezes de mais valor que hoje o teléphone; a maravilha não é de se resolverem actualmente os problemas transcendentes de alta mathematica, mas foi o crear a numerção... Que, afinal de contas, já Faraday dizia serem as mathematicas um moinho de café, de onde só se tira o que se deitou antes. Virem-nos gritar que Zola, Ibsen e Tolstoi, homens de uma vida regradissima e de vistas superiores, são degenerados e meio doidos, e isto em nome das losses e não sei que mais!... Quan lo mesmo fesse verdade, para que tirar-nos a illusão com que rodeamos os grand s homens de uma certa aureola de gloria?

O mundo vive de illusão—era proverbio antigo. Hoje o mundo não vive tal da illusão: vive de certeza.

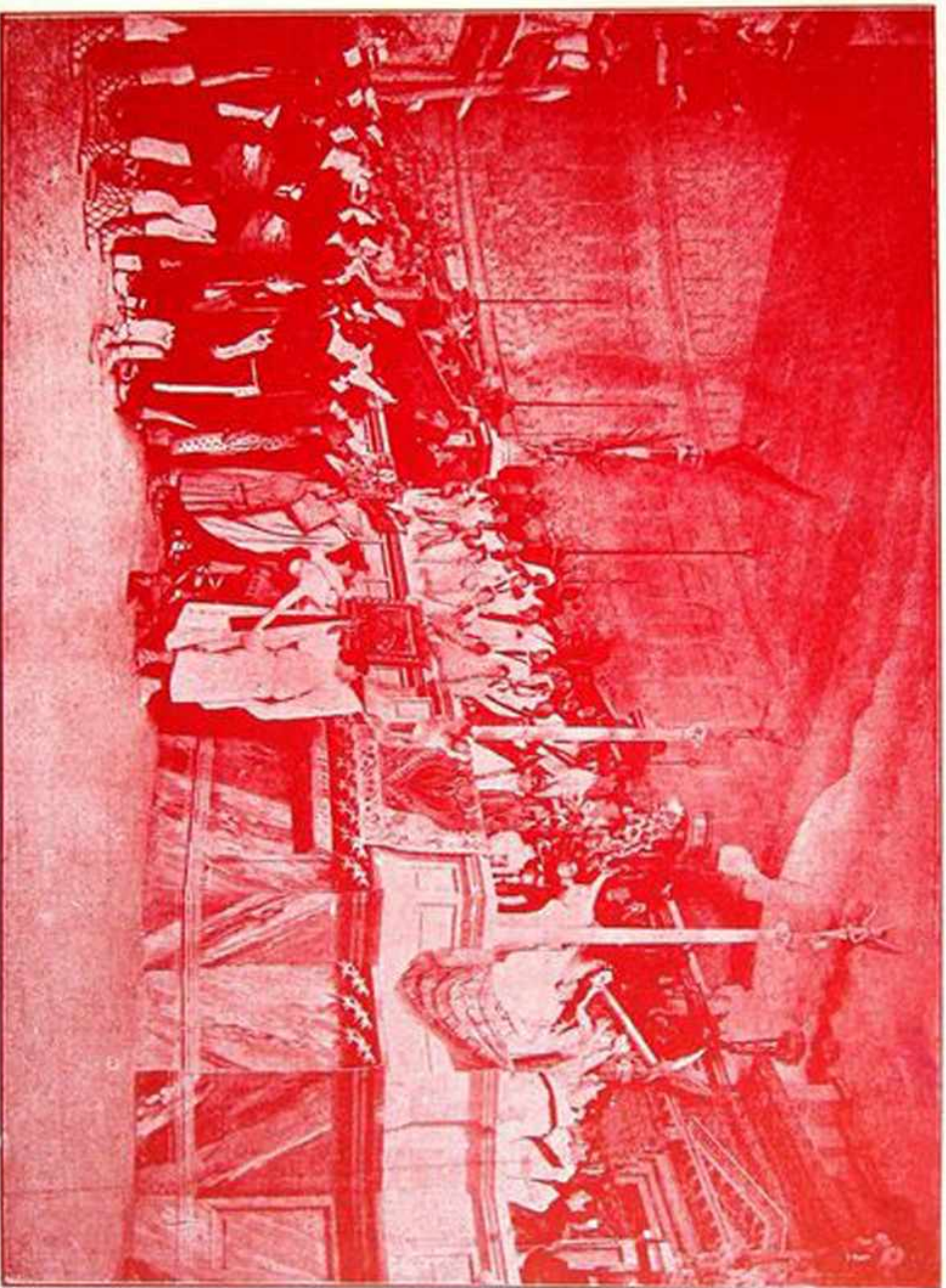
Apresentar nos a certeza, roubar-nos o sonho cor de rosa de que houve homens e heroes justos e perfeitos, atacando principalmente a memoria dos operarios da arte! Este é o fim da theoria moderna da critica. Em nossos dias já se não eriam as immortalidades e as mesmas que existiam, destroem-se; em cem iconoclastas eu já quizera que houvesse um capaz de apresentar uma obracinha digna dos genios que elle pretende arriar.

Foi Victor Hugo considerado o typo do genio perfeito no século XIX; a critica quebrou o idolo, o que não me causou aliás muita pena, repugnando-me só a forma por que se operou—insultos sobre a sua memoria, publicação de toda a sua vida intima, segredos e mexericos de familia. Eu já li um livro sobre os amores de Mozart, em Portugal publicou-se em tempo um sobre os amores de Camillo Castello Branco, na Alemanha um volume com aneddotas escandalosas da vida de Bismarck. Não se sabe já o que Napoleão comia ao almoço, a cor das elzuelas de Voltaire e o preço de cada sobreca-saca de Castelar? Aqui n'esta Alemanha instruida acaba um pachorrento de dar á luz uma obra para demonstrar que Goethe não disse á hora da morte: «Abram-me aquella janella, quero mais luz!» Ora, se a humanidade não ganhava nada com as palavras attribuidas ao autor do *Fausto*, ainda menos ganhava com uma lenda bonita que se foi e com o tal livro do homem alemão!

Dois factos acontecidos ha pouco em França me suscitaram este artigo, principalmente o ultimo que é fresco de ha dias. O primeiro foi a publicação postuma de uns contos nifios e reles que Alphonse Daudet escrevera porventura quando colhegia e que qual-quer estudioso moderno foi desencantar n'algum masso de papéis velhos; é de arrepiar todos os pellos de uma alma christã o ver o sacrilégio infame, que o é, d'essa publicação, que o grande autor da *Sapho* e dos *Reis no Exilio* nunca consentiria, em absoluto! E o cumulo do cynismo foi anteceder tal livreco com um prologo anonymo em que se declarava querer acrescentar mais uma flor de gloria á coroa do escriptor morto!

O outro facto foi mais repugnante ainda. Trata-se de Paul Verlaine. A sua poesia foi substituida a de Hugo e mesmo a de Musset; os novos tributavam-lhe uma adoração; elle era o furioso autor arrependido da *Sage-se*; o seu olhar d'arte, a sua barba desgrenhada, a sua miseria, os mezes que passava nos hospitais, os outros que passava peçoado a um banco de café, sorrindo-se e discuti-do,





... E, EM PRIMEIRA, MANOBRAS A TIRADA, COMO O  
PRIMO E AMIGALHO DA CORTESIA NA PRIMEIRA CORTESIA  
NA ALFARCA, INTERIORE DO SALÃO PARA O PRIMO.

## O Circo romano

(Scena do Quo Vadis?)



enão embolado ao pescoço e cachimbo na mão, o seu trato amavel, o seu todo benevolente e paternal, creava-lhe uma lenda, um amor sympathico e geral, especialmente após a sua morte, collocando-se-lhe em volta da sepultura, com lagrimas nos olhos, os mais retrogradados parnasianos; Paul Verlaine ficaria sendo para todos e para todo o sempre o autor do *Romance sem palavras* e da *Sabedoria*.

Surgiu, porém, um bibliophilo, um *Sieur Vanier*, conseguiu haver às mãos os papéis velhos que Verlaine nunca teve a paciência de rasgar, fez de tudo um montão sem regra, sem escolha, sem arte, queixas injuriosas contra a sorte, gritos pouco honestos contra varias pessoas, começando pela sua esposa, trechos incisivos ou inactos, sem nenhum valor moral nem litterario, e esse mixtúrio indecoroso e torpe foi publicado com o cynico e suggestivo nome de *Invectivas*.

Quem verá mais em Verlaine o velho patriarcha da bondade, do arrependimento e da mansidão?

Eu não quero ser pessimista e ninguém me chamará de certo, tanto mais que desde já prometto estudar n'um outro artigo o defeito contrario da abundancia de theorias, isto é, o peccado d'aquelles que as desprezam todas sem examinar. E atrever-me-hei a negar que, no meio da actual desorientação creada pelo excesso de theorias, principalmente no campo artistico, uma bella corrente e maravilha se levanta? Não.

Mais. Nos nossos tempos acentua-se de vez a acentua para o Bem, tendencia para a fraternidade humana, para a perfeição moral, e que a arte será o principal factor. Ha um fermento santo nas aspirações modernas; falta condensar o, livrar-o dos miasmas exteriores, deixal-o ferver sem impurezas.

O numero de theorias mostra a sede de avançar, de achar o verdadeiro caminho para a fonte da vida e do bem; o fermento do futuro não se obterá sem coesão e esta não se obterá em quanto cada um bradar para seu lado.

Frankfort.

ALFREDO GRUNFAL.

## HENRYK SIENKIEWICZ

(Ligeiras notas bio-bibliographicas)

### II

#### Conclusão (\*)

Dahi por diante, em todos os romances que escreve o lithuano, continua sempre a preocupação do apostolo e do missionario a evangelisar os homens nos

ensinamentos dessa moral soberana. E a voz do dever que se movem quasi todas as suas grandes personagens, é o dever que forma a pauta suprema da sua vida. Por elle tudo sacrificam, ao seu cumprimento tudo immolam. João Kretuski esquece aparentemente as torturas da incerteza do paradeiro da filha de Wassil Kurcewicz, para seguir o duque Yarema, na defesa da patria. Longinus abandona as luzentes perspectivas de um futuro feliz, para atravessar sosinho o campo inimigo e ir avisar o rei João Casimiro da horrorosa situação do exercito em Bar, encontrando a mais torturante das mortes nessa temeraria excursão. Wolodowski deixa as docuras e os confortos da companhia da esposa amante, para ir occupar o mais arriscado dos postos, fazendo voar pelos ares, ao ser tomada pelo inimigo, a fortaleza que commandava, afim de cumprir um juramento que fizera. Olenska, ao saber que o noivo faltara ao dever, expulsa-o de casa, suffocando a piedade que lhe ditava o amor, e encontrando nesse abnegado heroismo o balsamo para os golpes que na sua felicidade, impiedosamente, vibrava a sorte adversa e má. «Prefiro a desgraça á deshonra! Tudo lhe posso sacrificar, menos o meu pudor de esposa!» responde Angelica ás soff. citações de Ploszowski. E elle proprio, vencido por aquelle poder estranho, subjugado por aquella nobre força, que até então desconhecia, murmura, arrependido e supplice:—«Prometto-lhe que nunca mais buscarei desviar-me da linha que o seu dever lhe traça! Acaba de fazer de mim um outro homem; todos os martyrios a que me condemnou terminaram por purificar-me... Levou-me á comprehensão exacta da distancia que separa o amor do desejo. Não posso cessar de amala, é certo; porque toda a minha vida nesse amor se resume, mas amala-ei dora em diante como se já estivesse morta, alimentando apenas o culto da sua alma impolluta... E assim que os anjos se amam!» E a voz do dever que fala a Pedro, pela boca do Christo, fazendo-o voltar a Roma para morrer com os christãos. E a consciencia do dever cumprido que põe nos labios dos martyres, immolados á sanha bestial de Nero, o sorriso bemaventurado e feliz, com que respondiam aos apupos da multidão barbara, que o espectáculo da tortura humana fazia delirar, sanguisedenta.

O dever, o cumprimento exacto e cego do dever, a obediencia submissa aos seus preceitos, a resignada sujeição ás suas imposições—eis ahí o confortante evangelho que Sienkiewicz apregoa, como alvo soberano de todas as vidas que quizerem correr felizes, como mira suprema, para onde devem convergir os esforços de todos os homens que quizerem ser dignos.

E escolheu, justamente, para espalhar as suas crenças, o mais immediato dos processos doutrinaes, o mais efficaz dos vehiculos de propaganda:—o romance.

E pelos exemplos concretos, dizia ha alguns annos o su-



O auctor do *Quo Vadis*?  
NO SEU GABINETE DE TRABALHO



humil psychologo e fino moralista da SACRIFIÉE, que um escriptor pode agir sobre o espirito do seu tempo».

O romancista, pelos typos que crea, pelas scenas que esboça, pelos entrecios que idealisa, pelas situações que descreve, pelos sentimentos que põe em acção, pelos episodios que narra, pelas paixões que movimenta, influe mais directamente nos costumes da sua epoca, pesa com mais força na opinião dos seus contemporaneos, do que o philosopho que disserta dogmaticamente, o scienista que preleciona «ex-cathedra», o historiador que eruditamente amontoa factos e accumula datas. E' porisso tambem, que a nomeada que lhe populariza o nome é mais larga, embora nem sempre mais duradoura, do que a fama que divulga o dos ultimos. O interesse que ao seu redor desperta, a sympathia que em seu torno provoca, a admiração que nos do seu tempo suggere, são de um alcance muito mais vasto e utilitario, porque immediatamente se estendem ao paiz donde procede. Surge logo a curiosidade de conhecer mais de perto o meio em que o seu talento se formou, a sociedade entre a qual se escoa a sua vida, as coisas que o circundam e impressionam. E dessa curiosidade quasi sempre nasce para o paiz, para o meio, para a sociedade e para as coisas um grande e incalculavel beneficio, como no caso de Henryk Sienkiewicz.

Antes da extraordinaria popularidade do Quo vadis?, vivia a Polonia esquecida, servindo apenas de thema para os poetas e para os rhetoricos, avidos de arredondar um verso ou de empolar uma frase. Sobre as grandes injustiças que a feriram um véo ingrato pairava, como se o echo das suas desgraças fosse uma nota dissonante na desbragada saturnal politica do Occidente. O odio atavico que lhe vota a Alemanha, o cruento desdém com que a esmagam os Cesares da Russia, parece que se haviam communicado ás restantes nações da Europa. E se os governantes cerravam egoisticamente os olhos ao desolador espectáculo do maior e do mais criminoso dos attentados á justiça e á humanidade, que a historia registra, os governados, ignorantes ou indifferentes, nem sequer attentavam em que ali bem perto, em pleno continente europeu, se procurava, golpeando barbaramente um paiz, suffocar de vez uma nacionalidade. A sorte da Irlanda preocupava alguns espiritos, dominados pela campanha liberal de Gladstone; e, no entanto, ninguem se lembrava da existencia dessa outra Irlanda, mais infeliz e mais digna, que Anatole Leroy-Beaulieu apontava, nos seus «Études Russes et Européennes», pedindo para ella a justiça vingadora do futuro.

Mas bastou que o pobre paiz opprimido produzisse um artista de genio e que as suas obras recebessem o passaporte consagrador da traducção franceza, para que uma reviravolta se operasse logo nas opiniões. Já nos meados do seculo passado um grande poeta polaco, Mickiewicz, apaixonara o publico da França. Agora surgia um outro, tão grande e tão magestoso, que por si só valia uma geração inteira. Nesse caso a Polonia não estava morta. Se ainda tinha seiva bastante para gerar gigantes de tão nobre e forte envergadura, então é que as depredações dos algozes e os golpes dos oppressores não haviam logrado extravasar-lhe das veias, o sangue que lhe alimentava a nacionalidade.

Comecaram todos então a olhar com curiosidade e com interesse para essa nação pequena, que tão heroicamente supportava as suas desditas, para esse povo stoico, que tão resistente opposição offerecia ás tentati-

vas de «russificação e de germanisação». O proprio artista, em todos os seus livros, as mais das vezes por um symbolismo transparente, como na «Lenda maritima», buscava sempre attrahir as vistas para a dolorosa situação da sua patria, deixando simultaneamente entrever as energias latentes de que dispõe, promptas a explodir no momento opportuno, mostrando á humanidade de quanto é capaz um povo que tem a noção exacta do seu valor nacional.

E essa curiosidade e esse interesse que, pela sorte da Polonia, isoladamente experimenta hoje cada leitor de Sienkiewicz, não tardará muito em transformar-se numa corrente de sympathia, impetuosa e collectiva, em prol da sua emancipação, e numa onda irresistivel e submergente de revolta, contra as sinistras aves de rapina que, sobre as suas carnes laceradas, agoirentamente crocitam. E quem sabe se desse grande movimento humanitario não brotará a reparação completa da monstruosa injustiça que os tratados de 1815 sellaram?

Será mais uma victoria desse novo poder, que a ultima metade do seculo passado vio constituir-se e cuja affirmacão grandiosa formará a mais bella das conquistas deste outro seculo que começa:—o poder mental.

A maior força da epoca é a força da intelligencia e os verdadeiros heroes de hoje são exactamente os homens que della e por ella vivem, amparando-a com a sua affectividade e vivificando-a com o seu caracter.

ANTONIO LOBO.

(\*) Vide os ns. da Revista de 1<sup>a</sup> e 16 de Setembro.



Branca, ideal, angelica, franzina,  
Meiga e gentil, celeste, vaporosa,  
—Ella semelha as petalas da rosa,  
Rorejada das gottas da neblina.

Parece um lyrio á hora da matina  
A balouçar-se na haste melindrosa,  
Ou, quando a tarde morre languorosa,  
A violeta azul e pequenina.

Tem no olhar a luz que se irradia  
Dos olhos de uma esplendida judia,  
Que ao lembrar-se da patria chora e canta...

E quando os labios a sorrir descerra,  
E' mais anjo do ceu do que da terra,  
«Não parece mulher, parece santa»

JOAQUIM BELMONT.

## O Porvir Brasileiro<sup>(\*)</sup>

(AS QUESTÕES CAPITAES DO BRAZIL:—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLITICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

Ambos tinham razão, afinal,—o ministro da fazenda, porque devia preoccupar-se acima de tudo com a colheita de receitas, para de fazer frente aos encargos do exterior, no curtissimo periodo de tres annos, custasse o que custasse, e os outros, porque deviam uma reconstrução em regra, encetada pelos cavoucos e não



pelo tecto, apoiado em frangeis espreques, como foi compellido a proceder o sagaz sr. Murtinho. Collocou-se no seu posto: tratou das finanças. O paiz que cumprisse o seu dever,—cuidando da sua economia. Ao governo competia regularizar os negocios do tesouro —e o dr. Joaquim Murtinho desempenhou a tarefa com denodo, reservando-se o platonico direito de nortear apenas o respeitante á parte economica, pois esta não se move com decretos. Interveiu somente num incidente—o do café, promovendo favores pautaes para esse producto na Italia e na França. A faina do actual ministro da fazenda faz-nos lembrar a dos trabalhadores que, antes de metterem mãos á obra, ficam no solo riscado do novo edificio umas estacas moveis, como esteio de algumas telhas, e assim, a salvo das intemperies, repartem os quartos, rasgam as janellas, fixam a cosinha... A sua obra tinha de erguer-se no meio de uma tempestade, ouvindo o cõro de imprecações dos operarios. Ou esboroava-se completamente, não lhe acudindo com presteza, ou soerguia uma tenda de repouso, erigindo uma barraca provisoria, onde pudesse trabalhar a coberto do temporal. Esse abrigo pode simbolisar-se no equilibrio do orçamento e no consequente sal lo. A trovada passou e agora, ao ar livre, robustecido por um sol acalentador, bem pode enrijar as escoras do palacio as quaes se reúnem em contribuir, com os materiais ao seu alcance, para o alevantamento de um austero Banco da Republica, independente fundador, pelas suas succursaes estaduais, do suspirado credito industrial e agricola.

Mas não alteremos o fio da nossa exposição. Invertida a posição nas soluções, pelas imperiosas exigencias indicadas, esmucemos varios pareceres abalizados a respeito da crise monetaria brasileira. Ouçamos o diagnostico, inspecionemos o remedio e presencemos o curativo. Nem todos são concordes, como vamos relatar.

O sr. Duarte Rodrigues, por exemplo, no seu livro *O cambio*, pags. 215 profere:—«O cambio, em 88-89, obedeceu a factores de ordem financeira, como actualmente obedece a factores de ordem economica. E tão accidentaes foram aquelles como accidentaes são egualmente estes». O dr. Joaquim Murtinho, por seu lado, reduzindo os seus estudos a syntheses matematicamente rispidas e a formulas algo falliveis, no seu relatório de 900, manifesta-se desta fórma:—«Discordancia entre a produção do café e o seu consumo, determinando a redução do preço d'aquelle genero, e como consequencia o empobrecimento da lavoura e o paiz; discordancia entre a nossa riqueza annual em ouro, representada pelo valor da exportação e a massa de papel-moeda inconvertivel em circulação, produzindo a redução do preço do papel, e a consequencia, empobrecimento da circulação nacional; discordancia entre a receita e a despesa federal, produzindo deficits orçamentarios, novas emissões, novos empréstimos e, como consequencia, o descredito no exterior. Collocada neste terreno, a solução da questão economico-financeira entre nós só se podia encontrar no restabelecimento da concordancia daquelles elementos:—reduzindo a produção do café e aumentando o seu consumo, reduzindo a massa do papel-moeda e aumentando o valor da exportação, reduzindo a despesa publica e aumentando a receita,—operações todas estas duras, asperas, irritantes, antipathicas, e ás vezes mesmo com apparencia de crueldade, mas que o governo executou com a firmeza, a calma e a serenidade que só pode dar a consciencia de estar bem servindo o paiz. Convicto de que a intervenção official só poderia augmentar os nossos males, o governo deixou que a produção do café se reduzisse por selecção natural, determinando-se assim a liquidación e a eliminación dos que não tinham condições de vida, ficando ella nas mãos dos mais fortes e dos mais bem organisados para a luta. Em seguida o governo conseguiu que, pela diminuição dos impostos aduaneiros, em França e na Italia, o café tivesse nestes praias uma venda mais desafogada, escara, e portanto as adulterações. Depois encetou a queima do papel-moeda, em obediencia á faculdade prescrita no *funding loan*. As criticas choveram de todos os lados—e cada critico armonizou em financeiro e em economista. Mas demos a palavra ao dr. Joaquim Murtinho, adiando por minutos as considerações que este intrincadissimo caso sugere.—«Não tinham (os censores) a vista penetrante para perceber que o que se tem queimado é apenas o vehiculo, e que o valor a elle incorporado antes da incineración passa depois d'ella para o papel que fica em circulação». Isto é axiomatico e dispensa comentarios; mas a questão pode encerrar-se por outro lado ainda, conforme vamos expender. Já no relatório de 1899 o illustre catedrático gravara as mesmas conclusões:—«As duas crises são, sr. Presidente, perfeitamente semelhantes na sua expressão geral: superabundancia de papel-moeda em relação ao consumo, superabundancia de papel-moeda em relação ao valor da circulação; abaixamento do preço do café, abaixamento do preço do papel; redução do valor total da renda nacional, redução do valor total das rendas do Estado».

Em primeiro lugar, se o dr. Joaquim Murtinho, em vez de seguir á risca, na sua esca de pensador, a filosofia de Schenck, tri-

lhasse o metodo critico-historico do sistema filosofico de Comte, certamente falaria mais naturalmente as origens da crise brasileira. O energico estadista jungiu-se demasiado ao seu momento, ao seu isolamento individualista, como fazem algumas escolas socialistas, que tanto censura, agarrando-se á fantasia, sem repararem, uns e outros, em que a questão social, embora atenuada no Brazil, enquanto não explicar e julgar pela historia a serie logica das tentativas de organização das suas soluções, no dizer do Mestre dos Mestres, nunca assentará racionalmente o código preliminar das reformas. E tinhamos o direito de exigir-lhe semelhante retrospecto; porque s. exc.<sup>a</sup> não é um retorico ou um politiquero, mas sim um homem de principios, cousa rara nos meandros da politica contemporanea, a que os gerentes do imperio transmittiram este canon estadístico—expedientes e habilidades, intrigas e discursos. Mas o dr. Murtinho é mais matematico do que critico, mais financeiro do que economista, mais administrador do que sociologo, em suma—mais cientista do que filosofo. Equilibrado, no entanto. Nem muito ao mar, nem muito á terra... E esta é a qualidade primordial dos verdadeiros estadistas.

Assim é que, sem haver introduzido no paiz outro titulo de credito, se lançou com ardor á destruição do papel-moeda. Dizem alguns doutrinadores de gabinete que a circulação é que marca os aviamentos do paiz e não estes aquella. Mas a verdade é que essa moeda, com toda a sua fantasmagorica depreciação, era preciosa ás relações commerciaes da nação. E a prova temo-la na quebra successiva dos bancos das principaes praças do Brazil, ao levar-se por diante a incineración. Concoríamos em absoluto, com um escritor, em que—«não ha perda alguma, porque o dinheiro que se destrõe não tem valor algum intrinseco, nem representa ouro em deposito. E, se se tratasse de dinheiro pertencente a um individuo ou a um grupo de individuos, perderiam o direito de adquirir uma quantidade de productos, que deve existir na massa geral da produção, representando o trabalho por elles realizado, e que, afinal, reverte para toda a Nação. Quando, porém, é toda a collectividade nacional que extermia esse dinheiro—é ella quem perde o direito de adquirir o equivalente de productos; mas, se é para ella mesma que, por outro lado, reverterem esses productos—conclue-se daí que a Nação não perde, nem ganha com a queima do papel-moeda. Esses productos, que deviam caber ao dinheiro incinerado, parece que deveriam ficar sem adquirentes e sobrar no mercado. Isso não acontece, porque, concorrendo menos dinheiro ao mercado, os preços baixam proporcionalmente á somma retirada da circulação e assim se escóum todos os productos em proveito de todos os membros da communidade nacional, que ficam, assim, exactamente compensados do onus tributativo exigido para a queima do papel-moeda.—A incineración do papel-moeda não augmenta, nem diminui a riqueza publica. Apresenta, porém, dois inconvenientes: 1.<sup>o</sup> Agrava o estado economico durante o periodo necessario para que o resgate exerça a sua acção de redução sobre todos os preços; 2.<sup>o</sup> Exige um prazo longo para restabelecer o cambio ao primitivo par».

Inferese daqui que o papel-moeda, o seu excesso ou a sua queima, não accrescem, nem decrescem a riqueza nacional e desequilibram momentaneamente a vida economica, sendo ademais a destruição o mais penoso e tardio dos caminhos para oegar ao cambio a 17. Não esqueçamos que o papel-moeda é um simples instrumento de troca, sem ter garantia que o abone, ao passo que o bilhete bancario incarna ouro. Ora a chaga do Brazil está justamente em viver numa era de curso forçado, com todos os bancos desacreditados e toda a caudal de incertezas, abusos, especulações e desconfianças que disso provém. «Pode o Banco (O problema agrícola, de Bazilio Telles, pags. 223-24) ter de reserva nos seus cofres, em vez desse ouro inacessivel, somente algumas telas de aranha—contanto que os valores do seu activo representem riqueza solida—que não soffrerá por isso grande abalo a confiança ligada pelo senso publico á moeda fiduciaria».

Todos sabem que o curso forçado é—um agente de crises, um factor de isolamento economico. O dr. Joaquim Murtinho, com a lucidez que o retrata, na sua mensagem de 90, viu perspicuamente as ruínas que elle fomentava:—«Na emissão de curso forçado o interesse ligado á operação não tem freio; sem a responsabilidade ligada ao levar da conversão, o agente emissor procura inventar negocios, multiplica-os, sem se preocupar com outra cousa que não seja o lucro do momento.—A emissão de curso forçado, realisada precipitadamente, alargando de modo brusco a circulação e realisando prontamente grandes lucros pela especulação que desenvolve, gera um estado especial de espirito, uma verdadeira nevrose, caracterizada pela mania das grandezas, por um optimismo exagerado, por um arrojo invencivel, que suprime toda a prudencia e todo o criterio».

Todos reconhecem os transtornos a que nos junte o curso forçado. Mas é preciso notar, *quando mome*, que nem sempre os seus effectos são maleficos. Os aforismos dos doutrinarios não bastam para o conlumar. «Não se póte resolver theoreticamente uma





Pará — Rua do Conselheiro João Alfredo

questão que é essencialmente prática». O próprio dr. Murinho o constata, nestas frases: «A emissão de papel-moeda nem sempre, pois, é um mal; ella pode, ao contrario, representar um grande agente do progresso e prosperidade das nações». A largueza e rapidez com que foi feita, no imperio e nos primeiros tempos da Republica, incluindo os senões que a inquinaram, pois devotou-se á criação de industrias fantasticas, a uma importação escusada, que se immobilizava nos armazens, e a um unico genero agricola—a cultura do café, infeccionando-se por este modo, em lugar de reproduzir-se, é que a anullou. Houvesse-se espalhado, paulatinamente, por todos os recantos do paiz, franqueando-se á produção e não aos productores ou agenciadores, consoante se effectuou; tivesse-se chamado com esses recursos, para as diversas zonas, e não só para o sul, uma corrente latina de imigrantes, abrindo vias-ferreas,—e outra seria hoje a situação economico-financeira da Republica, se o Banco Emissor simultaneamente realisasse, com os respectivos lucros, as indispensaveis reservas metallicas ou aquisição de propriedades. O curso forçado atravessaria-no, e algumas ainda o aninham, nações como a Inglaterra, em 1797, a França, em 1796, 1884 e 1870, a Russia, em 1768 e 1843, os Estados Unidos da America do Norte, em 1869, a Italia, em 1866, a Republica Argentina, em 1888, Portugal, desde 1892, a Espanha, desde 1891, a Grecia, desde 1891. Mas os primeiros destes paizes souberam, na adversidade, criar juizo e forças, resgatando o seu papel por metal e não por queimas, afim de não desmoronar ou, pelo menos, alvoroçar a existencia economica, com o aqui succedeu.

Não será demasia o repisar este assunto, porque respeita intimamente ao futuro. Duarte Rodrigues (*O cambio*, pags. 202-3) escreve: «Não é o deficit que produz a baixa do cambio. Esta não determina exportação de moeda metallica, porque não se exporta o que não existe. Consequentemente, uma retirada do papel-moeda da circulação não terá effeito algum sobre o cambio. Não é possível verificar-se a volta daquillo que não haja saído. Entretanto, se o paiz contrahir uma nova divida no exterior, o cambio melhora immediatamente. Não obstante, uma nova divida representa—um novo onus para o Estado. Se fór vendida no estrangeiro uma estrada de ferro nacional ou qualquer outra propriedade, quer pertença ao Estado ou seja de dominio particular, a subida do cambio não se demora. E, todavia, uma alienação é uma prova de empobrecimento. Se a somma a que se eleva essa importancia fór sufficiente para saldar o que houver a pagar no estrangeiro, o cambio irá immediatamente ao par; se fór superior irá acima do par, como aconteceu em 1892 e em muitas (7) outras epochas anteriores. A illusão dura, porém, pouco tempo. O desequilibrio reaparece em

breve trecho e repetem-se os mesmos factos, sem se attentar para as suas verdadeiras causas».

Illudiu-se, portanto, quemos cre-lo, o dr. Joaquim Murinho, ao fazer do papel-moeda um dos mais poderosos motores, senão o maximo, da crise cambial, ou seja economico-financeira. «Essa circumstancia não é devida senão ao desequilibrio entre o valor da exportação, que é o unico ouro do paiz, e os pagamentos que se devem realisar no exterior, por conta do Estado, ou de particulares, os quaes só em ouro se podem effectuar». Segue-se que a deterioração do papel-moeda, como a especulação, é effeito e não causa da crise. Esta, a especulação, tem sido de tal furor que basta referir um facto para a julgar. A exportação foi, em 1900 de 36 milhões de libras e a importação de lb. 11. 68.144, havendo por conseguinte um saldo de lb. 24.51.856, que devia retornar, em ouro, pago pelos importadores estrangeiros. Isto resam as estatisticas ou, melhor, o simulacro de estatistica que se nossee. Acreditamos que se as transacções se fizessem fidedignamente, observaríamos saldo na balança commercial.

—A seguir.

FRAN PANECO.

(\*) Vide os ns. 1 e 2 d'A Revista do Norte.

(\*\*) Pedimos licença para contestar este muito, porque no imperio raras vezes o cambio esteve ao par. Vide *Finanças e politica da Republica*, de Rui Barbosa, pags. 48.



Coronel Page Bryan  
MINISTRO NORTH-AMERICANO



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Outubro de 1901

NUM. 4



**Dr. Pedro Borges**

GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ



## CANGAÇOS

## A PHANTASIA

## I

Chegaste: vinhas rindo e cantando  
Como as creanças e os passarinhos,  
Rosas e lyrios enciumando  
Pelas estradas, pelos caminhos,  
Por onde vinhas rindo e cantando,  
Senhora e dona dos meos carinhos.

## II

Inda me lembro; tu te afastaste  
Quando com ancia te procurei...  
Pedi-te um beijo, me recusaste,  
De magoa e dor quasi chorei...  
Inda me lembro tu te afastaste  
Mas... foi na bocca que te beijei.

## III

Tornei a ver-te muito depois,  
Já me não lembra mais o que fiz...  
Nem mesmo sei qual de nós dois  
Naquelle dia foi mais feliz...  
Tornei a ver-te muito depois  
E dei-te os beijos que então eu quiz.

## IV

Tu me disseste, quasi chorando:  
«Amo-te muito, sempre te amei,  
Mas olha, escuta, só te jurando  
Que me não mentes, feliz serei»  
Tu me disseste quasi chorando,  
Quasi chorando também jurei.

## V

Foi numa Igreja branca e pequena  
Que pela quarta vez te encontrei,  
Tu assistias uma novena,  
Foi de joelhos que te saudei,  
E nessa Igreja branca e pequena  
Como rezavas também rezei!

## VI

Desde essa noite juntos vivemos  
Num canto alegre e encantador...  
Foi bella a vida que então tivemos  
Sem amarguras, sem magoa e dor.  
Desde essa noite juntos vivemos  
Para as ternuras do nosso Amor!

## VII

Na minha lyra que já não canta  
Versos ardentes eu te cantei!  
Fiz-te sagrada, tornei-te santa...  
Foi de joelhos que te adorei...  
Da minha lyra que já não canta  
Doces balladas te dediquei.

## VIII

Mas tudo passa... Tu me deixaste...  
N'um caixão verde teu corpo vi  
Lá para os céos triste voaste  
E eu hoje vivo longe de ti!...  
Ah! tudo passa... Tu me deixaste...  
Ao vêr-te morta quasi morri...

## IX

Hoje aqui vivo mudo e tristonho,  
O' Phantasia que eu tanto quiz,  
Não sou poeta, pois já não sonho  
Nem faço os versos que outr'ora fiz,  
Agora penso mudo e tristonho  
Nesse passado beilo e feliz.

THAUMATURGO VAZ.

## As épocas históricas da litteratura brasileira

Por mais abundosos que sejam os elementos constitutivos da litteratura nacional, não lhe achamos, observando o desdobramento mental de nossa raça, formulas capazes de determinar as phases historicas da evolução intellectual brasileira.

Não é por desconhecermos movimentos mais ou menos assignalaveis que arrojam tal proposição, desviando-nos do que mais ou menos não pensado aquelles que, occupando-se das nossas lettras, estatuem de aspectos variados as épocas diferentes por que ellas se teem desenrolado.

Pelas apreciações nitidas resultantes do trabalho revisor da formação e desenvolvimento da nossa actividade litteraria conseguimos pôr em relevo a segurança com que almejam restabelecer na marcha historica da litteratura épocas notaveis, nas quaes actuam formas e se definem, numa real solidariedade, transformações características dessas phases, á semelhança do que succedeu em outras litteraturas.

Não é possível coadunarmos-nos com taes principios; época historica de uma litteratura consideramos o momento em que nella se operam francas manifestações de significativo valor e que marcam o exercicio, agitado ás vezes, das capacidades estheticas, dispondo no meio social uma verdadeira convulsão intellectual.

Neste presupposto, para buscarmos um conhecido exemplo, apontamos na litteratura portugueza o periodo dos arcades, que algo entre nós se reflectiu.

A litteratura brasileira não possui épocas historicas; provam-no os meios varios por que os escriptores, para methodo dos seus trabalhos, dividem os capitais periodos das nossas lettras. Não precisamos referir a enumeração de Wolf, Fernandes Pinheiro, etc., em abono da nossa asserção; o desencontro de opiniões e a vacillação dos autores nessa classificação teem como demonstração valiosa a opposição em que Sylvio Romero, espirito altamente philosophico e de elevada orientação em assumptos historico-litterarios, se nos depara no «Livro do Centenario», modificando o que escrevera na «Historia da Litteratura Brasileira».

Sylvio Romero, o mestre que primeiro, entre nós, sob a necessaria intuição e com um cunho real talhou



a história da litteratura nacional, sem aquella preocupação de biographias e fastidiosos elencos de produções, indicára na sua obra, em 1885, quatro períodos, (formação, desenvolvimento autonomico, transformação romantica e reacção critica e naturalista), para mais tarde refundil-os em dois, o de formação e o de desenvolvimento, unidos pelas «Lyras» de Gonzaga.

Que diferença de cyclos! Primeiramente o tempo de elaboração findava em 1750, data da iniciação do desenvolvimento, hoje considerado em 1792.

Não comprehendemos essa formação litteraria; o Brazil do seculo 16 é, no judicioso dizer de Capistrano de Abreu, descripto por viajantes estrangeiros, mais ou menos incertos da sua permanencia na terra descoberta. Por isso, nós apenas lhes conhecemos umas chronicas falhas, escriptas sem o sabor local ou encontramos autos, á guiza dos de Gil Vicente, compostos por Anchieta para a conversão do gentio.

Neste seculo, conseguintemente, não existe na realidade a composição da litteratura nacional; os seus elementos não se refundem e ella reproduz a litteratura da metropole e apresenta descripções incompletas, unicamente meritorias na explicação das cousas de Santa Cruz.

Dir-se-á, talvez, que mais tarde rutila a figura de Gregorio de Mattos, compendiando uma especie de autonomia litteraria; o que se nota no «Bocca do Inferno» é um phenomeno estranho, simplesmente curioso; é o irritadico e nevrotico mestiço, menosprezador por indole, satyrisando o colono e ridicularizando o portuguez. Ainda, sob o denominado periodo de formação ou de desenvolvimento, Itaparica irradia com o seu nativismo, desconhecendo as lendas e tradições nacionaes. Seja elle, com o chauvinista Pitta, ou o marco da phase formativa ou a balisa do periodo de desenvolvimento, nunca resumirá um instante apreciavel nas lettras brasileiras.

O principio que ostentamos mais se accentua, ao enfrentarmos a escola mineira, ponto hoje de união, na «Marilia de Dirceu», segundo S. Romero, dos dois momentos da evolução litteraria. As «Lyras» de Gonzaga destóaram das insipidas composições das tertulias portuguezas, transplantadas para o Brazil, onde repercutiu o espirito revolucionario do seculo 18 com a criação da «Arcadia Ultramarina». Gonzaga e os poetas da Inconfidencia inspiraram-se nas idéas encyclopedistas e tentaram a autonomia da nossa nacionalidade.

Diversifica da forma lyrica da escola mineira a «Viola de Lereno». Caldas Barbosa torna-se no seculo 18 o poeta nacional; as suas canções passam para o «folk-lore» e vulgarizam-se entre o povo. As modinhas brasileiras vão influir na poesia portugueza, excitando Bocage e Filinto e concorrem para a renovação, na metropole, das velhas formas da serranilha.

Desta feita dois factos distinctos se observam em um mesmo espaço de tempo. Assim, como nomear esta phase em que a poesia offerece formas distinctas variadas e até os moldes da epopéa em Durão e Basilio, que, pela vez primeira, cantam o habitante das nossas selvas?

Que o seculo 18 se destaca pela grande cultura e tendencia autonómica não o contestamos; mas denominá-lo, ou determinar-lhe o lugar a preencher na progressão crescente da nossa litteratura, confessamos que nos é tarefa impossivel de executar, sob pena de, se o conseguirmos, viciarmos qualquer systematisação por fazer.

Prescindiremos de deter-nos em mais indagações para nos furtarmos a minudencias fatigantes.

Fica manifesta, deste modo, a doutrina que sustentamos, ha pouco, em calorosa discussão no Instituto dos Bachareis, onde demonstramos ser impossivel a discriminação perfeita das epochas historicas da litteratura brasileira.

A Litteratura, synthese do pensamento, exerce as formas da linguagem e reflecte os sentimentos de um povo e as aspirações de uma raça.

Desta guiza cumpre que a Litteratura mostre as suas tendencias e inspirações, distinctas e influentes em dado espaço, para que se registem como phenomeno unico, fixando a especialisação de um momento historico litterario. Então ter-se-á uma epocha historica com todos os seus elementos constitutivos.

A litteratura brasileira não pôde offerecer na sua existencia epochas historicas, no sentido rigoroso da expressão; não se opinará contrariamente, nem mesmo estudando o periodo romantico com o indianismo de Gonçalves Dias, o emanuelismo de Magalhães, o sertanismo de Joaquim Serra e o hugoanismo de J. Bonifacio; ou tambem apreciando a phase de reacção, quer realistico social, quer puramente parnasiana ou ainda symbolista.

Pelo processo de averiguação da verdade, que ora abraçamos, a conclusão a tirar é a que acima exaramos. Cremos não cair em erro e mais fortalece essa convicção, que de ha muito mantemos nesta questão, a circumstancia de S. Romero achar certa complexidade no problema theorico da evolução litteraria brasileira.

Existente esta complexidade, deturpado será qualquer tentamen taxonomico, improficuo e ephemero todo o trabalho neste proposito. A identificação que muitas vezes se terá de dar a momentos distinctos vicia, como soe acontecer, a divisão dos cyclos litterarios e os esforços consagrados com um intuito produzirão resultados inversos dos almejados.

Nestas condições é mais plausivel abandonar-se a discriminação de epochas historicas e que, por mero methodo pedagogico ou boa ordem para a enunciação da nossa evolução litteraria, sejam adoptadas simples divisões, mais ou menos consentaneas, sem a pretensão de estipular phases historicas das lettras nacionaes.

E' o mais pratico.

Rio, 22—IX—901.

THEODORO MAGALHÃES.

## Filhos

—A forja mata-me!... Estou bastante velho, cansado e já me sinto inapto para o trabalho,—resmungava sempre o tio Miguel para a esposa, á hora em que os dois velhos reuniam para almoçar ou jantar. Que falta me faz um filho! Tivesse-o, e já lhe teria ensinado meu officio, para que me substituisse na direcção da officina. E não o tenho!... Poucas forças já me restam, de modo que qualquer dia, mulher, o teu Miguel morrerá em cima da bigorna, como um artilheiro nas muralhas da sua fortaleza.

A tia Engracia entrava a dar umas razões tão acceitaveis...

—Que queres tu?! Foi sorte. Deus não quiz dar-nos um... Que havemos de fazer?... Tem paciencia, Miguel.

—Paciencia?!... tenho-a eu tido, e até de sobra.





### MANAUS—INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

O que me falta é força para trabalhar. Antigamente, tu vias, eu suspendia o malho só com dois dedos! Causa incrível! Hoje já me custa muito fazê-lo com ambas as mãos. A velhice e as doenças venceram-me de todo. Sou o «velho leão decrepito», da fábula, murmurava, com um sorriso amargo e desconsolado nos lábios. Que resta do forte e valente ferreiro de Santa Maria?—Uma sombra e nada mais. Quando nos casamos, tinha eu 23 anos de idade, e estava moço e robusto. E tu andavas na mesma conta—23 anos também, bonita e sadia. E se não experimentamos nunca as alegrias que pulsam no coração dos que não são paes, Engracia,—foste tu a culpada!...

A pobre creatura sentia-se ferida a fundo em seu amor próprio e defendia-se como podia.

—Não! Culpada em que, Miguel? Já te não lembras que muito pedi a Deus um casal de filhos: o rapaz para te ajudar na forja, e a pequena queria eu fazer della uma excellente dona de casa. Seria um descanso para mim. Dividiríamos o trabalho a meio. Ella para arrumar e varrer a casa. Eu vivia para cosinha e a tina. Deus não quiz ouvir os meus rogos... Devo, pois, revoltar-me contra sua vontade? Nunca!

O velho calava-se. Accendia um cigarro e punha-se a tirar grossas fumaradas, entretendo-se a ver a fu-

maça enovelar-se e desmanchar-se depois em dilatados circulos, esbranquiçados, no ar.

Uma manhã, inesperadamente, appareceu na villa uma escolta de trinta soldados, commandados por um official. Iam buscar gente para o serviço do exercito. Andava o paiz em guerra.

O official conseguiu reunir vinte rapazes. A' tarde pôr-se-iam todos em marcha.

Os paes foram, á hora da partida, abraçar os filhos queridos, que talvez nunca mais voltassem.

Velhas mães, agarradas aos entes queridos, choravam lagrimas de sangue, ao abraçal-os. Irmãos e noivas extremosas, vergadas ao peso de uma infinita magua, mal podiam soltar o que se chama o «supremo adeus»!

E quando aquelles desventurados se foram, deixando talvez para sempre as terras em que nasceram e onde lhes floria a esperança na felicidade,—toda a villa chorou.

Só o tio Miguel não experimentou n'alma, com a mulher, a asperza dessa dor aguda.

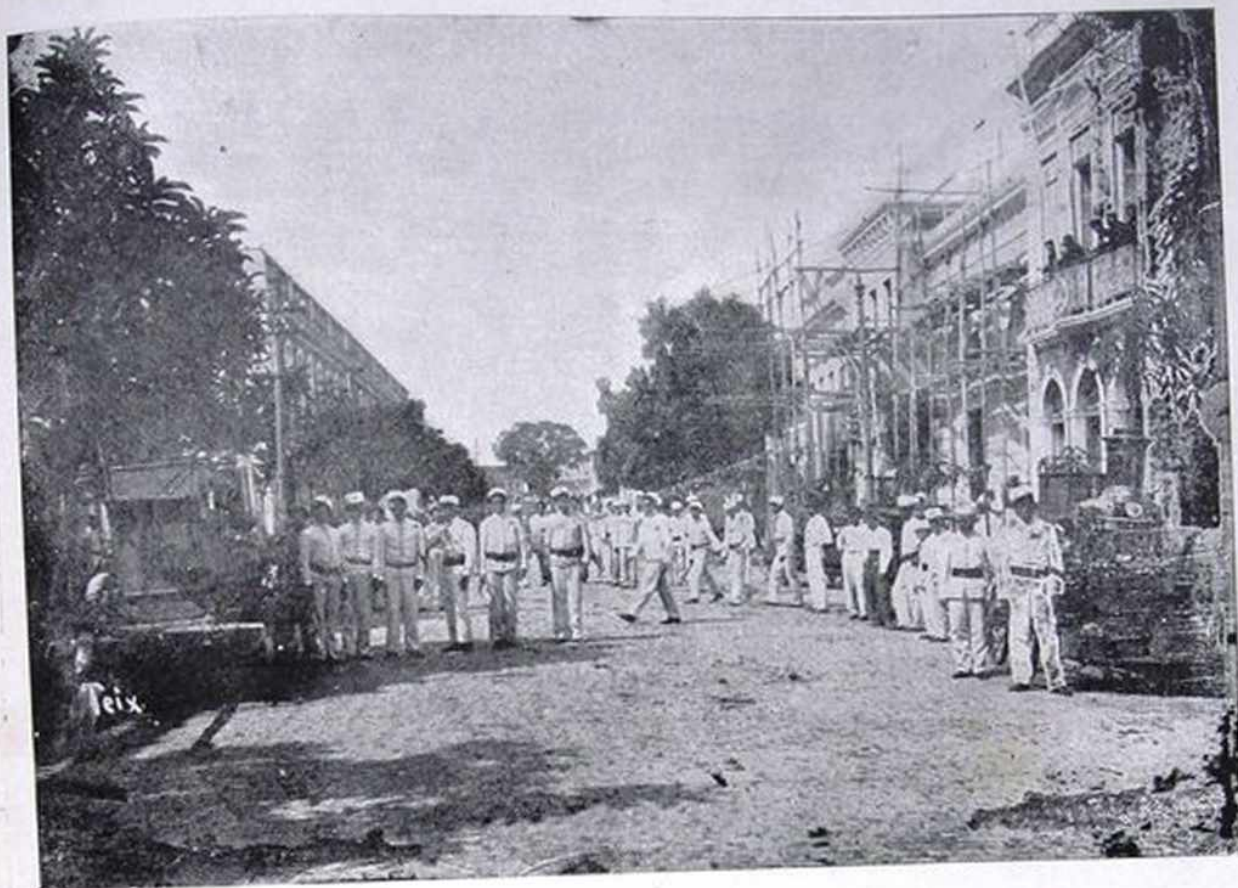
Cabidos um nos braços do outro, murmuravam, plenos de alegria, palavras de agradecimento aos





O Templo do amor





## PARA—RUA JOÃO DIOGO

ceus, visto tel-os poupado áquelle acerbo desgosto.

—Como somos muito felizes, mulher!—exclamava, radiante de prazer, esquecido já, talvez, das continuas reprimendas que fazia á esterilidade da esposa.

—E' verdade! acrescentava a tia Engracia. Pobres rapazes! Estes nunca mais voltarão cá! Se tivéssemos os nossos, era bem possível que estivessemos agora mortos pelo golpe da dor profunda deste afastamento impiedoso. A pequena estaria moça e noiva... Quem sabe? E que pena, para ella e para nós, vermos-lhe partir o noivo, ou o nosso rapaz, para nunca mais tornarmos a abraçá-lo.

E os dois velhinhos abraçavam-se contentes, comovidos, como no dia do casamento. As alegrias despartam-lhes ruidosas no coração de sessenta annos. Riam-se como um joven par de namorados ditosos.

O tio Miguel chega a beijar as faces enrugadas e sem frescor da mulher, que toda se estremece áquella amoravel carícia, que ha muitos annos ella não experimenta, desde o dia em que a febre ardente da paixão se foi acabando n'alma do esposo.

Por muitos dias elle não se queixou á tia Engracia da inclemencia do Supremo, que não lhe dera um rapaz, que trouxesse nas veias o sangue generoso e forte do velho ferreiro.

As impertinentes queixas de fadiga, com que elle andava a resmungar sempre, morreraem sobre seus labios enrugados, que só agora bendiziam a infecundidade da esposa.

A sua ventura presente consistia n'aquillo que muitas vezes elle julgara uma infelicidade, e amaldiçoára! Só agora estava compenetrado do favoritismo da sorte.

E entravam no dominio pleno das alegrias.

Elle não vivia, como quasi a gente da aldeia, preso á dor e ás incertezas, esmagado pelas saudades do ausente, vendo o correio a cada instante entrar-lhe pela porta a dentro com uma carta annunciando-lhe a morte de um ente querido.

Quando á porta da sua officina passava o tio Joaquim, o velho pescador, cujo unico filho fora arriscar a vida na defeza da patria,—o tio Miguel media a grandeza da sua felicidade comparada com o desgosto que affligia o bom pai, e erguia o olhar agradecido para o céu alto e azul.

Como elle era venturoso!

Se tambem tivesse o seu, quantas apprehensões e duvidas não andariam agora a trabalhar-lhe no espirito, mortificando-lhe o coração por uma saudade torturante. Era bem melhor assim!

O trabalho, justificava, não era que o matava. Eram as doenças e aquelle renitente reumatismo, que não o deixava fazer nada, quando o atacava no inverno.

Ao jantar contava á esposa muito indignado:

—Tu sabes. O Joaquim hoje me appareceu. Está muito contente e orgulhoso por ter um filho a se bater pela Patria! Que máo pai, ululava com raiva.



Nem que visse o nosso general, com o peito coberto de medalhas!...

E punha-se a cantar antigas modinhas, dos bons tempos da sua mocidade, em que andava a namorar com a Engracia.

—Lembras-te?—interrogava-a.

—Como não! respondia ella. E accusava a frieza com que o marido agora a tratava.

—Nesse tempo, Miguel, tu não me deixavas socregar um instante...

E tinha um sorriso malicioso a brincar-lhe nos labios pallidos e enrugados.

E os dois velhos, cada um para seu lado, punham-se a evocar o passado, n'um extase delicioso, que lhes envolvia a alma n'um goso singular.

...

Nessa tarde, na antiga forja do tio Miguel, todos os operarios estavam nos seus postos de trabalho.

N'uma pancada unisona, aquelles seis martellos em actividade tiravam um ruido ensurdecedor, mas festivo, batendo rijo no ferro candente, que o artista seguava entre os dentes da tenaz, á mão esquerda, levantando com a outra, muito alto, o malho para logo deixal-o cahir com força sobre a bigorna, enquanto um enxame de fagulhas, desprendidas aos milhares, envolvia-o n'uma pulverisação maravilhosa de estrellas.

O fole bufava e as chammadas da forja fadivamente illuminavam de vermelho o fundo escuro e lobrego da officina, n'uma apothecose de poente estivo!

Por vezes, como sob a pressão de uma occulta móla, cessavam de bater os seis martellos e ouvia-se, então, o canto de um passaro que se dessedentava perto d'alli, á borda do tanque, onde esfriavam os ferros, ou o cantarolar agudo e fino de clarim do gallo domestico.

E o trabalho interrompido, logo recomeçava com grande arruido e azafama.

Houve n'uma occasião uma pausa mais prolongada. Um rufar continuo de tambor, crescendo sempre, ferio o ouvido de um dos operarios. E logo este despertou a attenção dos outros.

—Escutemos,—pediu.

Todos se puzeram attentos, n'um silencio solemne.

—São os voluntarios que ali veem,—gritou um mulato. Eu já sabia que elles chegavam hoje.

O fole resfolegava abafadamente.

O malho do tio Miguel entrou de novo a trabalhar e todos os operarios o imitaram.

Um d'elles, que fôra soldado, não se ponde conter e poz-se a recitar baixinho, n'uma melopéa arrasada, os versos do hymno que os voluntarios vinham cantando e cujo estribillo o vento espalhava nitido no ar.

A alma simples d'aquella gente rustica foi-se enchendo de arroubamentos e logo começaram a transbordar n'um caudal de enthusiasmos.

A musica emocionara-os; e todos os operarios principiaram a cantar, a meia voz, a principio, mas dentro em pouco n'um côro vibrante e animado.

O mulato encostou-se á bigorna e poz-se a limpar os braços nús e o rosto requeimado, marejados de suor, nas dobras do avental tinnado de coiro. Houve uma pausa no trabalho: os seus quatro companheiros tinham-n'o imitado. Só o tio Miguel persistia em fazer vibrar o seu pesado malho, indifferente, estranho áquellas alegrias, que alvoroçavam o peito dos seus o-

perarios, agrupados á porta da officina, olhos cravados na estrada por onde os voluntarios vinham entrando na villa, de regresso da peleja.

Nem o jubilo dos companheiros o commovia, nem o tamborilar festivo das caixas de guerra conseguia diluir, n'uma ternura magnifica, o que havia de empedernido na alma do velho ferreiro.

Elle continuava malhando o ferro! A velha tia Engracia varou a officina e, de mansinho, puxou o marido pela manga da blusa.

—Miguel!... Anda cá. E' preciso não desgostar esta gente. Finge que a elles, ao seu prazer, te associas de coração. Olha que se podem contrariar contigo, e despedir-se.

O marido ouvia-a obediente; e os dois foram para a porta.

Nas janellas das casas que marginavam a estrada, rostos satisfeitos, de um riso doirado a illuminar-lhes os labios, repontavam curiosos.

Homens e mulheres, abrigados aos portaes, ansiosamente esperavam os seus ausentes estremecidos.

E eis-os que passavam em frente á casa do velho ferreiro de Santa Maria.

Vinham radiantes de alegria! O sol faiscava nas armas, entrelaçadas de flores e fitas, como um thyrsos de festa de Deus pagão.

Aquelles gritos de «urra»!, aquellas canções patrióticas, o espectáculo d'aquella festa cordeal,—foram pouco a pouco adelgaçando, commovendo e fazendo vibrar de patriotismo a fibra do coração frio e inacessível do tio Miguel. Um incendio de amor lavrou-lhe rapido n'alma. Elle tomou as mãos da mulher e encorou-a silenciosamente. Tia Engracia fitava-o sem murmurar uma só palavra. De repente ouviu-se a voz aguda e soluçada do velho ferreiro:

—Engracia!

—Miguel!

—Vês? Ai! Se tivéssemos tambem o nosso rapaz, eramos bem felizes! Nosso amor de paes podia ufanar-se com orgulho; e aquelles dias de inquietação e de penar que se seguissem á sua partida, hoje seriam fartamente recompensados por este contentamento infinito, que nos faz delirar! Nossa ventura transbordaria nesta hora n'um caudal de eterna e justa felicidade, acariciar-nos os dias tristes da velhice. Nós não temos mulher, o direito de partilhar em alheia alegria, de sociarmos-nos a um prazer que custou tantas lagrimas, dores acabrunhantes e uma saudade pungidora a esses paes, nesta hora mais felizes e ditosos do que nós! Que falta nos faz agora o filho!... Vês? Com esse rebento do nosso affecto teriamos conhecido esta estância da ventura. Como a vida sem um filho, que se já a alegria do lar, é monotona e triste...

E os dois, estreitando-se nos braços um do outro, soluçaram inconsolaveis como duas creanças.

AGOSTINHO VIANNA.

## A tuberculose

Propugnador resolutivo da luta tão energicamente empenhada, em todos os paizes adiantados, contra a tuberculose e certo de que esse grande, util e humanitario esforço encontra franco apoio em todas as per-



sões sensatas, apresso-me em iniciá-las columnas d'«A Revista do Norte» a propaganda contra tão perigosa molestia, em additamento ao que se tem feito, entre nós, depois da reunião medico-pharmaceutica, cujo fim foi estabelecer nesta capital os meios de lutar contra a invasão da tuberculose, difundindo o conhecimento exacto da sua causa, as precauções que se devem empregar para evitá-la e finalmente o tratamento que melhor resultado tem dado ultimamente.

E' incontestavel que, mesmo entre nós, os casos dessa molestia, mais lethal do que a aterradora cholelra, visto como accommette todos os dias, em todos os climas e em todas as idades, se vão cada vez mais tornando frequentes e quotidianamente augmentando a cifra dos que com a vida lhe pagam tributo.

Pelo obituario, diariamente registado nos jornaes desta capital, não se pôde fazer idéa exacta do numero das victimas que ella occasiona, porque muitas vão fallecer em varios pontos do Estado, geralmente conhecidos como os nossos «sanatorios naturaes», ou em cidades do Ceará, para onde affluem á procura de melhores condições climatericas.

E' preciso que a população do Maranhão, para evitar maiores soffrimentos, se convença de que a tuberculose é contagiosa e de que a sua causa é um pequeno germen, um microbio denominado—bacillo de Kock: bacillo, por causa da forma, do aspecto com que se nos apresenta no campo do microscopio, de Kock, em homenagem ao grande scienista alemão Roberto Kock, que o descobriu.

Este parasita morbifico, ainda depois de expellido do organismo tuberculoso, é susceptivel de vida longa, quer no soalho e nas paredes dos aposentos, quer nos moveis e utensilios que estiveram em contacto com o individuo affectado.

A descoberta de semelhante bacillo que, com o auxilio do microscopio, pode ser observado constantemente, foi de um alcance extraordinario para a medicina, porque a sua presença é um signal valioso no diagnostico da tuberculose.

E a prova de que lhe é a causa é que, sendo injectado no organismo bom, inocula-lhe a molestia, transformando o organismo sã em tuberculoso.

Ha duas causas notaveis na transmissão e propagação da tuberculose:—a hereditariedade e o contagio, isto é, a passagem da molestia de individuo a individuo.

Por meio daquelle, cuja noção já era aceita por Hippocrates, transmite-se ora directamente a molestia, como demonstram varios anatomo-pathologistas, o que se chama hereditariedade directa, ora somente a predisposição, a natureza apropriada ao seu desenvolvimento, o que se chama hereditariedade indirecta.

A tendencia moderna, a respeito da hereditariedade, é somente admitir a indirecta e considerar verdadeira a proposição de que «ninguém nasce tuberculoso».

O descendente de um tuberculoso é um individuo tuberculizavel, mas não é fatalmente um tuberculoso ou phisico, de sorte que, afastado das grandes agglomerações, vivendo desde a infancia em pleno ar puro, no campo ou, de preferencia, nos logares altos, fazendo constantemente exercicios apropriados, tendo boa nutrição e evitando rigorosamente, mais que qualquer outra pessoa, as causas de contagio, pode deixar de vir a ser um tuberculoso, como felizmente se tem observado.

Eu poderia transcrever aqui numerosos factos observados pelos mais distinctos medicos dos paizes mais

adiantados, afim de demonstrar a influencia poderosa da hereditariedade e do contagio, referidos e sabiamente discutidos em excellentes livros, monographias e conceituadas revistas; porém, para melhor conseguir o meu intento, relevem-me os leitores—eu aqui transcrever somente factos observados no exercicio da minha clinica, deixando de lado a linguagem técnica relativa ao assumpto, que não pode estar ao alcance de todos, assim como a discussão de questões especiaes, que, além de excederem o alcance do auctor deste artigo, não estão na intenção com que o escreve.

E, se prefiro citar somente casos da minha observação, não é que veja nelles mais importancia do que naquelles a que me referi e que me serviram de estudo, mas sim porque, despertando os sentimentos affectivos dos meus leitores, não com a dôr longinqua e de pessoas desconhecidas, mas com a dôr dos que estão perto de nós, a dos nossos conterraneos, estou certo de que mais facilmente me apossarei das suas convicções, do que depende evitarem-se tantos soffrimentos!

Citarei, em primeiro lugar, um caso que demonstra a hereditariedade indirecta, isto é, a pessoa era oriunda de um tuberculoso, nasceu boa, mas predisposta a adquirir a molestia.

Era F., de cerca de 20 annos, esperanza e enlevo de uma distincta familia desta capital.

Adoecendo, fui chamado para medical-o e, ao primeiro exame, verifiquei que a invasão tuberculosa se havia dado em ambos os pulmões e que a molestia, tomando a forma aguda, produzia a sua destruição com grande rapidez.

Estudando os antecedentes pathologicos deste doente, fui informado de que, ainda na primeira infancia, perdêra seu pai victimado pela molestia, que só aos vinte annos de idade encontrára oportunidade para accommettel-o e, em pouco tempo, arrancal-o aos carinhos de sua familia!

O segundo facto tem por fim demonstrar o contagio da tuberculose, e é o seguinte:

Eram duas pessoas oriundas de uma familia, onde, segundo me foi referido, nunca houvera um caso de tuberculose.

Uma dellas foi accommettida por essa molestia e a outra, sua amiga dedicada e companheira, pode-se dizer, de quasi todas as horas do dia e da noite, um anno depois adoeceu gravemente, apresentando os symptomas que denunciam a invasão aguda da molestia, que, em poucos mezes, lhe consumiu a existencia ainda juvenil, sobrevivendo-lhe a que tinha adoecido em primeiro lugar e em quem a molestia tomara a forma chronica!

Estes casos occorridos em epochas differentes e que cobriram de luto e de tristeza a duas distinctas familias da nossa sociedade, infelizmente não são raros na historia da tuberculose em nossa terra; muitos outros eu poderia citar, acrescentando novo contingente aos numerosos factos que, em toda a parte, vem em confirmação do que a observação e a experiencia já sancionaram: o contagio da tuberculose e a influencia da hereditariedade sobre o seu desenvolvimento.

DR. JUSTO JANSEN.

O que me interessa no estudo do passado e do presente é o futuro.

EMILIO FAGUET.





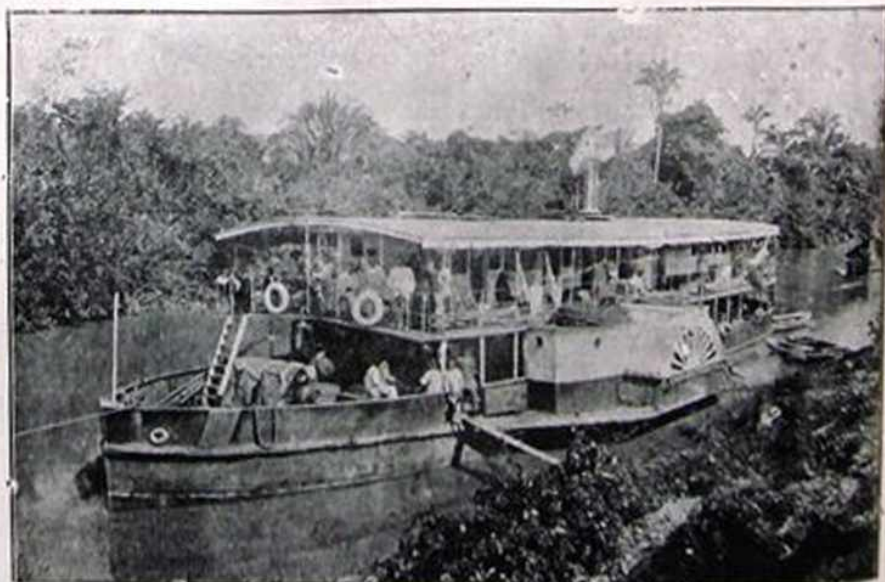
### CONGRESSO DO ESTADO DO MARANHÃO

No intuito de corresponder da melhor forma possível ao bellissimo e penhorante acolhimento que tem recebido o nosso magazine, não só do publico do Estado do Maranhão, como também do de outros Estados, resolvemos estender ás 4 primeiras paginas supplementares o texto d'A Revista. Nellas encontrarão os nossos leitores uma collaboração variada e farta, composta de contos, romances, poesias, chronicas, notas de moda, secções humoristicas etc, etc.

Na capa d'A Revista figurará sempre, também, a começar deste numero, uma gravura em madeira, executada, como todas as outras, nos nossos ateliers de gravura.

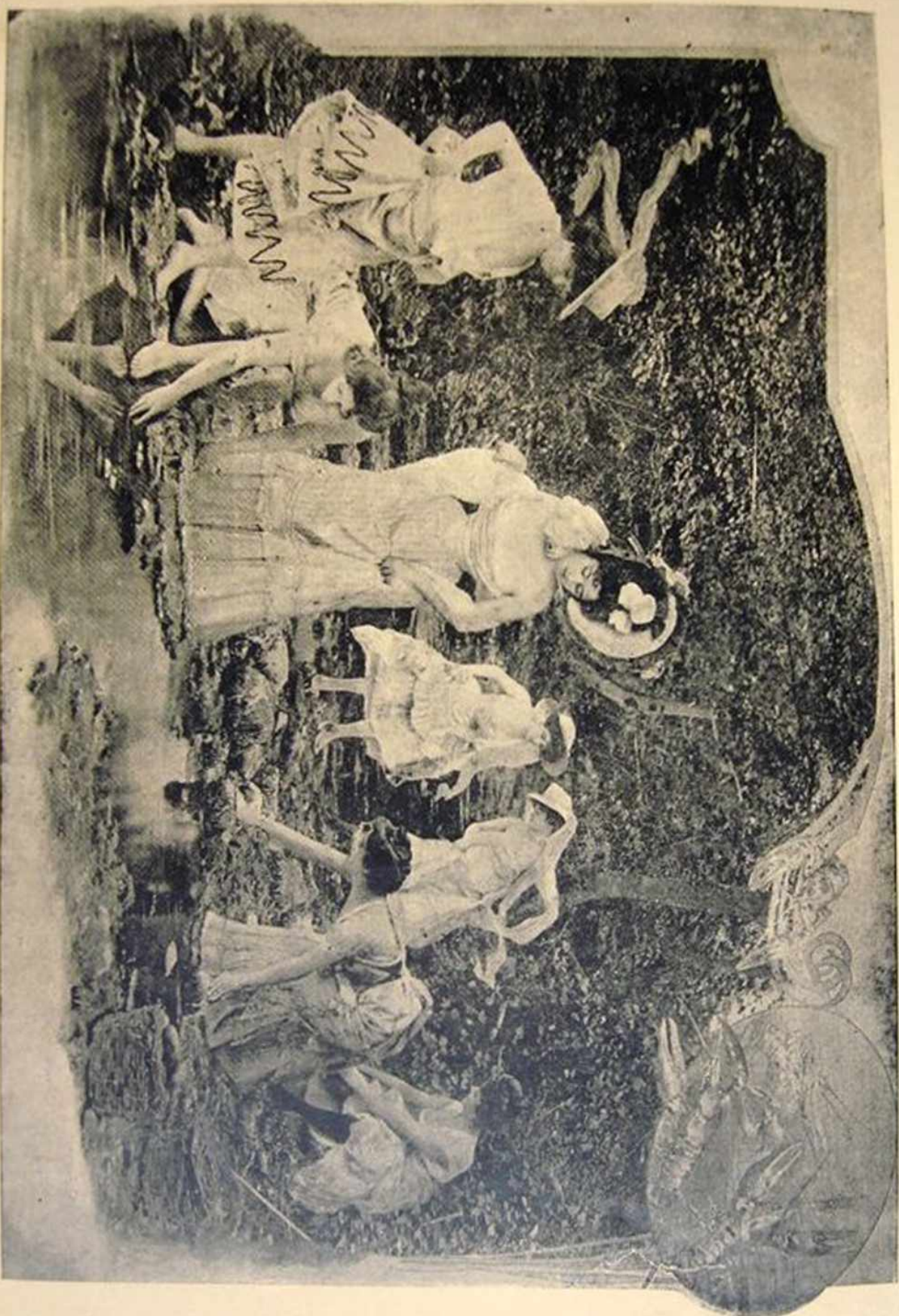
Depois das do vapor e da electricidade, os directos da Europa sobre a Africa constituem a mais grandiosa descoberta do seculo XIX.

PAUL HERVIEU.



MARANHÃO---NAVEGAÇÃO FLUVIAL





## A PESCA



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Novembro de 1901

NUM. 5



**Coronel Silverio Nery**

GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAPÁ



## Remorsos de um cypreste

O' coveiro dos olhos encovados,  
ó triste cavador das sepulturas,  
porque vieste enterrar, por teus maus fados,  
ao pé de mim, oh! ceus, por meus pecados,  
suas tranças magnificas, escuras?...

Uma noite de chumbo, oh! noite fria,  
com a raiz vareei-lhe o coração,  
senti que me apertava a sua mão,  
e ouvi a sua voz, que me pedia  
a minha compaixão!

Outra noite de trevas, um clarão,  
bateu-me em cheio a rama verde-mar;  
era fogo talvez do seu olhar  
o que eu via sair do negro chão!

Outra vez ouvi gritos; n'um anseio  
puz-me a tremer á luz do ceu aberto,  
e, anciosamente, ouvi-lhe o brando seio,  
que palpitava perto!

O' coveiro dos olhos encovados,  
que semeaste tu ao pé de mim?—  
Não foram rosas, cravos encarnados,  
mas sua boca linda de rubim!

O' coveiro dos olhos magoados,  
que remorsos que eu tenho seja assim!  
Ai, tornaste os meus dias desgraçados  
por cauza d'esse lindo seraphim!

Que o sol me seque o tronco, e a minha vida  
se extinga por aquella que magoei!  
O' coveiro de fronte ennegrecida,  
conta-lhe os prantos acres que chorei!

Enterra-me bem fundo, aos pés da flor,  
que sem querer um dia atormentei;  
aos seus pés quero dar vida e calor,  
e o viço que ao seu corpo lhe tirei!

O' coveiro dos olhos encovados,  
foi sem eu querer, diz, que lhe rasguei  
os alvos dedos, finos, delicados,  
e que remorsos tenho, se a manchei!

O' coveiro dos olhos encovados,  
ó triste cavador das sepulturas,  
sepulta-me aos seus pés, que inspiram fados,  
e fazem verter pranto ás pedras duras!

Lisboa.

DIAS DE OLIVEIRA.

## O Porvir Brasileiro<sup>(1)</sup>

(AS QUESTÕES CAPITAIS DO BRASIL—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLITICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

#### IV

Mas é necessário contar com os pagamentos do tesouro, os juros dos capitais estrangeiros aqui empregados, as despesas exportadas pelos colonos, etc. Se depois de organizada esta estatística se poderá verificar completamente o nascedouro da crise cambial. Que, para nós, não merece a menor duvida que o cambial é a relação entre o ouro que entra e o ouro que sai, ou seja mais explicitamente o premio do ouro. Deve ponderar-se

rar-se mais a elevada cotação que esta mercadoria está usufruindo em toda a parte do que a acção do papel-moeda. Então se examinará, em ultima análise, o acerto das formulas matematicas do dr. Joaquim Murtinho.

Para os senhores o remedio da crise não consiste em reduzir as cinzas o papel-moeda, mas sim em sustar novas emissões, valorizando a circulação pelo estabelecimento de reservas metallicas, postas em giro pelos competentes billietes; o remedio da crise não consiste em reduzir a produção do café, porque, ao passo que em todas as demais paragens o seu cultivo se tem apoucado, aqui tem augmentado, concedendo ao Brazil um monopólio natural, mas sim em reduzir o preço dos fretes e os direitos estaduais de exportação, em aperfeiçoar-lhe o fabrico e o acondicionamento; alargando-lhe a area dos compradores, o governo pelos tratados com mercancias e os agricultores pela sua propaganda atilada, cortando o numero dos intermediarios, estabelecendo agencias ou restaurantes e depósitos em todo o mundo; o remedio da crise consiste em aparelhar o Banco da Republica, por meio de succursaes em todo o paiz, e não somente no sul, para fornecer capitais á produção, mediante os *securants*,—medida esta mais destinada á agricultura e á industria, e que se ceará de vez o immoralissimo abuso do credito, um dos maiores instigadores dos obstaculos que travam o commercio; o remedio da crise consiste em patrocinar a policultura nas pautas e abandonar o mau veso da monocultura, multiplicando e barateando os transportes maritimos, fluviales e terrestres; o remedio da crise consiste, enfim, em decretar umas tarifas garantidoras, duradouras, depois de se constituir uma estatística real e fazer um inquerito ao trabalho nacional, para por elle se guarem os interessados, protegendo os tecidos, a cereja, as farinhas, as massas alimenticias, os feforos, os lacticinios, o arroz, o fumo, o xarope, o azeite, e outras industrias brasileiras naturaes, abrindo a porta ás restantes. Isto no correlativo aos problemas economicos e financeiros e ás suas providencias materiaes. Relegamos para outro plano os *factores moraes*, elemento importantissimo em soluções desta natureza.

Claro está que estas palavras não significam que o governo tenha descurado ou menosprezado os topicos atrás exarados. Pelo contrario. Porque, se dissentimos da opinião do eminente ministro da fazenda em varios pontos, não podemos deixar de confessar que o interregno de tres annos para reatar os pagamentos da nação no exterior é que o apertou nas suas estreitas malhas, levando-o a olhar com mais desvelo para a questão financeira, que destrinchou triumphantemente, do que para a questão economica, a que vai acudir, facultando os bancos regionaes.

Os projectos annunciados—operação basilar sobre a Estrada de Ferro Central, talvez unificação da divida, principio da circulação metálica e instalação de bancos absolutamente alheios ás transacções cambiais—denotam já uma nitida comprehensão do fundamental problema economico, não passando os conceitos averbados nos relatorios anteriores de meros equívocos de apreciação ou nevocata exposição das proposições. Falta de experiencia, de pratica administrativa.

O facto de o dr. Joaquim Murtinho reputar o papel moeda o manancial inexaurível e unico de todas as calamidades é que lhe turvou a directriz das actos governamentais. O sr. Duarte Rodrigues, tantas vezes invocado nestas laudas, demonstrou á evidencia o desvio dessa conducta:—«Tambem ha pouco disse o illustrado sr. dr. Joaquim Murtinho:—O agente principal da nossa situação financeira é a desvalorização da nossa moeda, consequente á emissão exagerada de papel moeda inconvertivel, e o resgate real desse excesso de papel é, para a agricultura, como para todas as outras actividades nacionaes, o primeiro dos deveres do governo. Todas as relações economicas se estabelecem na actualidade tendo em attenção a baixa do cambio, todos multiplicam hoje por tres as suas rendas e as suas despesas, desde o capitalista até ao operario.—Ora, se realmente fosse assim, seria facilissimo achar-se a solução do problema: bastaria ao governo tambem multiplicar por tres todos os impostos. Mas não: o papel moeda, repetimos, é um effeito e não uma causa». O dr. Murtinho levou realmente a sua teoria ás ultimas consequências—multiplicou por tres todos os impostos. Isto nada importaria, contudo, porque o Brazil é um dos paizes que menos contribuem para o fisco, e ainda porque o governo central estava despojado de fontes de receita, pois antigamente cobrava os impostos de importação e exportação e a Republica deixava só com aquelle e todos os encargos exteriores, se conjuntamente como corollario identico daquelle enunciado arbitrario, se não pulverissemos noventa e sete mil contos, que não foram substituidos por metal, sacudindo extraordinariamente o commercio brasileiro. Fez-se uma queima, não um resgate, conforme observou o dr. M. Victorino Pereira.

E' justissimo, e curial, que o ministro da fazenda procurasse sanear o meio circulante. Mas, para levar a cabo este seu intento, sem reflectir que só a balança economica pode fundar uma estável circulação monetária—, devia antes pôr em acção todas as



peças inerentes a jogos deste calibre, evitando sacrifícios prescindíveis às classes laboriosas. Oliveira Martins, quando, na pasta da fazenda, em Portugal, buscou solver a crise em que se estorcia, e estorce, a nossa pátria, explicou sinteticamente o conjunto do seu plano, no discurso de 6 de fevereiro de 1893: «O que é incontestável é que é absolutamente illusório e quimerico pretender resolver a crise financeira, sem paralelamente se atacar de frente a crise da circulação. Quantas economias, mais ou menos cruéis, se fizerem; quantos impostos, mais ou menos vexatórios, se lançarem, tudo será absorvido pelas oscillações do agio. E as economias e os impostos, desequilibrando a economia geral, trazem consigo a menor productividade das receitas e a inutilização dos sacrifícios. Enfreada a crise económica pelas pautas, principalmente; vencida a crise da circulação pelo empréstimo; restaurada a confiança, seria relativamente fácil rematar a reconstituição das finanças pela remodelação e melhor arrecadação dos impostos». Com o empréstimo pensava o illustre publicista em pagar os juros da colossal dívida monarchica portuguesa, durante dois annos. Com o que sobejasse e a moratoria, equilibrado o orçamento, far-se-ia a reserva metálica do Banco. Ora o Brazil não carece de recorrer a novo empréstimo. O *funding loan* bastou para a sua reconstrução financeira.

Entregando a Central, por arrendamento ou venda, com a garantia da colação da pessoa menor a um sindicato, como sempre procedeu a Norte-America, que nem por isso deixa de ser o que é, obterá immediatamente recursos para constituir uma sólida reserva metálica no Banco da Republica, inaugurando este agencias estaduais, e mesmo para restabelecer o pagamento das prestações de amortização da dívida, que o accordo londrino faz reconhecer somente daqui a dez annos. Mais: se a esse sindicato, naturalmente estrangeiro, se concedessem terras devolutas, e a construção do prolongamento da estrada até a Nova Capital, em Goiaz, dentro do plano da viação ferrea geral, obrigando-se a trazer colonos, por certo não se exodaria n' tão cedo do paiz, e os juros do capital empregado na compra ou aluguel. Pode ser utopico este alvitre. Mas a evolução social segreda-nos que as utopias de hoje são sempre as realidades de amanhã! (2)

Corroboremos ainda com outro depoimento valioso o nosso parecer acerca da origem da crise nacional. E' o dr. Rui Barbosa, ex-ministro da fazenda, que aliás não pecca por cohe-rencia nos seus projectos economicos e financeiros, quem no-lo facilita: «E, quando se pergunta se será possível, mediante actos do parlamento, diminuir ou evitar as depreciações da moeda papel, não é licito dar a essa pergunta outra resposta que não a de Minghetti: —Seria sonho pensá-lo. A tal resultado não se pode chegar senão pela efficacia do nosso trabalho e da nossa produção.» —Boccardo, *Finanças e politica do Brazil*, pags. 40).

O sr. Joaquim Murinho, na sua alçada, não podia fazer mais do que fez —endireitar as finanças. E já é muito, muitissimo, tens do apenas diante de si o limite de tres annos e o exemplo da fiera dos antecessores. Em dois annos, todavia, conseguiu matar o classico deficit, o espantoso das militaristas e burocraticas monarchias, e apresentar um estupendo saldo orçamental. Nada disto aconteceria, no entanto, se não occorresse a subida gradual do cambio. E porque se deu este fenomeno, visto que o café não se valorizou, antes baixou de preço, e que a incineração do papel moeda em pequenissima proporção influia para a melhoria?

E' facil descorrir os promotores dessa alta. Englobam-se particularmente nos elementos moraes, cuja potencia o proprio sr. Murinho insculpiu no seu relatório de 1900. Tranquilla totalmente a nação, pois que alguns empreiteiros de chinfrins foram generosamente relaxados ás mansas enxovias policiaes; satisfeitos regularmente os compromissos commerciaes no estrangeiro; provada á sociedade a capacidade administrativa do governo, que executou zelosamente as determinações do *funding*, eliminou o deficit e mostrou sobras, demittindo funcionarios desnecessarios e revendo os contratos lesivos, inda que com perda momentanea, —fatalmente se havia de restaurar o credito no exterior, pela segurança que as instituições inspiram, sabendo-se, alem disso, que a mais empenhada na ultimação do *funding* foi a casa Rothschild, a maior, quase unica, possuidora das apolices da diminutissima dívida externa brasileira. A seguir virá a revalidação, não pelo augmento da oferta, mas pela sua estabilidade, do primeiro artigo braziliiano de negocio. «Gosasse o paiz de credito, assente em bases solidas, então a crise cambial desapareceria prontamente com o augmento das exportações». Credito, alicerçado nos factores moraes, já a Republica Brasileira o readquiriu victoriosamente. Faltava agora que o escudo em factores economicos. Por outro lado, ao mesmo tempo que a energia do governo e o patriotismo do povo conquistavam essa inestimavel revalidação, a interrupção dos pagamentos e a previdencia do ministro retiravam o tesouro do mercado cambial e, tornando um facto o imposto paulatino em ouro sobre a importação, reduzia esta á sua legitima corporatura e corrigia,

embora levemente, a endiabrada especulação dos bancos, corretores e negociantes, pois que «os agentes da operação, neste caso, são innumeros: são todos os importadores, que, zelando cada um o seu proprio interesse, procuram realizar as transacções nas condições mais favoráveis». Isto, dito na sua summa, é que reergueu a taxa de 7 e 8 a 11 e 12.

Não será despropositado, porventura, espriar um pouco mais largamente a vista e pormenorizar a narrativa desta assombrosa revolução no organismo economico-financeiro do Brazil. Em 900, na introdução do seu relatório, consignava o dr. Joaquim Murinho: «Na solução do terceiro problema, o da concordancia entre a receita e a despesa publica, a acção do governo manifestou-se pela mais severa economia, pela ordem introduzida na administração, pela discriminação nos orçamentos da receita e despesa em ouro e papel, pela melhor arrecadação das rendas, pela criação de novas fontes de receita, com o estabelecimento dos direitos em ouro nas alfandegas e com o desenvolvimento enorme que deu aos impostos de consumo. Por esta forma transformou os deficits permanentes em saldos orçamentarios, ampliou os fundos de garantia e resgate do papel moeda em circulação, continuou o resgate das apolices ouro de 1863 e 1889; reduziu a dívida enorme de exercicios findos a tal ponto que houve no ultimo exercicio saldo de 1.000.000 na verba votada pelo congresso para esse serviço; trocou titulos uruguaios em titulos brasileiros, resgatando 676.000 libras da nossa dívida em ouro; pagou grandes sommas devidas por sentenças judiciais e liquidou debitos de diversos bancos ao tesouro, pondo fim á intervenção governamental na direcção do Banco da Republica».

—A seguir.

FRAN PAXICO.

(1) Vide os ns. 1, 2 e 3.

(2) Este rapido estudo estava escrito ha mezes, esperando oportunidade para a sua publicação. Agora, na revisão, vamos-lo retocando. E é para nós intimamente agradável o ver que o dr. Murinho, na introdução ao seu relatório deste anno, que só ha dias lémos, se manifeste do seguinte modo a tal respeito: «A outra necessidade urgente é o desenvolvimento das nossas vias ferreas. A Estrada de Ferro Central, tendo uma renda bruta de 32 mil contos, pode com administração particular dar uma renda líquida de 5 a 6 mil contos annuaes. Entregue-se essa estrada por arrendamento a um grupo de engenheiros nacionaes, e com esses 5 ou 6 mil contos poderemos continuar, não só o prolongamento da mesma Central, como auxiliar a construção de outras estradas de ferro nos Estados. A quantia de 5 a 6 mil contos, com um bom cambio, é já um elemento poderoso para esse empreendimento, do que depende o futuro do Brazil».

## A condessa Vesper

(Fragmento do capitulo XLVI, «Apogeu e Occaso», do romance *A Condessa Vesper*, que a casa Garnier vai por estes dias lançar a publico).

D. Filippe pôz-lhe casa em Botafogo, mandou, por inspiração propria e segundo desenho seu, apparelhar o brazão d'armas da Condessa Vesper—uma grande estrella de prata em campo azul celeste, cortado em diagonal por duas ordens de lagrimas vermelhas; em cima a corôa condal, e por baixo do escudo um ramo de camelias brancas. E deu-lhe lacaio de libré agaloada, tomando do brazão as duas côres carmin e prata; e deu-lhe joias, e deu-lhe rendas tão preciosas, que valiam ainda mais que as joias, e vinhos taes, que valiam mais que as rendas.

Vesper tocara ao seu zenith, á fulgida culminancia que precede ao fatal declinio.

Pouco, muito pouco tempo durou o plenilunio da sua gloria, apenas um anno, mas nesse fugaz instante gosou ella todas as delicias da voluntariedade; foi por um momento da sua vida o centro planetario, em torno do qual todos os prazeres livres e todos os vícios caros do Rio de Janeiro bailaram ébrios de gozo. Os principescos salões de sua casa converteram-se, não





PARÁ---BOULEVARD DA REPUBLICA



CAXIAS--O PORTO DE DESEMBARQUE





### MARANHÃO--THESOIRO PUBLICO DO ESTADO

só no quartel general de todas as prodigalidades elegantes, de todas as gentis libertinagens de um e outro sexo, mas ainda no alegre ponto de reunião de muito dignitário de gravata lavada e de homens de real merecimento litterario, artistico e scientifico. Nas suas esplendidas noites, de ceia permanente, em que o champagne corria a jorros e a orchestra só emmudecia ao clarear da aurora, em que as bancas de lansquenet, de bacará e de «trente et quarante» se succediam, deslocando centenas de contos de réis, viram-se, ao lado das vulneraveis divas de collo nu, altas patentes de mar e terra, poderosos conselheiros da Corôa, velhos senadores cobertos de condecorações, formidaveis banqueiros, cujos sorrisos de labios seccos valiam ouro, capitalistas donos da Praça, e titulares que dariam para uma colleção completa, desde o bisonho commendador de grão minimo na Maçonaria, até ao rebarbativo Conde, grão 33, com chácara em arrabalde e o nome imposto pela Camara Municipal á rua em que elle habitava.

E ella, ao lado do seu príncipe, cercada de admiradores ricos e de protegidos pobres, sentia-se plenamente feliz, gozava essa felicidade, tão ambicionada e tão rara, que só experimentam os privilegiados da fortuna, os eleitos da sorte; a felicidade de chegar ao fim proposto, de cumprir o seu destino na terra, de tocar com as mãos e com os labios o ideal sonhado durante a vida.

Nesse anno de plenitude, Ambrosina chegou a ser uma irresistivel potencia, cujo valimento se estendia escandalosamente até aos degrãos do Throno. Quantas vezes não foi ella, ás horas escusadas do pôr do,

dia, visitada e adulada por estranhos de boa cotação na sociedade, que lhe iam solicitar a graça de uma recommendação para os magnates do poder? Quantas vezes não recebeu, com frios gestos de rainha, a clandestina visita de alguma pobre senhora, que entre rissonhas e envergonhadas lagrimas lhe supplicava uma palavra de interesse pela promoção do marido ou pela nomeação do filho? Quantos casamentos de dinheiro, e quantos casamentos de amor, e quantos adulterios, e quantas reconciliações conjugaes, não dependeram della? Quantos destinos não lhe foram parar ás felinas mãos, para destas receber a nova direcção que lhes quizesse imprimir a soberana phantasia da loureira?

De tão senhora da fortuna, e de tão satisfeita consigo mesma, chegou Ambrosina a revelar bellas alterações no temperamento e no genio. Era difficilprehender-lhe então um gesto de máo humor ou de má vontade; dera ao contrario para mostrar-se indulgente e branda com os inferiores, compassiva e humanitaria para com os humildes e fracos, cheia de um espectacular interesse pelas victimas de qualquer notavel desastre. Acudiam-lhe agora, áquelles mesmos labios a cujo sopro vidas de vinte annos se apagaram, doces sorrisos de meiga affabilidade para os pallidos necessitados, que de longe se arrastavam até á fimbria de seus vestidos em supplica de piedosos desvelos.

Quem sabe lá o que não sahiria ainda de semelhante demonio, se aquelle plenario anno se prolongasse indeterminadamente!... Mas, um dia, dia fatidico para ella! o seu antico amante lhe diviso, por entre os ondulosos e fartos cabellos da nuca, os primei-



ros fios brancos, e lhe presenteio através dos beijos as

primas rugas da velhice.

Dous mezes depois, D. Filipe desaparecia do

Rio de Janeiro, sem se despedir da sua companhia

de desagrado, e ainda por cima lhe alcançava não

de algumas das melhores joias que elle proprio lhe

havia dado.

E a roda da fortuna começou a desandar vertigi-

nosamente para a Condessa Vesper.

Tão lenta e folgada fora a ascensão, quão rapida

e pungente era agora a descida. O atrevido fausto em

que a deixara instalada o fugitivo principio, os dis-

pendiosos habitos que lhe enfeitavam, e o exigente meo

que lhe dera, mais lhe agravavam a situação e lhe

precipitavam o fatal sossego. Pouco depois da deser-

ção de D. Filipe, já o fuzgo creditado que se havia abor-

to em torno della se fechava como um golpe cicatri-

sado.

Ambrosina vio afflicta desmoronar-se debaixo de

sens pés, como por alcáçoves de theatro, todo o retri-

lhante e scenographico pedestal em que num momento

se julgou soberana, e comprehendeu, ai della! que is-

so acontecera, não porque só um principe D. Filipe a

pudesse manter naquellas alturas, mas porque a sua

época passara, porque outras mulheres, mais moças e

mais novas, lhe empolgavam, entre victoriosas garga-

lhadas, o chochalheiro e leve sceptro da libertagem

humense.

Vesper descambava e amorteceia a luz de novas es-

trellas.

O proprio Alazar, onde campeara ella no Rio de

Janeiro os seus decisivos triumphos de mulher formo-

sa e publica, cahia tambem de moda, e só era agora

frequentado por uma velhada quicita e conservadora,

metódicamente pagodista. E pouco sobrevivera ao

desmão da sua ultima estrella de primeira grandeza;

depois de agostar por alguns mezes, repetindo velhas

e estaladas canções dos seus tempos felizes, entregou

a alma ao diabo, quasi juntamente com o esperto Ar-

nau, cuja vida parecia identificada com a do endemo-

niado theatrinho.

De repente, vio-se Ambrosina cercada de uma ne-

gra nuvem de meirinhos e credores de dentes rellidos,

que lhe fatiscavam pendas e alfaias, joias e baixellas,

moveis, carros e cavallos, sem que tudo isso lhes des-

se, não obstante, para pagar em juizo a metade do que

devia a executada.

Dentro os meirinhos, um, que se mostrava dire-

ctamente interessado por ella, procurou falar-lhe em

particular. Ambrosina agarrou-se a elle, como o nau-

frago a primeira mão que se lhe estende, mas, ao en-

fretivo retrahimento de surpresa e de repugnancia,

caral-o de perto, e ao reconhecer-o, afinal, teve um ins-

livelto retrahimento de surpresa e de repugnancia.

ALUIZIO AZEVEDO.

## Dolorosa

Em amo essa tristesa dolorida  
Que se lê no teu rosto amargurado,  
O' minha triste jurty ferida,  
O' meu virgineo sonho abençoado.

Guardas talvez no peito apunhalado  
Por essa dor que te consome a vida,  
A saudade pungente de um passado,  
De uma illusão talvez emmurehecida...

Contudo, o meo que ora, linda offerece já uma car-  
acterística especial. E' um meo de espectáculo. Não ha-  
ve uma obra, mas as mesas dos cafés, como nas salas das  
redacções, manifestam-se já aquella agitação, que é o pro-  
prio das batalhas artisticas que não tardam. Chamam-  
se os nomes dos que estão dando a ultima demão ao  
seu trabalho, circumtam entre grupos mais ou menos ar-  
tísticos, planos, títulos de obras, e denunciam-se mesmo  
trechos, situações, que uma indiscrета amizade desco-  
briu. E, se ha inverno que se revele promettedor de ex-  
tremos, artisticos em Portugal, é este que se ap-

velhice e dos garotos.  
outro pedaço de cartas sobrevivem as inclemencias da  
portas fechadas dos theatros, junto das quaes um ou  
onde as capas dos ultimos livros amarellecem, e nas  
versamente se denuncia nas «montras» dos livros  
ca do verão, um estagnamento litterario, que incontro-  
publico origina necessariamente, durante a calima que  
templa-se, amase. Assim, a ausencia quasi absoluta de  
esforço, do braço ou do espirito. Não se lê, vê-se, con-  
teem como precetto completo alheamento de qualquer  
opprime e constange,—e, além d'isso, as villegiaturas  
fações da alma, que o materialismo da vida das cidades  
mosas paginas de estylo, uma aragem de ideal as solidi-  
amor que se lhe dedica, quando ella concede, em for-  
a sua traducção em arte já não apatixona com o mesmo  
egualmente um contrasenso. Junto da natureza vivida,  
dos valles ou aspira as frescas brisas marinhas, sera  
blico apreciador de arte, que fugio para os arvorados  
los amigos e pelos litteratos em vogar. Contar com o pu-  
comas, o seu unico intuito é espalhar a sua estrella pe-  
livo n'este ensejo pouco proprio, porque, afinal de  
publicidade, que se decide a publicar o seu primeiro  
desfavoravel, a não ser algum «novo», impaciente de  
se aventura ao lançamento d'um livro em occasião tão  
passam de tres:—Lisboa, Porto e Coimbra, que ninguem  
tão limitado numero nas cidades onde se lê e que não  
ainda, informadamente, tão escasso, permanece em  
teressa pelas cousas do espirito e que em Portugal é  
são mezes mortos para a litteraria. O publico, que se in-  
falta de producção litteraria. Comprehende-se o facto  
pratas, caracterisa-se sempre por uma quasi absoluta  
emigra para os campos, para as lhermas e para as  
e que constituem aquella epocha de verão em que tudo  
O meo actual, como de resto os que o precederam,

## A poesia

## O meo litterario

ANTONIO LOBO.

Ah! eu quizeria, devolvido e ardente,  
Unir-te ao peito meu, depois, contente,  
Morrer fitando o teu divino rosto...  
Se assim pudesse, o meu choroso lyrio,  
Lançar-te dalma esse cruel martyrio,  
Dalma arrancar-te esse mortal desgosto!

De meos mortos—Espectro—A poesia em  
litteraria—Novos e velhos—Lobo e Guerra  
Amphuro—O Livro de Orpheus—O Apostolo  
a sua obra.



proxima incontestavelmente um d'elles. A arte portugueza está soffrendo uma profunda elaboração de futuro, e é de crer que, n'um prazo mais ou menos breve, a campanha talvez latente, mas vigorosa, que procura intriga-la nas largas correntes sociais do seculo, triumphará com todo o poder que lhe advem, não só da mocidade que a inspira, como da propria fatalidade dos factos a que todas as manifestações do espirito se não podem subtrahir.

Eu disse que se esperam acontecimentos litterarios, mas devo acrescentar que no campo da Poesia, a que tenho de me referir agora, essa esperança ou essa «attente» tem de resumir-sea bem estritos limites, pelo menos em relação á quantidade. As lyras de Portugal parece que atravessam uma crise de desalento, e a propria juventude, que todos os annos arremessava a um mercado tão pouco favoravel aos cantos dos poetas uma alluvião de livros verdadeiramente superabundante, dir-se-ia ter cahido agora no extremo diametralmente opposto. Os livros de versos são, com effeito, bastante raros, não digo mesmo os publicados, mas até os esperados. Toda a geração dos symbolistas e decadentes parece ter sido varrida por um repentino cyclone. Eugenio de Castro está calado, e os seus discipulos ou não existem ou renegaram aquelles principios que o seu principal orientador tem ido igualmente esquecendo. Outra camada de jovens poetas transparece já, mas essa, ou por um retrahimento facilmente justificavel por um grande escrupulo artistico ou pela ausencia duma forte paixão profissional, limita-se, quando muito, a, em paginas de revistas ou columnas de jornaes, soltar um energico e harmonioso appello á Vida, ao Amor e ás grandes reivindicações d'uma humanidade soffredora. Todavia, ella é uma esperança, e a força das cousas, quando não sejam os subjectivos instinctos da arte, ha de forçar a a romper um silencio que, prolongando-se, poderia sujeitar-se a um estyigma de abdicação.

Restam os dois mestres que empunham o sceptro do Lyrismo em terras de Portugal. D'um d'elles, Gomes Leal, que ha bastante tempo não vejo, não se espera por enquanto uma grande obra, como de direito se deve reclamar do seu originalissimo e poderoso genio poetico. Não quer isso dizer que elle se retraia de intervir na arena da arte, onde se trava, cada vez mais accessa, a pugna das idéas depois da publicação do «Fim d'um mundo», onde, a par com as suas ultimas composições, principalmente satyricas, elle agrupou as melhores joias da sua obra consagrada; Gomes Leal publicou já este anno dois folhetos, ambos relativos a momentosas questões da actualidade e que decerto são largamente conhecidas no Brazil. Um, que trata da questão transvaaliana, intitula-se «Kruger e a Hollanda», e é um caloroso brado do poeta contra a abjecta subserviência ou a revoltante cobardia dos governos europeus, que deixaram o velho Kruger intentar inutilmente a sua dolorosa peregrinação. O outro, referindo-se á questão jesuitica, que tão profundamente convulsionou a sociedade portugueza, é uma «Carta ao Bispo do Porto», com o sub-titulo: «O jesuita e o mestre escola», em que o grande poeta encontra por vezes o vigor das suas antigas satyras e todo o inextinguivel lyrismo dos seus cantos da mocidade. D'ahi para cá não sei o que tenta no terreno da Poesia, a não ser que me refira a essa já longa esperança com que todos os que o admiram esperam a sua «Mulher de Luto», grande poema, de que conheço trechos admiráveis e

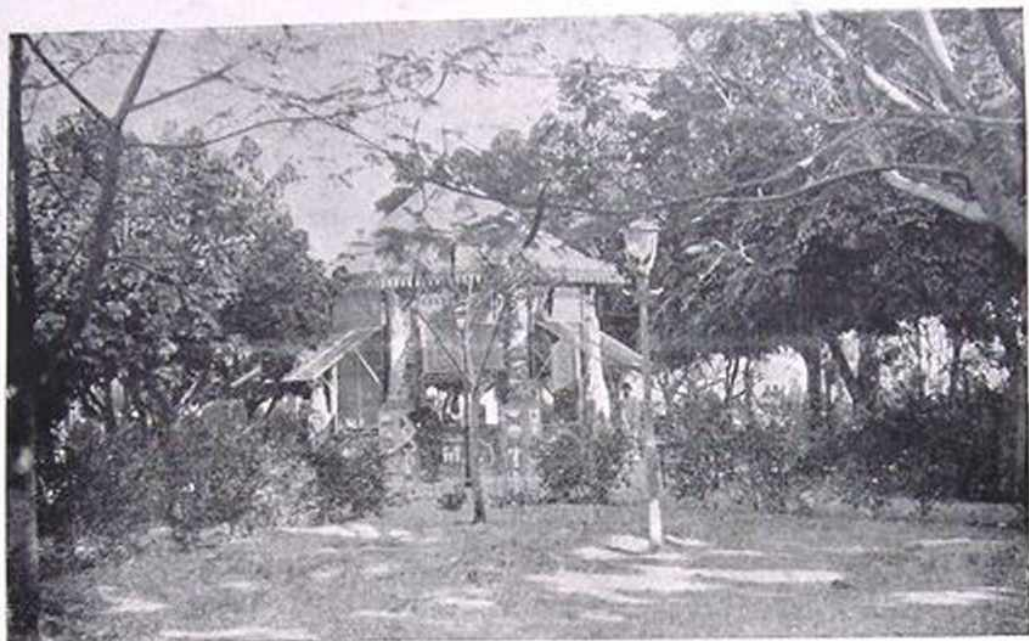
que Gomes Leal nos promette desde 1894. Ao que creio, segundo muito recentemente me affirmaram, o poeta pensa agora na proxima publicação d'um jornal de caricaturas com o titulo «O bom senso a rir», que elle dirigirá, e cujas illustrações serão confiadas ao lapis de Celso Herminio, e os trabalhos de preparação d'essa revista parecem absorver-lhe toda a actividade litteraria.

O grande conhecimento esperado em Poesia, — e sirva elle para nos consolar da falta de quantidade, — é o novo livro de versos de Guerra Junqueiro, que d'esta vez se julga certo sahir á luz durante o inverno. A obra de Junqueiro é o «Livro de Orações». Aguardado tambem, ha annos, com o interesse vivissimo que as obras do autor dos «Simples» despertam entre nós, interesse que, por momentos, nos dá a impressão momentanea de que estamos realmente n'um palpitante meio intellectual, o «Livro de Orações», se não tem sido publicado, não tem todavia deixado de ser trabalhado, escrupulosa e amoravelmente, pelo extraordinario artista. Cinzelado, refundido, mesmo, muitas vezes, Junqueiro tem-lhe dedicado tanto extremo, na desesperadora ancia da perfeição que o domina, que é até possivel que o proprio titulo ainda se transforme até ao momento de ser entregue á publicidade.

Quando falo em ancia de perfeição, não se julgue que se trata d'um esmero exclusivamente litterario, no sentido em que vulgarmente este termo possa ser comprehendido. Da ultima vez que Guerra Junqueiro esteve em Lisboa, tive ensojo de falar largamente com o eminente poeta, cujo espirito, passando por successivas transformações moraes, se encontra hoje positivamente na phase do apostolado; em que deve certamente cristalisar-se. A' força de concentração espirital, no seu quarto ascetico de Villa do Condé ou de Barca d'Alva, onde, entre quatro paredes caiadas, um leito singelo de ferro e uma não menos singela mesa de pinho, compõem o interior artistico do maior artista de Portugal, nos ultimos tempos, Junqueiro creou uma religião, toda de renuncia e de bondade, e que se approxima extraordinariamente da de Tolstoi. O seu aspecto mesmo é o d'um apostolo. Entre a barba espessa, que lembra um pouco a de João de Deus, o rosto magro e fino mal transparece, sobrepujado por um nariz talhado em bico de aguiá e illuminado por dois olhos fulgurantes de vivacidade, d'onde elle não poude, apezar de todos os esforços da sua orientação evangelista candido, apagar a chama ardente da ironia. Vestido despretenciosamente, mas ainda assim aristocratico e superior no minimo gesto e na minima inflexão, a voz sua-lhe pausada e convicta dos labios finos, mantendo sempre a serenidade d'uma doutrinação. Não ri, porque no riso suppõe uma flagellação, infligida seia a quem fôr, mas não evita o sorriso, e sobretudo o olhar, — ah! esse olhar em que ha sempre um lampejo de Voltaire e um raio de Mephistopheles. Contudo, vê-se que esse olhar e esse sorriso não são intencionaes e premeditados: são superiores a elle proprio, — é toda a sua vida anterior que nelles renasce, sem que elle possa recalca-la, a sua vida litteraria, que, levada n'uma satyra constante dos costumes e dos principios do seu tempo, o fizeram o primeiro poeta satyrico portuguez da nossa epoca.

Pois bem! Este ironista, este artista, este ser de tão authentic e vital temperamento litterario, que foi um «raffiné» de formas de arte e melhor do que ninguém soube acabar, com a pureza das linhas d'uma es-





### CEARÁ---JARDIM PUBLICO

tatua, os cantos d'um poema, tortura-se agora no empenho de não deixar passar no seu livro uma phrase, uma palavra que sejam a «phrase, a «palavra litteraria». O que deseja attingir é a simplicidade absoluta da forma, e ao mesmo tempo a pureza absoluta da idéa. Segundo elle mesmo me contou, quatro annos esteve parado o «Livro de Orações», por causa de dois versos.



### PARÁ---ESTRADA DE S. JOSÉ

Esses versos diziam:

Na lucta do Ideal, só,  
mata sem dó!

Chegado a este ponto, Junqueiro estacou, tomado d'uma subita reflexão. Poder-se-ia acaso matar sem dó, mesmo na defeza d'um grande ideal? Não seria isso a negação de toda a Bondade? Compreende-se a que profundidades do pensamento, a que analyse de complexas questões conduz uma hesitação d'esta ordem. O «Livro de Orações» ficou interrompido por largo tempo.

Um dia, enfim, Junqueiro voltou ao seu trabalho. Tinha uma substituição. Era esta:

Na lucta do Ideal, só  
mata com dó.

Mas de novo, passados dias, o doloroso problema se reapossou do seu espirito. Matar com dó, ou matar sem dó, não

é sempre matar? E ha acaso o direito de matar? Citou-me, sem se pronunciar, a resposta de Tolstoi, que, a alguém que lhe dissera o que é que elle faria, se um bando de Pelles Vermelhas assaltasse a sua casa, massacrasse a sua familia, o despojasse de tudo e o victimasse em tudo,—se em tal caso elle não se defenderia, elle não mataria, e que a tudo isto só respondeu:

—Não mataria, nem para me defender.

O «Livro de Orações» esteve de novo parado n'aquelle ponto, e, afinal, passados tempos, Junqueiro eliminou os versos. Não, decididamente não havia o direito de matar,—«em caso algum».

Não estão já bem fixadas n'este simples incidente as transformações do seu espirito? De resto, a fixação absoluta não deve tardar, porque Guerra Junqueiro vae brevemente, ao que me consta, definir, n'uma serie de artigos, que publicará n'uma revista de Lisboa, a sua orientação philosophica, esperando-se mesmo que elle não só a affirme em palavras como em actos.

O «Livro de Orações», de que se espera um clarão de tanta grandeza moral, é, pois, a unica promessa, até o momento em que escrevo, para as letras portuguezas. Dos mais, novos e velhos, nada se sabe. Mas como a Poesia não dá nada, em Portugal, não é de esperar, n'estes tempos de mercantilismo triumphante que uma agradável surpresa venha afortunadamente derrota a nossa pessimista expectativa.

—A seguir

Lisboa, 30—Setembro.

MAYER GARCIA.

A superioridade dos bellos contos sobre os rancões da vida real, é que os primeiros foram feitos para nos consolar dos segundos.

MELCHIOR DE VOGUE.



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Novembro de 1901

NUM. 6



**Dr. Alberto Maranhão**

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE



## Poemas do coração

I

### HORA DA SAUDADE

Hora do pôr do sol, hora em que mais profunda  
plange no coração a harpa da saudade  
E a alma onde se guarda uma illusão se afunda  
como que no amargor de uma triste orphandade.

Hora do recordar e da melancolia!  
A terra vai entrar para um longo repouso  
de que despertará, quando nascer o dia,  
à carícia do sol, a estremecer de goso.

Pelos ramos, no morno aconchego dos ninhos,  
vão morrendo, morrendo o tremulo cicio,  
os anseios de amor dos meigos passarinhos,  
medrosos, quando a sombra as matas invadio.

Ao longe, mal se avista o pincaro da serra  
e o incendio do poente vai a extinguir-se, vai!  
E na minha alma, que te asila e te encerra,  
a tua imagem vem dorida como um ai!

A tua imagem vem toda branca, mas triste,  
anhelante, anciosa, a procurar, bem vejo,  
se em minha fronte, ó Noiva, a consolar-me existe  
a carícia do teu immaculado beijo.

Vem ver se eu te esqueci, se esta longa distancia  
fez com que eu malasse a tua recordação.  
Mas somente aqui vio meu coração em ancia,  
longe do palpar do teu coração.

Hora do pôr do sol, hora extensa e maguada!  
Só. Contemplo absorto o céu e o mar estuante,  
e perdido, a sentir tua carícia amada,  
morre-me pouco a pouco esta dor incessante,

que tanto me flagella, esta dor que me abate  
e grita às vezes mais do que um lobo esfaimado  
procurando extinguir num ultimo combate  
o coração viril que vive alimentado

unicamente só da fé, das esperanças  
que me inspira este amor que breme como a fera  
e que arrulha também como essas rolas mansas,  
canta, vibra, soluça, enleia e desespera.

Os que amam saberão a profunda amargura  
destes versos e desta infinda anciedade...  
pois é preciso amar, amar até à loucura,  
para saber gozar a dor de uma saudade.

Bordo do «E. Santo»,  
Amazonas—7—901.

THEODORO RODRIGUES.

## O crime como phenomeno social

O estudo do crime e do criminoso despertou nos ultimos tempos grande revolução na sciencia penal, modificando-lhe profundamente os conceitos, que ainda figurão nos codigos modernos.

A Lombroso deve-se o inicio d'essa campanha contra as escolas metaphysicas, pela creação da anthropologia criminal.

A velha e a nova escola são os dois campos em que se debatem juristas e sociologos; a primeira esforçando-se por manter o prestigio que lhe derão tempos que já passarão; e a segunda levando de vencida pela observação dos factos, os principios apriorísticos do classicismo penal.

Gabriel Tarde resume nos seguintes pontos as divergencias entre essas duas escolas: 1.º, a primeira afirma o livre arbitrio e a segunda nega-o; 2.º, uma considera o delinquente como um homem qualquer e a outra apresenta-o como uma anomalia psychologica e physiologica da natureza humana; 3.º, finalmente, uma considera o crime como um futuro incerto, que terá existencia ou não, conforme o livre capricho do individuo, que se trata de deter pela perspectiva do castigo, e a outra reputa-o um phenomeno natural e necessario que tem suas causas physicas, anthropologicas, sociaes, impossiveis de serem neutralizadas, se não levemente, pela intimidacão da pena, qualquer que seja a gravidade d'ella, e, em uma proporção mais forte, pela reforma das instituições civis—«La philosophie penale», pag. 54.

A primeira estuda o crime como um phenomeno puramente «juridico»; e a segunda, antes de observá-lo como tal, estuda-o como um phenomeno «natural», amparada na observação dos factos e nos dados que lhe fornecem a biologia, a psychologia e a psychopathologia criminaes, e ainda a estatística e a sociologia.

Estou com esta ultima, pois ali levaram-me poucos, mas meditados estudos; e, abordando o assumpto d'esta these, nada pretendo innovar, e sim limitar-me á exposição do resultado do exame que sobre ella fiz em fontes autorizadas.

Louis Proal, na sua substanciosa memoria—«Le crime et la peine»—, fazendo a critica da nova escola, entende que ella está condemnada a desaparecer, como desapareceu em 1832 a Sociedade de anthropologia de Paris com o ridiculo que sobre os seus estudos de cranioscopia atirou o dr. Foissac. Este, que era membro da sociedade, levára a ella um craneo asymetrico, que lhe fôra confiado pelo grande cirurgião Roux. Muitos dos socios, diz Proal, constatarão immediatamente sobre este craneo «os instinctos animaes muito mais desenvolvidos que os sentimentos superiores e as faculdades intellectuaes, e forão levados a julgar mal da vida d'aquelle a quem o craneo pertencera. O sentimento geral foi que um desgraçado tão mal conformado devêra ter perecido no cadafalso». O craneo era de Bichat!—Obr. cit., pag. 13.

Apesar da competencia scientifica revelada n'essa obra, digna de leitura, o seu autor não conseguirá resuscitar a doutrina do livre arbitrio, aliás defendida com brilhantismo.

E' hoje inconcebivel esse livre arbitrio individual, especie de milagre d'uma geração espontanea, sem germen nem raiz no meio exterior, como diz Enrico Ferri; por isso deixo-o de parte.

Dentro da nova escola, porém, não ha opinião unanime sobre este assumpto; discute-se largamente—se o crime é o producto da personalidade physico-psychica do criminoso, ou antes do meio social; e são muitas e variadas as theorias que surgem em torno d'esses dois pontos extremos.



É meu intuito demonstrar que o crime não é um phenomeno exclusivamente social; antes, porém, seja-me permitido fazer uma ligeira resenha das theorias que explicão a genesis d'esse phenomeno.

Elas podem reunir-se em dois grupos, segundo fazem derivar o crime da anormalidade do individuo ou da anormalidade da sociedade; não fallando das doutrinas de Albrecht e de Durkheim.

O primeiro sustenta que o crime é um phenomeno de normalidade biologica, isto é, que os criminosos, reproduzindo as inclinações, os habitos e muitas vezes os caracteres organicos do mundo animal, representam a vida normal da natureza, que é por toda a parte o assassinato e o roubo, ao passo que a conducta do homem honesto é a excepção, e, portanto, a anormalidade biologica.

O segundo, dizendo que se deve considerar como normal todo o phenomeno social que é mais frequente no tempo e no espaço, e como anormal aquelle que é menos frequente e accidental, chega á conclusão de que o crime, sendo um phenomeno constante, sob fórmas diferentes, em toda a sociedade humana, sem excepção de tempo e de lugar, deve ser reputado um «phenomeno normal».

Ferri refuta cabalmente estas duas theorias originaes—«Annales de l'Institut international de sociologie», vol. 2, pag. 417 e segs.

No primeiro grupo—d'aquellas que fazem depender o crime da anormalidade do individuo ou biologica—estão as theorias: 1.ª do atavismo organico e psychico, de Lombroso; 2.ª do atavismo psychico, de Colajanni; 3.ª da nevrose, de Maudsley e Virgilio; 4.ª da enurasthenia, de Benedikt; 5.ª da epilepsia, de Lombroso; 6.ª da degenerescencia, de Morel, Sergi e Ferri; 7.ª da falta de nutrição do systema nervoso central, de Marro; 8.ª da anomalia moral, de Despine e de Garofalo.

Ao segundo grupo—d'aquellas que considerão o crime um phenomeno de anormalidade social—pertencem: 1.ª a da influencia economica, de Turati; 2.ª a da falta de adaptação politico-social, de Vaccaro; 3.ª a das influencias sociaes complexas, de Lacassagne, Tarde, Manouvrier e Topinard.

Que o exclusivismo d'essas doutrinas não satisfaz para a solução do problema, demonstra-o Ferri, obr. cit.; e de accordo com elle entendo que o crime é um phenomeno de origem complexa, ao mesmo tempo biologica, physica e social.

«Elle provém de uma anomalia especial biologica, que se pode chamar com Maudsley uma «nevrose criminal», que o distingue de qualquer outra fórma de degenerescencia, e sem a qual o meio physico e o meio social não bastão para explicar o crime; nevrose acompanhada, quasi sempre, em proporções diferentes, segundo a categoria dos criminosos, de anomalias do atavismo, da epilepsia, da degenerescencia, sendo que esta ultima é verdadeiramente o factor especifico, pelo qual tal individuo, comtaes caracteres bio-psychicos, em tal meio physico e social, commette tal crime.

«Certamente, o predomínio d'este ou d'aquelle factor determina variedades bio-sociaes de criminosos, mas qualquer crime de qualquer criminoso é sempre o producto da accão simultanea das condições biologicas (hereditarias e adquiridas), physicas e sociaes».

O meio social por si só é insufficiente para explicar o crime; os que pensão de modo contrario exagerão o alcance da celebre phrase de Quetelet—«É a

sociedade que prepara o crime; o criminoso não é mais do que o seu instrumento executivo».—«Physique sociale», tom. 2, pag. 428.

A phrase de Quetelet, que L. Proal—obr. cit., pag. 232, considera paradoxal, encerra, entretanto, uma grande parte da verdade positiva, attendendo-se á reacção feita contra o individualismo aprioristico do livre arbitrio e á orientação experimental do pensamento scientifico e da consciencia collectiva contemporanea, como diz Ferri; levada, porém, ao absolutismo opposito, não pode ser o reflexo do que se passa na vida, porquanto, na origem e nas manifestações do crime, o mais complexo dos phenomenos sociaes, encontra-se toda a engrenagem da vida normal e da vida anormal, isto é, todas as influencias e as fórmas normaes da luta pela vida (industria, trabalho, instrucção), e todas as influencias e as fórmas pathologicas d'essa mesma luta pela vida (violencia, fraude, miseria, falta de nutrição, degenerescencia, alienação mental).

Os estudos de anthropologia criminal tem posto embargos á doutrina exclusivista de que o crime é o producto do meio social, sustentada na Italia por Turati, e na França por Lacassagne, Tarde, Manouvrier e outros.

Effectivamente as condições do meio social são mais facéis de apanhar do que as da anormalidade bio-psychica; mas isto não justifica absolutamente o abandono do estudo de umas pelo das outras.

O factor economico (Turati), sem as condições biologicas, não pode agir por si só, pois de cem individuos miseraveis no mesmo meio uma parte minima se entrega ao crime.

A miseria produz sempre no individuo e seus descendentes toda a sorte de degenerescencias; mas nem por isso se deve deixar de estudar as condições pathologicas do homem criminoso. «O medico, ciz Ferri, estuda a tuberculose e o typho como molestias individuais, sabendo, entretanto, que as condições miseraveis do meio physico e social tem grande influencia na genesis d'essas molestias».—Obr. cit., pag. 429.

O crime, diz-se ainda, é o effeito de uma falta de adaptação do criminoso á constituição legal de toda a sociedade (Vaccaro); em toda a sociedade ha dominantes e dominados, e sendo as leis penaes feitas para a defesa das classes dominantes, o criminoso é um individuo que a ellas não se pode adaptar; elle revolta-se ou degenera. Se esse conceito encerra alguma verdade, não pode, todavia, sertomado em um sentido absoluto, porque as leis penaes e os crimes existem tambem entre individuos da mesma classe, dominante ou dominada; demais, nem todos os «não adaptados» commettem crimes.

Finalmente á doutrina menos precisa e mais elastica de Tarde e outros, sustentando que o crime provém de circumstancias sociaes complexas, pode-se oppor com vantagem a seguinte phrase de Ferri, que em si resume uma discussão inteira:—«Em um mesmo meio social não é louco quem quer, e não é criminoso quem quer».

Se as condições sociaes por si sós, como demonstra a experiencia quotidiana, não bastão para fazer de todo o miseravel, de todo o ignorante, ou de todo o individuo que luta pela vida, um assassino ou um ladrão, isto prova que o crime tem tambem um factor pessoal, biologico.

Portanto, repellindo a idéa de que o crime é um phenomeno exclusivamente social, entendo com Ferri





### Tipo de belleza paraense

rico Ferri que os seus factores são de tres ordens: «anthropologicos» (constituição organica e psychica do criminoso), «physicos» (meio tellurico) e «sociaes» (meio historico e social).

Só por esta fórma se pode explicar, não só a genesis do crime, como de qualquer outro facto social. Maranhão, Outubro, 1901.

F. MACHADO.

### Epistola a Micota

Quizera confessar-te, ó creatura,  
Ante esse Fausto de visão sombria,  
Todo o martyrio que a alma me tortura  
Todo o mysterio que a alma me crucia!

Assim prostrado, então, eu te diria  
Que existe neste mundo uma ventura,  
Que o coração nos enche de alegria,  
—Amar-se alguém que o nosso amor procura—

O' Santa, ó Santa! O' que te digo agora  
E' o sentimento que por ti outr'ora  
O meu olhar no teu olhar vibrou,

Pois cre, Senhora, que de ti distante  
Sinto aclarar-me a mesma luz brilhante  
Que dentro d'alma, ao ver-te, me ficou!

FRANCISCO SERRA.





## R. Coghe---O final do jogo

A REVISTA DO NORTE

MARANHÃO—BRASIL.





Curitiba--Passeio Publico



Rio de Janeiro---Uma das dependencias da Fabrica de Cerveja Teutonia



## O mez litterario

### O Romance

*Escassez de romances—Os Chibos e a Comédia Humana—O novo livro do sr. Abel Botelho—Novellas historicas—As traducções.*

Se a Poesia nada nos deu, este mez, o Romance, por sua parte, apenas nos appareceu representado n'um volume. Esse volume é a primeira parte d'uma serie que o sr. Alfredo Gallis projecta, com o titulo generico de «Tuberculose social». Chama-se «Chibos», tem 249 paginas e é editado, como toda a serie a que me referi, pela Livraria Central de Gomes de Carvalho, de Lisboa. Anunciada, no gosto equivoco dos prospectos que os livreiros agora usam, e nos quaes se substituem a critica para se pronunciarem sobre o valor da obra que editam, como devendo ser, em Portugal, um trabalho identico á «Comédia Humana» de Balzac, escusado seria dizer que a «Tuberculose Social», pelo que se demonstra n'este primeiro volume, está muito longe de justificar essa surpreendente approximação. Estas palavras, de resto, não significam uma censura ao sr. Gallis, prejudicado por ineptas afirmações, que só poderia produzir quem fosse totalmente ignorante do que seja a Arte do que é e significa a obra de Balzac. A tentativa do sr. Gallis poderia ser honesta, sem contudo equivaler ao monumento em que o maior romancista do seculo passado representou a intellectualidade contemporanea uma sociedade em todos os seus aspectos em todas as suas paixões. Mas o romance «Chibos» está longe de se encontrar sequer moldado nas formulas do gigantesco escriptor da França. O que lá é uma severa e profunda analyse é aqui um provocante quadro de dissolução de costumes. Adivinha-se na obra do sr. Gallis a penna do conhecido «Rabelais», e muito embora, de vez em quando, nos surja com um pequeno sermão de moral, proferido todavia n'uma linguagem pouco inspiradora de conversões, a verdade é que se reconhece nitidamente que essa penna só corre á vontade quando nos descreve a plastica das duas heroínas e as perversões dos seus «ménages à trois». Numa palavra, o romance «Chibos» é tudo quanto quizerem menos uma obra moralisadora e, sendo mesmo difficil que se consiga moralisar alguém com livros que comecam por se decorarem com titulos que são termos de «cação», ainda mais difficil se torna conseguil-o, quando se não faz, no decurso de centenas de paginas, senão apimentar com descrições suggestivas as mais vergonhosas patifarias. O sr. Gallis, que é intelligente, sabe isto muito melhor do que eu, e, como intelligente, não deveria suppor possivel mystificar-nos, procurando dar ao seu trabalho intuitos que esse mesmo trabalho formalmente contradiz. O seu livro fica bem ao pé dos seus anteriores livros, impressos com pseudonymo. Pertencem a uma litteratura especial, de que a critica artistica raro se occupa. Fazel-o ingressar n'outra categoria, tão diversa, é tudo quanto ha de menos... logico, e ainda mais: é prejudicial-o.

Romances annunciados, ha poucos. Apenas os jornaes dizem que, por todo o mez de outubro, sahirá do prelo o novo livro do sr. Abel Botelho—«Amanhã», que é, segundo affirmam os seus amigos, uma obra de in-

querito social. A acção passa-se no meio operario, e, segundo parece, o sr. Abel Botelho estudou especialmente as fabricas de Chellas e do Beato, em cujo proletariado se encontra mais desenvolvido o elemento de tendências libertarias.

Outro romance, que vejo tambem annunciado, é «A Rainha Santa», novella historica no gosto das publicações baratas, a que n'este momento as livrarias estão recorrendo, afim de explorar o publico de fascículos, como os jornaes exploram, com especulações do mesmo genero, o publico de folhetins. De resto, esse publico é, pouco mais ou menos, o mesmo. Quando o jornal o não sacia de guerreiros e monges, assigna a caderneta que lhe dá mais monges e guerreiros. São dois os autores d'«A Rainha Santa», os srs. Armando da Silva e Carlos Cordeiro. O primeiro é um jornalista que na imprensa ganhou a reputação d'uma penna de valor e creio ser esta a sua primeira tentativa litteraria. O segundo tem já ás costas varias infelizes produções artisticas, em prosa e verso. Editam «A Rainha Santa», que será illustrada por Conceição e Silva, os srs. Guimarães, Libanio & C., de Lisboa.

Em traducções de romances, pouco ha tambem a notar. O «Centro de Publicações», de Arnaldo Soares, do Porto, iniciou a publicação d'uma «Bibliothèque Aménée», que já publicou dois livros: «Amor de Outono», de André Theuriot, e «Ruth», de F. Lafargue, ambos traduzidos por Annibal Passos. «Ruth», que sahiu agora, é um volume de 288 paginas.

A «Parceria Pereira» prosegue as suas edições da «Collecção economica», com o romance de Albert Delpit—«Morta de amor», traducção de Augusto Peixoto. Tem 241 paginas, e é o 43.º da Collecção.

A Companhia Nacional Editora terminou a publicação do «Diluvio», de Siekiewicz, traduzido por Eduardo Noronha e Selda Potocka. São quatro volumes que se vendem por 3.000 réis cada um, moeda brasileira.

### O Theatro

*Os autores dramaticos pullulam—Centenas de originaes!—As peças d'esta epoca—Um drama de Marcelino Mesquita—Actores estrangeiros em Lisboa—A tournée da Réjane—A reforma do theatro de D. Maria.*

Exuberancia, no theatro! Não poderia, ainda que a pudesse obter, enviar-lhes uma nota completa de todas as peças apresentadas nos theatros da capital, porque ella encheria paginas d'A REVISTA DO NORTE e mesmo das approvadas não asseguro que a minha enumeração seja completa. É incrível a quantidade de vocações para a arte dramatica que desabrocham em Portugal! O anno passado foram apresentadas em D. Maria mais de cem originaes; pois este anno creio que ainda é maior o numero. E em D. Amelia, e nos outros theatros, a alluviação foi tambem extraordinaria. Não ha ninguém que se não julgue dramaturgo e comediographo! E, afinal de contas, não apparece um verdadeiro dramaturgo novo, e são rarissimos os que dão esperanças de ainda fazerem alguma cousa.

O theatro que até agora tem mais affluencia de peças approvadas é o D. Amelia, que abre no dia 15 de outubro. Parece que principiará a sua epoca com a «Sapho», de Daudet, traduzida por Antonio Pandeira. Alem d'isso tem mais estes originaes: «A primeira ruga», de D. João da Camara; «Os Postigos», de Eduardo Schwalbach; «Os Malhados», de Arthur Lobo de Avila; e «Calvario de amor», de Julio Dantas. Estão approva-



das duas peças de estreia: «A Onda», de Henrique Vasconcellos, que está também trabalhando n'outra—«Os Pavões», não sei se destinada a esta época, e «Sangue Azul», drama de Jorge Santos.

Alem d'estes originaes deve ser representado um drama de Marcellino Mesquita. Esse drama, que se intitula—«A noite do Calvario», foi na época passada prohibido de se representar pelo governador civil de Lisboa, que vio n'elle uma allusão ao caso Pinto Coelho. Quando essa prohibição sobreveio, Marcellino ainda não tinha escripto senão tres actos. Faltava-lhe o quarto, que está agora concluido. Conheço a peça e posso assegurar-lhes que é d'uma admiravel tensão dramática. Decididamente, Marcellino é um autor «à poigne», como não se encontra outro, no momento actual, no theatro portuguez. O quarto acto é originalissimo, e tanto pela sua factura como pela vigorosa philosophia que encerra, aliada ao scintillante espirito que a doira, deve produzir uma grande sensação. Marcellino, n'esse acto, como nos outros, mas principalmente n'esse, encara o problema do adulterio feminino sob um ponto de vista inteiramente novo.

Em D. Amelia ha diversas traducções. As principais são quatro: as «Demi-Vierges», de Marcel Prevost, traduzidas por Mello Barreto; a «Veine», de A. Capus, traduzida com o titulo «A Sorte», por Accacio de Paiva; a «Course du Flambeau», de Paul Hervieu, por Accacio Antunes; o «Coup de fouet», traduzida com a epigraphe «A neta de Scribe», por Eduardo Garrido, alem da «Sapho», de que falei já.

D. Maria abre com a «Sinhá», de Marcellino Mesquita. Ainda não está fixado o dia da abertura. Sei que estão ali approvadas umas seis ou oito peças, cujos titulos e autores não se encontram ainda divulgados, á excepção d'uma comedia n'um acto de Narciso de Lacerda e outra de Alfredo Gallis. Ha tambem, ao que me affirmam, um original de Julio Dantas, e «O Casamento do Figaro», de Beaumarchais, traducção de Manuel Ramos.

Para a Trindade escreveu o sr. Freitas Branco a traducção da peça burlesca «A aposta de Floriano», de Freund e Manustadt.

O Gymnasio deve abrir com uma «reprise», e a seguir representará uma peça hespanhola, «O Motete», de Joaquim Quintero, traduzida por Carlos Trillo.

No Príncipe Real ensaia-se a peça de grande espectáculo, no gosto especial d'aquelle theatro, «A Chamariz», de Gaston Marote Halévy. O traductor é João Soller.

Alfredo Mesquita e Camara Lima estão escrevendo uma revista para o theatro da Rua dos Condes.

Por ultimo, um nova aggremação de artistas novos, entre os quaes figura Luciano, e que se constituiu sob o nome de «Companhia Dramatica Portuguesa», levará á scena, como sua estreia, n'um dos theatros da capital, até aos meados de outubro, o drama de Octave Mirbeau—«Les Mauvais Bergers», traduzido com o titulo «Os maus pastores» pelo autor d'estas linhas e o seu collega no jornalismo, Costa Carneiro.

«Os maus pastores» são, como se sabe, alem d'uma primorosa obra de arte, uma peça nitidamente revolucionaria. Quando se representou, em Paris, sendo o papel da protagonista desempenhado por Sarah Bernhardt, o seu successo foi espondoso. A «Companhia Dramatica Portuguesa» dá só duas representações em Lisboa com «Os maus pastores», porque em seguida parte em «tournée» para as ilhas.

Durante a época teremos em Lisboa dois grandes acontecimentos artisticos. Retiro-me á vinda a esta capital, contractados pela empresa de D. Amelia, da grande actriz italiana Della Guardia e do seu celebre compatriota Ermete Zacconi. Alem d'isso, veem tambem a Lisboa os notaveis actores da «Comédie Française», Le Bargy e M.<sup>lle</sup> Barthelet. A sua alta categoria artistica justifica de sobejo a anciedade com que são esperados.

Está tambem definitivamente decidida a ida de Regiane á America do Sul. Contractou a «tournée» o visconde de S. Luiz Braga, empresario de D. Amelia. Regiane dará representações no Rio e em S. Paulo. Depois seguirá para Montevideo e Buenos Aires. O seu repertorio constitue-se das peças em que tem obtido maior successo. A «tournée» realisa-se em junho do anno proximo. Parece seguro que o visconde de S. Luiz Braga levará tambem ao Brazil Sarah Bernhardt e Jeanne Hading, em 1903.

Trava-se n'este momento severa luta, no intuito de reformar o theatro de D. Maria. Ao que parece, porém, a reforma, a effectuar-se, teria o defeito de deixar as cousas piores do que estão. Contudo, as minhas ultimas informações, que reputo seguras, dizem-me que a reforma não irá por diante. O commissario regio, junto do theatro, o sr. Alberto Pimentel, já lhe deu parecer contrario.

## Outros livros

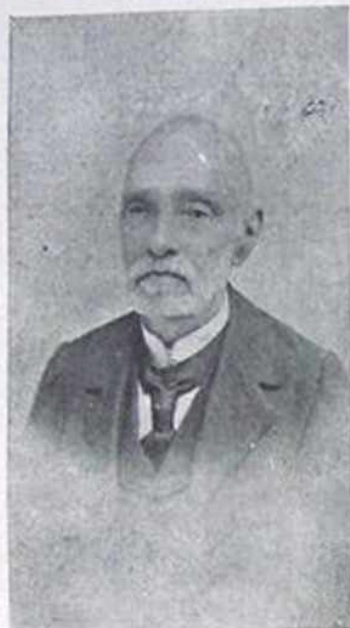
Concluiu a sua publicação a «Historia da Revolta do Porto», escripta por João Chagas e pelo ex-tenente M. Coelho. Forma um grosso volume de 480 paginas, impresso em optimo papel, repleto de primorosas illustrações. Editou-a a «Empresa Democratica de Portugal», de Lisboa.

João Chagas e o tenente Coelho chamam á sua obra «depoimento de dois cumplices». Como tal, a sua autoridade historica é evidente. Tendo ambos entrado na preparação da revolta, e tendo sido um d'elles comandante dos revoltosos, a origem e o desenvolver da accção d'esse importante movimento, tanto tempo adulterado nos seus pormenores, são postos agora em plena luz, e com uma evidente sinceridade, dez annos passados, pelos dois escriptores. N'essa obra, a parte que trata dos preliminares da revolta pertence a João Chagas; a que refere o combate nas ruas do Porto é da penna do tenente Coelho. Clareza, elevação e documentação conscienciosa são outros tantos titulos que recomendam a leitura da «Historia da revolta do Porto», tanto ao publico de Portugal como ao do Brazil.

Raul Brandão, o primoroso prosador, que é um dos mais notaveis escriptores da geração nova, interveio na polemica derivada da questão religiosa com um folheto—«O Padre», que a Livraria Central de Gomes de Carvalho publicou. É um punhado de palavras de sentimento, sahidas d'um coração de poeta, que desejaria ver reintegrar-se o padre moderno no apostolo christão de outras eras. Sonho irrealisavel, e identico ao do abbade Froment, da «Rome», de Zola, o qual viu bem depressa o seu generoso pensamento desfeito a golpes da mais cruel realidade.

Um novo pamphleto appareceu estes dias nas «montres» das livrarias. É seu autor o sr. padre Manso; chama-se «Commentarios». O autor, que se





Dr. Pedro Nunes Leal

volume de 159 paginas.—Publicações de caracter scientifico, não ha este mez nenhuma a registar.  
Lisboa—Setembro—1901.

MAYER GARCÃO.

## O Porvir Brasileiro<sup>(\*)</sup>

(AS QUESTÕES CAPITAES DO BRAZIL:—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLITICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

V

Tem passado quase despercebido o maior dos serviços que o ministro da fazenda podia prestar aos que estudam ou legislam sobre as cousas atinentes ás finanças ou á economia do Brazil. Aludimos á montagem regular da Repartição de Estatística Geral. A refundição dessa utilissima instituição, só por si, provida de todos os requisitos e secundada com carinho pelos governos estaduais, honraria para aureolar o nome do sr. Joaquim Murinho e bendizer a sua passagem pela administração publica. A politica, diz Teófilo Braga, é uma sciencia de observação e applicação. E, sendo assim, não podia de modo algum desprezar-se a organização minuciosa duma estatística geral. Os dados que ella fornece são tão indispensaveis ao negociante como ao estadista,—os dois poderes superiores da presente rotação social. Negociar por *palpate* é tão reprovavel como decretar por *adivinhação*. Já Leon Donnat (*La politique expérimentale*, pags. 473) exprime: «O metodo hoje aconselhado em politica é este: reunir os documentos que fornecem a etnografia, a estatística, a observação comparada dos povos civilizados; deduzir delleis as naturas da sociologia; verificar a exactidão dessas leis e procurar a applicação dellas. Fora disso tudo é incerteza e imprevidencia». Joaquim Murinho, reconhecendo plenamente esta verdade e desviando-se dos velhos moldes do imperio, cujas medidas apenas tinham por alvo comprar eleitores, revivesceu a fecunda Repartição Geral de Estatística e justificou-a nestes expressivos termos:—«A estatística, que consiste na applicação do metodo ex-

perimental das sciencias positivas ao estudo dos phenomenos sociais, tirando-os da vaga confusão das fórmulas oratorias, para os fazer entrar, com a rigorosa exactidão das expressões numericas, nos quadros de uma classificação simples e claramente determinada, tem adquirido, pela especialidade dos seus pontos de vista theoreticos e das suas combinações practicas, a importancia de uma verdadeira sciencia autonoma, com os privilegios de ensino official, e o reconhecimento da sua utilidade nas repartições administrativas e nos favores de publicidade concedidos aos seus trabalhos pelos governos de todas as nações civilizadas». Em conclusão:—«a estatística, segundo um publicista, é a sciencia dos factos sociais expressos por termos numericos. Ora foi este serviço justamente que o dr. Joaquim Murinho começou por corporificar, aperfeiçoando alguns pontos das tentativas feitas e organisando o que faltava,—quase tudo. Entendeu que, para bem administrar um país, é dever elementar conhecer-lhe as forças vitais».

Ha tempo que escrevia um jornal fluminense, com inteira verdade:—«Coube a este governo a solução de todos os problemas que se prendem directamente ás finanças publicas:—execução do *funding loan* e equilibrio orçamentario; repartição das despesas publicas na especie em que ellas devem ser feitas e criação dos respectivos recursos para faze-las; mudança do sistema de tributação, outrora adstricto aos recursos aduaneiros, donde se distraíram grandes sommas em favor da politica industrial, sem dar-lhe succedaneo, e, finalmente, a crise bancaria».

Ninguém contestará a veracidade destas palavras, que aliás consubstanciam o topico já transcrito do relatório da fazenda. Observemos agora, guiados por um articulista da mesma gazeta, os processos de que lançou mão o dr. Joaquim Murinho para extrair os resultados por todos conhecidos.

Quatro mezes depois da assignatura do acordo com os credores externos,—os quaes, por felicidade ou infelicidade, são exclusivamente inglezes,—subiu ao poder o dr. Campos Salles, que confiou a pasta da fazenda ao ex-ministro da viação na presidencia interina do dr. Manuel Victorino Pereira. «Desde logo se sentiu que o novo governo não vinha, como os seus antecessores, para ser governado pelos acontecimentos, mas para provocá-los, determiná-los e dirigí-los». Todos os orçamentos antecedentes se tinham fechado com *deficit*—em 1895, réis 19.491 contos; em 96, 40.27 contos; em 97, 89.976 contos. Relembraremos que em 93 dispenderam-se 110 mil contos com extraordinarios cambiais! Este simples pormenor indica, na sua aridez, a agudeza da crise—e o herculeo esforço patriótico do governo vigorante.

O orçamento de 1898, liquidado em 99, accusou ainda um *deficit* de 30.000 contos. Foi o ultimo,—o derradeiro mostrengo! O orçamento de 99 repartia-se desta maneira:—Receita, 35.114.000; despesa, 328.653.257.800 réis. Este exercicio, o primeiro da responsabilidade do actual gabinete, definitivamente liquidado, mostrou um saldo total de 13.215.018.800 réis.—Em 1898 e 99 realisa ainda o governo as seguintes operações:—Remessa para Londres de... 567.400 libras (19.200 contos); pagamento de 20.250 contos de bilhetes do tesouro, deixados pela administração transacta, além de mais 2.200 contos dos 11.000 pela mesma emitidos; resgate de 52.000 contos de papel-moeda; resgate de 830.000 libras, parte do emprestimo de 1893; pagamento dos 11.000 contos que o governo do dr. Prudente de Moraes devia ao Banco da Republica. Era esta a risonha perspectiva, ao abrir o anno de 1900.

—A seguir.

FRAN PANECO.

(\*) Vide os n.ºs anteriores da Revista.



MARANHÃO—CANOA DE TRANSPORTAR MANGUES



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Dezembro de 1901

NUM. 7



**Conselheiro Gonçalves Ferreira**  
GOVERNADOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO



## Partida e regresso

Parti. Mas ao partir, triste e chorando,  
Achei-me só no meio do caminho...  
Triste e só! nem um passaro cantando  
Dentro da rama, ou no beiral dum ninho!

Tudo tristonho! lagrimas errando  
Do coração no lugubre escaninho...  
Foram-se os sonhos do noivado, quando  
Me vi ao longe, no aréal maninho.

E' que ficavas pesada e louca,  
Tendo nos olhos lagrimas cruéis  
E suspiros amargos pela bocca.

E' que ficavas presa ao soffrimento,  
E' que, gemente, flaccido, aos teus pés  
Ficava-me também o pensamento.

Ceguei. Mas ao chegar não foi chorando  
Que, só, me achei no extremo do caminho...  
Tudo em festejos! passaros cantando  
Na rama fresca e no beiral do ninho.

Tudo, tudo a sorrir! Sonhos errando  
Do coração no tímido escaninho...  
Foram-se-me as saudades todas, quando  
Me vi bem perto, no aréal maninho.

E' que eu voltava para ver-te, louca,  
Livre daquellas lagrimas cruéis  
E tendo beijos triumphaes na bocca.

E' que eu voltava, illeso ao soffrimento,  
E que, sorrindo, extático, aos teus pés,  
Eu iria rever meu pensamento.

LUÍZ CARVALHO.

## O thezouro da tia Anninha

(A ANTONIO LOBO)

Havia n'uma das capitães do norte, ainda ha poucos annos, uma velhinha pobre, pauperrima, que não mendigava, mas aceitava o agasalho que lhe davam algumas familias compassivas, passando um mez aqui, outro ali, quinze dias acolá. Uma bella manhã chegava com a sua lata de folha (tudo quanto possuia), e aboletava-se entre afagos e sorrisos de boa vinda.

—Seja bem apparecida, tia Anninha! O seu quarto lá está, lá tem a sua cama preparada;—mas desta vez demore-se mais tempo; você a ninguém incommoda nesta casa, nem augmenta a despeza; fique o tempo que quizer.

Mas a tia Anninha, quando suspeitava que a sua presença lá se tornando aborrecida, levantava o vôo e partia, com a sua lata de folha, para alojar-se n'outra parte.

Era uma velhinha alegre, mas de uma alegria que nenhum observador experimentado acharia natural e sincera.

As crianças adoravam-na, porque ella sabia con-

tar-lhes muitas historias bonitas de fadas e lobishomens,—e ahí está um dos motivos porque a tia Anninha era sempre bem recebida, com a sua lata de folha, depois de prolongada ausencia.

Foi n'uma dessas casas hospitaleiras que a encontrei um dia (antes não a encontrasse!), rodeada de fellos boquiabertos e offegantes. Não sei porque, interessou-me aquelle rosto enrugado e macilento, em que julguei descobrir vestigios de um passado cheio de peripecias e vicissitudes.

A velha bohemia sympathisou commigo, pelo que, aliás, nenhum merecimento me attribui, porque ella —coitadinha!—sympathisava com toda a gente. Nas suas palavras, nos seus gestos e nos seus olhares, que brilhavam ainda atravez de uma pequenina fresta esquecida entre as palpebras, nunca ninguém descobriu a menor prevenção contra pessoa alguma.

Não pertencia ao typo, muito commum no Brasil, e creio que em toda a parte, da velha parazita, que anda de lar em lar, de alcova em alcova, trazendo e levando enredos, novidades e mexericos, dando fé do que se passa em casa de Fulano para chalar em casa de Beltrano, adulando as donas e seduzindo as donzelas, embiocada e devota.

Como lhe mentissem, dizendo que eu era romancista, ella me declarava, sorrindo, que a sua vida tinha sido um verdadeiro romance, e essa declaração me levou (antes me não levasse!) a revolver aquellas cinzas, curioso de saber se embaixo dellas crepitavam ainda as derradeiras brazas.

Crepitavam; mas a historia da tia Anninha era vulgarissima, sem incidentes excepcionaes nem grandes lances e surpresas do accaso. Se ella imaginava que aquillo daria um romance, não fazia mais do que fazer todos os individuos para quem o mundo não foi um mar de rosas. Não ha creatura infeliz que não esteja persuadida que da sua existencia se faria a mais interessante das novelas.

Nascera a tia Anninha pouco depois da Independencia. Era filha unica de um negociante portuguez, mais ou menos apatacado. A sua vida correu pacifica e serena até os vinte annos. Foi nessa idade que o seu coração falou: ella apaixonou-se por um caxeiro do pue.

A mãe, que desejava ser sogra de um principe, descolando um dia esses amores, que aliás duravam havia já dous annos, foi ter com o marido e disse-lhe tudo.

O negociante enfureceu-se; poz immediatamente no andar da rua o misero subalterno que se atrevia a levantar os olhos tão alto, e andou por todo o bairro commercial a pedir de porta em porta que ninguém o arrumasse. O rapaz ficou, portanto, incompatibilizado com a praça, e resolveu partir para o Rio de Janeiro, procurando no sul a fortuna que lhe fugia no norte. Partiu.

Partiu, mas, antes disso, prometteu, por intermedio de uma boa amiga da moça, guardar-lhe fidelidade, e voltar um dia, quando melhorasse de posição e de haveres, para casar-se com ella.

Prometteu igualmente escrever-lhe por todos os correios, promessa que cumpriu com lealdade, graças



ainda ao intermedio da amiga, que recebia as cartas, embora sobrescriptadas á tia Anninha.

Isto passava-se em 1844. Durante dous annos vieram cartas por todos os correios. Nas penultimas, o moço queixava-se, com letra tremula, de que se sentia muito enformo, e nas ultimas, que eram laconicas, escriptas sob um esforço violento e visivel, já não falava um doente, mas um moribundo. «Talvez seja esta a minha ultima carta», escreveu elle um dia,—e a moça não recebeu mais nenhuma. Dous ou tres mezes depois, o pae, friamente, á meza do jantar, deu-lhe a noticia da morte do noivo.

A pobresinha contava já vinte e seis annos. Se até então repellira todas as propostas de casamento que lhe eram feitas pelo pae, d'ali por diante não admittiu que lhe falassem mais nisso.

O velho, depois de se metter imprudentemente n'uma arriscada especulação de assucars, falliu em 1850, e alguns mezes depois desaparecia, fulminado por uma congestão.

Mãe e filha ficaram reduzidas á pobreza extrema. Os amigos de outr'ora sumiram-se, afugentados pelo aspecto da miseria.

Em 1855 redobram ainda os infortunios de Anninha, com a morte da mãe, victima do cholera-morbus.

Datavam dessa epoca a sua vida de bohemia e a sua lata de folha. Tinha então apenas trinta e tres annos, mas não lhe davam menos de cincoenta, taes foram os estragos causados pelos soffrimentos.

Quando a tia Anninha acabou de me contar todas essas coisas, uma tarde em que por acaso nos achámos sosinhos, n'um dos seus asylos habituaes, n'um jardim, á sombra de uma latada, não me atrevi a dizer-lhe que na sua existencia de viuva-irgem não havia materia para um romance, a menos que o talento e a imaginação do romancista supprissem o que faltava. Entretanto, proferi esta phrase, que continha uma formula de consolação:

—A sua vida é, na realidade, um verdadeiro romance, tia Anninha; mas creia que esse mesmo tem sido o romance de muitas mulheres.

—Oh! se o senhor lesse as cartas que elle me escreveu! Só ellas dariam paginas e paginas! Era um simples caixaero, mas muito intelligente. Quer ver?

—O que?

—As cartas!

—Ainda as conserva?

—Se ainda as conservo! São a minha unica fortuna. Vou buscal-as.

A velha ergueu-se, entrou em casa, e pouco depois voltou, trazendo a sua inseparavel lata de folha.

Li algumas das cartas: nada havia nellas de extraordinario, mas tinham, relativamente, muito valor pecuniario, por que estavam todas selladas com os sellos das nossas primeiras emissões postaes: o «olho de boi», o de «tresentos réis inclinados» e outros.

—Diz a senhora muito bem: a sua fortuna está nestas cartas! Saiba, tia Anninha, que cada um destes sellos vale hoje centenas de mil réis!

A pobre velha que ignorava a mania philatelica, não comprehendeu; foi preciso que eu l'ho explicasse. Ella protestou:

—Estes sellos podem valer milhões! Não me desfarei de nenhum! Para que preciso de dinheiro?

Deveria calar-me. Tenho remorsos de haver revelado ao dono da casa, onde me achava, a existencia dos sellos da tia Anninha.

Pouco tardou que se espalhasse em toda a cidade a noticia de que a velha possuia uma riqueza fabulosa, encerrada na sua lata de folha. Por fim, já se não dizia que eram sellos do correio, mas velhas moedas de ouro, joias raras e preciosissimas, o diabo!

E era o seu thezouro tão cobiçado, tanta gente lhe falava nelle e manifestava o desejo de examinal-o, que a tia Anninha, mais ciosa da sua lata de folha que Harpagon do seu cofre, tinha pezadelos e allucinações terriveis, vivia n'um continuo sobresalto, não podia dormir duas horas que não despertasse aos gritos, sonhando que lhe roubavam a sua querida lata, que ficou sendo travesseiro.

Agora havia empenhos para hospital-a; aconselhavam-na a fazer testamento, adulavam-na, perseguiam-na com uma solicitude que a desvairou, que lhe tirou lentamente o raciocinio e a saúde.

Mas do que nunca não esquentava logar; apparecia e logo desaparecia; já não contava ás crianças as suas bonitas historias de fadas e lobishomens; já não falava a ninguem no seu romance, sem perceber, coitada! que o seu romance começava agora.

Os pequenitos, que d'antes a adoravam, tinham medo della, e os garotos apupavam-na quando a misera passava, com a desconfiança no olhar, desgrehada, andrajosa, descalça, faminta, apertando nos braços esqueléticos a sua lata de folha, o seu travesseiro, o seu thezouro.

Uma noite em que a tia Anninha, vagabundeando á toa, atravessava uma praça dezerta e silenciosa, foi assaltada por um malfetor que a roubou, depois de atordoal-a com uma paulada.

Conduzida, algumas horas depois, para um hospital, ella expirou pronunciando o nome do noivo, martyrisada menos pela pancada que pela idéa de haver perdido, não os seus sellos, mas as suas cartas de amor, o seu thezouro.

ARTHUR AZEVEDO.

## Carta de Lisboa Sumario

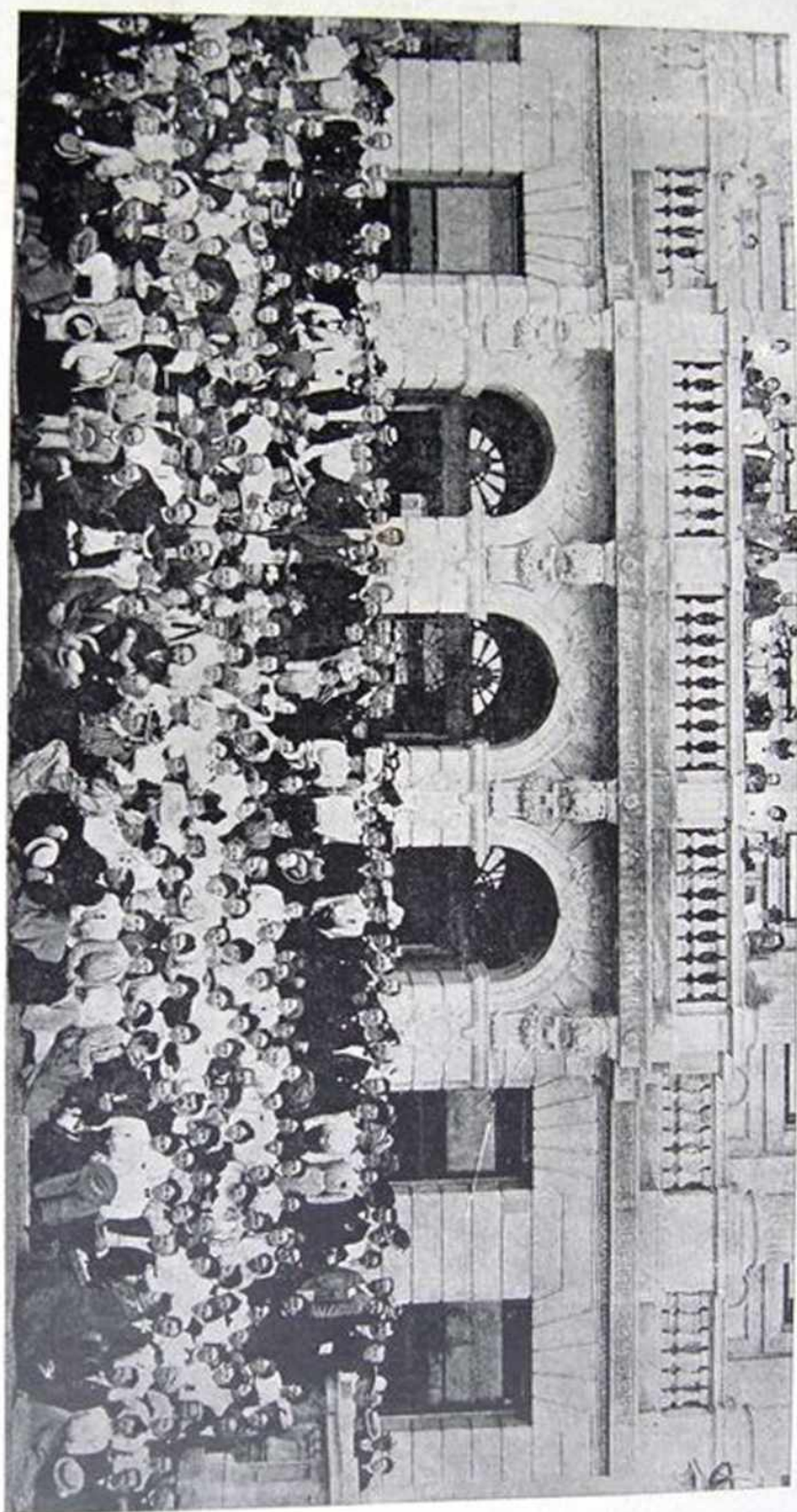
Ganhoneiras «Tejo» • «Patrias»—Questão religiosa—Crise das fabricas de tecidos—Finanças inglezas—Um fakir extraordinario—Consulado brasileiro—Conclusão.

Como o «promettido é devido», la vai hoje esta meia dusia de linhas com algumas noticias frescas desta bella terra que é, na fraze expressiva e inspirada de um bom poeta que ali floresceu—

«A terra de Camões, e Castro, e Gama,  
«E mil outros varões d'honrada fama.

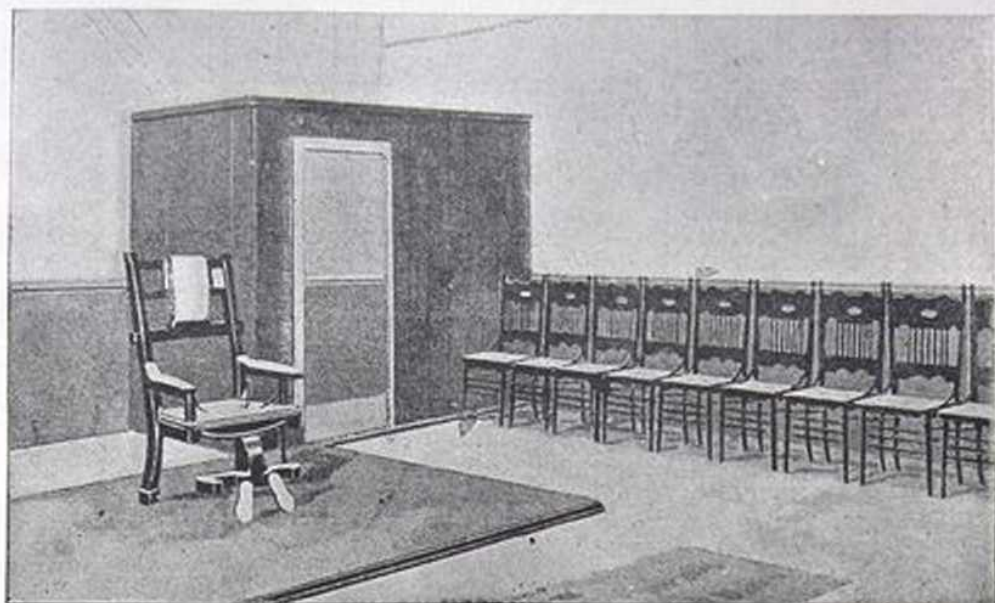
A Real Armada portugueza acaba de ser augmen-





Congresso de bibliothecarios norie-americanos





SALA ONDE FOI JUSTICADO O ASSASSINO DE MAC KINLEY

No centro a poltrona electrica, onde o condemnado tomou assento; junto ás paredes cadeiras para as testemunhas legaes da execução, em numero de vinte e seis; num dos anjulos do aposento o gabinete do electricista continha o apparelho destinado a produzir a corrente mortal.



MARANHÃO— HOSPITAL DA MIZERICORDIA



tada com mais um formoso vaso de guerra, denominado «Tejo», que foi lançado ao mar, com toda a solemnidade, no dia 27 do mez passado.

Compareceram ao acto, no Arsenal de Marinha, alem das Magestades com todo o seu Estado Maior, o ministerio, almirantado, e grandes do reino, bem como enorme e compacta massa de povo, de todas as classes, que se podia computar n'umas 6.000 pessoas, dando à cerimonia um aspecto imponente e deslumbrante!

Os trabalhos de *despique*, aliás perigosos, correram felizmente muito bem, e ás palavras de—*Vai, vai, em nome de El-Rei!* proferidas pela Rainha, o barco deslizou pela carreira fóra, caindo ao rio sem o menor incidente.

Por esta occasião, ao troar da artilheria em todos os navios de guerra surtos no porto, e ao sussurro triumphal das aclamações populares, em honra do novo barco, da Real Armada, ouviu-se o hymno real e terminou a festa.

Agora, entrou tambem em construcção, nos estaleiros do Arsenal, outro novo navio, que ha de receber mais tarde o nome de «Patria», e que foi offerecido ao paiz pela colonia Portugueza residente no Brazil.

Este vaso, pela planta e dimensões que d'elle conhece, e pela competência de seus constructores, deve ficar, como aqui se diz, «uma belleza», digna do patriótico pensamento dos seus generosos offeriantes.

A questão religiosa ou jesuitica, pois que dá por ambos os nomes, longe de serenar, cada vez se agita mais, achando-se travada uma luta medonha entre os dois partidos que se degladiam—liberaes e reaccionarios. De parte a parte, nos respectivos jornaes, referem diatribes e retaliações do mais esbandalhado contexto, sendo tal a intransigencia, que é muito de suppor que tudo venha acabar em grossa pancadaria.

Os vultos mais visados pelos liberaes são o patriarcha, alguns bispos e certo numero de tartufos graúdos de casaca e de solaina; mas o patriarcha—*Frei José dos Quirões*, ou o chefe do Bando Negro—como cá lhe chamam, é quem tem apanhado a valer; porém elle não se intimida nem desanima, e, pelos seus jornaes, tambem dá e manda dar bordoadas de crear bicho.

Até onde irá esta contenda não se pode mesmo calcular porque todos se julgam fortes nos seus oppositos arraiaes; mas o governo não deixa de ter grandes culpas no cartorio por causa das medidas dubias, que poz em pratica em tão momentosa questão.

Desde o Marquez de Pombal, até aos nossos dias, nada menos de trez leis successivas, em pleno vigor, prohibem expressamente as congregações religiosas entre nós; entretanto, o governo, em vez de as fazer cumprir, como era do seu dever, entendeu attenuar-as ou modificá-las, regulamentando-as pelo celebre decreto de 18 d'Abril ultimo, que tanto tem dado que falar.

Este decreto tem levantado grande celeuma em todo o paiz, mórmemente por se desconfiar que elle obedece a um *mot d'ordre* vindo de muito alto, por ser isso do agrado d'uma alta personagem.

O que é certo é que as congregações religiosas, até agora prohibidas por leis expressas, por cá vão ficando; e para estarem á vontade, basta que mudem

de rotulo ou de mascara, denominando-se *associações* e não *congregações*.

Cá, como lá, a crise das fabricas de tecidos de algodão, continúa infelizmente grave.

Já fecharam diversas por falta de elementos para se poderem movimentar, e as que estão em laboração, não encobrem nem dissimulam o seu mal estar, tanto assim que já dirigiram ao governo uma longa representação collectiva, pedindo um certo numero de providencias protectoras afim de se poderem aguentar. É um assumpto muito importante, este das fabricas, pois representam um capital de cerca de 30 mil contos de reis, com 12 mil e tantos leaes, e tem ao seu serviço perto de 70 mil pessoas, de ambos os sexos, entre homens, mulheres e creanças.

E já agora, como encaixe aqui menos mal, direi mais aos leitores que a crise financeira da poderosa Inglaterra, tambem não é nada satisfactoria, devido, em grande parte, á desastrosa guerra que ha cerca de 2 annos sustenta com as duas republicas sul-africanas.

A sua divida publica, que ainda não ha muito tempo, não attingia a 600 milhões de libras sterlingas, em 31 de março de 1900, elevou-se a 639 milhões, e em 31 de março de 1901, a 705 milhões, tudo em numeros redondos. Cresceu, portanto, n'um anno 66 milhões!

Ora, continuando o governo com novos e avultados empréstimos, tudo ainda por causa da fatal guerra, não é para admirar que no dia 31 de março de 1902, a sua divida tenha attingido á fabulosa somma de 800 milhões de libras, que é como quem diz—um pau por um olho—ou a segunda das maiores dividas do mundo, pois a primeira continua a sêr a da França, que só com a guerra contra a Prussia gastou para mais de 300 milhões de libras!

Está agora em Berlim um homem extraordinario que pratica sobre o proprio corpo as mais espantosas operações.

Este homem que dizem ser um *fakir*, rigorosamente authenticico, faz do corpo o que quer, pois, como se fora um pedaço de pau insensível, espeta-se com pregos, facas, punhaes, etc. etc. e não contente com isto, arranca os olhos das orbitas, põe as mãos n'uma fogueira, e por fim de contas apresenta-se intacto ao publico como se nada se houvesse passado com elle.

Extraio esta noticia de diversos jornaes, mas a mim está-me a parecer uma grande «intrugice», como aqui se diz, ou então uma d'aquellas *blagues* de que só os americanos costumam fazer uzo.

Talvez já ahi se saiba que o governo da republica resolveu transferir d'aqui, para Hamburgo, o digno consul do Brasil, sr. J. Vieira da Silva, noticia que não deixou de causar geral surpresa, pois, homem cordato e bondoso, tem sido sempre muito estimado em todas as camadas sociaes, e no desempenho do seu importante cargo, jamais deixou de dar constantes provas de competencia, zelo e honestidade.

Aguarda-se, do Rio, o seu substituto, e comodeva partir por estes dias para o seu novo logar, assumiu as funcções consulares o respectivo vice-consul, o meu illustre amigo dr. Dario Freire, que ainda tem costella maranhense, pois que é sobrinho dos meus fallec-





G. Wertheimer--A VAGA



dos amigos Antonio e David Freire da Silva. Este cavalheiro é também aqui muito estimado, não só pelos seus dotes de espirito como pelas suas distinctas qualidades.

Cerrando-me por aqui porque já me alarguei bastante, direi, ao terminar, que A *Revista do Norte*, tem recebido por cá o mais lisongeiro e animador acolhimento.

CARDOSO PEREIRA.

## O mez litterario em Portugal

### O Romance

Falta de originaes—Traducções de auctores celebres: Sienkiewicz, Heidenstam, Zola, Dostoiévsky—«O Crime e o Castigo»: duas traducções.

Chegou a epoca do anno, em que a litteratura se reanima, e infelizmente a *rentée des livres*, como lhe chamam os francezes, quasi que apenas se revelou nominalmente para nós. Com effeito, decorrido um mez depois da minha ultima carta, não me é possível fornecer aos leitores d'A *Revista do Norte*, que se interessam pela arte portugueza, a noticia d'uma boa obra litteraria, na Poesia ou no Romance. A Poesia, antigamente tão exuberante, nada nos deu, a não ser um pequeno livro de lyricas d'um novo, que por sisó não poderia constituir o objecto d'uma secção especial. E' a *Terra de Portugal*, obra do sr. Ribeiro de Carvalho, um joven e esperançoso poeta, que a empresa editora de Antonio Figueirinhas, do Porto, publicou, e no qual o seu auctor, restringindo-se a um criterio mesquinhamente sentimentalista, prejudicou, com a frouxidão dos seus versos, e a recordação predilecta de Antonio Nobre, os creditos artisticos que grangeara, com os seus anteriores livros de poesia, que todavia só constituíam outras tantas razoaveis promessas. No Romance, original, nada! Apenas ha a registar traducções de auctores de reputação universal, com o applauso que sempre merece a vulgarisação de taes obras.

Temos, em primeiro lugar, uma nova versão do *Diluvio*, de Sienkiewicz. No mez passado, era a Companhia Nacional Editora que lançava ao mercado essa admiravel obra do Mestre polaco; n'este foi a livraria Tavares Cardoso. Traduzio aqui o *Diluvio* o sr. José Antonio Bentes, servindo-se para o seu trabalho da notavel versão inglesa de Jeremiah Cartin. O *Diluvio*, na edição Tavares Cardoso, forma tres volumes, com perto de 500 paginas cada um. A traducção é correcta, e a edição nitida e de bom aspecto.

O successo de Sienkiewicz, diga-se de passagem, tem sido extraordinario entre o publico portuguez. Conhecido pelo *Quo Vadis?*, que começou a ser publicado nas *Novidades*, em folhetins, traduzido por Eduardo de Noronha, o grande romancista adquiriu desde logo sympathias e admirações como não será facil encontrar tamanhas attribuidas a qualquer escriptor estrangeiro. Os quatro edições simultaneas, que tantas foram as de *Quo Vadis?*. E desde então tem sido uma verdadei-

ra emulação entre as empresas editoras para a publicação de obras de Sienkiewicz, de que, sahem, como se vê, duas ou tres ao mesmo tempo. Contudo, este phenomeno deve ter entre nós, como lhe assignalou Jules Claretie em França, ainda uma significação mais profundamente moral do que suggestivamente litteraria. As obras de Sienkiewicz, gloriosamente annunciadas pelo *Quo Vadis?* ao publico latino, representam effectivamente, com um singular poder de atracção para o nosso feitio poetico e temperamento sentimental, aquillo que o insigne escriptor parisiense denominou uma *révanche* do Ideal contra a obra bestialmente terrena. Ah, o segredo do seu triumpho, conquistado pelo canto idealista d'uma alma encantadoramente generosa e nobre, que tanto em pensamentos como em sensações só se apraz em tudo quanto é elevado, doce e brilhante.

Ao mesmo tempo, o successo d'essa desconhecida arte do norte levava ao desejo natural de vulgarisar o thesouro desconhecido d'uma nova intellectualidade que, despida dos requintes litterarios da arte gauleza, na sobriedade dos seus contornos e na singeleza das suas formulas e processos, constituiria, sem duvida, uma nova caudal de emoções para o nosso coração occidental. O exemplo de Tolstoi, tão amado em Portugal, ainda que tão pouco traduzido, bastava a justificar o intuito. Contudo, a versão da *Epopeia do Rei*, do noruegues Verner von Heidenstam, que a livraria Tavares Cardoso também editou, obedecendo, por certo, a esse intuito, como ha pouco o fez igualmente a livraria Moreira, do Porto, publicando a *Morte dos Deuses*, de Diutry de Mérejkowsky, não deu o resultado que d'ella se esperava. Annunciada, á maneira da *Morte dos Deuses*, como devendo supplantar o exito do *Quo Vadis?*, a *Epopeia do Rei* foi recebida sem esperança e lida sem interesse. O seu principal defeito é a monotonia, e n'um romance, embora trabalhado com todo o esmero e estudo de forma, de observação e de analyse, a tensão dramatica tem necessariamente de existir e desenvolver-se, com a mesma necessidade que sente um corpo, ainda o mais velho, de ser animado pela vida d'um sangue forte. A traducção nephelibata—no sentido da inconsequencia e da pretensão dos termos—que da *Epopeia do Rei* fez o sr. Lemos de Napoles, concorre ainda para o fracasso d'esse livro que constitue apenas um pequeno volume de 260 paginas.

A *Bibliotheca da Educação Nova*, empresa de propaganda ha pouco fundada em Lisboa e que já nos deu, em bellas traducções, o *Germinal* de Zola e o *Determinismo e Responsabilidade* de Hamon, iniciou agora a publicação do *Travail*, do immortal auctor dos *Rougon-Macquart*. O *Travail*, exerceu, entre o publico intellectual portuguez uma sã e revigorante impressão. E' de esperar que, posto ao alcance de todo o proletariado, a sua influencia seja, como não deve deixar de ser, enorme.

Finalmente, para terminar esta lista de traducções, temos o *Crime e o Castigo* de Dostoiévsky, traducção de Camara Lima. E' também edição de Tavares Cardoso, em dois volumes. O extraordinario estudo psicologico do Russo não é um trabalho recente; contudo, estava e creio que continua a estar muito longe de ser conhecido pela maior parte, mesmo, dos nossos litteratos. Acerca da traducção do sr. Camara Lima que, sem duvida, é correcta, correm boatos pouco lisongi-



## Belleza Pagã

Sob um negro docel, negro e escarlate, quero  
O alvo esplendor pagão dessa nudez romana,  
Que em holocausto dada a um rei sinistro e fero  
Vence-o, como aos leões, intemerata e ufana.

Da esmeralda atravez fulgura o olhar de Nero,  
Mas a Carne deslumbra o monstro que a profana  
Ao clamar nos festins: Só eu, radiando, impero  
Entre o vinho que espuma e o sangue que espadana.

Não se enrosca aos seus pés a bíblica serpente...  
Das collinas do Tibre o louro viridente  
Cinge-lhe a fronte eburnea; o Amor segue-lhe os passos.

Segue-a, cantando, o Amor; cinge-lhe a fronte o louro,  
Que eu não possa descer do Olympo em chuva de ouro  
E arrebatá-la aos céos, levando-a nos meus braços!

CELSE VIEIRA.

A paixão que experimentamos por uma mulher  
está sempre em razão directa do mysterio que nella  
presntimos, porque só o desconhecido é que nos tenta  
e attrahe.

Jean Rameau

Todas as felicidades se assemelham, mas cada in-  
fortunio tem a sua physionomia particular.

Leão Tolstoi



AUTO DE MAGALHÃES CASTRO

ros das más linguas. Diz-se que a tradução  
do *Crime e Castigo* não é bem uma traduc-  
ção, mas sim uma copia, com pequenas al-  
terações, da versão que d'esse romance ap-  
pareceu no primitivo *Reporter*. E com effeito  
eu tive ensejo de ver, porque m'os mostra-  
ram comparando-os, longos períodos inteir-  
amente iguaes das duas traducções, o que  
effectivamente chega a ser um prodigio de si-  
multaneidade. O caso, ainda não denunciado  
a publico em jornaes e revistas, está com-  
tudo já bastante divulgado, dando origem a far-  
tas discussões. Todavia, como é natural que  
o sr. Camara Lima ainda venha ter ensejo de  
se justificar, todo o juizo absoluto sobre a  
questão seria pelo menos extemporanea.

— A seguir

Lisboa, — Novembro — 1901.

MAYER GARÇÃO.



ARTHUR AZEVEDO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

(Copia de uma photographia do Sr. Max Fleiss, amador)



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Dezembro de 1901

NUM. 8



NO BOSQUE



## Natal

Narra o mytho christão que, outr'ora, na Judéa,  
na formosa Bethlem, perto de Galliléa,

Christo, o Filho de Deus, n'uma noite de opala,  
em Dezembro, nascêra, alegre, n'uma estalla.

De palhas teve o berço, e por toda honraria,  
os beijos maternas e santos de Maria.

O firmamento azul, de estrellas recamou-se,  
e toda a Palestina, alfin, movimentou-se.

Vendo-lhe o berço humilde e o vulto seductor,  
entãoaram-lhe um hymno os anjos do Senhor;

echoaram na terra os canticos do céo  
alegres, divinaes: «Gloria in excelsis Déo!»

Rútila, luminosa, ufana e scintillante,  
appareceu no espaço a Estrella do Levante.

Guiados pelo Astro envolto em resplendores,  
foram ter ao presepe os magos e pastores...

E ao Filho de Maria, ao candido Jesus,  
o symbolo do Bem que mansidão traduz,

todos foram levar o seu modesto fardo:  
mimos de incenso e myrrha, alôes, sandalo e nardo,

Por toda parte, emfim, hosannas de christãos,  
Cantados a sorrir por moços e anciãos:

—Eil-o, o Verbo Encarnado, o Filho do Senhor!  
Foi-se o Mal, reina o Bem, é nato o Redemptor!

Isto nos diz a lenda, e a natureza adduz  
provas materiaes da vida de Jesus.

Hoje, volvidos já mil seculos, com fé,  
o povo inda festeja o Heróe de Nazareth!

Como é bello ter Fé, ter Crença, acreditar  
nos milagres de Deus! nos mysterios do altar!...

viver alheio sempre às vis desillusões,  
pensar no Paraizo... Ingenuos corações!...

Que o sceptismo, pois, ao povo jamais vença,  
—esse polvo fatal que de mim fez galé!—  
Abençoado seja aquelle que tem Crença,  
bemdito seja sempre aquelle que tem Fé!

Pará

J. EUSTACHIO DE AZEVEDO.

## A tuberculose

No primeiro artigo que tracei afim de diffundir,  
entre nós, as noções indispensaveis que todos devem  
ter acerca de uma molestia que, atravez de milhares  
de annos, vem victimando milhares de pessoas, dei-  
xei claramente demonstrado o contagio da tuberculose.  
Neste, que ora entrego á apreciação dos leitores  
d'A Revista do Norte, por meio dos quaes espero aug-

mentar muito o valor e o resultado do que escrevo,  
tratarei de mostrar que cuidados se devem tomar afim  
de evital-a.

Graças aos progressos da medicina moderna de-  
pois da conquista do microscopio, pode-se afirmar axio-  
maticamente que a tuberculose tornou-se uma moles-  
tia evitavel.

Provado até á evidencia, por factos e experiencias  
incontestaveis, que ella é produzida pelo bacillo de  
Kock, tambem chamado *bacillus tuberculi*, começarei a  
descrever por quantos modos esse parasita penetra no  
organismo para ali determinar o apparecimento da ter-  
rivel molestia, contra a qual a sciencia está empenha-  
da em combate renhido.

Em primeiro lugar, pela inalação, isto é, pela  
inspiração, phenomeno respiratorio que leva o ar á in-  
timidade dos pulmões e que se realisa cerca de 20 ve-  
zes por minuto, em condições normaes; em segundo,  
por meio da ingestão ou deglutição de elementos con-  
taminados pelos bacillos de Kock; em terceiro, pela  
inoculação, isto é, por qualquer ferimento produzido  
por um objecto que tambem esteja contaminado.

Dos tres modos de invasão da molestia, como des-  
crevem todos os auctores, o mais perigoso é o pri-  
meiro, em cuja descripção mais minuciosamente me  
deterrei.

Não é o ar expirado pelo tuberculoso que offerece  
perigo na propagação da molestia, é o producto da se-  
creção broncho-pulmonar, os escarros ou, em lingua-  
gem mais elevada, os esputos. Cada um delles, como  
se verifica pelo microscopio, é portador de uma legião  
de bacillos, que, disseminados no meio ambiente, são  
levados pela inspiração até os pulmões, séde de pre-  
dilecção da molestia, onde determinam o seu appare-  
cimento, se o individuo lhes offerece terreno apropria-  
do, isto é, se descende de tuberculoso, se está em  
convalescença de molestias graves, especialmente as  
do aparelho respiratorio, taes como bronchite, pneu-  
monia e pleuriz, se o organismo se acha depauperado  
por qualquer molestia ou por excesso de trabalho phy-  
sico, moral ou intellectual, se pelo abuso de bebidas  
alcoolicas ou se por deficiencia de alimentação.

Cornet, por occasião de um dos congressos para a  
luta contra a tuberculose, realizados em Berlim, de-  
monstrou que os bacillos de Kock, existiam em estado  
de virulencia, na poeira do ar dos aposentos habitados  
por phthisicos e concluiu que essa poeira, penetrando  
pela via respiratoria das pessoas em contacto com os  
affectados, lhes iria infectar o organismo.

Estas experiencias se tornaram classicas, especial-  
mente depois que o professor Straus, examinando o li-  
quido da cavidade nasal das pessoas que estavam em  
locaes habitados por tuberculosos, encontrou bacillos  
em estado de virulencia.

Fiugge demonstrou que, nos tuberculosos, além  
dos esputos, encerram bacillos as particulas de saliva  
que se eliminam por occasião da tosse secca, da fala  
e dos espirros.

Afim de que se evite a propagação da molestia é  
preciso que os esputos não sejam depositados no chão,  
no soalho ou no jardim; convém que sejam recebidos  
em escarradores contendo uma solução antiseptica ou  
mesmo agua, para se impedir a sua dessecação que é  
onde está o perigo, pois que, depois della, os bacillos  
de envolta com a poeira são disseminados pelas cor-  
rentes de ar e assim aspirados.

E' por este motivo que, em obediencia á hygiene,  
cujo conhecimento é essencial á conservação da saú-







de, urge evitar que o tuberculoso expectore no chão, em vasos e caixões contendo areia, assim como convém abolir o uso inveterado do cumprimento entre senhoras, por meio do beijo que, muitas vezes, é o portador de molestias contagiosas.

Na casa em que haja um tuberculoso não se deve usar da vassoura, nem do espanador, que são instrumentos destinados a espalhar pelo ar a poeira.

Em vez desses objectos, empreguem-se pannos, esponjas ou aparelhos apropriados, embebidos em solução antiseptica, que, esfregados nos moveis e sobre o chão, não só os limpam, como impedem que os bacillos se disseminem pelo ambiente.

Depois de asseada a casa, é preciso que esses pannos sejam queimados, e os escarradores desinfetados por meio de agua fervendo.

Estes preceitos hygienicos, acompanhados do maximo rigor no asseio, ventilação e distribuição da luz no aposento do doente, aproveitam, não só aos bons que lhe estão em contacto, evitando que fiquem contaminados, mas também ao proprio affectado que, n'um meio infeccionado se reinfecta e não ha tratamento que lhe aproveite: a febre, os suores, o fastio e a insomnia continuarão intensos.

A falta de observancia destas medidas hygienicas tem concorrido para deter em uma casa e por muito tempo, a phthisica, de sorte que, frequentemente, uma familia é perseguida, não pela herança tuberculosa, como injustamente amiúde se acredita, mas pelo contagio proveniente da louça, moveis, livros e demais utensilios contaminados pelo doente.

A casa que tenha servido de habitação a um tuberculoso, assim como os moveis que nella se acham, precisam ser rigorosamente desinfetados.

Em seguida á desinfecção, deve ser caiada, pintada, lavada e exposta largamente á penetração do ar e luz que são poderosos destruidores dos bacillos de Kock.

O segundo modo de infecção, como em principio disse, consiste na ingestão de alimentos contaminados pelos germens da referida molestia.

Os alimentos que passam pela cocção não offerecem esse perigo, visto como a alta temperatura em que ella se dá é incompativel com a vida dos bacillos; outro tanto, porém, não acontece com os que a não experimentam.

Outra precaução importante consiste em obstar que o tuberculoso esteja em contacto com os alimentos que são destinados a outrem, ou que nelles toquem.

E' necessario tambem que haja cautela contra os insectos, especialmente as moscas que, tendo muitas vezes absorvido substancias contaminadas ou nellas pousado, vão infeccionar os alimentos, quer solidos, quer liquidos, já com as patas, já com as dejeções, onde se ha verificado a presença dos bacillos.

Muito tem preocupado aos hygienistas a transmissão da tuberculose, por meio da carne, do leite, do queijo e da manteiga.

Os ultimos trabalhos do grande scientista Roberto Kock não lhe permitem affirmar que a tuberculose bovina se transmita ao homem.

Oxalá que assim seja e que brevemente essas notaveis experiencias fiquem comprovadas.

O terceiro modo de infecção consiste, como disse em principio, na inoculação atravez da pelle, quando se dá um ferimento com qualquer instrumento ou objecto contaminado.

E' preciso que as pessoas encarregadas da louça e

mais objectos pertencentes ao doente, tenham a maior cautela, evitando qualquer golpe com os ditos objectos ou instrumentos e, quando portadoras de qualquer ferida, não se encarreguem da lavagem da louça, nem de outros misteres que as exponham aos perigos da inoculação.

Depois de ter tratado da transmissão da tuberculose, da sua invasão no organismo, vem a proposito analysar a emphatica phrase com que muita gente aprecia a leitura de um artigo de hygiene preventiva, com relação ao assumpto.

Eil-a: «Se assim fosse, todo o mundo estaria tuberculoso!»

Não pode haver raciocinio mais falso, nem mais perigoso.

Sabe-se que, além dos meios defensivos externos, taes como a luz e o ar, destruidores de infinidade de bacillos, o nosso organismo é protegido contra a invasão da molestia, quer por meio da camada externa que reveste a pelle e as mucosas, quer pelo sangue, quer pela secreção de varias glandulas.

Assim é que a cavidade nasal, por onde constantemente penetra o ar, é revestida de uma camada untada de um liquido de propriedade bactericida; d'ahi provem o preceito hygienico de sempre se respirar com a bocca fechada, afim de que o ar, só penetrando pelas fossas nasaes, deixe, em suas anfractuosidades, as impurezas que contenha.

Só quando falham todos os meios externos e internos, quando ha receptividade morbida é que o bacillo produz a molestia.

Terminando este artigo que mostra claramente ser a tuberculose, no presente seculo, uma molestia evitavel, observando-se as prescrições indicadas pela grande sciencia—a hygiene, cujos preceitos, ultrapassando o dominio da medicina, devem ser conhecidos e praticados por todas as classes, visto como conhecê-la é tão util, como o saber lêr e contar, e, fazendo minhas as palavras de um notavel medico hungaro, digo que «tambem urge lutar contra a tuberculose na escola e pela escola»: na escola, empregando medidas prophylacticas que impeçam ao alumno affectado transmitir a molestia aos collegas; pela escola, ensinando-lhes como, na sociedade, podem evitá-la.

DR. JUSTO JANSEN.

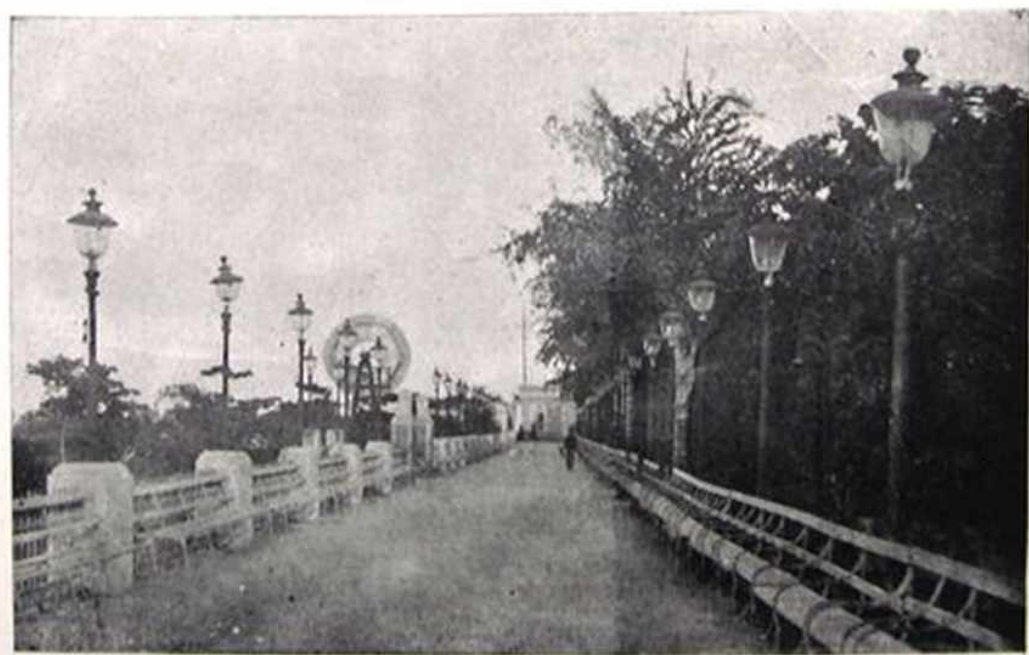
## As novas tendencias do romance inglez

A febre ardente de innovações e de reformas, esse extraordinario prurido de tudo corrigir e emendar, de tudo transformar e substituir, que de alguns annos a esta parte avassalou as espiritos da Europa culta, produzindo por vezes resultados curiosissimos e trazendo á suppuração as idéas mais absurdas e mais *saugrenues* que conceber se possam, acaba de ganhar por fim o paiz tradicional e conservador por excellencia, aquelle em que as instituições, os usos e os costumes tão fortemente tem sabido resistir á acção modificadora dos seculos—a Inglaterra. A politica, a litteratura, as artes e até mesmo a religião, essa severa religião angli-





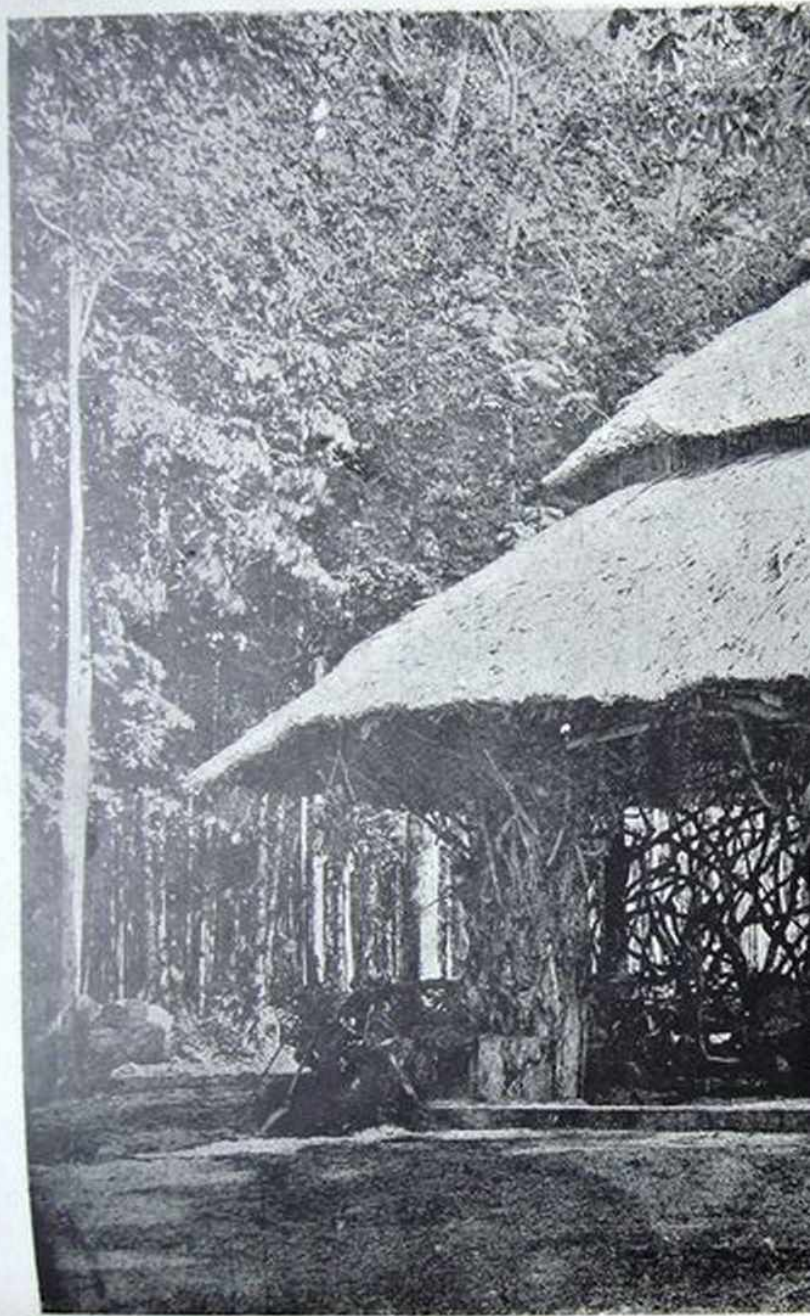
CORITIBA—PONTE S. JOÃO. ESTRADA DE FERRO DO PARANÁ



Ceará—Jardim Publico



SUPLEMENTO AO N. 8





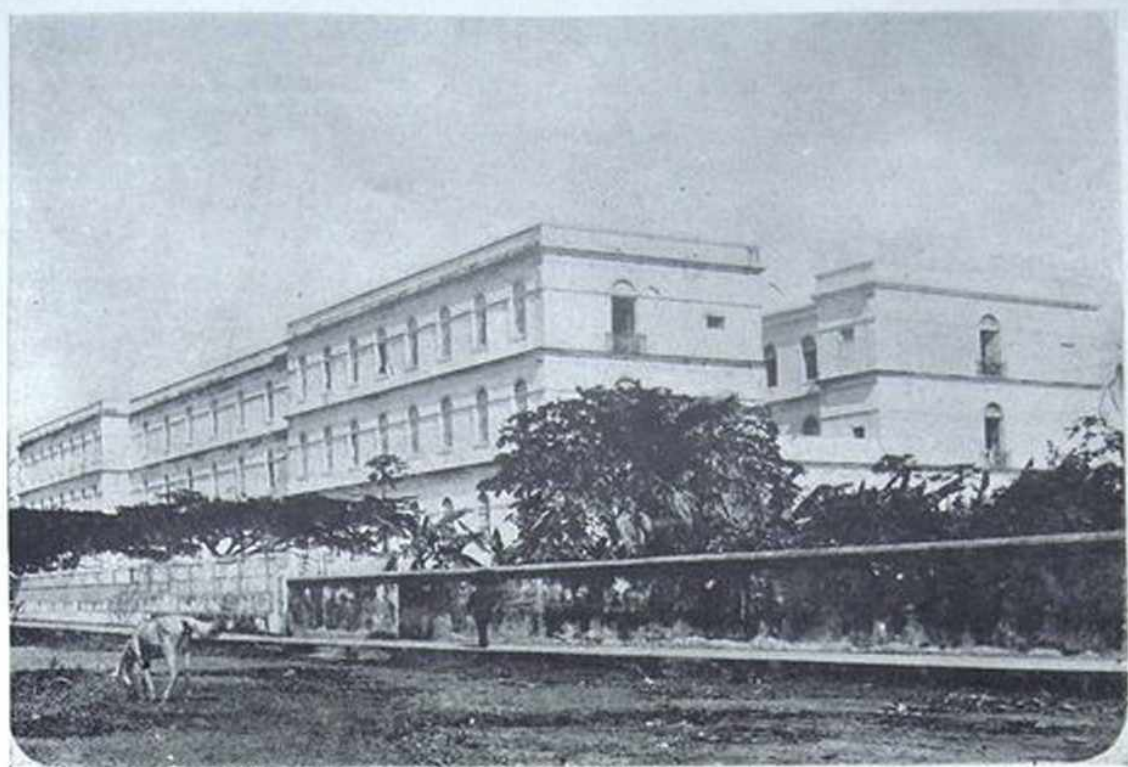
16 DE DEZEMBRO DE 1901



... Municipal

Mananhão — Brasil





PERNAMBUCO - HOSPITAL PEDRO II



Maranhão—A nova ponte do Cutim



cana, intransigente nos seus preceitos, rigorosa na sua doutrina, imutável na sua moral, tudo isso ali parece soffrer, mais ou menos profundamente, os embates da nova avalanche que dia a dia se avoluma e cresce, ameaçando submergir, na impetuosidade e no fragor da sua queda, a vasta e pesada construção social, contra a qual nada poderam ainda, nem os abalos e as commoções intestinas, nem a influencia persistente das revoluções estrangeiras. E onde semelhante phenomeno, constatado por todos os que se interessam pelo movimento das idéas na terra que até hoje melhor as tem sabido produzir, se manifesta e se accentua de um modo iniludível e absoluto é precisamente no genero mais rico e mais typico da sua litteratura e que mais directamente nos informa das oscillações e das cambiancias das correntes espirituaes dominantes—o romance.

Sabem todos que enquanto o romance francez e o das outras letras que pelas da França se orientam, enveredava pelo estudo crú da natureza e do homem, ostentando nuas e flagrantes as observações que colhia, procurando de preferencia, num exagero requintado da nota realista, o objecto dos seus estudos na categoria d'aquelles que a moral burgueza relega para o plano defeso das coisas que ferem a pudicia e offendem a innocencia, a novella ingleza continuava muito velada e muito casta, a discutir casos moraes e a pintar scenas domesticas, fugindo sempre cautelosamente dos assumptos escabrosos que podessem, mesmo de leve, fazer corar o recato innocente das *Miss* pudibundas. Mesmo os grandes mestres da arte, não desciam nunca a essas disseccções rudes e impudentes em que se comprazia o maior numero dos autores latinos. Os phenomenos physiologicos e sociaes sobre os quaes exerciam as suas poderosas faculdades analyticas e com um vigor de penetração de que poucos depois delles conheceram o segredo, encabeçavam todos no grupo dos que podem ser apreciados sem manifesta injuria do pudor feminino. As doutrinas que pregavam—porque o romancista inglez é invariavelmente um pregador leigo—eram strictamente modeladas pelo criterio grave e rigido da religião e da moral, tendendo, na sua quasi totalidade, a garantir a paz, a concordia e a harmonia das coisas existentes. Quando por ventura algum delles achava que essas coisas não eram em todo o ponto satisfactorias, que careciam de uma alteração ou de um melhoramento, punha uma immensa reserva na exposição das suas idéas e do seu modo de ver, buscando cercar-se de todas as precauções para não chocar o conservantismo da maioria. A unica liberdade que se permittiam consistia em caricaturar por vezes alguns typos classicos e com especialidade funcção rios de ordem civil ou religiosa; mas o ridiculo não visava nunca as funcções abstractas que esses typos representavam, e o publico de bóamente lhes perdoava semelhantes *boutades*, na convicção de que o mobil unico que os animava era ainda corrigir os abusos e desmascarar a hypocrisia. Mas havia entre todas uma instituição que sempre permaneceu superior e intangível aos seus caprichos humoristicos:—o casamento. O proprio Dickens, o mais zombeteiro de todos, não se animou nunca a escolhe-la, nem mesmo indirectamente nos funcionarios que a serviam, para alvo das suas tiradas humoristicas. As mais grotescas das suas personagens parecem se desvestir da sua apparencia caricata desde o momento em que se aproximam do matrimonio.

Mas desde que o vento revolucionario começou a soprar sobre a terra britannica, o romance se resentio

logo da mudança que se preparava. Dir-se-ia que já era a contragosto que os autores mantinham as tradições de reserva e de conveniencia do passado, avidos pela appareção de um pretexto qualquer que lhes permittisse fugir ao seu jugo acabrunhador e insustentavel. E apressaram-se logo em nos vir declarar que assim como a critica, assim como o conto, assim como a poesia, assim como tudo o mais, o romance ia tambem passar por uma metamorphose radical. Semelhante metamorphose, que não tardou a ser transportada da theoria á pratica, veio justamente consistir na inversão completa dos methodos até então seguidos. Tudo o que os *autores antigos* haviam excluido dos seus livros, principalmente as questões relativas á *sexualidade*, faz agora a sua entrada triumphal na *prose fiction*. «Os romancistas, dizia ultimamente um critico inglez, tem agora por dever tratar nos seus livros apenas dos diversos phenomenos que caracterizam o homem e a mulher, sob pena de verem os seus trabalhos repudiados do publico, por maior que seja o talento e o gosto artistico que na sua confecção ponham». E como o estudo isolado desses *phenomenos caracteristicos* de cada sexo arrastaria, numa consequencia logica e inevitavel, o seu estudo conglobado, isto é, o exame desses phenomenos na confluencia da sua producção, segue-se que foi o casamento o assumpto obrigado da nova escola, não mais para ser idealisado e preconisado como no s vellos tempos, mas com o fim exclusivo de ser modificado e transformado, visto como o *mot d'ordre* da epoca e modificação e transformação. Mas modificado e transformado em que sentido?

E o que nos vae dizer um romance altamente curioso sob mais de um ponto de vista, e cuja appareção provocou no paiz um escandalo inaudito.

Intitula-se *The woman who did*. É uma frase essa que difficilmente encontrará na nossa lingua uma outra que plenamente lhe corresponda, reproduzindo no mesmo taconismo e na mesma precisão o seu verdadeiro sentido. *The woman who did* quer dizer no nosso bom portuguez—a mulher que teve a coragem de agir, de realisar alguma coisa difficil, de levar a cabo alguma empreza arriscada.

Vejamos qual foi essa coisa, em que consistio essa empreza:

Herminia Barton (*the woman who did*) foi educada por seu pae nos principios severos da religião e da moral protestantes; mas em breve começou a conceber por essa religião e por essa moral uma repugnancia instinctiva, uma repulsão soberana. Nenhuma das duas satisfazia as suas aspirações. Não era positivamente pelo caminho que as duas lhe traçavam que ella se sentia inclinada a enveredar. Os destinos da mulher, a seu ver, eram outros, totalmente diversos dos que até ao presente lhe tem constituído a partilha commun. Deixou, por consequencia, a casa paterna e veio para Londres abraçar a carreira jornalística. Ahi travou conhecimento com um rapaz de boa sociedade, Alan Merrick e como ella era formosa e culta e o rapaz nada lhe ficava a dever em nenhum desses dois predicados, não tardou muito que o amor fizesse aos dois uma das suas. Alan resolve desposar-la e communica-lhe as suas intenções. Mas Herminia repellio-as indignada: casar-se, ella que considerava o casamento como um acto aviltante e baixo? Nunca! Se Alan quizesse, ella iria viver com elle, em plena e absoluta conjugação de almas e de corpos, mas sem escravidão algum a peias legaes que lhe tolhessem a liberdade.

Alan cede, depois de uma certa hesitação, e vão os



dois para a Italia, gosar o início do seu amor livre, que não sabemos se poderá ainda merecer a classica denominação de *lua de mel*. Mas o clima da Italia desmentio, com relação ao moço, a sua fama universal, de benéfico e avigorante, porque uma febre renitente, dentro em pouco, levou-o da vida. Fica Herminia viúva e com uma filha, e começa então para a insubmissa uma luta rude pela vida, porque ambas as famílias, quer a della, quer a do marido, a haviam renegado por completo. Mas Herminia não desanima; sujeita-se resignada a todas as provações, consagrando-se inteiramente á educação da filha, no interesse de formar-lhe a alma, em tudo de accordo com a sua, inspirando-lhe a mesma repugnancia que sentia pelos usos e pelos hábitos que todo o mundo adoptava e proclamava. Infeliz ou felizmente, não podemos também dizer ao certo, quanto mais a mãe falava em emancipação mais a filha se sentia inclinada para o escravismo. O resultado desse antagonismo não se fez esperar. Um bello dia a filha provoca uma explicação formal com a mãe, e ao saber que esta ultima não fôra casada, abandona-a, porque não a acha digna de receber os beijos de uma donzella.

Herminia não pode resistir a tamanha decepção e, louca de desespero, suicida-se.

E assim termina a historia da *woman who did*.

Supporão talvez muitos, ao lerem o rapidissimo esboço que ali fica, que o autor desse romance é algum *novo*, contagiado pela epidemia da epoca e disposto a romper incondicionalmente com tudo o que vem do passado, na convicção inabalavel de que nasceu para endireitar o mundo e de que se mais cedo o tivessem chamado á vida as coisas não teriam chegado ao pé desastrado em que se acham. E não deixariam de ter razão, em these, os que assim pensassem, porque elles existem, pullulantes e irrequietos, em todas as litteraturas de hoje, esses *novos* e esses *revoltados* que não sabem ao certo para onde vão, nem o que querem, e nem mesmo contra o que se revoltam, mas que, todavia, se sentem obrigados a repudiar tudo o que existe, como máo e como imperfeito, ostentando pelas gerações que os precederam, e pelo trabalho que essas gerações realisaram, e pelos ideaes que as inspiraram, a mais soberana e a mais inaudita das irreverencias.

Mas, para o caso actual, semelhante supposição seria erronea e infundada, porque o auctor da *Woman who did* não é absolutamente um *novo*. Quem escreveu esse romance foi o sr. Charles Grant Blairfindie Allen, que firma os seus trabalhos litterarios apenas com dois desses nomes, o segundo e o ultimo, que não poderá com propriedade absoluta ser chamado um *plumilivo* porque substituiu, para o seu uso particular, a penna de aço pelo *typewriter* mas que é, sem duvida alguma, um dos escriptores mais fecundos e mais *polygraphicos* da Inglaterra de hoje.

Nascido a 24 de Fevereiro de 1848, em Kingston, no Canadá, doutorou-se em Oxford, foi professor no *Quebec College*, em Jamaica e veio depois para Londres, fazer jornaes e fazer livros. Desde então tem borboletado por todos os ramos em que se pode exercer a actividade mental de um homem, publicando trabalhos de critica, de bellas lettras, de sciencia, de philosophia &c. Darwinista fervoroso, os seus trabalhos de commento e vulgarisação das theorias do sabio inglez mereceram-lhe o cognome de *S. Paulo do Darwinismo*.

Agora, porém, depois de mais de meio século de vida, entendeu que era chegada a sua vez de ser *novo*, na acepção revolucionaria do termo, e que tinha, para

começar, de romper com uma instituição qualquer que viesse do passado: e que melhor se lhe antolhava do que essa do matrimonio, na qual, até então, ninguém ousara ainda tocar? Teria assim, além do mais, um escandaloso *cachet* de originalidade a sua revolta... E só Deus sabe como os *novos* se pella pela originalidade...

E mal que fez semelhante descoberta sentio-se logo, como Archimedes, obrigado a procama-la aos quatro ventos,—não pelo mesmo processo do sabio grego, porque isso iria de encontro ao decoro britannico e a tanto não se animava ainda a sua furia de innovador,—mas pelo processo mais moderno e mais efficaz do romance de sensação. E atirou á gulodice publica a *Woman who did*.

E a gente ao ler esse livro, e tantos outros que pela mesma craveira se medem, apenas deseja e pede que seja passageiro esse furacão de loucura desencadeado sobre a terra classica do bom senso, do equilibrio e das obriedade de idéas e de sentimentos.

ANTONIO LOBO

## Flor que morre

(FANTASIA DOLORIDA)

Pobresinha, pobresinha d'aquella flor.

Veio a aurora bemfazeja e rosea e castamente revivesceu a coitada. Veio o dia cheio de azul e de luz e ella alvoroucou-se toda, sorrio venturosa, viveu de amor. Veio o calor e á caricia importuna do sol ella foi enlanguescendo subtilmente, como que chorando saudades.

A tarde a viração balsamica tomou-lhe ainda o perfume leve, subtilissimo que se espalhou pelo azul diaphano.

Por fim desenrolou-se a noite. Ah! como é horriavel a noite!

Fantasmas, bruxas, maldades, torturas, soffrimentos, em summa, a treva horrente amortalhando tudo em uma nevoa de infinita melancholia.

Meu coração, meu coração não sejas imprudente. Pois não está a protestar, a contradizer-me? «A noite é sempre bella», murmura.

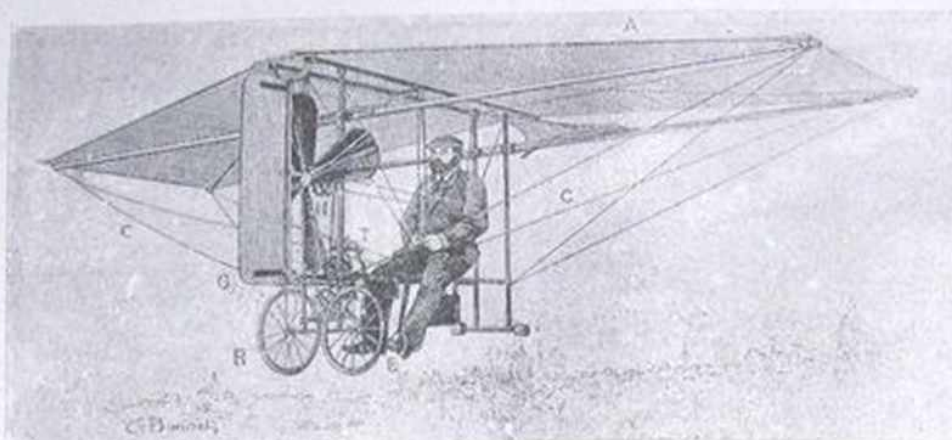
E me tens a teu lado, coração: a noite é bella quando o bando rútilo das estrellas apparece no ar queado suggestivo do céu, quando desce sobre a quietude da terra a flava claridade da lua e sobre as almas se distende o pallio lucilante dos sonhos. A poeira de tanta luz encanta, fascina e a surdina merencorea das noites claras se eleva em harmonicos arpejos para o infinito, como um hymno triumphal ás almas que ascendem pressurosas ás magicas regiões do sonho.

Mas, as noites trevosas? Deixemol-as, volvamos á flor.

Sosinha, sosinha, medrosa, sem um afago, o calor de uma caricia, toda tétrica, toda luctuosa, em arranços de agonia, no escabujamento de sua impotencia, foi-se retrahindo. Petalasinhas flacidas, engelhando-se numas tremuras, nuns arrepios, num pavor supremo: convoluta, orvalhada de lagrimas, a florsinha, toda tranzida, inconsciente nesse abandono sinistro, combatida pela dor, morria.

Passavam pelo ar uns sons deliciosamente brandos e isokronos; uma alegria, talvez dos zephyros pie-





MACHINA VOLANTE DO ENGENHEIRO HUNGARO M. NÉMETHYS

(Vide pag. 72)

dosos. Nem um gazar de canto, nem um adejar de azas pelo campo argenteado. Apenas o aroma silvestre das hervas ondulando, se expandindo pelo ether, e o vento suspirando docemente pela ramaria, ericando-a num suave arrepio.

Uma placidez de repouso pelo céu negro, mortuario.

De além, de muito além uma estrellinha enviava á moribunda uma cariciasinha de luz, num raio frio, merencoreo, inbenéfico.

Mas de repente... oh! arrojo supremo, oh! excelsa força que a ergueste!

Assim devem morrer esses a quem o amor arrancou o mais ligeiro sorriso, a quem a saudade amortaliou a alma, aqueles que não conservam no adyto do coração senão uma vasta ruina de sonhos mortos.

De repente... como dizer, porém?

Um espanto, um assombro.

Desconhecida força sacudiu a flor, distendeu-lhe os petalos, enrijou-lhe a corolla, elevou-lhe o calix pendido e deu-lhe um onda quente de vida nova. Ia viver ainda, que alvoroço! Larga alegria resplandescente illuminou-lhe, suavemente, o olhar. E' bella a vida!

Mais uma luz no remoto céu, mais outra, outra, outra... a lua, a claridade, fulgurações...

Os sons brandos e isokronos augmentaram, cresceram, perderam o compasso enchendo festivamente o espaço illuminado: cantos de yaras, gargantear vibrante do sabiá, que só canta no tempo do amor, pulsações precipites de corações presagos.

Uma doce symphonia pelo espaço; os psalmos da felicidade, um fluido extranho que é simultaneamente luz, musica e perfume.

Agora não mais o pranto, o luto, a morte, não mais a tristeza da parasita que não

encontra nem tronco nem rama, tronco onde se enlaca, rama que a abrigue.

Tudo alegre como a luz da manhã.

Abençoados os venturosos; sim, vivamos!

Feliz como a andorinha que abandona o ninho para fabricar outro ninho no paraíso onde começa a estação das flores, inebriada pelo perfume de seu proprio halito, a flor, cheia de revoltas, faz um esforço para se desprender do hastil.

Vae passando, envolta em uma nuvem nevada, a alma branca de uma virgem feliz, de uma noiva.



PARÁ--Palacio do Governo



O' irmã ? ó ditosa ? ó noiva ? ó...

Convulsionamento derradeiro, corolla desfeita, petalasinhas esparsas pelo ar, pelo chão, levadas pela aragem em revolteamentos macabros.

Depois a malefica frialdade da madrugada, pyrilampas retardados fugindo á luz, vagos pipilos de aves que sonham, suspiros de rosas lindamente desabrochando e a contrastar com tudo isto a serenidade escura e sinistra do somno final.

Triste flor tranzida ! Pobre alma sonhadora !

Pará

MARIA STELLINA.

## O mez litterario em Portugal

### O Theatro

*A reforma do Normal—Historia d'uma campanha—As premiéres—D. Maria: O Auto do Amor e a Sinhô—Nos outros theatros—O Monstro—Dois Drámas de Sienkiewicz e Galdos.*

Logo nos primeiros dias de outubro, ainda antes da reabertura das épocas, que, para os grandes theatros, se effectuou nos meados do mez, uma grande questão, apaixonou dramaturgos, actores e jornalistas, e promoveu não só as irritadas polemicas de todos os centros em que se discute arte, como também os acerbos debates de quasi toda a imprensa.

Foi o caso que, inopinadamente, quando nada de preliminar faria prevêr a sua appareição, começou a circular o boato de que o governo ia reformar o theatro normal de D. Maria II, hoje confiado a uma empresa de societarios que o alcançou em concurso e de que é na actualidade gerente o grande actor Ferreira da Silva.

Conhecidas as bases da reforma que os jornaes officiosos immediatamente publicaram, os protestos não se fizeram esperar. Entretanto, o episodio das eleições, apesar do indifferentismo em que passou pelo seu já conhecido character, em Portugal, d'uma ignominiosa farçada, veio momentaneamente arredar as atenções da projectada reforma. Mas assim que os ultimos echos eleitoraes se desvaneceram, para o que bastaram dois ou tres dias, a questão reaccendeu-se com um artigo do *Seculo*, geralmente attribuido a um auctor dramático conhecido, o sr. Eduardo Schwalbach, em que violentamente se advogava o projecto, appellando-se para o governo para que sem demora o puzesse em execução.

Attribuido ao sr. Schwalbach, o artigo tinha tanta maior importancia quanto era certo que a elle, ao sr. D. João da Camara e ao sr. Lopes de Mendonça se imputavam também, sem contestação da parte de nenhum d'elles, os trabalhos preparatorios d'essa reforma e as respectivas instancias junto do governo. Assim, pela defesa ardente do *Seculo* ponde-se apreciar o que era a reforma, que nos seus termos precisos ninguém conhecia, guiando-se o criterio publico apenas pelas revelações mais ou menos vagas dos periodicos officiosos.

O pretexto da reforma, affixado pelos seus defensores e em especial pelo artigo do *Seculo*, era o de que, em virtude de terem sahido de D. Maria os dois Rosas e o actor Brasão, o nosso primeiro theatro, apesar de contar com elementos de tanto valor como Virginia,

Ferreira da Silva e Augusto de Mello, além de alguns novos como Cecilia Machado e Fernandes Maia se encontrava necessariamente incompleto no seu pessoal artistico, e simultaneamente o mesmo succedia no D. Amelia, onde Rosas e Brasão, tendo contudo a coadjuval-os elementos de bastante valor, não conseguiram também apresentar uma companhia perfeitamente homogênea. Qual o remedio para esta situação? Reformar a reforma de D. Maria, decretada ha tres annos, visto que com a actual Rosas e Brasão para lá não voltariam, e estabelecido um novo regimen, conseguir uma junção de artistas que deveria constituir a melhor companhia do theatro portuguez.

Tal era o pretexto invocado, e que seria, na realidade, sympathico se fosse realisavel ou mesmo se sinceramente se acreditasse na sua realisação. Mas eis o que não succedia,—e nas bases da reforma depressa se revelava o intuito verdadeiro dos reformadores, que logo justificou o alarme com que a opinião livre e sensata o recebera.

Com effeito, vistos os autos, o eixo da reforma era apenas este: a criação d'um conselho dramático, ao qual passariam os attributos da actual gerencia, quanto á acceitação de peças e á nomeação de actores. E quem constituiria esse conselho? Tres auctores dramaticos, cujos nomes previamente haviam sido propostos ao governo. Esses dramaturgos eram os srs. Schwalbach, D. João da Camara e Lopes de Mendonça, todos auctores ferteis e exuberantes, senão em qualidade, pelo menos em quantidade.

O perigo era eminente e claro. Não levando o theatro D. Maria á scena, durante cada época, mais de seis ou sete originaes e traducções, só a produção dos membros do conselho dramático bastaria o encher os cartazes de toda a época. Porque nem o sr. D. João, nem o sr. Schwalbach, nem mesmo o sr. Mendonça são homens que se limitem a uma simples peça por anno. Cada um d'elles costuma fazer em todos os generos: drama, comedia, opereta, revista, dois ou tres trabalhos. O processo, de resto, era commo. Tratava-se apenas de as fazer e de as baptisar. Algum logar vago seria dado a um ou outro auctor dramático que gozasse das sympathias pessoas de ss. exs., abundando, além d'isso, nas idéas conservadoras em arte que elles tão iniludivelmente representam. D'ahi o clamar-se, com razão, que a reforma, apparentando intuitos de engrandecimento theatral, não tinha em mira outra cousa que não fosse a criação d'um syndicato dos auctores mais ou menos consagrados, e unidos por um manifesto espirito de *coterie*. Foi o que demonstrou a maior parte da imprensa que desde logo se revelou intransigentemente antagonica á campanha inaugurada no *Seculo*. Jornaes, das mais diversas nuances politicas e litterarias, como o *Diario de Noticias*, o *Correio da Noite*, o *Imparcial*, o *Mundo*, a *Vanguarda* e o *Dia*, não hesitaram em desvendar o plano e combateram com tenacidade a incipiente reforma, que já tivera parecer em contrario do commissario regio de D. Maria, Alberto Pimentel, e á qual não hesitou em mostrar-se indignadamente adverso um dos proprios que primeiro tinham sido indigitado para membro do conselho dramático, o academico Souza Monteiro.

Quanto ao pretexto apresentado para justificar a remodelação do regimen de D. Maria, isto é a junção dos melhores actores do Normal com os melhores actores de D. Amelia, era facil provar a sua inconsistencia. Sabia-se, como positivamente correu, que Ferrei-



ra da Silva e sua mulher, a incomparável actriz Virginia, sahiriam immediatamente do theatro de que o primeiro é agora gerente, porque o gerente, segundo a reforma, ficaria n'uma situação que aquella artista reputava affrontosa da sua dignidade. Bastava isto para já não servir de nada, no ponto de vista da arte pura, porque, regressando a D. Maria, caso quizessem regressar, os actores Rosas e Brasão ficariam com uma companhia tão incompleta como a que tem no D. Amelia, e assim a reforma não faria mais do que repôr as cousas na situação de 1898, que motivou a saída dos antigos sociários de D. Maria.

Mas queriam Rosas e Brasão regressar ao *Nor-mal*? Não queriam! O seu nome figurava em toda essa campanha de interesses pessoais apenas como o ostentoso lema d'uma bandeira. Etanto assim que, depois da publicação do segundo ou terceiro artigo do *Seculo*, os tres actores enviaram uma energica declaração aos jornaes, affirmando que continuavam sempre ligados ao seu amigo e empregador, Visconde de S. Luiz Braga, e repellindo quaesquer boatos que em contrario d'esta intenção corresse.

Essa declaração foi á ultima hora retirada das redacções, diz-se que a pedido do director do *Seculo* que se disse illudido pelo auctor dos artigos que no seu jornal se haviam inserido, o qual affirmara a perfeita acquiescência dos tres artistas ao seu projecto. Mas a declaração fôra lida nas redacções, n'essa mesma noite conhecera-se e commentara-se em cafés e theatros, e no outro dia, o *Correio da Noite* resumira-lhe a essência, sem que o mais pequeno desmentido a acolhesse. Ao mesmo tempo, o director do *Seculo* faria cessar a campanha a favor da reforma no seu jornal, consentindo apenas na publicação d'um pallido artigo de retirada.

Assim parece terminada a questão da reforma, que seja dito de passagem, tanto se pretendia implantar de surpresa que chegou a estar impressa na Imprensa Nacional, (onde as provas foram revistas, mysteriosamente, pelos srs. Schwalbach e D. João da Camara) sem que primeiro tivesse ido, como é de lei, á consulta do conselho geral de instrucção publica. Terminou, e diga-se a verdade, com manifesta vantagem para os escriptores novos que por ella se veriam inteiramente impossibilitados de introduzir no theatro D. Maria as suas idéas e os seus trabalhos.

Apesar do numero relativamente elevado de originaes e traducções annunciadas para os nossos theatros, de poucas *premières* me cumpre por enquanto tratar.

O theatro de D. Maria abriu com duas peças novas, e abriu, diga-se a verdade, desastrosamente. Uma d'ellas, que pelo seu caracter ligeiro e pelo facto de ser a estreia do seu auctor no theatro, não deu ensejo a ser tratada pela critica com severidade, antes lhe mereceu benevolencia, foi o idyllio n'um acto, do sr. Narciso de Lacerda, *Auto do Amor*. Todavia, o *Auto do Amor* é mau, como estreia, como idyllio, e, o que é mais, como poesia. O sr. Narciso de Lacerda é o excellent poeta da *Poesia do Mystério*, que ha perto de vinte annos se revelou como um cantor philosophico de singular grandesa. A sua arte que, pela subjectividade atormentada lembrava Anthero e pelo delicado sentimento se approximava de João de Deus, como muito justamente definiu Fernando Reis, ao occupar-se da sua peça na imprensa, fazia-nos esperar, senão uma boa obra theatral, pelo menos um castigado e primoroso trabalho lyrico. Tal não succedeu, porem. O

sr. Narciso de Lacerda, correctissimo sonetista, sente-se pouco á vontade nas illas cerradas dos seus alexandrinos. Tratando-se d'um caso de paixão, d'uma fina trama de amor, as suas imagens não teem brilho, os seus gritos não teem vibração, e, ainda peor, os seus versos não teem harmonia. Caso o illustre poeta se guie, para a invenção de futuros trabalhos para o theatro, pela benevolencia que lhe dispensou a critica, tomando-a como uma merecida justiça e estímulo para continuação de taes processos, teria sem duvida de se arrepender ante o fatal desagrado do publico, ainda mesmo o constituido pelos seus mais antigos e fervorosos admiradores.

Mas se o *Auto do Amor* foi um despercebido fracasso, a *Sinhá*, drama em tres actos de Marcellino Mesquita, que o acompanhava, constituiu um estrondoso desastre. Marcellino Mesquita, já aqui affirmei, é hoje o nosso primeiro auctor dramatico. Todavia, por circumstancias a que não são extranhas as difficuldades com que luctam, em Portugal, os que se dedicam exclusivamente á litteratura, este escriptor de tão solido e verdadeiro talento não se exime, de vez em quando, a corrente de fancia que arrasta os nossos litteratos ao pego do mais baixo mercantilismo. Assim se explica que, a par de obras como os *Castros*, a *Dor Suprema*, e os *Peraltas e Secias*, existam, com o nome de Marcellino Mesquita a encimá-las, producções tão desgraçadas, mesquinhas e precipitadas como o *Tyranno da bella Urraca* (parodia ao *Cyrano de Bergerac*), o *Petronio* (arranjo infelicissimo do *Quo Vadis*?) e ultimamente a *Sinhá*, que a platea de D. Maria não pateou pela consideração especial que vota ao homem que n'aquella sala tem conquistado verdadeiras noites de gloria.

A *Sinhá*, que pelo titulo poderia parecer qualquer causa de brasileiro, mas cujos personagens brasileiros teem tanto esse caracter como o de chinezes, é uma verdadeira desgraça. Trata-se d'um pae rigido, antigo commerciante em Africa e Brasil, enriquecido no trágico de escravos, que tem uma filha, a *Sinhásinha*, a quem adora, mas a quem impede de casar com um mariola engravatado que a requesta. A *Sinhá* tenta primeiro levar o pae a desistir da sua opposição, pedindo para isso a interferencia d'um velho amigo do seu progenitor, o sr. Luiz, tambem commerciante retirado. Nada consegue, porem, e por isso, cedendo aos conselhos d'uma amiga pouco escrupulosa em cousas de amor, deixa-se raptar, uma noite, n'um baile do Club das Caldas, pelo seu apaixonado, cujo unico intuito é apanhar-lhe a fortuna, e que presume que o pae immediatamente os chamará a fim de lavar com o matrimonio a falta do rapto. Mas o pae não se resigna a fazer-o, e deixa-se ficar na casa solitaria e gelada pelo desaparecimento da filha, em companhia d'uma mulata que choraminga a todo o momento a perda da *Sinhásinha* e com o amigo Luiz que todas as noites o acompanha n'uma interminavel partida de damas. Passam-se mezes, e n'uma noite de chuva e frio a filha, abandonada pelo amante que, desanimado de apanhar-lhe o dote, casa com outra, entra-lhe em casa, na apparencia da maior miseria. O pae indigna-se, a filha conta a sua desgraça, e o pae, que momentos antes tivera uma longa conversa com o sr. Luiz, na qual este lhe demonstrara que elle era um barbaro em não ter ido procurar a filha, pedindo-lhe que voltasse para casa, acaba por perdoar,—ou antes, elle é que se lança de joelhos aos pés da *Sinhásinha* pedindo-lhe perdão, não se sabe bem de que. E *c'est fini*.



Se nos seus intuitos moraes a peça erra, porque, como notou alguém, ella parece não só aconselhar como justificar todos os levianos passos de amor ou capricho, dados pelas meninas romanticas n'uma hora de inconsiderada paixão, e serve implicitamente os interesses dos caçadores de dotes da especie do raptor da *Sinhá*, como obra dramatica ella ainda mais profundamente claudica pela abundancia de *trucs* e situações disparatadas. O primeiro acto, de exposição, é menos mau; mas o segundo que quasi não tem ligação com o drama é pes-imo, sendo mais um acto de revista do que outra cousa. O terceiro tem uma scena boa, mas o resto é Príncipe Real puro, com a aggravante de se notar na scena do isolamento do pae e da mulata evidentes reminiscencias d'esse magistral estudo de Balzac, que se intitula a *Vendetta*.

A *Sinhá* teve seis representações. Apenas, a primeira, como succede em todas as peças foi concorrida. Nas ultimas tres, sobretudo, a plateia de D. Maria parecia o deserto de Sahara.

O Theatro Normal tem representado estes dias o *Tartufo*; mas no dia 9 de novembro vai á scena peça nova, as *Ranzau*, comedia de Erckmann e Chatrian, traduzida por Lino de Assumpção. Por occasião do Natal subirá á scena o *Suave Milagre*, extrahido pelo Conde de Arnoso e Alberto de Oliveira do lindo conto de Eça, com o mesmo titulo.

O theatro D. Amelia abriu com a *réprise* do *Castello Historico*, e em *réprises* tem continuado. A companhia Rosas e Brasão vae partir para o Porto, e só regressará depois das recitas de Della Guardia e Zacconi, que estão, como é natural, despertando extraordinario interesse. No dia 3 de novembro estreia-se a actriz Della Guardia, e no dia 20 Ermette Zacconi.

Mesmo no Porto, Rosas e Brasão iniciarão as *premières* com a *Sorte*, traducção da *Veine*, de A. Capus, feita por Accacio de Paiva.

Asseguram-me que o *Sangue Azul*, o drama d'um novo auctor em que já fallei, Jorge Santos, não subirá á scena esta epoca, porque ha muitas peças adiante da sua, e que Raul Brandão apresentou á empresa de D. Amelia um drama, intitulado o *Archeologo*, o qual agradou muito na leitura.

O Empresario deu-nos uma originalia: *Manobras conjugas*, producção do jornalista Raphael Ferreira. Tem tres actos, e agradou.

D'aqui a breves dias sobe á scena a comedia hespanhola, o *Motete*, traducção de Carlos Trilho. A seguir irá o sr. Tenente, de Von Moser, versão de Freitas Branco. Mais tarde, a actriz Adelaide Continho fará ali o seu beneficio com um original de Ernesto da Silva. E' um drama em tres actos, e intitula-se *Os Vencidos*.

Nos outros theatros, *réprises*, á excepção do Avenida, onde tem ido á scena uma traducção de Bruno de Miranda e Salvador Marques: *Estudantes e Costureiras*. A peça, em francez, intitulava-se *Mimi Pinson*.

Em livro surge-nos um drama original. E' o *Monstro*, do sr. José Agostinho. Publica-o um editor, que pela sua fanatica admiracão, parece ser o Mecenaz do auctor: o sr. A. Figueirinhas, do Porto. O drama é em verso, e tem 206 paginas.

O sr. José Agostinho é um escriptor novo que appareceu no Norte, de subito, como se surgisse d'um alcapão, e que em menos d'um anno tem lançado á publicidade tudo isto: em verso, — o *Poema do Lar*, o *Porto e a Liberdade*, o *Poema da Paz*, e *Christo*; em prosa, os romances *Rei Infame* e *Padre Antonio*, e os livros de educação *Primeiras leituras* e *Fabulas*, sobejan-

do-lhe ainda tempo para redigir no Porto um pamphleto de critica: *O Latejo*. Como era de esperar, escrevendo muito, escreve mal, o que não quer dizer que as suas pretensões sejam restrictas, antes pelo contrario. O *Monstro* é verdadeiramente um monstro. O auctor declara, é certo, que o não destina a scena, e pede portanto que o não analyssem como obra dramatica. Mas, mesmo como obra poetica, é pessima. Trata-se d'uma enfiada de alexandrinos, batidos a martello, e forçados com os mais semsaborões logares communs. Isto, porem, não impede que o sr. Figueirinhas, seu editor e collaborador no pamphleto a que me referi, o proclame nas paginas de annuncios dos jornaes, seguindo o moderno exemplo das livrarias que pontificam á Taine, «o grande poeta José Agostinho». Emfim, d'este, pelo que tenho visto, não vem mal ao mundo. E' um curioso exemplar de graphomania, e nada mais.

Outras obras de theatro publicadas: *Vencer ou morrer*, drama de Sienkiewicz, em 5 actos, editor Tavares Cardoso, 147 paginas, traducção de Candido de Figueiredo, e *Electra*, drama de Perez Galdos, tambem 5 actos, edição da livraria Lello, do Porto, 230 paginas, versão de Ramalho Ortigão. Ambas as traducções são correctas, devendo especialisar-se porem a ultima em que Ramalho Ortigão mais uma vez manifesta os recursos do seu poderoso estylo. A *Electra* esteve para ser representada no D. Amelia. Parece, porem, que altas influencias se moveram para que um drama que exerceu em toda a Hespanha uma acção tão nitidamente revolucionaria n'um sentido anti-clerical não fôsse á scena n'um theatro de Portugal, onde a questão religiosa continua ainda a constituir um problema ameaçador e latente. Assim, Ramalho Ortigão, que o proprio Galdos escolhera para seu traductor, pedindo-lhe n'uma carta, decidiu-se a publicar a sua bella traducção.

## Outros livros

Alem d'outros que citei, sahiram mais, durante o mez, os seguintes livros:

Da livraria Tavares Cardoso: A 2.<sup>a</sup> edição da *Instrucção popular na Suecia*, relatorio official de Antonio Feijó, em 98 paginas, e *Os Jesuitas do Grão-Pará*, por J. Lucio de Azevedo, 366 paginas. E' um estudo historico sobre as missões e systema de colonisação dos jesuitas, com varios documentos ineditos e interessantes.

Da livraria Gomes de Carvalho: o 2.<sup>o</sup> numero dos *Commentarios*, do padre Manso, pamphleto de critica, com 32 paginas.

Datypographia J. F. Pinheiro: *As manobras de 1901*, estudo critico de Julio de Oliveira, 32 paginas, e um trabalho de Luiz Leopoldo Flôres, *Regimens de reciprocidade*, em vigor entre o Brasil, Portugal, Hespanha, Italia, França e Allemanha, n'um vol. de 160 paginas, contendo uma vasta documentação de leis e tratados especiaes.

Da Empresa da «Historia de Portugal»: *Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas*, por Francisco Rodrigues da Silva, 4 vol. de 452 paginas.

Publicaram-se tambem em Lisboa, mas sem indicação de casa editora: *Bonaparte e o Progreso*, por J. Bivar de Sousa, 1 folheto de 40 paginas; *Apontamentos de Contabilidade Commercial*, por José Carreira e Antonio Carreira, 4 vol. de 133 paginas, e *Luctas da Penna*, do padre Senna Freitas, 1 vol. de 300 paginas de pote-



mica religiosa e artigos litterarios, em que o velho escriptor demonstra ainda o valor da sua experimentada penna.

No Porto, a casa Lello editou, n'um bello volume de 392 paginas, com o titulo *Os Jesuitas*, os excellentes artigos que o grande jornalista republicano José Caldas publicou no *Norte*, quando mais accesa estava no paiz a lucta religiosa e que tão grande e tão geral importancia causavam.

Depois de escriptas as linhas que acima ficam referentes ás tentativas de reforma do theatro Normal, apparece a reforma do Conservatorio, onde se preceitua a creação, alem d'um conselho musical, d'um conselho dramatico que deverá apresentar as bases d'essa reforma. O decreto causou grande surpresa n'este ponto porque se julgavam inteiramente fracassados os intuitos dos chamados reformadores do D. Maria.

Do conselho de arte dramatica farão parte, alem do inspector do Conservatorio, os tres professores da secção dramatica que ficam existindo n'esse estabelecimento, o commissario do governo junto do theatro de D. Maria, e sete homens de letras, que os jornaes officiosos disseram já serem os srs. Conde de Mesquita, Lopes de Mendonça, Rangel de Lima, Julio Dantas, Urbano de Castro, Marcellino Mesquita, e Malheiro Dias. Entretanto, as portarias nomeando-os ainda não appareceram á data em que escrevo.

O facto d'este conselho dramatico ter de apresentar as bases d'uma reforma denota que a primeira, que o *Seculo* defendeu e que esteve impressa, está inteiramente posta de parte.

Commenta-se muito o facto de não ser indigitado para o conselho dramatico nenhum critico, nem dos velhos nem dos novos, e tambem causa espanto a exclusão do sr. D. João da Camara.

A demora da publicação das portarias com a nomeação dos membros litterarios do conselho dramatico, portarias annunciadas para o dia immediato da publicação do decreto reformando o Conservatorio, está tambem produzindo admiração, não faltando quem diga que o governo, entalado em compromissos levianamente tomados, resolveu nomear essa commissão para fazer aos projectos de reforma do Normal o que Zola, no *Paris*, tratando das tricas parlamentares, chama um *enterro de primeira classe*.

Quanto á reforma do Conservatorio resume-se n'isto: Auctorisa a creação de succursaes nos differentes districtos do paiz, a começar pelos do Porto, Coimbra e Evora, logo que as circumstancias do thesouro o permittam; o Conservatorio publicará uma revista mensal, sobre assumptos musicas e dramaticos, da qual será director o inspector do mesmo Conservatorio, e são creadas as cadeiras de harpa e órgão.

A imprensa recebeu geralmente a reforma na ponta das espadas, sobre-sabindo na violencia com que a tem atacado o *Dia*, em artigos editoriaes que são attribuidos ao escriptor Abel Botelho.

31 outubro 1901.

MAYER GARÇÃO.

MACHINA VOLANTE—A—uma das azas que supportam a machina; C—cordas destinadas a dirigir e manter o equilibrio; T—motor de petroleo; H—helice de propulsão; G—leme; R—rodas que sustentam a machina e a arrojão ao espaço.

## Ballada do Ladrão antigo

Ó grandes tempos do pinhal  
Bravio e só, bordando a estrada!  
Noites escuras! Temporal  
A soluçar contra a quebrada!  
A mala-posta recheiada  
De passageiros ia mal  
Segura. Então a guizalhada  
Parava toda, de repente:  
Um bando de homens... Um punhal  
P'ra cada guella.—«A bolsa!»—E a gente  
Dava-nos tudo, incontinente.  
E se não davam, (a Nortada  
Que com mais uns gritos augmente!)  
Findava alli sua jornada.

Hoje o roubar é diferente:  
Já não tem alma, nem tem nada  
—Ainda ha ladrões, já não ha gente.

Era preciso um braço forte,  
Peitos largos de luctador.  
Era já quasi irmão da morte.  
O nosso amor—mas era amor!  
Relampejava a treva cõr  
De sangue. Ao longe, o vento norte  
Rachava os pinhos, rachador  
Sem ter machado com que corte.  
A larga curva denegrida  
Do cêo, olhava espavorido  
Como olhariam nossos paes;  
E d'essa abobada transida  
Caíam astros, á medida  
Que ao ar se erguiam os punhaes.

Ao vento, á chuva, aos temporaes,  
Que grande vida a nossa vida,  
Ó reis, que agora ainda reinaes!

Homens de bem! Ricos! Banqueiros  
E reis!—Collegas barrigudos.  
Ó meus antigos companheiros  
Pisando sedas e velludos;  
Mascarados de cem Entrudos;  
Barões e condes brasileiros!  
Chamam por nós, cumplices mudos,  
A noite escura e os pinheiros.  
A estrada é só, não ha luar,  
A Humanidade vae passar  
Ao alcance do nosso braço.  
Por vós o vento uiva a chamar!  
E diz um pinho, alto no espaço:  
«Ricos e reis, heis-de voltar!»  
Hei-de vos dar tamanho abraço,  
Ricos e reis!

que heis-de ficar,  
Lingoa de fóra, vitreo olhar,  
Pendurados por um barão,  
A balouçar, a balouçar...

Lisbôa

SILVIO REBELLO



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Janeiro de 1902

NUM. 9



OS ACADEMICOS BRASILEIROS—Machado de Assis



## Na hora da amargura

### I

Nesta vida que passo suspirando  
O teu celeste nome a soletrar,  
Em ti pensando sempre e sempre quando  
Por sobre a terra esbate-se o luar,

O que de mim seria, ó peregrina,  
O peregrina flôr, se no meu borto,  
Teu affecto não fosse a minha sina  
E a santa estrella d'alva do Conforto?

Se por mim não tivesse — ave medrosa —  
Quando defronto as trevas do caminho,  
Os teus olhos de santa e de piedosa  
E a grata maciez do teu carinho?

Eu sei! Tu'alma é ambula sagrada,  
De aromas cheia e de clarões risonhos,  
Onde a minh'alma vai buscar cansada  
O maná eucharístico dos sonhos.

### II

Quando a fé no viver deixou-me triste,  
— Extincta luz entre tufões vesanos —  
Foste só tu que sempre me sorriste  
No Calvario cruel dos desenganos.

Eram-me então as horas bem ferinas  
E era-me a vida inteira, ó lyrio terno,  
Triste bem como funeraes ruínas  
Sob as penumbras d'um luar d'inverno.

Manhãs te raiem de fulgores plenas,  
O' minha doce e eterna Ambicionada,  
E que a vida te seja de açucenas,  
De anemonas e rosas constellada.

Anjo, — nasceste d'um brilhar d'estrella,  
Sob uma noite romanesca e pura,  
Tua consolação foi uma umbella  
Que me cobriu na noite da Amargura.

Bem dita sejas entre as mais formosas  
De todas as mulheres que contemplo,  
Tu, cujos lábios cheiram mais que as rosas  
E mais que o incenso virginal do Templo!

A Dita engana. Muita vez o gozo  
Parece eterno, ó flor das creaturas,  
No entanto é apenas o clarear saudoso  
Da agonia das ultimas venturas.

### III

Se n'amplidão d'este viver nefando  
Brilhasse o livre sol, tão puro e lindo,  
Como nós viveríamos cantando!  
Como nós morreríamos sorrindo!

O meu querer e o teu querer risonhos  
Um só seriam — loiras fantasias! —  
Eu me acolhia á sombra dos teus sonhos  
E á sombra dos meus te acolherias.

Depois um genio piedoso e doce  
Nossas vidas fundia — ó gratos premios! —  
De modo que no mundo a gente fosse  
Gemeos no gozo e nas desditas gemeos!

A luz seria, — eu, a treva impura,  
Tal qual tem sido nossa sorte aqui,  
Mas o fei que nos desse a desventura  
Com beijos adoçava-o para ti.

Nos instantes da magoa e do quebranto  
Junto contigo eu tanto soffreria,  
Que se dos olhos te brotasse o pranto,  
Dos meus olhos o pranto brotaria.

E quando o Mundo o insulto atroz e duro  
Atirasse-te ao rosto, anjo tombado,  
Me entregaria ás scismas do futuro  
Sómente p'ra esquecer o teu passado.

E quando n'alma te fulgisse um dia  
A santa luz da contricção que lava,  
Aos meus beijos de amor te redimia  
E ao meu carinho te santificava!

Ah! dá que eu veja o céu d'essa ventura  
Que almejo em ancias para nós aberto...  
Eu quero luz p'ra minha noite escura!  
Eu quero flores para o meu deserto!

E que o Amor onde a dita se resume,  
Seja-me sempre, ó meiga Idolatrada,  
Cornucopia de sonhos e perfume  
Piedosamente sobre mim voltada!

### IV

Inda pude sonhar! Sob o cansaço  
Do adeus extremo ás illusões de outr'ora,  
Háje venho encrustar em teu regaço  
Estes versos sem côr que traço agora.

Grava, grava n'alma commovida,  
Triste epitalamio — estes bosquejos,  
Tu que me foste a Terra Promettida,  
— Chanaan dos meus ultimos desejos!

Que no teu somno, a horas socegadas,  
Elles te soem em magica surdina  
Como notas de cytharas vibradas  
N'uma noite de sombras e neblina.

N'elles plangeia o genio lacrimoso  
Das minhas esperanças e saudade  
E desfolha-se a flôr do extremo gozo  
A' agonia final da Mocidade!

Pará.

JOÃO DE DEUS DO REGO.

## O crime do tapuio

(O ultimo capitulo d'uma novella inedita)

### VIII

Tão abstracta, tão entregue á intimidade dos  
seus dolorosos pensamentos estava a desventurada  
mameluca, que não presentio ao menos as pisadas



do tapuio seringueiro. Sómente quando ouviu partir de junto de si uma voz estranha que lhe dava as «bóas tardes», foi que reparou achar-se em presença d'um desconhecido.

O seu primeiro movimento fôra o de fugir para o interior do barracão e gritar por socorro; pois devéras aquella apparição, singular em semelhante paragem que suppunha deshabitada, enchera-a de pavor.

— Não tenha medo, dona; eu não sou nenhuma onça...

O tapuio parara e se puzera a fitar a sorridente, apoiando-se ao cano do rifle, cujo couce pousara no chão.

D'onde viera aquelle homem? A assustadica rapariga notava agora n'aquellas feições rudes e na modulação cariciosa e branda da voz do estranho alguma semelhança com as feições e a voz do amante assassinado. O medo não a deixara proferir palavra; o seu olhar profundo e inquiridor exprimia-se, porém, o bastante para ser compreendido.

— Sou capaz de jurar em como a dona 'stá pensando no Chico. Coitado! Acabo agora mémo de enterrá o corpo d'elle que encontrei no meio do matto, quando voltava da xiringa.

Dominada pela curiosidade, a Joanna inquiriu, anciosa:

— Quem é então você?

— Quem eu sou? Ah, sim! a dona não me conhece, nunca me viu. Eu me chamo João; sou o mano mais velho do Chico, e vim aqui p'ra liquidar um negocinho com seu Mané: uma dívida... cousa atoa que nem vale a pena falá.

Estas palavras fizeram-n'a com que se recordasse de que o amante lhe falara um dia de um irmão com quem viera para as cabeceiras do Juruá. Não havia duvida, pois, sobre o genero do «negocio» de que vinha tratar: bastou-lhe ver o rifle, o largo terçoado á cintura e a ironia pungente com que proferia aquellas palavras para esclarecer-se o seu espirito perspicaz de mulher.

Com que então o Manoel ia pagar bem caro o seu monstruoso crime! Homem tão mau assim, tão ruim mesmo, devia ter a sorte dos cã-s. Era bem feito! Muito bem feito! Um pezar profundo andava-lhe pela alma rustica e era o de não ser a sua mãozinha gorda, que muitas vezes o Chico apertara com volupia, a primeira a desfechar o tiro vingativo... Dahi o sentimento de sincera pena com que avisou o irmão da victima de que o cearense sahira ha bocado para o matto.

O João não pareceu contrariado como era de prever.

— Eu espero até que elle venha. Não tenho pressa. Se a dona dá licença...

E foi entrando desembaraçadamente, com o chapéu de cipós na cabeça e o rifle debaixo do braço.

Enquanto aguardavam a presença do dono do barracão, conversaram muito os dois, assentados no mesmo banco, no copiar da frente. A breve trecho entre ambos se estabeleceu uma intimidade que parecia datar de longos annos.

Assim passaram-se algumas horas, até que a

Joanna, vendo que se approximava o momento da chegada do cearense, convidou o João a se esconder no interior da alcova, separada do copiar apenas por uma tosca parede tecida de palhas seccas.

O tapuio não se fez rogado: entrou, encostou cuidadosamente o japá de talas de urucury que mascarava a porta, lançou um demorado olhar indagador por todo o aposento, e, notando, em frente da janella, a rede ainda manchada de sangue, murmurou para consigo:

— Paresque foi alli. Antão...

Não concluiu o pensamento, mas por deante da sua imaginação viu desenvolver-se a scena invejavel e appetecida dos beijos, dos longos suspiros, por entre risotas furtivas de cocegas e o arfar das respirações açodadas. Encolheu os hombros, como se nada tivesse com aquillo, procurou banir da memoria o vulto adorado do irmão e o rosto agradável da moça e voltou a pensar com maior odio, em mais profundo rancor, no cearense e na sua premeditada vingança, na anciada vingança que o retinha alli, áquella hora, esquecido do seu trabalho e da propria existencia. Em seguida pôz-se a procurar, até que encontrou, um buraco na palha secca que servia de parede.

Momentos decorridos, o Manoel penetrava no copiar, perguntando á Joanna se já havia acabado de choromingar, e a casquinhar risadinhas insultantes, por entre phrases pesadas e d'uma obscuridade torpe. A rapariga encarava-o com o olhar esbraseado de hyena enraivecida, e sentia, no latejar precipite das veias, o bater forte do seu coração revoltado.

Pelo orificio das palhas que dividiam o copiar da alcova, lá estava, distinctamente visivel, o cano luzidio do mortifero instrumento, que a iria libertar para sempre d'aquella fera medonha.

O cearense vio-a afastar-se para um canto, indo collocar-se junto á velha e tosca mesa de prachubá em que se serviam as refeições diarias; quiz perseguil-a até alli, porém conteve-se e voltou-se em direcção ao interior do barracão.

O irmão do Chico tinha o rifle em posição, assestado para o alvo, com o dedo no gatilho, prompto a fazer fogo. A retirada da Joanna era o signal. Com grande surpresa sua, a mameluca notou, porém, o desaparecimento subtil do cano da arma; e, tremula de pavor e de assombro, vio o cearense encaminhar-se para a alcova, desviar o japá da porta e penetrar no interior. Affligiu-se-lhe que o cearense ia cair, como uma sussuarana feroz, sobre o misero tapuio. Quiz gritar, dar um aviso a elle, mas a voz expirou-lhe gaguejante na garganta, estrangulada pela commoção; as pernas fraquejaram-lhe, e o seu corpo de fôrmas turgidas cahiu pesado sobre o banco de acapú.

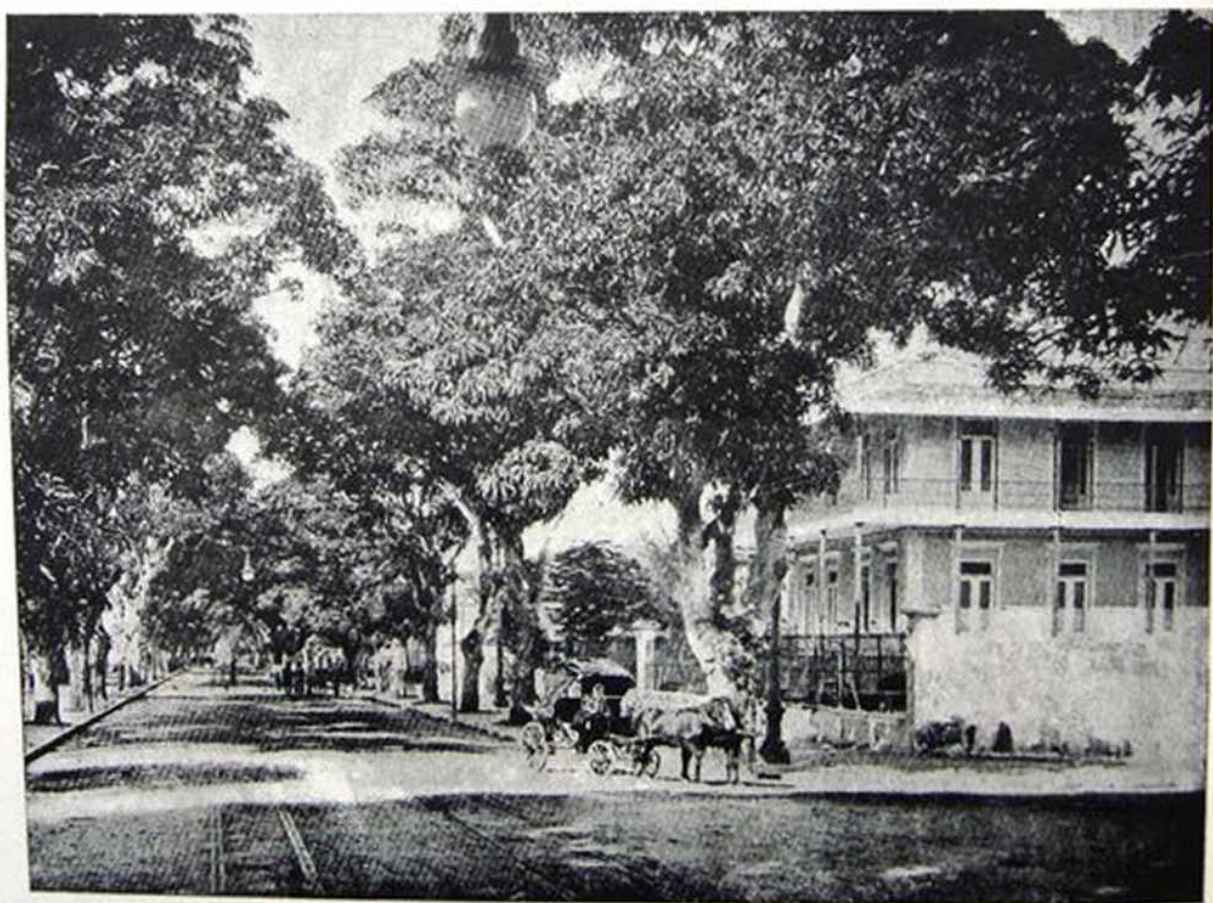
D'alcova partiram exclamações de surpresa e de raiva, phrases curtas de odio, gritos selvagens de batalha; e uma luta medonha travava-se entre os dois possantes seringueiros, a rolarem unidos sobre o sôlho de terra batida. Minutos após, o João, ofegante, reclamava uma corda.

A voz do irmão do amante foi para a mameluca como um milagroso balsamo a lhe acalmar os nervos excitados. Ergueu-se presto, penetrou na



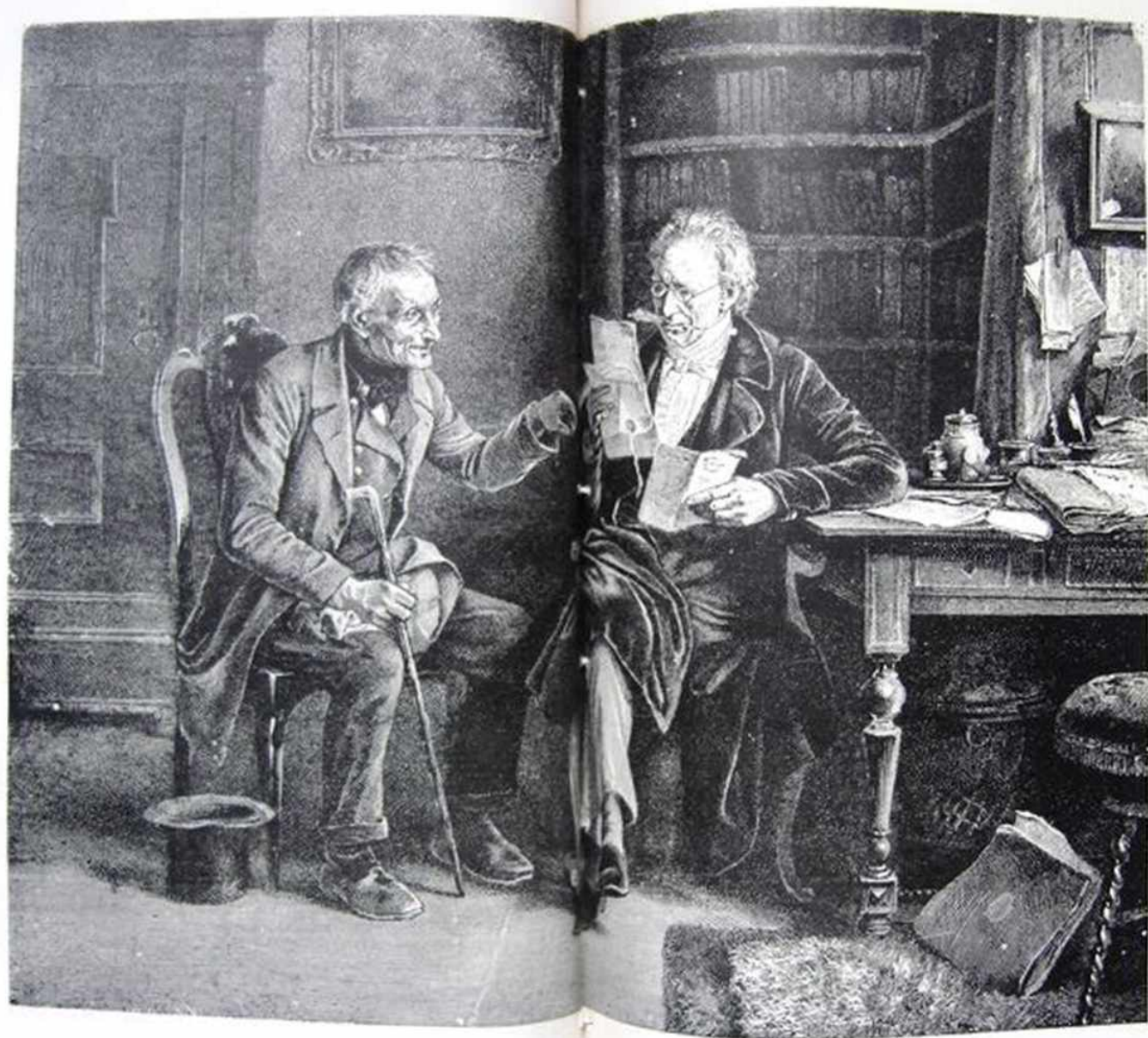


PONTE DO CASTELLO—ESTRADA DE FERRO DO PARANA



Pará---ESTRADA DE S. JERONYMO





Maranhão

Em casa do advogado

Brazil



alcôva e correu a desatar da sua rede maculada de sangue um dos lados da corda nova de curauá, amarrada a um dos esteios.

O tapuio, com as roupas em frangalho, conseguiu voltar de bruço o cearense e cavalga-lo, conservando-o n'essa posição, não obstante o outro pererecar como uma cotimboia assanhada, n'ancia de se libertar das mãos possantes do inimigo que o subjugava. Não foi sem dificuldade que conseguiu amarrar para traz as duas mãos do assassino, cuja furia recrudesciente se manifestava por imprecações offensivas aos bríos do inimigo e á honra da rapariga. O outro lado da corda serviu para ligar, uma á outra, as pernas que se debatiam furiosamente, excavando o sôlho, como o escocear d'um poldro indomesticado.

Feito isto, o João conduziu para o terreiro o bahu de marupá da rapariga, contendo os seus trastes de ouro e a sua roupa; foi á cozinha bus-

Quando os dois espectadores d'esta scena grandiosa davam o primeiro passo no carreiro que ia d'alli desvial-os para sempre—ella na frente, com o coração já apiedado pela sorte desgraçada do amazão, e elle atraz, levando sobre os hombros o bahu salvo do incendio e a alma presa d'uma tristeza indizível—um bando tardio de araras azues e vermelhas passou pelo alto, gralhando alegremente, abafando com o seu vozear de aves palradoras os gritos rancos do assassino do infeliz Chico Pitanga, que tão caro pagava o nefando crime cometido.

Pará—1901.

ACRISIO MOTTA.

## Conto do Natal

Anda, formosa Léa, descalça tua sandaliasinha azul e microscópica, que um pé pequenino e roseo



CEARÁ—ESTAÇÃO CENTRAL DA VIA FERREA DE BATURITÉ

car a lata de kerozene, cujo conteúdo despejou sobre o corpo do cearense e ateou fogo ás palhas do barracão, fechando os ouvidos aos gritos lancinantes da victima, que lhe pedia misericórdia, certo do atroz supplicio que lhe estava sendo preparado.

O crepusculo descia pesadamente sobre a natureza selvagem d'aquellas longinquoas regiões. O poente nadava em sangue, coberto com a purpura opulenta do sol agonisante. Por entre o concerto dos animaes noctivagos, os urros ferozes dos tigres negros e das sussuaranas sobresahiam como notas de trompa n'uma doce melodia acarinhadora.

N'um relampago o incendio propagou-se por toda a pindoba sêcca da cobertura e das paredes do barracão; e um clarão rubro de apothecose de magica dominou a emmaranhada floresta, alastrou-se, suplantando o crepusculo, afugentando dos ninhos proximos e dos troncos apodrecidos dos velhos vegetaes os japius e as caninanas, os inambés e as jararacas.

esconde discretamente, e vae, alvorocada de esperanças e de alegrias, pôl-a ao lado da chaminé, para que o Jesus-menino encha-a esta noite dos deliciosos *bonbons* de que tanto gostas...

A' meia noite, o louro filho de Maria descerá á terra seguido de uma legião mysteriosa de Kobolds curvados ao peso das grandes canastras atulhadas de polichinellos dourados, ricas bonecas vestidas de seda e rendas finissimas, saccoes de setim cheios de confeitos e os perfumados *sachets* de *bonbons*.

E principiará, então, a sua agradável visita para todas as creanças ás casinhas silenciosas e mergulhadas em trevas, deixando dentro da sandaliasinha de preço, como a tua, um bonito presente, como na chinellinha pobre, que calça uns pésinhos nús e mimosos da mais linda e pobre donzella a dadia do noivo amigo.

Como ficarias zangada, e dos teus flagrantes olhos cubicosos jorraria amargo pranto,—minha adorada Léa,—si o Jesus-menino se esquecesse de ti?!



Nem mais um riso de festa á flor desses lábios, onde Amor pede beijos e carícias...

Mas, enquanto aguardas impaciente e estremunhada a dadia celeste, para espancar-te o sono e fazer-te esquecer a monotonia destas longas horas de espera, ó minha bella Estremecida! — vem sentar-te ao meu lado: tão perto de mim que eu oia o leve palpar do teu ingenuo coração de criança e tu leias nos meus olhos, que não se cansam de fitar os teus, toda uma dolorida e mysteriosa confissão de amor...

Anda, vem sentar-te bem junto de mim, pois quero contar-te a bella e triste historia dos amores de um desventurado sonhador.

E d'ahi, quem sabe? talvez que a alheia magua te enterneça o coração.

Mas não durmas, Léa formosa, e aprompta-te para ouvir a singella narrativa que te vou fazer.

— Em terras aragonezas, no fértil valle da primavera, erguia-se o soberbo palacio do rei Aguiá Branca, que alli vivia feliz com sua encantadora filha, a princeza Mercedes.

Alta e loura, de olhos celestiaes e suggestivos, em plena e fascinadora irradiação dos amores e da Juventude, bella, a joven princeza era o alvo das paixões de todos os rapazes da nobreza e dos miseraveis burguezes que o sceptro de seu bondoso pai governava.

O mimosa e ciumenta Léa, refreia teus zelos, que se te visse a divina Mercedes, seu orgulho de mulher bonita succumbiria ante a pompa e magestade de tua incomparavel e invejavel formosura!

«O sol de Abril fazia reluzir fadicamente nas ameias das lendarias torres o aço pollido das lanças dos soldados da guarda; e quando o luar de Agosto, nas noites estivaes, banhava o pequeno reino de uma claridade doce e suave, no alto torreão do palacio, destacava-se, na severidade do granito, o delicado perfil da virgem aragoneza, encostada ao parapeito, scismativa, a contemplar o valle.

«Xacaras e guitarrilhas, exalçavam-lhe os doctes physicos, comparando-a á mais graciosa *Willis*.

«Rapsodos apaixonados erravam no valle, olhos fitos no lugar em que a princeza, debruçada, escutava enlevada, o coração joven a saltar de um estranho jubilo, as vozes flébeis dos que ancejavam por seu amor puro e ambicionado.

«Gil, era um forte cabreiro que na sua rude flauta de canna arrancava a melodia entristecida de uma seguidilha amorosa e terna.

«Pelas manhãs e á tarde, passava na estrada, ao lado do real castello, guiando o seu extenso rebanho de cabras, ás vezes soprando o seu pastoril instrumento, outras lançando na mornidão e no silencio da noite que baixava recamada de estrellas, o gorgoejo da sua voz vellada e queixosa de infeliz namorado.

«Ouvia-o Mercedes, sentindo penetrar-lhe o coração e dó d'aquellas palavras tristes, que lhe desabrochavam n'alma a rosa branca do nobre sentimento de suprema piedade pela sorte do misero pastor.

«Hei de fazel-o meu pagem,» murmurava a

princeza, quando eu fôr a rainha e senhora deste Reino da Phantasia.

Tu ris, ó trefega criança! Tu não acreditas que haja o Reino da Phantasia e crês piamente que Jesus-menino, generoso como é, desça hoje pela chaminé da cosinha e venha abarrotar a sandália-sinha azul, que lá deixaste propositalmente, dos gostosos *bonbons* que tanto aticam tua gula.

Pois é preciso, minha amiguinha, não duvidar tanto; e, meditando sobre as minhas palavras, procurar a essencia de amor que nesta historia se contém e desfazer em carinhos as affeições amenas do teu peito por alguém que não cessa de querer-te e adorar-te.

«No fim de algum tempo já a princeza ia esperal-o, inquieta, á sua passagem, só se recolhendo quando o rapaz desaparecia de todo na extrema curva do caminho.

«A' miseria visível do cabreiro, o pezar occulto que lhe entenebrece o rosto, de feições tão delicadas, a saudade e o desespero das suas trovas, acordaram em sua alma branca de donzella um sentimento mixto de amizade e compaixão pelo zagalzinho...

«Pareceu-lhe um dia descobrir no olhar febril e negro de Gil, algo de mysterioso: que elle a encarava com interesse e preocupação...

Estaria enganada? — De certo que sim; pois um desventurado guardador de cabras não acariciaria jamais o extravagante anhelo de ligar seu destino ao de uma joven e rica princeza.

«Nos seus passeios matinaes, ella o encontrava sempre junto do lago do parque dando de beber ao seu rebanho. Humilde e respeitoso, o pastor a cumprimentava com timidez, um rubor violento carminando-lhe o moreno do rosto, enquanto dentro d'alma sopitava com esforços a confissão do seu tão grande e profundo amor pela filha do rei.

«Advinharia Mercedes? Gil interrogava a si proprio, sem obter resposta que lhe trouxesse calma ao espirito inquieto e atribulado.

«Mas Dezembro chegara com suas neves e um vento cortante que matava, enregelando nos ninhos os passaros implumes.

«A vespera solemne do maior dia da christandade, o Natal, punha um borborinho de festa em todos os lares e em todos os peitos.

«Gil teve então uma idéa recortada nas phantasias da sua meninice sorridente. Ir logo á noite pôr no degrau da escada do real castello um dos seus velhos e esburacados sóccos, com uma cartinha que sua feia e desalinhavada calligraphia pintara n'um estylo amoroso e crivada de peccadilhos grammaticaes.

«Certo que a princeza daria com ella e tomando-a entre as macias mãos se dignaria passar-lhe a vista, quando mais não fosse, por mera curiosidade. E as mulheres são tão curiosas...

«Vivificava-lhe a esperanza robusta fé, que lhe fortalecia o animo e o tornava espontaneamente risonho.

«Gil adormeceu por fim ao lado do tamanco, sonhando com a loira princeza, tiritando de frio.



exposto ao vento gelido do norte, que lhe cortava as carnes com inclemencia atroz.

Mercedes descera a longa escadaria de mármore e encaminha-se para a porta. E um sonho azul que o fascina e encanta. Pegou no sóco do zagal, retirou o bilhete que lá dentro estava, leu-o e regressando ás pressas ao seu aposento, escreveu uma breve carta em que se declarava também muito apaixonada pelo moço pastor.

Mas a verdade é que uma das damas de honra da princeza, vendo o cabreiro ali adormecido, correu a avisar a primogenita do rei Aguiá Branca. Mercedes entregou-lhe uma moeda de ouro para que a levasse a Gil.

Quando na manhã seguinte elle acordou sobressaltado e ancioso, foi procurar no velho tamanco a missiva adorada, e viu cahir com sua carta uma luzente moeda de ouro. Tudo comprehendeu e chorou. A filha do rei não o amava... Cruel decepção!

Estavam desfeitas todas as suas fagueiras ilusões. A vida para elle perdera as suas seducções e magias...

Gil comprou, então, com todo o dinheiro uma porção de flores e espalhou-as da porta do castello até o lago, onde a formosa Mercedes ia passear todas as manhãs e elle descedentava seu gado.

Depois, despedindo-se do rebanho, deitou-se a afogar, forte de uma resolução inabalável e bella de morte.

Quando Mercedes chegou ás margens do lago, e, entre os brancos nenuphars afiorados, lobrigou o corpo inerte de Gil, morto de amor e de desespero pela milionaria herdeira do Reino da Phantasia, tudo advinhou: que esse pobre cabreiro a adorava loucamente e por elle enlouqueceu.

—Que vermelha luz é essa, meu querido, que purpurea os vidros da janella? Olha.

—É a madrugada que se annuncia. E agora, minha Léa arrebatadora, vai á chaminé buscar tua sandaliasinha, que a liberalidade de Jesus-Menino encheu de presentes. E si um coração vazio encontras cahido na cinza fria do borralho, é meu: —imita a generosidade celeste, enchendo-o de bellos sonhos, de lucidas esperanças e do carinhoso amor de que teu peito está repleto.

Pará.

AGOSTINHO VIANNA.

## A Sementeira

O mundo todo somos só nós dois:

Onde eu acabo principia o Bem.

Eu que sou máo serei melhor, depois

A Perfeição és tu em sendo mãe.

Andei de olhos no ar, sempre á procura

Do caminho mais recto para o céu;

Achei-o enfim em ti e esta loucura,

A força de ser minha, já sou eu.

Sou eu que fallo. Andei á tua espera.

—Tanto esperei que já te merecia...

O calendario marca—primavera

E o relógio parou no meio-dia.

Unico sol que nunca tem poente!

Se amava o outro era a sonhar contigo:

Eu hoje amo-te a ti e antigamente

O sol foi sempre o meu melhor amigo.

Horas? Relojos?!—Que me importa a hora?

Perto de ti bem sei como as contar:

Cada beijo é o principio de uma aurora,

Cada suspiro é uma préamar.

O teu olhar só diz: «eternamente...»

Para outra cousa Deus o faça mudo!

Palavras? fallas?!—Para quê? se a gente

Se vae fallar não sabe dizer tudo...

Releio as tuas cartas como um canto

A repetir-me uma sabida trova.

Tu dizes: «Amo-o», e eu amo-te tanto

Que vejo sempre nisso cousa nova.

E dize mais!.. Torna a dizer! (Rugidos

Da vida vêm morrer ao pé de nós)

—Bemdito seja quem me deu ouvidos

Capazes d'entender a tua voz!

Fui para longe p'ra sonhar contigo.

—A cidade perturba-me, se penso.

Vou pelos campos e os talhões de trigo

Lembram-me os versos de um poema immenso.

E a seára é, na aspiração suprema

Da vida, forte e de uma linda cor:

Côr da esperança como o meu poema,

Forte e fecunda como o nosso amor!

Bemdigo os campos que ninguém me deu

—Mar de fartura, numa oscillação

De montes, seios a apontar o céu

Têtas sagradas a florirem pão!

E, do meu alto throno de poeta

Onde o meu braço acotovella a lua,

Bemdigo a carne d'essa terra preta

Que em fim de contas é irma da tua.

O' branca terra onde eu lanço os meus versos,

O' corpo e alma que ando a semear,

Fá-los florir, fructificar em berços,

Fecunda-os com a luz do teu olhar!

Lisboa.

SILVIO REBELLO

Dá-se com as épocas historicas o mesmo que com as obras d'arte: apreciamos mais as do nosso tempo, escriptas por homens que se nos assemelham em tudo, mas comprehendemos e julgamos melhor as do passado, porque nos apparecem numa perspectiva mais completa e mais definida.

TEODOR DE WYZEWA





PERNAMBUCO--Palacio do Governo



MARANHÃO--ANTIGA PONTE DO CUTIM



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Janeiro de 1902

NUM. 10



*Academicos brasileiros*---**Olavo Bilac**



## As horas estereis

A NARCISO DE ARAUJO

Na callada placidez do valle, sentado num velho tronco d'arvore morta sobre o qual caia a sombra immovel d'um ramo que num barranco escuro erguia a tristeza verde das suas folhas, por aquella sonhadora noite de luar e astros que ardiam num céu sem nuvens; sentindo perto o cantado correr d'um correjo sobre o qual bandos de vagalumes fulgiam intermitentemente com uma fria luz d'esmeraldas aladas, elle meditava como um velho e branco eremita, recolhido á cella selvagem d'um deserto, isolado em si mesmo, expellindo os seus sonhos, os seus desejos, os seus pensamentos terrosos, a sua mesma existencia imperfeita, fallada e ephemera, num amplo despojo de tudo que foi, de tudo que teve e só lhe trouxe dissabores, desespero e agonias, numa decisiva, absoluta e irrevogavel renuncia de todas as suas aspirações e de todos os seus gosos, como uma arvore frondosa e fecunda que de repente, possuida d'estranha nevrose divina, farta se sentisse de dar sombra ao campo, abrigo ás aves e alimento aos homens e se despojasse das suas folhas, das suas flôres, dos seus fructos e da sua sombra, estendendo para o céu em luz os galhos vãos, em meio do chalar de passaros d'uma oara madura, numa attitudo de cousa morta, d'esforço inutil, de mocidade que passou, de grandeza extincta, de riso emmudecido, d'esperança que abotoou, abriu, floriu e perfumou num coração e depois pendeu, murchou e rolou no pó.

A penumbra fugitivamente pontuada pelos fulgores dos vagalumes e da agua do correjo que corria através da mancha negra da relva, aquelle fundo silencio do valle e aquell'outro mais alto silencio estrellado do firmamento davam-lhe a impressão d'uma voragem, longa, infinita e insatisfeita voragem que desde o começo dos tempos vem largamente sorvendo mundos e sociedades, philosophias e religiões, artes e sciencias, corpos e almas, tudo que, á face da terra e ante os céus impassiveis e eternos, um momento arde, illumina e brilha como ambição, felicidade, amor, gloria e genio. Dias, annos, seculos vai o monstro devorando com uma voracidade redobrande e o tempo e os seres e as cousas todas lhe fogem em vão, atirando-lhe ás fauces gigantescas e triturantes todas essas claridades dos céus, — luarese sóes, — todos esses primores dos vergeis — arômas e matizes, — todas essas luzes das almas — risos, chimeras, aspirações e preces, — em demanda d'um futuro cheio de desillusões.

Mas aquella tréva tão funda, aquelle silencio infinito da noite parada e adormecida, que parecia sonhar sob a doçura luminosa da via-lactea, uma outra impressão lhe davam, de repouso e calma, d'uma breve parada e d'um rapido resfolgo neste illimitado e vario caminho onde a vida, — flôr colossal de cem milhões de petalas dos mais contrastantes matizes e dos mais heterogeneos per-

fumes, — desabrocha, incensa, brilha, estonteia, sécca e apaga-se para resurgir, reabotoar de novo viver e perfumar ephemeramente, sob as ardencias tropicaes da paixão e da gloria e as fustigantes hybernias das lagrimas e das desesperanças. E era nesse remanso d'alma e coração, por essa noite pomposa d'astros que elle, — irremissivel e dolorido sonhador, — se volvia para o passado, como para um firmamento apagado, e mansamente, com a mansidão de resignações definitivas, que assim as suas lhe pareciam, immergia o olhar, engolpava a su'alma na vida que fôra, longínqua e perdida.

Nessa amplidão cinzenta e fria, que um vasto silencio e uma petrea quietação envolviam e entorpeciam, elle se tornava a ver creança, lá onde uma impressão mais forte cravara a primeira reminiscencia e a primeira saudade. Vinha d'ahi por dias vagos e eguaes com vagas e eguaes emoções que se fundiam todas numa só, vaga e leve lembrança que era como a corda adormecida d'uma harpa por onde passou sussurante a harmonia ligeira d'um hymno ligeiro. Aos poucos ia-se destacando a sua physionomia varonil, tomando mais relevo o seu vulto e uma luz mais firme o banhava. Era quando, já moço, já ideal e coração, resplandecia na pompa das suas esperanças e dos seus amores como um sol que surge entre as purpuras do céu e os arômas da terra.

Mas, por sob a doçura dos risos que lhe abriam os labios em haustos soffregos de ideal e goso, um tom se occultava de macerações e inutilidades, como, sob o florir dos nenuphars, a agua estagnada e verde d'um lago sombrio. E, contemplando o tranquillo e alto céu, — infinita cupola d'um templo infinito em que o homem, do seu principio ao seu fim, melancolicamente canta misereres perdidos, — olhando para longe, na bruma do horizonte, os fogos velados d'uma cidade que ainda não adormecera, elle pensou que alli, nesse valle em que viera assentar o seu ascetismo entre as flôres e os passaros, nunca mais irromperia um sopro de vida fecunda, de qualquer estranha vida, real e forte, cujos fructos, por mais singulares, brotassem, ainda que obscuramente, d'uma ainda mais obscura e ignorada selva. Para além, para essa cidade que malse dividia através dos proprios lumes e das suaves claridades da noite, a vida ainda vibrava, povoando choupanas e palacios, cathedraes e praças e transbordando para os mares, como um novo oceano a invadir os velhos oceanos, em ousadas travessias para outros espaços, para outras cidades mais povoadas e mais revolvidas por impetuosas energias. Lá em cada atomo havia o germen d'outro atomo, em cada seio um fructo, em cada cerebro mil pensamentos, em cada braço cem obras a surgirem. Mas onde elle ficara, para não agir, na inercia voluntaria e irrevogavel das forças mais rebeldes da sua acção e do seu sentimento, entre collinas tristes d'uma vegetação atrophiada, tudo era parado, infecundo e morto. Apenas o tempo, — invisivel cavalleiro dos Espaços que de repente envelhecera duzentos annos, — tinha vida e movimento; mas tão tardo era o seu andar, tão tropeço e incerto, que as horas todas pareciam sempre a mesma hora indifferente



e grande, junto d'elle parada num silencio final.

De longe lhe vinham, expirantes, os rumores d'aquella cidade ainda desperta que dentro de pouco ia ficar adormecida e calma, como esse adormecido e calmo valle, sob o mesmo sumptuoso e magno estellario. Pareceu-lhe então aquella capital ruidosa a imagem da sua vida passada. Ah! a cidade ainda cantava e ria, ainda uma illusão brilhante enchia de fausto os seus palacios e de orações e graças os seus templos illuminados; mas d'alli a pouco viria o somno tomal-a, um invencível torpor dominar todas as suas forças, um silencio de Nirvana abafar os seus risos e os seus cantos e uma treva densa apagar os seus brilhos. Tambem elle cantara, sonhara e rira como a cidade fulgurante e sonora; mas o seu despertar fôra o silencio e o ermo, esse valle despovoado e mudo que agora era tambem a imagem nitida do seu coração desilludido. Quanto tempo inutilmente consumido, quantos dias imprevidentemente esbanjados!...

Numa curiosidade macerante, de penitencia e purificação, poz-se a despertar vagarosamente as suas recordações, as horas passadas, horas inuteis que o tinham tornado inutil, no desperdicio das suas mais ricas energias, no desvio inconsciente das suas vistas, no abandono das suas mais preciosas ambições. Uma funda tristeza o repassou ao contemplar essas horas errantes e vãs que eram agora como corôas perdidas que pela vida viera cegamente atirando ao silencio e á morte, á inutilidade e ao pó.

Ellas mudamente passavam deante dos seus olhos ardentes e arrependidos, destruidas horas, fragmentos esparsos d'um tempo em que elle pontificara ás suas crenças e aos seus amores, ás suas ambições e ás suas esperanças.

Hora primeira, hora da innocencia, branca hora virginal em que os seus olhos, surprehendidos e deslumbrados, por toda a parte haviam visto céu crepitante d'azul e ouro, hora simples e amiga que todos os dias lhe trazia doces pomos e candidas flôres e pelos seus sonhos derramava infinitas blandicias.

Hora das illusões depois, cheia de fumos, de nevoas, de miragens e de brilhos, hora de vacuo e nuvem, fantasia feiteira que tão altamente o embalara e adormecera no dia augusto em que a sua alma pedira a primeira emoção, a força creadora da primeira chimera.

Hora das primeiras aspirações, prenhe de germen ephemeros, de frageis anceios, de timidos impetos, d'assustados recuos, de confiança vacillante, d'incompreensíveis receios, hora imponente que parece subir ás conquistas indisputaveis, alcandorar-se em victorias sobre-humanas, desfaldando amplas e rubras bandeiras, signos sacrosantos e inviolaveis, e entretanto pára, empallidece e treme no primeiro obstaculo como deante do invencível e do irrevogavel.

A hora do primeiro amor surgiu com a candidez d'uma virgindade incauta; hora de dubia claridade que não é bem a noite no seu somno sereno e não é ainda o dia nas suas pompas solares; desmaiada e ingenua hora dos imprevistos encon-

tros dos séres, entrevistas inesperadas de suas almas que passam no mesmo lugar, no mesmo instante emocional e tremulo, sob o luar radioso que mais branqueia os brancos laranjeas do amor, e reciprocamente se illudem, julgando-se ambos no termo da sua viagem solitaria, e recuam e choram, trahidos sem se terem trahido, vendo rolar das suas cabeças as primeiras guirlandas murchas.

Depois a hora da primeira magna chegou com uma vaga tristeza de crepusculo. Os dous séres não voltaram juncos ao lugar onde uma e risonha vez se viram. Nunca mais lá voltarão ambos, porque o que faltou tem de ir mais longe e o que novamente veio tem de esperar alli o ser que lhe está destinado. Hora inquieta, esta, já de desanimo, desillusão e ermo.

Outras horas passaram ainda, d'esperança, de desfalecimento, de vida improficua e d'inercia resignada. E por fim essa hora mais vasta e mais vasia, macerada hora da saudade, hora infinita e lacrimosa do passado que o seguia desde os seus primeiros dias, grilheta que lhe entorpecia o passo e cançava o esforço, rasto preso e arrastado aos seus pés. Dentro d'essa hora crepuscular, d'um raio poeirento de vias-dolorosas e d'um roxo de violetas torturadas, todas as outras horas rolavam. A hora da saudade vinha com elle, desde a sua mais distante recordação, recolhendo, um a um, com um frio cuidado e um zelo cruciante, todos os despojos da sua vida inutil, desfeita na nevoa, desfeita das suas miragens.

Ah! as horas estereis!... Porque as gerou o tempo com esses falsos brilhos de magestade, com esses mentirosos signaes de fecundidade e força! Vampiros negros e sedentos sugando uma veia farta, haviam-lhe levado todo sentimento, toda alacreante alegria d'existir e depois, saciadas, tinham voado, abrindo-lhe n'alma o sulco soturno das suas azas frias. E ainda agora essa hora presente lhe fugia tambem e lhe levava, com as estrellas que se afastavam e com a lua que empallidecia, essas reminiscencias que eram um cortante nevoeiro baixado sobre o seu coração, mas através do qual os seus olhos ainda brilhavam pallidamente na saudade que morria... Do que fôra nem essas lembranças nem essas saudades lhe ficavam. Apenas, com uma tristeza d'ermo, o coração vazio e insensível como uma fonte exgotada que o musgo lentamente cobre e apaga da face da terra. E sobre o deserto da sua alma uma infinita, amarga e fria solidão se estendia, apagando os clarores das suas lembranças para mais vasia, mais parada e mais silenciosa fazer essa vida que já fôra onda, chama e harmonia.

Todo firmamento agora amortecia os seus fulgores; um vago tom d'esmorecimento o invadia, desvanecendo a sua lactea e quente brancura, e a lua, mais desmaiada e rala, ia rolando por traz das montanhas tristes, envolvendo-se tremulamente nas nuvens, como tomada de frio...

Da «Terra Feliz».

OLIVEIRA GOMES





General De Wet



SUPLEMENTO AO N. 10

16 DE JANEIRO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

A ocasião faz o ladrão

MARANHÃO—BRASIL



## O mez litterario em Portugal

Zacconi

Escrevo-lhes debaixo da maior impressão de theatro que até hoje tem actuado sobre os meus nervos e sobre o meu cerebro. Não sou eu só, de resto, que me encontro n'este singular estado de espirito em que as ponderações do raciocinio desapparecem, fogem, fracassam, ante os clamores da alma assombrada que abre a porta a um tempestuoso sentimento para todas as illimitações do seu sonho. Toda a Lisboa intellectual que ha quatro noites enche o theatro d. Amelia, para assistir as prodigiosas creações de Zacconi, se encontra,

frio, socegar o coração, dar lucidez ao olhar e segurança ao cerebro, uma unica palavra sae dos labios, uma palavra banal, que irrita os que a pronunciam, visto que nada define, pela falta de argumentos e deducções em que se estabeleça: *E' assombroso!* Assombroso, porque? E o que quer dizer assombroso? Que miseria! Nada dizemos, n'esses grupos que se formam, porque só sabemos dizer que é assombroso, e só sabemos citar assombros: scenas, gestos, olhares e gritos! E no dia seguinte, se percorremos as columnas dos jornaes é para os amarrotarmos, com raiva, no nosso orgulho amachucado e perdido,—porque tambem a critica revela a sua impotencia de exame, e não pode provar porque não pode analysar.

Que se pode portanto fazer, a que podemos nós avançar, torcidos de emoção e esmagados de



Maranhão---QUARTEL DO 5. BATALHÃO DE INFANTERIA

como eu, debaixo do joelho omnipotente d'esse formidavel domador de publicos. E comtudo, essa Lisboa, como eu tambem, fomos ali a primeira noite recobertos d'essa capa de gelo, d'esse,—não hesito em confessal-o—d'esse *parti pris* que instinctivamente em nós se cria contra a celebridade, coroada de gloria estrangeira, que armada d'essa gloria se nos affigura vir exercer pressão sobre o livre exame da nossa critica. Mas não ha gelo, mas não ha frieza, mas não ha retrahimento, mas não ha vontade,—que resista áquillo!

E' uma cousa formidavel, o que os nossos olhos aturdidos tem visto n'estas ultimas noites! Quando nos pequenos intervallos, em que o panno cae, se procura cá fóra readquirir um pouco de sangue

omnipotencia? A isto, quando muito, se a garra diabolica do genio, cravada na nossa garganta, nos deixa ainda articular um som: a isto, a este termo, que como o de *assombro* é o unico que pode acolher as surpresas que fulminam; a isto: *E' inacreditavel.* Inacreditavel? Sim. Inacreditavel, apesar de se ter visto e de se ter de acreditar!

Ha meia duzia de horas que isto foi. Foi hontem. Foi hontem, na *Morte Civil*, que esse homem, esse demonio ou esse deus, que roubou á Vida todos os segredos das suas paixões e á Morte todo o mysterio das suas torturas, rolou diante de nós, nas convulsões que a strychnina desenvolve, na mais assombrosa das creações pathologicas que porventura o genio dramatico tem produzido du-



rante seculos. E ainda elle não tinha cahido, ainda elle se contorcia como um damnado gigantesco, e já toda a sala estava de pé, já um grito sahia estrangulado de todas as boccas. Ah! eu ouvi-o, eu soltei-o tambem esse grito, — *eu comprehendí esse grito!* Não, não era dôr, não era piedade, não era a sensibilidade humana, que toda ella rompe n'um intimo soluço ao vêr as afflicções mortaes d'um ser... Não, não era somente a admiração que resulta da apraiação d'um esforço intellectual em cerebro e almas que se sentem na medida de o avaliar... Era terror, era colera, era revolta, — era o que provoca um quadro de cataclysmo: uma tempestade, um terramoto, um cyclone, em que palpita e se reconhece uma especial e extraordinaria belleza, mas em que nós sabemos que vamos ser aniquilados, e em que cerramos os punhos contra o que não podemos vencer.

Momento formidavel e tragico! Estavamos ali, como nas noites precedentes, cedendo á attracção do abysmo, a essa curiosidade, a esse interesse, que é um attributo do homem, e que o leva a desprezar as vertigens para se inclinar sobre as voragens, e a queimar os olhos para contemplar os vulcões. Estavamos ali, como todas as noites, recalando a nossa agonia, sentindo esse extrahido esmagamento que deve produzir a pata d'um leão, carregando gradualmente sobre um peito humano até de todo lhe interceptar o alento, — porque, desde que Zacconi apparece em scena, essa tortura começa. Estamos, — é o termo — fascinados. Elle surge: é Oswaldo, é Conrado, e logo os globos de chrysal dos seus olhos dominam a sala inteira. D'ahi em diante, não ha forças para applaudir, nem para protestar. Dir-se-hia que elle está, não alem, n'aquelle palco, mas junto de cada um de nós, immobilizando-nos com os seus olhos monstruosos. E quando elle sae da scena, é um momento que se abençoa. Ouve-se então alguma coisa que não seja a sua voz, vê-se alguma coisa que não seja o seu gesto. São centenas de pessoas a mover-se; são centenas de pessoas a respirar, — centenas de pessoas que parecem accordar d'um sonho, que readquirem a consciencia de si proprias, que se libertam, que vivem, melhor diria: que resuscitam.

Pois bem! Hontem esse encanto quebrou-se. Ha duas noites, deixaramos cahir o panno sobre a face de idolo de ouro de Oswaldo, que pede o sol; hontem, não. Ha cousas que não podem continuar, e aquillo não podia continuar. As feras rugiram contra o domador. Bradou-se *bravo!* como se diria *basta!* Era a colera subita que zomba de todas as previsões do genio. Não! Por instincto, por instincto da personalidade humana, não podíamos consentir que aquelle homem, feito como nós, da mesma carne e do mesmo sangue, se nos avantajasse mais. Era o orgulho sublevado a gritar contra esse Prometheu das conquistas da Arte! Era revolta, — juro-lhes!; era orgulho rugindo, — juro-lhes! porque sentimos que elle, á medida que rolava para o chão ia subindo tanto que dentro em pouco a nossa vista o perderia, entre as espheras!

Desceu o panno, e então esse accesso de loucura em que toda uma multidão vibrava desfez-se

em palmas, em acclamações, em brados de reconquista e de prazer. Elle appareceu, *já homem*, e sobre a sua cabeça desceu a apothese que os homens sabem dar aos que admiram como seres eguaes, embora mais favorecidos pelos triumphos da vida. Dir-se-hia que todos repeliem uns aos outros: — «Vêem-o? Está ali. E' como nós, fica connosco! Não é um deus, não é um demonio. O nosso orgulho que é a nossa rasão não consente o Sobrenatural. Bravo! Fizemol-o descer! Bravo!»

Na relativa serenidade que me consente o intervallo de horas, em que traslado ao papel esta incoherente impressão de febre e espanto, antes que a sua pata de animal divino de novo me carregue sobre o peito, eu quero apenas fixar isto, cedendo, é possivel, ao mesmo orgulho humano que acabo de pretender demonstrar: *estou vencido, mas não convencido*. Vencem-me as prodigiosas faculdades de genio d'esse homem, mas não me convengo de que seja aquillo o typo da missão do theatro nem da arte de representar. O theatro apresenta a Vida e educa a Vida. Ora não se educa com peças do genero dos *Espectros* que apenas nos mostram os estadios d'uma degenerescencia, nem com dramalhões do genero da *Morte Civil* que servem apenas para nos revelar as contorsões d'um envenenamento pela strychnina. Tudo isso é, na realidade, litteratura de hospital, inutil e barbara. Não consta que o pessoal das enfermarias se dulcifique e enobreça moralmente com o espectáculo do soffrimento quotidiano e da morte quotidiana. Por outro lado, um artista sobrehumano, que representa sobrehumanamente, não pode interpretar a Vida. Ella será mais baixa do que elle, mas é a Vida, — e na Vida nós temos que concentrar as nossas reivindicações e esperar as realisações do nosso ideal.

De que se trata, pois? D'isto, afinal: d'um caso de genio, — d'um monstruoso caso de genio, que tanto se pode afirmar parente da loucura como visinho dos astros!

## O Theatro

Ainda a reforma do Normal — Planos e incidentes — D. Maria: «Os Rantzaus» — D. Amelia: Della Guardia e Zacconi — Os outros theatros. O que se espera.

Da minha ultima carta para cá, novos acontecimentos se desenvolveram relativamente á questão do theatro Normal que, com justificado motivo, interessa a todos os que se preoccupam com a arte nacional. Esses acontecimentos não vieram alterar a forma porque ella aqui foi definida, — mas como representam incidentes que mais tarde lhe hão de constituir a historia, necessario se torna conceder-lhes uma natural menção. Tanto mais que elles comprovam o que n'estas columnas eu já tive occasião de accentuar, isto é: que se trata d'uma conspiração tramada para tomar de assalto o primeiro theatro portuguez, lançando-o depois nas mãos d'um syndicato de auctores e actores que vivem nas boas graças do governo e que nem sequer tem a recommendação, de forma que se atenua o seu odioso monopolio, a garantia ou o



prestígio de serem dos mais justamente consagrados no genero de arte a que se dedicam. A tentativa de acambramento triumphou na decantada reforma do Conservatorio, alcançou igual victoria na que se lhe seguiu das Bellas Artes; mas em relação á casa de Garrett tem encontrado maior resistencia e ainda continuo a affirmar-lhes que se não fará.

Contei já na *Revista* o mallogro do projecto de reforma, que o ministro Hintze referendara e que chegou a estar composta na Imprensa Nacional. Em consequencia de prematuras revelações da imprensa e dos protestos que as acolheram, esse projecto, ao qual apenas faltava a assignatura real, foi-se por agua abaixo. Compreende-se o cheque que um tal fracasso representou para o chefe do governo, o qual, compromettido demasiadamente com o grupo dos pretensos reformadores, reconheceu a necessidade de sahir da falsa situação em que se encontrava. Vem d'ahi a criação do celebre conselho dramático, onde se agrupam elementos os mais desconexos, tendo apenas a ligal-os um commum interesse de mercantilismo. A esse conselho dramático incumbio o governo a elaboração d'um projecto de reforma do Normal,—e assim julgou lançar poeira aos olhos do publico, estabelecendo uma propositada confusão n'aquelles que distrahadamente julgassem que se tratava sempre do mesmo projecto de reforma, sem repararem que o primeiro, feito, composto e annuciado nas suas linhas geraes, havia ido positivamente para o cesto dos papeis velhos.

Instituido o conselho, e incumbido d'esse trabalho, duas hypotheses se apresentam. Querera o governo, reconhecendo a leviandade com que o seu chefe, de resto já conhecido por leviandades ainda mais graves, procedeu attendendo ás capciosas exposições dos syndicateiros das artes, se pultar de vez taes projectos enviando-os a uma commissão, o que equivale a fazer-lhes, como Zola escreve no *Paris*, um enterro de primeira classe? Ou pelo contrario, zombando dos protestos de todos os que devotadamente presam e respeitam a arte, pretende deixar passar a impressão causada, para d'aqui a mezes, aproveitando um instante de enfraquecimento e indifferença, converter em lei um projecto que será tanto ou mais radicalmente nocivo, visto elaborarem-o, attendendo apenas aos seus interesses pessoaes, aquelles mesmos que virão aproveitar com as suas disposições?

Eis o que se não sabe, mas a verdade é que enquanto existir o famoso conselho dramático elle constituirá sempre uma ameaça para os trabalhadores livres que não pertençam á *coterie* nem tenham outras garantias de victoria que não sejam a sua intelligencia e o seu trabalho.

Observei acima que a constituição do conselho é tal que nem sequer se recommenda pelo valor especial dos seus membros. Com effeito, tendo D. João da Camara salvado a tempo o seu nome do menoscabo que lhe poderia advir da sua participação em tal synhedrio, a unica figura de auctor dramático, digna d'este titulo, que ali resalta, é a de Marcellino Mesquita. O auctor da *Dôr Suprema* é, sem duvida, um robusto talento litterario, mas

desgraçadamente as poucas compensações que o publico portuguez dispensa aos seus artistas, forçam-o, pelas duras exigencias da vida, a constituir um elemento tão pernicioso como os outros, dentro d'uma instituição que está destinada a exercer a maior pressão sobre as emprezas de D. Maria, caso as suas idéas de reforma se traduzam em facto legal. E' assim que, como os seus collegas, a sua ancía será sempre affastar competidores, e que os intuitos d'esse verdadeiro dramaturgo sejam os d'um dominante interesse pessoal prova-o a serie de trabalhos indignos do seu nome, que elle tem dado aos palcos de Lisboa e Porto, com o mero fim de ganhar um punhado de dinheiro. Veem-se pois, estas monstruosidades: a *Dôr Suprema* acompanhada de *Petronio*; os *Perallas e Secios* dando o braço ao *Tyranno da Bella Urraca*; a *Leonor Telles* esbarrando com a *Sinhá*. Eu quero crer que estes delictos de arte não correspondam aos desejos naturaes de Marcellino. Mas se elle é obrigado a commettel-os, não cabe duvida de que é perigoso um homem que não hesita em sacrificar a qualidade á quantidade; que esquecendo-se das responsabilidades que lhe pertencem como um dos nossos primeiros dramaturgos, senão o primeiro, julga porventura que lhe é licita a mesma fanearia dos outros, e que, abusando da sua situação junto ao theatro de D. Maria, não hesitaria em enchê-lo do peor, comquanto que fôsse o mais rapido, arremessando á luz d'um proscenio, que tem illuminado as suas proprias glorias, os seus *Tyrannos* e as suas *Touradas* que o descem ao nivel do sr. Baptista Diniz e do sr. Dupont de Sousa,—conhecidos revisteiros da feira de Alcantara.

Dos mais não ha que dizer: o sr. Lopes de Mendonça não tem uma obra que fique nem mesmo que permaneça durante um certo prazo na admiracão geral; o sr. Julio Dantas conhece-o o Brazil pelas *Terras de Vera Cruz*; que a critica brasileira, e em especial, o sr. Aluizio de Azevedo, escorcharam sem piedade; o sr. Malheiro Dias, tem a garantil-o como censor um plagiato de Maupassant com que quiz illudir a boa fé da actriz Maria Pia, por meio d'uma grosseira tentativa que os seus proprios amigos desmascararam,—e de resto a sua obra profissional é a d'um romancista, que actualmente accumula com a de deputado do chapéu do sr. Hintze. Os outros não tem sequer quem se cance a attribuir-lhes auctoridade dramática. São os srs. Conde de Mesquita, Urbano de Castro e Rangel de Lima. Mas o que todos apresentam é bellos dentes para rôer o bolo que já tem como seguro. Está-se a vér que nem o proprio Garrett, se tornasse a nascer, seria capaz de pôr pé em D. Maria enquanto se não saciasse o appetite do Conselho dramático.

Quer isto dizer que nós entendamos que tudo corre no melhor dos mundos possiveis no actual regimen d'aquelle theatro? Longe d'isso. E' sem duvida o sr. Ferreira da Silva, gerente do D. Maria, um espirito muito intelligente e profundamente conhecedor da arte e das exigencias d'aquella casa de espectaculos. Mas isto não quer dizer que não possa errar na acceitação ou rejeição das peças que lhe são submettidas. Todavia, tem isto, o que





### A MODA D'A REVISTA

(Vide o artigo nas paginas supplementares)

é importante: é que os escriptores não lhe podem attribuir o *parti-pris* d'um concorrente. Poderá ser tomado de duvidas ou desagrado sobre o valor d'um papel ou as condições scenicas de qualquer trabalho; mas no que não está a pensar enquanto lê uma peça é em substituí-la por uma sua. E de resto, se ha quem se não possa queixar da empresa do D. Maria é precisamente a maior parte dos reformadores do conselho dramático que lá tem mettido tudo quanto tem desejado.

A meu vêr, um corpo consultivo como o conselho dramático, a constituir-se, deveria compôr-se d'uma forma bem diversa e mais natural. Porque o não formaram de escriptores de reconhecida capacidade critica? Seriam esses os expontaneamente indicados por um vulgar bom senso, se porventura se quizesse attender ao bom senso, e

não a satisfazer sordidos intuitos de mercantilismo. Para uma junta assim planeada os nomes de Theophilo Braga e Ramalho Ortigão estariam naturalmente designados. A esses nomes não seria difficil juntar outros, entre novos e vellos. Não haveria a temer d'esse conselho trabalhos dramaticos que obstruissem o theatro de D. Maria a ponto de não ser possivel a mais ninguem introduzir lá as suas peças, e a auctoridade d'uma commissão em os que citei, seria de tal ordem que ninguem se atreveria a pô-la em duvida.

—A seguir

Lisboa, 30 de Novembro—1901

MAYER GARCÃO.

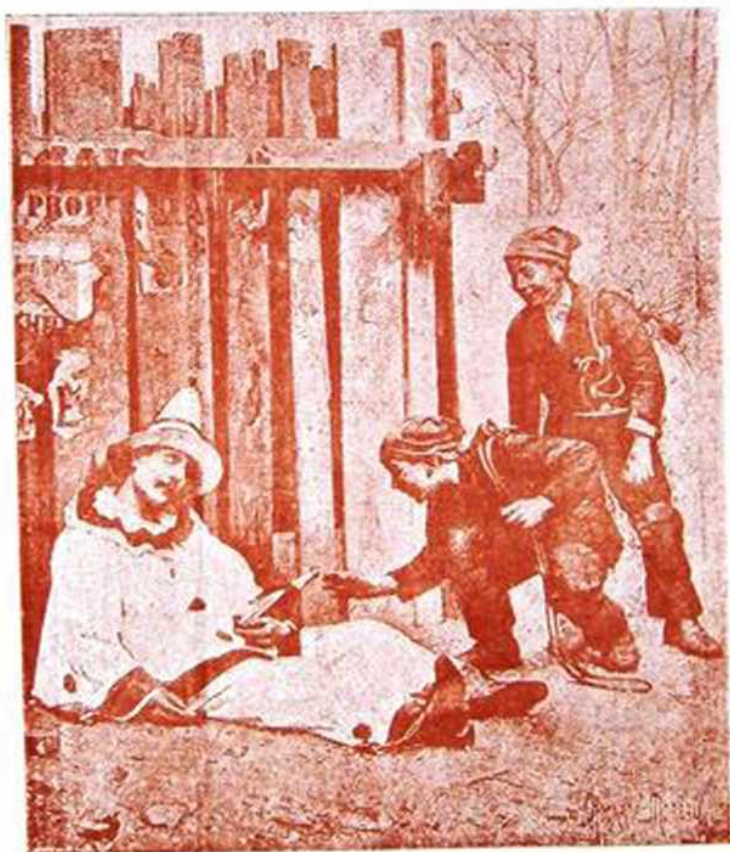


# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Fevereiro de 1902

NUM. II



P. C. Chocarne-Moreau-AGORA NÓS...



## A dualidade de Goethe e de Virchow

Quem procurar conhecer a vida dos homens e das cousas da assombrosa Germania, «de brumas densas e de saber profundo», indisputável e precisa-lhe de notar a dualidade de vocação de Jean Goethe, o poeta-naturalista e de Rudolph Virchow, o político-scientista.

A pretensa incompatibilidade, apregoada por muitos, entre a sciencia e a poesia e entre a sciencia e a politica some-se de todo com as informações adquiridas pela analyse da vida d'estes dois formidaveis vultos, cujas benéficas e reconhecidas aptidões, todas as vezes que relembradas são, espantam e enchem de orgulho os homens, levando alguns a emitir, imitando as sentidas palavras de Thiers, na Assembléa de seu paiz, proferidas com relação á Inglaterra, este desejo: «si á maneira do escultor, que modela entre as mãos o barro plastico, eu pudesse affeigiar a meu gosto o meu paiz, faria delle, não uma America, mas uma Alemanha».

Jean Goethe, o incomparavel auctor do *Werther*, o poeta que produziu o *Fausto*, foi o mesmo sabio que perscrutou por muito tempo o cahos informe da alchimia, que se dedicou com verdadeiro amor ao estudo das sciencias exactas e de Veneza, em uma carta a M.<sup>me</sup> Harder, mandou a noticia de uma das maiores conquistas do seu amestrado espirito de naturalista: a analogia do craneo e do rachis.

Até então vagas e incidentes eram a esse respeito as noções, que existiam em litteratura anatomica, despertadas pela identidade do encephalo e da medulla espinhal.

Que o continente da massa encephalica é formado por vertebrae modificadas, foi Goethe quem primeiro affirmou, apesar de não ter sido elle, o que lhe não minorou a gloria, o publicador da sua grandiosa descoberta.

A Oken, seu compatriota, coube a gloria de revelar aos seus discipulos, annos mais tarde, em uma celebre lição na universidade de Iena, que no caminho um craneo de corça prendera a sua attenção, obrigando-o a apanhar-o, a meditar e a concluir, com o cerebro illuminado por um raio de luz, que no instante lhe atravessara o espirito, que os elementos constitutivos do craneo, contido em suas mãos, não passavam de vertebrae.

O acaso que ensinou a Galvani descobrir a electricidade dinamica nas commoções das coxas de uma rã, quando ficavam em contacto com as grades de ferro da janella do seu laboratorio e que fez Newton enunciar a lei da força da attracção, levando-o, antes da hora, á sociedade real de Londres, para ouvir sem querer a palestra dos seus collegas, sobre os resultados obtidos em França por Picard para a medida do meridiano; o acaso que quedou Brandt estarecido, vendo surgir o phosphoro inesperado, quando em tentativas sobre os residuos só procurava a *pedra philosophal* e que fez Priestley, sem esperar, conhecer, na decomposição do precipitado *perse*, o pseudo gerador dos acidos de Lavoisier, cumulou Oken com os seus

favores, guiando-o por um caminho em que um craneo, sem valor aos olhos do vulgo, semi-enterado, despercebido pelos transeuntes, estava destinado a arrancar da intelligencia de um sabio uma das maiores descobertas que regista a historia da anatomia.

Rudolph Virchow, o octogenario professor berlinense, grande entre os maiores, cujo nome aconselha o pensar na portentosa Alemanha e ha de magnificar a sua patria, donde se irradiam para todos os recantos da terra os lampejos bem accetidos da sua avantajada cultura e adiantada civilização, foi um dos grandes liberaes, que desenvolveram planos de ataque contra a politica de Otto Bismark e é, na hora actual, o eminentissimo sabio que tanto ha enriquecido a sciencia—verdadeira alma da civilização do seu paiz.

Rudolph Virchow, que descobrimos, em época não remota, chefiando o partido dos democratas, fazendo ouvir sua voz sensata nas salas do parlamento allemão, exercitando sua penna nas columnas da *Reforma Medica*, em cujas paginas se acham para sempre exaradas as fulgurações do seu talento productivo, foi o mesmo sabio que, no momento calamitoso, se vio correndo pelos zig-zags dos *fiords* da costa occidental da península scandinavica, a pesquisar a lepra devastadora e, mais tarde, percorrendo os cimos de austeridade solenne do Caucaso, dormitando pelos acampamentos dos povos heterogeneos das encostas da cordilheira, a buscar dados ethnographicos.

Sua decidida vocação politica, que lhe ia prejudicando o futuro de moço e de medico e provocou a demissão do cargo que nobremente exercia na universidade de Berlim, não prejudicou contudo em Virchow o cientista que fundou os archivos de anatomia, physiologia pathologica e medicina legal; o pendor politico, que fizera de Virchow um inimigo terrivel, não conseguiu extinguir nelle o espirito luminoso que acompanhou Schleman nas proveitosas excavações de Troya e adiantou, como poucos, a pathologia cellular, estabelecendo o famoso aphorismo—a cellula nasce da cellula—que foi precedido pelas investigações de Remak sobre reproducção cellular, observadas nos globulos vermelhos nucleados do sangue do embrião e imitado do menos celebre aphorismo de Harvey—*omne vivum ex ovo*.

Eminente politico e emerito homem de sciencia, em Virchow resalta a dualidade de vocação, que se admira em Goethe, sem procurar saber se elle é superior ou inferior aos sabios doutros paizes, como usou fazer um jornalista estrangeiro, estimando-o menor que um seu compatriota e deixando, deste modo, transparecer, ainda uma vez, o exclusivismo do espirito dos filhos da sua nação, «com a fibra doentia do patriotismo».

OTHÃO CHATEAU

Todas as felicidades se assemelham, mas cada infortunio tem a sua physionomia particular.

LEÃO TOLSTOI



## O mez litterario em Portugal Theatro

N'isto, porem, ninguém pensa, ninguém falla. Em compensação tem merecido as honras da maior discussão um dos incidentes a que no principio d'estas linhas me referi. Esse incidente foi a destituição do actor Augusto de Mello do cargo de ensaiador do Theatro Normal. Dos camarins, o grave caso passou para os cafés; dos cafés, para os jornaes. Para uns, o actor Augusto de Mello foi victima do gerente Ferreira da Silva, por elle o julgar mancomunado com os reformadores—fica-lhes este nome visto o Marquez de Pombal não estar vivo para protestar; para outros,—estes são os que defendem a gerencia,—o ensaiador Augusto de Mello não ia aos ensaios, prejudicando acintosamente o bom funcionamento da companhia. Não tenho que me pronunciar sobre este facto da vida interna da Companhia do Normal. Apenas quero accentuar quanto os interesses da Arte, que tão alto se proclamam, são na realidade sacrificados a mesquinhas questões, não já mesmo de individualidades artisticas, mas da posse de cargos mais ou menos remunerados e ostentosos. Entretanto, o que d'este incidente mais ou menos se fixou, d'uma maneira geral para gregos e troyanos, foi que elle representou um acto de força da gerencia do D. Maria, que por esse motivo se considera solidamente segura de vencer a questão, em que a maior parte do publico que aquilata as circumstancias especiaes do assumpto, a acompanha e a sustenta.

Em D. Maria tivemos uma *première* que melhor se poderia chamar uma *répétition*. Trata-se dos *Rautzau*, de Erckmann-Chatrian, peça extrahida do romance *Les deux frères* dos mesmos auctores. Com elleito, os *Rautzau* foram já representados naquelle theatro, ha annos, quando ali se encontrava a companhia Rosas e Brazão. A traducção agora é que é diversa: subscreve-a o sr. Lino da Assumpção.

Os *Rautzau* são uma peça fraca. De toda ella salva-se um papel: o do mestre escola em que os dois alsacianos concentraram todo o seu poder de criação de typicas e singelas bondades. E' um encanto, esse velho d'alma branca e pura! Mas as outras personagens estão longe de merecer um interesse semelhante e mesmo de se encontrarem tão bem estudadas. A acção é frouxa n'uns pontos e demasiadamente intensa n'outros; o fim moral é pequeno e falho de originalidade. Quanto á traducção, não me pareceu merecer reparos. Os *Rautzau* tiveram uma vida difficil e curta. Representados pela primeira vez na noite de 9, já hoje se encontram definitivamente fóra do cartaz.

No D. Amelia, antes de Zacconi, de que acima faço menção especial, apresentou-se á expectativa da capital a signora Della Guardia. A illustre italiana representou, no elegante theatro, algumas das mais afamadas peças do seu repertorio, como a *Zazá*, de Berton, a *Fernanda*, de Sardou, a *Magdã*, de Sudermann, o *Cyano de Bergerac*, de Rostand, a *Tragedia da alma*, de Roberto Bracco,

*Madame Sans-Gêne*, de Lepelletier; a *Fosca*, e a *Dama das Camélias*. Teve um successo extraordinario, que só as collossaes interpretações de Zacconi conseguem momentaneamente desvanecer. Clara della Guardia é uma grande sentimental, e dentro do seu admiravel sentimento uma amorosa. Uma amorosa ardente e extranha, que a todas as *nuances* do amor dá o traço carregado do seu temperamento de fogo. Porisso, onde o seu trabalho se appreciou nas manifestações de maior verdade foi precisamente n'aquelles papeis em que um ser excepcional se desenha, no drama d'uma commoção a que os seres pautados á naturalidade da vida não podem elevar-se. A paixão esbatida em subtilezas e detalhes de *coquetterie* não servia á sua ampla envergadura de mulher possuida dos indomaveis instinctos femininos. Na *Magdã*, na *Tragedia da Alma*, na *Tosca* ella foi surpreendente de calor e de vibração, enquanto que na *Zazá* e no *Cyano de Bergerac*, quer interpretando *Zazá*, quer *Roxane*, o seu esforço, apezar dos seus singulares recursos de artista, resultou pallido em face do inevitavel confronto com as suas grandes creações. N'essas, Lisboa inteira lhe cabiu aos pés, podendo affoutamente dizer-se que depois da Duse nenhuma outra electrizou salas como essa bella e extraordinaria mulher.

Depois d'ella, Zacconi. Como veem, um vigoroso sopro de arte passa n'este momento sobre a somnolenta Lisboa, fazendo accender-se em peitos que se diriam definitivamente gelados uma viva chamma de admiração e enthusiasmo! A' data em que escrevo, Zacconi representou já os *Deshonestos*, os *Espectros*, o *Pão Alheio*, a *Morte Civil*, e deve ainda dar dois espectaculos com as *Almas Solitarias*, de Hauptmann e o *Poder das Trevas* de Tolstoi. Alem do enorme interesse que ha pelo trabalho de Zacconi, a audição desses dois dramas de mestres, que nunca se representaram aqui, desperta uma aguda curiosidade intellectual.

Dos outros theatros, pouco ha para dizer. Apenas no Gymnasio, o *Motete*, a zarzuela hespanhola dos irmãos Quintero, obteve um legitimo successo. Carlos Filho adaptou-a ao portuguez, n'uma imitação felicissima, sem lhe destruir a graça nativa, e o distincto actor Ignacio soube honrosamente manter o confronto com Nadal. A pequena mas interessante peça continua ainda, a esta data, no cartaz do Gymnasio, onde nas ultimas semanas tem estado tambem em scena o *Senhor Tenente*, de Von Mozer, traducção de Freitas Branco.

O Principe Real deu-nos um dramalhão *O Az de Paus*, de Decourcelle, traduzido por Salvador Marques e Maximiliano de Azevedo, e tem já outro a seguir: *As duas irmãs*, versão de Eduardo Garrido. A Trindade satisfaz o seu publico especial com a opereta: *A Toutenegra do Templo*; na Avenida reapareceu a companhia Souza Bastos com a *Boneca*, e na Rua dos Condes ensaia-se uma revista do anno intitulada *Na ponta da unha* e escripta de collaboração por Camara Lima e Alfredo Mesquita.

Agora o que se espera:

Em D. Maria está marcada para o dia 7 do mez



que vem a *Segunda Mulher de Tauquetry*, de William Pinero, que a Duse aqui representou, na sua ultima vinda a Lisboa. E' traducção de Manuel Pen-teado e Luiz Galhardo. Em 24, vespera do Natal, sobe á scena o *Suave Milagre*, peça tirada do conhecido conto de Eça, pelo conde de Arnoso e Alberto de Oliveira. A prosa é do primeiro; os trechos em verso são do segundo. Para esta peça que tem seis quadros está o grande scenographo Manini a acabar de pintar as vistas.

Em D. Amelia, a companhia Rosas & Brasão, que está a regressar da sua *tournee* ao norte, representará nos primeiros dias da semana que vem a *Veine*, de Alfred Capus, que o sr. Accacio de Paiva traduziu com o titulo *Sorte*, e que no Porto agradou bastante.

No Gymnasio realisa o actor Ignacio o seu beneficio no dia 14 com a peça allemã *O Filho artificial* de que é auctor A. Bouchier, e traductor Freitas Branco.

No Principe Real espera-se o drama *O supplicio d'un pae* que já entrou em ensaios e que é uma imitação do original de Alexandre Dumas pelo sr. Luiz Galhardo. Consta tambem que n'este theatro se representarão ainda n'esta epoca traducção dos *Espectros* de Ibsen e do *Senhor Feudal* de Joaquim Vicente. Esta ultima traducção é de Almeida Campos.

## A poesia

Dois livros de versos—Correia de Oliveira: *Allivio de Tristes*; Augusto de Lacerda: *Judas*—Inconvenientes do choro e das gazetilhas—A *Mulher de Luto*, de Gomes Leal.

O sr. Antonio Correia d'Oliveira é um rapaz muito novo que se estreou, ha um anno, pouco mais ou menos, com um livrinho encantador a que deu o titulo de *Auto do fim do dia*. Era uma poesia de contemplativo, doce e suave, tenuemente velada d'essa agonia a que ainda os espiritos mais firmemente orientados no eterno triumpho da vida não conseguem eximir-se, no pôr do sol occidental, quando o astro da força e da energia humana parece enterrar-se para sempre no grande tumulto do horizonte. O seu pequeno livro era, pois, não só poetico, como tudo o que commove, mas tambem natural, como tudo o que na realidade existe e se sente. Acolheu-o o successo de estima que meia dusia de espiritos esclarecidos dispensa ás estreias que alguma cousa revelam,—unico successo, de resto, a que pode aspirar o que começa, visto as compensações do publico só virem muito tarde, quando veem. Hoje, o sr. Correia de Oliveira publica um novo trabalho de poeta, vestido ainda n'uma das pequenas e preciosas edições da Casa Aillaud, e, com franqueza, a sua nova obra merece já reparos que estão longe de ser severos mas que não podem accusar-se de injustos.

*Allivio de Tristes* se chama o livro,—e eu começo por duvidar que elle os allivie. Não se allivia a dor, isto é: não se sustenta a alma com exhaustas palavras d'um desanimo que do seu espirito mystico extrahе elementos para desanimar

os outros e não forças para os reconfortar. Toda a obra do homem deve guiar-se a um fim moral, tem de ser implicitamente uma obra de educação. E' um estímulo, é um exemplo, é um grito, é uma manifestação do que se pode chamar a característica do homem: o progresso. Produzir para a felicidade geral, pela destruição de preconceitos e pela construcção de ideias. Se ha alguém triste, o meu dever é preparal-o para a reconquista da alegria. A *joie de vivre* não é um lemma de viciosos, e a nobre divisa dos que procuram fazer da terra, com um trabalho gigantesco que tem vindo atravessando os seculos, não o desterro que as religiões assignalaram, mas o paraíso que ellas, interpretando a anciedade do homem, não souberam collocar senão em problemáticas esferas. Alliviar quem chora, chorando com elle, é peor do que inutil,—é pessimo. Pessimo, porque revela no consolador um espirito fraco que se resigna á injustiça dos factos, sem procurar transformal-a com toda a acção do seu pensamento ou do seu braço; pessimo, porque desenvolve na victima a concepção egoista, que satisfaz o seu instincto, de que é menos infeliz porque os outros,—ó prazer!—tambem soffrem. Generalizando esta funesta orientação, como se deve generalisar toda a palavra de ensinamento a fim de reconhecer a sua proficuidade ou a sua improficuidade, temos que o mundo se transformaria n'uma vasta choradeira collectiva. E é feito de choro todo o livro do sr. Correia de Oliveira: o choro dos fracos, o choro dos vencidos. Não se trata d'aquella lagrima que um grande sentimento desprende e que esse mesmo grande sentimento em breve requeima na face em que escorregou. Não é a explosão de dor que resalta da carne viva marcada com o ferro em brasa das impiedosas catastrophes. E' o pranto monotono, continuo, nem mais alto nem mais baixo, o choro, que chega a ser um systema, mais cadenciado de soluços do que orvalhado de lagrimas, e que cae e que sóa e que encharca como uma chuva vinda em dias eternos de neve e bruma. E' assim que o sr. Correia de Oliveira chora em interminaveis tercetos com os tristes cuja dor iguala a sua.

Eu sei que se trata d'uns restos de decadentismo litterario que andou a chorar exilios de infantias embebedando-se em cervejarias de bohemios. Essa má epoca de insinceridade deixou vestígios, rastros, taras. Conheço o auctor do *Allivio* e vejo-o ahi por essas ruas com os olhos bem seccos. Mas o sr. Correia de Oliveira que é um lyrico de tão altas qualidades, deveria eximir-se a esses prejuizos d'uma litteratura tão avariada como a mocidade franceza que Brieux acaba de querer subtrahir aos flagellos d'um mal que envenena o corpo humano da mesma maneira que enervantes theorias e odiosas *fumisteries* corrompem o espirito que carece de vitalisar-se nas fontes da Natureza e da Arte.

Entretanto, o escriptor de que me occupo é um poeta, transviado, mas poeta. Já não posso dizer o mesmo do sr. Augusto de Lacerda que nos mimoseou este mez com um *romance lyrico* chamado *Judas*. Eu não conheço nada que mais destrua faculdades poeticas, quando existam, do que é fazer gazetilhas ou revistas humoristicas para





A REVISTA DO NORTE

**M<sup>me</sup> Vigée-Lebrun --- Mãe e filha**

MARANHÃO-BRAZIL





O Carnaval



jornaes. Ora o sr. Lacerda está substituindo Baptista Machado (hoje internado em Rilhafoles, n'uma compungente situação de loucura furiosa) na secção de larachas que a *Folha do Povo* ha muitos annos mantem com o titulo de *Ridiculos*. E' ahi que, todos os dias, o sr. Lacerda tem a obrigação profissional de fazer versos errados e sem espirito, como é da praxe, sobre todos os *faits divers* da Rua e da Politica. Nunca o sr. Lacerda teve faculdades artisticas apreciaveis, e pode-se dizel-o porque ha longos tempos o seu nome vem firmando trabalhos dispersos de jornal e publicações de livreria. Com este condimento de *Ridiculos* periodicos, o *Judas* tinha que ser o que é: uma desgraça a que mal se pode dar logar em resenhas literarias.

E eis o que chega ao meu conhecimento sobre novos livros de versos no mez que hoje finda. E' pouco, e ainda peor que pouco: é mau. Sirvanos de consolação saber que, emfim, a *Mulher de luto*, de Gomes Leal, vae sair dos prelos portugueses. N'uma das suas ultimas edições, a casa Gomes de Carvalho annuncia-a já para muito breve e informações particulares confirmam-me essa brevidade. Será decerto uma grande lufada de talento e de harmonia que vae passar sobre a abandonada poesia portugueza.

## O romance

O fracasso litterario do mez—O sr. Alfredo Gallis e a *Tuberculose Social*—Novo romance de Abel Botelho.

Decididamente, Novembro foi um mez funesto para a nossa litteratura. Ao accrescentar a lista dos desastres, chego a sentir retrahir-se-me a penna, de tal forma receio que os leitores da *Revista do Norte* julguem ver no que é uma magoada constatação de factos a evidencição desleal d'um indigno espirito detractor. Mas se esta miseria é assim, pode porventura a minha consciencia permitir-me que eu a occulte ou a desfigure?

O romance se pouco nos deu em quantidade, nada nos deu em qualidade. O sr. Alfredo Gallis continuou a sua serie da *Tuberculose Social*—a *Comedia humana* portugueza, como houve quem lhe chamasse, sem que um raio descesse das alturas. O primeiro volume chamou-se *Os Chibos*, e já d'elle tive occasião de occupar-me; este chama-se *Os Predestinados*. A differença é de titulo. A cousa é a mesma: o adulterio na sociedade media, com media de parvos e malandrins de ambos os sexos alternando-se nas scenas do romance. A obra é immoral, com a aggravante de se lhe collocar um rotulo de moral; a enfabulação é grosseira, a observação é frusta, os typos são de papelão. Alem d'isto, este trabalho realista é inverosimil. Chega a praticar-se este *truc* indecoroso: apresentam-se personagens da Baixa com os nomes dos personagens do *Quo Vadis*? Ha uma adúltera de fancaria que se chama Actéa; uma rapariguinha que rouba o amante á mãe e a que corresponde n'aquella indecorosa trapalhada o nome da divina Lygia. Uma irmã d'esta chama-se Pomponia. Com isto, um bu-

rocrata Menelau, um tenente de bigodes, meias de seda, ligas do Grandella, cotés na rua do Ouro, e o seu palavrão á mistura, faz-se este lucrativo excitante para impotentes e devassos, a que se pretende dar ingresso na verdadeira litteratura com assimilações de coordenação de quadros á Balzac.

E no romance mais nada, excepto um de que nada ainda se pôde dizer, porque está sahindo em folhetins no *Dia*, e apenas tres ou quatro d'esses folhetins se encontram publicados. O auctor é Abel Botelho, o folhetim: *Os Lazaros*. N'elle desenvolve o distincto escriptor aquelle estylo torneado e especial que, no mais pequeno trecho, immediatamente denuncia a sua penna.

## Outros livros

Silva Pinto ajuntou mais uma obra á sua collecção de pequenas criticas e impressões de que todos os annos vem publicando um volume, constituido na sua maior parte, senão na totalidade, de artigos dispersos em jornaes de que é collaborador. O de agora intitula-se: *Alta Noite*. Abrange trabalhos escriptos de 1899 a 1900. E' um livro de 320 paginas, editado pela casa Guimarães, Libanio & C., de Lisboa.

A obra d'este genero do sr. Silva Pinto, iniciada em 1894, se me não engano, pode resumir-se n'isto: uma annotação constante. Não se passa um facto, uma exposição de doutrina, um incidente de qualquer ordem, que lhe não mereça um commentario. Esse commentario alarga-se ou restringe-se, segundo as inspirações de momento, mas sempre tem a doural-o o admiravel estylo do escriptor. Velho romantico, tendo, porem, sabido recolher da grande escola a essencia da sua extraordinaria nobreza, Silva Pinto tem sempre o ar superior d'aquellas aristocracias do espirito, onde se adivinha o reflexo d'uma espada ou afflora a ironia amarga dos Antonys—que se não matam. O feitiço satânico ficou-lhe: nos seus gritos, no exaggero dos seus prismas, no alevantamento de vulgares aventuras ás culminancias das paixões fataes. Uma vida rude, sulcada de pontapés do destino e dos homens, não vingou accordal-o d'esse sonho de alta fantasia. Temperou-lhe, porem, o caracter, fazendo-o descahir muitas vezes no extremo contrario, com o simplista designio de não ser logrado pelo meio. D'ahi, as suas incoherencias: o brado de esperança repudiado paralelamente pelo sarcasmo pessimista, a penna começando, recta e firme, o seu canto romantico de indignação e de ideal e torcendo-se por fim n'uma *blague* corrosiva do sentimento que a faz mover-se, rapida e anciosa de illimitações. Hoje, Silva Pinto está velho,—pode-se-lhe dizer sem o ferir porque elle não perde ensejo de o proclamar. O instincto generoso do Romantismo suffoca já sob os annos e as desillusões. Entretanto, se elle podesse perguntar a todos os seus leitores, quaes as paginas suas que maior amor lhes merecem, como lhe responderiam todos, estou certo, como eu responderia, que são sempre aquellas em que resuscita a ardente alma e o fogozo talento do moço desprotegido e rebelde.



que escreveu com coleras e soffrimentos os seus primeiros livros de critica e de combate.

Sahiram mais: a 3.ª edição dos *Meus Amores*, de Trindade Coelho, com a seguinte disposição de texto: *Amores Velhos, Amores Novos e Amorzinhos; Narrativas do Coração*, de Siemkiewicz, traductor e editor Antonio Figueirinhas, do Porto; *Atravez da Europa e da Africa* impressões de viagem, de Oscar Leal, editor Tavares Cardoso; *A Ordem de Christo*, estudo historico de Vieira Guimarães, 1 vol. de 372 paginas impresso na typographia da Empreza da Historia de Portugal; *Prisões, Fianças, e Registo Criminal* (contendo no fim de cada capitulo a legislação que rege ou estreitamente se prende com estes assumptos) por Abilio Adriano de Sá; *Os Criminosos*, estudo anthropologico e criminologista, segundo os processos modernos, pelo dr. Ferraz de Macedo.

Tambem appareceu o *Almanack Bertrand* para 1902, coordenado pelo sr. Fernandes Costa. Feito no genero das publicações similares mais completas do estrangeiro—o *Almanack Bertrand* pode, na realidade, defrontar-se com ellas sem receio, tal é o escripto com que o organisou o illustre homem de letras, que o dirige. A edição é esplendida de nitidez e esmero; o texto interessantissimo e variado. O *Almanack Bertrand* é hoje incontestavelmente a primeira publicação d'esta ordem em Portugal.

Lisboa, 30 novembro.

MAYER GARÇAO.

## O Porvir Brasileiro

(AS QUESTÕES CAPITAES DO BRAZIL—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLITICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

O orçamento de 1900 calculava a renda em papel em réis 230.038.000; a despesa em 1.062.607.243 e a receita em ouro em 53.975.543.593 e a despesa em 36.973.646.802 réis. Realizada a apuração, em março de 1901, observou-se um saldo positivo de 76.901.930.000 réis. E tenha-se patente que esta não é a liquidação total, porque—umas delegacias e alfândegas por demorem a ponderavel distancia, outras por estarem habituadas ao *laissez aller* das epochas saudosas, em que só os predestinados se entendiam no caos orçamentologico,—ainda falta escripturar na arrecadação bastas sommas. Este milagroso saldo, entanto, reduzida a parte em ouro ao cambio de 8 3/4, assim como a de 1899 foi calculada ao cambio de 7 7/16, reforça a autoridade moral do governo e deve consolar o paiz dos sacrificios feitos para a sua restauração, realçada com os unicos recursos do tesouro.—O orçamento de 1901, regulado pelos minimos do de 1899, comparte-se assim: —*Receita em papel*, 236.082 contos; *despesa*, 241.514; *saldo*, 41.568; *receita em ouro*, 58.899; *despesa*, 37.509; *saldo*, 21.390. Que mais exigir, em tão curto e amaro prazo?...

Propalam os desaffectos ao presente governo republicano que elle dominou a crise orçamentaria e atirou o Brazil nos braços da crise economica. Não é completamente infundada esta censura, embora não seja cabalmente acertada. Atraz frásamos que, se o ministro da fazenda não tivesse retirado da circulação 98 mil contos—(pois que o abuso do credito, principal mal a que o papel-moeda havia dado origem, se estava corrigindo antes da incineração)—na mesma occasião, em que triplicava equitativamente os impostos, o fuzaz descalabro economico teria sido em grande parte attenuado. A nação podia perfeitamente suportar esse augmento de tributos, porque, ao passo que o argentino paga 597.875 réis, o habitante brasileiro contibue apenas com 151.8125, isto ao cambio de 7

1/2, em 1898, conforme o calculo do sr. Duarte Rodrigues, sendo as taxas mais favoraveis á Republica Argentina do que á Republica Brasileira. Mas, por outro lado, concordamos em que não ha razão absoluta para o clamor dos industriaes. Os impostos de consumo não representam senão a compensação do proteccionismo pautal, aliás salutarissimo, se permancer, com as precisas corrigendas. Deve olhar-se a que muitos dos lucros da industria nacional provinham da baixa cambial, amparada pelo proteccionismo, o que inutilisava a concorrência estrangeira, acarretando parallelamente a superabundancia de productos dos mesmos artigos. Os industriaes de tecidos, fosforos, cerveja, gravatas, calçados, chapéus, etc., excederam em breve tempo o consumo da nação—e lá fora é obvio que não podiam competir com paiz algum, se quizessem alargar o mercado, devido ao custo da manufactura e á sua natural imperfeição. Inundaram o Brazil de industrias, sem primeiro attenderem ao numero dos consumidores—e sem espalharem escolas industriaes. Erro sobre erro.

Seja como fór, contudo, o averiguado é que o dr. Murinho, assim como podou a direito na burocracia, sem contemplações, assim tambem, com a mesma justiça, conjugando os interesses do povo com os do tesouro, sacou as possiveis contribuições. O paiz compreendeu-o, alfin, investindo-o da necessaria autoridade moral. Podia por momentos perturbar-lhe a justeza o seu pulso demasiado forte, querendo—«provocar, determinar e dirigir os acontecimentos». Não reparou, por exemplo, em que a circulação é tão essencial ao fomento da riqueza como a produção, consoante adduz um economista. Mas a sabedoria das nações proclama que, para grandes males, grandes remedios. Não havia tempo a perder. Foi remodelado o sistema das aposentadorias, transformado organicamente o montepio, rescindidos contratos onerosos, fiscalizadas as arrecadações, alugadas estradas de ferro improductivas, que hoje dão lucros aos arrendatarios, e demittidos milhares de funcionarios.

Adrede vem o citar aqui dois trechos dum livro do mimoso deputado portuguez Abel Andrade, onde estereotipa a proliferação de despesas com a empregomania e o militarismo em toda a parte:—«A burocracia brasileira foi augmentada nos ultimos sete annos (90-97) com 16 mil nomeados! A despesa com os respectivos vencimentos em igual periodo cresceu 68.000 contos!—De 94 a 97 augmentou a divida publica do Brazil 136.000 contos—divida externa 36.000 contos; divida interna 100.000 contos». (A vida do direito civil, 1.º opusculo, pags. 122-23). É preciso notar, primeiramente, que o acrescimo de empregados se ampara na estupenda movimentação que a Republica, ou seja a estrutura federativa, trouxe á collectividade. Garantimos, todavia, que foram licenciados alguns milhares pelo actual governo federal, que é bom não confundir com os *estadaes*. O dr. Abel Andrade, especializando a Republica Brasileira na sua ennumeración, como o sr. Paulo Leroy Baullieu pretendeu empanar o Brazil em proveito da Republica Argentina, esqueceu-se somente de acrescentar que a divida da monarchia portugueza, ha 50 annos em santa paz, importa em *oitocentos e setenta e dois mil contos fortes*, só a consolidada, numeros redondos. Não incluímos a divida fluctuante, que é de 62 mil contos. Isto representa um encargo annual, pelo ultimo orçamento portuguez, de 39.831 contos fortes, ou sejam 57 por cento das receitas geraes. Ora, se o estudioso lento universitario se dêsse ao cuidado de emendar o seu trabalho de 1899, verificaria que a Republica Brasileira, tendo passado 9 annos em derrancadoras guerras civis, padecendo os horrores que lhes são conjuntos, devia em 31 de março de 1900, conforme o relatorio do sr. Joaquim Murinho: —*Divida externa fundada*, lb. 38.639.291; *interna fundada*, 483.520.600.800; *interna fluctuante*, 22.176.975.800, anterior a 1827, não inscrita e menor de 400.000 réis; 135.994.846, inscritas no grande livro e 1.8.765.269, inscritas nos livros auxiliares dos Estados, ainda não lançada no grande livro; *letras do tesouro*, por antecipação de receita, 10.017.500.800 réis. Temos, tomando a libra ao cambio de 12, ou sejam 208.000 réis brasileiros, um total, em moeda fraca, de 4.288.785.751.720 réis. Agora, reduzindo réis fortes a réis fracos, e concedendo o valor de 300.800 réis brasileiros aos 100.800 réis portuguezes, apuraremos um total de 2.616.000.000.000 de réis. Quer dizer: —Portugal deve apenas, em numeros redondos, moeda brasileira, mais um milhão e trezentos e vinte e oito mil contos, possuindo umas colonias tão productivas como o Brazil, um continente que eguala em dimensões qualquer dos menor s Estados Brasileiros e gosando uma calma—de lição ha muito e n'ó!

A seguir.

Fran Pacheco.





A moda d'A REVISTA



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Fevereiro de 1902

NUM. 12



OS ACADEMICOS BRAZILEIROS

**Luiz Murat**



## O Poeta

O Poeta é um monstro antediluviano:  
Tem as azas de treva e as garras de luar...  
Andam-lhe dentro d'alma as fúrias do oceano  
E a voz da madrugada a rouxinolear.

Perdido nesta vida extúpida guayar,  
Debalde lhe troveja aos pés, num côro insano,  
Dos homens o rancor... continúa a sonhar  
Dentro do seu orgulho enorme e soberano.

De quando em vez sacode a formidável juba  
E a calila que o cerca impavido derruba,  
Abafando um soluço homérico de dor !...

Mysterioso e só neste mundo macabro,  
Irmãos, lembra o Poeta um selvagem condor,  
Atirado dos céus dentro de um volutabro.

*Pethion de Villar.*

Bahia, 27 de Abril—1901.

## A tuberculose

Nos precedentes artigos que publiquei com o intuito de diffundir, entre nós, os meios que se devem empregar para lutar contra a tuberculose, mostrei ser ella contagiosa e evitavel; neste, occupar-me-hei do seu tratamento racional, cujos resultados são tão animadores que já se pode affirmar ser ella muitas vezes curavel.

Para bem descrever-o e mais auctorisadamente transmittir-o aos meus leitores, entendi que devia seguir, aproveitando-me frequentemente até das proprias palavras, o excellent livro do dr. Sabourin, antigo interno dos Hospitales de Paris e actual Director do Sanatorio de Durtol.

Como tenho empregado nos artigos anteriores, ora a palavra phthisica e ora a palavra tuberculose, julgo opportuno, para evitar que paire qualquer duvida a respeito na intelligencia do leitor, explicar-lhe que estar tuberculoso ou phthisico é sempre o effeito do bacillo de Kock; e que a phthisica é o periodo mais adiantado da molestia, no qual, além do referido bacillo, cooperam outros na destruição do organismo.

Dado este esclarecimento, passo a tratar do assumpto que constitue a essencia deste artigo, com que termino, pela imprensa, a propaganda que iniciiei n'«A Revista do Norte», contra o desenvolvimento da tuberculose.

Gyra em torno da hygiene, a base do tratamento racional da phthisica, em 3 ordens de prescripções:

1.<sup>a</sup> O doente deve viver em um meio em que o ar esteja sempre puro, tanto durante o dia como a noite.

2.<sup>a</sup> Deve supprimir tudo que lhe cause fadiga physica, moral ou intellectual, isto é, deve repousar.

3.<sup>a</sup> Deve se submeter a uma alimentação sã, substancial e abundante, isto é, superalimentar-se.

E' mediante o emprego methodico e persistente destas condições hygienicas, ha muito tempo conhecidas, que a sciencia tem na actualidade, conseguido resultados na cura de uma molestia tão velha como a medicina !

A cura por meio do ar puro, isto é, do ar sempre renovado produz consequências admiraveis.

Sabe-se que o ar confinado, ou o ar impuro, é causa determinante da fraqueza organica que, por sua vez, predispõe para o apparecimento da tuberculose.

Ora, sendo a exalação pulmonar um meio pelo qual se elimina do organismo grande quantidade de principios toxicos, o individuo que se conservar, por muito tempo, em um aposento sem ventilação livre, começa a respirar o ar que já expirou, isto é, a absorver os residuos da propria expiração.

E, se isto é prejudicial aos bons, imagine-se que mal causará aos affectados da pulmo-tuberculose, nos quaes a permanencia em atmosphera viciada apressa a evolução da molestia.

A cura pelo ar exige, que o doente permaneça durante o dia ao ar livre, sentado em cadeiras apropriadas afim de que, sem incommodo, nellas possa ficar por muito tempo, ou mesmo deitado, se o seu estado não lhe permittir se conservar naquella posição; mas sempre á sombra, pois que está provado serem os raios do sol prejudiciaes aos tuberculosos especialmente aos febricitantes, augmentando-lhes a febre ou produzindo-lhes nos pulmões accidentes congestivos.

Exige, durante a noite, que o aposento de dormida se conserve de modo tal que a aeração seja constante, o que se obtém deixando abertas as suas janellas, embora o doente esteja febril, evitando-se apenas que as correntes de ar se dirijam directamente sobre o seu leito.

Observa-se frequentemente nos sanatorios que, no decurso de poucos dias de tratamento, sentem-se bem dispostos os doentes, despertam satisfeitos e vão se tornando cada vez mais escassos a febre e o suor.

Convém que a cura pelo ar seja mantida durante o dia e durante a noite, visto como aquelles que só se lhe submettem durante o dia, retardam o tratamento. Juntamente com este meio de cura o doente deve se manter em repouso.

Não se exige que elle se condene á immobillidade completa, exige-se-lhe apenas um repouso methodico que irá diminuindo a medida que o organismo for adquirindo forças, isto é, se nutrido.

O medico prescrever-lhe-ha os exercicios que lhe forem apropriados. Enquanto fraco e abatido, qualquer exercicio, embora moderado, ser-lhe-ha prejudicial, porque nelle gasta a nutrição adquirida, que deve ser reservada para fortificar o seu organismo, impedindo que o bacillo continue a encontrar terreno fraco e portanto adequado ao seu desenvolvimento.

Todo aquelle que se sentir tuberculoso deve deixar desde logo os seus affazeres e preoccupações moraes ou intellectuaes, por um, dois ou tres annos, tempo necessario ao seu restabelecimento, afim de não se ver obrigado a abandonar os mais



tarde, quando a cura será mais difícil e prolongada ou impossível.

A preocupação mental é tão nociva que o citado auctor diz ter observado nos hospitaes, augmento de temperatura, nos febricitantes, nas tardes dos dias destinados á visita dos parentes e amigos.

O terceiro elemento que completa o excellente tratamento de que me tenho occupado é, como disse em principio, a superalimentação: o doente deve comer, comer muito e muitas vezes.

Ensinava, ha muito, um notavel clinico francez que dever-se-ia avaliar a duração da vida de um tuberculoso, pelo funcionamento do seu estomago, que é, na phrase de Sabourin, «a praça forte dos phisicos».

É exacto que muitos doentes sentem fastio assustador, repugnancia quasi invencivel para os alimentos principaes, mas a cura pelo ar, associada ao repouso, ordinariamente determina o apparecimento do appetite.

O doente deve ingerir, embóra praticando um esforço de vontade, os alimentos que lhe forem prescriptos, visto como é incontestavel o que um annexo antigo já diz: «comendo vem o appetite».

Melhoram logo os que se convencem desta verdade.

Para despertar o appetite e facilitar a digestão aconselha o auctor que tenho citado varias vezes, o seguinte:

1.º O doente deve se habituar a beber pouco por occasião das refeições, pois que, em geral, quanto menos se bebe, mais se come.

2.º Muitas vezes basta supprimir o uso do vinho ás refeições, substituindo-o por agua, em pequena quantidade, para que desapareçam, como por encanto, muitas dyspepsias.

Afim de que se dê a superalimentação é preciso que o doente use de alimentos substanciaes e muitas vezes por dia, isto é, além das refeições ordinarias, deve tomar nos intervallos, leite, ovos quentes, extractos de carne, somatose &c.

É justamente por sua accção reconstituinte que o oleo de figado de bacalhau dá excellentes resultados, quando opportunamente indicado na tuberculose.

A proposito da repugnancia invencivel para os alimentos Sabourin cita o caso de um doente a quem, depois de muita insistencia, obteve que ingerisse quotidianamente, como se fossem medicamento, 18 ovos crus e certa porção de vinho de boa qualidade.

Decorridos dois mezes, continuando sempre submettido á cura pelo ar e repouso, cessou a febre e já comia pão.

Cita ainda outro tuberculoso que conseguiu livrar-se da febre ingerindo diariamente cerca de 1 a 2 litros de leite e de 500 grammas de carne crua.

Depois da descoberta da causa da tuberculose, muitas experiencias de laboratorio demonstraram que varios processos chimicos e physicos matavam o bacillo de Kock ou attenuavam fortemente a sua virulencia.

Foi assim que veio-se a therapeutica de me-

dicamentos dotados da propriedade de curar a phisica, esquecendo-se os seus descobridores de que a quantidade em que os deviam empregar era incompativel com a vida humana, visto como envenenar-se-ia quem os ingerisse na dose necessaria á destruição dos bacillos.

O que está provado, o que tem dado excellentes resultados é o tratamento racional de que me occupei.

A vantagem dos sanatorios consiste em ser esse tratamento rigorosamente observado, e dispõem elles, para esse fim, de compartimentos apropriados ao repouso durante o dia, de varandas envidraçadas, de kioscos de abrigo, espalhados em parques sombrios, onde passeiam os doentes, de dormitorios onde os preceitos hygienicos sãometiculosamente executados, accrescentando-se a tudo isto, uma direcção intelligente e dedicada, de sorte que, se comparando o estado do doente que entra para o sanatorio com o que elle apresenta alguns dias depois, se pode dizer: «Nada se parece menos com um phisico em liberdade, do que esse mesmo phisico em tratamento no sanatorio».

Aos que não poderem recorrer aos sanatorios, cuja existencia no Maranhão, actualmente parece-me irrealisavel, attendendo-se a que ainda não temos para os lazarus, nem para os alienados, os estabelecimentos adequados, aliás de immediata necessidade, aconselho que, aos primeiros symptomas da molestia, retirem-se para o campo, tenham os seus aposentos, dia e noite, sempre arejados, alimentem-se bem e muito, abandonem toda e qualquer preocupação, evitem o contacto com outros tuberculosos, desinfectem, tendo escarradores com solução antiseptica, o producto de sua expectoração, isto é, os escarras, e, finalmente accrescentem a tudo isto, se quizerem, o uso de qualquer medicamento creosotado.

Ensinava Hippocrates, o fundador da medicina, que «a phisica, quando bem tratada, melhora», hoje, 25 seculos depois, se pode dizer—a phisica cuidada em começo é muitas vezes curavel.

Terminando affirmo, a respeito da curabilidade da tuberculose, conhecer no Maranhão alguns casos que a attestam, e adduzo outra importante prova me reportando ao proprio auctor do excellentes livro que tenho seguido, o qual, além de ser auctoridade incontestavel no assumpto, é um caso de cura, uma auto-observação, como elle o diz.

Cura, empregando os meios que o curaram.

DR. JUSTO JANSEN.

## O mez litterario em Portugal O Theatro

A crise dos theatros.—D. Maria: A Segunda mulher de Tanqueray e o Suave Milagre.—Um conto de Eça dramatisado.—Os mysterios.—D. Amelia: A Sorte e a Corrida do facho.—Zaccari e as suas ultimas recitas.—Tolstoi, Hauptmann e Gai-cosa.—Nos outros theatros.

Mez de frio, mez de chuva, mez final, Dezembro não deu ao publico portuguez o que se chama o acontecimento artistico. Foi, como dizem os francezes, um mez em branco.

Como nos precedentes, a vida da arte concentrou-se no



theatro, que nos mezes de inverno triumpho não sei se mais pelo calor das suas salas do que pela serie das suas representações. Triumpho, de resto, pouco compensador, porque, a dura verdade o manda dizer, os theatros estão, sem excepções, atravessando uma crise que lhe é promovida pelos espectáculos dos dois grandes circos que Lisboa possui e que todas as noites desviam para junto das suas arenas a maior parte da população que passa a noite fóra de casa, eximindo-se á busca ou ao voltarete do lar domestico.

E no theatro continua o reinado da tradução. Original de responsabilidade, um apenas, e esse mesmo inspirado n'um conto primoroso do Eça, o que singularmente diminui a sua significação, como trabalho dramatico, tanto mais tratando-se d'uma estreia no theatro. Refiro-me ao *Suave Milagre*, o mysterio dos srs. conde de Arnoso e Alberto de Oliveira que ante-hontem, com uma assistencia da velha e da nova aristocracia em peso, se representou no theatro de D. Maria. E já que falei em D. Maria, sigamos pela ordem dos seus es-



MARANHÃO—Uma palhoça—(PHOT. TEIX.)

pectáculos durante o mez que hoje fin la.

Antecede a *première* do *Suave Milagre* uma peça ingleza: *A segunda mulher de Tanqueray*, do William Pinero. A peça, apesar da reputação internacional que lhe tem dado a circunstancia de figurar no repertorio da Duse, é má. É má talvez precisamente por essa circunstancia. As chaçadas pe-

ças de pappis peccam sempre pelo facto dos exclusivismos que da sua propria natureza resultam. O drama de Pinero tem dois d'esses papeis: o do marido, o da mulher, Tanqueray e Paula. E o de Paula que, transfigurado pela prodigiosa criação da Duse, tem posto tanto em foco o insignificante e incoherente trabalho do inglez. Para a Duse, esse papel é feito com os olhos—os seus enigmaticos olhos de hysteria e genio. O de Tanqueray, quando um grande actor como Novelli ou Zaccari, lhe transmittir o influxo vital do seu talento, será tambem uma primaciel criação artistica. Mas qual é o papel, de recursos theatraes, mesmo nas obras dramaticas mais firmes, que interpretado por artistas poderosos não resplandece de intensidade e brilho?

A peça de Pinero é má e inferior. Má, porque a não anima um intuito moral elevado; inferior, porque a observação dos seus personagens claudica tão flagrantemente como a logica da sua trama. O estilo é fraco, a acção tão depressa demorada, como soffrendo de irregulares precipitações. Tem factos que se não justificam como tem caracteres que se não definem. O enredo é curto: Um ingles rico, Tanqueray, depois d'um casamento pouco feliz, porque sua mulher, levando ao exaggero as praticas d'um puritanismo religioso lhe não proporcionou os gozos d'um lar amavel, une-se em segundas nupcias com uma aventureira de passadescandaloso e transportes hystericos, a Margarida Gonthier, que pelo decorrer da peça se não chega a saber se com effeito o ama ou não. Este casamento, naturalmente considerado *Shocking* pela sociedade em que vive Tanqueray, isolá-o, como era



PARNAHYBA—O THEATRO 7 DE SETEMBRO—(PHOT. G. CUNHA)



SUPPLEMENTO AO N. 12

16 DE FEVEREIRO DE 1902



Paul Wagner-A Iição

A REVISTA DO NORTE

MARANHÃO—BRAZIL



de esperar, d'essa sociedade, na qual Paula desejaria penetrar soberanamente. A este primeiro ponto de conflicto, junta-se outro: o da presença da filha do primeiro matrimonio de Tanqueray na casa onde, enquanto ella estava a educar fóra, se introduziu uma madrastra. A filha de Tanqueray é uma ingenua sui generis. Dando até certas alturas provas d'um mysticismo exaggerado, declarando peremptoriamente ao pae que quer consagrar-se a Deus, o que é, até certo ponto, uma das causas de Tanqueray se casar, annuncia-lhe que reconsidera e irá viver em sua companhia, na véspera do seu matrimonio, quando já elle o não pode evitar. Não se explica nem se percebe esta subita reconsideração, como não se explica nem se percebe como ella, mais tarde, depois d'um breve namoro, se evade, d'um momento para o outro, ao seu constrangimento devoto e assustado de educanda protestante, para se transformar n'uma amorosa de paixões intensas. Menos se explica e menos se percebe ainda a razão de Paula berrar continuamente aos ouvidos do pobre Tanqueray amargas recriminações porque a enteada lhe não tem affecto, e ella a ama,— assim o pretende demonstrar Pinero,— com tão grande ardor, que d'essa syn pathia irresistível e não compartilhada deriva, no quarto acto, o seu suicidio que põe termo a esta incoherencia dialógica. Porque Paula suicida-se, quando descobre que o namorado da filha de Tanqueray é um dos seus antigos amantes, e n'um impeto de honestidade a que nada a força nem o seu caracter justifica, descobre ao marido o segredo d'essa antiga ligação.

Sobre este entricho hordam-se situações extravagantes e phrases que desorientam o mais simples bom senso. Paula procede com o marido, que Pinero nos quer apresentar como um rígido e digno inglês, d'um a forma impossível; diz-lhe palavras, ameaça-o com escandalos, faz-lhe scenas, a propósito dos mais insignificantes pretextos que nem o mais pacífico ou o mais insensível dos homens deixaria de lhe pegar por um braço, e põe a fóra da porta, caso a sua educação e temperamento não o impedissem de fazer-lhe os ossos n'um feixe. Apparece na peça uma lady a valer, a senhora Courtelyon e esta lady, espelho de aristocracias, no pensamento do auctor, soffre também, com uma admirável philosophia, sem que a paixão n'ascutira de Tanqueray a justifique melhor ou pior, as mais insensatas grosserias de Paula que em certos momentos se manifesta uma regatiana accomplie. E por fim, para se julgar do valor da *Segunda Mulher de Tanqueray*, quanto a idéas, basta apontar a scena em que o pae põe as mãos na cabeça, horrorizado ao contar-lhe a filha que o noivo honradamente lhe confessara ter tido, como todos os rapazes, ligações e desgarramentos da mocidade e que ella lhe perdoou, quando elle Tanqueray perdoara á sua nova consorte todas as prestações em que ella, com nomes de guerra, se embolara, offerecendo-lhe o seu nome e dando-a por segunda mão a sua filha.

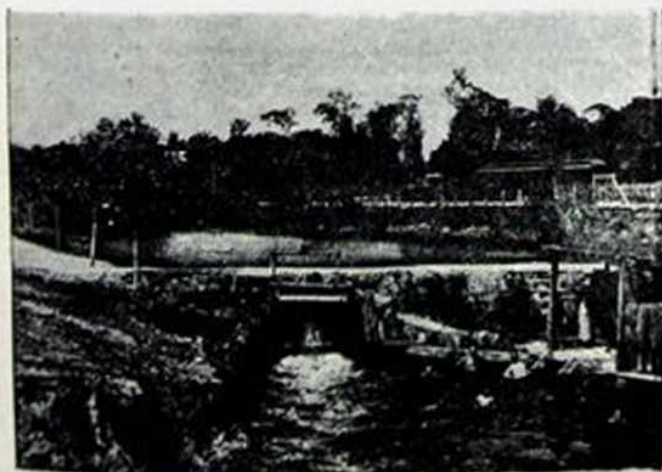


PARA'—Estrada S. José —(PHOT. FIDANZA)

O desempenho acabou de matar este embroglio. O actor Fernando Maia fez de Tanqueray um manequim, sem gestos, sem gritos, sem olhar, que parecia, em scena, não se poder mexer sem ser empurrado pela sua digna esposa. A actriz Georgina Pinto fez os gestos da herrarria por ella e pelo outro. Fez o que ponde, é certo,—com os seus recursos, e tendo pela frente o esmagador confronto da Duse. O resto, de braço dado com os traductores, contribuiu honradamente para a execução, que supponho em homenagem ao bom gosto da empresa de D. Maia, terá sido definitiva.

Doas ou tres réprises, com o *Caminheiro* e *Richequin* e o *Pae Prodigio*, de Dumas, prepararam o caminho para a estreia do *Suave Milagre*.

E' bem conhecido o lindo conto de Eça de Queiroz, no qual, tão finamente evocada, surge e palpita a essencia ainda virgem do christianismo, liberto de dogmas e recusando fé, bondade, esperança, perdão, justiça, como um bello fructo doce e fresco, colhido no pomar d'esse espirito sempre ansioso de plenitude e ventura que é o espirito da humanidade, em todo o caminho do seu progresso, do seu ideal insatisfeito. A nascente fama do Christo espalha-se pela Judeia inteira,—é o principio do seu transito pelos duros trilhos do mundo, transito que o destino marcou para se terminar na ascensão d'uma montanha silvestre e na apothecose d'uma cruz de expiação. Ainda não é sequer ouvida com attenção a sua doutrina evangelisadora, mas já se conhecem os doces benefícios do seu olhar e do seu gesto. Faz bem: cura enfermos, resuscita mortos,—a Dór e a Morte fogem espavoridas deante d'elle, como morcegos que affugenta a clara luz da madrugada. Em torno d'elle forma-se a legião: é louro o seu cabello, prophético, são louros os fios da sua barba,—tudo elle resplandece com a cor do metal glorioso que á imaginação dos homens se representa como a coisa mais preciosa de que dispõem para fabricar e ornar os seus idolos. Por onde elle passa fica uma luz doirada. Dir-se-hia que uma aurora se humaniza e no corpo do Rabbi joven. E faz o bem por toda a parte, onde elle chega é um paraíso, quando elle se approxi-



PARA' MACUANY. ESTRADA DE FERRO DE BRAGAÇA (PHOT. FIDANZA)



ma já todos os seres se sentem libertos de todos os males e de todas as duvidas,—com o espirito alado, o corpo agil, a consciência leve. Cura todos, cura tudo: a alma e a matéria, é uma resurreição que anda entre os homens envolta n'uma túnica de linho.

Posto isto, sabe-se qual é, de todos os milagres, o mais suave, que Eça de Queiroz lhe attribuiu. É breve a história. Haum homem rico cujos gados definham, e que manda buscar pelos seus escravos o Candido Rabbi, suppondo comprar, com dinheiro, o benefício da sua virtude. Ha um romano poderoso, cuja filha exala n'um suspiro a debil existencia que um abandono de amor quebrou, e esse potentado ordena aos seus soldados que lhe tragam o homem de Galileia, querendo, mesmo á força, constrangê-lo a salvar-lhe a filha, que se estiola como uma flor. Mas nem escravos nem soldados encontram outra coisa que não seja o echo enternecido da crescente fama de Jesus. E entretanto, n'um miseravel lar, uma criança pobre ergue os braços devorados pela febre, e geme:—«Ah! que se Jesus me visse, elle me salvaria!»—«Estás louco, diz a mãe tragica. Se elle não foi ao chamado de Obed nem de Publio, como viria aqui, á nossa casa fria e sem pão?» E uma voz sóa no limiar da porta, aberta de par em par:—«Aqui estou!» É o Rabbi, que illumina todo aquelle escuro antro de miséria e abandono, como uma claridade do ceo.

Para transplantar á scena esta doce idealisação, uniram-se quatro dedicadas e intelligentes vontades. O conde de Arnoso, um dos mais fieis amigos de Eça, caprichou em manter na peça as proprias palavras do grande escriptor, e envidou todos os seus esforços, com resultado, confesse-se, para se conservar, na parte propriamente original, n'uma linha serenamente harmonica com o maravilhoso estylo do joalheiro da Reliquia; Alberto d'Oliveira moldou no rythmo de admiraveis versos, toda a poesia burilada em prosa do trecho lyrico cujo contexto acaba de tracejar; Manini poz no seu pingel as cores do ceo da Judéa, e acendeu-o na sua religiosa tristeza com o sol pallido dos crepusculos; Oscar da Silva embalou, n'uma ondulação musical, as queixas da criança romana que morre e exaltou n'uma glorificação de hymno, os louvores do Sol que nasce, na invocação magnifica do sacerdote pagão.

Apontado, com justiça, o merito litterario e artistico da obra, resta examinar um ponto. O *Suave Milagre* é um *mysterio*, e os *mysterios*, simplis creatões medievas, poderão acimtar-se ao theatro moderno? Não me parece que deva ser affirmativa a resposta, tanto pelo que respeita á technica theatral como pelo que se refere aos intuitos da dramaturgia actual. Quando o proprio drama historico tende a desaparecer, pelo menos como simples evocação de epochas distantes, o *mysterio* menos se admite e justifica. Productos de tempos de fé singela e absoluta, desnaturalisou-se nos nossos dias de livre exame, que se estende a todos os factos, a todos os phenomenos, e a todos os principios que tanto se approxima d'esse genero especial relativo insuccesso da *Samaritaine* apesar dos maravilhosos versos de Rostan-I, tão grande triumphador de theatro, comprova o que deixo assignalado.

E com isto não pretendo diminuir o valor da produção dos srs. conde de Arnoso e Alberto d'Oliveira, visto que não se pode analysar uma obra senão pelo fim que ella se propõe e pela logica realisação litteraria que conduz a essa finalida-de. O *Suave Milagre* é um *mysterio*, e como *mysterio* tem de ser avaliado como um trabalho honesto e de valor.

A seguir ao *Suave Milagre*, o theatro de D. Maria porá em scena um espectáculo composto de duas *premières*.

Uma é a do *Enigma*, de Paul Hervieu, que tem sido o maior successo da *comédie Française* n'esta epocha. A ponto da critica parisiense, ainda a mais grave e circumspecta, não hesitar em classificar o uma obra prima de factura dramatica. O *Enigma* tem dois actos, e foi traduzido pelo dr. Joaquim Madureira. A outra é a comedia *Os Romanescos* de Edmond Rostand, que ha muito tempo não sae do repertorio da Casa de Molière. Tem tres actos e traduzio-a em verso aquelle que escreve estas linhas, o que de sobra justifica o laconismo das noticias que se lhe refiram.

Ac mesmo theatro foi apresentada uma peça d'um escriptor novo, Affonso Gayo, o poeta da *Coroa de Espinhos* e dos *Heroes Modernos*. Intitula-se *O Desconhecido*. E consta-me ainda que o sr. Jorge Santos destina á mesma casa de espectáculo um drama que está concluindo.

Depois das representações a que tive occasião de alludir na minha ultima chronica, o grande actor Zacconi deu ainda

no D. Amelia mais quatro recitas, que constituiram um prolongamento delicioso d'esse assombro de arte que durante uma semana curvou toda a Lisboa perante o seu genio profundo e excepcional.

A primeira foi com as *Almas Solitarias* de Hauptmann, a segunda com o *Poder das Trevas* de Tolstoi, a quarta com o *Diritti dell'anima*, de Giacosa, tudo novidades litterarias para o nosso publico. A terceira com o *Kean*, peça demasiadamente conhecida, mas cuja interpretação inteiramente nova obteve um successo que seria a mais flagrante injustiça negar-lhe.

As *Almas Solitarias*, porventura por deficiencias do meu espirito, não lograram produzir-me aquella admiração a que a reputação internacional do seu auctor me suggestionava. Parece-me falta de senso moral, embora a sua technica seja perfeita, o seu detalhe consciencioso e brilhante, causando-me uma impressão muito semelhante á que experimentei com a *Honra* de Sudermann. N'essa, a par de inegaveis revelações de talento e de diversos pontos accessorios bem tratados, o commentario dos espiritos que se não prendem apenas ás qualidades estritamente litterarias d'uma obra, tinha forçosamente de ser desalentador, ao ver que o protagonista da peça, symbolo d'uma nova educação moldada em formulas de progresso moral, abandonava a sua familia á rapula da sua baixaza desistindo de a redimir com a sua energia de pensamento e de acção. Uma sensação de tal ordem confrangeu-me sempre, sobretudo comparando-a ao procedimento diverso d'essa grande figura do dr. Stockmann, creada por Ibsen no *Inimigo do Povo*, o qual, apedrejado por uma população inteira, repelle o projecto que, por momentos nutrio, de abandonar a lucta com os prejuizos e a ignorancia publicas, resolvendo ficar no seu posto, para recommençar o seu admiravel trabalho de luz com a fundação d'uma escola.

Pois foi a mesma sensação de tristeza, envolvendo um implicito protesto, a que experimentei ao ver no palco do D. Amelia as *Almas Solitarias*. O assumpto é simples: um artista, casado com uma boa e amoravel creatura, que na sua simplicidade ingenua encerra a verdadeira poesia que o requintado espirito do marido procura attingir com sublis combinações de formas e fugitivas impressões de phrases, é por elle sacrificada a uma recémvinda, de temperamento igual ao seu que, em seu entender, o comprehende e portanto se lhe affigura a ideal companheira da sua existencia. E, como se vê, qualquer coisa como a *Gioconda* de Annunzio em que a chamada Beleza esthetica vence a Bondade, como se esta não fôsse, como o demonstra Tolstoi no *Que'est-ce que l'art?*, a verdadeira e inconfundivel Beleza. Contudo, eu acceptaria ainda, integrando-me no pensamento do dramaturgo, essa sobreposição immoral,—na justa significação do termo,—se elle conduziisse a acção a um *desideratum* logico, dentro das suas proprias idéas. Mas não! Surge o conflicto; a amada do artista, subordinando o seu coração ao que não duvida considerar um dever, parte, e o artista suicida-se. Não a segue, como seria licito esperar de quem esmagasse aos pés o preconceito d'uma ligação legal que já não lhe concede a felicidade; não fica, como poderia também aguardar-se d'um espirito generoso que, para não assassinar de desgosto uma mulher que o ama apesar d'elle já a não amar, se decide a sacrificar-se a quem não tem responsabilidade da dor que lhe causa, cumprindo assim as determinações do mesmo dever que levou a adventicia intellectual a afastar-se. Não? suicida-se! Quer dizer: nada prova, nada determina, assassina ao mesmo tempo o dever do coração e a alicia da alma. É um fracasso total, que o bom senso repelle como incoherente e inutil.

Grande, prodigiosamente grande o *Poder das Trevas* de Tolstoi! Não será uma obra theatral, concedo. Mas é uma obra de formidavel psychologia, d'uma honestidade admiravel, filha d'uma alma tão grande como outra já não revela ha muito tempo na arte contemporanea. É o typo do theatro das idéas,—essa peça que sempre viverá na imaginação dos que a viram; interpretada pelo sobrehumano tragico! O *Poder das Trevas* evade-se a todos os convencionalismos, mas sem esse *parti pris* dos innovadores que pretendem, pela estupefacção do publico ante facies audacias, crear rapidamente um nome que mais se doira de baratos charlatanismos do que de fortes manifestações de talento. Tolstoi não; tal o com aquella simplicidade que é o segredo do seu prodigioso triumpho sobre a alma moderna. Nem um *truc*, nem uma situação explorada ficticiamente, nem uma phrase litteraria, nem uma exteriorisação brilhante de scenario ou de guarda roupa. Só o p. occupa a sua idea, só pensa em communical-a a todos,



com a maior das eloquências,—a dos factos. O *Poder das Trevas* examina, n'um dos seus aspectos, a vida dos *monjicks*. Acabada a peça, Tolstoi não a leu a litteratos, leu-a a *monjicks*. Assim que viu que lh'a comprehendiam, publicou-a. Tudo ali é grande, porque é o Sentimento, porque é a Verdade. A alma simplista do povo sangra, e o seu sangue é vivo, é natural, é quente, como o que brota d'uma ferida que um golpe cruel rasgou aos nossos olhos. E como é natural, e como é verdade, a perversão litteraria sente-se desiludida com a falta de effeitos a que se acostumou, pela transfiguração e o agravamento da dor humana pelo doentio requinte artistico. Etodavia, a peça de Tolstoi é uma verdadeira tragedia, d'onde se extrahiriam com a maior facilidade os *trucs*, as situações, os lances e os gritos que, no seu gabinete, os litteratos fabricam a frio para as exigências rotineiras das platéias. E' isto o que vulgarmente se chama a arte, quando, de facto, a arte é o processo de Tolstoi, em cuja obra inteira, como no *Poder das Trevas*, resplandece o que em justiça se deve denominar a magestosa simplicidade do genio.

Em ambas estas obras, como no *Diritti dell'anima*, de Giacosa, uma boa e nobre peça moderna, cheia de intensidade dramatica, o trabalho de Zacconi foi extraordinario. A scena muda do quarto acto das *Almas Solitarias*, em que o artista sente atravessar-lhe e fixar-se-lhe no cerebro a idea do suicidio, como aquella em que o Nikita de Tolstoi apparece embriagado, no terceiro acto do *Poder das Trevas*, e assassina a creança, que é seu filho, no quarto acto, constituem imperciveis recordações para todos os que, com o coração a pulsar de espanto o seguiam com os olhos e com a alma.

Como Zacconi tivesse manifestado o desejo de ver representar os artistas portuguezes, a empresa do D. Amelia poz em scena o *Alcacer Kibir*, de D. João da Camara. Zacconi applaudio com enthusiasmo o trabalho dos primeiros actores d'aquelle theatro, Rosas e Brásão, e dirigiu-lhe as mais cor-deas felicitações no fim do espectáculo.

Na vespera da partida do grande italiano, foi-lhe offerecido um banquete a que compareceram, alem dos artistas do D. Amelia, os principais criticos da imprensa diaria.

Zacconi mostrou grande interesse em fazer figurar no seu repertorio uma peça portugueza, sendo-lhe naturalmente indicado o *Frei Luiz de Sousa* que ele prometteu adquirir em traducção italiana, declarando que no caso d'essa traducção não existir, elle proprio a faria como o fez a obra de Tolstoi e tem feito com varias outras.

Desapparecido o raptio claro deixado pela passagem de Zacconi, o D. Amelia continuou as suas *premières* que até agora se tem resumido a duas das traducções approvadas.

Abriu o caminho a *Veine* de Alfred Capus, traducida com o titulo de *Sorte* por Accacio de Paiva. A peça que em Paris alcançou um successo espantoso, ultrapassando já a centessima representação e fazendo ganhar rios de dinheiro ao theatro que a poz em scena, teve no D. Amelia uma transitoria e desprotegida carreira. Não sei em que se eva filiar esse insuccesso; a não ser que o attribua á crise de que os theatros padecem e de que acima me occupei. E' possível tambem que a peça perca ao transplantar-se para a scena portugueza, onde só o detalhe mal veladamente obscuro ou a pesada chala lusitana encantam um publico de cultura rudimentar, o seu espirito *boulevardier* que, ao contrario do que succede em outras produções gaulezas, se não desmancha demasiadamente no *can-can* da libertinagem. Em todo o caso, o que é certo é que a *Sorte* teve apenas meia duzia de recitas.

MAYER GARCÃO.

—A seguir.

## Alcantara

[A Raymundo N. Ribeiro]

Banhada pelo mar que brame e chora  
Em torbilhão de amor na branca praia,  
Como a virgem que cõra e que desmaia,  
Te ostentas, terra minha, doce aurora!

Em ti viveu minh'alma e vive, embora  
Distante do teu seio, em outra raia...  
Quer a noite fulgure, quer descaia,  
Tua imagem no meu peito sempre mora.

Rainha de opulencia, desthronada,  
Tu tens por fausto—o mar; por throno—o nada;  
Grandezas que te restam do passado...

Tudo roubou-te, tudo, a negra sorte:  
Parece que os teus passos segue a morte,  
Como segue a desgraça ao desgraçado!

Agostinho Reis.

## O Porvir Brasileiro

(AS QUESTÕES CAPITAES DO BRAZIL—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLITICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

E' opaiz que mais deve, abaixo da França. Mas esta desculpa-se pela guerra franco-prussiana e outros antecedentes monarchicos, a sua divida publica é interior e, afóra o resto, as suas linhas ferreas, segundo os contratos feitos, reverterão todas ao Estado, ao cabo de 30 annos de exploração, o que equivale perfeitamente a sua divida.—E' de frisar ademas que o dr. Murinho liquidou o exercicio de 1900 com o saldo de 76.901.930\$000 réis, havendo em 31 de agosto de 1898 em giro 788.364.614\$500 e existindo hoje somente 685.62.339\$000 e fez em Londres todos os depositos dos juros da divida exterior, alem de possuir um emeio milhão esterlinos no Banco da Republica, tendo emprestado ainda ao mesmo Banco 200 mil libras e augmentado a fortuna dos possuidores de titulos brazileiros em mais de 250 mil contos,—tudo em dois annos e pouco de severa administração republicana! Já vê, pois, o dr. Abel Andrade que não tem justificativa o seu remoço, insinuando pueris duvidas a respeito do futuro da enraizada Republica Brasileira.—De passagem diremos que não trouxe estas cifras á collecção por qualquer espirito de partidarismo. Convinha não deixar passar em julgado aquella secca asserção, como o sr. conselheiro Duarte Rodrigues tambem não deixou passar as do sr. Beaulieu. E mesmo porque a laboriosissima colonia portugueza, nos seus momentos pessimistas, não cessa de apertar a mansuetude e felicidade que reinam no nosso formoso berço natal, devido ás olympicas instituições que o regem...

Os encargos annuaes da Republica, do 2.º semestre de 1901 em diante, serão na importancia de lb. £.300.967. Para fazer honra a este pagamento já o governo depositou em Londres a quantia de £.433.200 libras, devendo ter um saldo de libras £32.200. Accentuaremos que não incluímos a troca de titulos da divida uruguaia ao Brazil pelos dos emprestimos externos brazileiros, nem tampouco o resgate das garantias de juros das estradas de ferro, que consomem mais de um terço dos alludidos compromissos annuaes. O governo trata de effectuar um emprestimo destinado á rescisão dessas garantias, a 4 %, como praticou a Republica Argentina. Deduz-se destas verbas que, na peor das conjecturas, excluindo estas ultimas operações, o governo apresentará um saldo positivo em ouro, ao expirar este anno, solvendo todos os lucros da divida externa fundada,—de 4 milhões de libras. A emissão do *funding loan* custou 8.612.833 de libras, o que elevou a divida total exterior a libras 49.387.443. Em correlação deviam ter-se incinerado 115.300.000\$000 réis; mas cremos que esta clausula soffreu uma razoavel alteração, ficando-se em 97.880.931\$330, dos quaes 83 mil por conta do *funding loan*. O ministro da fazenda por certo ponderou que, não apparecendo outra moeda na circulação, a constante destruição do papel dificultaria cada vez mais as transacções. Isto é um facto incontestavel, que já evidenciámos noutro luza. E' o caso de recordar ao dr. Murinho a maxima positivista—só se destroe verdadeiramente aquillo que se substitue.

A vida economica e financeira da Republica não se pode reconstituir, em tão limitado lapso, sem gravissimos desequilibrios. Ora o problema financeiro posto pelo *funding* está resolvido e não é preciso agora transtornar a solução do problema economico. Avisado andou, portanto, o governo brazi-



leiro em moderar os seus inflexíveis autos-de-fé! Bem sabemos que alguns bancos e numerosos colonos retiveram ou reteem gorda quantidade de papel, e por tal incidente não pode ser acimado o gabinete. Mas não é menos palpável que a escassez de numerário é flagrante—e que em dois ou tres annos não se viram impunemente as finanças e a economia dum povo, restringindo a circulação ao asfixiantemente necessário. Mais devagar, por consequente, porque devagar se vai ao longe,—cuidando agora mais de reprimir a especulação cambial e de captar os capitães estrangeiros, que se espavoriram ha annos.

Prudente é não nos embairmos, no entanto, com as proveitosas e estugadas melhorias alcançadas para o credito da Republica Brasileira. A patria de José Bonifácio, feliz ou infelizmente, está ligada em toda a sua roda financeira, e em

grande parte da economica, á argenteira Inglaterra. Tal, qual a antiga metropole, que se enrola á Gran Bretanha tambem por *modus vivendi* secretos e pelo conibido trono. Os monopólios, sejam commerciaes, sejam de relações politicas, acarretam sempre desastrosos resultados. E' verdade que os capitalistas britannicos não lobrigam presentemente melhor collocação para os seus dinheiros do que a terra brasileira. Mas a alliança, officil ou officiosa, pode causar prejuizos, tanto aos cretores, como aos devedores. Hontem soffreram os prestamistas inglezes com a interrupção dos pagamentos. Hoje arrisca-se o Brazil a ser prejudicado com a insana guerra do Transvaal, que já sangrou o Reino Unido em mais de trezentos milhões esterlinos, havendo armadão diversos dos mais conceituados estabelecimentos londrinos. De sorte que o governo brasileiro, para finalizar algumas das suas operações, está



MARANHÃO—LARGO DE PALACIO—(PHOT. QUINEAU)

dependente do reequilíbrio ou apaziguamento da praça de Londres, que decerto demorará dilatados mezes, senão annos, mau grado a enseivada vitalidade da finança ingleza. O Transvaal produz ouro por todos os puzes reunidos. Ora, a prolongar-se a guerra sul-africana, como tudo leva a crer, ou o preço desta mercadoria—o ouro—duplica ou a prata passa a hombrar com elle, o que instigará nova balbúrdia.

Num ponto poderia, todavia, o governo concorrer quanto antes para a indestructivel consolidação do credito da Republica, reatando com a maxima brevidade o embolso das prestações de amortização, que o *funding loan* aprazou para daqui a 10 annos, com inapreciavel longuissimi le. Na mesma occasião, aproveitando tão empolgante oportunidade, poderia realizar a já autorizada conversão,—reservando-se para effectuar a transacção sobre a Central noutra Bolsa, cisa a londri-

na não seja inferior em vantagens, como acreditamos, em vista dos azules interminaveis da guerra anglo transvaalana.

Afigura-se-nos este o melhor atalho a palmilhar para uma completa restauração. Sonhar com o estabelecimento da circulação metallica, integral, sem o equilibrio economico, ou com uma larga quebra do padrão monetario—parece-nos redondamente intempestivo. Quilquer dessas providencias, praticabilizadas por inteiro, ocasionaria uma novissima crise economica-co-financiera, que arrastaria de vez a nação para a bancarrota. O restabelecimento da enfermidade que prostrou o Brazil, se aquellas medidas fossem decretadas neste periodo, ou nos proximos annos, evaporar-se-ia immediatamente e faria recair a Republica. E' cedo demais, observa o sr. Duarte Rodrigues, para se cuidar em circulação metallica, e quanto maior fór o volume das dividas no exterior—publica e particular—e o capital estrangeiro cá dentro empregado—mais se retardará o momento de se chegar a ella.—Resignem-se, pois, a ir applicando os fundos de *resgate e garantia*, criações que a economia e as finanças brasileiras devem tambem ao dr. Joaquim Murtinho, paulatinamente, á implantação duma reduzi-la circulação de ouro. Será menos deslumbrante, mas é mais sólido—e feito exclusivamente com os recursos proprios.

Terminamos aqui a parte da exposição, a mais trabalhosa, pelos obices que suscita, recordando umas bellas frases da elegante e sobria mensagem do dr. Campos Salles, de 1889:—«Uma conducta de firmeza e perseverança, tendo em vista produzir e economisar, conduziu a Republica á conquista segura do supremo ideal financeiro, nunca até hoje atingido—o equilibrio organentario, sem emissão, nem empréstimo». E assim foi: o equilibrio organentario fez-se, sem emissão, nem outro empréstimo, alem do *funding*, mas apenas com economias rectas. O problema organental está, enfim, inteiramente deslindado. Resta agora recommençar o pagamento das prestações da divida, debellando por completo a crise financeira, e produzir ou valorizar a produção de precia, liquidando por esta forma a questão economica.



MARANHÃO—Sé—(PHOT. TEIX.)



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Março de 1902

NUM. 13



OS ACADEMICOS BRASILEIROS

**Valentim Magalhães**



## O mez litterario em Portugal

### O Theatro

A seguir ao trabalho de Capus, a *Corrida do facho*, de Paul Hervieu, cujo traductor é o sr. Accacio Antunes, teve, sem ser a *Sorte*, a mesma sorte, que d'esta vez se justificou com o mau desempenho e uma certa fraqueza de concepção na factura da peça. E' Paul Hervieu, sem duvida alguma, um dos modernos escriptores francezes que no campo da dramaturgia maiores provas de mestre tem fornecido á opinião imparcial, compartilhando com Brieux a primazia entre os auctores dramaticos da actualidade. E' mesmo justo dizer que elle é mais artista do que Brieux, mas está longe, embora o pretenda, de se lhe equiparar no intuito moral e na realisação da doutrinação que justifica essa elevada finalidade a qual, na phrase de Bruno, é a unica que legitima o trabalho do espirito. A *Corrida do facho* funda-se sobre a successão, melhor diria a sequencia, de amores diversos que progressivamente se substituem, deixando abandonado o coração que n'elles se sentiu docemente envolvido. A peça funda-se quasi toda sobre o amor maternal. Madame Fontenais vê o amor de sua filha, uma viuva ainda bella, Sabina Revel, fugir-lhe para se dedicar a sua propria filha, Marie Jeanne. Por seu turno, Marie Jeanne deixa de amar sua mãe, porque exclusivamente dedicou todo o sentimento passional que a sua alma comporta a um homem, que se torna seu marido, Didier Maravon. Aqui temos pois duas existencias successivamente apunhaladas: a de Madame Fontenais e a de Sabina Revel, a qual, todavia, por amor a sua filha, não hesita em ir até ao crime. O *facho* correu de mão em mão, como no jogo grego das *lampadaphorias* em cujo symbolo Hervieu encontrou o nó da sua peça.

Ha pois dois amores fanaticos: o de Madame Fontenais por Sabina, o de Sabina por Marie Jeanne. Quando, porem, surge o drama, esses amores desequilibram-se na sua intensidade. Trata-se d'uma questão de dinheiro. O marido de Marie Jeanne, embaraçado por dificuldades financeiras, necessita de 300.000 francos para se salvar da falencia e da deshonra. Tendo apenas em vista evitar a afflicção de sua filha, Sabina Revel pede á mãe, a velha madame Fontenais, essa quantia. Mas madame Fontenais recusa-se, importando-se pouco com a desesperação de sua filha, enquanto Sabina, para evitar um desgosto á sua, não hesita em recorrer a uma falsificação. Entre as phrases seccas e duras da primeira, no seu *cútèment* em não sacrificar uma quantia cuja perda, de resto, a não levaria á miseria, e a loucura maternal de Sabina, que por vezes assume uma grandeza tragica, cava-se um abismo tão dilatado que, nos seus extremos oppostos, desproporciona singularmente as figuras d'essas duas mães, obrigando a confessar que o facho ou se tornou mais inflamavel nas mãos de Sabina Revel do que nas de sua mãe, ou está o trocou por outro.

O fim que Hervieu de xa entrever, como sen-

do a solução do problema que elle quiz apresentar, é estreito. Pretende acaso o dramaturgo francez demonstrar que se não devem amar os filhos até á loucura? Mas essa loucura é das que santificam, mais: é das que caracterizam o amor maternal. Faz-se de renuncia e de paixão, dá tudo sem ter o ar de nada exigir, a sua felicidade restringe-se, não á propria felicidade, senão á do ser amado. E se o amor de mãe não fôsse assim, superior ou inferior ao raciocinio, o que tanto faz para a sua vitalidade, para a sua grandeza natural, elle deixaria de ser o amor maternal, tal como o nosso espirito o reconhece e precisa de eternamente idealisal-o.

Para aggravar esta deficiencia da these apresentada, concorreu o pessimo desempenho dado pela companhia do D. Amélia á peça, que algumas scenas magistraes, como a da confissão de Sabina do seu crime, no terceiro acto, não conseguiram salvar. Rosa Damasceno, no papel de Sabina, foi horrorosa. Era de esperar. Tirada dos papeis de ingenua preciosa, que de forma eximia tão bem interpretou nas epocas do seu prestigio, não seriam necessarios os seus sessenta annos para a prejudicar n'uma creação de tanta responsabilidade. Os outros actores afimaram pará a desgraça geral que, para ser completa, até teve a substituição de Brásão, doente, pelo actor Pinheiro, um novo de qualidades, que se tem evidenciado nos personagens pathologicos dos dramas do sr. Dantas.

O primeiro dos originaes que devemos ter proximaemente no D. Amélia deve ser *Os Crucificados*, titulo com que o auctor que acabo de citar chrys-mou o seu primitivo *Calvario de amor*. Antes porem d'essa *première* teremos ainda por estes dias a das *Sem Virgens*, as *Demi Vierges* de Marcel Pré vost, traduzidas pelo sr. Mello Barreto.

Dos outros theatros, pouco ha a relatar.

No Gymnasio, o actor Ignacio levou á scena, em seu beneficio, o *Filho Artificial*, do allemão A. Bouchier, traducção de Freitas Branco. E' uma comedia de situações e quiproquos que tem a grande vantagem de fazer rir sem esforço. No dia 4 de janeiro sobe á scena o drama *Os Vencidos*, de Ernesto da Silva, um rapaz de alto valor, conhecido propagandista do socialismo portuguez na sua mais larga expressão, e que como homem de letras se tem affirmado um elevado espirito e um incansavel trabalhador. *Os Vencidos* são esperados com um vivo e justificado interesse.

*Os lazaristas* resurgiram, apoz longos annos de esquecimento, no palco do Principe Real, mas não fizeram carreira, apesar do assumpto que lhe serve de thema e a maneira de o definir deverem attractar a attenção popular. A mesma indifferença acolheu o dramalhão *O Supplicio d'am par*, imitado por Luiz Galhardo e que ali se representou em beneficio de Joaquim d'Almeida, que mais uma vez revelou as suas excepcionaes faculdades no papel que lhe competia.

No mesmo theatro vae entrar em ensaios um drama de Lopes de Mendonça, em 5 actos, *A Expição*, que primeiro se chamou *O Alfeuim*.



Na Rua dos Condes está em ensaios a revista *Na Ponta da Uinha*, original de Alfredo Mesquita e Camara Lira.

*Arte Nova*, que ante-hontem foi, pela primeira vez, a scena na Trindade é também uma revista do anno, cujo auctor é o sr. Accacio de Paiva. Agradou, se bem que não seja inferior nem superior ás outras revistas.

Para a Avenida estão Marcellino Mesquita e Gualdino Gomes escrevendo egualmente uma revista.

E para finalizar esta resenha: já se trabalha para a nova epoca. Com effeito, segundo leio nos jornaes, D. João da Camara prepara uma peça de costumes alemtejanos, que se intitulará *Tia Angelica* e que só deve ver a luz da rampa nos fins de 1902 ou principios de 1903.

## A poesia

Tres livros! — O sr. Eugenio de Castro e as suas transformações — Um reaparecido e um debutante — Parenthesis: José Newton — Causas do enfraquecimento poetico — De como os poetas começam por editores — O theatro como refugio — Confissão triste.

De anno a anno, sem epoca fixa, mas inevitavelmente, o sr. Eugenio de Castro produz um livro e também inevitavelmente parece fazer este livro para se penitenciar dos seus antigos desregramentos de forma ou mesmo de concepção. Longe vão os tempos em que os seus labios uivavam as blasphemias dos *Intertunios* e a penna construia, em linhas de versos, verdadeiras rédes kilometricas. Agora fixou os seus ideaes na assonancia do parnasianismo e na estrutura camoneana. Depois da *ceifa*, a obra do antigo exoterico que a Parceria Pereira acaba de publicar, é um livro d'esse genero. Negar-lhe correção artistica seria uma improbidade, dedicar-lhe um serio exame seria inutil. Os versos do sr. Eugenio de Castro não pretendem ter senão imagens e rimas, e estes pormenores de forma sómente se discutem quando possam constituir novidade. Eis o que não succede n'este caso. A forma camoneana tem trescentos annos, a forma parnasiana tem perto de cinquenta, e este meio seculo, na evolução das idéas e das formas em arte, equivale áquelles tres seculos, — na impressão de distanciamento que nos suggere.

De Coimbra nos veio o *Depois da ceifa*, e de Coimbra nos surgem também os dois outros trabalhos em verso cujo registo constitue n'este mez os magros elementos d'esta secção.

Augusto Gil, poeta emmudecido desde a sua estreia, ha seis annos, intitula modestamente o seu trabalho: *Versos*. E' o mesmo titulo que um dos poetas novos de maior valor em Portugal, José Newton, deu ha quinze annos ao volume que tornou repositório das suas magoadas lyricas, compostas na maior parte de traducções excellentes do *Intermezzo* de H. Heine, seu irmão na amarga melancholia do espirito e na impiedosa aventura do destino. Curvado a bestializadora existencia do trabalho em roças de Africa, esse grande lyrico que se chama, quasi disia que se chamou José New-

ton, está perdido, bem perdido para a Arte que tanto amou. A litteratura official do seu tempo repelliu-o, levada pelo seu egoismo feroz, como não admittiu Cesario Verde; mas, mais infeliz do que o Cesario, Newton não tem uma mocidade que o revindique. Se os seus proprios amigos o esquecem! — Mas fechemos o parenthesis doloroso e voltemos ao sr. Augusto Gil.

Nos seus *Versos* ha incontestavelmente versos de valor. Respiram sinceridade e animam-se de vez em quando d'esse imprevisito que originalisa os poetas. Estamos sem duvida alguma em face d'um verdadeiro temperamento de artista. Mas como é triste reconhecer que esse artista descure inteiramente o estudo de si proprio, d'onde deriva o não se entregar ao esforço de afirmar a sua individualidade! A regra de todo o escriptor tem que ser necessariamente esta: estudar-se, discriminar d'entre as influencias que o seu espirito recebe dos outros aquillo que inconfundivelmente marca a sua maneira de sentir e de expressar. E' esta regra que o sr. Augusto Gil não tem observado. No seu livro ha de tudo, — isto é, de todas as escolas e de todos os auctores, o que equivaleria a dizer que não ha nada, se não entrevissemos, em rapidas apercepções, *alguem*, que é elle, dizendo a sua singela palavra de sentimento ou de razão entre os echos apagados das suggestões predilectas. E esse *alguem* é lyrico, simples, sentimental, tocado d'um leve desgosto da vida, mas amoroso e bom. Quando esse *alguem* nos disser, homogeneamente, permitta-se-me o termo, o que sente e ao que aspira, o sr. Augusto Gil será apreciado, não já com a benevolencia que estraga os trabalhadores da Arte, mas com a justiça que lhes fornece o unico estímulo na verdade revigorante e efficaz.

Do outro livro a que alludi, *Azul Celeste*, de que é auctor o sr. Ladislau Patricio, que mais se pode dizer do que registar a sua appareição? Dizem-me que é muito novo o cantor do *Azul Celeste*, ou antes o cantor das sensações e das idealisações de todo o genero que se subordinam n'este livro ao titulo de *Azul Celeste*, como poderiam etiquetar-se com qualquer outro. O *Azul Celeste* é a sua estreia. D'uma estreia só se pode requerer a affirmacão de faculdades, só se pode exigir sentimento. Auscultei esses versos e não lhes ouvi pulsar dentro um coração; como, porém, não sou medico, é possível que eu me engane, e, sendo assim, com o maior prazer rectificarei o meu erro em qualquer producção subsequente d'esse litterato.

E acabaram-se, os livros de versos! Como se vê, foi bem pouco em quantidade, e ainda menos em qualidade. Custa a crê-lo, tratando-se d'uma terra de sentimento como é Portugal, terra onde, na lyrica popular, se deparam joias que fariam a inveja de qualquer povo e a gloria de qualquer grande poeta. A esta escassez, a este desfalecimento, a este suicidio poetico, só posso encontrar uma escusa: a de que a Poesia não tem o menor estímulo no nosso paiz. Nem de graça a aceitam os editores, nem sequer a consentem nas suas columnas os jornaes, apesar de aqui se receber n'el-





**MARANHÃO-PALACIO DO GOVERNO** (PHOT. TEIX.)



**PARÁ-Estatua do General Gurjão** (PHOT. J. CARV.)

les toda a prosa adventícia, ainda a mais banal e a mais infecta. E a mesma razão se impõe para justificar a falta do romance e do conto de que não tenho um exemplar para estas anotações mensaes. E' que, entre nós, é preciso ter algum dinheiro para se poder iniciar uma carreira de poeta ou romancista,—dinheiro para publicar as suas obras, pelo menos as de estreia, com a certeza de não vender nada. E eis ali também a razão de tanto se escrever para o theatro, visto que o theatro, retribuindo mal, é ainda o unico que retribue alguma coisa o trabalho do escriptor que, além d'isso, não necessita imprimir as suas obras para l'las apresentar. D'ahi, um desvio pessimo, porque as vocações de poetas ou romancistas nem sempre se coadunam com a vocação dramatica. Mas se isto é isto,—para que serve negal-o?

## Outros livros

Sahiram mais este mez:

*A fronteira brasileiro-boliviana pelo Amazonas*, de Lopes Gonçalves, editado pela livraria Gomes de Carvalho. E' um volume de 120 paginas, em que o sr. Lopes Gonçalves manifesta largos conhecimentos de direito internacional e de todas as phases historicas por que tem passado a questão desde o tratado de 1750, celebrado entre a Hespanha e Portugal, que então exerceiam soberania sobre os dois Estados, Brasil e Bolivia, até às últi-







mas notas em 1897, trocadas entre os governos actuaes dos dois paizes.

A *Empresa da Historia de Portugal* reeditou *Os Fidalvos do Coração de Ouro*, velho romance de Pereira Lobato. A edição consta de 2 volumes.

*Portugal e a critica* é o titulo d'um pamphleto que o seu auctor, Fernandes Agudo, nos annuncia n'este 1.º numero como devendo apparecer todos os mezes. É um trabalho sem valor de especie alguma, que foi publicado pela Imprensa Lucas.

Alem do livro do sr. Lopes Gonçalves, a casa Gomes de Carvalho, de Lisboa, editou tambem um folheto: *Fé e Esperança*, de Tolstoi.

31—dezembro—1901.

MAYER GARCÃO.



## PARA--REDUCTO

(PHOT. FIDANZA)

### O mytho de Budha e o Evangelho christão

Um brilhante estudo de Carlos von Koseritz sobre a doutrina de Budha e seu mytho me suggerio este artigo onde se prova que a historia do christianismo foi um plagio e onde se vê que a auctoridade do Evangelho perdeu seu prestigio dos pristinios tempos.

Max Müller com os seus estudos sobre a morphologia religiosa e Rudolpho Seydel com os seus estudos comparativos do Evangelho de Christo e da doutrina de Budha, obra citada por Koseritz como prova cabal da influencia directa que exerceo este mytho na concepção do Evangelho, não deixam pairar duvida alguma sobre o plagio, ainda mesmo no espirito d'aquelles que peiam a razão para dar livre curso á crença.

Antes de historiar e estabelecer paralelo entre os dois mythos, convem dizer áquelles que o não sabem que Budha viveu pelo anno de 500, antes de Christo e que morreu antes de Christo ainda,—segundo a historia indiana.

Ouçam agora os leitores o que narra a obra de Seydel sobre a vida de Budha e sua doutrina tal como se acha escripto no livro sagrado dos Hindus.

Budha foi um ser divinizado que nasceu para nos salvar. Pregava as sublimes doutrinas da lei, lá muito ao longe, no céu dos deuses, quando foi chamado por Brahma que lhe deu por especial missão descer á terra para salvar a humanidade dos males e corrupções.

Obedecendo ao mandato supremo elle veio até nós, debaixo da figura de um elephante branco, e escolheu para sua progenitora, a casta Maya, esposa do rei Suddhodana, na India boreal. Maya, piedosa e pura, é santa entre as mulheres. Umdia, no remanso de seu quarto de dormir, apparecem-lhe em sonhos as nymphas celestiaes e cantam: «Tu serás a santa e virtuosa donzella que conceberá em seu ventre o immaculado Budha, Senhor Nosso!»

Surge-lhe após a imponente e bella figura do elephante branco e de prompto ella concebe o Deus em suas entranhas.



PARÁ— Igreja de Nazareth (PHOT. FIDANZA.)

Até aqui o sonho.

Um austero e velho brahmane, pela manhã, d'ella se approxima e lhe dá a interpretação do sonho por estas sagradas palavras: Nascerá de teu ventre um filho, nobre descendente de real linhagem, que será o Rei dos reis! Chamar-se-á Budha e salvará o mundo pela immortalidade! (Novo Testamento, S. Lucas, XXXI, XXXIII, 1.º cap.)

D'ahi começa o plagio evidente: Maya, é Ma-



ria, Budha é o Christo, o elephante branco é a pomba do Evangelho. E assim fica descripta a scena da Anunciação.

O menino nasce e eis que os principes da terra, sacerdotes e reis, vão alegres adoral-o. Brahma o presenteia com uma gota de orvalho. Queima-se incenso, nardo e myrrha pela sua vinda ao mundo e os anjos entoam: «Foi-se o Mal, reina a Paz na terra, é nato o Redemptor!» (Natal, os reis magos e pastores do mytho christão, S. Matheus, XI, 2º cap.)

Bimbisara, rei de Magadha, é o Herodes biblico, com a differença porem, de ser mais humano. Sabendo pela bocca de seus brahmanes que o menino reinaria sobre o mundo, responde-lhes com calma: «Seja assim. Iremos gosar da paz em seu reinado; e se vier a ser Budha, seremos seus discipulos!»

Um dia, em passeio pelos arredores da cidade, acompanhado de seus servos, perdeu-se o menino. Foi depois encontrado entre os prophetas que admiravam o seu saber, dando-lhes lições de moral transcendentes (Christo entre os doutores no templo, S. Lucas, XLVI, 2º cap.)

Porem, como tudo isto é pasmoso!

Como calla em meu espirito esta dualidade de mythos, forçando-me a acreditar na copia sem rebuços que fizeram os redactores do evangelho christão, do mytho de Budha!

Certa occasião, á sombra de uma figueira appareceu-lhe Mara, o genio do mal, com toda a corte infernal, arremecendo-lhe pedras, serpentes e chamas. Budha sorri-se a estas aggressões e os projecteis que lhe são atirados, ao tocarem-lhe o corpo se transformam em redolentes flôres!

Mara ordena-lhe então que se prostre e o adore. Budha não lhe responde. Quasi vencido Mara offerece-lhe o governo do mundo, com a condição d'elle renunciar a missão de que fôra incumbido por Brahma. Budha responde-lhe: «Um outro reino me espera, que não n'este mundo. Serei forte e todos me aclamarão cheios de jubilo!»

Mara, afinal, se convence de sua pequenez e, vencido, desaparece corrido de odio e de vergonha, exclamando: «Acabou-se o meu imperio!» (A tentação do demonio).

Segue-se a scena da meditação e Budha recebe de Brahma a sagração suprema.

Abre-se o céu e os côros celestiaes entoam canticos.

As reminiscencias biblicas continuam até o fim com a differença apenas de mais colorido nas imagens e scenas.

Mais algumas citações eternizarei: Budha, em sua peregrinação pela terra é acompanhado por seus discipulos. Kasyapa (o S. Pedro do Evangelho de Christo) preside em nome de Budha o 1º concilio dos doze para ficarem assentes as bases da nova doutrina.

Frisante: Um parente de Budha, invejoso de sua gloria, mette-se entre os seus discipulos e procura trahil-o, e tenta assassinal-o; vendo, porem, que nada pode conseguir—suicida-se de raiva. (Judás, o trahidor.)

Ambupali, uma peccadora de baixa esphera dá

hospitalidade certo dia a Budha. Senta-se respeitosa a seus pés e ouve-lhe os conselhos. (Magdalena, a peccadora).

Na parte miraculosa do mytho budhista os absurdos abundam tanto como no christão.

Budha conhece os nossos mais intimos pensamentos, passa o Ganges por cima das aguas, como Christo; cura cegos, surdos, paralyticos e leprosos; manda as aguas se separarem e ellas obedecem; ordena ao vento que pare, e o vento para, é o rei da salvação, enfim!

Antes de morrer aconselha seus discipulos a que vão por toda a parte pregar suas doutrinas e, ao expirar, seu corpo transluz, treme a terra, ronca o trovão e caê do céu um meteorito. Budha subira á mansão celeste promettendo voltar mais tarde...

Os pontos de contacto entre os dois mythos são visiveis.

Irrefutavelmente os confeccionadores do livro do christianismo foram beber assumpto nos livros sagrados dos Hindus, pois, como ficou dito, Budha floresceu no anno de 500, antes de Christo.

Carlos von Koseritz explica no seu bello trabalho citado por mim que a unica differença entre os dois mythos—é a morte de Jesus como narra a Biblia.

E acrescenta: *Esta morte, no Golyolha, é o unico facto historico, de prova plena, na vida de Christo, por que se acha consignado nos annaes romanos; o resto é tudo obra do Novo Testamento, de modo que esta divergencia tem perfeita explicação historica.*

Abstenho-me de commentarios: a logica de ferro da verdade historica os dispensa.

J. EUSTACHIO DE AZEVEDO.

\* As fontes mais antigas, falam em 10 discipulos, outras em 60 (a semelhança do Evangelho Christão que também eleva o numero dos apostolos de 12 a 70); a apuração nominal porem dá 12 discipulos, exactamente como os de Christo.

G. von Koseritz.

## Odorico Mendes

Hostia branca de luz que o Firmamento encerra!  
Do Verso foste o bardo augusto e portentoso;  
Cantaste em teu rimar as tardes desta terra,  
Com pompa angelical dum pallio luminoso.

E quando, ao descansar, por fim, victorioso,  
Do Verso desdobraste a Flammula da guerra,  
A Monarchia vil tremeu ante o impetuoso  
E arrogante bramir que echoou do monte á serra!

De Virgilio trouxeste a Alma pura e serena;  
Do pó voaste ao azul, mas a tua aurea penna  
Inculpiu com vigor teu cerebro po-sante!

Político—deixaste um nome aureolado e santo,  
Poeta—essa Obra d'ouro eterno que é teu manto,  
—Alma vinda de Homero, Alma de sol radiante!

(Das «Medalhas»)

FRANCISCO SERRA



## Noivos

A Ovídio Lobo

Elles passam ali, cantando e rindo...  
São noivos que se estão para casar.  
Quanta illusão e quanto ideal infundo  
não tem agora esse amoroso par.

E vão passando unidos;  
elle a ver-se feliz no olhar da amada,  
e ella a fazer de um nada  
sonhos indefinidos.

Elle a pensar que vai cobrir-lhe a boca  
de beijo e ouvir-lhe os ais,  
e ella a sentir que essa ventura é pouca,  
insaciavel demais.

Vão assim tão alegres, de mansinho,  
e de repente param. E onde vão?  
Riem-se mais uma vez e outro caminho  
o noivo busca-o então.

Ella na casa de um modesto artista,  
de um carpinteiro entrou.  
Certamente não foi ver a modista  
onde a plaina acampou.

Elle penetra além, de um ferralheiro  
na larga loja escura.

Que ia fazer o noivo prazenteiro?  
E a noiva meiga e pura?

Por que deixaram de comprar as gazes,  
as sedas e os setins,  
e as begonias, e os lyrios, e os lilazes,  
perolas e rubins?

Ah! destino fallaz e traçoeiro!  
Ah! misero condão!

Elle foi ver a enxada de um coveiro,  
e ella pedir as taboas de um caixão.

THEODORO RODRIGUES

## ABAÍBAS

Na deslumbradora taba da selvática e possante tribu dos Guajajaras, fortemente illuminada por fulgidos fogachos, celebram-se as nupcias de Potyra, a flor virgem da tribu, com Boitatá, o bravo vencedor do temeroso Itajiba.

Chocalham os maracás trepidantes, derramando pela grande noite estival um crac-crac macabro, enquanto os nheengasaras zangarream, cantando, e as inubias e os trocanos rouquejam re-tumbadores.

Potyra é a formosa virgem da floresta, brotada do seio fecundo de Manacá, a ardega e moça esposa de Urú, o mais novo moácara d'aquellas brenhas, que o sol vê da rúvida Aratuba.

Nas frondes verdes dos palmares, que circulam, de vago em vago, a ocaria rumorosa, atterradoramente salteada pelos relabulos colossaes do fogaréo adusto, as inhumas arrulham presagiadoras, e de mais além chegam os epitalâmios das arutáguas e acauans, e os espaçados guinchos das lúaras.

Deitada indolentemente na rede entrelaçada

com as pennas da jandaia, balouça-se Potyra, a-vida, anciosa, soffrega pelo primeiro beijo de Boitatá, pelo amoroso osculo do famoso luxaua.

E' elle, o amado, que, com frases que ella nunca ouviu, lhe vem rouxinolear o ditirambo do noivado! E' elle quem pela vez primeira lhe vem sugar da rosa immaculada da sua polposa boca o delicioso embaiba, o cauim amortecedor, e, espasmodico, inteiricado, sequioso, afagar o seu aromal cabelo, trascalante a baunilha e a beijoim...

Tupan, o deus que fala, estrugindo na voz portentosa, terebrante e bronzea da borrasca, certamente os abençoará... Como será bello acompanhá-lo pelas varzeas opulentas, transpôr os pedrouços escabrosos, ferir com a incisiva sêta os troncos anosos das emburanas e das cabuibasformidaveis, espicaçar as brocas das penhascos hispídios, lutar com o rígido jaguar que ruga nas brenhas seculares ribombadoramente, sempre junto d'elle, do eleito do seu coração!...

Assim divaga Potyra, com a alma longe da óca paterna, longe do tumulto barbaro, muda, egoísta, quando a inubia trôa clangorosa. Calam-se os maracás, calam-se as tangapemas e os trocanos, e Boitatá, o abaiba, o guerreiro, começa a maranduba:

—O tigre brame na floresta, ameaçando o caçador, e a floresta brame com o tigre e estremece com o caçador... Mas Boitatá não estremece, porque é mais forte que o tigre, e espera o combate. O caçador tira a sêta da aljava e manda para o tigre, e o tigre urra, tomba e morre... Mas Boitatá não manda a sêta, porque o tigre é fraco:—elle vai com os seus braços, que são como a craúba, e sufoca a fêra e atira-a aos seus pés... Elle foi em busca do tigre e o tigre appareceu:—é Itajiba, que aí está no meio de vós todos... Itajiba é como o rijo tronco da massaranduba, que resiste á procela; mas Boitatá dispara o raio e a massaranduba lasca de cima abaixo, cae em terra e apodrece ao tempo... Itajiba é como o tapir, mas o Guajajara vence o tapir... A acauan cantou na folhagem do ipé e o indio escutou o canto da ave e partiu... Não encontrou um hospede, como cantou o passaro,—encontrou um inimigo. E o guerreiro ficou alegre, porque ia vencer...

Prólugo murmúrio de vozes revolteia, rumor-rejando pela óca do setuagenario morubirxaba, obrigando o joven e audaz abaguaçu a calar a maranduba.

A multidão formigante dos selvagens arremete atabalhoadamente pelo interior da óca, como impetuosa malhada de toiros bravos, rasgando duas extensas alas pelo terreiro afóra.

Moácaras, pagés e Oricanga, o chefe, esperam alguma nova tragica...

O grugrúlejo vozeante, que por um instante acalma, deixando apenas o acalentador zun-zun da horrisona celeuma, de novo cresce, alteia, sobe, e vai subindo para o tacito além, para mais longe, para as ignotas regiões do bondoso deus Tupan!

Urú, o mais novo moácara, pai de Potyra, surge na ocaria, atravessando as fileiras, os sobr'olhos turgidos, espantadores, os labios espumegantes, num rictus tetânico, tendo numa das mãos a



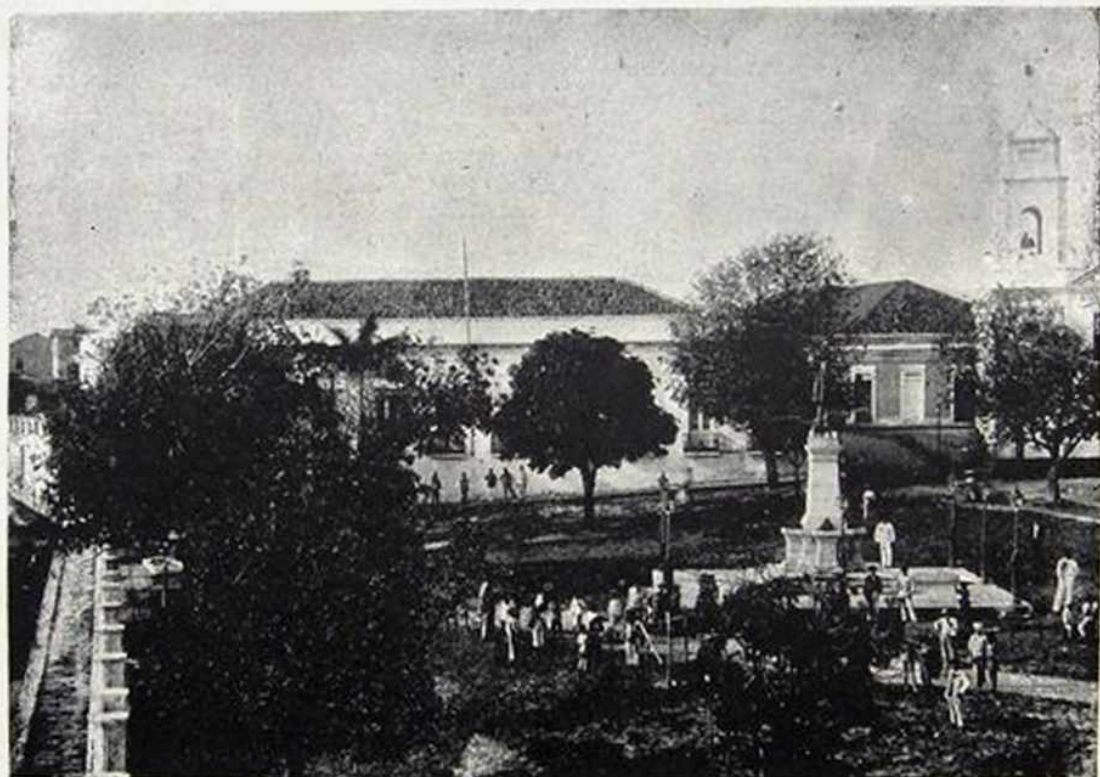
clava ensanguentada, e nos robustos braços o cadáver placido e sanguejante de Manacá, de cuja cabeça abandonada sobre os ombros do selvagem, viscosamente escorre a polpa cerebral.

O porojucara entra pavidamente na óca, deixa tombar, com estrepitoso trepidar de ossos, o cadáver mutilado, que rola pelo chão ramilhetado de mamoin, como uma bola de carne viscida.

No meio do numeroso carbetto, os pés revestidos das pennas rubras do guará, a plumagem do papagaio em torno á grossa cintura, sobre a fronte serena o kanitar alto, flexuoso, purpuro,—está Oricanga, o morubirxaba, empunhando o rijo taca-pe, pendente de um dos flancos o arco retesado,

e do outro, as ríspidas frechas, que descansam no fundo da uiracaba.

—Oricanga, chefe meu e da tribo Guajajara, rouqueja o medonho indígena, cravejando os feéricos olhos fuzilantes na cruenta lava;—a sucury partia e ia esconder-se ao pé do tronco da aroeira, atraçoando o senhor... O homem procurava a sucury pela mata grande e não encontrava... Ella silvava, chamando o companheiro e o companheiro aparecia e a sucury ficava contente... Depois voltava trazendo na boca o aracá da traição, e o senhor acreditava na serpe e achava-a boa... Urú, o teu moácara, Oricanga, era o senhor da serpe e a serpe era Manacá... No dia em que Potyra, filha



CEARÁ—Praça do General Tibúrcio (PHOT. WOLSEN)

meiga da sucury, cantou, como a maracanã, no céu do seu noivado, Manacá escondeu-se na selva e chocou, chamando o amigo... Mas Urú seguiu o resto da aguacaba e vingou o abaiára...

Trôa o trocano e Oricanga fala:

—Tupan exulta de alegria, porque Urú procedeu bem... Acauan canta no alto do jatobá, engrandecendo Urú, e o coração do moácara dentro do seu peito, é como o coaracy doirado dentro do céu da aurora...

Agudíssimo grito retiniu esfuziantemente pela taba loirejada, como o estridulo sibilo da frêcha, que parte da uirapára, vigorosamente brandida por musculo de ferro.

Urú reconhece ser Potyra e todos os Guajaja-

ras se despedem, aos galões, em socorro da encantadora noiva.

De um dos giganteos fogaréos, que flamejam com reverberos de oiro, desprendem-se turbilhão de rutilas trombas de centelhas palpitantes, leves, que se estendem pelo espaço, formando bastas cabeleiras loiras e rubros palios abertos.

Urú investe para salvar Potyra, mas uma devoradora lingua de fogo lambe-lhe a face, qual famulenta fera, ao acariciar a presa, que em breve rolará na sua fauce hedionda, teterrima. Urú recua, investe e novamente recua, e Boitatá é que se enrola na ardente mortalha, que envolve Potyra, fazendo subir, torvelinhando aceleradamente, auri-fulgentes pirâmides de fagulhas!...

JOÃO QUADROS



# A Revista do Norte

NNO I

Maranhão, 16 de Março de 1902

NUM. 14



**Theophilo Braga**



# A minha noite de noivado

Cáem as sombras tórras na Capela.  
Rebuscam o palácio... Onde está E'la?...

## I

—O' flor da laranjeira! O' flor da laranjeira!  
meu symbolo ideal da casta Virgindade,  
certa noite, em ti li minha existencia inteira!

## II

—Branca e cheirosa flor! Com que doce ebriedade,  
o momento aguardei da noiva palpitante,  
sob seus mil botões corar com suavidade!...

## III

O' flor da laranjeira! a minha rósea amante  
corava que eu bem vi... mas tão languidamente,  
tão trémulo batia o seu peito arquejante!...

## IV

Branca e cheirosa flor! ao róxo sol poente,  
quantas vezes a viste errar contemplativa,  
a regar seus jasmims e orquídeas leitantes?...

## V

Branca e cheirosa flor! que vezes pensativa,  
não viste a minha noiva olhar nuvens errantes,  
—talvez pensando em mim, aérea sensitiva?...

## VI

Branca e cheirosa flor! as suas mãos galantes  
quantas vezes não viste, a enastar seus cabelos,  
com inosórtis azues, aos sóis agonisantes?...

## VII

E agora tu vâes ver seus enleios mais bellos!  
—Vâes ver — a um e um — tombar os seus vestidos...  
—Vâes ver o alvo marfim de que o marfim tem zêlos!

## VIII

Vâes ouvir, branca flor, os seus brandos gemidos,  
suas queixas, seus ais, os seus ternos lamentos...  
que não de fazer corar os jasmims esmaecidos.

## IX

Que extranhos, celestinos, que raiaos momentos,  
serão esses *subtis delectaveis instantes*,  
em que do seu cabelo os aneis opulentos

## X

afastando p'ra traz seus dedos com brilhantes,  
rósea, toda pudor, alva, trémula, nua...  
sua carne embrulhar em rendas flutuantes!

## XI

Branca e cheirosa flor! acaso a cútis tua  
é mais branca que a tez da minha noiva amada,  
mais rija que essa carne donde o sangue estua?...

## XII

Não é, clamava eu. — E em hora tão mimada,  
arranquei um botão d'essa flor melindrosa  
e um pranto me rolou da pupila queimada.

## XIII

Por que foi esse pranto, ó branca flor mimosa?  
Por que, n'essa hora ideal d'uma *aléluia infanda*,  
a Dór riscou meu céu com aza lutuosa?

## XIV

Por que, quando a estreitei a mim esbelta e linda  
quando junto ao seu peito o meu também arfava,  
essa lagrima veio aziaga e malvinda?...

## XV

Por que, quando de róxo ante o Christo zjoelhava,  
no instante em que essa flor tirei do seu vestido,  
e com ancia a levei á boca que era láva,

## XVI

quando secretamente a beijei commovido,  
esse pranto rolou, rolou aziagamente...  
pelo meu rosto cávo, adusto, emagrecido?

## XVII

Na noite em que de chofre, ante mim, de repente,  
seu vulto vi surgir das crvas das ruínas  
minha razão sofreu um abalo veemente.

## XVIII

E o abalo me salvou. — Com as mãos pequeninas,  
ela cicatrizou minhas chagas liantes  
e em minha alma entornou jasmims e balsaminas.

## XIX

Mas quando enfim sarei, e as visões cruciantes  
me dechavam de todo, e o Pensamento alado  
de novo alçou no Amor seus vóos radiantes,

## XX

e baixo, baixo, instei, pelo nosso noivado...  
ela bradou-me triste, a meiga voz tremida,  
e seu mimoso peito arfando alanceado:

## XXI

«—Fiz um voto cruel, n'uma hora bem dor da,  
«á minha morta Mãe, ante o altar da capela  
«da grande Virgem Negra em marmore esculpida.

## XXII

«de jamais, de jamais dechar de ser donzela,  
«pois que o Amor é o Pá de monstros e de feras,  
«no Universo feroz. — Assim pensava E'la!

## XXIII

«Não sei até que ponto estas frases tão feras  
«de Schopenhauer são certas ou verdadeiras.  
«—Quanto a mim — ai de mim! — eu julgo-as bem severas.

## XXIV

«Amo-te e resisti dias, noites inteiras  
«a este amor latente o qual me combustava  
«e volvia do Inferno ás visões mais fagueiras.

## XXV

«Punge-me o mal que fiz! — já que sou tua escrava  
«tua esposa serei. — Mas dos terríveis Láras  
«—têmo, têmo, infeliz uma vingança ignava!



## XXVI

«As suas almas são tão ruins como aváras...  
«tão cruéis, tão chatins, que eu nutro o terror sério  
de que alvejem em ti duas perfídias raras.

## XXVII

«Portanto este consórcio, à luz d'um bom critério,  
«deve ser alta noite, a ocultas celebrado,  
«no silêncio, sem fausto, em sombras, no mysterio...

## XXVIII

E assim foi. Assim foi!—No recinto sagrado,  
ao dar da meia noite, um capelão sisudo,  
nos uniu ante o altar à Virgem devotado.

## XXIX

Mas um successo atroz—bem imprevisito e rudo!—  
Marcou com tórvo agoiro esta hora afortunada  
e a espinha me transiu n'um arrepio agudo...

## XXX

Foi que o bom capelão, depois da benção dada,  
quando ia a encaminhar-se à sacristia antiga,  
a fim de autenticar a data assinalada...

## XXXI

caiu de chofre ao chão, como se uma inimiga  
móca ou clava brutal o abatesse selvagem,  
ou o funesto-simoun agoita e dobra a espiga.

## XXXII

Da estranha *Virgem Negra*, a terrível Imagem,  
o seu braço direito—arcano bem profundo!—  
caiu-lhe sobre o cráneo e o esbarrandou na lagem.

## XXXIII

Portanto, este consórcio, este enlace, no fim lo,  
se era válido e puro ante os olhos do *Altissimo*,  
—era irritado, ai de nós! no conceito do munho.

## XXXIV

—Da minha noiva o rosto enturvou-se tristíssimo...  
Mas, quanto a mim, confesso-o... após o horror primeiro,  
para a alcova noiva a guiei radiosíssimo.

## XXXV

Foi no alto torreão do solar altaneiro  
que ela lisera armar o frouxel doce e quente  
do meu ninho nupcial de dulcíssimo cheiro.

## XXXVI

Este alto torreão era voltado ao Oriente,  
nas limpias regiões das estrelas e às aves...  
que papitam, chilando á meiga luz nascente.

## XXXVII

Ali perto do Céu, deviam ser mais gráves  
as queixas musicas das folhas e os regátos,  
nas ternas aflições dos pcentes suáves!...

## XXXVIII

Os ais dos rouxinóis deviam ser mais grátos,  
mais macios também os plenilúnios castos,  
e os senários do céu terem mais aparátos!...

## XXXIX

Apenas penetrei nos aposentos vastos,  
fui apagando a luz das brancas serpentinas,  
enquanto ela soltava os seus cabelos bástos!

## XL

Oh! como é doce a luz das frouxas lamparinas...  
uma leitenta luz de luar entornando,  
n'uma alcova noiva, branca, de rendas finas!...

## XLI

Quando esta frouxa luz raizou, como avisando  
que outra lua de amor pelo meu céu rompia,  
e uns braços divinos me estavam aguardando...

## XLII

entrei, pé ante pé, cauto como um espiã,  
trémulo o coração, a alma toda azulina,  
o sangue tempéstuando, a mão tábida e fria...

## XLIII

Suávemente entrei á luz casta e opalina...  
O mais, *mysterio* só... *mysterio* archi-fagueiro,  
—*mysterio* como um céu em concha pequenina!

## XLIV

Mas que horror! Mas que horror!—Ao tibio alvôr primeiro,  
eis que extranho, ao acordar, da minha noiva a ausencia,  
e o vácuo no local d'ela no travesseiro.

## XLV

Levanto-me surpreso, hirto, louco, e n demencia,  
percorro a alcova toda e encherço no tapete  
uma flor de laranja, alva flor de innocencia.

## XLVI

Decerto que caiu—brádo—do seu corpete!...  
Decerto que rolou do seu branco vestido,  
do diadema noiva eu o gentil ramalhete!...

## XLVII

São da alcova aflito e outro h'atão caído  
sobre um degrão me indica o regresso á capela,  
onde ha pouco se dera o successo aborrido.

## XLVIII

Desço a escada, em rolão, empunhando uma véla,  
e defronte do altar da *Virgem Negra* austera,  
branca, expirava em sangue a minha noiva béla.

## XLIX

Mal me viu expirar—Disse-se-lhe estar á espera,  
do meu olhar a fina e extranha noiva amada,  
para o espirito alçar á superflua esfera!...

## L

Jazia sobre o chão toda em sangue alagada.—  
E no entanto, não vi nenhum panhal, nem game,  
revólver, ferro, adaga, ou cruciante espada!...

## LI

Que *mysterio* in'ernal!—Que satan e nome  
perpetra, na sombra, a tragédia execrável,  
que raíva do horror o apogeu e o cén e?...



## LII

Que magnetismo atroz, que atração inarrável  
a arrastara até ali a horas tão temerósas?...  
—Que mystério, que horror, que enigma indecifrável?...

## LIII

Seu cabelo real mais negro que as lutozas,  
destruído porfia em seu vestido branco...  
tal como abate a Noite as ázias silenciosas.

## LIV

Soltei um grito rouco, um berro, um grito arrastado,  
que estrugiu no palácio e retumbou no espaço,  
com o rugo o leão metralhado no flanco!

## LV

Depois lancei-me á porta e com rábido braço,  
n'um impeto a arrombei com dois sacões valentes,  
e o meu pulso diz-se-hia uma alavanca d'aço!

## LVI

Siltei no meu corcel que um d'entre os meus serventes  
na escuridão guardava, e a toda a franca rédea  
cavaleguei-o a chorar, rugir rangendo os dentes.

## LVII

—Mórta! clamava eu. Justiça á tal tragédia!  
Mórta! clamava eu, correndo á desfilá-la,  
qual lendário campeão da velha Etade Média.

## LVIII

Mórta! clamava eu, com a cabeça airada,  
suppondo-me um fatal heróe de vil bruxedo,  
voando n'um herrendo ambiente de balá-la.

## LIX

Mórta! e a gesticular no meio do arvoredo,  
eu via o seu vestido elegante e caudado,  
o seu cinto, o seu véo, o meu anel no dedo...

## LX

Mórta! e a recompôr todo o terno passá-lo,  
via-lhe a crôa ideal da flor da laranjeira,  
a sua branca alcôva, o violino, o bordado...

## LXI

Mórta! e a reconstruir a minha vida inteira,  
via, ao longe, inflamado em luzes o alcaçar  
de archotes aos clarões.—Dir-se-ia uma fogueira.

## LXII

Mórta! e ao raio, á chuva, ao vento a galopar,  
eu via o negro leito heraldico e as cortinas,  
as camélias, o espelho, o piano d'Erard...

## LXIII

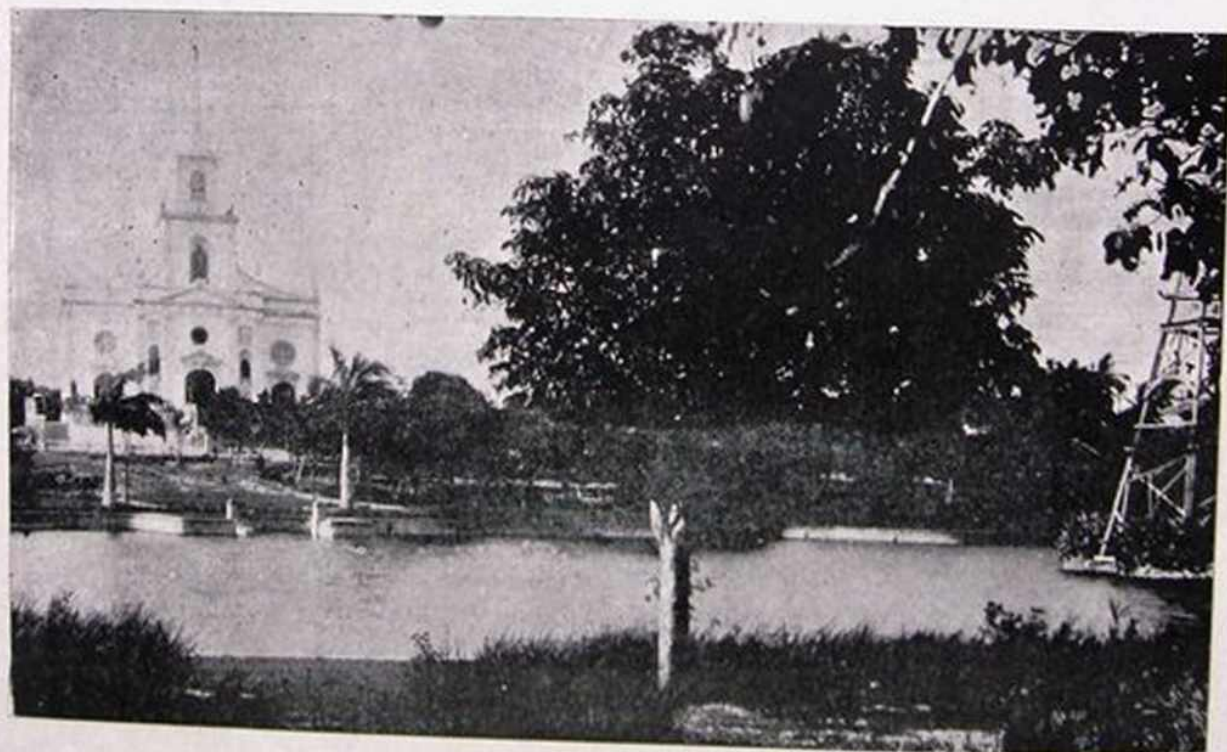
Mórta! e eu via o terraço e o meu sonho em ruínas,  
eu via *E'la* corar, ao meu menor disvelo,  
e tremereem na minha essas mãos pequeninas...

## LXIV

Mórta! e eu via sempre em tom de pizadelo,  
—desde a cabeça aos pés, como um comprido luto—  
sempre esse negro mar, sempre, do seu cabelo!...

Gomes Leal

(D'A Mulher de luto, no prelo)



Fortaleza---PARQUE DA LIBERDADE

(PHOT. WOLSEN)





PARA—TRAVESSA DR. FRUCTUOSO GUIMARÃES (PHOT. FIDANZA)

## Teófilo e os Arcades Brasileiros

Ha mezes que guardamos religiosamente o livro *Filinto Eluio e os Dissidentes da Arcadia*, 20.º volume da monumental *História da Literatura Portuguesa*, de Teófilo Braga. Era este um dos raros tomos ainda por imprimir desta obra sem igual. — A doença inibiu-nos de agradecer ao Mestre, com presteza e publicamente, mais esta oferta nababesca. E quase ousadia éirmos falar, com a poaquidão costumada, mas sincerissima, depois de se haver pronunciado no mesmo assunto, em tres inapreciáveis artigos do *Correio da Manhã*, do Rio, o primeiro critico brasileiro da actualidade, sr. José Verissimo, que milita na *escola impressionista* do sr. Julio Lemaitre, conquanto não desdenhe os sempre bem lembrados processos de Taine, quanto se lhe tornam precisos. E neste caso provou com perspicacia a sua capacidade taineista.

Desta livro, que attingiu 735 substancialissimas paginas, poderam á vontade fazer-se dois, — um acerca de Filinto e dos seus dois companheiros de dissidência, Nizofan Tolentino e José Anastacio da Cunha, e outro sobre Os Arcades Brasilei-

ros, que occupam metade do volume. A José Basilio da Gama, José Durão, Thomaz Gonzaga e Francisco de Mello Franco, aqui analisados, agregar-se-iam Claudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga, tocados no vol. *A Arcadia Lusitana*, e ainda talvez Caldas Barbosa, Souza Caldas e outros. Ficariam deste modo as letras brasileiras com um livro completo a respeito dos seus Arcades, pois que o melhor estudo até hoje publicado, respeitante a tão provocador periodo — os *Aspectos da literatura colonial brasileira*, de Oliveira Lima, não é positivamente uma critica exaustiva.

Esta questão dos Arcades Brasileiros, ou da *Arcadia Ultramarina*, tem sido motivo para disputas de numerosos investigadores. Esses catadores de alfarrabios, quando enfrentam este problema de historia literaria, em vez de o passarem pela fleira da Critica, tratam somente de assestar a luneta ao registo dos socios da Arcadia Lusitana e da Nova Arcadia ou de cocar nas participações dos governadores do Brazil a nota burocratica da cerimonia inaugurativa da Arcadia Ultramarina. E, como poucos aliadas encontrem nas Academias Lisbonenses e nenhum rasto lóbriguem da uma Arcadia official no Rio ou em Villa Rica, decidem perentoriamente, anchos da sua sabedoria, que só quatro ou cinco pertencem



ceram as protegidas agremiações da metropole e que assemo-  
algum do mesmo teor se constata nas terras cabralesas. Nesta  
compreensão critica, inda que agudeza de alfarabistas. Nesta  
estreiteza de vistas caiu o masculo Camillo, que nunca foi cri-  
tico, e muito menos historiador. E, antes e depois do vibrante  
polemista, muitos outros cronistas literarios, de Portugal e  
Brasil, queimaram as pestanas em cima da magna duvida.

Melhormente entendeu o sr. José Verissimo a razão de  
Teófilo expor Durão, Gonzaga, etc., como Arcades. E' fora de  
contestação que, á maneira da Academia Brasileira de Letras,  
do Gremio Literario da Bahia, da Academia Pernambucana  
de Letras e outras sociedades do mesmo genero, actualmente  
funcionando, sem o beneplacito official, existiu no Brazil  
uma imitação das Arcádias Italianas e Portuguezas. Teófilo  
Braga di lo claramente: «A Arcadia Ultramarina não consti-  
tue uma associação individualizada, mas uma tradição, que  
foi tomando diferentes corpos, em varias épocas e lugares».  
(Filinto, pags. 435).

Por outras palavras, illustrando o texto acima:—Durão,  
Mello Franco, Bazilio, Gonzaga, Alvarengas, etc., pertence-  
ram, pelas suas tendências mentaes, á escola arcádica, á se-  
melhança de Gregorio de Mattos, que entra com a sua dimi-  
nuta bagagem na escola calteranista, de Domingos Magalhães,  
Porto-Alegre, Varnhagen, Gonçalves Dias, Alencar, etc., que  
formam na escola romantica. E assim por deante. O não es-  
tar matriculado em qualquer das Academias de qualquer epo-  
ca não significa que se seja estranho ás correntes esteticas,  
scientificas ou filosoficas dessa mesma época. Só os genios  
alcançam libertar-se da influencia directa dos seus contem-  
poraneos. E com esses nada quer a sabença academica. Tan-  
to isto é certo que Filinto e Tolentino, trilhando veredas iden-  
ticas ás dos seus coevos, se revelaram contudo em plena in-  
submissão aos dirigentes arregimentados. E ainda neste mo-  
mento presenciemos esta anomalia:—na Academia Franceza  
penetraram diversos naturalistas e deixaram á porta o siste-  
matizador do naturalismo,—aplicação incompleta e erronea  
do Positivismo á estetica,—o fecundo e forte Zola.

Resumindo:—os propagadores da Arcadia Ultramarina de-  
vem estudar-se nos seus livros, onde se accusam as corren-  
tes de gosto dominantes da era, e não em livros de actas. São  
escritores duma dada feição e não frequentadores dum deter-  
minado gremio. Lidaram pelo triunfo dum canon artistico e  
não pelo brilho de sessões solenes, com chá e torradas, e um  
Baudelaire! Foram multidão e não quaesquer aquatellados. Dis-  
tinguiram-se pelo talento e nunca por diplomas graciosos.  
Constituíram, enfim, os Arcades Brasileiros e não os illustres  
e respeitáveis membros da sapiente e benemerita Arcadia Ul-  
tramarina, como diria o Conselheiro Accacio.

Dissemos, e reiteramos, que o eruditissimo trabalho de  
Teófilo é o mais solido de quantos hão apparecido relativamen-  
te aos Arcades Brasileiros. E affirmamo-lo com o autorisado  
testemunho do autor dos *Estudos de literatura brasileira*. A  
parte bio-bibliografica é abundantissima e absolutamente no-  
va. A orientação critica, tratando-se de uma obra de Teófilo,  
redundancia será assegurar que é irrealizavel, pelo seguro e  
largo criterio filosofico que a inspira, de principio a fim. Quem  
quer que deseje, doravante, apreciar os Arcades Brasileiros,  
não poderá dispensar este firmissimo guia, para nos servir-  
mos mais uma vez dum justiciero conceito do sr. José Veris-  
simo.

Teófilo Braga, que já em 1870 expunha, na *Historia do the-  
atro portuguez*, hoje incorporada á *Historia da Literatura Por-  
tuguesa* (A comedia classica e as tragicomedias, pags. 179-83),  
uma teoria do pessimo inicio da literatura brasileira, e que  
em 1877, no *Parasão Portuguez: Moderno*, definia calorosamen-  
te o lirismo amoroso brasileiro, não cessa de aquitar nos  
seus livros de critica e de historia as manifestações do desen-  
volvimento cultural e social do Brazil. E podemos avançar que  
as suas soberbas sínteses nunca jamais foram contraditas,  
nem pelos factos, nem pelas observações dos criticos brazili-  
enses. Pelo contrario, tem sido por muitos prolongadas, co-  
mo genuino elemento basico. Consta-nos até que, na edição  
definitiva da *Historia da Literatura Portuguesa*, que está cor-  
rendo, os românticos brasileiros terão um lugar não inferior  
ao que perliuza am os arcades. Os prognos do Romantismo,  
os Ultra-Românticos e os que assistiram á Dissolução do Ro-  
mantismo, de penna em punho, opulência porventura um  
tanto—*Os Românticos Brasileiros*. Para os vultos que saíram  
das Escolas de S. Paulo e do Recife, seguidores dos da Es-  
cola de Coimbra, será difficil encontrar uma denominação ge-  
nerica, porque não houve cohesão doutrinar, nem tamponco

de produções. A' de Coimbra, com perfeita justificação, que  
noutra oportunidade diligenciaremos expender, quadra o nome  
de—*Escola Positivista*, porque lá a filosofia positiva abalou  
belletristas, scientistas, pensadores e publicistas (na acção de  
políticos theóricos, estes ultimos). Mas aqui perduraram o Pa-  
nazianismo e o Hugoanismo, teve pequeno curso o Realismo,  
dividiram-se os positivistas em ortodoxos e heterodoxos, e al-  
guns destes enveredaram para o evolucionismo e para o mo-  
nismo, simples corroborações do positivismo, etc. Parece-nos,  
todavia, que a influencia mais profunda e mais duradoura, na  
vida intelectual e mesmo temporal, é a do autor do *Sistema de  
politica positiva*, nas suas duas fases. O problema, ao primei-  
ro lance, é intrincado. Ponham-se de parte, no entanto, as  
pessoas, vejamos-se os escritos e verifiquemos-se á que não anda-  
mos longe da verdade inteira.

Desta sorte, em lugar de uma restricta historia das letras  
luzitanas, Teófilo Braga erguerá um monumento á *Historia da  
Literatura da Língua Portuguesa*. E ninguém mais competente  
para levanta-lo. O altissimo autor da *Historia da Universidade  
de Coimbra* e do *Sistema de Sociologia*, ao presente o chefe in-  
contestado da literatura portugueza, foi o grande e potente  
semeador das idéas geraes que hoje circulam no Brazil e em  
Portugal. O que agora muitos reputam lugares communs sym-  
bolisava em 1834, anno do aparecimento da *Visão dos Tempos*,  
com o seu revolucionador prefacio, autenticas eslinges.

Folheando um livro intitulado *Filinto Erisio e os Dissiden-  
tes da Arcadia*, prefigurava-se-nos um dever elementar o ver-  
sar primeiramente a controvertida personalidade moral e men-  
tal de Francisco Manuel do Nascimento. Mas logo pelo titulo  
se devia ter notado que não nos propuzemos discorrer senão  
acerca dos Arcades Brasileiros. Filinto ficou retratado nestes  
admiráveis paginas sintetizadas com que Teófilo abre a critica  
da sua acção no meio portuguez. Muito merece da posteridade,  
por diferentes considerandos, o frio latinista. E não é o some-  
mos aquelle que lhe outorgam de classico da lingua. Classico  
no verdadeiro sentido, não no de antigo e de purista, porque  
não é dos mais velhos, nem se expurgou dos gallicismos e ou-  
tros enxertos. Classico, sim, mas á moderna, segundo a deli-  
ciação que Emilio Faguet arquiva no seu *Século XIX* e applica  
a Victor Hugo—«o que insculpe o falar de todos na linguagem  
de alguns». Assim, sim, porque nem doutro modo Candido de  
Figueiredo o absolveria...

Concluamos com um voto. E que seja pelo proseguimento  
do ardor dos incangáveis livreiros Lello & Irmão, do Porto, os  
activos e intelligentes editores de Teófilo Braga.

FRAN PAXCO.

## O mez litterario em Portugal

### A poesia

Gomes Leal—«A Mulher de Lucto»—*As  
idéas do Poeta*—Nova edição das «Glórias  
do Sul».

Os annuncios da livraria Gomes de Carvalho,  
noticiando estar no prelo o novo livro de Gomes  
Leal, essa *Mulher de Lucto*, ha tanto tempo aguar-  
dada com tanta esperança, levaram-me hontem até  
a esse alto da Graça, varrido do vento e dominan-  
do o rio, onde reside, perto das nuvens e das bri-  
sas, o poeta que, nos ultimos tempos, maior e mais  
poderosa originalidade artistica tem demonstrado  
entre nós.

Chama-se Bella Vista o solitario sitio,—e na  
verdade poucas vezes, na banal nomenclatura das  
ruas, que nas cidades quasi se resume a uma som-  
nolenta evocação de nomes de estadistas olvidados  
ou de guerreiros prehistoricos, se me deparou uma  
mais apropriada designação. A rua da Bella Vista



tem, com effeito, uma bella e surpreendente vista. D'un lado, o lado do rio, um pequeno muro a orla, deixando ao outro, o dos predios, toda a magnifica visao d'um horisonte rasgado, onde o olhar se dilata, feliz, na consoladora expansao das illimitacoes. Primeiro e uma encosta verde, que constitue a area plantada e fresca de qualquer quinta; depois uma meia dusia de telhados: o Mirante, Santa Clara, os Caminhos de Ferro, e ondeando o dorso azul aos beijos namorados do sol eis que o Tejo surge, na sua linha placida que uma ou outra fragata mal sulca n'uma fugitiva esteira, cortando o ar luminoso com a aza das suas velas. E' um dia de inverno, fresco e transparente,—o firmamento não se empana com uma só nuvem, e a aragem que perpassa, levemente cortante, arranca as ultimas folhas ás arvores desfallecidas.

Gomes Leal recebe-me com o seu inalteravel abraço. Não o via ha bastante tempo, e é com prazer que reconheço que o seu aspecto se não tem modificado sensivelmente. Tem envelhecido, é certo; mas o seu bigode, sempre em riste, os seus olhos onde raia uma chamma d'essa loucura sonhadora que é o attributo do genio rebelde, traduzem uma perpetua mocidade do espirito. Alma de trovador medieval, incrustada nos requintes modernos de Baudelaire e Poe, Gomes Leal tem sempre o ar de combater por sua dama,—que alternativamente elle idealisa n'uma esbelta e extranha creação feminina ou symbolisa n'uma grande, revolucionaria e pura causa.

Levava-me ali a *Mulher de Lucto* e sobre a *Mulher de Lucto* architectei as minhas perguntas. A ellas se prestou gentilmente o poeta a responder, e da sua conversação a tal respeito eis a impressão mais synthetica que me é dado transmittir-lhes:

A *Mulher de Lucto* sae em abril. E' um grande poema, no qual, a par da sua aguda psychologia, o auctor pretendeu imprimir uma larga orientação philosophica. Seduzido por muito tempo por theorias pessimistas, sobretudo aquellas com que o seu predilecto Hartmann o influenciara, Gomes Leal libertou-se ha annos já d'aquillo a que poderemos chamar o materialismo grosseiro. Não quer isto dizer que tenha deixado de ser um materialista,—mas hoje a sua intuição alarga a dominios ainda quasi inexplorados a concepção systematica do materialismo. Na *Mulher de Lucto* encontrar-se-ha um exemplo d'isto. O poema refere-se a transcendentales problemas que a sciencia se não tem resolvido, não tem, contudo, podido eximir-se a registar. Entre elles, estão os phenomenos psychicos a que se convencionou dar o nome de espiritismo. Gomes Leal não tem reluctancia em acceitar os factos, como Lombroso, William Crookes e Aksakoff os relatam, muito embora não lhes reconheça uma natureza espiritualista. N'uma palavra, o que o illustre poeta julga encontrar nos factos a que allude não é mais do que essa confusa e dispersa manifestação de forças desconhecidas a que Hugo chamava *fragments de lois entrevistes*.

—Não ha senão a energia da vontade, diz-me elle, com a serenidade d'uma forte convicção. Não se sabe *querer*. Em o sabendo, o homem triumphará de tudo.

E cita-me os exemplos do fakirismo, em que pela forte tensão da vontade tantos assombros se realisam.

A *Mulher de Lucto* tem esta orientação, ou antes defende, em versos lavrados como finas joias, esta these: a *sobrevivencia do amor*. Gomes Leal insurge-se contra a pretensão cruelmente depressiva do aniquilamento total de todas as energias da vida. N'esse poema facetado e extranho, o heroe, o protagonista, vê morrer-lhe, nas circumstancias mais phantasticas, o puro lyrio de neve que todo o seu amor absorvera. E' esse episodio aquelle com que, devido á alta gentileza do poeta, eu tenho ensejo de brindar os leitores da *Revista do Norte*, em *primeur*, absoluto *primeur*, porque ainda em Portugal não foi publicado um só trecho do novo trabalho do auctor da *Historia de Jesus*. Morrer-lhe, pois, a sua amada, trespassada aos pés da Virgem de marmore negro, á qual votara a sua virgindade. Mas, por morrer, não o abandona. Do Infinito mysterioso onde ella paira como uma clari-dade o seu amor acompanha-o, *influencia-o sempre*.

Para mais accentuar o caracter do seu protesto contra as theorias do aniquilamento, Gomes Leal dedica uma parte do seu livro a um outro episodio, no qual nitidamente o affirma. O episodio é o mesmo do *Corvo* de Edgard Poe, mas enquanto, no singular poema do americano, o corvo lança inexoravelmente a toda a anciedade humana o seu fatal *nunca mais! nunca mais!* e triumphal, até ao seu ultimo echo, com a phrase negra de desalento e derrota, na *Mulher de Lucto* o corvo cae varado a golpes, pelo personagem febril que o evoca,—para que assim desapareça do mundo a palavra de negação que o consterna.

Eis o que lhes posso dizer da minha conversação com Gomes Leal, no lindo dia de inverno que foi hontem, quando o sol branco, mas sempre vivificante, desentorpecia as aves que crusavam na frente da janella, como se lhes murmurasse uma promessa de vida. Quanto ao entrecho da obra, não me é permitido levantar mais o veo que o encobre, porque naturalmente isso poderia prejudicar o interesse com que o novo trabalho do grande poeta deve ser ali recebido, como o vae ser em Portugal.

Ao mesmo tempo que as primeiras folhas da *Mulher de Lucto* estão sahindo, frescas, dos prelos, uma segunda edição das *Claridades do Sul* apparece nas montes das livrarias. Foi um serviço que a *Empresa da Historia de Portugal* prestou ás lettras portuguezas. A estreia de Gomes Leal fôra publicada creio que em 1874 e ha muito não se encontrava um unico exemplar d'essa edição. Livro da mocidade, elle foi contudo uma das maiores revelações poeticas da segunda metade do seculo passado, em Portugal. Não tenho que encarecer aqui o valor d'uma obra que hoje se encontra absolutamente consagrada,—mas não posso nunca, quando percorro as paginas das *Claridades do Sul* deixar de suspender-me, com profunda admiração, perante esse admiravel soneto que começa:

Allucina-me a Côr !...



e termina com estes magistraes tercetos:

Ha plantas ideaes d'um cantico divino,  
Irmãos do oboé, gémeas do violino,  
Ha gemidos no azul, gritos no carmezim...

A magnolia é uma harpa etherea e perfumada,  
E o cacto, a larga flôr, vermelha, ensanguentada,  
—Tem notas marciaes, sôa como um clarim.

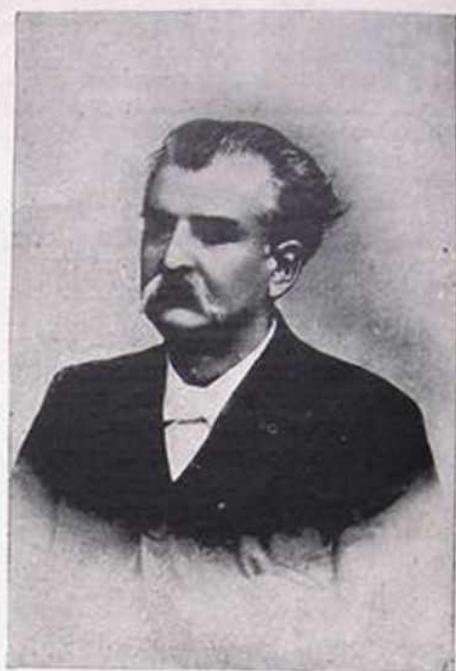
e não posso impedir-me de recordar que elle tem vinto e oito annos e precedeu em mais de dezoito o conhecido soneto de Arthur Rimbaud, *Les Voyelles*, que os symbolistas adoptaram como um Evangelho. A extraordinaria intuição poetica de Gomes Leal tem, nesse soneto em que se condensam todas as vagas apercepções d'uma escola futura, o mais authenticos dos attestados.

Tanto o poeta como a casa editora quizeram que esta nova edição das *Claridades do Sul* sahisse inteiramente igual á primitiva, a fim de que n'ella se podesse sempre encontrar o poeta joven, tal como foi e não como novas refundições de forma ou mutilações de textos nol-o poderiam apresentar agora. O que Gomes Leal fez apenas foi addicionar-lhe algumas poesias mais recentes, que não estavam archivadas em livro, como o *Monge triste*, a *Senhora duqueza de Brabant*, e varias outras, que pelo seu caracter podiam entrar legitimamente no plano da obra.

A seguir.

Lisbôa—31 de Janeiro de 1902.

MAYER GARÇÃO.



**Leocadio Rayoi**

Vio'inista brasileiro (PHOT. G. CUNHA)

Realismo sem Symbolismo é a chateza na exactidão descriptiva; Symbolismo sem Realismo é a vacuidade allegorica, abstracta, sem emoção e sem vida. Th. BRAGA.

A arte deve ser a idealisação da realidade. P. Lafite

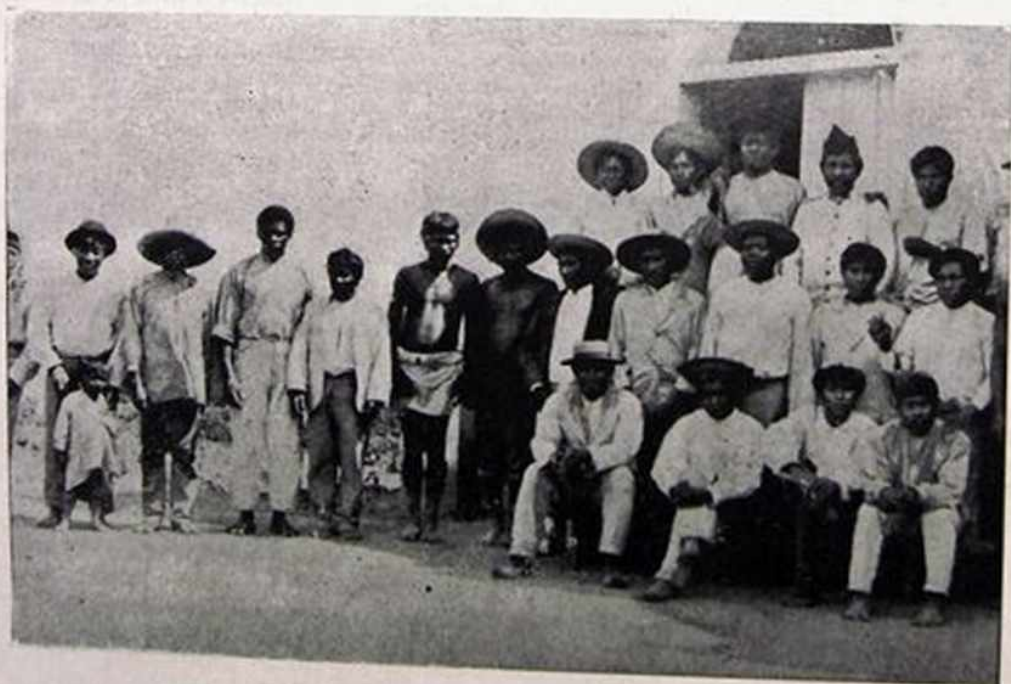
A mulher não casa para ser feliz, mas sim para procrear as gerações. Sienkiewicz.

Não nos roubeis o prazer da veneração. Stael.

Quanto mais conheço os homens mais gosto dos cães. Lamartine.

A arte é um resumo da natureza feito pela imaginação. Eça de Queiroz

A monarchia abre a portada Revolução ea republica fecha-a. Victor Hugo.



Grupode indios do Alto-Alegre

(PHOT. DE FREI MATHIAS BERGAMO)



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Abril de 1902

NUM. 15



O conde Leão Tolstoï



## A resurreição artística de Tolstoi

DIMITRI IVANOVITCH NEKHLUDOV, um militar elegante, da linha flor da fidalguia russa, em viagem para juntar-se ao seu regimento, prestes a partir contra os Turcos, resolve demorar-se uns dias num velho castello da provincia, habitado por duas tias maternas, que cegamente o adoravam. Mas não era exclusivamente o desejo de despedir-se das duas velhas matronas, nem tão pouco o interesse de visitar as suas terras, que ficavam proximas, que lhe haviam ditado tal procedimento.

Um outro mobil, secreto e intimo, que elle mesmo não se queria abertamente confessar, fortemente actuára na sua resolução.

Vivia no castello uma rapariguinha do campo, humilde e pobre e que por caridade fóra recolhida ao solar patricio. Numa visita que tres annos antes ali fizera afim de preparar, no repouso e na calma da vida campesina, a these com que deveria concluir os seus estudos universitarios, formara-se, entre Nekhludov e Katucha—tal era o nome da camponesa—um idyllio casto, de um adoravel perfume de innocencia e de pureza, porque o principe era ao tempo um entusiasta de dezenove annos, conservando ainda intactos, em materia de amor, todos os sentimentos ingenuos e candidos da sua infancia. Imbuído das doutrinas sociologicas de Herbert Spencer e de Henry George, a sua unica preocupação era reparar, pelo menos no seu caso, as injustiças e os agravos que a presente organização social infligia ás classes desprotegidas e especialmente aos trabalhadores ruraes. Reconhecendo quanto havia de cruel e de atroz no regimen da propriedade territorial privada, formara o plano de repartir desde logo pelos seus foreiros a que lhe coubera em herança, por morte do pae, reservando igual sorte á que viesse a receber por fallecimento da velha princeza, sua mãe. Todo entregue a semelhantes locubrações de reformador desinteressado, saboreando de antemão a confortante sensação de bem estar que o sacrificio da sua fortuna em prol de uma exigencia moral lhe proporcionava, e ainda mais inebriado pelo doce amor de Katucha, sentia o principe deslizar-lhe a vida bonançosa e feliz, sem um espinho e sem uma magoa, na calma e confiada expectativa do futuro.

Mas, terminada a these, teve que voltar a São Petersburgo, e desde a sua chegada á capital uma mudança radical começou lentamente a operar-se nas suas idéas e nas suas opiniões, ao contacto da sociedade em cujo seio veio viver. Nenhum dos que o cercavam pensava como elle; eram outras e diametralmente oppostas ás suas as convicções que via estadeadas ao seu derredor. Quando procurava discutir os multiplos problemas religiosos e sociaes de que depende a felicidade dos homens, era invariavelmente recebido com sorrisos de mofa e palavras de zombaria; achavam-no pretencioso e ridiculo, a querer por si só endireitar o mundo. Os seus planos de abnegação e de trabalho foram geralmente acolhidos com gargalhadas e apupos, apellidaram-no ironicamente de *philosopho*, trata-

ram-no de imbecil e de dispiratado. De sorte que, dentro em pouco, começou Nekhludov a envergonhar-se das suas idéas, a corar das suas intenções. «Deixou de acreditar em si mesmo para acreditar nos outros». Não eram mais os seus impulsos pessoais que lhe dirigiam as acções e sim a opinião que dessas acções formavam aquelles com quem convivia. A influencia do meio dominava-o, imperiosa e irresistivel; ainda quiz lutar por algum tempo, mas reconheceu afinal a improficuidade da luta e submetteu-se resignado. Adaptou-se ás idéas do seu mundo, adoptou o credo da sua raça. Esse mundo e essa raça soberanamente lhe ordenavam que esquecesse o bem estar das classes inferiores, para cuidar exclusivamente do seu, que deixasse de parte o estudo abstracto das questões moraes para entregar-se á satisfação das exigencias materiaes da vida. O dever supremo de um homem nas suas condições era retirar da existencia a maior somma de prazeres possiveis, muito embora á custa do sacrificio de outros a quem o nascimento não conferira semelhantes direitos. Pensar de forma contraria seria desprezar a noção exacta e positiva das coisas do seu tempo para perder-se nas nebulosidades de um sonho ridiculo e banal á força de irrealisavel e absurdo. Que lhe importavam as desditas alheias, se ali tinha em frente, appetitosos e tentadores, os fructos do praser, que a sua posição e a sua fortuna espontaneamente lhe offertavam, exigindo apenas d'elle o esforço insignificantisimo de os colher?

E foi assim que o reformador altruista de outros tempos, que o apostolo entusiasta do passado, ancioso por ver realisadas na pratica as theorias que bebera na leitura dos grandes reformadores sociaes, se viu um dia transformado no mais egoista e no mais dissipador dos mundanos, vivendo apenas para saciar os seus instinctos materiaes e completamente liberto das peias moraes que na sua mocidade se pretendia impor.

Nada de extranhar, portanto, que ao receber a ordem de se ir reunir ao seu regimento, lhe acudisse ao espirito a idéa de passar pelo castello, que lhe ficava em caminho, para rever a graciosa e gentil camponesa e reparar a sua imbecilidade de outrora, descurando, por uns escrupulos de creança inexperiente, a posse daquella deliciosa creatura, que doirara com o seu affecto submisso e docil a reclusão da sua vida provinciana. Mas o que é certo é que elle, nuns longinquos resquícios da sua honestidade primitiva, buscava ainda illudir-se a respeito dos seus verdadeiros intuitos. O seu interesse unico em semelhante visita e que lhe punha d'uma alegria louca em alvoroço o coração, era apenas evocar, á vista dos logares onde se tinham desenrolado, as scenas felizes e momentos deliciosos que havia trez annos ali destructura.

E com effeito foram innocentes e puras as primeiras impressões que experimentou, ao contemplar de novo a sua ingenua e casta amada de outrora. Aquella creança humilde e graciosa, que, entre risonha e confusa, lhe vinha trazer as boas vindas, immarcescivel na sua pureza, sagrada na sua simplicidade, na incauta confiança dos seres que não suspeitam o mal, era bem a eleita do seu coração e deveria, portanto, ser-lhe sagrada. Mas,





A REVISTA DO NORTE O descimento da cruz MARANHÃO—BRAZIL

Copia de um quadro de Rubens, no museu d'Anvers



em breve, uma outra voz se lhe ergueu n'alma, a combater os brados dessa primeira com que a sua consciencia naturalmente recta lhe procurava traçar a linha do dever, e, depois de uma pequena luta, foi a ultima suggestão que triumphou. Katucha foi immolada à concupiscencia do libertino. E quando, depois de consummada a falta, uns retalhos de consciencia ferida procuravam ainda fazer valer os seus direitos, foi com esta frase que Nekhludov acalmou as suas recriminações:

—Ora! As coisas se passam sempre assim. Todo o mundo no meu caso faria o que eu fiz!

No dia seguinte abandonou o castello, offerecendo antes a Katucha uma nota de cem rublos, que a rapariga a principio teve a altivez de recusar, mas que elle, quasi á força, lhe introduziu numa abertura do corpete.

Correram os tempos e, muitos mezes depois de terminada a guerra, voltou o principe ao castello. Ahi soube, pelas velhas fidalgas, que Katucha deixara a casa, que dera a luz a um filho e que, na opinião dellas, a rapariga havia descido ao mais infimo grão da prostituição e do deboche. «Era uma creatura por natureza viciada e perversa; mais cedo ou mais tarde viria a dar naquillo».

A semelhantes declarações, Nekhludov sentio-se inteiramente liberto de uns remorsos vagos que por vezes, de longe em longe, lhe vinham ainda assaltar a consciencia culpada. Se Katucha se havia prostituido, quem lhe dava a certeza de ser delle aquelle filho que ella puzera no mundo? E afundou-se ainda mais nos prazeres, esquecendo completamente aquella aventura, a seu ver, insignificantissima.

No entanto Katucha, ao ser despedida do solar, levando nas entranhas o fructo da perfidia do principe, teve logo a consciencia de que uma vida ingrata, toda feita de provações e de amarguras, começava para ella. Mas quiz ainda lutar com a sorte que a aguardava; procurou por algum tempo viver do seu trabalho honesto; infelizmente, foram baldados os seus rudes esforços. Fecharam-se-lhe todos os caminhos por onde poderia honradamente trilhar; apenas um se conservava aberto, largo e facil, e por elle enveredou a infeliz afinal, depois de ter visto morrer-lhe o filho, miseravelmente, num hospício de creanças desvalidas. Brutalmente sacudida pelo vento impetuoso e aspero do seu destino infeliz, desceu pobre o declive escorregadio da prostituição ás escancaras, passou por todas as gradações do deboche e da crapula, até que afinal, pervertida, maculada, corrupta, sem que nada mais lhe restasse da innocencia e da pureza primitivas, foi arrastada aos tribunales, a responder por um crime que não commettera.

Por uma coincidência singular, dessas que muitas vezes justificam a crença numa força occulta a dirigir os destinos de uma vida, foi Nekhludov sorteado para fazer parte do jury a que respondia Katucha. Apesar da mudança que na moça se operara, o principe reconheceu-a logo. E foi todo o seu passado, que elle julgara sepultado para sempre nas trevas do esquecimento, que se lhe ergueu em frente naquella instante. Enquanto se desenrolavam as formalidades com que a lei acompanhava esse simulacro de distribuição de justiça, o

moço patricio evoca em imaginação as scenas longinquas dos seus amores idos, confrontando a formosa rapariga de outrora com a mulher envelhecida e gasta que se lhe deparava no presente. E a consciencia da sua *responsabilidade*, da grave responsabilidade que lhe cabia no naufragio daquella vida, começa a formar-se-lhe no intimo, a principio indecisa, fluctuante, vaga, mas por fim completa, inteira, inilludível.

E não é somente da ignominia e da infamia da sua conducta com relação a Katucha que elle se dá conta naquella hora, mas de toda a vida ociosa, inutil, perversa, miseravel, que ha longos annos levava. «Dir-se-ia que o manto que até então lhe havia occultado de um modo estranho a miseria do seu procedimento para com Katucha e toda a óca vaidade da sua vida, se rompera aos poucos, revelando-lhe o abysmo de torpezas em que se afundara». E, simultaneamente com esse clarão sinistro, que illuminava até ás suas mais reconditas profundidades o pelago sombrio onde cahira, uma claridade suave e doce, uma refulgente e promissora claridade de manhã que desponta, começava também a aclarar-lhe as trevas de um futuro de reparações e de arrependimento, inspirando-lhe logo a resolução de compensar todo o mal que fizera.

Katucha é condemnada, não porque deixasse de ficar bem patente a sua innocencia, mas por uma inobservancia, por parte dos jurados, de uma insignificante formalidade da processualistica. E Nekhludov propõe-se immediatamente a obter a sua rehabilitação. Fossem quaes fossem os sacrificios que a consecução de um tal designio lhe impuzesse, elle tudo acceitaria resignado, sem afrouxar um só momento. Após onze annos de uma vida mentirosa e indigna, cheia de misérias e de injustiças, de baixezas e indignidades, sentio finalmente chegada a hora da reparação. Todos os seus erros passados, todos os seus crimes, todas as suas faltas, todas as suas culpas, tudo isso elle irá lavar arrependido e constricto no banho lustral dessa abnegação e dessa renuncia. Romperá uma ligação adultera em que andava envolvido, abandonará os planos de um casamento de conveniencia com que sonhava, desfar-se-á de todo aquelle luxo e do todo aquelle fausto inutil de que se havia cercado, para consagrar-se inteiramente á nobilissima tarefa de salvar a sua victima.

«Verei Katucha, dir-lhe-ei que sou um miseravel, reconhecerei que sou o unico culpado das desgraças que a feriram. E não pouparei esforços para lhe suavisar as agruras da sorte. Pedir-lhe-ei perdão dos meus crimes... Casarei com ella, se tanto for necessario para rehabilita-la!»

E de repente, com a alma em pedaços, numa ancia louca de commiserção e de auxilio, ajoelhou-se e ergueu as mãos ao ceu, como nos tempos da sua meninice, supplicando:

—Senhor! Desce em meu auxilio, instrue-me, illumina-me, purifica-me!

Uma paz immensa se lhe estendeu carinhosamente n'alma. Sentia-se capaz de fazer todo o bem quea um homem é dado praticar. Vieram-lhe as lagrimas aos olhos. «Correu a janella que deitava para





MARANHÃO---INTENDENCIA MUNICIPAL (PHOT. TEIX.)

o jardim e abriu-a de parem par. Fóra ia uma noite silenciosa e clara. A sombra de uma grande arvore despida desenhava-se em arabescos na areia das alamedas e na selva dos canteiros. A' esquerda branquejava o tecto da *remise*, aos raios luminosos do luar. E Nekhludov contemplava o jardim, illuminado por uma luz argente e doce, a sombra da arvore, o telhado da *remise* e aspirando a viração vivificante da noite, murmurava extasiado:

—Como tudo é bello! meu Deus! Como tudo é bello!

«Mas era sobretudo na sua alma que a belleza residia naquelle instante».

—A seguir.

ANTONIO LOBO.

## O mez litterario em Portugal

### O romance

*Não ha romances nem romancistas—  
Uma promessa unica—O sr. Carlos Malheiro—Uma regressão?—As traducções.*

Não apparecem romances,—e a decadencia, por falta de cultores, a que chegou este genero de produção litteraria é tal que nem sequer apparecem annunciados, sem nenhuma tenção de se escreverem, como é de uso e costume fazer-se quando, em vez de faculdades de trabalho, se tem apenas o desejo indomito de collocar sobre um nome um rotulo de litterato.

Entretanto, é dever abrir, n'este ultimo ponto, uma excepção. Carlos Malheiro Dias, o auctor do *Filho das Hervas* e dos *Telles de Albergaria*, tem no prelo uma nova obra. Intitula-se *A Paixão de Maria do Ceo*. Edita-a a livraria Tavares Cardoso.

Pelo titulo fica-se um tanto perplexo sobre o que seja o proximo livro de Carlos Malheiro. Até agora, o joven romancista tem procurado fazer litteratura naturalista, e nos seus romances é bem manifesta sempre a influencia de Zola e Eça,—na sua analyse realista, embora impregnada de poesia. *A Paixão de Maria do Ceo* é um titulo mystico. Não me quero aventurar em supposições sobre um trabalho de arte de que conheço tão somente o titulo. No entanto, seria bem para lamentar que o moço escriptor abandonasse a orientação que até agora tem presidido ás suas elaborações romanticas. Deixar de photographar a vida, de analysar os costumes, de exprimir, embora de uma maneira pouco nitida, mas real, as inspirações d'uma moral mais sã do que a que domina as sociedades contemporaneas, e em especial a portugueza, para lançar o espirito atravez de sonhos doentios e de creações chimericas,—seria n'este caso, por muito quea formalucrasse, uma funesta regressão de idéas.

O sr. Carlos Malheiro appareceu em Lisboa, precedido do conceito merecido d'um espirito intelligente e d'um trabalhador acerrimo. Quem escreve estas linhas conheceu-o então, nas aulas do Curso Superior de Lettras, que ambos cursavam. D'ahi para cá intransigencias irreductiveis de principios e formulas de arte affastaram-os, mas isso não impede que a mesma convicção, acerca da



sua intellectualidade e das suas faculdades de escriptor exista no auctor d'estas palavras, e não duvide, como não duvida, affirmar-as. *O Filho das Ilervas* e *Os Telles de Albergaria*, contendo muitos defeitos, foram, contudo, mais do que uma revelação, a demonstração de que esse rapaz, ainda ha tão pouco desconhecido, possuia recursos d'onde se podia esperar uma solida obra futura. Se, po-

o romance *Ben-Hur*, de Lewis Wallace, vertido para o portuguez pelo jornalista Eduardo Noronha e a sra. Selda Potocka. São dois volumes, publicados pela casa França Amado, de Coimbra, que capricha em nos apresentar edições nitidas e elegantes.

O romance trata da vida do Christo, com uma enfabulação attrahente, e estylo castigado, que os



**Typo de belleza paraense** (PHOT. BASTOS.)

rem, como de pensador manifestamente revolucionario se tornou deputado conservador, o joven romancista effectuar, no terreno da arte, uma transformação similar,—seria com o desgosto de quem vê perder-se um talento que eu registaria n'estas paginas o lamentavel facto.

Traducções que mereçam o nome de litterarias, uma apenas chega ao meu conhecimento. E'

traductores se aprimoraram para trasladar a nossa lingua.

E nada mais, se não fallarmos d'uma nova edição dos *Miseraveis*, de Hugo, com a antiga traducção, por signal muito regular, de Silva Vieira, feita agora com o intuito de commemorar o Centenario do Gigante do Romantismo, que a França se apresta a solemnizar em fevereiro proximo.



## O theatro

D. Maria—As *Semi-Virgens* no D. Amélia—O *flirt* em foco Os *Crucificados*—O sr. Dantas através dos seculos—No *Gymnasio*: Os *Vencidos*—Uma *boa these*—O sr. Lopes de Mendonça: o *Alfenião* e o *Tijão Negro*—O *Príncipe Real*.

No theatro é que continuam a apparecer novidades, pelos motivos singelos que na minha anterior carta tive ensejo de assignalar. Cumpre, porém, exceptuar D. Maria que occupou todo o mez com as recitas do *Suave Milagre e réprises*, tendo a companhia feito uma curta visita a Coimbra, onde representou o *Caminheiro*, de Richepin, os *Rantzau*, de Erekman-Chatrian, e a *Segunda Mulher de Tangueray*, de William Pinero.

Em D. Amélia, as *Semi-Virgens*, de Marcel Prévost, traduzidas por Mello Barreto, alcançaram um legitimo successo. É uma forte obra de dramaturgia moderna, sem duvida a melhor de todas as peças que até agora se tem representado em Lisboa, durante esta epoca. As *Semi-Virgens* tratam do assumpto pouco attentamente fixado do *flirt*, e n'uma analyse admiravel, crua, severa e lucida, sem perder o esmero litterario que resalta em todas as scenas e na creação de todos os personagens, applica a esse equivoco *dilettantismo* do amor o estygio de perversão que lhe compete. É uma verdadeira prostituição dos mais recatados recessos do pudor feminino, e essa prostituição é desvendada com a forte moralidade de quem não teme conhecer um mal para o curar, sem que todavia o auctor caia na declamação e nos processos de conferencia. Os factos, os factos!—e da sua eloquencia extrah-se a maior lição que um espirito superior pode dar a um publico intelligente. O desempenho das *Semi-Virgens* é, em geral, muito regular e harmonico.

No mesmo theatro, deu Lucinda Simões, acompanhada por sua filha Lucilia, que cada vez se revela mais uma gloriosa esperanza da scena nacional, e pelos actores Christiano e Chaby, varias representações com o concurso de artistas da companhia Rosas & Brasão. Foram á scena, entre outras peças, a *Lagaritiza*, a *Zazé* e a *Casa da Boneca*, de Ibsen. Nesta ultima, porem, residiu o maior successo d'esses artistas, e especialmente de Lucilia, cujo trabalho, aqui posto em confronto com a grande creação da Duse, mereceu o applauso geral, quente de admiração e de incitamento.

A epoca do Carnaval vae abrir, e com ella chegar-nos-ha a *première* do *Coup de fouet*, a que o seu traductor Eduardo Garrido pôz o titulo de *Outro eu*. Por causa da approximação d'essa epoca, e bem assim da doença da actriz Angela Pinto,—pelo menos é o que a empresa fez declarar,—teve de ser addiada a representação dos *Crucificados*, a nova peça do sr. Julio Dantas, que d'esta vez tem os intuitos d'uma peça moderna, quando mais não seja pela data. Com os trabalhos d'este dramaturgo, dá-se com effeito a circumstancia curiosa de virem passeando n'uma marcha ascendente através dos seculos. O seu primeiro original foi, como se sabe, *O que morreu de amor*, cuja acção se passava, creio eu, no seculo XII. Seguiu-se-lhe, com

uns centos de annos de intervallo, o *Viriato Tragico*. A *Severa* é já da metade do seculo passado. Agora, os *Crucificados* pertencem á epoca actual. Já não era sem tempo! Todavia, parece que o sr. Dantas não se dá bem nos nossos dias, porque já se affirma que está escrevendo outra peça, chamada *Paço de Veiros*, o que cheira a *Edade Média* a cem leguas de distancia.

Ernesto da Silva, o sympathico escriptor e propagandista revolucionario, que ha annos abordou o theatro, em circumstancias do mais merecido estimulo, deu-nos, no *Gymnasio*, uma nova peça,—a terceira da sua penna que é representada em palcos portuguezes. Os *Vencidos* são um trabalho de these. N'elle pretende o auctor provar que, na actual sociedade capitalista, difficilissimo é, ainda a caracteres honestos, deixarem de ser vencidos nas suas nobres intransigencias. O entredo é simples: um joven medico, cheio de merecimento e de estudo, contrahiu durante os annos do seu curso uma ligação com uma rapariga, filha da dona da casa em que vivia e em que era tratado como filho. Essa rapariga é uma alma generosa e pura, que o acompanha, com a dedicação d'uma companheira amoravel e fiel, na sua combatida existencia. Dos amores de ambos, que vivem como esposos, nasce uma creança. Mas o medico sente-se, não direi ambicioso, porque seria rebaixar muito os soberbos anseios da ambição, mas impaciente de tallar enfim, como a sua capacidade requer, um logar desaffrontado ao solo social. Devota-se a esse intuito, emprega todos os recursos honestos,—mas depressa vê que a sua preterição será eterna enquanto se conservar na obscuridade e na mal disfarçada miseria. Então fraqueja, cede, é vencido. Um amigo, possuidor d'esse cynismo amavel em que hoje se resumem os preceitos do *savoir faire* da vida, indica-lhe um casamento vantajoso,—uma menina rica, com *mancha*, como se diz no calão mundano parisiense. Armando,—é o nome do medico,—acceita, faz a côrte á burguezinha viciosa, e nas vespas do casamento pretende partir, sem uma explicação com a amante, sem um beijo no filho, porque para essa explicação como para esse beijo se considera impotente. A vilzeza descobre-se, mas Armando, apesar do protesto amargo e digno d'um tio que o protegeu, embora seja modesta a sua posição social, é um nobre e solido caracter, á antiga portugueza, que o actor Ignacio interpreta d'uma forma superior.

O resto é facil de conjecturar: a abandonada e a filha ficam na miseria, altivamente supportada, mas Armando não é feliz. A mulher que elle acceitou, pelo dinheiro que possuía, lança-se n'uma prostituição galante que o envergonha e que, passados annos, após uma surpresa em flagrante, o força a sahir d'essa casa doirada e ignobil. O pensamento da amante domina-o, augmentado pelo severo contraste; a saudade do filho punge-o. Já anteriormente elle tentou alliviar a miseria dos dois, com donativos que, primeiro repellidos, são por fim acceitos pelo tio e pela mãe da victima, a fim de acudir á desventurada que cahidoente como gravemente adoeceu o filho. Tambem elle é vencido, esse velho de tanta singela e inflexivel digni-



dade, porque se não acceitasse taes soccorros a catastrophe seria inevitavel, á mingua de meios para lhe resistir! Mas a doença da creança aggrava-se, sobreveem uma meningite, só um especialista tão distincto como o pae a poderá salvar! Este entra a occultas n'aquella casa, e reconhece que é inevitavel a morte do filho. Está perdido, irremissivelmente perdido! Sobreveem a mãe, que de nada sabe, e ao vê-lo ali, tem uma soberba explosão de colera e despreso que attinge a maior intensidade dramatica quando sabe que tambem os que a amam foram vencidos, recebendo o dinheiro maldito d'aquellas mãos. Armando insiste com ella para reatarem as relações antigas, mas a nobre mulher, sabendo já que o filho vai morrer, recusa, no unico protesto viril que vibra em toda a peça, e que levanta essa mulher á altura d'um symbolo de integridade moral, que deveria ser a norma de toda a futura educação das sociedades.

Como se vê, a peça de Ernesto da Silva filia-se, como accentuaram os jornaes mais conservadores, n'esse forte *theatro de idéas* que de Ibsen para cá vem revolucionando a arte dramatica contemporanea. Poderá ter hesitações na sua factura; o auctor é novo, entusiasta, possuido d'uma ardente sede de justiça que se affirma precipitadamente nas suas apaixonadas reivindicações. Mas estuda, trabalha,—e sobretudo é honesto, como poucos o egualam na moderna cohorte dos homens, de letras portuguezes.

Outro original applaudido foi o *Tição Negro*, no theatro da Avenida. Pô-lo em scena, com grande apparato, a empresa Sousa Bastos, e Palmyra Bastos tem n'elle um dos florões da sua merecida gloria. O *Tição Negro* é, na realidade uma adaptação dos autos de Gil Vicente á moderna scena, adaptação feita, com intelligencia e esmero, pelo sr. Henrique Lopes de Mendonça.

A critica, sem discrepância, apesar do sr. Lopes de Mendonça ser, e com razão muito discutido em certos meios litterarios, applaudiu conscienciosamente o seu trabalho.

Que diser do *Alfenim*,—afinal sempre ficou sendo o *Alfenim*,—que, devido tambem á penna do sr. Lopes de Mendonça, foi representado no theatro do Principe Real? É uma peça do Principe Real,—eis tudo. Este theatro, onde concorrem os elementos mais populares, é uma especie do Porta Saint Martin. O velho dramalhão reina ali, despotico e tyranno; o bem triumpho sempre do mal; os actores que interpretam papeis odiosos são injuriados da plateia. Creou-se mesmo a denominação de *principe-realescas* para aquellas peças onde o espirito do melodrama inspira, embora vão á scena em outras casas de espectaculos. O *Alfenim*, apesar das suas pretensões a intuitos moralisadores, é no fundo uma peça que está a caracter para aquelle theatro, onde, note-se, estão hoje excellentes actores, como Joaquim de Almeida, e Adelaide Ruas. Alem d'isso, cumpre dizel-o para que se não julgue que pretendo deprimir este theatro que tem de satisfazer as exigencias do seu publico, o Principe Real tem varias vezes servido para não ficarem sem palco obras que, por não serem avaliadas no seu justo merecimento, tem sido regeitadas

nos chamados grandes theatros. Exemplo: a *Perola*, de Marcellino Mesquita, que marca o inicio da escola realista na scena portugueza.

Nos outros theatros, isto é, na Trindade e na Rua dos Condes, continuam a representar-se revistas.

## Outros livros

*Entre duas revoluções*,—é o titulo d'um livro do sr. Barbosa Collen, jornalista fluente e elegante que já exerceu a direcção das *Novidades*, quando o sr. Emygdio Navarro esteve na embaixada de Paris. Editou o livro a casa Manuel Gomes, de Lisboa. A obra occupa-se do periodo de 1843 a 1851, e é muito interessante pela rememoração de factos e individuos que mais se salientaram durante esses agitados tres annos, que prepararam o movimento da Regeneração. Alem d'isso é um trabalho de estylo, lembrando vagamente a forma familiar e encantadora de Julio Cesar Machado. O successo do livro do sr. Barbosa Collen foi grande, estando-se já, segundo consta, a fazer segunda edição em Paris.

Outra obra de importancia é a do professor Carneiro de Moura, tambem jornalista, visto dirigir uma folha politica lisbonense, *O Imparcial*. É o primeiro volume d'*O Seculo XIX em Portugal*, que abrange o periodo interrevolucionario de 1789 a 1848. O sr. Carneiro de Moura trata n'elle brilhantemente da historia politica, litteraria, economica, artistica e militar dos ultimos cem annos. É um grosso tomo de 416 paginas.

Tive tambem o prazer de me vir parar ás mãos um formoso volume de anthologia brasileira, compilado pelo sr. Max Fleuiss. Intitula-se *Ferías*, e n'elle se encontram dispersas produções em prosa e verso dos principaes escriptores brasileiros, entre os quaes se contam velhas admiráveis minias, como Raul Pompeia, Olavo Bilac, Machado de Assis, Coelho Netto, Raymundo Correia, Arthur Azevedo, Luiz Murat, Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa, José do Patrocínio, B. Lopes, Joaquim Nabuco, Aluizio Azevedo e Eduardo Prado.

Justificando o seu trabalho, diz o sr. Max Fleuiss:

«Não ha quasi no Brazil uma litteratura didactica: a nossa juventude sente a falta de livros brasileiros que lhe sirvam simultaneamente de estudo e de agradável passatempo».

Editou as *Ferías* a livraria Gomes de Carvalho. Sahiram mais: *O Legado Valmro*, pelo critico de arte, dr. José de Figueiredo, editor Manuel Gomes; *Guia Pratico e Theorico da Cartilha Maternal*, por João de Deus Ramos, filho do grande poeta, auctor da *Cartilha*; *Autopsias*, pamphleto de Domingos Pepulin, editado em Coimbra, e continuaram a publicar-se numeros dos *Commentarios*, do padre Manso, e do *Portugal e a Critica*, de Fernandes Agudo. Ha igualmente a registar o apparecimento d'uma nova publicação vulgarisadora: a *Revista Contemporanea*, sob a direcção do sr. Decio Carneiro.

Lisboa, 31—janeiro

MAYER GARCIA.





CURYTIBA—Rua 15 de Novembro

## Condenados

### I

Na estreita cella, escura e apavorante,  
de um presidio phantastico e horroroso,  
vivia outr'ora um pobre criminoso,  
cujo crime não fôra degradante.

Como se fôra um louco furioso,  
bramindo imprecações a todo o instante,  
ora ria num riso estridulante,  
ora ria num riso cavernoso.

A' tarde, então, quando a tristeza vinha,  
envolta num poente d'ouro e prece,  
avassallando-o, tetrica e escarninha,

elle estendia o olhar incerto pela  
grade da cella, como se estivesse  
a procurar no espaço alguma estrella...

### II

Na masmorra do peito eu tambem trago,  
prisioneiro do Amor e orphão de um ninho,  
o coração deserto de um afago,  
o coração deserto de um carinho !...

Condenado, assim vive num presago  
constrangimento atroz, fero e escarninho,  
ora sonhando com um verde lago,  
ora com tredo e funeral caminho !

Quando a garra do Tedio, brusca, o enleia,  
rasgando-lhe da Vida a azulea veia,  
de onde pullulam Sonhos e Illusões,

elle tomba convulso, triste e exangue,  
procurando ainda ver do quente sangue  
teu olhar reluzir nos turbilhões.

Belem — 1901

AMARAL BRAZIL



PARÁ—ARSENAL DE MARINHA—(PHOT. FIDANZA)



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Abril de 1902

NUM. 16



Abel Botelho



## A resurreição artística de Tolstoi (1)

(CONTINUAÇÃO)

Na manhã do terceiro dia que se seguiu á condemnação de Katucha, Nekhludov, depois de ter dado os necessários passos para anular o seu julgamento, foi visitá-la na prisão em que se achava recolhida. Levava a convicção de que a infeliz ao vê-lo, ao saber do seu arrependimento e dos novos sentimentos de que se achava animado a seu respeito, exultaria de alegria, voltando a ser a doce e submissa amorosa do passado. Mas logo ás primeiras palavras que trocou com ella reconheceu o seu engano. A Katucha do passado desaparecera por completo; dora em diante apenas existia a Maslova, que foi o nome elegante adoptado pela moça depois da sua queda.

A missão do príncipe duplicara agora; não se limitava apenas á reabilitação civil da condemnada, ia mais além, exigia também que elle empreendesse a sua reabilitação moral.

Começa então a sua immensa lucta, principia o seu grande sacrificio. Por uma campanha lenta e pertinaz de catechese, por uma serie ininterrupta e constante de devotamentos, elle logrará por fim chamar aquella alma transviada ao regimen salutar da virtude, reanimar aquella estatua, comunicar-lhe ao coração empedernido o calor e o fogo dos ennobecedores affectos humanos. Mas antes de chegar a semelhante resultado, por quantas provações e por quantos dissabores terá de passar o infeliz!

Quando foi communicar a Maslova a resolução em que se achava de desposar-la, a rapariga sentio-se tomada de uma immensa estupefacção.

—Desposar-me? Ora não faltava mais nada... replicou ella num tom perverso.

—Mas eu sinto que é esse o procedimento que Deus me ordena! contrapoz Nekhludov.

—E não querem ver mais? Por cima de tudo elle ainda tem a coragem de invocar o nome de Deus! Seria melhor que se tivesse lembrado d'elle em outros tempos, no dia em que...

E deteve-se bruscamente, com os labios entreabertos. Sentio então Nekhludov, pela primeira vez, um violento fardum de aguardente no halito da infeliz; e num rapido lampejo teve a intuição exacta da verdadeira causa da sua extraordinaria animação.

—Acalma-te! murmurou carinhoso.

—Não tenho necessidade de me acalmar! Tu supões talvez que eu estou bebida? Pois bem, é verdade! Estou embriagada, mas sei bem o que digo! replicou a Maslova, numa voz rapida e com todo o sangue no rosto. Olha que eu sou uma mulher publica, uma prostituta condemnada as galés e tu és um fidalgo, um príncipe. Nada tens a ver comigo. Volta para junto das tuas princezas!

Por mais crueis que sejam as tuas palavras, ellas não conseguem rivalisar em amargura com o que eu sinto dentro em mim, respondeu Nekhludov, quasi suffocado; tu não te podes figurar até que ponto eu tenho a consciencia do mal que te faz!

—A consciencia do mal que me fizeste! replicou a Maslova, com um riso canalha. Mas essa consciencia não te tinha ainda apparecido quando me deste aquelles cem rublos?

—Bem sei que mereço e muito essas amargas palavras. Mas agora que fazer? Jurei que nunca mais te abandonaria, e cumprirei o meu juramento.

—E eu affirmo que não o cumprires.

—Katucha! fez Nekhludov, procurando tomar-lhe as mãos.

—Não me toques! Eu sou uma condemnada ás galés e tu és um príncipe. Nada tens que fazer aqui! gritou a rapariga, louca de colera, retirando as mãos.

—Vae-te d'aqui! continuou. Sinto por ti uma aversão invencível! Tudo o que vem de ti me repugna, o teu monoculo, o teu traje, o teu rosto immundo, tudo! Vae-te d'aqui! Vae-te quanto antes!

E como estas, outras scenas se reproduziram, nas quaes a Maslova, numa imprudencia cynica, fazia abertamente o estendal de uma alma ennegrecida e corrupta.

Mas Nekhludov continuava invariavelmente a visitar a prisão. O seu interesse pela Maslova estendeu-se em breve aos outros prisioneiros. O príncipe ouvia as suas queixas, informava-se das suas necessidades e procurava sempre, usando da sua influencia junto dos altos funcionarios da justiça, attender as primeiras e prover ás ultimas.

Quando soube que a appellação da Maslova fôra indeferida, conseguiu constrangi-la a assignar uma petição de graça. Mas o despacho desta ultima demorava e a Maslova foi sentenciada a partir para a Siberia, com outros condemnados. Nekhludov dispôe-se a acompanhá-la; mas antes de emprender a viagem, resolve distribuir pe'os seus trabalhadores os vastos dominios que possuía. Consoante com semelhante proposito, parte para as suas propriedades, na esperança de que os lavradores acceitarão jubilosos aquella valiosa doação. Mas ali uma nova desillusão o aguarda. Os camponeses não lhe dão credito, não podem conceber a extraordinaria generosidade d'aquelle homem e os altos sentimentos de justiça que o impulsionavam. Para elles semelhante offerta occultava um astucia qualquer, um qualquer artificio para prejudica-los mais tarde. Recusam a proposta do príncipe. E quando, depois de uma lucta tenaz por parte deste ultimo, se resolvem por fim a acceitá-la, é na persuasão de que o *barine* assim procedia para expiar os seus peccados e salvar a sua alma.

«Quaes seriam as consequências de tudo aquillo, eis ali o que elle ao certo não se poderia explicar; mas sabia perfeitamente que trilhava o caminho que o dever lhe traçava. E essa convicção arraigada enchia-o de uma alegria immensa. —Sim, dizia consigo, não compreendo e nem o poderei fazer nunca a utilidade da minha vida, a sua verdade e real significação e o fim supremo para que fomos postos neste mundo. Porque é que eu vivo? Porque foi que encontrei Katucha? Porque passei tanto tempo na cegueira e na loucura? De todos esses factos não me posso dar uma explicação cabal. Não está nas minhas forças comprehen-



der a obra do Senhor. Mas cumprir a sua vontade, tal como a tenho escripta no coração, isso sim, está ao meu alcance e sinto que é o que devo fazer. E não haverá para mim repouso enquanto não me desempenhar dessa tarefa».

Chega finalmente o dia da partida dos condenados, dia doloroso e sinistro, cuja lembrança lugubrememente triste para sempre ficará gravada na memória de Nekhludov.

Todo aquelle immenso e desgraçado rebanho humano, formado na sua maioria de victimas irresponsáveis de uma organização social injusta e má, culpadas apenas dos seus nobres sonhos de uma vida melhor, com uma mais larga e mais equitativa distribuição da justiça e da felicidade, todo aquelle bando de desherdados da sorte, de martyres immolados á sanha dos poderosos do mundo, todo aquelle punhado de homens e de mulheres, já quasi embrutecidos pela tortura e pelo soffrimento, se põe a caminho, rudemente impellido pela crueldade dos guardas, que os forçam a marchar, a despeito da fome que os devora, da sede que lhes escalda as entranhas e da fadiga que lhes afrouxa os membros. E Nekhludov assiste ao desfilar daquelle cortejo funebre, com a alma confrangida não tanto pela miséria humana que á sua contemplação se offerecia, mas sobretudo pela deshumanidade daquelles homens que não tinham para os desgraçados que conduziam uma unica palavra de conforto, um só gesto de commiserção.

«—Todos estes funcionarios são evidentemente impenetráveis ao sentimento da humanidade, pensava Nekhludov mais tarde, no trem que o conduzia a Nigni-Norgovod e que naquelle instante corria sobre um viaducto,—como são impenetráveis á chuva as pedras daquelle viaducto. Será talvez indispensavel construir esses viaductos e revesti-los de pedras, mas comtudo a gente soffre a ver privada da chuva esta terra que poderia tão bem produzir o trigo, a herva, e as arvôres! E o mesmo se dá com os homens. Todo o mal reside em que elles acreditam na existencia de certas situações em que é licito agir sem amor para com os seus semelhantes, quando semelhantes situações nunca existiram. Com relação ás coisas, poderá a gente agir sem amor; sem amor se pode rachar a madeira, bater o ferro, cosinhar os tijolos; mas nas relações do homem para com o homem o amor é tão indispensavel, como, por exemplo, a prudencia, nas relações do homem para com as abelhas. A natureza assim o quer, é uma necessidade da ordem das coisas. Quem desdenhar a prudencia tratando as abelhas, prejudicará a ellas e prejudicará a si próprio. O amor reciproco entre os homens é o unico fundamento possivel da vida da humanidade».

Chegado á Siberia, Nekhludov recebe a noticia de que o perdão da Maslova fôra finalmente concedido. E o seu primeiro impulso é correr a prisão, a comunicar-lhe a boa nova.

Encontrou-a agitada, fitando-o com uma expressão que elle não se lembrava de lhe ter visto antes, um mixto de resolução fria e de paixão ardente.

Corava e empallescencia simultaneamente, enro-

lando e desenrolando os dedos na aba do casaco, olhando-o por vezes em pleno rosto, baixando outras, timidamente, os olhos ao chão.

—Tu já sabes da noticia? perguntou-lhe Nekhludov.

—Sim, já fui informada de tudo... Mas preciso communicar-te uma coisa: resolvi casar com Vladimir Ivanovitch...

Falava rapidamente, quasi sem tomar folego, como se de antemão houvesse preparado as phrases que pronunciava.

—Que me dizes? Vaes casar com Vladimir Ivanovitch?... começou Nekhludov.

Mas ella interrompeu-o:

—Então que tem isso? Desde o momento em que elle quer que eu viva com elle... Que posso desejar de melhor?

—Na verdade, se tu o amas...

—Mas, como poderei deixar de ama-lo!... Elle é tão diferente dos outros homens que até hoje tenho conhecido!...

Mas o principe comprehendeu, ou antes adivinhou que ella mentia. Não, ella não amava aquelle companheiro de destino com quem ia partilhar o seu destino. O que pretendia com um tal procedimento era poupar-lhe, a elle, Nekhludov, o aviltamento de uma união com uma creatura decahida como ella.

E ella mesmo o veio confirmar nas suas convicções, dizendo-lhe, passado um instante:

—Olhe é preciso que me perdôe, por não fazer o que deseja. Mas, é que eu não quero sacrifica-lo. O senhor precisa viver.

Uma tristeza immensa, talvez mesclada de uma grande alegria por descobrir nella afinal tão nobres sentimentos, poz-se a chorar naquella hora na alma de Nekhludov. Não havia duvida, a Katucha vivera na Maslova, a ama-lo tão apaixonadamente como nos tempos que já lá iam bem longe. E a sua ventura delle seria desposa-la, porque o seu amor tambem vivia ainda. Mas sentio-se estrangulado pela angustia, experimentando tambem um secreto pavor sem saber ao certo de que.

—Então está tudo acabado entre nós? perguntou.

—Não pode haver duvidas a semelhante respeito—respondeu ella com um sorriso estranho.

E pesaroso, e triste o principe recolheu-se aos seus aposentos, na convicção de que a sua missão estava terminada e de que nada mais lhe restava a fazer pela Maslova. Mas começou a experimentar a sensação de que alguma coisa lhe faltava ainda executar, de que uma outra tarefa começava para elle. Achava-se em presença do que quer que fosse de espantosamente máo que havia causado a sua perda, a perda de Katucha e a de todos aquelles miseraveis prisioneiros que apodreciam no ambiente empestado em que elle mesmo respirava. Era o seu dever destruir esse mal, mas como, por que meio? E por mais que pensasse não encontrava resposta satisfactoria á sua ansiosa pergunta.

Finalmente, num movimento quasi mechanico, tomou de cima de um movel um volume dos Evangelhos que ali deixara um missionario ingez.





## Maranhão---Rua do Sol

(PHOT. TEIX.)

— Dizem que neste livro encontra a gente a solução de todos os problemas.

E abrindo o livro ao acaso poz-se a ler. Experimentou a principio uma certa dificuldade em comprehender o verdadeiro sentido dos versiculos que lhe iam cahindo debaixo dos olhos. Não era a primeira vez que a obscuridade daquelle texto o havia seriamente impressionado. Mas não desanimou por isso e continuou na leitura. Pouco a pouco a luz se lhe foi fazendo no espirito, e quando chegou ao versiculo em que Pedro, perguntando ao Christo, quantas vezes deveria perdoar aos que o tivessem offendido, se os deveria perdoar até sete vezes, recebeu como resposta do mestre: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes»; e quando leu a parábola contada por Christo nessa occasião, do devedor perdoado pelo rei da grossa sômma que tinha a pagar e que, apenas sahido do palacio, teve procedimento diverso para com um companheiro que lhe devia uma quantia insignificante, fazendo-o encarcerar, e que sendo depois denunciado ao rei pela sua crueldade, recebeu deste ultimo a seguinte exprobração: «Subdito máo não deverias tambem ter piedade do teu companheiro como eu tive piedade de ti?»; Nekhludov exclamou, num rasgo bruto de intuição: Será possível que seja essa a resposta que procuro?

E uma voz intima respondeu-lhe: Sim, é isso

e nada mais que isso.

E o principe comprehendeu então que «o unico remedio possivel aos males de que soffriam os homens consistia nos homens se reconhecerem sempre como devedores de Deus, e por consequencia, sem direito de julgar e de punir os seus semelhantes».

Passou a noite inteira sem dormir, todo entregue á suave alegria da descoberta que acabava de fazer. Leu e releu todos os evangelhos, penetrando-se da sua doutrina, identificando-se com os seus preceitos, chegando por ultimo a esta conclusão final:

«Todos nós vivemos na crença de que somos senhores da nossa vida, e de que esta nos foi dada apenas para o nosso prazer. Mas é insensata e abusiva da semelhante crença. O homem não veio ao mundo por sua vontade; alguém para aqui o enviou e para algum fim. Mas decidimos esquecer esta verdade e viver conforme os nossos prazeres. E ainda nos admiramos depois disto de soffrer, como se esse soffrimento não representasse a consequencia fatal da nossa situação de trabalhadores que se recusam a cumprir a vontade do seu patrão. Procuremos o reino de Deus e o resto vos será dado por acrescimento. E é o acrescimento que procuramos, admirando-nos de nunca o podermos encontrar.

«Foi essa a minha vida até hoje! Mas essa vi-



SUPLEMENTO AO N. 16

16 DE ABRIL DE 1902

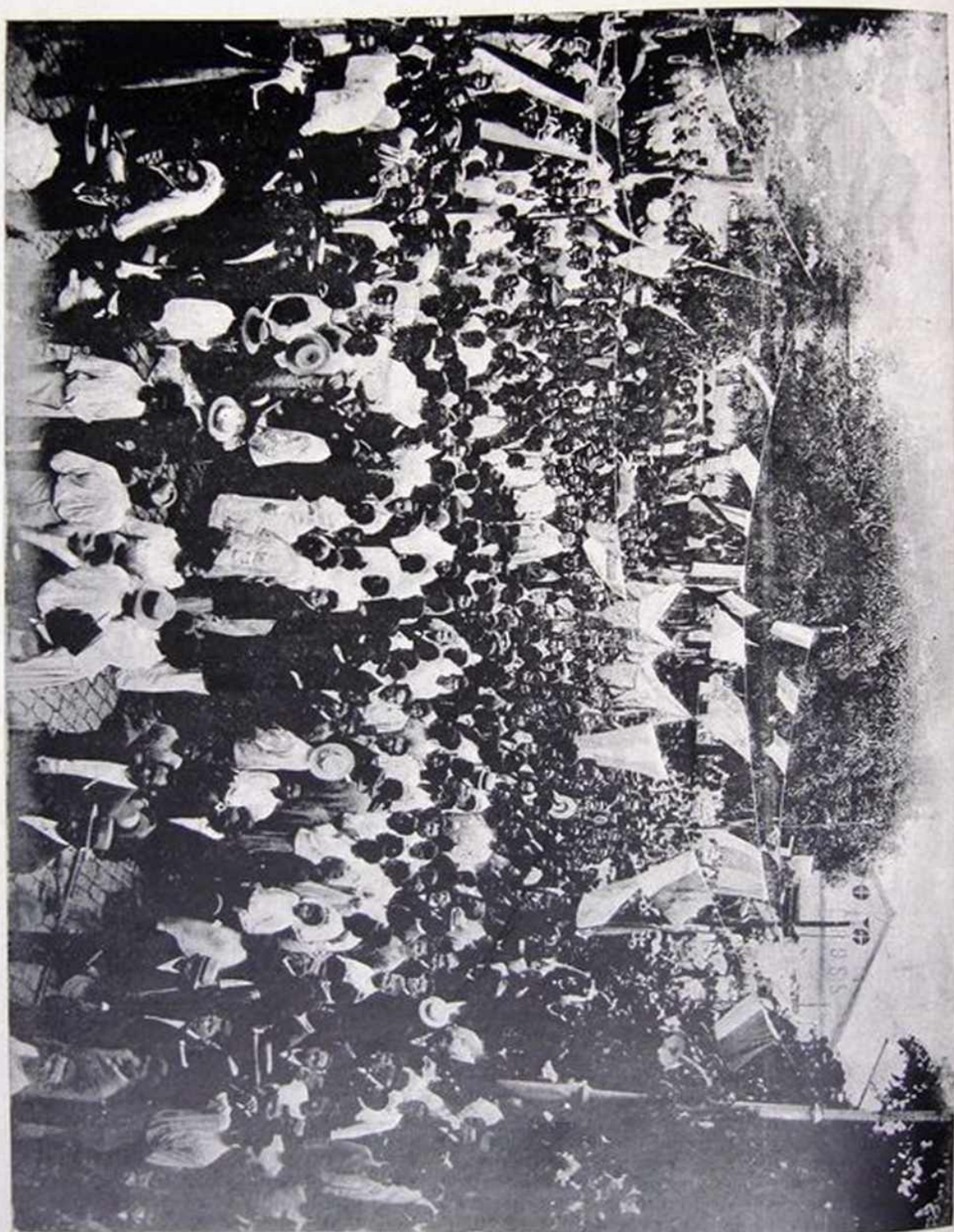


A REVISTA DO NORTE

A oração da manhã

MARANHÃO—BRAZIL





O desembarque do novo bispo do Pará, D. Francisco Rego Maya. — (Photographia tirada do Boulevard da Republica, pelo accellado photographo Nunes).



da acabou e uma outra começa agora.  
 «E, com effeito, desde essa noite, começaram para Nekhludov uma vida nova, não somente porque, deixando de vez de pensar em si, buscou esforçar-se por servir os outros, mas também porque tudo o que lhe aconteceu desde essa noite, tudo o que viu, tudo o que fez, teve aos seus olhos uma significação diversa da que então assumira».

— A seguir.

ANTONIO LOBO.

(1) Vide o numero 15 da *Revista do Norte*.

## A minha irmã

Eu sei que ella viveu, porque o ouvi dizer;  
 O anjo teve apenas tempo de morrer!  
 Apenas um segundo, e caminhou a vida...  
 O que eu ao lo ha vinte annos percorreu numa hora.

Mas a distancia é a mesma,—é que alguém me demora,  
 E não é porque a estrada seja mais comprida.  
 Durmo na mesma casa e sigo a mesma estrada,  
 E o aroma que embriaga a minha madrugada,

No rasto que deixou, passando, o seu amor,  
 Diz-me ás vezes que um ser deixou a minha porta,  
 —Como o aroma que fica duma rosa morta  
 Nos obriga a dizer: «Aqui viveu uma flor».

Como eu choro essa filha e como choro a mãe!  
 Como eu choro esse berço que não tem ninguém,  
 E onde Deus já me disse cousas esquivadas...  
 —Pobres herços que embalam gerações de esperanças,

E onde a Morte, depois de ter levado as crianças,  
 Costuma-se deitar, de noite, as escondidas.  
 Que estúpida manhã! Que desgraçada aurora,  
 Ao pé da filha morta e duma mãe que chora!

Quantas azas abertas! Quanta luz no amor!  
 —Ella morreu dizendo phrases mysteriosas...  
 Logo nessa manhã que Deus sorria ás rosas  
 E' que a Morte levou de nós aquella flor!

Nada morre na Morte, é tudo transformado.  
 —O que é o coração que outr'ora foi amado?  
 Morrer-nos um amor que até já nos amava,  
 Não se saber p'ra onde é que esse peito iria...

O que é agora um olhar que d'antes nos sorria,  
 E essa boca de flor que outr'ora nos beijava?  
 Que será Ella agora? Em que se transformou?  
 Talvez que já passasse em tudo que passou,

Talvez que já passasse...  
 Muitas vezes espero a sua voz dum ninho.  
 —Pizei hontem uma flor á beira d'um caminho.  
 E disse para mim:—«Talvez eu a pisasse...».

Nunes Claro.

## O mez literario em Portugal

O AMANHÃ, DE ABEL BOTELHO

O acontecimento do mez, nos dominios da literatura, foi sem contestação alguma o novo livro de Abel Botelho: *Amanhã*. Acontecimento previsto, e successo merecido. Sim, o romance de Abel Botelho teve um successo merecido,—o que

é bem raro em Portugal, onde os successos abundam, na significação artificial do termo, mas onde os meritos fallecem, na rigorosa critica desses successos. E não se julgue, com isto, que esse trabalho do escriptor audacioso, que é o autor dos anteriores estudos de pathologia social, que se intitulam *O Barão de Lavos* e *O Livro de Alda*, não desse origem a apaixonados debates, senão em columnas de publicações, pelo menos ás mezas dos cafés e em todos os centros onde se fala de arte. Mas, destas discussões, de resto estereis, como tudo o que se não entrega ao supremo tribunal do publico, resulta ainda mais nitido, posto em foco pela ardente controversia, o valor incontestavel da obra,—ou, o que ainda é mais, a importancia especial dos seus intuitos.

Acabo de ler o *Amanhã* e, na impressão immediata que me suggere estas linhas, creio reconhecer-lhe, pelos propositos ha muito estabelecidos do meu espirito, uma alta significação social e artistica. Social pelos seus intuitos, artistica pelo sangue novo que os graves problemas humanos da actualidade injectam na depauperada arte que entre nós desfallece, pela anemia de idéas que a caracteriza. Mas social, sobretudo, e é aqui que cumpre fixar a attenção, como diante dum facto que constitue o que poderemos denominar o inicio da conquista definitiva da Arte, em terra portugueza, pelas idéas grandes e bellas em que se deprimem hoje as aspirações literarias da alma humana.

Bastava isto, se outras bellezas estheticas não enriquecessem a obra, para fulgurantemente afirmar o novo romance de Abel Botelho como uma das mais notaveis produções literarias que tem apparecido nas ultimas epochas. Com elle conquistou, enfim, direitos de cidade na arte o pensamento social moderno. Eximindo-se á preocupação do detalhe, que em vinte ou trinta annos tem dado milhares de livros, e derrancado a literatura em mesquinhas analyses duma psychologia, mais ou menos exacta, mas sempre estéril, Abel Botelho tentou o grande romance de *amanhã*. Não é já a ridicula por menorização de amores mais ou menos affectados e convencionaes, resolvendo-se em catastrophes inverosímeis e penosamente architectadas; não é já o pessimismo doentio dos que, á maneira de Annunzio, iniquamente pretendem aggravar, em imaginações fracas, os soffrimentos da vida, com perversas e inquisitoriaes torturas a que submettem pretensos estados da alma do individuo; não é já a lagrima resignada, a força da impotencia para a revolta, que o meigo e harmonioso Daudet desata dos olhos claros para os seus encantadores vencidos,—é qualquer cousa de forte e grande, pulsando rijo, que anima alma e fortalece braços, e rugir e canta, com as sangrentas expressões da dor universal ou com as nossas *Mar-selhezas* da libertação humana.

Enfim, enfim! que uma palavra nitida e des-sombreada, vibrando nos accents tragicos da Verdade, bradou em terra portugueza toda a miséria, todo o infortunio, todo o desespero que se contorce e uiva nas impiedosas galés da sua imperfeita organização social. E' util, e é bello,—isto. Todas as mystificações ardilosas duma oligarchia



que trema se vêem assim varridas, como se um impetuoso vento adiante de si as levasse. Crêches, asylos, sopas economicas, bôdos, sorrisos e vintens de anos da caridade, todos esses saccos de lastro arremessados ao mar furioso como recursos de evitar o inevitavel naufragio, — tudo isso uma palavra ardente desfaz, uma illuminada penna de artista destroe, e um implacavel estyigma de pensador marca para todo o sempre, como um documento de insanias e de hypocrisia.

O romance social não fôra ainda abordado a serio na literatura. Existem, sim, projectos que ainda não tiveram realisacão, e tentativas que lamentavelmente fracassaram, porque a impotencia, medo ou a insinceridade as perderam. Dos primeiros não falarei, porque só realisados se poderão analysar, mas das segundas vale a pena dizer uma palavra. E nestas nada mais se encontra do que os romances do sr. Malheiro Dias. O melhor delles ainda é o *Filho das Herbas*. Mas, francamente, — digo-o com o coração nas mãos, porque eu tenho pelas tuculdas de trabalho deste escriptor um verdadeiro preito, — que prova, que diz, que exprime o *Filho das Herbas*? Eu perdoo-lhe, na factura literaria, a constante recordação dos processos do estylo de Zola e Eça; perdoo-lhe as imperfeições de technica, proprias de quem começa no romance, — o mais difficil, sem duvida, por ser o mais complexo, de todos os generos de Literatura. Tudo perdoo, porque tudo admitto e comprehendo, pondo de lado as compromettedoras affirmacões dos panegyristas imbecis, que são sempre verdadeiros amigos do diabo. Mas o que não desculpo é a hesitação no pensamento, — porque, das duas uma: ou o escriptor se não orientou, e eu não tomo a serio nenhum escriptor que se não orienta, ou trema deante das consequencias do seu pensamento livremente expresso e então o seu livro será uma mystificação e uma cobardia.

Este, o defeito principal em que claudica a obra de Carlos Malheiro e que irredutivelmente afasta o seu trabalho da serie de obras de espirito social que porventura se estabeleça na nossa literatura. Não ha ali uma aspiração explicita, nem numa só pagina se sente o coração e o cerebro do romancista corroborando com a paixão que immortalisa typos e idéas nas reivindicacões dos seres que descreve vergados a um injusto sacrificio. É esse caracter explicito, essa franqueza, essa firmeza, essa paixão, essa esclarecida tensao para a construcção da verdade, o que eu observo no *Amanhã*, de Abel Botelho, — o livro que a critica justa fixará um dia como sendo o primeiro que abriu as portas da arte ás coleras e aos gemidos da multidão que soffre e quer justiça.

O *Amanhã*, sendo um livro inicial, necessariamente padece, apesar de traçado pela penna dum escriptor tão experimentado como Abel Botelho, das indecisões e das falhas de detalhe que caracterizam as obras que abordam um novo genero. Ha quadros, ha typos secundarios, que se revestem ou dum inequivocal caracter convencional ou dum exaggerado raso de caricatura. Um desses quadros parece-me ser o do interior familiar da

casa Meyrelles, um desses typos julgo ver o do marquez de Val de Madeiros, par do reino parasita, que come na cozinha dos parentes. Outras situações, como as que constituem a vida do amor ephemero de Adriana e Matheus, são frôças e indecisas. Mas tudo isso são detalhes secundarios, a propria trama amorosa do romance não passa duma necessidade de technica, imprescindivel para construir a enfabulação do romance. A alma, a vida do livro não é isso: é o estudo paciente e corajoso dos meios operarios, a analyse da fermentação proletaria, o desenho dos seus typos, e a creação verdadeiramente grande desse intellectual de acção que, como um Bakounine, reúne uma poderosa actividade de concepção e de sentimento a uma admiravel organização de apostolo e revolucionario. Falo de Matheus.

Ah! quantos se illudirão julgando está personagem imaginaria! Quantos se illudirão pensando que a reivindicação popular, em Portugal, só conta ou poderá contar com a inconsciencia bruta e feroz dos que a politica artificiosa do Estado petrificou na ignorancia colectiva! Não. Matheus existe, e se hoje é um, amanhã o seu nome pertencerá de direito a dezenas, a centenas de espiritos esclarecidos e firmes.

Falei acima das discussões que o romance de Abel Botelho tem levantado em meios literarios. Cumpre-me explicar do que se trata, para que se não julgue que o romance attrahe entre nós qualquer antipathia ou repugnancia. É differente o caso. As objecções, os ataques não se dirigem á idéa, aos intuitos, nem mesmo á construcção technica da obra. Dirigem-se apenas á sua forma. É o estylo, tão caracteristico e especial de Abel Botelho, que está na berlinda, como de resto está sempre que qualquer novo trabalho do escriptor surge. Succede-lhe o mesmo que a Fialho de Almeida, — o qual, todavia, não resgata essas preoccupações com fortes e generosas concepções de justiça. E, pois, sobre o estylo de Abel Botelho, aquillo que eu chamarei o seu *lexicon* proprio, que as controversias se estabelecem. Eu já tive ensejo, num diario de Lisboa, de manifestar ao sr. Abel Botelho a minha opinião sobre o que considero a excessiva construcção literaria da sua estilistica. — No seu penultimo romance, o *Sem Remedio*, pareceu-me que o escriptor se expungira do que eu considero um defeito na expressao do pensamento, que, quanto a mim, só alcança toda a sua nitidez e belleza nas normas da mais pura simplicidade. No *Amanhã* vejo, porém, que o illustre romancista entende dever voltar aos seus antigos processos, sem duvida porque, habituado a elles, elles se lhe tornaram a mais natural forma de communicar com o seu publico. Se fez bem, se fez mal, a experiencia lho demonstrará. Seja, porém, como fór, continuando no caminho que tão brilhantemente acaba de traçar com o livro de que nestas pallidas palavras me occupei, elle não terá senão direito á admiracão e ao applauso dos que julgam a Arte um dos mais poderosos instrumentos do Progresso, e não um simples meio de distracção e um simples alvo de vaidades.

MAYER GARCÃO.





TIJUMA DE ALUNOS DA ESCOLA POLITECNICA EM EXERCICIOS PRATICOS DE MINERALOGIA E GEOLOGIA SOB A DIRECÇÃO DO  
LESTE DA CADEIA DR. OSCAR N. DE GOUVEIA.—PHOTOGRAPHIA TIJUMA AO SAIR DA PONTA DA PEDRA, PROXIMO  
A S. JOÃO D'EL-Rei, PELO PHOTOGRAPHO AMADOR DR. E. NINA.



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Maio de 1902

NUM. 17



General Delarey



## Turris Eburnea

A Nestor Victor

Eram, Turris Eburnea! os teus olhos profundos,  
Luas!... que digo, dois céos de Samaria!  
E a Paixão fez-me d'ouro a carne impia  
E a Terra e a Dor. Ah! deliquios de mundos!

A buscar-te parti. Que manhã me sorria!  
Era d'ouro o oceano e o brigue uma ballada  
E tão longe que vae—vêla branca exilada—  
A estrella d'alva desse dia.

Encontrar-te? que o diga o frio  
que me corta...  
Que fizeste, sombra impenitente,  
Para que em vez de ti eu visse a  
terra morta?

Ese eu voltei, quem di-  
rá? pois se eu vol-  
tasse  
Devisar-te, ó céo ma-  
terno, e achei so-  
mente  
Um soluço a tre-  
mer pelas ru-  
gas da face.

Silveira Netto.



## A resurreição artística de Tolstoi (1)

(CONTINUAÇÃO)

II

E' assim que termina o novo romance do conde de Leão Tolstoi, cujo episodio capital procuramos resumidamente esboçar nas linhas precedentes. Intitula-se *Resurreição* e, na verdade, titulo mais adequado não lhe poderia caber, porque é uma dupla resurreição que elle accusa: resurreição moral das suas duas protagonistas principaes e resurreição artística do seu autor.

Sabem todos os que se interessam pelo movimento literario da Europa, na segunda metade do seculo findo, que Tolstoi, depois da publicação de *Anna Karenina*, renunciou por completo aos trabalhos de ficção belletristica e principalmente ao romance, que passou a encarar como um objecto de escandalo, como «um jacto de óleo lançado sobre o fogo da sensualidade amorosa», para consagrar-se inteiramente á propaganda religiosa, ensinando aos homens o verdadeiro caminho da salvação. Quando Melchior de Vogué, em 1887, revelou ao occidente latino a existencia de uma nova literatura, fecunda e rica, e da qual poucos ainda suspeitavam, apaixonando sobremaneira o publico francez,

enfastiados das analyses frias e impiedosas dos disse-  
cadores naturalistas, por esses livros russos, vi-  
brantes de emoção e de amor, já o extraordinario  
artista d'*A guerra e a paz* se havia transformado  
num *moujik* pregador, concebendo pelas bellas le-  
tras o mais soberano desprezo e renegando como  
futil e pernicioso toda a sua obra passada.

Semelhante conversão, fundamentalmente ex-  
plicavel, desde que reintegremos Tolstoi no seu  
verdadeiro meio, revestia contudo um certo exa-  
gero, cuja duração não poderia ser longa. Que o  
romancista russo puzesse as preocupações moraes  
e os intuitos sociaes acima do simples interesse  
artístico na confecção dos seus trabalhos é um fac-  
to naturalissimo aos olhos dos que estudarem, á luz  
do criterio de Taine, a evolução espirital do ro-  
mancista russo. Que semelhante preocupação, po-  
rém, e que semelhantes intuitos o levassem ao  
abandono completo do genero literario em que  
havia até então exercido as suas magnas qualida-  
des de escriptor é que nos apparece apenas como  
um exagero exclusivista de um apostolismo exces-  
sivo, que mais cedo ou mais tarde deveria neces-  
sariamente acalmar-se e desaparecer.

Teodor de Wyzewa, o eminente critico de li-  
teratura estrangeira da *Revue des Deux Mondes*,  
analysando, ha alguns annos, os escriptos philoso-  
phicos do conde Tolstoi e proclamando-os inferio-  
res, sob o ponto de vista da clareza expositiva da  
doutrina, aos romances e aos contos, em que o  
seu autor apregoava essa mesma doutrina no pas-  
sado, terminava assim o seu bellissimo estudo:—«O  
poder e a força da arte são tamanhos que mesmo  
aquelles que a desdenham não podem agir sobre  
nós senão por seu intermedio».

Essas justissimas palavras, que ao tempo em  
que foram escriptas apenas enunciavam, como o  
resultado das observações de um critico sagaz,  
uma grande e profunda verdade, assumem hoje,  
depois do apparecimento da *Resurreição*, um ca-  
racter quasi sobrenatural de propheta, ou antes,  
recebem, com a publicação desse livro, a mais so-  
berana e a mais irresponsivel das confirmações.  
Foi debalde que Tolstoi se procurou convencer, ao  
mesmo tempo que buscava tambem convencer os  
demais, da inutilidade absoluta dos trabalhos de  
imaginação, da nullidade completa dos processos  
artísticos para o aperfeiçoamento moral das socie-  
dades; foi debalde que o magno pintor desses vas-  
tos e fidelissimos quadros historicos e sociaes que  
se denominam *A guerra e a paz* e *Anna Karenina*  
abjurou solemnemente a sua fé literaria, qualifi-  
cando-a de vaidosa e funesta e renegando como  
mesquinhos e indignos os estupendos monumen-  
tos belletristicos que lhe haviam grangeado o ti-  
tulo de um dos maiores romancistas da sua epoca;  
foi debalde todo esse empenho: um dia viria em  
que o extraordinario artista que nelle morava afir-  
maria de novo os seus direitos, momentaneamente  
suffocados pelo exagero exclusivista do seu apostol-  
ismo. E espontaneamente, talvez mesmo a contra-  
gosto seu, as suas idéas, essas mesmas idéas, cuja  
unica vehiculação possivel aos seus olhos era a  
aridez singela dos artigos theoricos e dos tratados  
doutrinarios, revestiriam a sua forma primitiva, va-  
sar-se-iam nos seus moldes do passado, sem que



por isso perdessem uma única partícula da sua essência fundamental ou fossem repudiadas por aquelles que habitualmente as acolhiam.

Já de há muito que a arte começava a constituir um dos objectos principais das preocupações de Tolstoi. A publicação do seu livro *Qu'est-ce que l'art?* claramente nos revela até que ponto se havia modificado o criterio pelo qual o evangelizador slavo julgava essa nobre função do espirito. A esse tempo, diz-nos Wyzewa no prefácio da tradução franceza, já Tolstoi trabalhava na confecção de um romance, do qual sonhava fazer um modelo da arte christã, tal como deve, aos seus olhos, ser d'ora em diante praticada. Mas, por mais que desejasse torna-lo em tudo differente da sua maneira do passado, não lograva realizar esse intento em toda a sua plenitude. E attribuia o facto ao esgotamento das suas poderosas faculdades creadoras, em consequencia da idade avançada em que se achava, parecendo pouco resolvido a dar-lhe publicidade, antes de ter attingido a perfeição que almejava, quando uma circumstancia se produziu, transformando-lhe inteiramente os planos.

Ha quinze annos atraz, conta-nos Bienstock, num curioso artigo sobre o *tolstoismo* na Inglaterra, formou-se na Russia, com o fim principal de espalhar os escriptos doutrinaes do *moujik* de Tula, uma empresa editora, da qual fazia parte M<sup>me</sup>. Tchertkov, cunhada de um dos filhos do romancista, André Tolstoi. A sociedade prosperou extraordinariamente desde o começo, conseguindo lançar cada um dos escriptos do Mestre numa tiragem fabulosa e por um preço inauditamente modico, até então desconhecido na livraria russa. Simultaneamente com essas edições de propaganda, ia a empresa publicando as melhores obras dos escriptores do paiz, de forma que a censura, por largo tempo, não lhe descobriu os manejos. Mas por fim a attenção e a vigilancia dos funcionarios foram despertadas e, depois de algumas medidas preliminares de repressão, recebeu a companhia editora a prohibição formal de publicar os trabalhos de Tolstoi. Começaram então os seus directores a formar o plano de se transferirem para o estrangeiro, quando explodiu, em 1896, a revolta da seita religiosa dos Doukhobors, que se recusam a submeter-se ao serviço militar e na qual tomaram parte Tolstoi e os seus amigos e adeptos, entre os quaes figuravam M<sup>me</sup>. Tchertkov e os seus socios. O governo aproveitou o ensejo para decretar a expulsão destes ultimos, que se foram então refugiar na Inglaterra, estabelecendo ali a sua typographia e principiando desde logo a receber auxilios pecuniarios de todos os pontos do vasto imperio moscovita.

Depois de uma luta renhida, o governo russo cedeu, e permittio aos Doukhobors a retirada para o estrangeiro. A colonia tolstoiana da Inglaterra poz-se em campo para auxiliar-lhe a emigração, a principio para a ilha de Chypre e depois para o Canadá. E Tolstoi offereceu-se então para publicar o seu romance e applicar o producto da venda ás despesas feitas com o transporte dos sectarios emigrantes.

ANTONIO LOBO.

(1) Vide os ns. 15 e 16 d'A Revista do Norte.

## A festa do trabalho

Ha uma virtude superior á patria—é o amor da humanidade.—MANTY.

Quando o leitor abrir este numero d'A Revista do Norte, procurando inteirar-se do movimento intellectual do nosso paiz, os operarios—como uma grande familia, no meio de uma sociedade que não abriga quasi senão oppressores e opprimidos, espoliados e espoliados—os nús da época actual, os denominados *turba vil*, saudarão entusiasticamente a aurora fulgentissima do Primeiro de Maio, entoando canções festivas ao immortal philosopho, que, do alto do Golgotha, ha vinte seculos, já pregava a egualdade humana.

E' inquestionavel que a desigualdade de condições, a luta de classes e a oppressão de uma minoria dominante, desde os tempos mais remotos da antiguidade, tem originado a decadencia, e, consequentemente, a queda das democracias. Nasceram livres e por toda a parte vivemos acorrentados, gritou Rousseau; e, de facto, nas sociedades primitivas havia egualdade e liberdade.

O homem dos nossos dias, esmagado sob o peso dessas poderosas hierarchias politicas, juridicas, administrativas, ecclesiasticas, que se elevam acima delle, preso por diversas convenções impostas pela sociedade hodierna, que delle dispõe como se fóra uma cousa, o homem dos nossos dias, repetimos, passa toda uma existencia de sacrificios, de completo aniquilamento.

A revolução franceza de 1789 apenas serviu para que a burguezia subisse ao poder e se apoderasse, em seu unico proveito, dos bens do clero e da nobreza.

Alguns publicistas tem ensaiado provar que a obra dos Danton e dos Robespierre era socialista, mas das innumeras, e por vezes apaixonadas, discussões feridas entre conservadores e liberaes, evidencia-se inteiramente o contrario.

Ninguém mais criteriosamente do que Deschanel definiu a celebre revolução, escrevendo estas palavras: «O socialismo é o collectivismo; é a abolição da propriedade individual. A revolução é fanática pela propriedade individual, logo não é absolutamente socialista».

O magno problema do socialismo—a propriedade collectiva—nunca foi o ideal dos revolucionarios de 1789. A famosa *Declaração dos direitos do homem* só aproveitou á burguezia, como dissemos ha pouco.

Desde então a tyrannia capitalista, assumindo proporções assustadoras, irradiando por todos os cantos do globo, corrompendo as almas mais puras, dividiu a humanidade em dois campos: num está a miséria e no outro a opulencia.

Mas é sabido que a evolução é uma lei, tanto em sociologia como em biologia; ella determina as formas da vida humana; tudo muda incessantemente, tudo se modifica, se adapta, conforme as necessidades.

Uma idéa, que nos parece hoje utopia, impõe-se amanhã a todos os espiritos sensatos.

As idéas, observa muito bem Novicow, lutam



umas contra as outras, como os seres animados; as que são falsas caem immediatamente, as que são verdadeiras sobrevivem, e, desde logo, fazem parte da consciencia da humanidade.

O historiador do futuro, ao occupar-se dos acontecimentos politicos e do movimento intellectual do seculo XIX, não deixará de reconhecer que o problema social o dominou do começo ao fim.

A solução suprema e completa será dada no seculo que se inicia, máu grado a ingloria campa-

nha de Richter, Mantegazza, Bourgeois e outros.

A terra, como foi primitivamente, não será de ninguém, pertencerá á collectividade.

E dessa hora em diante veremos terminada a luta dos proprietarios e não-proprietarios; cessará o predomínio de uma insignificante minoria de nababos; a liberdade, a egualdade e a fraternidade serão definitivamente proclamadas.

Pereira da Costa Filho.



PERNAMBUCO—PRAÇA DA REPUBLICA

## O mez literario em Portugal

### O theatro

D. Maria: «O Enigma» e «Os Romanesques» — D. Amelia: «Os Crucificados» crucificam o seu autor — Uma derrocada — Nos outros theatros — Companhias para o Brazil — O drama de Marcellino Mesquita — Uma peça prohibida pelo governo.

No dia 31 de janeiro realisou-se no theatro de D. Maria a *première* de duas novas peças, que ainda, no momento em que escrevo, se conservam em scena. São o *Enigma*, de Paul Hervieu, drama em dois actos, traducção do dr. Joaquim Madureira, e *Os Romanesques*, de Edmond Rostand, peça em

verso, em tres actos, traduzida pelo autor destas linhas. Acerca desta ultima, os leitores da *Revista do Norte* comprehendem que eu não possa entrar em considerações, que teriam todo o aspecto de serem interessadas. Sómente direi que a sua permanencia em scena comprova a acceitação do publico e que toda a imprensa de Lisboa lhe dedicou as palavras de louvor que o talento de Rostand requeria, dispensando tambem phrases de benevolencia á traducção, na qual julgou entrevêr meritos.

Por sua parte, o *Enigma* foi o maior successo da *Comédie Française*, no principio da presente epocha theatral, e por uma coincidência interessante, lá, como aqui, acompanhou-o no cartaz *Les Romanesques*, em successivas *reprises*. Posto em scena com inequalavel luxo, e representado pri-

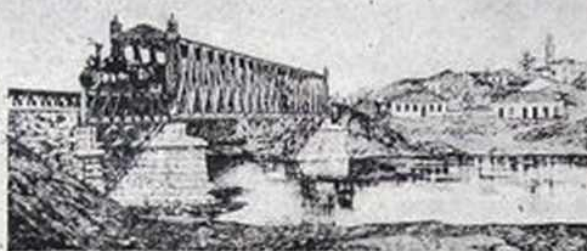








E. F. SÃO PAULO-GRANDE - HOTEL DE VILLE DE PARIS



E. F. SÃO PAULO-GRANDE - PONT DE LA TOURNELLE DE PARIS

morosamente, o *Enigma* obteve da critica um louvor unanime e espantoso, chegando o ponderado Larroumet, successor de Sarcey no folhetim do *Temps*, a dizer que elle constituia uma obra prima do theatro francez. Em Lisboa, onde o seu successo foi grande, a impressão geral não se resentiu dessa unanimidade, antes se distribuiu em opiniões antagonicas, — e, a meu ver, os que gostaram e os que não gostaram tem igualmente razão, desde o momento em que uns e outros analyssem apenas certos aspectos da obra e não o todo.

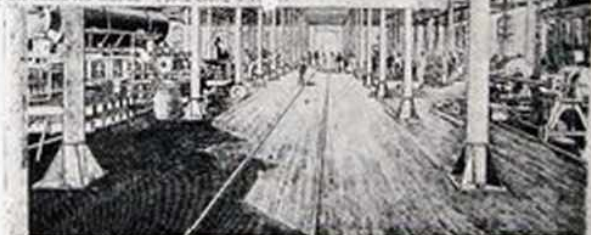
O *Enigma* é uma admiravel peça de theatro, quanto á technica e á forma. Nesse ponto não é possivel negar-lhe, nem o seu valor, nem a sua honestidade. Com o thema do *Enigma*, observou um critico francez, qualquer dramaturgo faria quatro ou cinco actos, que lhe renderiam o duplo, quasi o triplo, caso attendesse apenas aos seus interesses materiaes, de que os escriptores francezes, como se sabe, são tão ciosos. Mas não. Paul Hervieu concentrou a acção toda em dois actos, e é dessa sobriedade que resulta a notavel factura do *Enigma*. Assim condensada, a acção adquire uma intensidade extraordinaria. Não ha uma situação, não ha uma palavra, não ha um gesto que logicamente se possam dispensar, nessa magistral engrenagem. Tudo se relaciona, tudo justifica, tudo contribue para o decorrer da acção e para o seu natural desenlace. E isto não quer dizer que a peça não esteja cheia

de dissertações philosophicas, de controversias moraes, de explosões, de sentimentos. Mas do que se abstraiu foi de toda a rhetorica, de toda a repetição, embora formosa, de toda a excrecencia simplesmente accessoria. D'ahi, o haver logar para tudo, o não se prejudicar a observação d'um unico personagem, nem se omitir a explanação de nenhum principio, daquelles que entram em jogo na these que foi proposta.

Se, porém, do *Enigma*, peça de theatro, passarmos ao *Enigma*, obra de intuitos, a sua philosophia deixar-nos-á singularmente estranhos, apesar de brilhantemente defendida. Trata-se dum caso de adulterio. Ha duas mulheres casadas, cu-



E. F. SÃO PAULO-GRANDE - HOTEL DE VILLE DE PARIS



E. F. SÃO PAULO-GRANDE - PONT DE LA TOURNELLE DE PARIS

nhadas, e uma dellas tem um amante hoje de dos maridos. Qual dellas, porém, é a adúltera? Eis o *Enigma*. Um dia, contudo, descobre-se o adulterio. O amante é surprehendido pelos dois irmãos, que o vêem sair dum corredor que communica com os quartos das duas mulheres. Descoberto o crime, resta descobrir a criminosa. Eis a difficuldade, e ali Paul Hervieu apresenta duas complicadas almas de mulheres fortes, que são magnificos documentos psicologicos. Uma e outra negam, — tanto a innocente como a culpada. Uma defende a sua innocencia, a outra defende, não a propria vida, mas a vida do amante, que só poderá salvar-se pela indecisão dos offendidos. Este, porém, resolve matar-se, e então a culpada denun-



cia-se, num grito que faz vibrar todas as fibras do nosso ser.

Ao pé destes quatro personagens, move-se uma outra figura, a do marquez de Neste, parente e hospede também da casa. Este parente é o raciocinador da peça, e nas suas filias concretizou Paul Hervieu o que pensa sobre o intrincado problema do adultério. Pois bem: que pensa elle, que quer elle, esse velho, cuja bondade mal encobre o cynismo dum velho *viveur*? Quer que se perdoe, não por uma ampla generosidade de alma, senão porque os adulteros não merecem um castigo rigoroso, visto que se limitam a colher, na vida, «a flor immarcheável do prazer». E' textual.

Vista assim, a these do *Enggma* synthetisa-se em aconsellar, com floridos rodeios, o *menage à trois*, que nem os mais avançados idealistas nem os mais asperos realistas tem deixado de considerar uma depravação e uma baixez.

Eis o que é o *Enggma*,—no bem e no mau, devendo, porém, accentuar-se que, com razão de sobra, me surpreendeu outro dia a noticia de que elle fôra prohibido de se representar em Londres, visto não conter uma unica situação escabrosa nem uma unica palavra que faça corar os mais candidos temperamentos.

—Depois do *Outro eu*, uma *pochade* interessantissima de Hennequin e Duval, que Eduardo Garrido traduziu, e com que o theatro D. Amelia inaugurou as suas recitas do Carnaval, deu-nos o mesmo theatro uma nova peça do sr. Dantas—*Os Crucificados*.

Sinto não ter assistido á primeira representação do novo trabalho do sr. Dantas, representação que foi também a unica, porque *Os Crucificados* caíram, nessa mesma noite, e da maneira mais estrondosa que se recorda, nos ultimos tempos, no theatro portuguez. Foi mais do que uma queda, foi uma derrocada,—e tanto assim que o proprio sr. Dantas escreveu á empresa do D. Amelia, pedindo para que o seu drama fosse retirado da scena. O desagrado do publico, segundo insuspeitas informações da imprensa mais affecta ao sr. Dantas, manifestou-se de todas as formas, muito embora esse mesmo publico se mantivesse em attitud de benevolencia durante todo o primeiro acto. Mas, do segundo em diante, as *livades* mais sentimentaes e as situações mais *patheticas* eram recolhidas á gargalhada, e por fim, quando o sr. Dantas appareceu no palco, chamado por amigos compromettedores, tudo se afundou, autor e peça, debaixo duma pateada inexoravel.

João Chagas, escrevendo no *Primeiro de Janeiro* sobre os *Crucificados*, demonstra que o sr. Dantas não é nem nunca foi um poeta, e d'ahi a razão do seu insucesso, ao querer fazer uma obra de sentimento moderno. «Fazer versos,—diz o brilhante escriptor,—não basta para ser poeta». Com effeito, o sr. Dantas não tem o sentimento poetico. A sua analyse é toda exterior. Admira um facto medieval e não comprehende a alma dum ser. Alem disso o sr. Dantas não tem a mais pequena noção do que sejam as aspirações e o sentir do nosso tempo, fallecendo-lhe também o poder creador. E' homem para esgravatar em *chronicons* aventuras

de capa e espada, e pô-las em scena revestidas da sua prosa especial, para a qual todos os seculos transactos contribuíram com os seus vocabulos mais ferrugentos. E nada mais. A opinião geral é que o sr. Dantas tem de voltar definitivamente para as eras de D. Fuas Roupinho. A lição foi dura,—e merecida.

Fracassadas as representações dos *Crucificados*, o theatro D. Amelia tem-nos dado algumas recitas, que têm constituido um verdadeiro prazer espirital para os que amam a boa arte. Refiro-me aos espectaculos que Lucinda Simões e sua filha Lucilia ali tem realisado com o *Monsieur Alphonse*, de Dumas, e a *Tosca*, de Sardou. Sobre tudo, Lucilia tem conquistado os maiores e mais justos applausos do publico e da imprensa.

Dos outros theatros, pouco ha que dizer. No Gymnasio subiu á scena o *Juiz duma canna*, peça traduzida por Accacio Antunes, e que está dentro dos moldes daquelle theatro, tendo agradado muito. No Avenida continua a representar-se o *Tiçao Negro*, na Trindade a revista *Arte Nova* e no Principe Real a *Petiza*.

Estão-se formando varias companhias para irem em *tournee* ao Brazil. A sua constituição, porém, não é ainda definitiva, de forma que seria prematuro registrar boatos. Apenas sei que uma será dirigida pelo actor Fernando Maia, de D. Maria, e que doutra fará parte o distincto actor Ignacio, do Gymnasio. Diz-se também que a Companhia do Normal, dirigida por Ferreira da Silva, irá ali.

A peça de Marcellino Mesquita, a que me referi numa das minhas primeiras cartas, e cujo titulo agora se mudara para *As Victimas*, foi definitivamente prohibida pelo Governo. Devia ir no D. Amelia.

A prohibição da peça de Marcellino é uma arbitrariedade. O governo não dá a minima razão para o procedimento. E' não, porque não. Contudo, o motivo sabe-se serem instancias particulares de Jorge O'Neill, o pae do rapaz assassinado, na rua da Mãe de Agua, pelo dr. Pinto Coelho, para que o drama, no qual julgahaver allusões ao caso, não suba á scena. Eu conheço, porém, a peça, que é uma das melhores, senão a melhor do illustre dramaturgo, e posso-lhes affiançar que taes allusões não existem. Trata-se, é certo, dum caso de adultério, em que o marido mata o amante da mulher. Mas pode-se porventura prohibir que se expone no theatro um facto tão commum como este, só porque um parecido se passou com pessoas de elevada posição social?

A peça, cuja rejeição ainda não é conhecida do publico, porque Marcellino não a facultou á imprensa, deve ser representada no Brazil, e antes disso, ou depois disso, em Hespanha. Já se está fazendo a traducção para um dos principaes theatros de Madrid.

## Outros livros

Publicaram-se durante o mez dois livros muito notaveis. Um é o *Portugal economico*, obra do



antigo jornalista e ex-ministro Anselmo de Andrade; o outro, que pertence á *Bibliotheca de Estudos Sociais Contemporâneos*, que a livraria Lello do Porto, editou. Intitula-se *Introdução ao problema do trabalho nacional*, e é seu autor o illustre publicista Basílio Telles. O primeiro, por ser obra dum homem que passou pelos bancos do poder e reconheceu inconciliável a honestidade do caracter e a probidade da intelligencia com a atmosphera do governo, tal como elle hoje se exerce em Portugal, causou uma legitima sensação. É um trabalho de solido estudo, realizado com a forma apurada dum estylista. O segundo constitue-se de profundas locubrações sobre a nossa existencia economica e social, nas quaes se destaca bem o altissimo valor dum pensador, que é dos mais admiravelmente orientados da nossa patria e uma das mais prestigiosas figuras do partido republicano portuguez.

Publicaram-se tambem reedições do *Ivanhoe*, de Watter Scott, na livraria Guimarães, Libanio & C.<sup>a</sup> e da *Caveira da martyr*, de Camillo, na livraria Tavares Cardoso; os dramas: *A Sociedade Contemporânea*, *Misérias*, *Arthur e Esther* e o *Phantasma de Almoural*, 2 vols, por João Carlos de Gouveia, e iniciou-se a *Bibliotheca Infantil*, dirigida por Maria Velleda, pseudonymo duma das nossas escriptoras, com um volume intitulado *Côr de rosa*.

Ha tambem a notar o reaparecimento da *Comedia Portuguesa*, o bello semanario em que ha doze annos Marcellino Mesquita esparziu as flôres do seu bello espirito. Como então, é Marcellino agora o seu director. No meio das publicações, exclusivamente humoristicas, como a *Parodia* e o *Pimpão*, a *Comedia* destaca-se por ser o que poderiamos chamar um severo pamphileto de costumes, se não fóra a feição leve e artistica que se lhe imprimiu. A folha de Marcellino, sem ser violenta nas palavras, é cauterisante na analyse. *Ridendo castigat mores...* Rindo, Marcellino castiga os costumes convencionaes da nossa sociedade. Não é uma obra simplesmente de humorismo,—é mais alguma cousa: um inquerito. O lapis de distinctos artistas, como Celso, illustra a *Comedia Portuguesa*, que tem tido um legitimo successo, não só em Lisboa como em todo o paiz.

—Este mez houve duas reuniões exclusivamente literarias. Uma promovida por uma commissão, a que preside o conde de Valenças, afim de se fundar uma sociedade literaria com o nome de Almeida Garrett. Fez a conferencia inicial o doutor Theophilo Braga. A outra foi a sessão de homenagem a Victor Hugo, no dia do seu centenario, realisada na Sociedade de Geographia. Esta esteve muito concorrida, mas o acto decorreu frio, ou porque os oradores não soubessem fazer vibrar o sentimento geral ou porque o publico lhe notasse um certo ar de consagração official,—o que é sempre um infallivel meio de gelar ainda os mais profundos enthusiasmos.

## A poesia

*Escavet de licras de versos—  
Poucos e maus—O livro de Junqueiro.*

Nada! Decididamente a poesia estancou nos labios dos seus jovens cultores! Este mez só me vieram parar ás mãos dois volumes de cantos e gemidos lyricos. E ambos se intitulam *Versos*, que é o titulo que se põe a versos, quando se não sabe o que elles querem dizer. Dum nada direi, são poesias dum morto, e infelizmente estão já tão mortas como elle. Do outro, de que é autor o sr. José de Faria Machado, só ha a dizer isto, que por desgraça a tantos outros é forçoso applicar:—*Outro offício!*

Como esperança, que todos os mezes se repete, mas que tambem gradualmente se distancia, afirma-se agora que o livro de Junqueiro sahirá para o mez que vem. Intitula-se *A Caminho do Ceu*. Quando virá elle doirar de sol a poesia portugueza, que desfallece?

Lisbôa, 28—fevereiro,

MAYER GARÇÃO.

## A uma beata

AO JOVELINO PIRES

Eu sinto um vago cheiro a santidade,  
que a sua carne *immaculada* poreja,  
passa o dia a rezar, não sahe da egreja,  
diz-se hysterica, e prega a castidade.

Murmura, muita vez, que em sua idade,  
a Deus sómente adora, e a Deus deseja;  
um padréco, que a escuta, o olhar dardeja,  
cheio talvez de longa voluptade.

Ella, que diz-se honesta, pura e santa,  
que ao céu longinquo o brando olhar levanta,  
a desfiar as contas de um rosario,

não recorda o passado immenso e vasto,  
quando fugindo a um pensamento casto,  
gozára o Amor nos braços de um vigário!

Guilherme de Miranda.

## A minha gardenia

«Gentilissimo espirito que voa».

G. Crespo

Ei-la, a minha gardenia, ei-la ainda em meu peito: vive e agonisa. Tres dias tem de existencia, existencia breve e feliz. Tres dias ha que a natureza começou a delicada tarefa de evidenciar a roupagem branca e setinea da minha flor e desde ahí quantos cuidados e extremos meus por ella! Não





MAYER GARÇÃO

quizerá vê-la murchar tão cedo, mas, ai! a sua nivea corolla perfumosa ali se vai estiolando, tristemente, sob a lei fatal que lhe substitue a branca immaculada pelo oiro detestavel que mata as flores.

Porque esta lei inexoravel para todos os que vivem? Nenhuma piedosa excepção, ao menos, para os entes adorados. Se assim fôra não te extinguirias tu, minha pobre florinha idolatrada, não estarias ali agonizando dolorosamente, enviando-me, já exanime, porções ainda do teu aroma casto e delicioso, que se esvaece aos poucos.

Vaes morrer, bem sei e eu não posso subtrahir-te ao fatalismo da morte. Não quero, entretanto, que te fines assim tão só, tão erma de consolos, sem que te envolvam os pulchros raios da piedade.

Vou dar-te uma companheira eterna, eterna recordação bemfazeja. Dilacerarei as tuas petalas, far-te-ei soffrer, mas que importa?

Sem as agruras da dor não se pode gozar a magia dulcorosa da ventura. A tua corolla radiosa receberá, em uma frase symbolica, a doce narrativa de um sonho adoravel.

Oh! os sonhos...

Bom é sonhar: porém, nem todos o podem. Essa mysteriosa frase ungirá, santamente, a tua agonia, porque se distilla das suas letras todas um balsamo animador e confortativo: será o psalmo da tua vida.

Ei-la escripta... Morre agora, meu divino jasmim, minha suave gardenia, morre. Já te não lamento, pois vaes feliz, como feliz quizerá eu ser.

Nada mais te deve ser penoso agora, gentil ephemera.

Viverás, para sempre, alva e plena de seiva, nas amplitudes da minha reminiscencia. Foste a amiga boa e discreta, por isso te estremeço e sinto confranger-se-me o coração lutoosamente ferido. Minh'alma envolve-se na clamyde das tristezas sagradas e então, contricta, o epicedio da saudade intermina, ao ver cobrir-te, implacavel e fatal, o

oiro detestavel, que vai extinguindo a tua vida branca e perfumosa, como uma esperanza placida e translucida.

Adeus!

MARIA STELLINA VALMONT.

## Supremo

A ALFREDO TEIXEIRA.

Vou, feliz, construir no paiz dos meus Sonhos  
Um supremo solar, de ricas pedrarias,  
Assente á beira duns precipícios medonhos,  
Onde um sol outonal brilhe nas penedras.

Verdes valles em flôr, verdes valles risinhos,  
Grandes, se estenderão, como por bruxarias,  
Aos meus olhos, assim como as nuvens tristonhas;  
Aves de oiro virão cantar nas ramarias.

Guardarão meu solar de radjaescas pompas  
Uns guerreiros anões de panoplias de moiro,  
Que o espaço encherão de clangores de trompas.

Ao supremo clamor das guerreiras inúbias  
Desfilarão ao sol, de turbantes de oiro  
E tunicas gentis, dez mil escravas núbias!

Maranhão Sobrinho.

(Dos Triunfos, inédito).

Cumpra que sejamos mais frios calculadores  
do que poetas entusiastas, mais homens de acção  
do que sentimentalistas histericos.

J. Augusto Coelho.

O caracter da civilização actual é o de uma  
cooperação productiva, tendo como instrumento a  
sciencia.

J. Augusto Coelho.



FROTA PESSOA

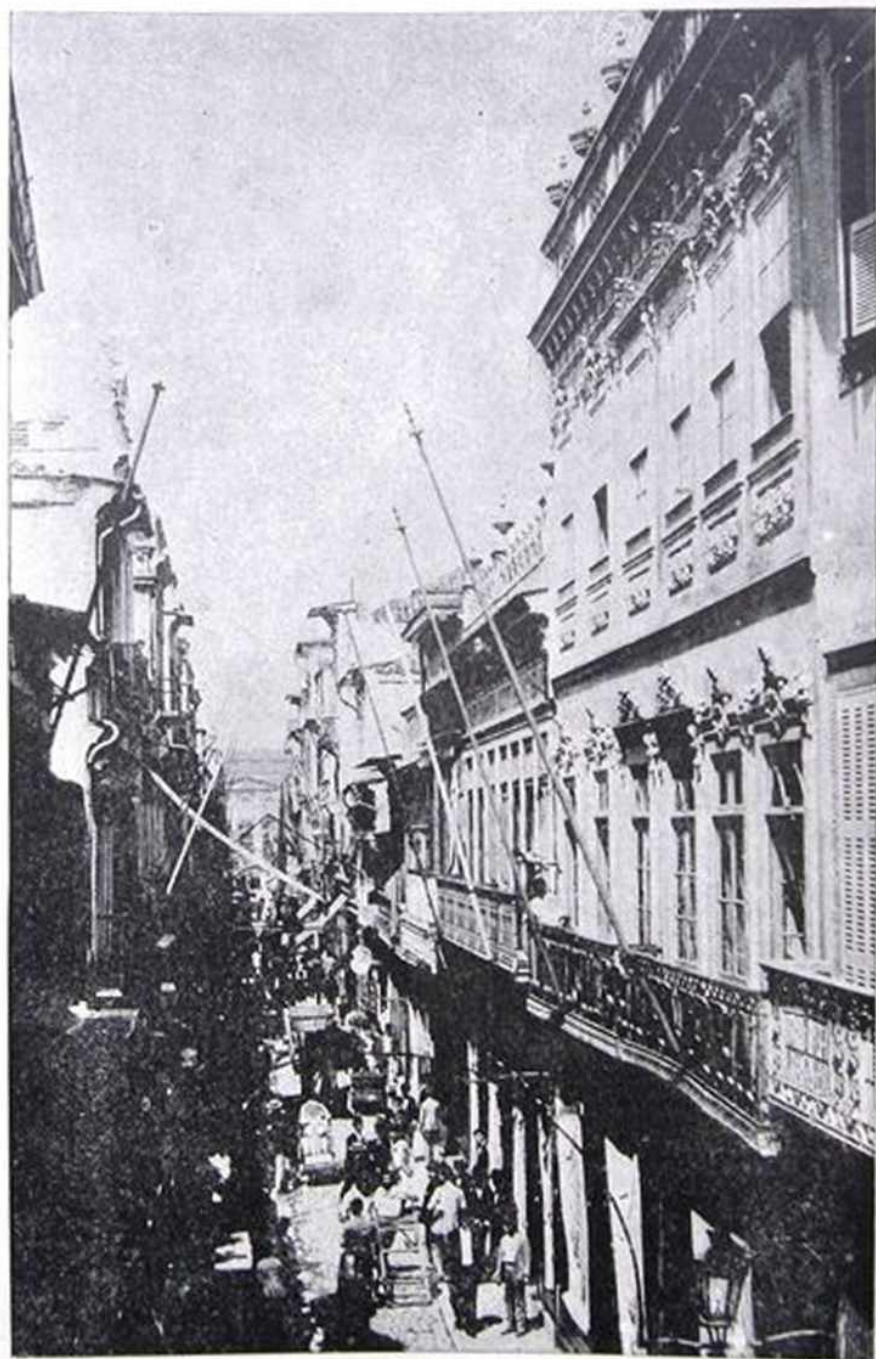


# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhao, 16 de Maio de 1902

NUM. 18



Rio de Janeiro—A RUA DO OUVIDOR



## Versos a uma Saudade

Hoje que é um dia triste entre os mais tristes  
E que o meu coração vai para ti,  
Porque o meu coração sabe que existes  
E a minha boca anda a falar de ti;

Hoje que eu aqui estou á tua espera  
Porque sei que tu has de aqui passar,  
Fingindo que não vês que alguém te espera,  
Sorrindo muito para não chorar;

Hoje que é dia 7 e faz um anno  
Que a minha boca se moldou na tua,  
—Venho esperar-te á esquina desta rua  
Como quem espera a volta de um engano.

Faz annos hoje um beijo que nasceu  
E, morrendo, faltou. Como é preciso  
Para o céu ser azul o teu sorriso,  
O nosso amor faz falta á luz do céu.

Por isso o dia é triste, o ar gelado  
E as coisas têm aspectos de estranheza,  
Como se o pensamento desolado  
Já transbordasse pela natureza.

A tristíssima cinza da saudade  
Do sol, do amor, dos dias de verão,  
Apagou os contornos da cidade,  
Como se o dia fosse nosso irmão.

O nevoeiro cresce—ó sol dourado!  
E a tristeza augmentou—cabello louro!  
E o contorno dos olhos está molhado  
—Vá lá saber se é nevoeiro ou choro...

Por entre a treva fosca, o impreciso  
Dos vultos moveiços arripia;  
E não ha um vestigio de sorriso  
Nem uma cor que fale de alegria.

Tudo cinzento. Sigo o meu caminho  
Nesta saudade do que foi aurora.  
Nunca pensei que estava tão sózinho,  
Nem nunca tive frio como agora!

Tristeza do passado que não volta,  
De que a saudade está quasi no fim.  
Dias de sol! a clara trança solta;  
Sol na janella e tu ao pé de mim.

E' possível que houvesse nevoeiro  
Nesse tempo. Decerto que o não viste,  
Porque, a um amor enquanto for primeiro,  
Vão lá dizer-lhe que a tristeza é triste!

Enquanto dura esta illusão da vida,  
Enquanto o nosso olhar noutro repouza,  
Pode a gente andar bem desilludida  
Que ha de ser sempre, sempre a mesma coisa.

Todos os que amam são, no fundo, eguaes;  
A historia dum amor é a de todos.  
Se, cada que se ri, se ri dos mais,  
Nós não choramos de diversos modos.

E, neste dia em que a saudade é tanta  
Que os meus olhos e o céu já estão molhados,  
Lembra-vos todos do irmão que canta  
Tristeza do seu dia de finados.

Todos tivemos um amor antigo.  
Teremos novos? Quando voltarão?  
—Eu, por mim, choro e quem chorar comigo  
Chora com o seu proprio coração.

Lisboa.

Silvio Rebello.

## A resurreição artística de Tolstoi (1)

(CONCLUSÃO)

## II

Tomado semelhante proposito, metteu mãos ao trabalho e dentro de muito pouco tempo tinha o livro prompto e atirou-o á publicidade, com o titulo de *Resurreição*.

Estava consummada a *resurreição* do artista, com todas as magnas e excelsas qualidades que lhe fizeram a gloria no passado, extraordinariamente depuradas e, por assim dizer, cristalizadas por essa lenta aproximação do tumulo, que já lhe começa a communciar a immortalidade gloriosa que além d'elle o aguarda. Os criticos de todos os paizes apoderaram-se logo avidamente do livro, para pedir-lhe o segredo do progresso ou da decadencia dos dotes excepcionaes do escriptor que o produziu. E foi o primeiro que se lhes revelou logo, desde as primeiras paginas que leram, e foi o primeiro que elles proclamaram, numa enternecida reverencia pela magestade dessa figura, a mais nobre e a mais gigantesca de todas as outras das literaturas do norte da Europa, desse Norte promissor e fecundo, para onde se voltam hoje, numa ansia de regeneração e de conforto, as vistas angustiadas dos meridianos decadentes.

A *Resurreição* de Tolstoi, afirmou um delles, tem a sublime simplicidade das obras em que o genio collabora com a idade, simplicidade que se encontra no *Oedipo Rei*, de Sophocles, na *Iphigenia*, de Glück e no *Parsifal*, de Wagner.

E' effectivamente essa simplicidade, ou melhor, essa harmoniosa unidade da acção, que se continua e se prolongado principio ao fim do livro, indivisa e seguida, a qualidade que mais surpreendedoramente nos impressiona no novo trabalho de Tolstoi. Habituaados ás longuras e ás digressões penosas dos seus romances anteriores, á successão constante de detalhes e de minudencias, á repetição, ás mais das vezes enfadonha e fatigante, de scenas e de episodios, que extraordinariamente demoraram a marcha da acção capital, retirando-lhe, na maioria dos casos, o interesse que o leitor lhe começava a ligar, é uma agradabilissima decepção que a gente experimenta ao constatar na *Resurreição* a ausencia desses defeitos de construção litteraria, substituidos pelos predicados oppostos. Desde a primeira parte do livro, surgem-nos logo as duas personagens em torno das quaes irá gravitar todo o entrecho; sabemos logo da



sua história, conhecemo-lhes a vida passada, sou-  
damo-lhes os sentimentos, descobrimo-lhes as in-  
clinações, finalmente, tratamos com elas o mais  
íntimo e o mais perfeito conhecimento, que nos  
habilita a acompanhar, suficientemente orienta-  
dos, todos os seus movimentos e todos os seus ac-  
tos.

E daí por diante será o drama que entre essas  
duas personagens se passa que irá constituir o  
assunto das páginas que nos vão cabindo de-  
baixo dos olhos. Em torno dessas figuras se  
vão grupar, outras cenas se vão entrelaçar,  
outros episódios entrecer, mas tudo isso apenas  
para formar o quadro em que se movimentam, o  
meio em que se agitam, sem em nada diminuir a  
atração que pelos seus maneios sentiamos, sem em  
coisa alguma retardar a satisfação da nossa curio-  
sidade pelo seu destino.

Uma vez por outras appareça, é certo, o

pregador religioso a doutrinar theoreticamente, in-

tervindo pessoalmente no desdobrar da ficção;

mas são tão leves essas escapadas, veem tão a pro-

posito, e são de um interesse tão profundo essas

idéas que assim divulga, que chegamos quasi a

perdoar esses ligeiríssimos senões, ou melhor, sen-

timos que elles seguem pelo contrario para aguçar

o nosso interesse. E vamos desse modo até a úl-

tima página, até ao desenlace do drama, a cujo in-

ício assistimos logo nas primeiras, seguidamente,

sem uma interrupção e sem uma falha, suggestio-

nadamente presos às oscillações luminárias da

quellas duas existências sympathicas, sympathi-

cas, dizemos nós; mas será com effeito esse o sen-

timento que nos despertam em toda a leitura as

duas protagonistas captaes do romance? Tocamos

agora aqui no valor moral da *Resurreição*, isto é,

nos problemas de ordem moral que esse livro sug-

gera, consequentemente no seu alcance utilitário e

social; vejamos, pois, se esse valor moral corres-

põe ao valor literário que o enaltece.

No conjunto geral do livro, resumindo e syn-

thesando as multiplicas impressões que a sua lei-

tura nos deixa no espirito, Nekhludov e Katucha

como que se despem da sua personalidade espe-

grando-se em figuras symbolicas da sociedade con-

temporanea, representando cada uma dellas uma

das duas classes em que essa sociedade se divide;

a dos fortes e a dos fracos. A primeira, rica, pode-

rosa, influente, dispoendo de toda a força e de toda

a autoridade que a organização social vigente lhe

conferi, vivendo ociosa na riqueza e no fausto,

cercada de todos os confortos, rodeada de todas

as commodidades, inteiramente entregue a satis-

facção dos seus appetites indigenes, das suas ambi-

ções inconscitaveis, dos seus caprichos aviltantes,

Para elles, para os dessa classe privilegiada e que

se fizeram todos os gosos da existencia, todos os

prazeres da vida. Satiados e felizes, suppondo-se

talvez feitos de uma massa mais nobre do que a dos

restantes dos homens, que lhes importa a sorte

das classes que lhes ficam abaixo, na hierarchia so-

cial? O dever destas ultimas é contribuir com o

seu sangue e a sua vida para a manutenção do seu

bem estar. E a classe de Nekhludov, dos Korchu-

zine, dos Kolossof, dos Sergueievitch, dos Rago-

zinska, e todos esses fidalgos e esses funciona-  
rios, esses industriaes e esses burguezes, que no  
romance peçassam, grotescos, repugnantes, cru-  
eis, impiedosos, sem uma idea util a aclarar-lhes a  
intelligencia, sem um sentimento bom a emotio-  
nar-lhes o coração.

A outra é a classe dos desherdados e dos her-  
mildes, sem regalias e sem direitos, eternamente  
sacrificadas a cubica insaciavel da primeira, mor-  
rendo uns esmagados nas rotacoes impiedosas  
dessa engraxagem maldita, procurando culros re-  
sistir as flagellacoes que os serviam, mas todos no  
mesmo grão desditosos, com a mesma intensidade  
de infelizes, da mesma forma dignos de compaixão e  
de amor. Para elles todas as rudes provas da  
existencia, todas as duras inclemencias da sorte,  
todos os excruciantes martyrios do destino. E o

munido de Katucha, de Kriliov e de toda essa va-  
ria legião de infortunados, que enchem os carce-  
res, que povoam os pateos das repartições de jus-  
tiça, que se amontoam nas cellulas das prisões,  
que se esbofam às intemperies do tempo no cami-  
nho do desterro, que morrem suarentos e ensan-  
guentados nas gelidas steepes da Siberia. E o  
mundo de todas essas figuras sinistramente tristes,  
dispostas em largos planos sombrios, nas mais do-  
loridas e nas mais grandiosas paginas do romance,  
humedecendo-as com as lagrimas das suas angus-  
tias, enegrecendo-as com a morte da sua desven-  
tura, agitando-as ao sopro choroso das suas mise-  
rias. No desenho desses typos, na representação  
trágica dessas figuras, Tolstoi elevou-se as alturas  
luminosas onde pairam os genios: emparelhou com  
Shakespeare e com Homero.

Assim dispostas em face uma da outra, com  
interesses que se chocam, se contradizem e se re-  
pellam, a existencia dessas duas classes não se po-  
derá manter illeza, sem uma luta renhida e tenaz.  
E preciso que uma formule e disponha as suas  
precações, procure cercar-se de elementos de re-  
sistencia, para garantir, contra as tentativas da  
outra, a posse inteira dos seus privilegios. A se-  
gunda, por seu lado, não se poderá eternamente  
resignar a sua condição de espolido; buscará tam-  
bem os seus meios de reaver os direitos, cuja no-  
ção e cuja consciencia lhes chega, afinal, após lon-  
gos seculos de ignorancia e de obscurantismo, de  
sufocação resignada e de paciente submissão. As ar-  
mas de que se serve a primeira são as instituições  
mas de que se serve a primeira são as instituições  
sociaes e com especialidade a justiça, com todo o  
seu cortejo de elementos de affirmação, que lhe  
garantem a efficaçia da acção e a plenitude do  
exercício. Mas essa justiça, applicando-se assim a  
sustentar uma ordem de coisas diametralmente op-  
postas a noção abstracta que lhe forma o fundo,  
perde o seu caracter sagrado e soberano, aviltan-  
do-se até ao ponto de formar apenas uma prohi-

são asseguradora dos meios de subsistencia mate-  
rial.  
Tolstoi é, na verdade, impiedoso na pintura  
dos seus magistrados, cuja unica preocupação  
consiste, não na distribuição exacta e imparcial da  
justiça, mas apenas em obter um accesso na car-  
reira, consequentemente um augmento de vencti-  
mentos. São dignas de leitura as paginas em que  
elle nos descreve o julgamento de Katucha e os



sentimentos e as disposições de animo dos juizes que nelle funcionaram.

O presidente do tribunal, apesar de casado e de chefe de familia, levava uma vida dissipada e licenciosa. Nessa mesma manhã havia recebido um bilhete, em que uma governante suissa, que em tempos fizera parte do pessoal da sua casa e por

quem concebera uma inclinação amorosa, lhe marcava uma entrevista, para as tres horas da tarde, num hotel qualquer da cidade. Nestas condições o seu maior empenho era abreviar as formalidades da sessão, para não perder o *rendez-vous* prometido. Um outro juiz tivera tambem nesse dia uma scena desagradavel com a mulher, a quem censu-



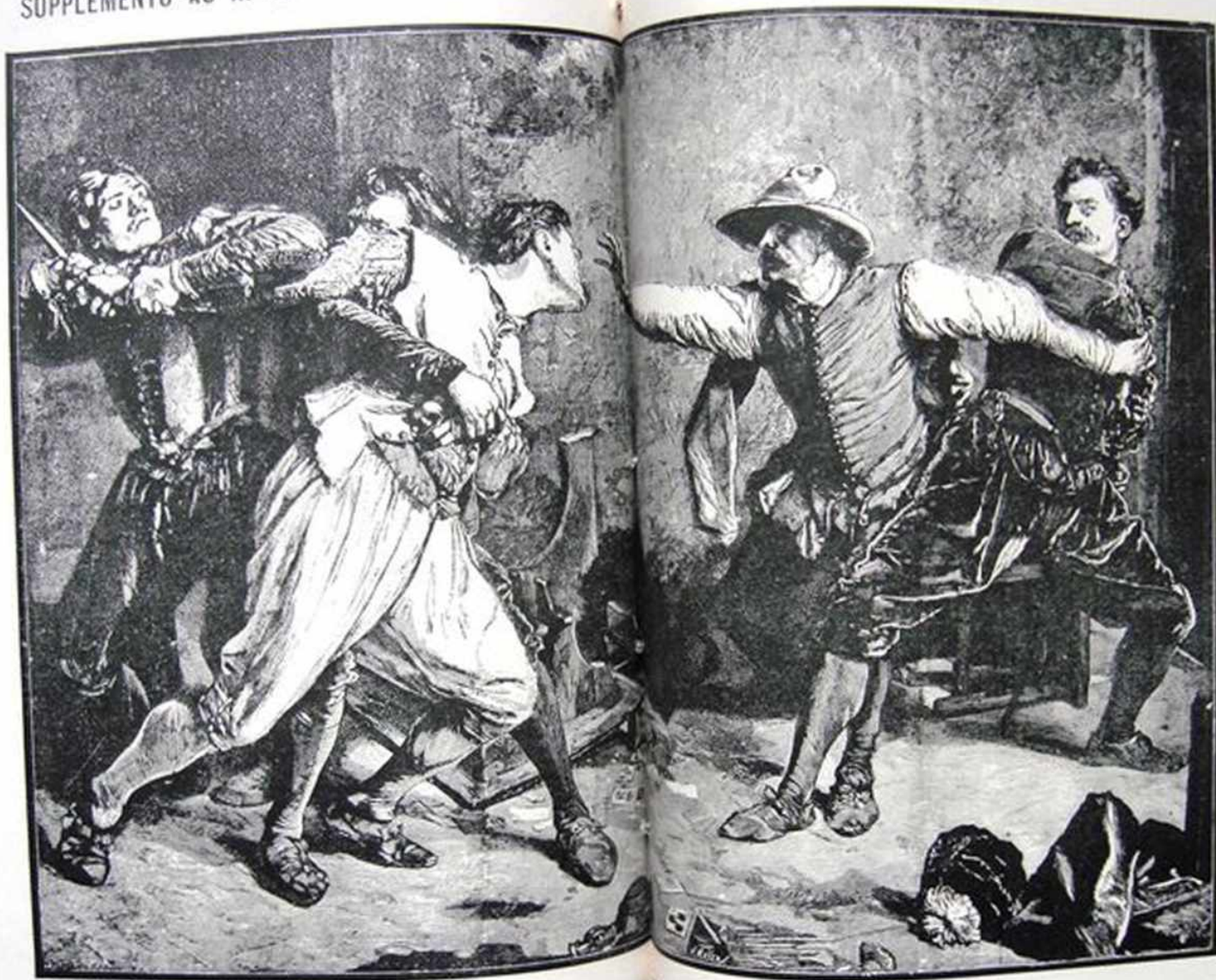
PARÁ — Palacete onde reside o Governador do Estado

PREDIO DA COMPANHIA DE SEGUROS GARANTIA DA AMAZONIA

rava haver gasto rapidamente todo o dinheiro que lhe dera para as despesas do mez; e esta ultima ameaçara-o de não lhe dar de jantar, para puni-lo da sua avareza, de sorte que a sua preocupação no tribunal era apenas essa perspectiva de dormir com fome. O substituto, encarregado da accusação, cuja imberilidade fôra agravada ainda mais pelo tirocinio universitario, passara a noite na cra-

pula e no jogo e fôra acabar a pandega numa casa de tolerancia, a mesma em que residia Katuchana ocasião em que foi presa; assim, não teve tempo nem de lançar um golpe de vista aos autos que se iam julgar. O escrivão, que sabia do facto e porque ambicionasse o logar do substituto e tambem por ser de politica diversa a delle, conseguira do juiz que escolhesse justamente esses autos para a ses-



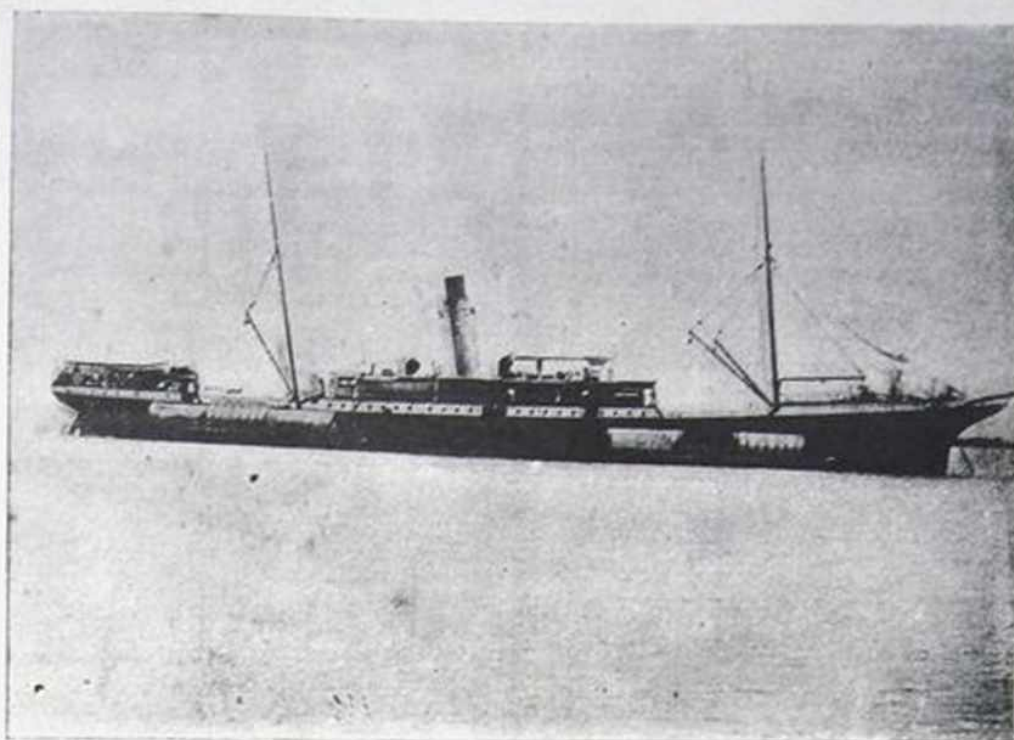


A REVISTA DO NORTE

Meissonier RIXA

MARANHÃO—BRAZIL





VAPOR BOURBON—Da The Liverpool and Maranhão steam ship C.º

são do dia. Um outro magistrado estava encalarrado e concebera a idéia exquisita de que poderia naquele instante verificar se os remédios, em cujo uso se achava, conseguiriam ou não libertá-lo do achaque: era ver se o numero de passos que fizesse do seu gabinete á sua cadeira na sala do juiz era divisível por tres; no caso affirmativo sararia, no contrario, não.

O remédio a que recorre a classe espoliada para as suas reivindicações é a revolução, a submersão violenta da ordem social estabelecida, o aniquilamento completo das instituições que a esmagam. Mas essa revolução também peca por sua vez, não só porque no fundo aspira apenas a inverter a ordem de coisas existente, como também porque a maior parte dos que a dirigem são impulsionados por motivos egoístas, por ambição, por vaidade e muitas vezes «por esse sentimento que impelle os moços a desejar o perigo, a expor-se aos seus riscos, a procurar na febre dum jogo uma variante á monotonia da vida que levam».

Nestas condições, que fazer? Cruzar os braços resignados ante o *statu quo* actual, considerando-o impossível de modificação? Não, absolutamente não; desde o momento em que a experiencia demonstra que a luta e a força são duas armas impioficuas para a resolução do problema, o dever é ir procura-la nos processos oppostos. E esse processo é aquelle que Nekhludov exprime no seu monologo no comboio que o conduzia a Nzini-Norogovod. É o amor, o amor verdadeiro e real, todo de abnegação e de renuncia, apaziguando as lutas, nullificando as forças de resistencia á junção das duas classes, penetrando-as até ao intimo da alma,

PARAHYBA DO NORTE  
PORTA DA FORTALEZA DE CABEDELLO



fazendo-as fraternisar no esforço para a desapareição das desigualdades sociaes, para o desaggravo das injustiças actuaes, para o trabalho commum da felicidade humana. Não é fóra de nós, mas em nós mesmos que a salvação reside.

Tal é a convicção final a que nos conduz a leitura do novo romance de Tolstoi. É um sonho, é uma utopia essa convicção, ou, por outras palavras, essa esperança confortante, que num glorioso clarão de apothéose lhe illumina as derradeiras paginas?

Talvez. Mas o caso é que utopia e sonho foram consideradas no seu alvorecer quasitodas as idéas nobres e altruistas, quasi todas as noções de justiça e de equidade que hoje reconhecemos como um axioma indiscutível, embora nem sempre as pratiquemos.

ANTONIO LOBO

(1) Vide os ns. 15, 16 e 17 d'A Revista do Norte.

## Ceci tuera cela

(PARAPHRASE)

Sempre o mesmo scenario: a tropa sae, nas sellas  
Retinem faiscando os gladios irritados;  
Soberbos vão passando os pendões desfraldados,  
Ao longe o echo repete a voz das sentinellas.

De alcatéa, em redor das altas cidadellas,  
Canhões vélam por entre obuzes empolhados;  
Ouve-se alem, no campo, o tropel dos soldados—  
E o soluço das mães na sombra das viellas.

Que espada formidanda em pulso de gigante  
Ha de um dia expulsar, severa, flammejante,  
A raça de Caim da criminosa arena?

Derrocar bastiões, encher de terra os fossos,  
Varrendo esses tropheus feitos de sangue e d'ossos?  
Matar quem póde a GUERRA? Uma só arma:—A Penna.

Pethion de Villar.

## 0 mez literario em Portugal

Antonio Nobre

Foi no dia 18 deste mez que completou dois annos o transito do doce poeta. Não podia fazer-se-lhe mais digna commemoração do que lançando ao perpetuo esquecido que é o publico, o ultimo *recueil* de versos em que desentranhou as suas maguas o seu amargurado coração. Assim, as *Despedidas* produziram-me, como decerto a todos os que amaram o alto e delicado sentimento desse até agora derradeiro cantor do sentimento em Portugal, não a impressão de ver alguém despedir-se para sempre, mas sim a commoção de quem vê regressar alguém. Não é uma despedida, é uma visita,—a visita dum querido ausente. Como nas lendas, uma alma amada, uma alma penada, e bem penada, surge na visão dumas brancas paginas de

linho, que se diria a mortalha, diaphana como um sonho, de que se revestem os espiritos.

Dois annos passaram, e o doente triste que correu a Europa e a America em busca da vida dorme o seu somno de morte sob alguns palmas de chão portuguez, circundado da paisagem que viveu sempre nos seus olhos, tanto nos campos em flôr da França como nas montanhas de neve da Suíça. Dorme em terra portugueza, suprema consolação para esse grande sentimental portuguez, que como resignado e contente filho desta terra ali assista com um ultimo sorriso o esquecimento dos seus irmãos.

Estava bem esquecido, Antonio Nobre! Negaram-o, em vida; calam o seu nome, morto,—os que, como elle, trabalham com uma penna para fixar em imagens de brilho e rimas de encanto as elevadas emoções da Poesia. Calam-o os illustres, os maiores, irmanando-se na mesma mesquinha rivalidade com os impotentes e os mystificadores, que a furia do reclamo indecoroso nunca levantará a alturas onde os beije o sol! Vivo, ainda, o aggreddiam, o amesquinhavam, o calunniavam, emquanto os seus pobres pulmões se desfaziam, sem que vingassem tonifica-los nem os ares estrangeiros nem as brisas patrias. Mas essa aggressão ainda era vida, ainda era consagração e estímulo. A morte levou-o, e então o silencio reinou, obscuro, gelido, assassino,—mais assassino do que a treva, mais assassino do que a neve, mais assassino do que a Morte. . .

Todavia, como elle é grande! Aproveitavam-se de má fé as suas fraquezas, os seus erros, as suas irregularidades, isso tudo que chegava a constituir ridiculos, que era mesmo ridiculo, grotesco, inferior, mas de que a sua alma, a sua extraordinaria alma poetica, triumphava, em luta mais grave e mais séria do que toda a que lhe movia a rancorosa inveja dos mediocres e dos egoistas. Os seus proprios amigos contribuíram para o desacreditar, dando-lhe cognominações de chefe de escolas literarias decadentes, a que elle não pertencia, senão por exterioridades que em nada affectavam a sua intima caracteristica poetica. E de tudo se salva esse extraordinario poeta,—dos versos errados, das imagens falsas, das inovações pretenciosas. Sob a duna de areia artificial e informe, um magnifico veio de puro ouro existia, e a mais pequena aragem como a mais livre investigação punham-o a descoberto na sua beleza doirada e gloriosa.

Antonio Nobre foi o derradeiro cantor do sentimento portuguez, e, quando digo o derradeiro, não tenho a pretensão de fechar a serie dos poetas que o exprimem, mas pretendo accentuar que ainda até hoje ninguém o excedeu, nem sequer se lhe aproximou. É triste e é bom,—soffre, sente e canta. Não precisava dizer isto a quem leu o *Só*; é, porém, necessario não deixar escapar um só ensejo de dizer uma palavra de justiça, em tempos tão duros e ingratos de avassaladora injustiça. As *Despedidas* confirmam o mesmo sentimento, authenticam a mesma alma e suggerem a mesma commoção. Que mais dizer dellas? Que são um livro de forma imperfeita, contendo muitas paginas que o autor,



vivo, não publicaria? Para que dizê-lo? Apontamentos, notas, impressões ainda mal fixadas,—eis de que se constitue esse volume. Mas esse volume já não é uma obra de arte, no sentido de correção que se pôde atribuir a esta palavra. É o testamento de quem vai morrer,—de alguém que foi sempre como uma criança e que entre queridos exala os últimos alentos dum grande e magoado coração, balbuciando o derradeiro adeus a uma vida ingrata de que ainda se não pôde libertar sem saudades e lágrimas.

Fizeram bem o irmão, os amigos de Antonio Nobre em publicar estas dispersas rimas, que são como destroços dum naufrágio, em que se submergiu um elegante e airoso navio? Tenho ouvido dizer que não. São ainda os seus detractores ou são ainda os que nunca o comprehenderam,—a encobrirem com um manto de hypocrisia a sua emulação ou a estadearem ainda sobre um cadáver a sua suína estupidez. Não! Fizeram bem,—diz-m'o o coração. Fizeram bem, como fez bem o grande publicista Bruno em prefaciá-lo sentidamente esse testamento poetico. Fizeram bem,—porque protestaram, e ao menos num dia fizeram viver o nome desse poeta, três vezes poeta,—pelo talento, pela alma e pela dor.

São decorridos meia duzia de dias sobre o apparecimento desse canto de azul translucido no firmamento obscurecido de mediocridade que pesa sobre a arte portugeza. O nome de Antonio Nobre está de novo esquecido,—e agora por muito tempo, senão para sempre, a não ser que uma geração intelligente, honesta o reivindique e proclame, num grande brado de homenagem e de justiça. Nem um só grande poeta veio dizer uma palavra sobre esse grande poeta. Como Cesario Verde, está esquecido, está morto, está assassinado pela segunda vez,—elle que foi, nos ultimos vinte annos, com o Cesario, um desses poetas que, logo de estreia, vinham uma personalidade artistica e falam a linguagem divina da Poesia. Embora! Aquelles que vêem na Arte mais alguma coisa do que triumphos egoistas e faceis, pela mystificação e pela deslealdade, não olvidaram nunca, como eu nunca olvidarei, essa poesia sonora e doce que, além da morte, nos vem ainda cantar ao ouvido, em voz baixa e tremula, as mais limpidas emoções e as mais suaves harmonias da Vida.

## O romance

«Maria do Ceu»—As afirmações dum prefacio—O Bem: renuncia e luta.

Maria do Ceu é a collecção de cartas de Marcello á sua amada, que tem este nome divino. O romance em cartas é um genero antigo, mas presta-se admiravelmente ás galas do estylo. O sr. Julio Brandão, escriptor distincto, que como poeta e romancista nos deu já as suas provas, desde o *Livro de Aglaia* até á *Pharmacia Pires*, não o ignora, e como é, sobretudo, um estylista, escolheu-o, no uso legitimissimo dum direito, para nos seus moldes vasar a nova producção do seu espirito. Temos portanto assente,—em minha opinião, é claro, visto que não recebi procuração do illustre literato

para definir as suas intenções,—que *Maria do Ceu* se deve classificar, primeiro que tudo, como uma obra de estylo. E, sendo assim, cumpre affirmar que ella, nesse ponto, está brilhantemente realisada.

Não basta, porém, o estylo, não basta a forma para um trabalho de arte, tal como ella modernamente se considera, desde que a Critica poz no primeiro plano da sua analyse a averiguação dos intuitos, isto é, desde que fixou á arte uma finalidade moral. É necessaria mais alguma coisa,—e essa alguma coisa é precisamente esse intuito. O sr. Julio Brandão comprehendeu-o ainda, e muito bem. No magnifico trecho de prosa que é o prefacio do seu proprio livro accentua a sua intenção moral. É o Bem,—é a *intuição do Bem* mais do que o *conhecimento do Bem*, o Bem adivinhado pelo coração e não investigado em theorias. E assim construe o typo sentimental de Marcello,—ingenho, doce e candido, pensando, fazendo o Bem, com a mesma tranquilla serenidade dum veio de agua que vai dessedentar os labios dos mendigos, que só a ella têm certa e segura na terra. Eis a these do livro, a que serve de moldura uma filigrana trama romantica.

É puro, é bello, isto,—mas será grande? Ou talvez melhor: será certo? Pode o homem abstrahir desses sabios, cuja voz, quero dizer, cujo ensinamento não vale para o sr. Julio Brandão «a voz dum rouxinol»? Vem-me aos bicos da penna a profunda reflexão de Hugo: *ser bom é facil; o que é difficil é ser justo*. Renunciar, sacrificar-se, ser como um vime para a tormenta de oppressão e de iniquidade que passa, é relativamente facil, é até mesmo relativamente commodo. Commodo? Sim, desde o momento em que, sujeitando-se aos baldões da existencia, se não queira ser agitado na alma. Ora foi para as agitações vitais e proficuas da alma que ella se criou e elevou na comunhão das aspirações humanas. Ser bom, pessoalmente, estritamente bom, será um exemplo? Será. Esse exemplo, porém, morre quando o não vitalisa a acção. Erradamente se tem supposto o Christo como um grande documento dessa renuncia. O Christo foi um revoltado: elle o disse,—*vim trazer a guerra*. O Christo é o protesto, é a doutrinação insurreccional contra uma sociedade inteira, tomando o soffrimento como arma dessa doutrinação. Pregado numa cruz, caminha: essa cruz é um vehiculo, a sua tunica é uma bandeira. Foi bom perdoando á mulher adultera, foi justo expulsando os vendilhões do templo, e o sr. Julio Brandão crê-o decerto,—foi-lhe mais difficil pegar num latego do que proferir um perdão.

*Ser bom é facil, ser justo é que é difficil*. E é na Justiça que está a suprema bondade. Não, não basta que eu, para não manchar as minhas mãos em sangue, me deixe trucidar. Posso dispor de mim, mas se, pela falta do meu esforço, outros vão soffrer, outros continuam soffrendo, uma humanidade inteira está vergada á dor iniqua, eu não tenho o direito de me esquivar ao grande dever solidario de lutar. Como? Por todas as formas, desde o martyrio acceto como protesto até á espada empunhada como recurso. E nessa obra de





ANTONIO NOBRE

progresso moral, que todo elle não é senão uma luta, a palavra do sabio, o canto do poeta, o sofrimento do apostolo são outras tantas armas da Justiça.

Posto isto, como reparo ás afirmações do prologo do livro de que me occupo, resta consignar o valor literario de *Maria do Céu*. Vimos que a sua intenção é nobre, muito embora, a meu vêr, claudique por erro de apreciação; como trabalho de arte não é menos elevado. Nellese revela o sr. Julio Brandão o que se pode chamar um prosador feito. O estylo é macio, suave, ondulante,—lembra um pouco Eça, e, se bem que o não atinja na perfeição, é todavia menos feminino, traduz melhor na sua relativa rizeza uma alma de homem, que, embora sensibilizada, não deixa de ser masculina. Prejudica um pouco a acção romantica o género especial do livro, essa successão de cartas que, ainda que não enumeradas, têm sempre o mesmo ar de reflexão intima que lhe imprime uma continuada monotonia. Mas—repito—a principal qualidade literaria da obra é o estylo, —o estylo que nos affirma já um prosador notavel e que, despontado das arestas que, num ou noutro ponto, ainda se lhes observa, nos ha de dar um primorissimo artista.

—A seguir. MAYER GARÇAO.

## Cantando...

Cantando nasci, cantando,  
hei de morrer,—meu amor;  
zombando vivo, zombando  
da fera que chamam—Dôr.

Esta cruel e malvada  
empolgou meu coração,  
logo á primeira passada  
que dei neste mundo vão.

Nunca soltei um gemido,  
lagrimas nunca soltei;  
ninguem porém tem curtido  
maguas que sempre occultei:

Na infancia... que paraíso  
o mundo me pareceu!...  
sempre nos labios o riso;  
que o peito nunca gemeu.

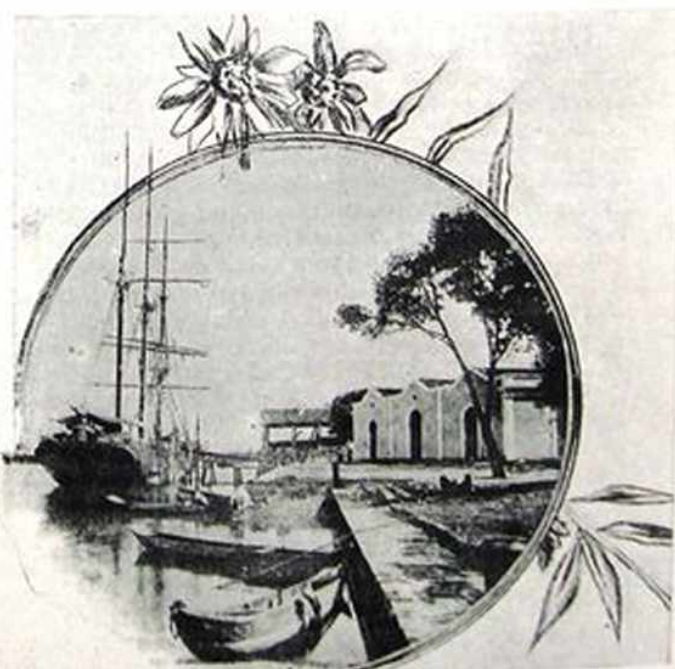
Na mais sã philosophia  
minha alma se acastellou;  
e o perfume da poesia  
minha vida embalsamou.

Companheiras innocentes,  
eu não posso acreditar  
que ellas iam, inconscientes,  
minha desgraça cavar.

Mas eu morrerei cantando,  
porque cantando nasci...  
Meu Amor, se estás chorando  
sêca o pranto, canta e ri.

Pará.

JUVENAL TAVARES.



PARAHYBA DO NORTE

O PORTO DE CABEDELLO



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Junho de 1902

NUM 19



Rio de Janeiro—Em caminho do CORCOVADO



## A grande morta

Está-me lembrando aquella que passava  
Todos os dias pela minha porta,  
Está-me lembrando aquella que eu olhava  
E que é grande por ser já uma morta.

Está-me lembrando aquella que era linda  
E pequenina como o meu amor;  
Tinha seus olhos azues—e é isso ainda  
Que faz que eu goste mais d'aquella côr.

E o seu vestido roxo? Que saudade  
Da sua voz tão linda, do olhar!  
—Que mal faria a Deus a mocidade  
Para Deus tantas vezes a matar?

E essa ultima vez—o dia, enfim,  
Em que ella se sorrio á minha porta!  
E é essa boca a rir-se para mim  
O que me lembra mais daquella morta.

E' sempre a rir-se que me lembra aquella  
Que tinha um peito mesmo igual ao meu;  
Feliz de mim que inda me lembro della  
Ai! coitadinha della que morreu!

Aquelle riso foi a despedida  
De mim, que nunca mais a pude ver;  
—Voltou a esquina e acabou-se a vida,  
Quando subia a rua ia a morrer!

A tysica seccava-a, e a canceira  
Fazia-a parar tanto no caminho!  
Ella tinha um andar de ave ligeira,  
Ella a morrer foi como um passarinho.

A tysica seccava-a! bem me lembro  
Aquelle dia em que eu chorei, em vão;  
—Quando as folhas cahiam em novembro,  
Cahia aquella flor da minha mão.

Tinha quinze annos só, sem desenganos,  
Tinha alegria e vida—e tinha mãe  
E a tysica levou esses quinze annos,  
Quando eu só tinha dezeseis também!

Tinha quinze annos só—a mocidade,  
E o amor, o amor quasi a nascer,  
—Quando as mais, afinal, naquella idade  
E então que começam a viver!

A tysica seccava-a! E eu nem via  
Tão céguinho já estava por a ver,  
Que ella, com quinze annos, nesse dia  
Me pedia licença p'ra morrer.

E morreu e morreu! E lá está morta  
Entre os mais mortos na eterna Paz  
Aquelle que passava á minha porta  
Todos os dias com um velho atraz.

Está-me lembrando aquella que passava  
Todos os dias pela minha porta,  
Está-me lembrando aquella que eu olhava  
E que é grande por ser já uma morta.

NUNES CLARO.

## O mez literario em Portugal A poesia

Theophilo Braga: «Os Doze de Inglaterra», — «O Milagre do amor» — Mais José Agostinho!

O facto da commemoração anniversaria da morte de Antonio Nobre, com as *Despedidas*, me ter levado a destacar a publicação desse livro de versos derradeiros, impediu-me de dar esse destaque a uma obra de alto valor, que representa a iniciação de mais uma admiravel empreza por parte do grande homem de letras, que é Theophilo Braga.

Refiro-me a *Os Doze de Inglaterra*, com que Theophilo acaba de começar a epopeia da *Alma Portuguesa*.

O episodio dos *Lusiadas* que trata da expedição cavalleiresca de Magriço e os seus intrepidos companheiros é universalmente conhecido. Quizera-o já desenvolver Garrett num poema, mas não levou a cabo a generosa intenção. Realisa-a agora Theophilo Braga e a sua concepção é ainda mais vasta do que a do grande Romantico. Symbolisando nos cavalleiros portuguezes, que vão defender a honra das damas do duque de Lencastre o caracter amoroso e cavalleiresco da raça, extrae desse amor, desse espirito de cavallaria andante, o typo nacional dum povo, que pelo caminho heroico da Aventura realison a conquista dum ideal humano e abriu as portas á civilização moderna, na dilatação de novos mundos para a expansão universalista.

O poema é feito em verso de varios metros, e constitue um altissimo trabalho historico e literario, como todos os que saem da penna do illustre escriptor. E' o quadro duma epoca, com os seus costumes, as suas lendas, os seus romances duma admiravel ingenuidade amorosa e batalhadora. Nos saes da Corte de Londres, como nos paços de Cintra, e na romariaatravez de Hespanha e França do Magriço, esses cantos dum ideal satisfeito surgem, matinando a narrativa heroica, como flores duma poetica belleza. Percival diz a sua anciedade, o *Graal* relampeja no seu mysterio, Lohengrin assoma na sua barca de ouro, a *Ala dos Namorados* avança a sorrir nos combates, Amadis desembainha a espada, Rolando chega enfim aos labios o seu *oliphant*, e a branca andorinha do Calvario arranca, com delicadezas de mãe, os espinhos da fronte do sonhador crucificado.

Como disse, *Os Doze de Inglaterra* constituem um dos volumes com que se deve formar a obra, que Theophilo denomina: *a grande epopeia dum pequeno povo*. O notabilissimo escriptor deu-lhe já



SUPLEMENTO AO N. 19

1 DE JUNHO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

O nascimento de venus

MARANHÃO—BRAZIL



o título geral,—é *A Alma Portuguesa*; e distribuiu já a sua composição. A primeira parte intitular-se-á *Viriato*, (narrativa epo-histórica), a segunda *Frei Gil de Santarém* (drama lenda), a terceira *Linda Iguez* (tragedia clássica), a quarta é *Os Doze de Inglaterra*, o poema agora publicado; a quinta *O Peito Luzitano* (rhapsodias cíclicas das navegações), a sexta *Canções* (poema epo-lyrico) e a sétima e final *Gomes Freire* (drama em cinco actos).

Toda a obra, bem como *Os Doze de Inglaterra*, é edição da casa Lello & Irmão, do Porto,—a constante editora dos trabalhos de Theophilo Braga.

Por uma obra de valor, é inevitável que entre nós appareçam duas ou tres inferiores ou mesmo vergonhosamente ridiculas. Nem num nem noutro destes generos faltou agora representação.

O trabalho inferior é do sr. Alcantara Carreira, um poeta do Porto, cuja producção actual, um pequeno dialogo, chamado *O Milagre do Amor*, não mereceria mesmo uma referencia especial, se não se desse o caso do sr. Alcantara Carreira o ter antecedido com um livro de versos, muito razoavel, intitulado *Doida Juventude*. Andar para traz, é para mim o peor dos signaes, em arte, como de resto em todas as manifestações da intelligencia. E o sr. Alcantara Carreira andou para traz, e bastante. *O Milagre do Amor* é duma banalidade desesperadora. Os jornaes do Porto disseram bem do trabalho, mas elle veio para Lisboa, onde foi recitado na festa da Associação da Imprensa, e cahiu com uma pateada justiceira. Bom será que o sr. Carreira, como nenhum literato, se não guie pelo que dizem os jornaes diarios, que não tem o menor escrupulo em discernir a qualificação de genial a qualquer producção, desde o momento em que ella lhes seja recommendada por alguém. Da *Doida Juventude*, que era um livro promettedor, ninguém disse nada. Do *Milagre do Amor* disseram-se maravilhas. Não foi aquelle silencio que prejudicou o sr. Alcantara Carreira, foi este elogio.

O incansavel literato José Agostinho, a quem já tive ensejo de me referir nestas annotações mensaes, e que o seu editor Figueirinhas, de braço dado com as hilarantes criticas do *Século*, continua a chamar um genio, atirou á publicidade mais um livro. Atirou,—parece-me que é o termo preciso. Chama-se *Versos Novos*, e inaugura o que, tendo em vista que os alexandrinos devem a sua denominação a terem sido empregadas primeiramente por um poeta de nome Alexandre, nós podemos permittir-nos o direito de denominar os *agostinhinos* de quinze syllabas. São versos monstruosos, do comprimento da legua da Póvoa, tão grandes que as paginas, apesar de largas, mal os podem conter de margem a margem. O que esse homem diz nelles é espantoso! Nunca se viu uma tal collecção de dislates pedantescos e ócos. Cito-lhes ao acaso este *Epitaphio*:

Dizem que é morta a mulher que um dia vi, risouba e pura:  
Dizem que dorme sem cor, nesta gelada sepultura,  
Como um navio sem quilha, ou como estrella sem calor...

Vós, que passaes a chorar, chorae baixinho porque é falso  
Que morra o Sol, ao lugir: a luz, se foge, vae no encaço  
Da vida eterna que existe á mão direita do Senhor...

Todavia, como um pobre graphomaniaco que é, este Agostinho poderia escrever isto, e ainda peor, como na *Honra e dinheiro*, no soneto *Victor Hugo*, na *Morte do actor*, na *Pomba-Leoa*, etc., se não fôsse simplesmente indecoroso o que a imprensa tem escripto acerca deste inoffensivo pateta. De genio para baixo tudo lhe chamam! Se é caçoada, é de mau gosto, porque o homem toma aquillo a serio e emparvece cada vez mais; se é a serio, é repugnante de estupidez ou de baixeza. E até revistas estrangeiras, collaboradas por *fumistes*, que se dão ares de colleccionadores de talentos exóticos, lhe publicam retratos, e dizem assombros pelos seus inesgotaveis livros, que decerto nunca leram! Devendo notar-se que em taes revistas nunca é citado o nome dum escriptor poderoso de Portugal, dos vivos,—que dos mortos fala-se de vez em quando, naturalmente porque já não fazem sombra aos José Agostinho, nem aos Figueirinhas, seus editores e prophetas.

## O theatro

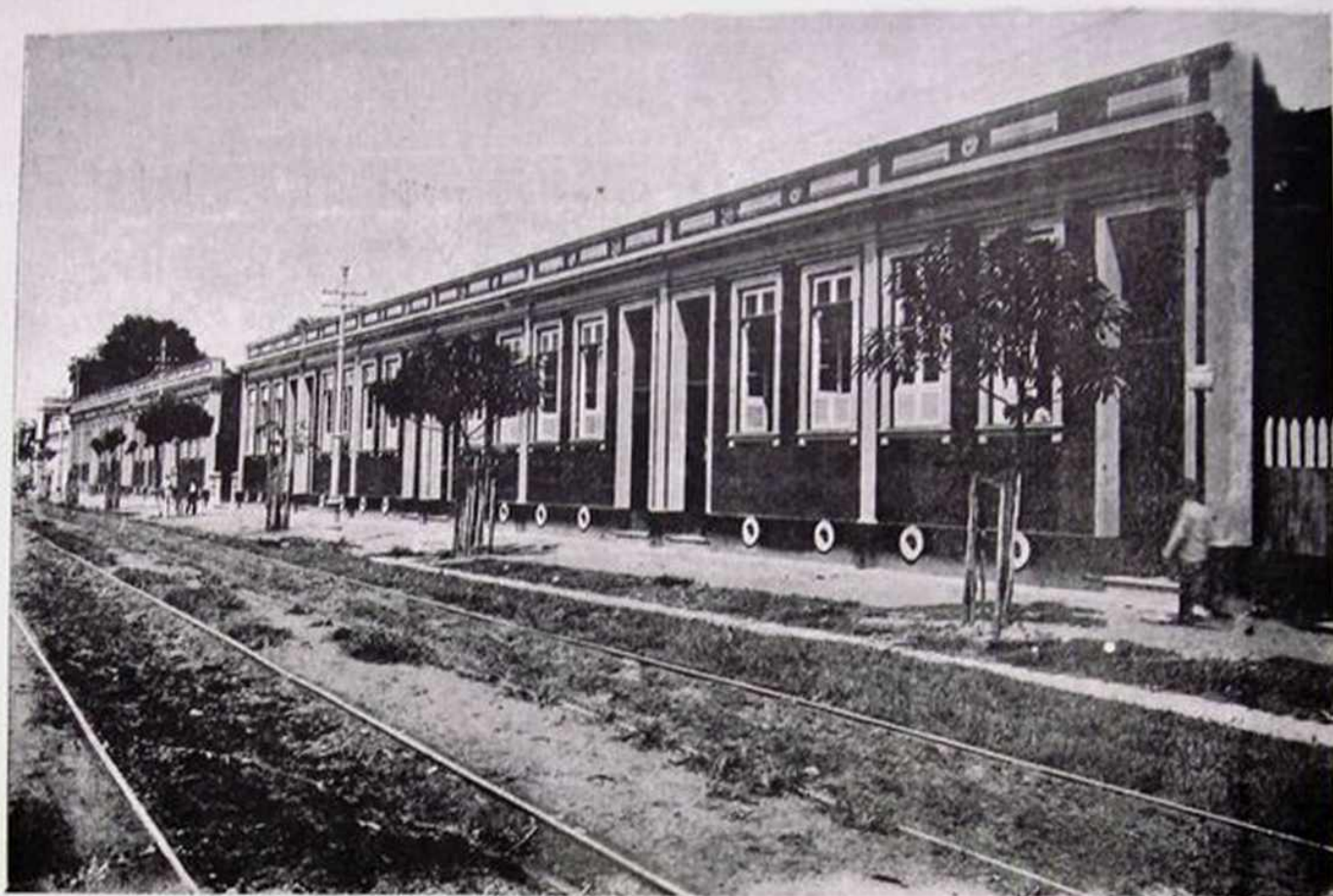
D. Maria: «As Sabichonas»—D. Amelia: «Os Mathados» e «Blan-hetics»—Um fracasso e um triumpho—A festa de João Bost—Um poeta, um dramaturgo e um artista—Recistas—Nos outros theatros.

A comedia de Molière, *As Sabichonas*, foi a unica peça nova que a companhia de D. Maria levou á scena durante o mez que hoje finda,—na detestavel traducção de Castilho. São conhecidas as traducções de Castilho, essas verdadeiras blasphemias de arte. Nellas, como é sabido, o velho poeta caprichava em alterar inteiramente os originaes celebres, que por desgraça mereciam a sua admiração levada até ao ponto de os querer transplantar á linguagem portugueza. Goethe foi uma das victimas, mas o mais massacrado foi Molière. O divino espirito do incomparavel comediante, servido aos lusos com recheio classico portuguez, tornou-se em geral duma semsaboria atroz. Molière desapareceu de todo. Castilho chegou no ponto de pôr em verso as suas obras em prosa, como o *Médecin malgré lui*. Mas a peor das pastelladas é sem duvida esta das *Sabichonas*. Assim, o mau desempenho que lhe deram os actores de D. Maria foi justo e foi logico. E nada mais, porque, visto estar a peça na agonia, não se lhe devem ama gurar os ultimos instantes.

*As Sabichonas* não devem dar mais de dez representações, ao todo, porque a Companhia de D. Maria empregou mais de metade do mez numa *tournee* pelo Porto, Coimbra, Aveiro e Figueira da Foz, representando com applauso as peças de maior successo nesta epoca,—no seu theatro.

Em D. Amelia tivemos duas *premières*. Uma foi um fracasso; a outra foi um triumpho. A primeira constituiu-a o drama *Os Mathados*, do sr. Arthur Lobo de Avila, exemplar de graphomania





PARA—Villa Garantia da Amazonia, Lado oriental. Propriedade da Garantia da Amazonia



DR. BARBOSA DE GODOIS  
DIRECTOR DA ESCOLA MODELO

quasi identico ao José Agostinho, do Porto. Deu duas representações, e, como a empresa de D. Amelia entrasse a intercalar outras peças, o sr. Arthur, com um relampago de bom senso, retirou o seu drama daquelle theatro. A segunda foi a *Blanchette*, de Brioux, levada á scena por Lucinda Simões, que, com sua filha Lucilia, Christiano e Chaby, continua a dar recitas sensacionais no D. Amelia.

Admiravel peça, esta *Blanchette*! São altamente modernos os seus intuitos, como são modernos os seus processos e a sua forma literaria. É facil de resumir o seu entrecho e a sua acção, que se passa num meio rural da França. Os esposos Rousset determinam dar a sua filha Blanchette, num designio de vaidade e numa previsão de futuros lucros, uma educação relativamente cuidada. A pequena estuda, alcança o seu diploma de professora, e regressa á casa paterna, melhor diria: á taberna paterna, esperando a sua nomeação. Começa aqui o conflicto, porque adiante de Blanchette ha duas mil raparigas, nas suas condições, e classificadas numa escala, á espera de collocação. Com isto é que não contavam os Rousset, que dentro em pouco desesperam de a rapariga se empregar, e começam a lancar-lhe em rosto o pão que ella come, sem trabalhar. Por sua parte, Blanchette, em virtude da educação que recebeu, sente-se mal no convívio com os seus grosseiros progenitores. Succedem-se as scenas desagradaveis, em que a





ESCOLA MODELO—1.º grupo

pequena diz tolices com o ar pedantesco das normalistas, e o pae a censura e martyrisa com a ignorancia brutal e egoista dos ruraes. Por fim, Blanchette sae de casa, não podendo já soffrer aquelle meio, e o taberneiro jura-lhe que a não tornará a receber, se ella um dia voltar, faminta e desengañada. Mas recebe-a, depois dum certo tempo, durante o qual a infeliz rapariga, sosinha e inexperienced, correu as ruas da amargura de Paris á procura do trabalho honesto que a sua educação official lhe não faculta. Recebe-a, ncte-se, depois de vêr que ella é novamente pedida em casamento por um pobre rapaz operario, que antigamente repellira, quando, nos seus

sonhos de rapariga, pensava em casar com um principe e ter um salão literario em Paris. O casamento traz ao tio Rousset uma terra que elle cobiçava, propriedade do pae do noivo, que a dá para que esse casamento se realise.

A critica a esta peça dividiu-se em duas parcialidades: a conservadora e a revolucionaria,—e ambas quizeram tirar da peça conclusões que ella não comporta. Para um cotado critico conservador, Blanchette é um monstro; para um distincto escriptor revolucionario, o monstro é o Estado, que não deu logo collocação a Blanchette, e Blanchette é uma victima. Um declarou que a educação dada aos filhos das classes baixas é um mal; o outro quasi affirmou que todos deviam ser doutores, e terem logo logar á mesa do orçamento. O erro é identico, embora dado em diver-



PORTO DA PARNAHYBA



ESCOLA MODELO—3.º grupo

sos prismas.

Com effeito, pode-se accusar Blanchette? Não, porque, —como ella o diz na peça,— «estudou, fez o seu dever, ganhou o seu diploma, não tem culpa de não ser nomeada». Pode-se accusar o Estado? Não, porque abriu as suas aulas ás filhas dos taberneiros como ás filhas dos burguezes e dos aristocratas, deu-lhes um diploma igual, e como, ao contrario do que se lhe argúe dum lado, não restringe a instrucção, não pode tambem ter immediatamente um logar para cada



diplomada. É necessário esperar vagas, e essas vagas preenchem-se nos termos duma escala justamente determinada. O que Brioux ataca não é, pois, Blanchette, nem é o Estado: é a ignorância, a avaria, o egoísmo rural, que leva paes a martyrisarem uma pobre criança innocente, lançando-lhe responsabilidades que ella não tem, e accusando-a de faltas de que ella é victima e não autora. E o que Brioux ainda pretende demonstrar é que a educação ministrada aos filhos deve ser sempre compativel com o meio em que tem de viver, o que não quer dizer que seja uma educação restricta, mas sim solida, pratica e saudavelmente orientada, e não de retalhos de compendios e de philosophias de liceu.

Eis o que o grande dramaturgo francez, hoje o mais poderoso homem de theatrona França, realiza e demonstra com admiraveis perfeições de technica e uma extraordinaria comprehensão da vida.

Quanto ao desempenho foi primoroso, sobretudo por parte de Lucinda. Christiano de Sousa muito bem. O papel do taberneiro Rousset é uma criação. Em Blanchette, Lucilia tem, por consenso geral, uma das suas melhores interpretações. E, finalmente, Chaby, numa figura secundaria, mas interessantissima, o cantoneiro Bonenfant, teve enredo de mais uma vez nos documentar o seu alto valor de *diseur*.

A Blanchette tem dado encontros ao D. Amelia.

Segunda feira, 24, teve lugar a festa artistica do actor João Rosa, no theatro D. Amelia. Ao contrario do costume consagrado de os mais notaveis actores levarem á scena, em taes festas, *réplices* de trabalhos, onde o seu papel se destacou preponderante, o espectáculo de segunda feira constituiu-se de tres peças especialmente escriptas para essa noite, sem já contar com dois monologos engraçados de Eduardo Garrido e a apresentação duma peça mediocre de Lopes de Mendonça, já conhecida e intitulada *O salto mortal*. A *great attraction* do publico estava, pois, naturalmente nessas tres obras novas, e os nomes dos seus autores, compromettidos nessa especie de certamen, redobravam o interesse, por serem daquelles que mais tem conseguido, justa ou injustamente, firmar um nome no theatro. Afinal de contas, devo dizer-lo desde já, a expectativa publica foi illudida. Desses jogos florais, onde o premio deveria ser os legitimos lauros de Augier, não saiu, para as aclamações da multidão, um triumphador incontestado e incontestavel. Como se deu o caso de cada um se afirmar numa característica especial, todos tres venceram, ou todos tres foram vencidos na esperança dum successo que abrangesse o que syntheticamente se possa exigir das diversas formas literarias, compatíveis e concentradas numa só obra de theatro. Os tres autores foram D. João da Camara, Marcellino Mesquita e Julio Dantas. Nenhum dos outros foi tão poeta como o primeiro, nenhum dos outros foi tão dramaturgo como o segundo, nenhum dos outros foi tão artista como o terceiro. Quer isto dizer que todos estivessem nas suas melhores noites, com excepção do sr. Dantas? De forma alguma. Quer apenas dizer que cada um

ficou no lugar que já lhe estava naturalmente marcado, sem sobrepuzar nenhum dos seus contendores, nem por elle ser sobrepuzado.

Ahi temos, em primeiro lugar, o sr. D. João da Camara. É um poeta; foi um poeta. A sua peça *Os dois barcos* é um episodio de sentimento. Numa praia, mulheres de pescadores esperam a volta dos seus homens. O mar está ameaçador: todos os barcos regressam; fallam, porém, dois. Um coro tragico de lamentos e imprecações paira sobre o oceano... *Os dois barcos* não tem o que se chama condições theatraes; fallece-lhes o interesse, a acção. Mas no fundo deste quadro ha poesia: poesia tragica, poesia religiosa, poesia do coração. Só um poeta o traçaria,—imperfeito, talvez, mas sangrando verdade. D. João da Camara foi o poeta,—qualidade que elle, de resto, possui em tão alto grau que não tem feito senão prejudicar-lhe todo o seu trabalho dramático.

Se D. João foi o poeta, Marcellino foi o dramaturgo. *O Tio Pedro* é um pequeno acto em que por vezes se presente a garra dum Dostoiewsky. Simples, o entredo; complicada e angustiosa a psychologia do *Tio Pedro*. É um homem que matou o amante da filha, ha annos; e em todos os dias, ou antes em todas as noites do anniversario dessa morte, um indescriptivel terror se apossa do seu ser. Cuida que elle lhe apparece, gelido, frio, morto. E num destes anniversarios que a acção decorre. A hora maldita vae soar, e, para evitar a fatal presença, o tio Pedro embriaga-se com um amigo, e por fim, para o reter junto de si, vae até a contar-lhe o seu crime,—de que ninguém desconfia. Essa narração é um bloco de observação psychologica e de talento descriptivo. Ouve-se com um caiafrio constante. É sobria, é flagrante, é vida. E, afinal, quando a tensão dramatica chegou ao maior auge, quando no ar passa um sopro de pânico irresistivel, alguém bate á porta. É elle? Levado da ultima coragem, que é a incoherente ferocidade do medo, o tio Pedro pega numa espingarda, e vae á porta,—na delirante intenção de matar o morto! Mas, ao pôr a arma á cara, cae fulminado. Aquella crise mata-o. Não se pode, nos limites dum acto despertar maior interesse, suscitar maior emoção, vergar mais esmagadoramente um publico. Marcellino é um dramaturgo; foi um dramaturgo.

Mas a maior novidade da noite era *A Ceia dos Cardeaes*, bluetie em verso do sr. Julio Dantas. É recentissimo o seu fracasso de dramaturgo, quando ao abordar o theatro moderno, com os *Crucificados*, o mais retumbante desastre que em peças theatraes se rememora nestes ultimos annos o obrigou a retirar o seu trabalho, após uma unica representação. *A Ceia dos Cardeaes* era apregoada como uma reabilitação pelos seus amigos. Não foi uma reabilitação do dramaturgo, porque o não podia ser. Esta, se se fizer, do que eu duvido, com fundadas razões, só poderá realizar-se por meio dum outro drama moderno e em prosa como o primeiro. Um mau marceneiro não se reabilita na sua profissão fazendo excellentes sapatos. Da mesma forma, ao dramaturgo infeliz só o drama-



targo feliz o levantará. O sr. Dantas é um artista; foi como artista que triumphou na *Ceia dos Cardeaes*. É um artista de exterioridades brilhantes, muitas vezes delicado, sempre subtil, bom constructor do alexandrino, com imagens que não serão bellas, em muitas occasiões, mas que são certamente bonitas. É um joalheiro, que lavra cuidadosamente as suas pratas e os seus oiros. Não lhe exijam uma moral vasta, não lhe requeiram um pensamento grande; não esperem d'elle um sentimento profundo. Mas brilho tem-o, incontestavelmente, e esse brilho por vezes é tão forte que cega, e não deixa examinar as cinzeladuras da sua arte, offuscando linhas porventura imperfeitas e apagando contornos porventura mal traçados. Foi como artista brilhante que o sr. Dantas teve um successo na *Ceia dos Cardeaes*, e não seria de critica imparcial rebuscar um ou outro defeito de arte, vagamente apercebido, no conjunto harmonico desse quadro feito, pelos seus versos, para encantar o ouvido, e organizado, na sua decoração, para deliciar a vista. Repito: o sr. Dantas é um artista; na noite de segunda feira foi um artista.

E eis como, desse certamen, não resultou um triumphador exclusivo,—expectativa, de resto, absurda e illusoria, visto não ser possível formular num total parcellas heterogeneas de qualidades e recursos.

Dos outros theatros muito pouco ha a dizer, se exceptuarmos o Principe Real, que, com uma revista do anno, de Baptista Diniz—*A Procura do Badalo*, tem tido e continua a ter successivas enchenças.

Baptista Diniz é um escriptor popular, e a sua peça pode, sem hesitação, denominar-se uma pornographia. Mas, escasseando-lhe a illustração, a educação artistica, tem em compensação isto que se chama *graca*, e que só o é quando espontanea, vinda do intimo e irmanando-se com o espirito nacional. A revista *A Procura do Badalo* tem, pois, a salva-la, e a justificar o seu successo, a *graca* genuina e triumphante. E tanto é assim que em Lisboa se tem representado esta epoca quatro ou cinco revistas, algumas escriptas por literatos profissionais, e nenhuma, apesar de não desprezarem o caracter pornographico, conseguiu semelhante exito. Actualmente mesmo estão fracassando duas, nos theatros do Rato e da Rua dos Condes. É que para uma revista é precisa *graca* popular, e essa não se fabrica. Não sendo natural, faz bocejar, apesar de todos os artificios.

A Trindade deu-nos uma peça allemã *A aposta do Floriano*, traducção de Freitas Branco, e o Gymnasio uma franceza, de H. Chivot, *Os Inquilinos do sr. Blondeau*, traducção de Leopoldo de Carvalho, que a levou em seu beneficio. Nem uma nem outra parecem destinadas a fazer carreira. Vazadas em moldes conhecidos, sem situações que se recommendem pelo imprevisito, o publico não lhes tem demonstrado um seguro agrado e a critica só pode regista-las, como novas edições, mais ou menos revistas, de trabalhos conhecidos.

## Outros Iivros

*Gritos*,—assim intitulou o sr. José Augusto de Castro um volume de impressões e criticas da actualidade, que este mez arremessou á publicidade portugueza. É uma obra sã, evidenciadora dum real talento, e, o que é mais, duma nobre alma. Lendo-o, um santo fremito de enthusiasmo e de crença no Futuro corre pelo nosso ser. As paginas dos *Gritos* são paginas de indignação,—e eu não conheço nada que mais commova os espiritos. A indignação é feita de amor illudido, de fé apunhalada,—mas amor e fé vivem e palpitam, apesar da traição e apesar do golpe. No livro do sr. José Augusto de Castro ha quadros negros,—mas enganar-se-ia quem o julgasse um pessimista. O pessimismo é uma venenosa adulteração da analyse. Observar não é esmorecer, reconhecer o mal não é abdicar perante elle. Pelo contrario: nunca a luz é mais clara, mais bella, mais luminosa do que quando surge em contraste com as profundas escuridões. Quem segue o sr. José Augusto de Castro, nas suas contemplações da Miséria e da Iniquidade, ama e canta, com maior enthusiasmo, a claridade das futuras auroras, quando, como elle, a ella ascende. Os *Gritos* são um documento formoso dum espirito e um trabalho notavel de prosador.

Annunciados, temos: um volume de contos e impressões dispersos de Eça de Queiroz e uma nova parte da *Historia da Literatura Portuguesa*, de Theophilo Braga. Tratará de Bocage. Ambos os volumes serão edições da benemerita casa Lello & Irmão, do Porto.

Lisboa,—março—1902.

MAYER GARÇÃO.

## Nevrose

Ao dr. Branco Pinheiro

Quanta volúpia morbida adormece  
no seu olhar venusto de hetaíra!  
Certo que outro igual não existira  
tão sereno e tão doce como a prece!

Olhar onde a luxuria transparece  
e a nevrose da Carne chora e expira,  
elle não guarda a perfida mentira,  
se acaso o meu Amor soffre e padece!

Ao vê-la assim, risonhamente langue,  
vem-me o desejo louco de beija-la,  
violentamente, a intoxicar-me o sangue.

Quero-a desnúda p'ra melhor ama-la  
e enternecida, e receiosa e exangue,  
na ancia do Gozo, ouvir a sua fala!...

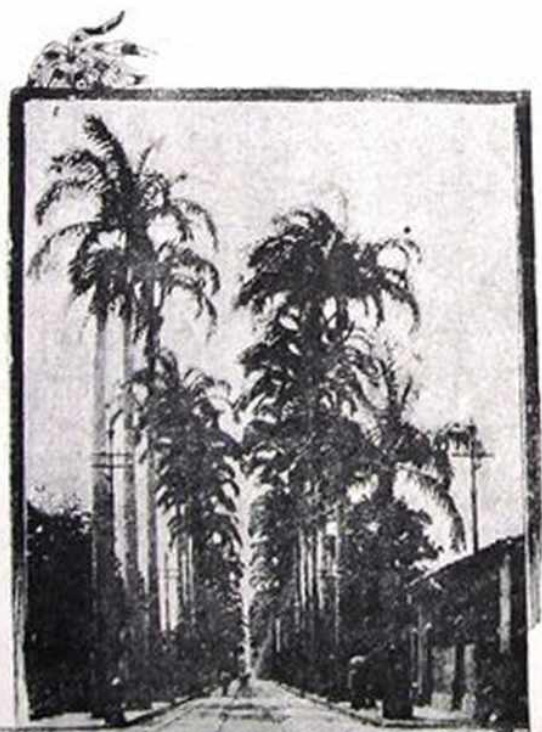
Belem do Pará, 901.

GUILHERME DE MIRANDA.





PARA'—Phot. Nunes—Uma partida perdida



PARA'—Phot. Siza—Avenida 16 de Novembro

## Cativeiro

As tuas primorosas mãos patricias  
—alvas pombas immaculas aflando,  
fizeram dos meus dias suave e brando  
cativeiro de affagos e blandicias.

Do teu labio aromal preso ás caricias,  
dos teus olhos febris sujeito ao mando,  
vão meus dias enchendo e avassallando  
do teu amor as sensuaes primicias.

Mora em teus olhos um negror profundo !  
Que mais preciso para guiar-me os passos  
nos alcantis asperrimos do mudo ?

Para os estos do amor amplo e fecundo  
já tenho e bastam-me os nevados laços  
do marmoreo grilhão dos teus dois braços.

ALVES DE FARIAS.

Um homem só consegue ser verdadeiramente grande, quando consubstancia em si uma fase notavel da vida social ou mental.

J. Augusto Coelho.

Viver e amar, tal deve ser a principal preocupação do homem, durante a sua transitoria influencia.

J. Augusto Coelho.



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Junho de 1902

NUM. 20



**Augusto Severo,**  
o grande martir da sciencia aerostatica



## Augusto Severo

(12 DE MAIO DE 1902)

...E, ativo, o condor *Pir*, ao sol fecundo em brazas,  
Indomito, raçando a grande trajetória,  
Numa só liberação, desenrolou nas azas  
Todo um mundo de luz, de grandeza e de glória...

Viu, deixando o negror da miséria das casas,  
Quase cego do amor que nos vem da vitória,  
Das nuvens se apagar as avenidas razas,  
Como um sonho se evõe no cristal da memória!

E subiu! E subiu pelas altas planuras  
A's alturas, triunfal, e aos olhos, parecendo  
A glória, pelos céus, a fazer curvaturas...

O' ninho do condor, ó Cruzeiro do Sul!  
Reza um kirio de amor, pelos lábios gemendo,  
Ao que morreu no céu,—ao que morreu no azul!...

AMÉRICO MARANHÃO, sobrinho.

## O Zé Boi

A Francisco Serra

Ouvira dizer que nesse dia Zé Boi desceria para a villa. E ali, debaixo do tecto verde dos cipós trançados, por entre a moita frondosa dos arbustos crescidos e dos galhos gotteantes das ingaranas copadas, o caboclo esperava pelo cabra.

Havia de mostrar-lhe para quanto prestava!

Era no inverno. O céu, friorento e fusco, ostentava uma claridade sombria, cor de chumbo, carregada e baça. O sol, amortecido e pallido, rolava encoberto pelo espaço nebuloso e ás vezes, num pedaço de céu mais limpo, languido e tremulo, espiava somnolento, com um olhar sem brilho, um olhar de quem acorda. Volumoso e pardo, barulhando nas coivaras, descia o rio cheio, colando nas voltas, escabroso de galhos e destroços, que descem nas primeiras enchentes. Estrugia ao longe, tumido, o trovão, num ronco de fera em raiva, abalando o infinito arripiado e fusco e estremecendo a terra num estorço longo. E o relampago em fogo lampejava pelo espaço acinzentado, num traço tumidoso, incandescente e rapido. Havia uma claridade dubia em todo o infinito, uma claridade de março em dia que chove. Intensa a chuva caía incessante, cerrada e ruidosa.

Já era tarde. Duas horas, mais ou menos.

E o cabra nada de descer!

Acocorado, o caboclo, por traz da moita frondosa dos arbustos, esperava-o ha muito.

E nem signal do bruto!

Desbotada, a camisa velha de riscado grosso, esfarelado nos hombros, por fóra das calças, descia-lhe até quasi á curva dos joelhos, pregando-se-lhe nas costas; pelo peito aberto e cabelludo, peito possante de caboclo forte, um cordão vermelho caía, fechando com uma fava presa e na cabeça enorme o chapéu de couro encebado, sobre a mata espessa dos cabellos crescidos, pingava ao embate

incessante da chuva grossa. De cocoras, a espingarda certeira deitada horizontalmente no regaço, o caboclo acomodava o ouvido á arma de fogo, no lugar da espoleta, para que não molhasse a polvora e o tiro não falhasse. Ao cinturão, que prendia a calça remendada de zuarte esmaccido pelo uso, preso o facão cortante, embainhado, arrastava na relva. Pela frente austera e carregada, em fio a agua caída do chapéu de couro, sulcava té abaixo, molhando a barba escassa, descendo pelo pescoço e arregaçada a perna, os pés mettidos na alpercata humida, todo elle tremia no arripio dorido de um corpo que passa o dia na chuva. A um lado, encostada ao toco de madeira podre, a garrafinha da cachaca alvejava impassível.

E a chuva, aquella maldita chuva sem cessar!

Ha muito, desde manhã, de manhã bem cedo, que, encharcado do cabelo aos pés, ali debaixo da moita, sem outro a não ser o amparo das folhas verdes, mais ou menos unidas, que aquella maldita chuva lhe embatia no costado, impiedosa e gelida.

Já tinha a carne encolhida numa frialdade de gelo; curvadas tremiam as pernas na posição penosa, posição que ha muito, desde manhã bem cedo, ali guardava inquieto e raivoso e os dentes uns de encontro aos outros, tiritando, vibravam com um murmúrio ligeiro, confuso e subtil.

Já não podia mais!

Doia-lhe a cabeça; as mãos callosas mal podiam, de tremulas, prender a carabina sobre os joelhos e até por caiporismo os soffrimentos reumaticos, que ás vezes lhe appareciam, já começavam a dorir-lhe a musculatura valente.

Com fome, sem nada no estomago, a não ser o simples café tomado de madrugada, com um punhado de farinha, embora com o habito de trabalhar na roça, dias inteiros, em jejum completo, já ia sentindo necessidade imperiosa de alguma coisa que lhe fortalecesse o corpo e moderasse a fraqueza incommoda do estomago vazio.

E o cabra nada de descer!

Mas não tardaria. Ouvira o Mariano Bota dizer, em casa da Marciana, que o cabra nesse dia tinha de descer á villa para tratar do novo casamento.

Ah! se descesse! A carabina carregada estaria pronta para feri-lo na passagem!

E, pelo seu rosto carrancudo, uma alegria de fera passava, illuminando-lhe os olhos pretos, catremecendo-lhe o coração com força.

Havia de mata-lo,—era infallível! Só assim aquella dôr n'alma, aquelle desgosto que o acompanhava em tudo, aquelles pensamentos feios, aquella vontade de vingança, o deixariam de uma vez para sempre.

Depois que lhe chamassem malvado, criminoso, os soldados que o prendessem, a justiça que o condemnasse... A tudo estaria pronto, de nada se importava. Mas queria desenganar aquelle cabra, mostrar-lhe quanto custa deshonrar as filhas alheias. Que o prendessem! Na cadeia tambem se vive.

Se descobrissem, acabou-se! Fugir!... Fugir, isso é que nunca!



Havia de mata-lo! Aquella cabra tinha muita fama, tinha goga de valente, mas queria ver-lhe a valentia na boca da espingarda. Diziam por ali que tinha dado neste, esfaqueado aquelle, mas a espingarda, a espingarda certa desengana-lo-ia...

O tempo passava. A chuva diminuía. E a cabra nada de descer! Podia ser até que não descesse! Inquieto, o caboclo torcia-se, acorçado, carancendo e irroso. Já estava cansado de esperar! Aquella historia do Mariano Bota, em casa da Marciana, dizendo que o Zé Boi desceria para a villa, para tratar do casamento, podia ser coisa inventada. Quantas vezes não o tinha pegado em mentiras!

Mas via ao mesmo tempo a figura corpulenta do Bota, sentado no banco de madeira, caximbo no queixo, contando o novo casamento do cabra, afirmando que desceria. Qual, aquillo não podia ser inventado!

A chuva, aquella maldita chuva, talvez empastasse a viagem do bruto!

Estiava. Um chuvisquinho fino peneirava morosamente, quasi imperceptível. Longinquo o trovão regougava brando. Nas ingaraneiras molhadas as cigarras cinzentas abriam levemente as azas, galhando. No céu moreno, da banda do poente, havia uma mancha clara, onde o sol tentava desgarrar-se das nuvens. Perto, numa coivara, o rio zoava, estremecendo. Do outro lado, em cima de palmeiras, maracanãs palravam, saltando nas palmas. Mais abaixo, na beira do rio, numa arvore copada, compridos ninhos pendiam, donde japis pulavam, cantando de galho em galho. Na agua, algum peixe rebanava de vez em quando.

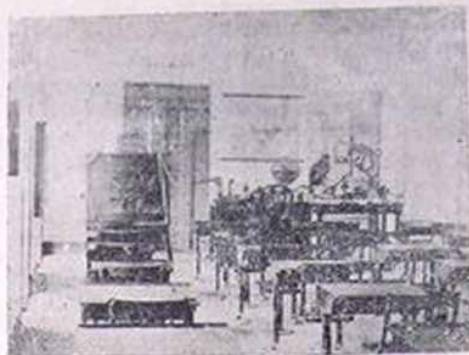
O caboclo levantou-se; na mão esquerda tomou a espingarda, virando o cano para baixo e com a direita desarmou a garrafa de aguardente, despejando-a na garganta. Tiritava, precisava de esquentar-se!

Depois, num tronco da madeira, sentou-se. E começou a matutar. Ora vejam! A gente vive socegado em casa, vivendo do seu trabalho, quando sem se esperar lá apparece uma desgraça! Ah! cabra safado! Deus lhe perdoasse, mas a sua vontade era ver aquelle diabo cortadinho em pedaços. Quando lhe vinha a lembrança aquella peste, até o estomago se lhe embrulhava. Mas qual! Quem haveria de dizer que um rapaz, que parecia tão honrado, fosse capaz de ser tão ruim? Ah! se adivinhasse, não lhe teria dado a filha para casar...

E foi-se lembrando do samba do Natal, em que o Zé boi, repinçando a viola assanhada, lhe louvava a filha. Ella, sentada defronte, no banco da latada, torcia as rendas do casaquinho, corando a cada verso.

Depois, num domingo, em tempo de colheita, quando em casa, descansando da semana trabalhada, pitava a cabeça de diamba, eis que o cabra, apertado em roupas brancas, montado num cavallo de sellas novas, riscou-lhe a porta. E foi muito alto, saltando alegre, nas perneiras de coiro, ao relincho estridente do cavallo brioso.

Elle, todo amavel, todo risinho, estendeu-lhe a mão, offerecendo-lhe assento.



ESCOLA MODELO.—Sala de estudo

Suado, o cabra, forcejando por descalçar as perneiras, foi-lhe explicando que viera até ali, porque desde o Natal, naquella festa em que lhe louvara a filha, ao som da viola, ficara doido por ella; e, como achava que já podia casar-se, vinha agora pedi-la, se fosse do seu gosto e se quizesse da-la. Então, sem responder, chamara a filha, que se veio chegando, encostada ás palhas da parede do quarto, muito vermelha, como se já soubesse da coisa.

Depois da resposta da menina, lá saíra a convidar a visinhança, para o almoço nesse dia, em que matara o capão mais bonito do quintal e o cevadinho mais gordo, festejando o futuro casamento, que se marcara para outubro, na primeira desobriga do vigário.

E todo o mundo lhe dizia que o Zé Boi era direito, muito trabalhador, pagava bem as suas contas e era um partidão.

O unico defeito que tinha era de, quando se mettia na pinga, provocar questões. Já na festa do Natal o vira debatendo-se com o outro, por um simples gracejo.

Nessa mesma noite, por causa de um verso que o Mané Doutor, em desafio, lhe dissera na viola, lá saíram os dois rolando para o terreiro aos bofetões e, se não fosse acudir muita gente, o cabra teria trespassado o inimigo com a faca de ponta.

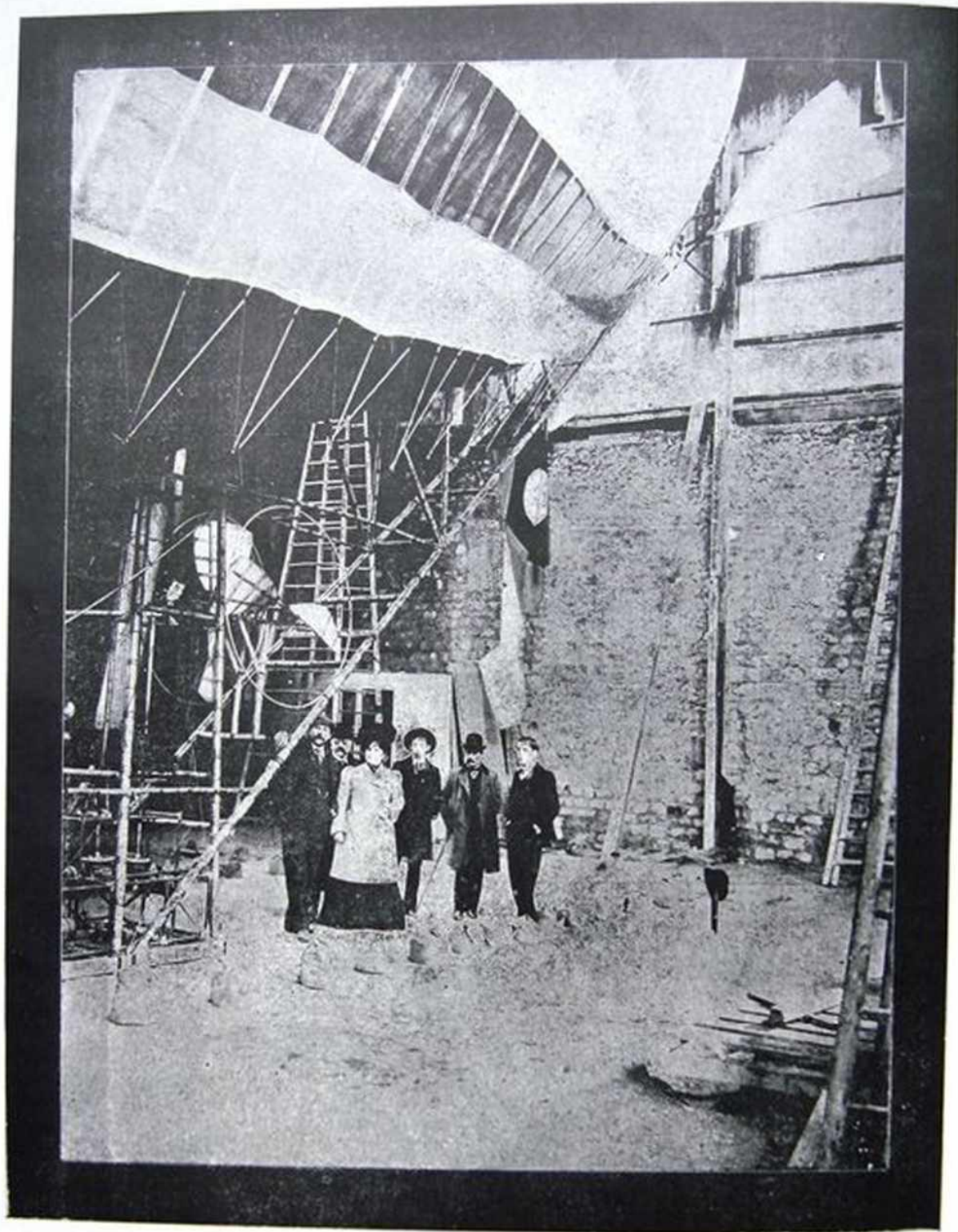
Mas isso desapareceria depois de casado! A pinga!... Lá isso todos tomavam! Além disso era um rapaz arranjado, vivia como vaqueiro de uma fazendola, já tinha as suas quatro novilhas, um cavallo de sella e muito credito.

Desde o pedido, todos os domingos o cabra bem cedo lhe riscava a porta, para ver a noiva. E na rede alva, armada na sala, passava o dia a falar no gado que vaqueirava ou conversando sobre roças e colheitas.

E lembrava-se do dia em que lhe falaram do casamento civil. Zé Boi saltara da rede, enchendo de fumo o caximbo e atalhou de repente:

—Que nunca! Então não estava vendo que não iria sujeitar-se a semelhante patacoada, onde não se falava no nome de Deus?!... Qual, no civil mes-





Augusto Severo,  
no seu hangar, momentos antes da partida



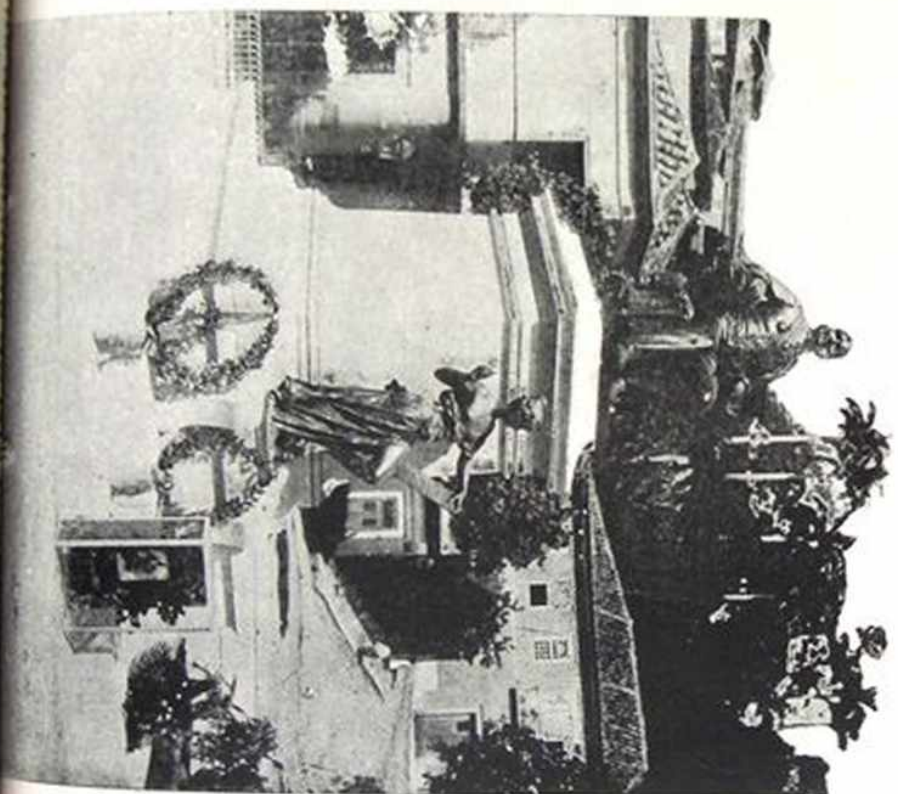
SUPPLEMENTO AO N. 20

16 DE JUNHO DE 1902

# Os festejos do treze de Maio, em 1902,

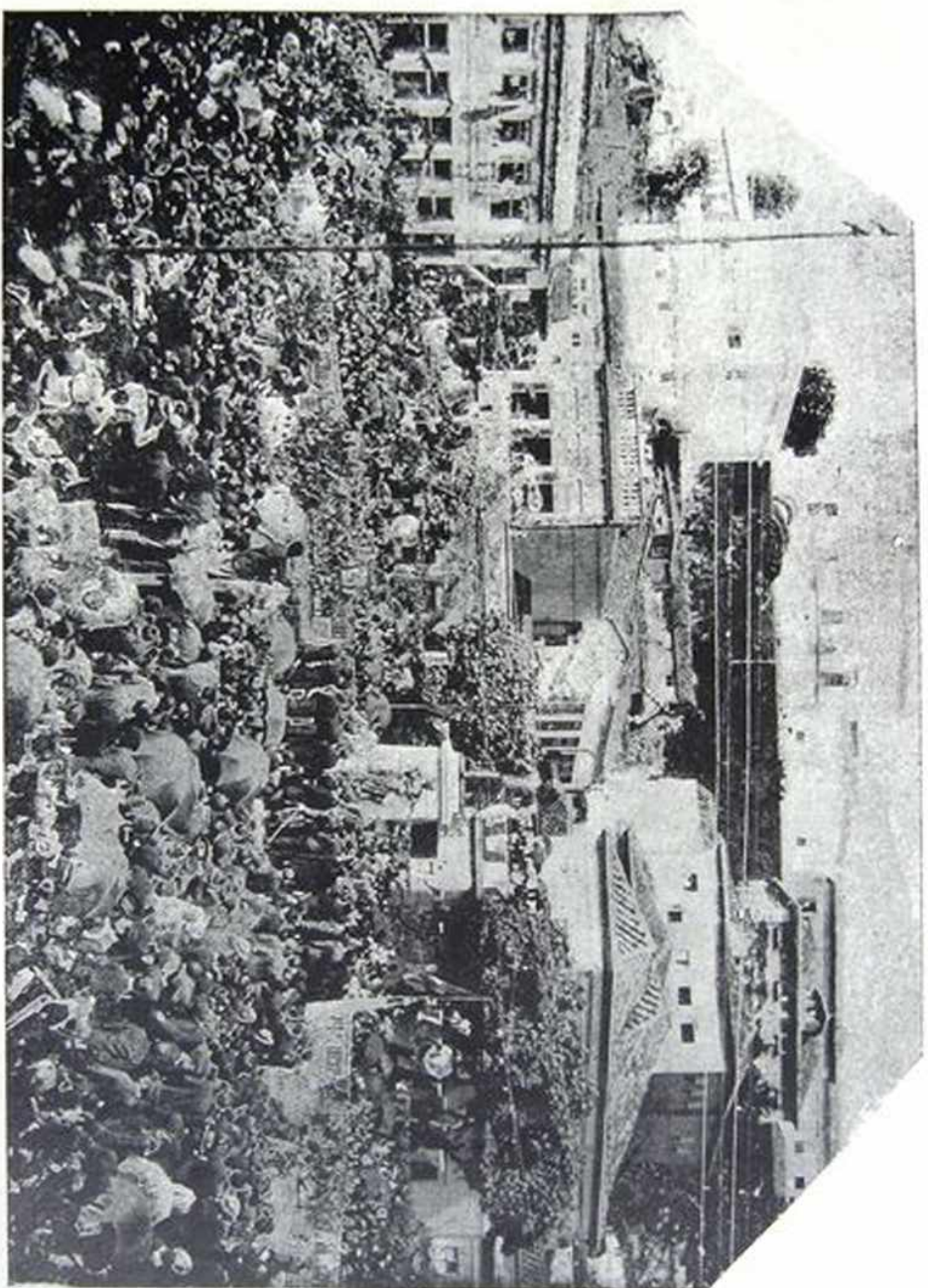
NO

ESTADO DE JANGUEIRO





A estatua do visconde do Rio Branco, após a erecção



A ESTATUA DO VISCONDE DO RIO BRANCO, NO MOMENTO DA INAUGURAÇÃO

A REVISTA DO NORTE

MAHANIÃO-BRASIL





PARA-Villa Garantia da Amazonia, Lado occidental. Propriedade da Garantia da Amazonia

mo não se casaria! Podiam inventar quantos civis quizessem, mas elle mesmo não acreditava em tal coisa. O religioso, sim, senhor, o casamento da igreja, feito pelo seu vigário!... Nessa casaria, e

não precisava de mais nada, estava mais que casado! Que tivessem paciência, no civil é que não! Debatera. Isso não, isso não! Não era tanto assim e, além disso, não custava nada, pagava-se uma bagatella, mais barato até que ao vigário e já tinha ouvido dizer na villa que quem não se casasse no civil, nada podia deixar aos filhos.

Mas o cabra era teimoso! E tanto teimou, tanto teimou, que em outubro lá estava casado. Mas que casamento, que casamento desgraçado! D'ahi a dois mezes já se tinha desunido da mulher.

E agora lá andava a sua filha pela villa, na mão de um, na mão de outro, com a casa aberta p'ra todo o mundo... A cabeça esquentava-lhe no fogo da colera; vinha-lhe ao espirito insaciavel de vingança uma sede de sangue, onde todo elle desabafasse do odio que o atormentava...



ESCOLA MODELO - 2.º grupo



E ia revendo a figura corpulenta do Zé Boi, na sua roupa domingueira, ou peitoral de coiro, perneiras altas, parando á sua porta, para ver a pequena...

Naquelle tempo tão santo, agora tão ruim! Maldito! Prostituir-lhe a filha!

E com a manga da camisa limpava as lagrimas que lhe desciam pelo rosto.

Como não estaria ella agora pela villa, debochada, nas mãos de um, nas mãos de outro, com a casa cheia de rapazes... E—quem sabe?!—talvez sosinha, no canto de alguma choupana, muito chorosa, a tiritar de frio, padecendo doenças, sem nada para comer... Agora lá ia aquelle cabra casar-se no civil com outra. Ah! não haveria neste Brazil, tão grande, tão cheio de leis, uma lei ao menos que prohibisse semelhante cachorrada, ou que fizesse o padre casar só quem estivesse casado no civil?! Só assim ninguém se casaria com duas mulheres e as filhas dos outros não ficariam por ali abandonadas, p'ra todo o mundo...

Bem tinha querido, bem tinha querido o civil! Mas todos a dizerem-lhe que não, que aquillo não valia... E até o padre, o proprio padre!

O tempo escurecia.

O cabra já tardava. Ah! se viesse! Era só engatilhar a espingarda e despejar o tiro. Ali estava seguro. Quem passasse pelo rio não o veria de forma alguma. A ingarana frondosa, esgalhada e grossa, com os juás da beirada encobriam-o na frente; do lado esquerdo a cortina verde de S. Caetano, estendendo-se por cima do arvoredado, formava com os cipós trançados uma tapagem espessa e da direita as toiceiras altas dos pindobaes crescidos terminavam o esconderijo.

Ah! desta vez vingar-se-ia!

E foi-se recordando da festa do Natal, em que o Zé Boi, cantando á viola, lhe louvava a filha... O Mané Doutor a desafia-lo em verso... E depois lá saíram os dois rotando pela areia, aos pescões... O outro vencia, mas d'aquí a pouco, num virar de corpo, o Zé Boi atirara com o rival ao chão. E sentou-se em cima. A lamina luzente da faca de ponta, puxada d'entre as calças, brilhou na mão do cabra... Ia-a enterrando já na garganta do outro, quando o povo acudiu...

Mas toda essa valentia, toda essa coragem não intimidava. Não lhe faltava coragem também. No tempo de moco, quando rebentara a guerra do Paraguay, e o Brazil pedia voluntarios para pegar em armas, lá na villa, fora elle o primeiro a dar o passo em frente, offerecendo-se á nação. Depois, em Tuyuty, ao lado de Osorio, sempre sentira a intrepidez precisa para ver de sangue frio, sem medo da morte, aquella diabolica confusão de baías, que sibilavam pelo campo fumarento, derribando soldados, até que uma perdida nos ares veio cravar-se-lhe na perna, deixando-o á morte.

Começava a chuveirar. Do nascente subiam nuvens, escurecendo o espaço friorento e pardo. As maracanãs inquietas, temendo a chuva, saltavam nas palmas, gritando devagar. Japís voavam dos galhos tremulos, varando pelos ninhos compridos, suspensos á beira d'agua. Pelo arvoredado

da margem, cigarras, gralhando na ramada, acomodavam-se, abrindo lentamente a cauda de penas. Pelo céu cinzento clareava de vez em quando um relampago luminoso. Ribombava o trovão. Um vento de chuva, vindo de longe, zoava, sacudindo o arvoredado molhado.

Maldita chuva! Aquelle diabo empataria a viagem do cabra! E, deitando a espingarda horizontalmente no regaço, pensava... Sua filha agora, lá na villa, nas mãos de um, nas mãos de outro... Era horrível, era horrível!

Malaria aquelle cabra, para mostrar-lhe que a filha não era defunto sem choro. E era impossível que o condemnasse a justiça, simplesmente pela morte de um homem que traçoeiro lhe fôra deshonrar a casa, arrancando de lá a pessoa mais cara, para atira-la ao mundo...

Do principio do estirão chegava um barulho leve. O caboclo correu, espiando da margem. Por um remo somente descia, remado, um casco na volta. E ficou espiando. Pouco a pouco um chapéu de coiro diviso no casco. Talvez fosse o cabra! E distinguia mais forte o barulho do remo, fendendo as aguas. Estava inquieto. A chuva não o deixava ver tudo. Mas ia divisando na popa um homem que remava, vestido de riscado e peitoral de coiro...

Era o bruto, era o bruto!

E correu ao esconderijo. O coração saltava-lhe por dentro; um canção ruidoso offegava-lhe a respiração, os seus olhos pretos sentilavam rutilos, com um brilho parvo de allucinado.

O casco vinha perto.

O caboclo acoutou-se átraz da ingaraneira, metendo por entre o galho o cano da espingarda. Os seus pés tremiam; a cabeça escaldava, palpitando as veias grossas e os dentes rangiam num prurido de cobra.

Do casco, remando, na popa, distinguia-se bem o cabra. O caboclo aprontou-se. Levou a coronha da carabina ao rosto, segurando o cano a mão direita e a esquerda no gatilho.

O casco aproximava-se.

Nervoso, o caboclo fez alvo. O cão vibrou sobre a espoleta e a explosão roncou. Pontaria errada.

Raivoso, jogando a espingarda ao lado, o caboclo arrancou d'entre a bainha o facão e atirou-se n'agua, perto do casco. E, prendendo-o nas beiras, virou-o no rio.

E ao longe, no meio do estirão, ao lampejo claro dos relampagos, luminavam os facões do cabra e do caboclo, que atracados lutavam...

—Dos Minaretes.—

VIRIATO CORRÊA.

## O mez literario em Portugal

### Eduardo Perez

Cabe a vez do successo, num destes mezes literarios de cuja resenha me occupo, a um escriptor novo de Portugal, e especialmente a um da-



quelles que porventura menos são falados nos círculos portugueses. O motivo principal desta exclusão, que, bem examinada, constitui já um título honroso em terra de tão escandalosa réclamação, está não sei se no que vulgarmente se denomina modestia, ou antes no que justamente poderíamos definir como o altivo retratamento dum espirito. Com effeito, Eduardo Perez, o primeiro escriptor novo, dos vivos, que nos dá ensejo á publicação do seu retrato, com a actualidade flagrante do seu bello livro de contos, *Casal do Caruncho*, iniciando assim uma galeria de Novos que eu me proponho fazer conhecidos do publico brasileiro,—Eduardo Perez, dizia eu, por modestia ou por orgulho, que tantas vezes não ha maneira de distinguir estes dois sentimentos, pouco tem feito falar de si entre a gente literaria da sua terra e a venal imprensa que para aqui existe. Não quer isto dizer que elle não trabalhe, que se não oriente, que se não aperfeiçoe, porventura numa luta mais tenaz do que a que lhe consumiria uma activa producção diaria. Mas trabalha isolado, livre de *coleries*, de miserias, de iniquidades, de tudo isso que constitue, embora com o attractivo da facil gloriola dum dia, a existencia mesquinha e envenenada dos que fizeiram da arte um instrumento tão baixo como a politica, nas suas retaliações pessoais e nos seus conflictos de interesses e vaidades.

Conheci Eduardo Perez em 1895, quando elle estava preparando o seu primeiro livro, tambem de contos, a que deu o titulo tão suggestivo e attraente de *Vida simples*. Eram, effectivamente, quadros de vida simples e sã, os do escriptor que então alvorecia nos seus vinte annos, trazendo ainda nos olhos a amada paisagem do sul, onde uma parte da sua vida transcorrerá, entre os vultos familiares do campo, cuja psychologia tão bem se revelara ao seu espirito contemplativo e observador. Lembro-me, como se fôra hoje, da impressão que me produziu a leitura dum dos trechos desse livro, que elle, num dia de verão, sob as arvores rumorosas dum jardim, me leu com a voz pausada e branda de quem está falando em cousas de muito amor. Desde esse momento, apesar das irregularidades que um trabalho de estreita sempre apresenta, eu a livrinhei,—adivinhei o falso: reconheci nelle um temperamento de narrador, tal como se exige para o contista, para o romancista, como em nenhum dos rapazes que tentavam a arte, nem nos que lhe succederam, ainda se manifestara, nem depois se manifestou. Era o quadro indicado em seguros traços, era o detalhe observado por vezes com uma desesperadora minucia, as personagens animadas duma vida flagrante, o dialogo proprio, estudado a rigor e desenrolando-se na scena com uma precisão admiravel, a technica perfeita, quanto á terminologia exacta das causas e dos aspectos;—e, sobretudo, uma vaga poesia, magoada, meridional, serena, embora triste, que, como um sopro de brisa ligeira, tão depressa corria sobre as searas, cujas douradas cômas ondulava, como sobre os corações, que agitava nos estremecimentos da alegria e da dor.

Os livros são os melhores amigos. A frase

é velha, mas a verdade é constante. Eduardo Perez não tinha, como hoje não tem, aquelle feticchismo que nos arrasta, sobretudo nos transportes dos corações novos, para sob a influencia dominadora de homens, nos quaes a nossa amizade ou a nossa admiração incarna um alto pensamento redemptor ou synthetisa uma admiravel formula de arte. Alma tranquila, embora generosa, a sua anciedade espiritual não se desprende num cachão de espuma,—segue, imperturbavel, mas serenamente, uma corrente clara e doce. Não é dos que ardem numa chamma que por vezes ascende tão alto que parece tocar os astros, mas que de subito se apaga como um phosphoro. E' dos que, por temperamento, senão por educação, vão mais depressa, porque são obstinados, do que os que vão a correr doidamente, mas descarrilam ao mais pequeno obstaculo que não previram. A taes obstinações, onde reside uma resistencia insuspeitada, não podem servir de base transitorias escolas, nem fugazes admirações. Só lhes serve qualquer cousa de assente, de justificado, no tempo e no espaço. Dahi o ter Eduardo Perez fixado em livros que não morrem o ponto de partida da ascensão do seu espirito. E nesses livros os que melhor se lhe irmanaram ao sentimento e á reflexão foram naturalmente o seu guia, e o seu autor, o seu mestre espiritual. Esse escriptor é Maupassant; esses livros são os seus.

Se ha filiação no trabalho de Eduardo Perez, é essa, inegavelmente. Filiação de processo e de technica, comprehende-se. Ninguém, como o grande escriptor da França, attingiu ainda, talvez, no difficil genero da narração literaria, um tamanho equilibrio entre as faculdades subjectivas e objectivas, que, conjugadas ou antes fundidas numa rigorosa *alliance*, produzem as obras primas na arte.

Lêem-se, para nunca mais se esquecerem, os descriptivos de Maupassant, como se lêem, para nunca mais se esquecerem, as suas creações psychologicas. E' uma arte de vida, sã, honesta, corrigindo os materialismos irrefutaveis da existencia com os não menos irrefutaveis idealismos do espirito. E nos escrupulos da sua technica, em toda a verdade que elles definem, o ensinamento não é menor,—em justiça, em probidade, em modelação literaria.

Sente-se a influencia de Maupassant,—muito pensado, muito reflectido, muito coado através dum temperamento portuguez,—em toda a obra de Eduardo Perez. Acrescenta-lhe ainda um alto valor essa mysteriosa seducção que é a melancolia vaga e tão propria do caracter nacional. E desse systema literario, em que o maior naturalismo se resumiu, como dessa poesia do ar, em que se origina todo o caracter dum povo,—o moço escriptor tirou os elementos com que a sua individualidade de artista se preparou para os commettimentos da palavra escripta, nas fantasias creadoras da arte.

Com tal preparação, tal honestidade, essa virgindade nativa de consciencia, que é a unica que resiste ás sollicitações da improbidade ambiente, não admira que Eduardo Perez nos desse, passados sete annos desde o apparecimento do seu pri-



meiro livro, uma obra do valor intrínseco, autêntico, que por si próprio se evidencia, sem que se torne necessário apontá-lo e proclamá-lo. *O Casal do Garuncho*, que a benemerita livraria Gomes de Carvalho acaba de editar, é uma série de contos, de escrupulosa factura, dum acabado perfeito, sem excrescências nem faltas, sobriamente construídos e superiormente pensados. Uma nota sobreleva a todas: é um livro completamente nacional. Nacional, não no sentido *chauvinista* que se possa attribuir a esta palavra, porque não tem evocações históricas, não fala em homens barbudos, não levanta figuras de reis, guerreiros, ou heróis, nem nas suas paginas perpassa uma só vez o som do hymno do 1.º de Dezembro; mas nacional, profundamente nacional, porque nas suas paginas avultam bem os torrões da nossa terra, lampeja bem o céu dos nossos campos, e movem-se e falam e pensam e sentem bem as figuras dos nossos homens do campo, que ainda hoje, semeando o pão e vindimando o cacho, são os únicos que conservam uma tradição, alimentam um povo e sustentam uma patria.

O successo do livro de Eduardo Perez entre os que lêem com os olhos do espirito, sem prevenções rancorosas de officiaes do mesmo officio,



EDUARDO PEREZ

### Num album

A Mulher na terra e o Sol no espaço, eis os dois faroes que illuminam e aquecem a nossa alma.

Mulher sem belleza é barco sem arraes. A belleza guia á perfeição moral, como o piloto encaminha ao rumo destinado.

Os catholicos, que tantas cousas boas extrairam do paganismo, só se esqueceram de adaptar ao seu Culto o da Mulher Bella, certamente o melhor dos cultos que os gregos implantaram.

FRAN PANECO.



DR. JANSEN MATTOS

nem indifferenças glaciaes de *blasés*, está pois firmemente justificado, tanto pelo seu merito artistico como pelo criterio da sua genese. E' um livro sentido, é um livro pensado, é um livro realzado, — e não se imagina quanto isto quer dizer em terra onde o sentimento anda tão pervertido pela sentimentalidade, o pensamento pela extravagancia e a realisação pela fancaria.

— A seguir.

MAYER GARÇÃO.



ESCOLA MODELO.—Sala de Estudo



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Julho de 1902

NUM 21



Os Acadêmicos Brasileiros—DR. INGLEZ DE SOUSA



## Semiduplex

A Pethion de Villar

Eu que pensava estar por fim liberto  
Do triste amor por ti tão desprezado  
—Volvo de novo o olhar ao teu chamado  
—Como perdido em lugubre deserto.

E vou de cardo em cardo. E quase perto  
Do velho sonho meu, que é meu peccado,  
Vejo que de soffrer bate cansado  
Meu pobre coração em chaga aberto.

E vou de soffrimento em soffrimento...  
Tu sempre os meus pedidos recusando  
E eu revendo o meu sacro juramento!

Não sei no fim de contas quem mais cança,  
—Se o coração que vive te buscando,  
Se o coração que morre de esperança...

FRANCISCO SERRA.

## O celerado

Sob densas ramagens de copadas massarandubas agasalha-se a velha palhoça arruinada do velho Cipriano, cabloco querido e admirado pelos companheiros, como denotado campeão na dança tonitruante do tambor, em que, com uma arrebatada *punga*, vira de pernas para cima todos os que o ousam desafiar.

Ha uma noite em que elle celebra com estrondosa algaravia e frenéticos sapateados dos dançadores da viola a festa habitual de S. Benedito, santo principal da sua sincera e sacra devoção.

Exaustos os festeiros, exalando bafores inco-modativos de suor, as camisas ensopadas e coladas ás costas, param por alguns instantes, bebem gulosamente a refrescadora aguardente em canecas de lata, salpicadas de ferrugem, expelindo compridas e ruidosas cusparadas, que se vão de-pen-durar nas amarellecidas paredes da palhoça.

—Eh, minha jente! berrou, com voz frouxa e rachada, o velho Cipriano, mostrando a jêniva rixa e desdentada, estabranadamente jesticulando; vamos á boia, vamos á papança! Inda nós tem muito que se advertir, e sem nada no estambo nós não bota muito longe.

—Mas, seu parente, observou um, pulando em frente do caboclo e ajeitando as mãos nos magros quadris bamboleantes; você espicha esse chá até hoje de noite, ou caba com ele agora di minhã?

Cipriano, atulhando com o polegar, no caximbo negro e curto, o fumo que picava com um enorme canivete de folha longa, escura e comprida, terminada em meia lua:

—Uô, parente!... Pois entonce agora di minhã?! Ora, trate serio... Se fosse até agora di minhã eu não fazia nada, nem lhe convidava e nem ninguém! Nem parece que você é daqui do sertão! Me diga agora: onde você já viu festa encroar numa noite? Você não está gostando, diga logo e dei-

xe de estar aí com historia: porque nhennhennhenn, porque nhannhannhann...

—Pelo amor de Deus, seu compadre, implorou o sertanejo, juntando as mãos no alto do peito e depois coçando, aborrecido, nervoso, a carapi-nha. Eu não disse que não estou gostando da sua festação, eu não disse, não, senhor... Deus me livre!... Se eu só me ajeito é com a sua...

O velho sorriu contente, ante a confissão sincera do humilhado amigo, moveu babosamente a cabeça, como uma troira, e, num jesto largo, escancarou os braços murches:

—Venha daí um abraço, homem, venha daí um abraço.

Abraçaram-se e beberam.

—Vamos á papança, tornou Cipriano, desenrolando no chão terreo duas compridas esteiras de pindoba verde. Com mais alguns *compadres*, foi colocando as grandes e muitas panelas de barro cheias de apetitosas iguarias. Enquanto arrumava ia considerando, gostoso, consigo mesmo, o que fizera depois de um ano de trabalho:—Juntara dinheiro, *criação*, para festejar o santo do seu peito; matara um boi, um carneiro, dois porcos, que só em gordura eram uma *fortuna* de se lambar os bei-cos; dois perús, dois patos e cinco galinhas. Tudo isto fizera só por amor, respeito e devoção áquelle tão glorioso Santo!

De novo explodiu:

—Vamos á comelagem, minha jente! Eh! minha jente, deixem de luxo!

Com o caximbo pendente do queixo, soltava, esperando, sucessivas e grossas baforadas, senta-do na meza gorduroza, balanceando em desencontro as pernas, os braços volutuosamente abandonados sobre as coxas.

Todos se reuniram em torno ás esteiras, uns cruzando as pernas, outros acocorando-se, comendo aos pares.

—Que calada é essa, meu povo?! Contem ao menos uma droga para divertencia da ceia, mi-niu o velho caboclo, esmagando, num saboroso e grosso caldo de galinha, um punhado de pimentas encarnadas, finas e curtas.

—Têque, parente!... Pois entonce a jente fala na meza, onde está Deus Nosso Senhor?! interrogou Josefino, vaqueiro bronzeado, de cara chata e feia, o qual tinha fama de misterioso *sumidor de jente*, amassando nos dedos a comida e atirando-a embolada á boca escancarada.

—Ah!... replicou o velho, não faz mal; só faz, quando a jente diz cousa que não deve...

As ultimas palavras de Cipriano foram cobertas pelos maguados e estridentes cocoricós dos galos empoleirados nos rasteiros galhos das arvo-res adormecidas, e pelos mugidos soturnos e tristonhos dos bois enclausurados nos curraes distantes. Aves trilharam cristalinamente, ocultas por entre as folhas verdes, onde se balouçavam redondinhas gotas de orvalho, madreperoladas pelos mornos raios do sol nascente. Ao longe, pela larga estrada ladeada de extensas alamedas de massarandubas colossaes, passavam caboclos, num andar leve e ligeiro, aos hombros os compridos varapaus,



vergados ao peso dos cofos atulhados de ervas e de frutas cheirosas e maduras.

— Isto é que é bonito, considerou Josefino, contemplando extasiado a manhã vermelha, que ensanguentava o horizonte casto e macio. Parece que a gente está no céu, uê!

— E adonde você já viu manhã feia? inquiriu Cipriano, com uma estrondosa gargalhada; este seu compadre tem cada uma que até faz a gente rir.

— Ora, ora, ora, na cidade, manhã nem parece ser obra de Deus; um bandão de casa que cobre o céu, de modos que nem se vê o sol, quando começa a vomitar sangue nas nuvens. Lá, é um ou outro galo que canta; não se ouve os passarinhos, não se vê árvores: é só um tiquinho de tudo. E mostrou a junta última do indicador, para medir o tiquinho. Tudo calado, — parece até um agouro. Só se sabe que é dia, quê vem pelas cornetas dos soldados, que estão noite e dia p'ra cá e p'ra lá na porta dos quartéis. E depois um barulho de carro, que parece um inferno. Em certas noites, sino começa a dobrar: bão, bão, bão... Então você já sabe que são quatro da madrugada. Limpando os caleçados dedos grossos, salpicado de farinha seca na boca, em cujos beiços reluzentes elle passava a ponta da língua de um canto para o outro, lambendo gostosamente a gordura, continuou:

— Aquilo não é gente boa, não: inventaram, não sei porque arte do Sujo, Deus me perdão (soprou a boca, soltando um arroteo longo, baixo e morno), inventaram, como eu ia dizendo, uns negócios lá de arame, que passa pela cidade e por onde falam, tocando uma campainha eletris. Chama-se essa ecusa tefono...

Distraídos, boquiabertos com a prosa que ia desembulhando o vaqueiro tagarela, todos, a pouco e pouco, foram construindo, na imaginação maravilhada, cidades enormes, monstruosas, coalhadas de prateadas rédes telefônicas, tintinantes de finas e múltiplas campainhas, troantes de vozes esbravejadoras, furibundas e macabras. Moscas fervilhavam, zumbindo em revoada sobre os pratos; outras poisavam, formando escuros grupos move-dícios em torno dos grãos de arroz. E Josefino, cheio de vaidade, cheio de orgulho, por haver passado aqueles que o cercavam, e que agora o ouviam em religiosíssima atenção, retirou de um dos bolsos das calças pedaços de fumo anelados, que airou á boca, continuando:

— Pois é isso... Tem também outra cousa, que faz a gente basbacar: é um negocio por onde a gente escreve p'ra lonje. Silvando, passou rapidamente a mão direita espolpada deante da boca e logo ajuntou:

— E assim, num instante, enquanto o diabo coça um olho.

— Mas como é isso? atalhou um, ironicamente, pestanejando para os convivas, como se descobrisse alguma mentira impinida pelo vaqueiro.

— Não pisque olho, não; se você duvida vá vê, retrucou o caboclo, ofendido e com mau humor. Mas, como eu ia dizendo, proseguiu, essa churumela chama-se telegrama; eu sei esse nome, por-

que eu me dava com um moço que fazia a coisa-da, e esse dito moço um dia me levou lá...

— E como é? perguntaram.

— É uma banca; em cima d'essa banca tem uma maquina. A gente, batendo com o dedo em cima de um botão de gaveta, que está separado da dita maquina, mas que é da mesma familia, o dito botão vai fazendo tique, tique, tique.

E então, na outra cidade, outro moço começa a ler uns riscos grandes e pequenos, e esse dito moço vai logo escrevendo. De uma feita eu estava lá, e uma fita começou a sair de dentro da maquina, e logo se embrulhando, como cobra que vai saindo de dentro do buraco, quando sente cacete cantar no costado, e faz rodilha e depois foje pela mataria.

— E era cobra, parente? interrompeu o velho Cipriano, arregalando os olhos espantados e papudos.

— Qual cobra, parente, — papé, homem, papé. Mas, como eu ia dizendo, aquilo é como o tefono: só que tem é que um é p'ra falar no mesmo lugar, então você já sabe esse é tefono; e o outro é p'ra escrever p'ra lonje, — é o telegrama. Toda a fiada passa pelos matos, e então, como eu ia dizendo, se por uma inocencia você passa por baixo da dita fiada, ela está já lhe ralhando e fazendo você voltar... Isso não é cousa de Deus, não.

— Não é, não é, afirmou Josefino, abanando a cabeça de um lado para o outro.

— Vije só, vije só, disse uma velha caximbanda, meio adormecida, e esticando o beiço descaído e placido, — vije só...

Aos trinados das violas, assanhadamente dedicadas por dois valentes tocadores, cuja fama rolava por toda a circunvizinhança, pela mestria com que repenicavam as cordas, vencendo depois de um péga tenaz um celebrado cearense, conhecido por *viola-onça*, todos em tumulto se ergueram e voltearam, borborelhando pela acanhada caza, castanhando os dedos, languidamente quebrando os corpos, em tonitroante vozeirão:

— Meu passarinho,  
Sasarió,  
De uma banda só  
Sasarió...  
Capitão, capitão,  
Capitão solador;  
Capitão, capitão,  
Capitão trovador.

As mulheres suarentas, tendo ao pescoço compridos e grossos colares de ouro, d'onde pendiam velhas figas de pau preto, dentes incisivos e caninos de animais ferozes, cabelos encastoados, quase todas vestidas de encarnado, rodopiavam céleres, e um pé adiante outro atrás caminhavam insensivelmente, rebolando-se. Os dançadores enlaçavam as nos braços, com furiosos sapateios, acorrendo-se em reboliço até ao chão.

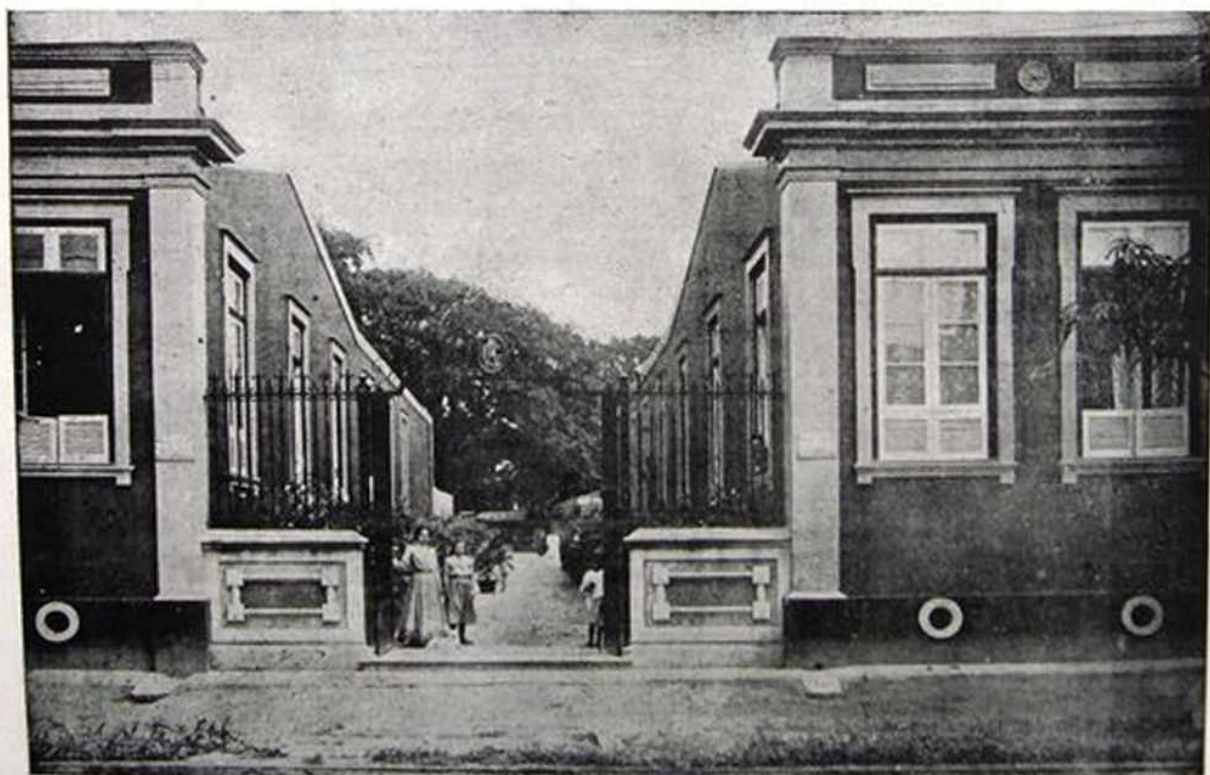
— Esquenta! Esquenta! urravam em clangorosas trovoadas, que se estendiam ululando pela mata afóra, e os instrumentos retiniam inda mais rápidos, inda mais vibrantes.

Velhos reunidos pelos cantos da caza, em ban-





Alfandega de Paranaguá



**Villa Garantia da Amazonia, Avenida Central**  
Propriedade da Garantia da Amazonia



SUPLEMENTO AO N. 21

1 DE JULHO DE 1902



## O ultimo dia do condemnado

A REVISTA DO NORTE

MARANHÃO-BRASIL





PARNAHYBA—OS ARMAZENS DA CASA INGLEZA



Maranhão--O INTERIOR DA SÉ



cos compridos de pau, batiam as palmas, cantando:

—Cabeça de bagre  
Não tem que chupar...  
Isto mesmo é amor,  
Isto mesmo é amar.

A's sete horas da noite, exaustos, os dançadores dispersaram-se pela caça, e o vaqueiro, acenando com o chapéu no alto da cabeça, rouquejou:

—Viva seu Cipriano!  
—Vivou! responderam.  
—Viva a família de seu Cipriano!  
—Vivou!

—Viva o nosso adjunto!  
—Vivou!

—Viva nós tudo!

—Vivou! Vivou!...

—Muito obrigado, ó minha gente! agradeceu o velho, comovido, abrindo a boca desdentada; venham tomar uma lambada.

—Viva a brasileira, viva a caxaca que nos vai refrescar a lombada!

—Vivou!

E o cheiro acre do álcool desenrolou-se por toda a palhoça.

Rufou de novo a orquestra sertaneja e os versos ribombaram atoadores:

—Caí da ladeira  
Quebrei as cadeira...  
Isto mesmo é amor,  
Isto mesmo é amar.

Caí no riacho  
Quebrei o espinhaço...  
Isto mesmo é amor,  
Isto mesmo é amar.

—O Amasio, que lambujei foi aquela que você deu lá no S. Benedito? indagou o vaqueiro, achegando-se a um negro alto e magro, que fumava maquinalmente, longe do borborinho, matando os mosquitos que lhe picavam as pernas.

—Não foi nada, compadre, disse soprando uma longa e cheia baforada de encontro a Josefino, que recuou, pondo-se de lado. Você sabe como eu me chamo e sabe bem quem eu sou:—não sou soim que tem medo de carêta. Quem me tratou com agrado, eu trato também com agrado; quem me torceu o nariz, eu também torço, e pode contar que vai pau que Deus manda, porque cá, aqui, com o gema é nove... Meu pai sempre me dizia: cachorro procura o seu nome e gato o seu sobre-nome... Espera, espera... E estalou a mão direita espalmada no braço esquerdo, amaldiçoando:

—Bicho, peste do diabo, tu não tem mais que morder, dananada? Chega de noite a gente não pode está quieto: vira p'ra cá, mata praga; mira p'ra acolá, mata praga! Arre!... Não sei p'ra que Deus Nosso Senhor fez isso. Mas, voltando á vaca fria, você, por exemplo, sabe que sou homem, que não corre sem saber de quê, como naquela noite do tambor. Você já não se lembra, não? Pois que se lembrasse: quem sabe, sabe; quem não sabe que soubesse. E atirou outra baforada, inda mais densa, á cara do compadre, ajuntando:

—Não duvide, porque, se você duvidar, pau come fresco.

—Nem eu estou duvidando, retrucou Josefino. E p'ra quem é essa afronta de pau, que você fez agora?

—P'ra ti, porque minha mãe, quando me pariu, me pariu homem, fique sabendo.

—E a minha, amigo. Agora você é homem lá p'ra sua caça.

—E p'ra tua. Se você tem fama é lá p'ra quem quizer, p'ra mim não, ixé cacá. E cuspiu de nojo.

—Eu sou homem p'ra tua caça e p'ra tua mãe, respondeu o vaqueiro, fulo de raiva, arregaçando e enrodilhando as mangas da camisa.

—Que foi que você disse aí? interrogou o negro, imitando os aprestos do caboclo, marchando para este, e desandando-lhe violentamente uma bofetada, atirando-o por cima de um monte de panelas de barro, que se quebraram, quase todas, em mil pedaços.

Josefino, feroz como um tigre atormentado e faminto, os olhos chamejantes como dois lumes, como duas pequenas fornalhas, de um pulo, logo desembainhando da cinta uma aculea e reluzente faca, precipitou-se sobre o adversário, vazando-lhe um dos olhos, e atônito, cego, cravou o ferro sanguiscento no largo peito do negro, que rujuu, tombando em terra, debatendo-se, rolando, esperneando na teia sufocante e impermeável da Morte!

Quando os festeiros acudiram, aos gritos do negro esfaqueado, ao longe, na injente mata solitária e espessa, crepitavam os galhos secos sob os leves passos do vaqueiro, que abalava vertiginosamente.

JOÃO QUADROS.

## O mez literario em Portugal O theatro

Em D. Maria—O Algoz do sr. Gallis—«Cosa-mento de Figaro»—D. Amelia: «A Cosa Bonnardon»—No Gymnasio—A greca germanica—Parodias—Os originaes da nova epoca.

Está quasi a encerrar-se a epoca theatral. Não admira, pois, que as *premières* vão falhando nos palcos da capital.

Em D. Maria tivemos o *Algoz* e o *Casamento de Figaro*. Todo o espirito illustrado conhece o segundão, nenhum, quando o tenha visto, guardará memoria do primeiro. O *Algoz* é um acto em verso do incançavel escrevinhador, o sr. Alfredo Gallis. Trata-se dum rapaz cego, que recupera a vista por artes de berliques e berloques, duma rapariga a quem elle ama, e duma velha que se mata por causa delle. A peçazinha está recheada de nomes barbaros. Aparece um Leovigildé, uma Goswintha. Parece que estamos no tempo dos Burgraves. Quanto aos versos, são de arripiar os cabellos! Conseguem até ser peores do que a prosa do sr. Gallis.—o que é um cumulo. A peça era má, os actores foram mal, o publico não sabia se havia de bocejar ou indignar-se. Ao fim de duas unicas representações a obrinha do sr. Gallis sumiu-se pelo buraco do ponto. Entim, o *Algoz* foi uma victima. Executou-se a si proprio. Durma o mostrengo em paz.



Depois do *Algoz*, o *Casamento de Figaro*. A celebre peça de Beaumarchais, conhecida por todo o mundo culto, dispensa elucidações. Cumpre notar todavia que o seu caracter de protesto contra velhos preconceitos, que na boca de Figaro assume por vezes um ardor pamphletario, e que deu azo a incluí-la, como um factor importante, no movimento de reivindicação philosophica do seculo XVIII, é hoje tão attenuado para as nossas aspirações que não inspirou interesse algum nas plateias que o escutaram. Para a maior parte dos espectadores, educados já na norma das liberdades conquistadas, as opressões do regimen feudal affliguravam-se já prehistoria. A comedia teve, porém, um exito de estima pela sua fina trama literaria e pelo subtil espirito que em toda ella abunda. Ferreira da Silva fez o papel de Figaro primorosamente. A traducção do sr. Manuel de Oliveira Ramos é muito esmerada.

A *Casa Bonnardon* foi a ultima das *premières* no D. Amelia. Muito aplaudida em Paris, a peça de Georges Mitchell não logrou em Lisboa um exito igual. O thema de que ella se occupa, servindo-se de varios *trucs* mais ou menos gastos, é uma investigação de paternidade. Não uma investigação judicial, mas uma investigação em familia, feita com sobresaltos de escrupulo por um avô zeloso. A peça acaba em bem, e embora se ouça sem desagrado, porque tem algumas scenas feitas a primor, mas não dá vontade de tornar a ser vista. Teve muito poucas representações. No desempenho salientou-se João Rosa.

Mais uma peça allemã, no theatro do Gymnasio, que decididamente está explorando a Alemanha com um affinco que nos fazem supôr naquella empreza tendencias demasiadamente philosophicas. A de agora é *O dr. Empaphia*, de H. Stobitzer. A comedia ainda é mais arrevezada do que o nome do seu autor, e tem o defeito de não possuir graça nenhuma, pretendendo tê-la. Pouca originalidade, effeitos velhos como a Sé de Évora, palavrão descolorido e pretencioso. Acompanhava em scena *O dr. Empaphia* uma parodia à *Ceia dos Cardeais* com o titulo a *Ceia dos Asylados*. Num asylo precisavam ser metidos os dois autores da parodia, que sabem tanto o que é fazer versos como um eunucho sabe perpetuar a sua familia.

Dos outros theatros, uns estão já fechados, outros continuam repetindo as suas peças de maior successo.

Para a proxima epoca já se fala em muitos trabalhos dramaticos.

D. João da Camara escreveu um drama, que será traduzido em italiano e representado por Novelli, que volta este inverno a Portugal.

Alem desta peça, o mesmo dramaturgo escreverá também um drama lyrico, num acto.

Lopes de Mendonça, alem duma nova farça, fará representar uma comedia.

O conde de Arnoso trabalha num drama em quatro actos. Varios jornaes accrescentam que fará igualmente uma comedia.

Marcellino Mesquita tem peças em preparação e o mesmo succede a Julio Dantas.

Annunciam-se tambem comedias de Moura Cabral e Eduardo Schwalbach.

Enfim, falta de quantidade não ha. Mas a qualidade?

## Outros livros

Afóra os seus trabalhos de investigação literaria, o sr. Alberto Pimentel tem sem duvida alguma os dotes dum apreciavel folhetinista. Quero com isto dizer que é fluente, leve na exposição, accumula episodios, conta anedotas, refere factos e sabe encadear tudo, sem que se lhe perceba esforço, nessa amena conversação escripta que constitue a essencia do folhetim. Parecendo facil, o genero é difficilissimo, e tanto assim que de Julio Cesar Machado para cá ainda ninguem arcou triumphantemente com as difficuldades que elle comporta. Uns sobrecarregam-o de erudição pesada, outros dão-lhe o caracter impetuoso da impressão resentida em flagrante, outros, á força de quere-m evitar esses escolhos, caem na mais desalentadora banalidade. O sr. Alberto Pimentel é dos que, sem florear o estylo dos Janin, nem sorrir com a fina graça dos Julio Cesar, consegue ainda manter-se honrosamente nesse perigoso logar de combate, onde o bom gosto, a ironia e o espirito aflam as armas para as suas brilhantes lutas.

O ultimo livro devido á sua experimentada penna é um livro de folhetinista. Intitula-se *Sem passar a fronteira* e editou-o a casa Gomes de Carvalho,—uma das que mais capricham em editarescriptores portuguezes, sem fazer distincção entre velhos e novos. É uma serie de folhetins que, como o titulo indica, se referem só a aspectos e factos da nossa terra. Alguns desses trechos são interessantissimos, e dão bem a nota de serem vividos, e narrados em hora em que uma grata despreocupação mais facil e limpida torna a sinceridade das almas. Nelles o sr. Alberto Pimentel confirma o que ha muito delle pensam os que não se deixam influenciar por exaggeros de amizade ou animadversões gratuitas, quer dizer, que elle é um dos nossos escriptores que mais trabalham, honestamente e despretenciosamente, vendo a Natureza e a Arte com um criterio elevado e um bom senso seguro que, não se deixando desviar pela preocupação da frase literaria, poderão perder no que vulgarmente se chama brilhantismo, mas ganham muito em verdade e em segurança de analyse.

Alem deste livro ha ainda outro de que fazer menção, neste mez tão escasso de novidades literarias attendiveis. Refiro-me a *O Paiz do Luar*, do sr. Adolpho Portella. Diz o autor que elle é constituido de *lendas e bucolicas*. A verdade é que nem lendariamente nem bucolicamente presta. É uma collecção de narrativas sem interesse, com um estylo amaneirado, que não tem personalidade. O sr. Adolpho Portella appareceu ha annos, escrevendo versos que não passavam de servis imitações de Junqueiro, na phase dos *Simples*. Não soube, porém, apprehender-lhe o sentimento, o que não admira, porque o sentimento não é facil apprehender-se. Ou se tem, ou se não tem. Todavia, um homem intelligente pode simula-lo. O sr. Portella não si-





### PARNAHYBA---A casa inglesa

mulou cousa nenhuma, mas não devemos ficar-lhe agradecidos, porque naturalmente foi porque não soube. Era tudo artificial, dava a idéa dum castelo de cartas com frases rythmicas. Nada mais. Mas no verso ainda essa vacuidade de idéa, essa ausencia mesmo de sentimento, pode passar às vezes, contanto que numa suave harmonia os faça esquecer. Em prosa já não succede isso. Eis a razão porque as prosas lendarias e bucolicas do sr. Portella parecem ainda muito peores do que os seus versos, o que na realidade não é facil affirmar.

No dia 20 deste mez reuniram-se nas salas da Associação dos Lojistas varios escriptores, jornalistas, poetas, estudantes e propagandistas de idéas avançadas, afim de se levar a effeito a criação dum theatro em Lisboa, que, moldado pouco mais ou menos pelas normas que presidiram á fundação do Theatro Livre em Paris, permitta e facilite ao publico, e muito principalmente ao que se constitue das classes trabalhadoras, o conhecimento de peças, nacionaes ou estrangeiras, que tendam a examinar theses sociaes sob um largo ponto de vista, que corresponda ás idéas e principios de philosophia moderna. O plano é bom, e a tentativa necessaria. Basta para o comprovar o facto de, nos nossos melhores theatros, não poderem ser levadas á scena, senão em condições muito excepcionaes, peças como a *Blanchette*, de Brieux, representada pelo grupo Lucinda Simões e *O Poder das Trevas*, de Tolstoi, representado por Zacconi, isto é, não desempenhadas por nenhuma das companhias regulares dos nossos dois theatros D. Maria e D. Amelia, que tem publico e artistas nos casos requeridos para interpretações dessa ordem. Sobre o Normal pesa o regulamento do governo, que lhe

impõe uma censura que não permite a representação de peças que o criterio rotineiro dos governos considere subversivas, não já das instituições do Estado, mas dos proprios costumes sociaes. No D. Amelia só se faz balcão: a empresa põe em scena indistinctamente zarzuellas e tragedias, deixando apenas passar alguma cousa boa e educativa, quando lhe parece que dará algum dinheiro. Num tal estado de cousas, não será meritorio crear um theatro novo, livre de peias, e desinteressadamente dedicado a uma obra de educação social? Sem duvida que sim, e oxalá que, triumphando da indifferença publica e de todas as más vontades que sempre se manifestam contra os justos empreendimentos, esse grupo de homens consiga levar a cabo uma idéa que ha tanto tempo é a de todos que desejam a diffusão dos principios duma nova moral nesta lethargica população portugueza.

30—abril—1902.

MAYER GARÇÃO.

### D'entre as ruínas

Por onde vou, por onde enfim caminho descuidado,  
levando orgulhoso alma o meu infinito Amor,  
tropeço de escolho em escolho e vago allucinado,  
mudo, pela profunda noite assombrosa do Horror.

Tateio escombros, ossadas, oíço de lado a lado  
só o Desespero humano, profundo e atterrador,  
porque a Creença e a Fé são misero réu desterrado,  
e, onde o riso floresce, nasce terrivel a Dór.

Mantem os corações e o olhar que nos enleva mente;  
a boca rosea que beija, até no beijo innocente,  
fero, na expansão do carinho a nossa alma tortura.

Mas, nesta Noite sombria, entre estes negros abrolhos,  
tenho luz, a luz que vem desses teus bondosos olhos,  
porque o amor fez de ti, dentro todas, a mais pura.

Theodoro Rodrigues.



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Julho de 1902

NUM. 22



RIO DE JANEIRO---Rua 1ª de Março---O Correio



## Navegando

Noite. Tudo repousa sosegado.  
Ouço somente a máquina ruidosa,  
Que na incessante faina temerosa  
Leva o navio ao porto desejado.

No cabeço da vaga majestosa  
O plenilunio mira-se cansado,  
Jornadeando pela fulgurosa  
Face do ethereo campo illuminado.

Junto á amurada escuto o soluçante  
Quebro da vaga... N'ampidão distante  
Busca-te a imagem meu dorido olhar...

E á luz feral duma saudade infinda  
A voz do meu amor casa-se ainda  
A's melopéas lugubres do mar.

Pará.

João de Deus do Rego.

## Um livro sobre Historia Patria

Acabo de ler, com a atenção que me merecem os trabalhos de João Ribeiro, o seu ultimo escripto—*Historia do Brazil*, cuidadosamente elaborado, sob um plano inteiramente novo.

Atirei-me de um sorvo a estas paginas, onde se desdobra a narração elevada da vida da minha Patria; e, por entre aquelles periodos, brunidos por mão de grammaticographo, encontrei ideias proprias, exaradas sob a orientação moderna dos estudos historicos.

O livro é de valor incontestavel; afasta-se dos planos chronologicos até hoje estabelecidos e, em capitulos bellamente nominados, revela a meditação do autor na recomposição das chronicas nacionaes.

Os problemas que teem impressionado os nossos historiographos não foram descurados; discute-os o autor, segundo o conceito que lhe apraz, confrontando ou rebatendo opiniões de ha muito aventadas.

Assim sustenta resumidamente ser André Gonçalves o emissario que levou a D. Manuel a nova da descoberta do Brazil; aponta o nome do primeiro prelado, collocando entre parentheses o sobrenome, Sardinha, sem se explicar se acompanhava neste particular o sr. Jansen do Paço, que sustentou chamar-se simplesmente Pero Fernandes o bispo vindo com Thomé de Souza.

O autor não desce a grandes minudencias nestas questões; limita-se unicamente a manifestar o seu parecer. Deste modo não buscagrandes pesquisas para provar que Cabral partira de Restello com o proposito de descobrir a Terra de Santa Cruz; contenta-se com revelar, sem provas nem demonstrações, a inverosimelhança da versão do acaso.

Esta questão, para um livro da natureza do de que trato, devia ser mais bem expandida. O estudo

do roteiro de Cabral, a verificação de conhecerem os portuguezes existir, para além, região incognita; a apreciação da rota traçada, visando um plano preconcebido, são assumptos dignos de nota em um trabalho que não é unicamente um compendio, mas uma obra acurada e de valor verificado.

E' bem certo estar hoje, após os trabalhos de Norberto Silva, Augusto de Carvalho, Zeferino Candido, Baldaque da Silva, Fran Paxeco e outros, quasi profligada a lenda das correntes oceanicas arrastando Cabral ao paiz que descortinara; apesar de tudo, o sr. João Ribeiro não podia passar ao de leve sobre este ponto, alvo sempre das pesquisas dos historiadores.

As duvidas o autor as menciona, exprimindo incontinente o seu pensamento. E, com o manifestar a sua idéa, aventa uma heresia historica na primeira pagina do seu livro, onde, sem reboço, assevera que os portuguezes approam a Africa impulsados pela ambição de escravizar. A civilização lusitana no seculo XV explica nitidamente o mobil das arrancadas maritimas.

Dilatar a fé, ir em busca desse velocino que lhes era a mais doce miragem e procurar o ouro, o sandalo e as riquezas do Oriente, tal a causa da serie de aventuras dessa gente ousada, desde o estabelecimento do observatorio de Sagres até ás correrias aprestadas na praia do Restello.

Implantar a religião da Cruz entre o gentio africano, demandar conquistas de novas paragens, em que a imaginação fertil dessa raça, já impressionada pelos feitos cavalleirescos e pelos successos medievos, entretecia fabuladas ou effectivas grandezas, tentar submeter povos e assenhorear continentes, eis os incentivos dos sequazes do infante D. Henrique. Portugal possui a um escopo mais elevado que escravizar; tinha ambições justas a grangear o lustre e gloria que o sublimaram.

Acho-me em inteira discordancia do illustre mestre; o que me ensinam os velhos alfarrabios é o que lá escreveu o velho Azurara, cuja passagem, de muita gente conhecida, ora reproduzo:—«Consirou que se poderiam trazer para este reino muitas mercadorias».

A terra de Afonso Henriques aventurava-se á riqueza.

Se o autor pensa doutro modo, opondo-se á propria historia, não documenta a seu parecer, da mesma sorte que deixa de fundamentar a asseveração de ser um mytho o episodio de Caramurú, o qual, diz elle, «é falso estivesse na corte de Henrique II». E neste modo de contrariar materia aceita cae no descuido de narrar:—«A verdade provavelmente está em que a historia do Caramurú fundiu-se com outras de piratas francezes». Desta forma illogicamente baseia o seu argumento, destruidor de um facto, e se firma numa mera probabilidade.

Se é apocrypho ou não o episodio de Diogo Alvares difficil é prova-lo; a tradição recebeu-o e a veracidade do caso não offerece, attentas as circumstancias em que se deu, vacillações ao espirito. Aceitemo-lo, já que os documentos não são abundantes.



A—*História do Brasil*—é para ser manuseada por quem já tem noções da matéria e divirja, assim pensando, do sr. Araripe, junior, a quem muito reputo nas suas críticas.

O livro em questão entra na indagação de certos factos e abandona outros inda obscurecidos, frisando assumptos próprios de um trabalho histórico e a que a loquella anti-pedagógica do distincto prefaciador classifica de bisantinas. Que ninguém, ao escrever um compendio de *História do Brasil*, deva deter-se a demonstrar se João Ramalho é ou não o bacharel de Cananéia, estou de pleno accordo; mas que abandone a narrativa do episodio... E que fica da historia?

Não quero dizer que seja fatigante um escripto, em certos capitulos, mostrando grande erudição e equiparando-se a um antiquario de nomeada. Para o sr. Araripe, que certamente folheou rapido essas paginas, presta-se esse livro para os meninos, que se não cansam ante a descripção de uma bandeira. Não é esse o motivo; a historia dos bandeirantes (e della bem se occupa o autor), em travessias penosas e accidentadas, lembra os contos tradicionais brasileiros e a exploração do ouro e a figura de Felisberto Caldeira, perecendo no terramoto de Lisboa, são casos impressionantes e muito interessam aos cerebros juvenis.

O trabalho que estou a analysar pouco tem de didactico; os capitulos obedecem muita vez a philosophia da historia.

Do selvicola não se aprendem usos e costumes; ha ali um estudo ethnographico, a ultima palavra no assumpto; da fundação da capital da Republica fala-se ligeiramente, obumbrando-se o nome de Francisco Velho; da guerra hollandeza somente se contam os principaes factos, não se referindo, como era devido, o triumpho das Tabocas; em summa, passa de largo ante circumstancias notórias e fica-se captivo e absorto em face de raciocinios aproveitáveis.

Elogia ainda merecidamente o autor a administração de Nassau, sem a leviandade de certos historiadores, na previsão para o Brazil de um futuro inaudito, sob a tutela hollandeza. Depois de referir a invasão hollandeza, João Ribeiro denomina formação do Brazil os capitulos em que observa as entradas, os bandeirantes, com grande vantagem, as formas administrativas, o jesuita, de quem faz a apologia, na contemplação dos vultos de Anchieta e Nobrega, sem traçar o influxo pernicioso dos collegios e, finalmente, occupa-se das raças vermelha e negra, cuja existencia no Brazil vê suavizada, esquecendo-se do rélho e do tronco, em que esta era torturada á rijeza dos senhores de engenho.

Estudando as revoltas de Beckman, a guerra dos mascates, traceja no capitulo seguinte a historia local de varios estados.

Dahi em diante bosqueja a historia dos limites e a questão da colonia do Sacramento.

Occupando-se da conjuração mineira, perfeito resumo, immiscue-se em considerações sobre o despotismo da corte portugueza, e ao enfrentar a instauração da dynastia brigantina só menciona o im-

pulso que teve o Brazil, não devido ao tino politico de D. João VI, e cala os desacertos que se praticaram.

As ultimas paginas do volume descrevem-nos o primeiro e o segundo reinado, omitindo muitos dos grandes heroes da guerra do Paraguay.

A meticolosa noticia que faço deste livro importa no merecimento que lhe consagro; é um trabalho valioso, com pequenas lacunas, é verdade, tendo muita cousa nova.

Fui propositalmente minucioso, entendi dar pallidamente o arcabouço de uma *História do Brazil*, em moldes originaes, que realçam a reputação conquistada por João Ribeiro, ora em estylo puro, desenhando os quatro seculos da vida nacional.

Combatendo o que me pareceu inaceitavel não almejei apagar o vislumbre do magnifico trabalho, em que encontrei, repito, uma feição moderna e paginas de real monta; quiz sómente correr com o leitor os periodos desse volume, de que a imprensa desta capital até agora se limitou ao costumado—recebemos, como se se tratasse de um compendio de fancia.

Não se presta, infelizmente, a attenção que exige a estudos de tal quilate; mais effeito produziria um pamphleto que puzesse ao raso da publicidade pessoas e reputações.

Furtemo-nos de nos impressionar, leitor amigo, com esses maus habitos; ha mais um repositório dos factos da vida Patria, um livro notavel sobre a existencia do meu amado Brazil.

E' caso de emoras ás letras, nesta epoca de desanimo e indifferença...

Rio, 16-2-902.

Theodoro Magalhães.

## Rumores

Fala a escura floresta. Além, estranhas  
Aves gorgeiam. Perto, um tigre passa  
E ronca, salta, some-se e entrelaça  
Rastos no chão das proximas campanhas.

Fremem no cimo as arvores tamanhas  
E a liana fina a basta rama enlaça,  
Juntas vibrando; murmurante, escassa  
Fonte bôlha da terra nas entranhas.

A aza de leve agita e zumba o insecto,  
Folhas estalam, cascadeis agitam,  
Em ruido, a cauda e berra um veado inquieto.

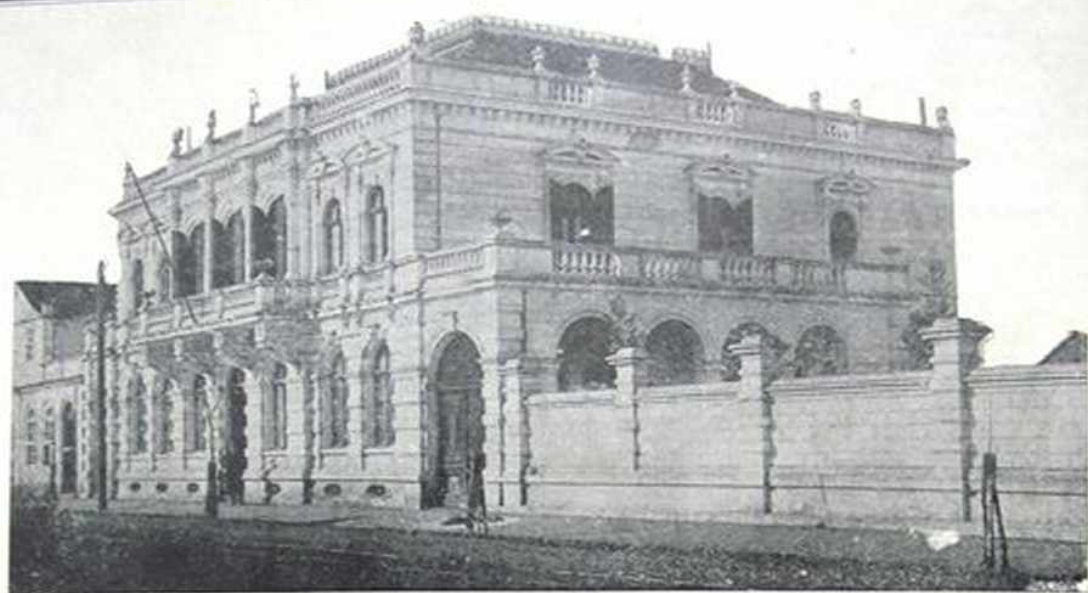
O orvalho cae e a verde folha abana...  
Esses rumores multiplos imitam  
Todos os sons que vibram na alma humana.

FRANCISCO LISBOA, filho.

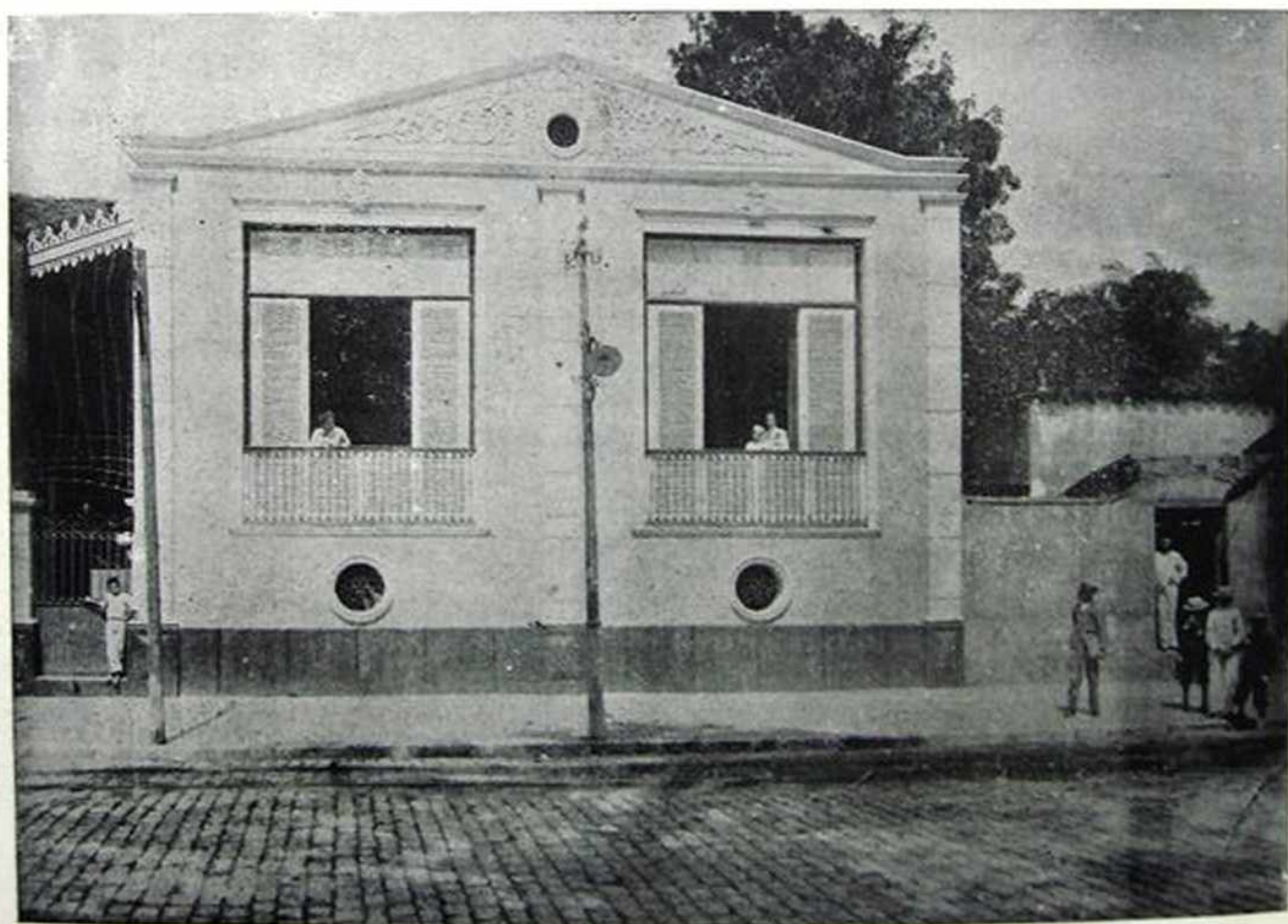
A satira é a irmã gêmea da elegia; se uma defende os opprimidos a outra combate os oppressores.

TAINE.





CURITIBA—O Palácio do Governo



PARA—Na Avenida Dr. Moraes—Casa de propriedade da Garantia da Amazonia



SUPPLEMENTO AO N. 22

16 DE JULHO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

O ultimo adeus

MARANHÃO-BRAZIL





João de Barros



Pernambuco--A LINGUETA

## O mez literario em Portugal

### João de Barros

O poeta João de Barros pertence á ala dos novissimos cultores das letras. Tem vinte annos, e é estudante da Universidade de Coimbra. Em 1900 surgiu pela primeira vez o seu nome nos caracteres negros dos typos. Foi com a publicação das *Algas*, o seu primeiro *recueil* de versos. Era um livro que revelava um artista, pela subtilidade das



### THEODORO MAGALHÃES

Lente da Universidade Livre do Rio

impressões, mas que, todavia, não faria prevêr o poeta de elevado sentimento e de clara e honesta alma, que, mais tarde, havia de vir falar aos corações endurecidos dos homens essa linguagem forte e vibrante de quem lança grandes palavras de verdade e de justiça do alto desse cimo a que ascendem todos os que crêem na bondade e na redempção da vida. Essa tendencia revelou-se, porém, já no *Pomar dos Sonhos*, novo livro de versos que, passado apenas um anno, o moço literato deu á estampa. Abi, de envolta com preocupações duma belleza estatuarica hellenica, já um forte sopro de realidade moderna,—e sirvo-me do termo na acceção de que elle deva significar uma nitida comprehensão da vida nas suas circumstancias actuaes, tanto de facto como de aspiração,—, passava por



toda a obra, illuminando-a duma tónica e reconfortante luz. Mas onde essa orientação absolutamente se afirma, marcando o termo fatal e justo duma evolução espiritual, largamente preparada, é sem duvida neste seu ultimo livro, que o poeta, como um apóstolo, intitulou: *Entre a multidão*.

São palavras sãs e leaes, duma grande superioridade moral, ditas com o tom apaixonado do propheta que clamava no deserto a uma humanidade perdida na treva dos egoismos e na noite dos preconceitos. João de Barros é uma alma candida, e a sua juventude tem este requisito, que—parece um paradoxo, mas não é, infelizmente—raro se encontra já em peitos jovens: mocidade, que quer dizer illusão e esperança. Vivo, entusiasta, irrequerido, vê-lo, ouvi-lo, equivalet a presentir uma ininterrupta vibração. É um sentimento, educado em principios de grande amor, que necessariamente implicam uma formidável indignação. Como é um poeta,—canta, maneira de lutar mais efficaz nos nossos tempos do que a dos grandes prelos das épocas cavalleirosas. Mas na sua poesia ha reflexos de espadas, adivinha-se nella um vago tom de Marselhezas, e no clarão que ella derrama sobre esta sociedade de morecos, habituada á escuridão, reconhece-se o fulgor daquelles fachoos destinados a atear incendios. A sua aparente serenidade é feita de convicção,—e é de convicção que se alimentam as almas dos lutadores.

A multidão que sente, obstinadamente surda ás suas palavras, que glorificam a vida, livre de prejuizos e vaidades, eternamente renascendo no coração da terra e brotando em gerações fortes e sinceras, não julga elle decerto conquista-la, instantaneamente, para o credo a que subordinou as inspirações do seu espirito. Essa continuará, por muitos tempos, envolvida no seu conflicto mesquinho e sangrento de interesses ferozes como alcaiteas de lobos. Mas o poeta comprehende, e comprehende bem, que a palavra do apóstolo nunca morre, e que dentro dum dia como dentro dum seculo ella ha de fatalmente triumphar, erigindo-se em norma social, muito embora já daquelles que a pronunciaram não reste, sob o pó, uma particula do coração, nem na recordação dos homens uma syllaba do seu nome.

*Entre a multidão* é, pois, um livro sentido, e animado dos mais generosos intuitos que hoje podem nortear uma intelligencia. E, se dos seus intuitos passarmos á sua forma, a sympathia dos que hoje, por educação mental, podem apreciar esse livro recrescerá ao constatar a perfeita identificação que a uniu á idéa inspiradora. Dizia outro dia um illustre critico francez, referindo-se á obra de Brieux, que não admirava elle muito medianamente attender ás perfeições da forma litteraria, tal como ella conservadoramente se define, visto que é uma característica dos temperamentos doutrinaes e revolucionarios importarem-se pouco com a formosura externa das idéas nobres e bellas que apostolisam. Os versos de João de Barros comprovam, porque elle é negavelmente um dos que se devem encontrar envolvidos nesse reparo, as affirmações do critico francez. Caracterisa-os uma absoluta simplicidade; a ausencia de *trucs* litterarios

é completa. Dir-se-ia que não está escrevendo para um publico exigente, mas sim falando naturalmente a irmãos, na intimidade dum lar. Por isso, abrindo o seu livro, temos a impressão de entrar na sua alma, no seu caracter. É um livro de rectidão,—e creio ter achado o termo que melhor interpreta a sensação que experimentei ao lê-lo.

Muito novo, João de Barros tem diante de si um futuro largo. Não o direi um futuro brilhante,—a não ser para a sua consciencia, regosijada na satisfação do dever cumprido. Mas abre-se-lhe, no horizonte indeciso da vida, um futuro de combate e de sacrificio. E, novo, tem coragem, está orientado, possui um verdadeiro talento, e sobretudo um verdadeiro caracter. Tanto basta para que eu deva assignala-lo aqui, como uma das melhores esperanças da nova geração portugueza.

## O romance

«1 *Paixão de Maria do Ceu*—O novo romance do sr. Carlos Malheiro Dias.—Qualidades e defeitos.—O eterno sr. Galtis.

Eis finalmente nas livrarias, e entregue ás discussões de todos os devotos da arte, o novo romance do sr. Carlos Malheiro Dias, cuja aparição proxima tive ensejo de lhes annunciar numa das minhas passadas cartas. Chama-se, como lhes disse, *Paixão de Maria do Ceu*, mas não é, como se receava, um livro mystico, destinado apenas a fazer florir primores de estylo. Todavia, tambem não é, como *O Filho das Herbas*, uma obra descobrindo, embora vagamente, intuitos duma nova e superior moral. O autor inclue-o numa serie, que parece disposto a continuar, e que intitula *Romances Nacionais*. Dá um pouco a idéa de querer seguir o plano dos Episodios Nacionales de Galdós, onde o illustre romancista espanhol encerrou alguns dos seus melhores trabalhos. Mas no fundo a concepção diverge, porque enquanto Galdós, seguindo á risca o implicito programma de taes obras, procurava essencialmente evocar épocas e quadros historicos, vivificando as suas narrativas com a intercalação duma trama fantasista, o sr. Carlos Malheiro torna a epoca somente um quadro da efabulação que premeditou. E, neste caso, essa trama romantica é a paixão de *Mariado Ceu*, creaturinha caprichosa e animada, que submete o ingenuo coração ás mais triviaes fantasmagorias do amor.

Torna-se difficil dar um juizo seguro sobre o valor do romance do sr. Malheiro. Tem cousas excellentes, como tem cousas pessimas. No que, porém, não podem caber duvidas é em que se trata dum trabalho extremamente precipitado. Segundo se deprehende da sua leitura, e os seus panegyristas affirmam, o sr. Carlos Malheiro tentou resuscitar a forma classica e eminentemente nacional de Catalão. No primeiro capitulo, o mais bem tratado sob esse ponto de vista, a imitação dá resultado e é tratada com bastante escrupulo. Mas nos seguintes o temperamento moderno do escriptor, porventura entre nós o mais imbuído de processos litterarios estrangeiros, fa-lo evadir-se indomitamente ao que foi, pelo que vemos, uma preocupação



como dantes, de braço dado com Zola, e o romance, apesar dos termos pretenciosamente archaicos que o povoam, perde de todo o caracter nacionalista.

Nas observações de personagens apenas uma se nos mostra logicamente traçada. É a de Maria do Ceu, creança doce e fragil, que, abalando nos braços conquistadores de Marmont para além das fronteiras da sua patria, não se pode precisamente afirmar que tenha obedecido a uma paixão, antes parece ter simplesmente soffrido a atracção dumas dragonas reluzentes e duns bigodes marciaes. O resto é falho, quando não é absolutamente falso. Por exemplo, Joaquim Telles, um dos apaixonados de Maria do Ceu, é uma figura desoladoramente contradictoria. Não quero já acentuar a flagrante incoherencia com que o sr. Carlos Malheiro o apresenta numa pagina como um *caracter rigido*, fazendo-o logo *bandejar-se para o partido dos fortes* na pagina seguinte. Trato da sua estrutura fruste, que leva essa personagem a desmanchar-se nas mais disparatadas resoluções e a assumir os mais antagonicos aspectos: hoje disposto a villanias, amanhã fracassando em desalentos injustificados, para depois se levantar á maior altura dos heroismos moraes. O mesmo succede com o conspirador Sepulveda, homem d'antes quebrar que torcer, patriota indomavel e irritado, que, tramando a expulsão dos francezes de Portugal por meio das sublevações vingadoras, nos apparece a consentir, sem reparo, a entrada de alcoviteiros francezes em sua casa, como professores de sua filha.

O que ha de notavel na obra do sr. Carlos Malheiro é verdadeiramente o estylo. Ahi é que são admissiveis e necessarios os elogios. Da *Mulata* para cá, do *Filho dos Hervas*, mesmo, que progresso se observa na sua forma literaria! É um estylo de romancista, porventura um pouco monotonico, mas que nunca descae na banalidade, mesmo na narração dos mais pequenos incidentes. Além disso a sua technica é natural e consequente. A acção está bem travada, os quadros succedem-se com logica, os pontos dramaticos são aproveitados com habilidade e justeza.

A par disto, porém, quantos erros de detalhe, que comprovam a affirmacão que ha pouco fiz relativamente á precipitação da factura da *Paixão de Maria do Ceu*! Quasi se pode dizer que não ha descripção que delles não padeça. No proprio perfil das personagens ha destas imperdoaveis incorrecções. A pagina 55, o sr. Carlos Malheiro descreve os olhos de Maria do Ceu por esta forma: *olhos bulhosos*. Pois bem! Em todo o romance, os olhos da protagonista são designados como *olhos parados*, porque o romancista quer assim predispor-las para a cegueira que mais tarde a fulmina no regresso a Portugal. Nesta questão dos olhos de Maria do Ceu faz o sr. Malheiro descobertas extraordinarias. A um distinctissimo medico, meu amigo, mostrei eu, a ver se elle m'o explicava, este periodo terrivelmente nebuloso: — «Quando a luz se refugia na transparencia do cristalino e augmenta o diametro da pupila negra na iris castanha, havia a convergencia duma sombra opaca, vinda da conjuntiva, sob as palpebras, offuscando o brilho

dos olhos e ennevoando-lhes a iris, como se todos os raios luminosos fossem absorvidos, tocando o olhar duma penumbra». O meu amigo riu-se como um perdido, e só me deu a explicação de que estava positivamente a metter-nos os pés nas algebras um literato que, tratando de olhos, arranjava pupillas negras com iris castanhas!

Querem mais? A pags. 25, o sr. Malheiro apresenta-nos peraltas «com o chapéu de tres bicos empoleirado no sovaco»; a pags. 28 diz-se que em 1807, aos primeiros rumores de guerra com a França, «nos recessos da provincia, velhas fidalgas caíram em deliquio» e a pags. 47 afirma-se que nada se temia, porque «a provincia foi sempre optimista»; a pags. 98 apparecem «cães grunhindo» e a pags. 113 «porcos fossando nos enxurros». Ha tambem a notar a descripção dum desastre de carruagem, que mal se percebe pela sua nebulosidade e umas confidencias do marquez de Alorna a Joaquim Telles, que são tudo quanto ha de mais inverosimil, dada a distancia hierarchica que separa os dois interlocutores e que só uma profunda intimidade pessoal, que não existe, poderia justificar.

Eis o que se me offerece dizer do ultimo livro do sr. Carlos Malheiro. Repito que é difficil um juizo seguro pró ou contra a obra. Tem bastantes qualidades, sobretudo as do estylo, tem innumeros defeitos, sobretudo os do detalhe. Todavia, a meu ver, marca um progresso quanto á factura, e o sr. Carlos Malheiro, não fazendo com tanta precipitação os seus romances, — este é um livro que deveria ter demandado um largo estudo historico, que tem mais de 400 paginas e que foi escripto em sete mezes —, deve ainda tornar-se, pelas suas grandes qualidades de trabalho e obstinação, um romancista muito distincto.

A publicação semi-pornographica a que o sr. Alfredo Gallis deu o titulo generico de *Tuberculose Social* conta mais um volume: *Os Decadentes*. O fundo da embrulhada são os amores dum Urso. Entram em scena uma nymphomaniaca e varias meretrizes. O *calão* é o mesmo. Adiante.

—A seguir.

MAYER GARCÃO.

## Epopeia do triunfo

Dessas que agora eu vejo aqui formosas  
outr'ora satiz as ambições;  
sonhos doirei e as varias illusões  
suas — povoei de imagens luminosas.

O orgulho dominei das orguihosas,  
arrastei, ao meu plaustro, corações,  
e entre afagos, carinhos e afeições  
ia domando as turbas caprichosas.

Hoje, que trago, impavido, nos hombros,  
desses dias de luz somente escombros,  
hoje bem mais feliz eu sou que outr'ora.

Tenho a seguir-me, sempre, um olhar amigo,  
tenho uns sorrisos meigos que não digo  
e um coração de noiva que me adora.

Abdias Neves.





## João de Deus do Rego

### Flôr de neve

Nascera num paiz onde a cinza da bruma  
dos altos montes desce aos congelados rios.  
Estuava-lhe a paixão por sob os labios frios  
como vaga que freme encimada de espuma.

Andorinhas de alem, fugira uma por uma  
cada meiga afeição, aos seus olhos sombrios  
e do sangue no ardor de abrazantes estios,  
sopitado e em revolta, um grande amorreçuma.

Então cingiu á face a mascara de gelo  
que da tortura esconde o estolido requinte  
feliz de assim poder no imo peito esconde-lo.

E como flôr de orgulho, em provocante acinte,  
erecta e senhoril, os homens vence pelo  
desdem do regio olhar,—outrora vil pedinte.

ALVES DE FARIAS.

### A Severo, filho da minha terra

Severo—da Sciencia o Triunfante, exul,  
Dos astros quer tocar as fulgurantes mões:  
—O Filho que estremece o Cruzeiro do Sul  
Do alto quer mirar dos Andes os lenções.

Ei-lo varando o Céu,—ei-lo a singrar no Azul,  
Deixando cá, na terra, os tristes arrebóes;  
Leva-o á enormidade—o Pax—grande e taul,  
Voando no Infinito, em busca doutros sóes.

Filho do potyguar—destino inelutavel!—,  
Correste da Sciencia a enorme trajectoria,  
P'ra livrar do marasmo a terra miseravel.

Arrojado voaste ao extremo da Gloria  
E o mundo inteiro grita:—E' Grande! E' Inegalavel!  
Morreu dentro da Luz—para viver na Historia.

JOÃO GRACISMAN.

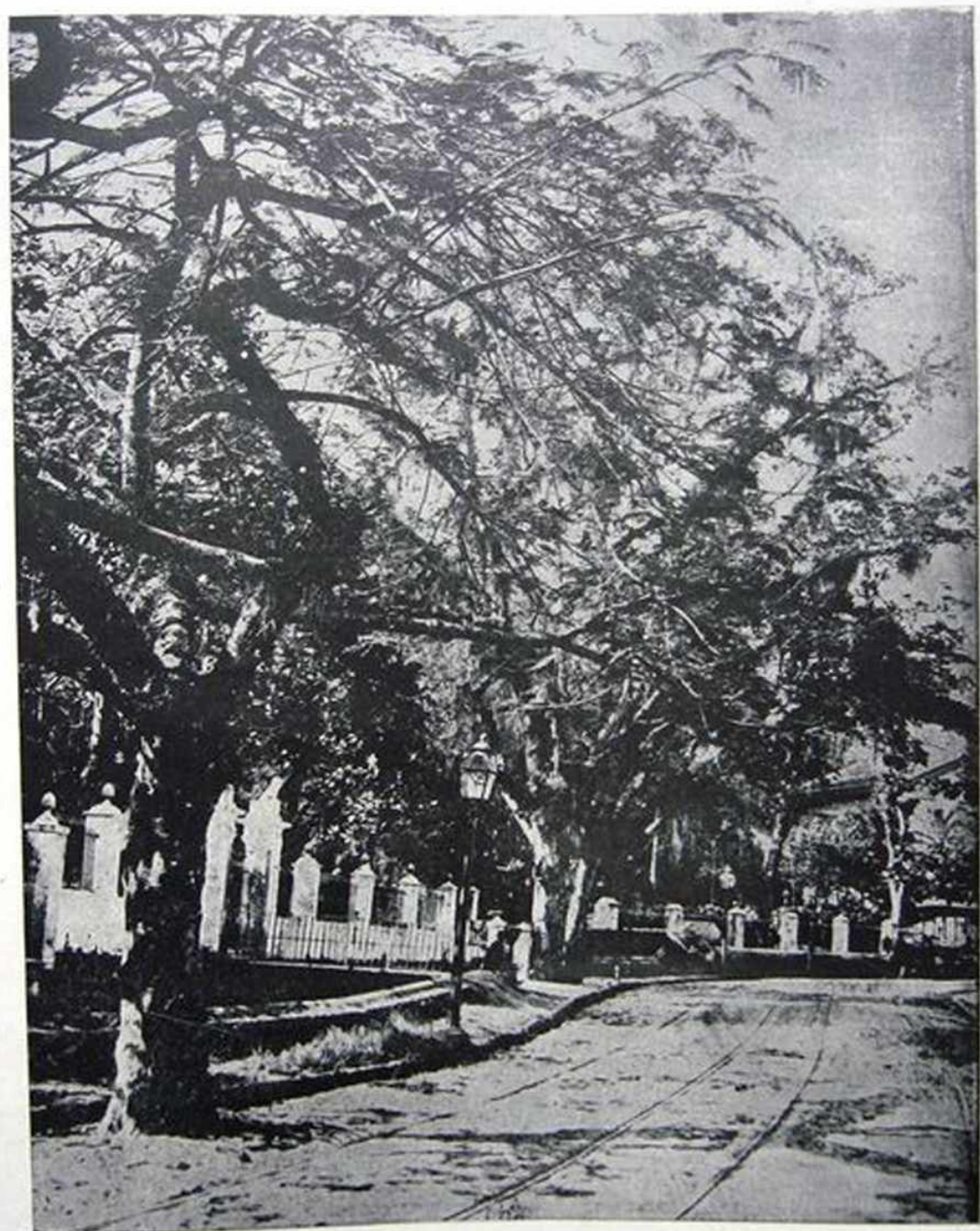


# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Agosto de 1902

NUM. 23



**RIO—Larangeiras**



## Immutavel

Mórrem as virgens nos seus leitos castos  
entre a mól'e e finissima cambráia...  
E a lua fria nos espaços vastos  
serenamente d'entre nuvens ráia.

O occaso da velhice a fronte enturva  
e faz entristecer como um outono...  
E o sol na doce e fulgurante curva  
surge acordando os vegetaes do somno.

A Dôr lanceia os peitos lutadores  
e rasga fundo a carne nas entranhas...  
Pelas campinas vão brotando flores,  
brótam flores pelo alto das montanhas.

Brilha o sorriso candido da infancia  
na pequenina boca perfumada...  
O espinho, o cardo, as urzes sem fragancia  
brilham tambem aos cantos da alvorada.

As lagrimas rebentam-nos dos olhos  
em turvos rios de atro sentimento...  
O mar bravio rugue nos escolhos  
e estoura sob as convulsões do vento.

As mães, no berço, embalam docemente  
os filhos, com os mais intimos carinhos...  
Nas arvores do campo rescendente  
vão as serpentes devorando os ninhos.

Passa na estrada um limpido noivado  
cheiroso á rosa e á flor de lorangeira...  
O coveiro já velho, encarquilhado  
abre uma cova á sombra da nogueira.

O profundo contraste incomparavel,  
eterna lei, cyclópica ironia...  
Como tu és estranha e formidavel  
Força impassivel! Natureza fria!

Cruz e Sousa.

Esta bella poesia constitue um inedito do bazarro poeta dos *Faroes*. Devemo-lo á gentileza do joven escritor Fraga de Castro.

## A Carta

Tres dias depois, tres dias depois que as suas piedosas amigas a conduziram, num caixão de veludo branco, sob uma chuva de boninas e flôres de lorangeiras, para aquelle velho cemiterio, que alveja silencioso ao fundo da estrada, em cujas orlas as papoulas e os junquinhos sorriam para o viandante, eu entrei, guiado pelas minhas fantasias dolorosas e pela minha Paixão em delirio, na abandonada alcova de onde a sua alma, como as almas das santas, voou para o collo de Deus.

E—oh! milagre dos amores allucinados!—eu senti que tudo ali me falava, desde os desbotados laços de fita confundidos com o pó, até ás trepadeiras moribundas que engrinaldavam as janellas...

Dizia o travesseiro d'entreos finos tecidos de seda azul-celeste:

—Ai! Sobre mim Ella repousou a cabeça tentadora. Ouvi o musico tropel dos sonhos que lhe chegavam e fugiam nas azas mysteriosas do Sono e embriaguei-me com o sandalo dos seus cabellos pretos...

Ai! Quando voltará Ella?

Suspiravam as cortinas do leito:

—Ai! Ha tres dias que Ella não vem...

Fomos nós que lhe ouvimos os suspiros do seio e lhe sabemos os segredos da virgindade. Todas as noites—lembramo-nos ainda—vinha um anjo d'azas tão brancas como as espumas do mar e tão formoso como um principe encantado ajoelhar-se á sua cabeceira, enquanto Ella dormia... Seria o Anjo da Guarda?

Ai! que saudades que temos!

Lastimava-se uma brochura na solidão dum contador:

—Ai! Desde que aquellas travessitas aqui entraram e a levaram, toda enfeitada de laços e flôres, nunca mais, nunca mais as minhas pobres e desbotadas letras se illuminaram com os raios do seu olhar e nem mais as pontas dos seus dedos perfumaram as minhas velhas paginas...

Ai! para onde, para onde a levariam?

Abandonada a um canto da solitaria estancia monologava uma velha harpa:

—Ai! Sobre as minhas cordas caíram, engastando-se, muitas das suas lagrimas, quando Ella cantava, acompanhada por mim, as modas da sua terra, ou quando apungia a saudade dos seus amores extinctos.

Como eu era feliz, aspirando-lhe os perfumes da boca e ouvindo-lhe as ondulações maviosas do collo!

Ai! para que logares foi Ella?

Um ramo de violetas murchas:

—Ai! Foi nos seus ricos canteiros que primeiro sentimos as pompas da vida! Como nos acarinavam aquellas bemfazejas mãos!

Depois foi nosso throno o decote dos seus vestidos, onde brilhamos como rainhas.

Tambem fomos as suas confidentes: ouvimos no ultimo baile, entre toda aquella profusão de sedas e cristaes, de luzes e flôres, o que dizia a sua alma em festa ao par que lhe enlaçava a cintura melindrosa... Dize-nos, tu que a amaste e que a procuras agora, exalaremos o ultimo suspiro sem a benção ao menos do seu olhar de amiga?

Ai! porque não volta essa ingrata?

Uma carta sobre um consolo, onde expirava um raio da tarde em agonia:



—Fui eu a ultima em que Ella te mentiu, pobre Sonhador, que ainda voltas, para chora-la talvez! Cada letra que negreja na minha brancura é um abysmo que aquella perfida Amorosa cavou para cada uma das tuas illusões, meu doce Fantasiasta! Volta, volta com a tua divina bagagem de esperanças...

Foge de mim: eu sou a mentira tentadora, a mentira que allucina e que despenha...

Eu...

..

E uma brisa odorosa e pura—talvez a alma da Morta saudosa—adelgacando as cortinas da janella, levou para longe, para bem longe de mim, aquella immaculada folha, atraz da qual a minha alma—nomada sequiosa—jornadeia até hoje ao sol de todos os dias ruidosos e ao luar de todas as noites melancolicas...

..

Deus te dê um feliz, um venturoso destino, ó carta, ó adorada Malfazeja!

Pará.

JOÃO DE DEUS DO REGO.

Este delicado trecho foi escrito para a nossa Revista, na véspera de morrer, por João de Deus do Rego. Aqui lembramos aos seus amigos a conveniencia de reunir em volume as suas prosas esparsas.

## O panslavismo

É um facto incontestavel que o panslavismo inquieta a todos os povos. Na Europa, mais do que noutra qualquer parte do globo, apresenta-se cheio de arrogancia. A politica do gabinete de S. Petersburgo atemorisa a todos os visinhos do grande imperio moscovita.

Em 1891 o deputado Popowski, orando no Reichsrath sobre o perigo russo, procurou, diz Ldwig Gumpowicz, na sua *SOCIOLOGIE UND POLITIK*, estabelecer a distincção entre o slavismo e o panslavismo. Estes dois vocabulos, na opinião do illustre parlamentar austriaco, designam dois factos, duas correntes, cuja differença deve ser conhecida. Enquanto o panslavismo é uma *propaganda politica* oriunda da Russia, atraz da qual se esconde o *panslavismo*, com todas as suas consequências, (despotismo, orthodoxia grega, etc.), o slavismo é um simples phenomeno literario.

O Principe de Bismarck, apesar de immensamente orgulhoso, por ter conseguido fazer da Alemanha uma potencia de primeira ordem, escrevendo, quando já estava retirado da corte, a historia da sua vida, não poudé dissimular o que previa o seu espirito de homem superior: a inevitavel preponderancia da Russia sobre os negocios europeus. Ainda hoje, nas altas esferas politicas, pairam as mesmas duvidas que tanto impressionaram o venerando solitario de Friedrichsruhe.

Tornar-se forte, rica, poderosa, tal é o objectivo da Russia contemporanea; e a grande numero de patriotas a autocracia é o que num dia, não muito longinquo, garantirá a supremacia nacional.

A Russia unida, como que fechada nas mãos do soberano, é um verdadeiro espantallo a toda a Europa, dividida e extraordinariamente ameaçada pelas diversas facções politicas e pelo profundo odio das classes pobres contra os seus opressores dominantes; a Russia, accrescentamos, deante da pavorosa desorganisação da sociedade hodierna, causa terror a qualquer nação, até mesmo áquellas que se julgam inexpugnaveis, a exemplo da Alemanha.

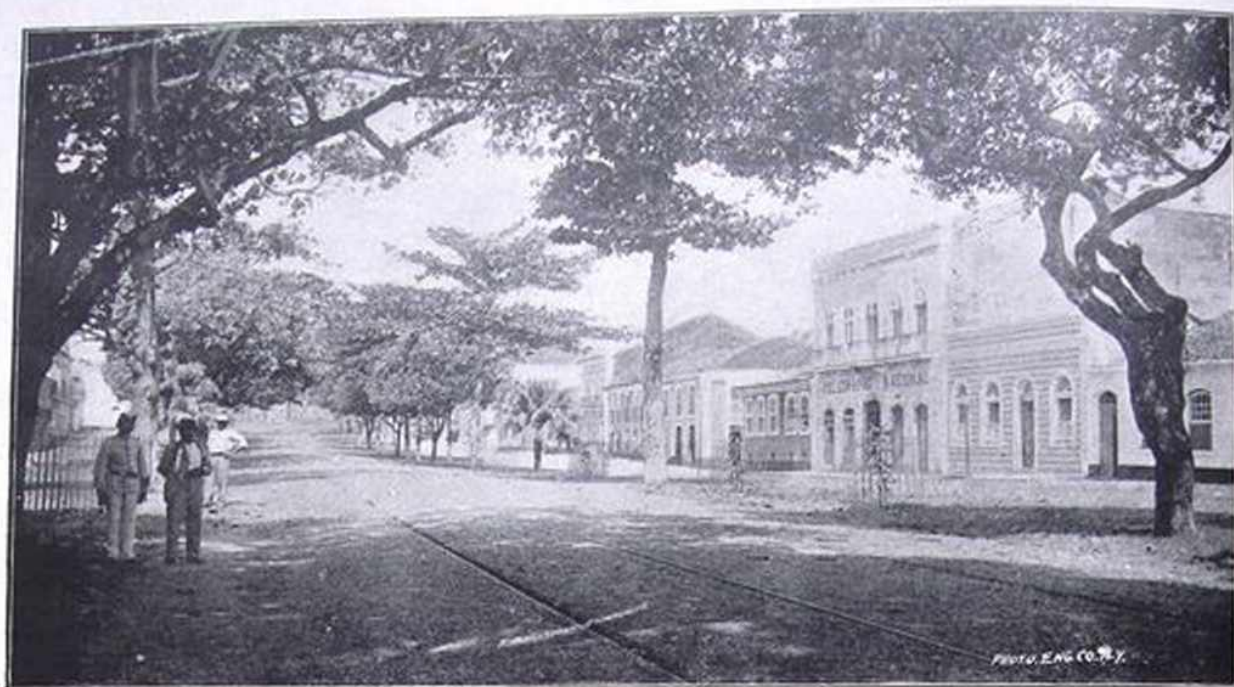
O colosso russo, escreve Anatole Leroy-Beaulieu, não deseja ceder o seu quinhão a ninguem; das bocas do Danubio aos mares da China, elle tambem colloca as suas forças para as lutas supremas, pacificas ou guerreiras. Alargar, prosegue o autor de *L'EMPIRE DES TZARS ET LES RUSSES*, o campo das suas industrias; transformar o velho imperio rural em potencia manufactureira, prevenir, por leis sociaes, as lutas de classe que perturbam as nações do Occidente e enfraquecem os concorrentes da Europa e America; dar saída aos productos das suas fabricas, que já precisam de novos mercados; levar os seus caminhos de ferro e os seus colonos através das steppes e dos desertos, além da muralha da China, que se desmorona, até aos mares livres, onde brilha o sol, até aos grandes formigueiros humanos do Oriente amarello; abrir as azas protectoras da aguia tzarina sobre a immensa Asia musulmana ou pagã, sobre os povos moribundos e os imperios em decadencia, não é uma obra vastissima para a primeira metade do seculo XX, de elevado alcance politico para as gerações proximas?

Effectivamente, as conquistas pacificas obtidas nestes ultimos annos pela Russia, impondo-se mais do que outro qualquer paiz ao equilibrio europeu, fazendo valer o seu prestigio, sem que para isso tenham sido utilizados o ferro e o fogo, constitue tudo isso uma victoria digna de admiração e assegura-lhe o papel saliente a representar nos destinos da humanidade. Dada a hypothese de que no velho continente rebentasse uma guerra formidanda, parecendo transformar-se numa conflagração internacional, decerto a palavra de Nicoláu II, a quem se póde denominar *Mehrer des Reiches*, seria ouvida debaixo do maior silencio; em tal emergencia, a opinião que, porventura manifestasse o Tzar, impôr-se-ia a todos os combatentes.

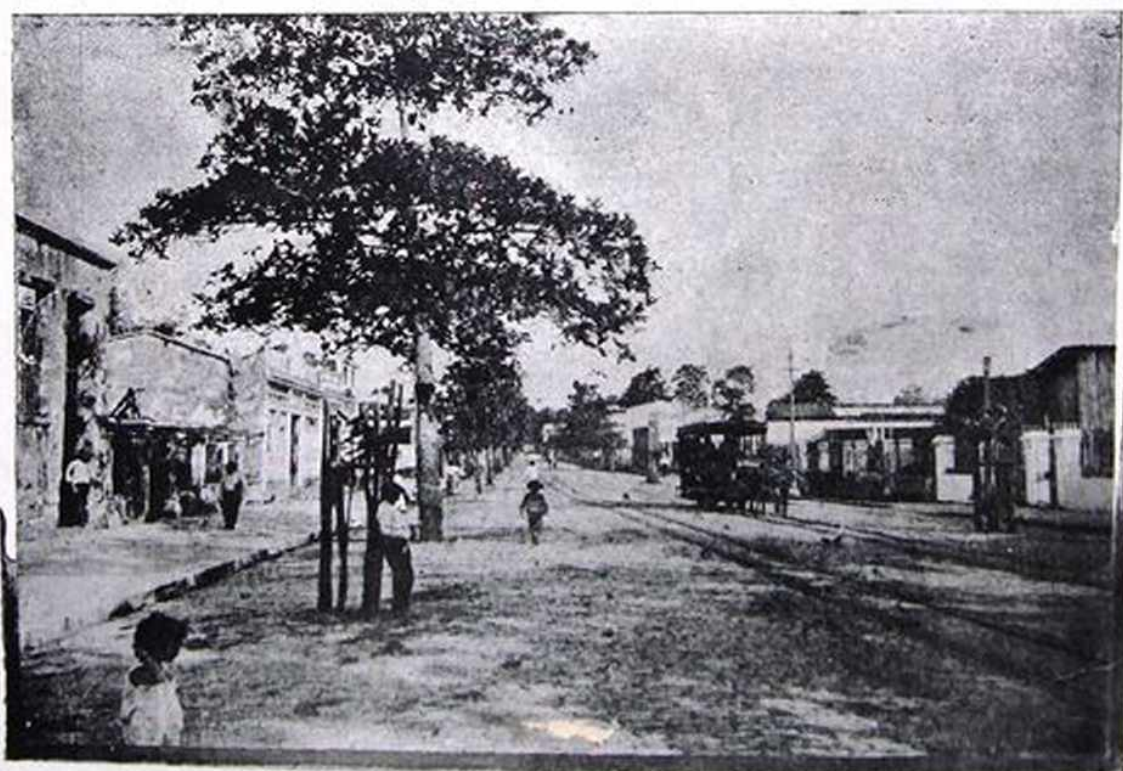
Não fantasiemos. Na recente guerra sino-occidental, embora a Alemanha tivesse a direcção suprema dos exercitos alliados em operações no Extremo Oriente, foi inquestionavel a grande influencia do governo moscovita. Então falou-se muito na incorporação da Mandchuria aos territorios do Tzar. Nicoláu II, porém, com uma habilidade que admirou ás outras potencias interessadas no problema chinês, conseguiu dissipar os temores. O soberano russo contentou-se apenas com uns tantos privilegios, que mais tarde lhe darão a posse definitiva daquella provincia.

E essa conquista que se preparou, e ainda se





**MARANHÃO**—Largo de Palacio



**PARA**—Travesa São Matheus





A REVISTA DO NORTE

Em casa do sapateiro

MARANHAO-BRAZIL



prepara, tão inteligentemente, ha de passar sem protesto; nenhum embaraço encontrarão as tropas russas para se estabelecer onde as levar a vontade do Tzar.

A cessão da Mandchuria far-se-á como se fez em 1888 a de Porto-Arthur e Tu-Lien-Wau. A principio tudo será provisório; mas depois a Russia saberá empregar a sua diplomacia, que, nestes arranjos de imperialismo, occupa a primeira linha.

O conflicto de Tien-Tsin, entre soldados russos e inglezes, trouxe a todos a mais absoluta convicção da supremacia da Russia na Asia. A Inglaterra desejou mostrar-se arrogante; quiz mesmo pedir satisfações a S. Petersburgo, mas lembrou-se a tempo de que se achava esgotada com a guerra sul-africana; reflectiu cedo e, afinal, reconheceu que á sua frente havia um colosso e não um Transwaal.

Como se vê, até a orgulhosa Albion se curva em posição quasi humilde a esse povo, considerado hoje mais do que uma nação: um elemento.

A politica do seculo em começo será, convençamo-nos, inteiramente absorvida pela raça slava, cuja dominação não se circumscreverá á Europa, mas a todo o mundo.

Recife, junho.

PEREIRA DA COSTA FILHO.

## O mez literario em Portugal

### A poesia

*«Ladeira acima»—O sr. Cesar Porto e os seus trabalhos literarios—Caminho errado.*

Além do livro de João de Barros, *Entre a multidão*, a que já alludi acima, veio tambem ter-me ás mãos um volume de versos do sr. Cesar Porto: *Ladeira acima*. Diz-se um volume de versos, para não dizer de poesias. Com effeito, as paginas do livro do sr. Cesar Porto teem versos. Eu tenho-as aqui abertas na minha frente, e vejo, não ha duvida nem pretendo nega-lo, uma serie de linhas, umas maiores, outras mais pequenas, dispostas regularmente,—o que para muita gente é a unica caracteristica que lhe permite differenciar o verso da prosa. Chegando mais os olhos, posso ler algumas dessas linhas, e ver que em algumas partes ellas estão metrificadas. Mas o que não lhes encontro, ainda que as metta pelos olhos a dentro, é poesia; isto é, sentimento, harmonia, rythmo; nem o brilho da imagem, nem a linha da fórma. Trata-se apenas disto: dum rol de amores, na primeira parte: o *Caminho espinhoso das rosas*, e de seccas ponderações filosoficas, expostas em ar pedante de conferencia scientifica, na segunda: *Ao Sol*. Pobres



OS TYPOS POPULARES PARAENSES—O LEITEIRO





Os políticos do Norte—DR. ARTHUR LEMOS

meninas de Dresda, Paris, Lisboa e Porto, e pobre sol de toda a parte! Que massada!

Surpreendeu-me o livro, porque eu tenho o sr. Cesar Porto por um espirito muito illustrado. Ora por se ser illustrado não se segue que se seja necessariamente artista, mas o que um espirito intelligente deve reconhecer é que não deve sair do que é e pode ser. O sr. Porto tem recursos para ser um escriptor doutrinário, mas fallecem-lhe para ser um literato ameno. Não conheço os seus primeiros *Versos de Mizaldo*, e já agora não os conhecerei nunca,—porque tive de ler estes. Mas li os *Naufraios*, um romance por elle publicado ha dois annos, e onde, tirando algumas observações bem feitas, mas inteiramente destituídas de exteriorisação artistica, logo me pareceu que ia mal enveredado para a literatura. O sr. Porto não tem sentimento, não tem forma, não tem imaginação, não tem brilhantismo, não tem espirito. Escreve arte como faria contas de sommar. Parece que faz literatura a peso. É um horror! E isto é uma obrigação moral dizer-lo a quem já fez tres livros e já apresentou dramas ao Theatro Normal, onde comtudo não foram acceitos. O sr. Porto protestou nessa occasião contra o que elle denominou uma injustiça, mas desgraçadamente livros como o *Ladeira acima* não corroboram os seus protestos: prejudicam-os. Não é natural, não é possível que fizesse cousa com geito quem denota tamanha ausencia das qualidades mais fundamentaes do artista.

E nada mais, a não ser um folheto, *O sol do Jordão*, com meia dúzia de sonetos infantis, que não vale a pena discutir. Chama-se o seu autor Albino Forjaz de Sampaio.

## O theatro

No D. Amelia—Sada Iacco e o theatro japonês—  
Decepção—O snobismo intellectual em Lisboa—Na terra do Mikado—Arte e erotismo.

A nota sensacional do mez artistico, no theatro, foi sem duvida a appareição de Sada Iacco no theatro D. Amelia. Acompanhada a actriz japoneza um longo coro de ovações e reclamos, vindos do estrangeiro. Quasi todos a comparavam á Duse e á Sarah, outros punham-a mesmo acima destas duas grandes interpretes das paixões nos tabladros dramaticos. Assim, quando o panno subiu para a deixar ver, no meio da sua exotica companhia, não havia ninguem, na multidão agglomerada na vasta sala do D. Amelia, que não estivesse na expectativa dum prodigio.

Pois bem, digamos toda a verdade,—foi uma decepção. Findo o primeiro acto, já ninguem se atrevia a conceder á japonesinha e ao seu theatriinho outra cousa que não fôsse o atractivo da curiosidade. Era interessante ver aquellas figuras conhecidas das chcaras, dos pires, dos bules e dos vasos, movendo-se e gesticulando num scenario que faria lembrar, pela pobreza e pela escassez de gosto, as barracas miseraveis das feiras. Mas era somente interessante, e depressa aborrecia pela infantilidade, pelo grotesco, pela incoherencia das expressões physionomicas e pela continua successão de scenas de pancadaria de que se alimenta, pelo que vimos, a dramaturgia japoneza. Apenas Sada Iacco se salvou um pouco no terceiro acto do *Kosan*, nessa noite, estendendo com graça o pescoco para morrer. Os mais, desmanchando-se em continuas cabriolas, estavam antes pedindo a arena dum circo do que o palco dum grande theatro.

Todavia, tendo corrido toda a noite entre gargalhadas ou bocejos, no outro dia quasi toda a imprensa cantava louvores a esse perfilzinho de miniatura, falando muito do Extremo-Oriente, com recordações de livros de viagem; e pretendendo provar que Sada Iacco a tinha plenamente satisfeito, porque o Japão é, na verdade, dum exotismo encantador. Era a debil expressão desse *snobismo intellectual* que tem atacado a Lisboa das *premières* estrangeiras. Em vindo alguém, soprado pelas trombetas da réclamação, logo essa gente se dá ares de comprehender as suas pesadas responsabilidades internacionaes. Pois quê?! Aplaudiram a Sada em Paris, em Barcelona, e nós não havemos de aplaudir?! Que importa que se não perceba, que importa que se não sinta! É extraordinaria de arte,—porque o Japão é lindo...

A verdade é que Sada Iacco, pelo que se pode deprehender dos seus gestos e das suas attitudões, seria uma actriz bastante inferior, e como tal reconhecida, se por desgraça sua usasse um nome



portuguez. Não ha detalhe no seu trabalho, não ha coherencia nos seus papeis. No *Kosan* representa um papel de tísica moribunda. Pois, durante um longo espaço, não tosse uma só vez e só quando chega o momento de marchar desta para melhor é que emprega um quarto de hora a tossir, monotonamente, sem dizer nada. Depois sobe para um estradito, encruza as pernas, mata o filho, e de repente estende o pescoço, dá uma cambalhota,—e foi-se!

Se passarmos da artista para a sua arte veremos que ella quasi não merece este nome, tão primitiva e grosseira é. Ah! decididamente o Japão, apesar do prodigioso esforço que algumas classes sociaes querem imprimir-lhe, para, evadindo-se á sorte da China, o fazerem ingressar na civilização moderna, é bem ainda o povo de monete e saias que atura o paspalhão do seu Mikado! Sendo a arte uma expressão de progresso social, que pode esperar-se dum povo cuja arte dramatica mais subida reside ainda em punhaladas, abysmos, cabriolas, danças extravagantes e caretas ridiculas?

A Sada, trazida como uma celebridade estrangeira, não tem portanto nenhum ponto de contacto com as grandes actrizes de reputação universal, que a japonezinha, todavia, em certos *tics*, procura desastrosamente imitar, e quanto á sua arte se á boa para creanças, em espectaculos movimentados de circos, com trajes exóticos, mas não para publicos illustrados, que procuram apprehender, vinha lá de fóra, uma parcella de novidade educativa e emocionante.

Nos outros theatros, nada ha a notar. D. Maria tem feito *répries*, e as restantes casas de espectaculos, que ainda não fecharam, continuam dando as mesmas recitas do mez findo.

## Outros livros

Theophilo Braga, o incançavel trabalhador, publicou, na livraria Manuel Gomes, em terceira edição, a sua *Historia da poesia popular portugueza*. Esse livro, embora já muito conhecido dos estudiosos, saiu pela primeira vez em 1868. Nesta terceira edição o grande professor accrescenta-lhe todos os materiaes adquiridos de então para cá, completando assim o plano da sua obra, a qual, agora, tem mais do dobro do texto que primitivamente comportava. Os themas fundamentaes da poesia do povo são estudados nas tres formas da canção popular: lyrica, recitada e bailada, e pela primeira vez se explica na obra a unidade das tradições poeticas occidentaes. O trabalho de Theophilo, como todos os que saem da sua infatigavel penna, é mais um daquelles com que o illustre escriptor tem procurado radicar no nosso paiz o sentimento da vitalidade nacional.

Saiu tambem um livro de grande utilidade, editado pela livraria Tavares Cardoso. Refiro-me aos *Estrangeirismos*, do sr. Candido de Figueiredo, cujas lições sobre a lingua portugueza são bem conhecidas em Portugal e no Brazil. Escripito na for-

ma amena que o publico já conhece dos interessantes artigos de Caturra, junior, o trabalho de Candido de Figueiredo é um indispensavel auxilio para os que queiram escrever portuguez com propriedade e segurança.

A mesma livraria editou uma traducção da *Resurreição*, de Tolstoi.

A sra. Maria Amelia Vaz de Carvalho, inegavelmente entre as nossas mulheres de letras a que escreve com mais brilho, contribuiu para o movimento literario deste mez com um novo livro: *Figuras de hontem e hoje*. Traçado pelo modelo doutra obra sua, *Alguns homens do meu tempo*, o livro, que é quasi um repertorio de evocações, occupa-se das figuras literarias d'Eça de Queiroz, Thomaz Ribeiro, Serpa Pimentel, Antonio Ennes, etc. Esta é uma das partes: a outra constitue-se de chronicas, uma das quaes, que é um primor literario, se occupa da excommunhão de Tolstoi.

Por ultimo, um escriptor novo, e que em revistas e jornaes deu já provas de verdadeiro merecimento, o sr. Manuel Laranjeira, publicou a sua estrêa no Porto com um trabalho, a que deu o nome de «prologo dramatico» e a que poz o titulo de *Amanhã...* É uma tentativa literaria de caracter social, concretizando em quatro ou cinco personagens outros tantos symbolos de theorias e rotinas. Mau grado a minha sympathia pelo joven escriptor, não posso impedir-me de reputar mau o seu livro. Affigura-se-me fructo de principios mal definidos e julgo entrever que o seu fundo não é bem o da experiencia da vida e da intenção das suas legitimas aspirações, mas sim o de influencias de predilectas leituras literarias. O *Amanhã...* não chega a fornecer-nos elementos para uma conclusão pessoal nitida e a personagem symbolica, cujas reivindicações o autor parece desposar, pouco mais incute no nosso espirito do que o barulho das suas violentas declamações. É de esperar que o sr. Laranjeira, em obra de maior folego, venha a expor com mais nitidez e mais verdade as suas arrojadas doutrinas.

31 maio.

MAYER GARÇAO.

## Saudosa

AO DR. ARTHUR LEMOS

Depois que de longa ausencia,  
com a mais dura inclemencia,  
o duro golpe soffri,  
o teu vulto de creança  
me está sempre na lembrança  
que ainda vive de ti.

Por toda a parte te vejo:  
nas azas do meu desejo  
no seio da soledade,  
ouve, ó flôr do meu encanto,  
não ha dôr que doa tanto,  
como a dôr de uma saudade!



## O impotente

Quero dizer-te, baixinho,  
ave erradia e sem ninho,  
por quem minha alma inda espera,  
aquelles bemsditos sonhos  
que sonhamos, tão risonhos,  
como um ceu de primavera !

Ouve ! As flores que deixaste,  
saudosas murcharam na haste,  
—as flores sabem sentir !...—  
vem dizer-lhes teus ciúmes,  
vem contar-lhes teus queixumes,  
quando da tarde ao cair !

Quando o sol no ceu declina,  
creio inda vêr-te, divina,

Alma que eterna geme, Alma que eterna chora,  
No omnívoro fatal da raivosa agonia,  
Que desespera e ri, num riso que apavora,  
E's do Diabo irmã, guerreira irmã judia !

Abocanhas feroz todo esse mundo agora...  
E quando o Bem se chega a ti, sinistra e fria,  
Dás mil saltos reveis e sáes, macabra, alôra...  
Na amplidão do Silêncio e da Melancolia !

Numa louca tortura e num lento penar  
Inectivas o Deus, inectivas o Mundo.  
A Vergonha e a Dôr são para ti mercenarias...



MARANHÃO—Jardim da Praça do Commercio

as horas beijar—então,  
e ao contar-te o meu desejo,  
rubra, fiques de pejo,  
e, a custo, dizes—não !

Deixa, pois, esse retiro,  
aonde vae meu suspiro  
teu halito bafejar:  
quero envolver-te em meus braços,  
e da luz aos clarões baços  
teus lábios beijar, beijar !...

Belém do Pará.

—  
GUILHERME DE MIRANDA.

Na harmonia entre todos os egoísmos legiti-  
mos e todos os altruísmos bem entendidos é que  
consiste a moralidade,—estrella polar que deve  
guiar o homem no oceano agitado e tumultuoso do  
mundo.

—  
J. AUGUSTO CORLHO.

E vendes a qualquer a consciencia alvar !  
E quando um Novo triunfa ao teu cinismo imundo  
Sangra o teu coração de lvejas sanguinarias...

—  
FRANCISCO SERRA.

Os olhos e os pés, polos de todos os viventes,  
querem-se na mulher bella esculturaes—vivos e  
ardentes aquelles, pequenos e torneados estes.

—  
FRAN.

Transformar certo numero de accões variaveis  
em habitos deve ser a grande aspiração do educa-  
dor.

—  
J. AUGUSTO CORLHO.

Uma obra de arte só e immortal quando fixa  
numa forma classica o ideal das gerações para  
quem foi escripta.

—  
HENRY BERENGER



# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Agosto de 1902

NUM. 24



Dr. Lauro Sodré



## Pelos campos

Este caminho, que eu agora sigo,  
Leva-me direitinho áquella aldeia...  
Mas esta arvore cede-me um abrigo,  
E ao pé della um regato serpenteia...

Nosso pai—o Sol, nossa mãe—a Terra  
Estreitam-se em carícia fecundante...  
Mas já com sede a boca ella descerra  
Sob os beijos viris do loiro amante.

Os salgueirinhos finos, debruçados  
Sobre o fio de rútilos cristais,  
Olham as claras águas, maguados  
Porque não podem debruçar-se mais.

Tem a voz forte, tem o olhar profundo,  
E quando canta, canta fortemente.  
Mulher e terra: tudo tão fecundo!  
Que bellos campos p'ra lançar semente!

Passa uma aragem frêscia. Ha tanto ruido!  
Sinto em volta o batêr de corações.  
Como isto é lindo, triumphal, florido,  
No abraço immenso das fecundações!

Lembra-me a minha bella, o seu cabêllo...  
Que linda vara! E fita-me, tão mansa!  
E o doirado, a cor fulva do seu pêlo,  
Vem-me recordar o oiro duma trança.

Sinto-me forte e bom; sinto mais ar;  
Sinto-me mais alegre, mais sadio.  
Seria até capaz de improvisar  
Mas versos p'ra cantar ao desafio.



MARANHÃO.—UM GRUPO DE CYCLISTAS E O VELODROMO S. LUIZ

Estes choupos, formados em fileiras,  
Fitam o céu, esbeltos e direitos  
Cobrindo a Terra, as loiras sementeiras  
São o leito que brota dos seus peitos.

Numa cama em flôr—basta de trabalho!—  
Um bom velhote vai dormindo a sesta.  
Em cima, entre a folhagem do carvalho,  
Os pardais andam a chiar, em festa.

A todos os sons presto o meu ouvido.  
E aqui, esta ceifeira, como é bella!  
Para falar-lhe, finjo-me perdido...  
(Talvez perdido pelos olhos della).

De pé, co'a foice, mostra-me o caminho...  
Que linda camponêza! Ai! deus-me-valha!...  
Rosto tostado, cheiro a rosmaninho,  
Chapéu grosseiro de grosseira palha...

Vou apanhar, p'ra a pôr na botoeira,  
Aquella flôr, ali, entre o restólho.  
Curvo-me p'ra a cheirar: que bem que cheira!  
Mas colhê-la é um crime... E não a colho!

O amor anda pelo ar... Em cada uma  
Das coisas pelas outras se revela.  
Aquelle segadôr que além se apruma  
Abraça com amor uma gavela.

O' meu amor! querida! sê bem-vinda  
Ao lugar em que o nosso amor é forte!  
A vida é toda amor, é toda linda,  
E é inda vida, é sempre vida a morte.

S. Paulo.

NENO VASCO.



## Historia pratica A PELLE DO BURRO

Houve noutro dia um ministro português, que afirmou nas Camaras, entre emphatico e orgulloso, ter que a honradez era o essencial predicado da politica actual. A maioria é claro que approvou, como approva sempre, e hoje isso corre de boca em boca como um axioma. Ser honrado converteu-se em um axioma preciso para a governação da patria como o pão para a boca.

Pois bem: a meu ver, semelhante axioma é um disparate.



OS TIPOS POPULARES PARAENSES—O PEIXEIRO

A honradez, tomada no sentido usual da palavra, tal como o vulgo a emprega, é o cumprimento dos deveres inherentes aos cargos, é a pontualidade nos pagamentos, é o desprendimento pelas riquezas dos outros, é enfim, nas mulheres, a entrega absoluta do corpo e da alma ao homem a quem o casamento as ligou. Ser honrado é, portanto, viver dentro das normas estabelecidas pela convenção, quer dizer: não roubar, não ludibriar, não enganar, não dilapidar, — com o desprezo absoluto das lutas individuais que doem as hereditarias vincam nos

Honrado, segundo as normas convencionaes qualquer o poder ser, contanto que não necessite de fazer o contrario, isto é, que não precise infringir, num dado momento, as solennes praxes. Basta ser-se rico para não necessitar roubar, basta ser-se imbecil para não poder ludibriar, é sufficiente, enfim, que se seja tolo para não ter a facilidade de enganar e, em ultima analyse, não é necessario mais do que perder a fã para não ter a possibilidade de injuriar com palavras e perder os movimentos, como os paralyticos, para não se poder inflamar a paralytizacao das vontades, a quebra dos impulsos, a impossibilidade dos pensamentos e da perspicacia, o que, tanto na Politica como na Arte, como nas outras manifestações da intelligencia humana, se torna um formidavel contrasenso, pois o progresso não se faz com a paragem e sim pela evolução das ideias e dos factos. Parar, dizia Shakespear, é morrer.

Em laes circumstancias, até a existencia seria mesquinha e monotonas, quer dizer: se parássemos todos a adorar idolos gastos, a contemplar o passado como bôla do futuro, a vergar a cabeça ás praxes, a vida tornaria-se uma coisa sabida, sem interesse, sem alegrias nem prazeres, sem corações nem desalheamentos, porque de antemão todos sabiamos o que nos havia de acontecer.

E quem se attiscava a uma Revolução, sabendo que iam fracassar os seus ideaes? E quem se aventurava a um grito, se tivesse a certeza que esse grito ficaria abafado, sem eco nem repercussão? Finalmente, quem se abalancaria a um esforço em prol duma bella causa, se conhecesse que o seu esforço cairia na inutilidade?

Então acabava-se a Esperança, o Enthusiasmo, a Obsessão e o Triunfo! O homem ficava reduzido a uma máquina, de movimentos methodicos, impulsos compassados, horas certas para se morrer, e horas certas para se viver.

Ura isto pode ser? Não.

Mas ordena a boa regra da mesma convenção que não se façam considerações sobre o caracter de ninguém, para não cairmos na transigencia e, apontando a dedo os malevolos, que sejamos francos, constantemente.

Porém, se a gente com quem se vive não nos merece franqueza, porque deliraria em seu interesse ser sincero com os charlatães, a ser leal com os traidores.

Em proveito da comunidade. A honradez, nestes casos, equivale a seguir a trilha dos precedentes sociaes, e a ser escrupuloso pela opinião dos outros, a vez, do proprio instinto da conservação pessoal, varios organismos e até, com o abarcondo, muitas



rer, minutos estabelecidos para fecundar. E assim caminhariam os annos, os seculos, sempre a mesma cousa, constantemente os mesmos gostos, eternamente a mesma monotonia. Que horror de Vida!

Pois a Vida não é, nem pode ser nada disto! Em volta de nós, o Mystério donde viemos e o Desconhecido para onde vamos, é implacável; as philosophias do além caem pela base como caíram as cosmogonias egypcias; a Vida e a Morte são invencíveis; dentro de cada homem jamais se arranca a sua individualidade. E ser individual não é cingir-se ao criterio do maior numero nem ser exótico; é, pelo contrario, ser logico, coherente, mas ter uma opinião sua firmada no seu temperamento indestructivel.

instrução, para o fomento do progresso, para o caminhar da Vida, no intuito de aperfeiçoar as intelligencias, o que é mister é ser intelligente.

Porque a intelligencia, hoje, governa o Mundo. Com intelligencia vencem-se as mais intrincadas questões e aniquilam-se as vontades contrarias mais tenazes; porém, como a intelligencia não admite peias seculares, porque inventa e cria, pela comparação do passado com o presente, novas formulas de felicidade para o futuro, não é facil ser ao mesmo tempo honrado e intelligente, segundo a praxe. Dahi, ou se é uma ou outra cousa só, porque ambas juntas não querem dizer nada.

Ser honrado como hoje se entende é ligar as acções á opinião geral e trazer o pensamento jun-



PROPRIEDADE DA GARANTIA DA AMAZONIA—BOULEVARD DA REPUBLICA,  
ESQUINA AVENIDA DR. FRUCTUOSO GUIMARÃES

Ser honrado em politica, conforme toda a gente o entende e o ministro disse, equivale a ser tolo; isto é, a revestir-se duma especie de manto, que, se não tolhe os movimentos a cada passo, trõe as intenções.

Pois como pode prevenir-se, quem governa um paiz, contra a astucia dos outros, (hoje que, por toda a parte, a ganancia se fez materia corrente), se tiver a pécha da pseudo-honradez lendaria, que o não deixe mascarar desejos para combater maus fins na esperança duma sonhada victoria? Não é possível?!

E como ha de livrar-se de traições quem não admite traidores?

Ser honrado, deste modo, pela norma geral, é ainda mais do que ser tolo,—é ser prejudicial para si e para os seus semelhantes.

Depois, para a boa gerencia duma nação, no tocante ás garantias do povo, que deve ser o desiderado de quem administra, para a divulgação da

gido a preconceitos; ser intelligente é seguir o seu caminho na Vida, sem lhe importar o criterio dos outros, depois de ter tracado um caminho honesto. A honradez é sempre acanhada e restricta: não vão os de fóra pensar mal de nós; a intelligencia, pelo contrario, é arrojada e larga, porque pouco lhe importa o fallacear das multidões, comtanto que a intenção seja generosa.

Dest'arte ser apenas honrado, quando agora se reclama para tudo a intelligencia, é, por exemplo, como se perguntássemos a alguém se nos podia resolver uma equação algebrica e esse alguém nos respondesse:

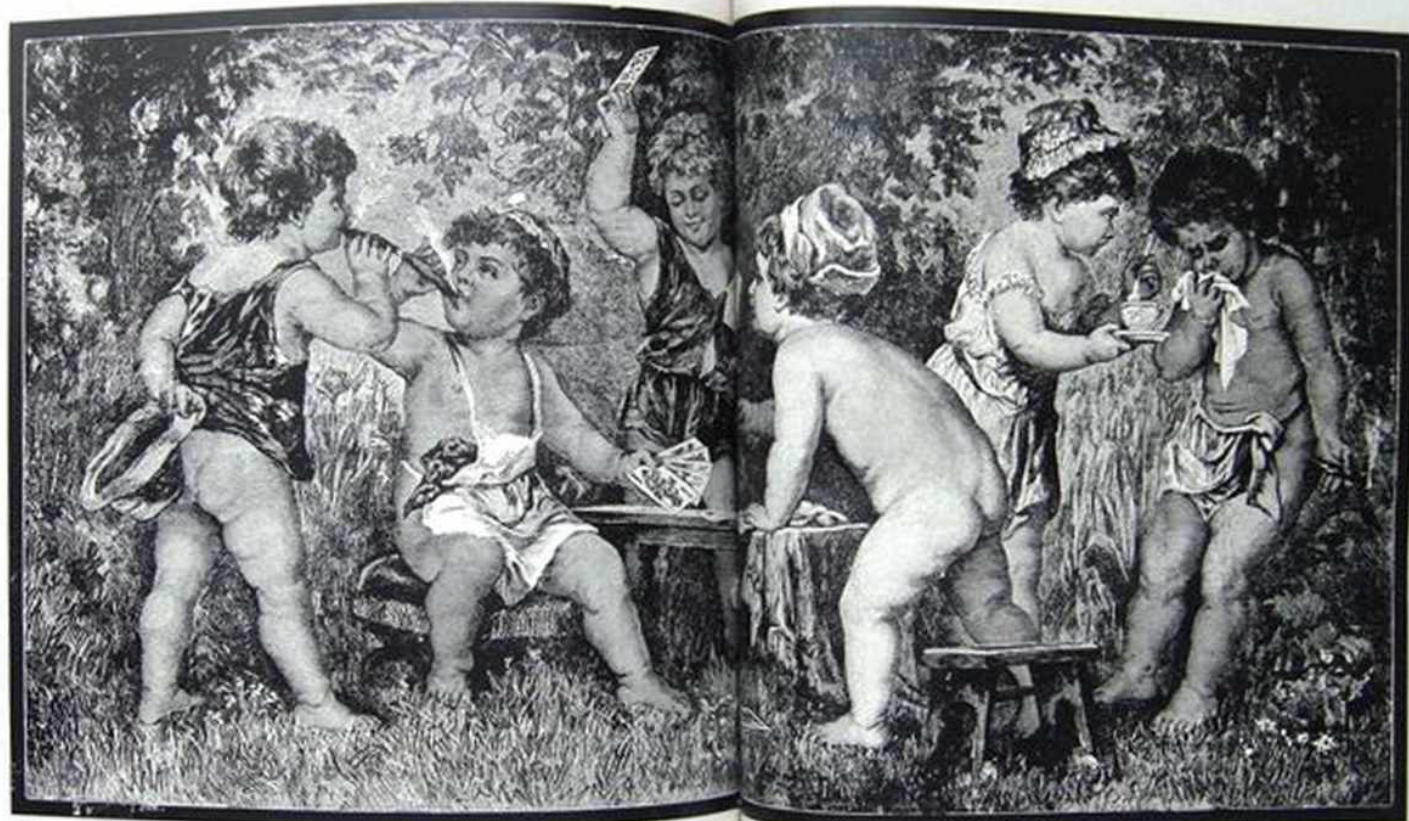
—Oh! perfeitamente, conte comigo, eu sei fazer sapatos.

Por ultimo, fazer da honradez tradicional, essa honradez que noutro tempo assentava bem, porque estava dentro da sua época, um predicado essencial para a vida d'hoje, é assim como se hasteássemos deante das batias inimigas um velho pendão,



SUPPLEMENTO AO N. 24

16 DE AGOSTO DE 1902



A REVISTA DO NORTE.

UMA PASCADA

MARANHÃO-BRAZIL.





PARÁ—O BOSQUE MUNICIPAL, NO MARCO DA LEGUA

para demonstrar que possuímos uma heroica história no passado e nós morremos cobardemente.

Hoje a honradez não pode caber em moldes carcomidos pelo tempo. Não é honrado quem paga integralmente as suas contas, porque se o faz é por conveniência própria, para continuar a ter crédito ou por que o pode fazer; quem não rouba é porque não precisa ou não tem feitiço para isso, nem doença especial que o obrigue a roubar; quem não difama, nem injúria, nem calúnia é porque a sua educação se oppõe á pratica desses actos e, enfim, quando tem vezação para elles, teme a vingança das victimas. A honradez foi uma palavra que se inventou para designar varias acções, que apaziam ao maior numero e, se é verdade que serviu de lema durante muitas gerações, o facto é que, servindo agora de regra geral, é estúpida e contraproducente.

Ser honrado na governação dum paiz é estabelecer com criterio o justo *meio* entre o Conservantismo e a Revolução, porque das duas forças oppositas é que o Progresso desabrocha; ter honradez na Arte é entregar-se a ella com todo o fulgor da sua orientação e do seu temperamento; é, por fim, honrada, no nosso tempo, conforme as noções novas da Vida, toda a criatura que não ultrapassa na pratica a necessidade dos seus instinctos individuaes, tornando-se util a si e á sociedade. Ora, para tudo isto, a intelligencia e a energia de caracter são os predicaes essenciaes.

Para quê, então, falar em honradez como apa-

nagio de orgulho, de sinceridade e de intransigencia, nesse traste velho, quando a nossa vida é nova?

O peor é que estes chavões, gastos pelo passado, ainda soam aos ouvidos de muita gente como verdades indiscutíveis e, embora se não seja sincero, nem na Política, nem na Arte, nem na Vida, falar em honradez, deixando o povo ignorante e o publico ludibriado, continua a ser um toque de clarins, para levantar um brado unisono de acclamações. Assim a honradez é uma burla, que serve para armar ao effeito, não obstante o abuso de semelhantes ludibrios ter causado serios desaires na Historia. Era honrado o ministro portuguez do tempo de D. Pedro V, quando o povo insurrecto reclamava diminuição no preço do pão que os fabricantes tinham levantado, pedindo para os proteger das iras populares e auxilio de tropa, e este rei, não conformado, foi em pessoa intermediar. Os fabricantes, bem guardados pela força militar e querendo levar avante o seu designio, responderam, ao cabo de muitas instancias, que, pela Carta Constitucional, elles eram os senhores do seu genero e não podiam diminuir o preço. Então o monarcha, sem se desconcertar, ameaçou-os de retirar a tropa, que tambem era delle; e D. Pedro V ordenou que a tropa retirasse. Porém, qual não foi o seu espanto, quando, em vez de ver o povo, como elle desejava, lançar-se sobre as fabricas, viu a ira popular, sem comprehender o alcance da vontade soberana, seguir-lhe o carro, enthusiasmicamen-



te, aos gritos de: «Viva El-rei!» E os fabricantes ficaram em paz e o augmento do preço do pão continuou.

Diz-se honrado o ministro inglez Chamberlain, que ainda ha poucas semanas fez expulsar da Camara dos Communs um deputado que duvidou da sua honradez; e, contudo, o povo da Inglaterra continua de tal maneira ignorante que quer levantar na City uma estatua a Cecil Rhodes, esse homem que foi o causador da guerra com o Transvaal, onde milhares de inglezes teem ficado mortos.

Ora taes exemplos significam que a honradez proverbial em politica, como na Arte, como em tudo, é uma tolice, senão um crime. Chamberlain, como o ministro portuguez, salva a devida comparação, terão muita honra, ninguém o duvida; porém a sua honradez é, como se vê, tão contraproducente para o bom nome das respectivas nações que, em boa verdade, dir-se-ia o contrario.

Na politica esta honradez não implica, pelo que se depreheende da sua applicação, o cuidado na educação popular da unica forma de se aperfeiçoarem as intelligencias e garantir-se o bem-estar; por isso, também ella, além de tudo o mais, é irrisoria. Mas é certo que da educação dos povos vem o aperfeiçoamento dos regimens, e, neste caso, eu não creio que elles sejam realmente ridiculos, mas simplesmente espertos, o que, no fim de contas, a honradez quer dizer, servindo-se della como dum lemma para armar ao respeito da turba numa especie de vestimenta para todos os corpos.

No entanto, esta orientação politica, que reputo falsa, faz-me lembrar também o celebre conto da *pelle do burro*, que ouvi em creança e que diz assim:

«Um dia dois viajantes, seguindo no interior da Africa por uma deserta estrada, avistaram ao longe um leão, que se aproximava impavido; elles não tinham silio algum onde se escondessem. A luta amedrontava-os, porque bem viam que seriam vencidos e por todo o caminho não havia nem guarida nem arvore onde se refugassem do temido animal; entretanto, descobriram, providencialmente, ali perto, a pelle dum burro, que o sol se tinha encarrgado de curtir. Este era o unico escondidojo naquella occasião, e, assim, ambos se embrulharam nella, escondendo-se, atafando-se tanto que, ao cabo de algum tempo, se escaparam da ferocidade do leão, morreram de asphyxia e de medo».

FERNANDO REIS.

## O mez literario em Portugal

### Os centenarios

Decorreram no meio duma pronunciada frieza e desanimo as festas dos centenarios de Garrett e Gil Vicente. Tanto no Porto, onde se realisaram as primeiras, como em Lisboa, onde se celebraram as segundas, a mesma caracteristica impoz-se. Frio, gelo, indiferença. Viu-se mesmo, nesta acção literaria, os meios intellectuaes das duas cidades, que tanto rivalisam, identificarem-se na mes-

ma frouxidão de energia e o publico corresponder ás suas debéis tentativas de estímulo com o mesmo acabrunhador desinteresse. Numa palavra, os dois centenarios foram um fracasso, e, dado esse fracasso, cumpre analysar-lhe as suas causas mais provaveis.

Será porque se não adapte aos nossos tempos modernos, iconoclastas de velhos idolos, essas apoteoses, que, como as antigas, parecem apenas exaltar um nome, tendo a reboca-las de novidade a denominação e o espaço cyclico que encerram? Não, evidentemente. Em Portugal, a grande consagração publica a Luiz de Camões, em 1880, como mais tarde a João de Deus, em 1895, ali estão a attestar que todas as forças vivas da intellectualidade portugueza, como todos os sentimentos balbuciantes, mas eternos, do nosso povo, sabem desprender-se em admirações religiosas e enthusiasmos vibrantes, quando se trata de commemorações como estas, que dum certo modo se irmanam.

Assente esta base, e não se podendo admitir que num espaço de alguns annos o nivel intellectual ou sentimental portuguez descesse, porque tanto pelo principio das evoluções historicas como pela exacta observancia dos factos se denota que elle alteia, seguindo, embora tardiamente, o fluxo da civilização internacional,—claro é que se torna forçoso admitir que os centenarios de Garrett e Gil Vicente não foram verdadeiros centenarios, na vasta significação publica que a estes termos se attribue, precisamente, ou antes unicamente, por ser de Garrett e Gil Vicente que se tratava.

A deducção é susceptivel de causar espanto, e eu não me recuso a acredita-lo. Pois quê? Nomes consagrados, na historia literaria portugueza, por que motivo lhes recusaria este povo a sua sanctão? Porventura se pode negar o brilho do seu talento, a sua audacia innovadora em arte, a sua utilidade de escriptores combatentes para destruir velhas peias e obnoxias regras e prax-es formalistas? Seguramente que não. Garrett e Gil Vicente são, sem duvida, dois nomes que se tornariam notaveis na literatura de qualquer paiz, e nos annos da insurreição mental de cada povo não menos encontrariam lugar. Um fundou logicamente o theatro nacional; o outro, passadas centenas de annos, fê-lo resurgir duma lethargia tão profunda que melhor se denominaria morte. Ambos tiveram o Sentimento e a Satyra, e sobretudo o dom da acção dramatica e da analyse psychologica da dor, que fazem estremecer as mais secretas fibras do coração e asseguram o exito das lições da vida; ambos cantaram, ambos choraram, ambos riram,—e viveram duma poderosa existencia da alma e do cerebro. E, todavia, o facto deu-se. O povo, os proprios intellectuaes de maior ou menor esphera, desinteressaram-se das commemorações que meia duzia de promotores, na realidade tão indifferentes como elles, quanto ao puro intuito de prestar justiça a benemeritas memorias, entenderam dever realisar, com cabotinas evidencições de vaidades ou mercantis esperanças de lucros.

A razão parece-me facil. Os centenarios só em muito raros casos podem realisar-se. Para que uma data ou um nome nelles se glorifique, cumpre que



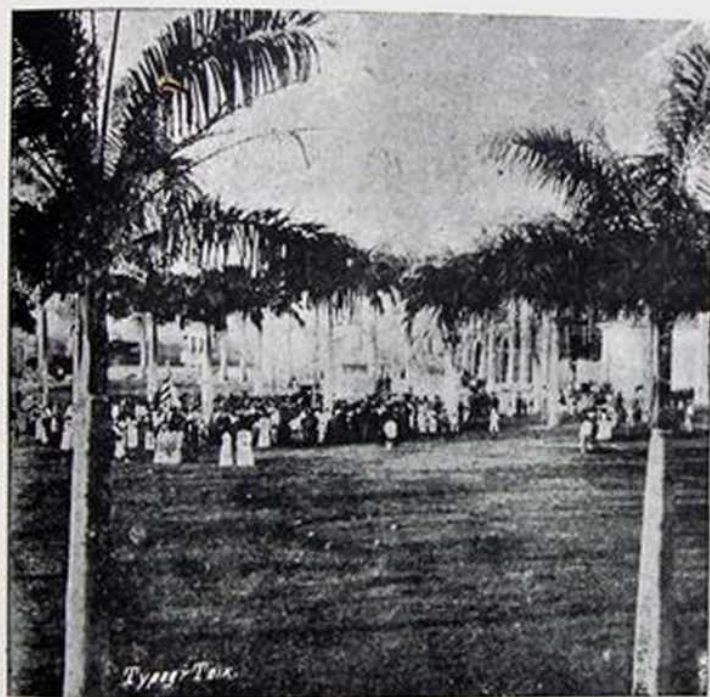
essa data ou esse nome incarnem alguma coisa de muito grande que se imponha á constante devoção dum povo ou aos eternos sentimentos da humanidade. O nome de Camões,—visto que neste caso se trata de nomes,—symbolisava a própria aspiração da independência duma pátria que, na ocasião do seu centenário, como ainda hoje, vibra de forma que não seria empreza fácil dominá-la, ainda com as mais maiores forças da terra. Dizer Camões ao povo portuguez equivale a dizer pátria. Esse livro que fez, como esta nacionalidade que elle amou, e em cujo eclipse desapareceu, como se não pudera viver á sombra doutra bandeira que não fôsse a que ondulara sobre as naus da Índia, identificam-se por forma que não ha maneira de os separar. Camões é, portanto, um ideal, ideal cuja justiça se poderá discutir, mas que se não pode deixar de reconhecer pelo immaterial, ainda que porventura cego amor, que milhões de almas sinceras lhe dedicam,—o ideal de pátria. Dahi, o nome do altíssimo poeta ser conhecido em

immortalisou em versos, que se diriam feitos no bronze das estatuas, a epopéa nacional dum povo, cuja heroica vitalidade triunfou das sombras dos horizontes mysteriosos e das tempestades dos mares desconhecidos. Garrett e Gil Vicente são grandes, Camões é enorme,—e como tal forma com os Homeros, os Dantes e os Hugos a resplandecente constellação de genios a que o formidavel autor dos *Miseraveis* chamou «a região dos Eguaes». Esses são os que, na marcha do progresso, exercem a funcção de indispensaveis factores. Todos dizem um grande ideal, dos que norteiam, através dos tempos, a civilisação universal: Pátria, Religião, Humanidade. Os paizes que foram berços destes semi-deuses prostram-se conscientemente aos seus pés. Por isso a Italia divinizou o Dante, a França glorificou Hugo, e Portugal celebrou um dia o centenário de Camões, com tanta impetuosidade de sentimento que se dizia que só o nome desse grande portuguez, repetido pelos lábios de todos os portuguezes, tivera o condão de resuscitar o espirito pátrio de Portugal.

Juntamente com a recordação do centenário de Camões, eu tive ensejo de alludir, no principio destas linhas á apothecose de João de Deus, em vida,—que foi sem contestação a unica coisa que se fez de notavel em materia de glorificações desde esse centenário para cá. A caracteristica de João de Deus não é, para a critica, comparavel á de Camões pela sua influencia historica e social,—é certo. Não é mesmo de tanto talento como a de Gil Vicente, nem de tanto brilhantismo como a de Garrett. Mas é mais de alma, e ninguém, ninguém! jamais interpretou com tão comovidos accentos o especialissimo sentimento portuguez no amor. Toda a ternura, toda a suavidade dos cancioneros populares, onde se regista a sentimentalidade da nossa raça amorosa e melancolica, saiu lidima e perfeita daquella boca encantada. Singelo e brando, com barbas de santo e coração igual a um doirado favo de mel, João de Deus disse cousas singelas e brandas, que o povo comprehendeu e cantou. A identificação foi completa, e enquanto os seus versos eram entoados nos campos, acompanhados dos doces e sentidos fados que se esvaíam ao luar, João de Deus ouvia-os,

talvez, espiritualizados nos vagos rumores das brisas, e tirava delles, que reviviam nas vozes populares, novas inspirações emotivas para a continuação da sua lyrica sentimental.

Se, pois, Camões definiu e cantou as sublimes aspirações nacionaes, coroadas de raios pelos fogos de Santelmo, João de Deus definiu e cantou o sentimento portuguez: Um fixou a epopéa transitoria, o outro exprimiu o eterno canto de amor. A ambos Portugal abriu o coração virgem das suas populações, que, embora ignorantes, são poeticas nessa ignorante candura. Falaram-lhe em ambos e perante ambos caiu de joelhos, tendo entre as mãos postas um livro que um delles lhe deu para



MARANHÃO—O 28 DE JULHO—ANTES DE SE ENCETAR O CORTEJO

todos os cantos de Portugal e talvez ainda mais amado pe o vulgo que nunca leu os *Lusiadas* do que pelos espiritos illustrados que os estudaram e comprehendem. Na candida e religiosa devoção das almas simples, Camões é como um deus que, com uma corôa de louros na fronte, descesse á terra para com os seus cantos dar azas ao espirito da Pátria, que o remontassem até aos ceus.

Poderá alguém dizer-me que os nomes de Gil Vicente ou Garrett tenham a faculdade de exercer este prestigio? Decerto que não. Nenhum espirito letrado, por maior que seja a sua sympathia ou adoração por esses dois altos nomes da nossa arte, ousará mesmo equipará-los ao excelso poeta que



a sua salvação e que ama, sem o saber ler, embora o outro lhe tenha dado uma cartilha para isso. A um fez um centenário; ao outro fez uma apoteose.

Communhão, communhão com o povo, communhão absoluta e imperecível, que somente se alcança dizendo e fazendo dessas grandes cousas que imprimem direcção aos sentimentos e raciocínios através dos tempos! Sem essa condição não ha centenários nem apoteoses. Só sendo-se muito grande, e mais pelas idéas que se interpretam do que pelas formas que se burilam, é que será possível merecer uns e outras. E não se impõem; originam-se espontaneamente, no momento próprio em que devem surgir e effectuar-se. Sendo illustre a recordação de Garrett e Gil Vicente, é indiscutível que elles não possuíram estas condições imprescindíveis. Foram dois benemeritos renovadores literários, mas isso, que lhes confere fôros de notáveis, não basta. Não basta, como não bastou a Eça, artista inimitável da forma, mas desprovido de idéas vastas e fecundantes, e que, todavia, viveu no nosso tempo, teve e tem um larguíssimo publico de admiradores quasi idolatras. Não, não basta o talento, as grandes qualidades da imaginação e os formosos primores da arte. As adorações collectivas e invencíveis só vão para os altos

academias ou no palco dos theatros, essas commemorações teriam tido pretensões mais modestas, sem que fossem menos justas, e a sua significação teria sido porventura mais brilhante e compensadora dos esforços empregados para a sua realisação.

—A seguir.

MAYER GARÇÃO.

## O triunfador

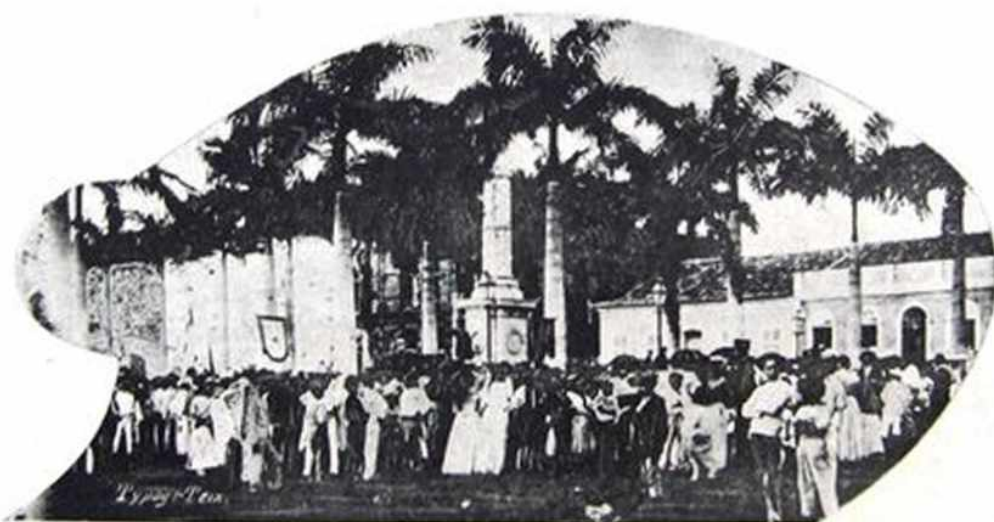
Vieste do lodo abjecto e batalha a batalha,  
Ora a tremer de frio, ora a tremer de fome,  
Sem abrigo e sem luz, por tecto uma muralha,  
Esse Espirito d'Arte aos poucos se consome!

E vae sempre pompeando o conquistado nome  
De assombroso ideal que no ambiente se espalha  
E que jamais o Tempo em seu andar carcome,  
—Nome que faz calar a irrisoria canalha!...

E a subir galgarás a cimalha da gloria,  
E mil trompas do Além, em grandiosa victoria,  
Saudando te erguerão ao branco capitel!

—Olharás com desdém os Submissos em côro...  
E Deus receberá com Odisséas d'ouro  
Essa tua Alma d'Arte e para a Arte fiel!...

FRANCISCO SERRA.



MARANHÃO—O 28 DE JULHO—FRAN PAXECO FALANDO ÀS MASSAS

ideias e para os profundos sentimentos, e implicitamente envolvem no seu culto os nomes dos seus maiores interpretes. Por isso Camões se chama Patria; Hugo, Liberdade e Tolstoi, Justiça.

Quer isto dizer que eu censure as commemorações de Gil Vicente e Garrett? De forma alguma. Apenas procurei demonstrar como, no meu entender, se explica a carencia de entusiasmo publico com que ambas foram acolhidas, e como também, em minha opinião, se tem entendido mal entre nós, dando origem a estes fracassos, o caracter dessas largas manifestações nacionaes a que se dá o nome de centenários. Decorrendo apenas no meio das

Todo o escriptor que se apodera irresistivelmente dos homens é forçosamente um idealista.

MELCHIOR DE VOGUE.

A belleza da mulher é a mais saborosa das ambrosias. Com uma differença: é que, em vez de nos dessedentar, embriaga-nos encantadoramente os sentidos.

FRAN.

Os cumprimentos reciprocos dos autores são uma das scenas mais risíveis da grande força da vida.

DR. JOHNSON.